

Best-seller em mais de 15 países

**MATILDE
ASENSI**

**O
REGRESSO
DO
CATÃO**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O
REGRESSO
DO
CATÃO

MATILDE
ASENSI

O
REGRESSO
DO
CATÃO

Tradução
Bruno Mattos

 Planeta

Copyright © Matilde Asensi, 2015
Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
Todos os direitos reservados.
Título original: *El regreso del Catón*

Preparação: Fernanda Pantoja
Revisão: Hires Héglan e Nana Rodrigues
Diagramação: Abreu's System
Ilustrações de miolo: Luiz Doyague
Capa: Departamento de criação do Grupo Planeta
Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A846r

Asensi, Matilde

O regresso do Catão / Matilde Asensi ; tradução Bruno Mattos. – 1.
ed.

– São Paulo: Planeta, 2017.

Tradução de: *El regreso del Catón*

ISBN: 978-85-422-0935-8

1. Ficção espanhola. I. Mattos, Bruno. II. Título.

16-39409

CDD: 863

CDU: 821.134.2-3

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^o andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Para meus sobrinhos Gonzalo, o marinheiro, Almudena, a bailarina, e Berta, a ginasta. Obrigada por pularem, dançarem, tocarem piano, cantarem e brigarem aos gritos sobre minha escrivantina e minha cabeça enquanto escrevia este livro e os anteriores. Felizmente vocês estão crescendo e a minha vida está melhorando muito. Vou dizer algo que ninguém sabe: amo vocês.

Capítulo 1

Como bem se sabe, a história é escrita pelos vencedores, e os vencedores, com o tempo, adquirem o poder de nos obrigar a acreditar no que escreveram, de nos fazer esquecer o que não foi escrito e de nos induzir a ter medo do que jamais aconteceu. Tudo para que continuem exercendo o poder, seja este religioso, político ou econômico. Tanto faz. Para eles, os vencedores, a verdade deixa de importar, e para nós, o povo, também. A partir desse momento, reescrevemos todos nós o passado, tornando-nos cúmplices daqueles que nos enganaram, assustaram e dominaram. Mas a história não é imutável, não é escrita em pedra, não tem uma única versão nem uma única interpretação, mesmo que assim nos façam crer e, o que é pior, ainda que nos façam defendê-la com nossa vida, nosso fervor ou nosso dinheiro. É assim que surgem as ortodoxias, as grandes verdades, mas também as guerras, os enfrentamentos e as dissidências. E é então que nos derrotam para sempre. No entanto, assim que nos armarmos de bravura, recuarmos um passo e, como forma de exercício, olharmos para o mundo de pontos de vista

diferentes do nosso, descobriremos e aprenderemos a mais importante de todas as lições: a incerteza. “A verdade vos libertará”, disse Jesus. Sim, mas quem escreve a verdade são os vencedores, portanto, para sermos realmente livres, só temos a incerteza, a dúvida e a desconfiança. E também um pequeno truque que levei muito tempo para aprender: ter sempre em mente que as heresias – de qualquer tipo, não apenas as religiosas – são tão certas quanto as ortodoxias e que nunca tentaram se impor pela força ou vencer pelo medo. Por isso foram derrotadas.

— Ah, meu Deus, até que enfim! — exclamei naquela tarde ao entrar em casa e lançar pelos ares, um após o outro, meus detestáveis sapatos de salto.

— Já de volta? — gritou Isabella da sala.

— Ottavia, estão quase chegando — advertiu-me prudentemente Farag, enquanto pendurava a jaqueta no armário da entrada.

— Por quê? — protestei. — Por que precisam nos visitar depois de aguentarmos uma festa estúpida?

Farag não me respondeu. Aproximou-se de mim com um sorriso cheio de paciência e me deu um beijo forte nos lábios, com mais sabor de silenciamento que de paixão. Respondi com a mesma força e acabamos rindo. Era um

beijo, não? Dei-me por satisfeita e me separei dele com um olhar travesso antes de me dirigir à sala.

Minha desagradavelmente jovem e formosa sobrinha Isabella, de insultantes dezenove anos e estudante de Ciência e Engenharia da Computação na UofT, a Universidade de Toronto, onde Farag e eu trabalhávamos havia apenas um ano, estava esparramada em um dos sofás assistindo à televisão. Cheguei até ela desviando da mesa de centro, de seus tênis e de um saco vazio das porcarias que ela comia o tempo todo e que, para agravar a situação, não lhe engordavam nem tiravam seu apetite às refeições. Ela esticou o pescoço para se deixar beijar na bochecha e me afastou discretamente com o braço para que eu não ficasse na frente da TV.

— Vamos, recolha tudo e se tranque à chave no seu quarto — eu disse, empilhando seu *tablet* e seu celular e juntando seus tênis. — O presidente Macalister e uns colaboradores da universidade estão para chegar.

— Mas vocês não chegaram agora da casa de Macalister? — surpreendeu-se. Ela se recompôs rapidamente para me ajudar a limpar o próprio desastre. Isabella, como boa Salina, era tão rebelde quanto obediente. Morava conosco desde o ano anterior, quando terminou o colégio e decidiu, para

grande desgosto de sua mãe, que não apenas não queria nada com os negócios da família, como também não estava disposta a ficar por mais tempo na Sicília. Desde que nasceu, Isabella era minha sobrinha favorita (dentre vinte e cinco filhos de meus oito irmãos) e, como sabia perfeitamente, era especialista em me manipular e obter tudo que lhe interessasse. Nem é preciso dizer que, para seu tio Farag, ela era simplesmente a maior das maravilhas da criação, o mais superdotado dos intelectos e, desde que crescera, a mais deslumbrante das obras de arte (ainda que, quando pequena, também fosse a criança mais bonita do mundo).

Isabella se levantou e, enquanto pressionava o botão do controle remoto para desligar a televisão, voltou a esticar o pescoço para um lado com indiferença para expor sua bochecha ao beijo de seu tio. Ela era assim, carinhosa como poucas, além de ter um metro e oitenta, ser magra como um palito, ter belos olhos pretos com cílios compridíssimos e ostentar uma cabeleira espetacular castanho-claro, que prendia com um elástico. Em outras palavras, fisicamente, não tinha nada a ver comigo.

— De fato, chegamos da casa de Macalister — confirmei, soltando em seus braços todos os seus pertences, inclusive os tênis. — Mas o senhor presidente nos comunicou que, às

sete em ponto, visitará a nossa humilde residência em companhia de um casal muito importante que deseja nos conhecer.

— Constantino outra vez...? — ela perguntou entediada enquanto caminhava em direção à escada que levava ao andar de cima, ao seu quarto.

— Você não deve esquecer — protestou seu tio, deixando-se cair no sofá em frente ao que Isabella estivera ocupando — que somos os célebres e extraordinários descobridores da tumba de Constantino, o Grande. Nossa fama e reputação nos precedem.

— Ah, tá! — bufou depreciativamente, desaparecendo no corredor de cima. Embora fôssemos assediados pela língua inglesa em todos os cantos, em casa, entre nós, falávamos sempre em italiano. — Divirtam-se! Até amanhã.

— Boa noite! — falei enquanto me sentava ao lado de Farag, que passou o braço por sobre meus ombros e me puxou para junto dele. — Que um raio caia sobre mim se tenho a intenção de mencionar outra vez o nome de Constantino, o Grande! — resmunguei com um suspiro de resignação.

— Como acabo de comentar, *basileia*^[1], nossa grande fama e repu...

— Ah, cala essa boca, professor! — proferi com raiva, dando um peteleco no pescoço dele, logo abaixo da orelha.

— Ai!

A campainha da porta tocou naquele mesmo instante. Ambos demos um salto.

— Que horas são? — Farag perguntou apressado, olhando para o relógio. — Mas ainda são dez para as sete!

— Esconda os meus saltos! — foi tudo o que consegui dizer enquanto corria até o nosso quarto para calçar sapatos baixos, que ficaram bem com minha linda jaqueta azul-egípcio e minha saia preta.

Cheguei à porta bem a tempo de receber, com sincera alegria, o presidente da UofT, Stewart Macalister, e um encantador e octogenário (ou nonagenário) casal de sorrisos amigáveis e reluzentes. O fato é que o rosto dele me lembrava de alguma coisa, embora eu não conseguisse saber o quê.

— Boa noite, Ottavia — cumprimentou-me Macalister. — Farag... Boa noite. Permitam-me apresentar-lhes Becky e Jake Simonson, velhos amigos meus e grandes financiadores de nossa universidade.

— Simonson...? — exclamamos Farag e eu ao mesmo tempo, olhando espantados para o casal octogenário (ou

nonagenário) que, com o sorriso largo para nós, adentrava nossa casa conduzido por Macalister.

Jake Simonson, um homem de cavanhaque branco pontiagudo e com manchas escuras na pele de pergaminho, pegou a minha mão e aproximou-a gentilmente dos lábios, em uma revência, enquanto Farag fazia o mesmo com a esquelética e elegante Becky.

Quem nunca ouvira falar nos Simonson ao menos uma vez na vida...? Rios de tinta haviam sido escritos sobre eles, sua família e sua imensa fortuna; havia livros que expunham sua participação em sociedades secretas perigosíssimas, seu caráter de conspiradores visando dominar o mundo e sua inquestionável linhagem extraterrestre. Claro que, ali, na sala de minha casa em Toronto, pareciam um casal normal e corriqueiro de idosos acomodados e, se seus antepassados provinham de outro planeta, eles decididamente não o demonstravam. O fato de quererem dominar o mundo já era outra história, talvez verdadeira, mas para quê, se já eram donos de tudo através de seus negócios e de suas multinacionais do petróleo? Agora era muito mais fácil para mim entender qual o tipo de apoio que ofereciam à UofT: dinheiro. E em grandes quantidades, supus.

Macalister, como se fosse dono de nossa casa (e na realidade era, visto que o domicílio pertencia ao campus da universidade), acomodou Becky e Jake em um de nossos sofás e foi lhes servir bebidas (bourbon para eles, os homens, gim para Becky e um refrigerante para mim, já que o álcool sempre me desceu mal). Por sorte, Farag se apressou bastante ao pendurar os casacos dos Simonson no armário para não me deixar sozinha, e retornou a tempo de substituir Macalister com os copos e o gelo. A conversa durante aqueles primeiros momentos foi totalmente inconsistente. Becky Simonson comentou comigo a tristeza que era para ela voltar a Toronto, sua cidade, em pleno mês de maio, com aquele tempo tão ruim, nublado e chuvoso, e se queixou com delicadeza do frio que fazia em minha sala. Embora fosse verdade que estávamos enfrentando dias horríveis, mais condizentes com o gelado inverno canadense que com a primavera (um efeito das mudanças climáticas, sem dúvida), para mim a temperatura da sala estava mais que correta, mas, ainda assim, apressei-me para ligar a calefação, já que Jake, a quem Macalister estava contando o grande êxito que significava para a UofT conseguir os descobridores do mausoléu de Constantino, também esfregava discretamente as mãos em uma tentativa de

aquecê-las. Não havia dúvidas de que acabavam de chegar de algum lugar muitíssimo mais quente, já que, certamente, deviam passar o inverno em alguma ilha do Caribe. Eu nunca teria suspeitado que os Simonson fossem canadenses. Teria arriscado uma origem britânica ou americana (devido à imensa fortuna).

O fato é que jamais pensamos em trabalhar na UofT nem em morar no Canadá. Após deixarmos Alexandria para *descobrir* a tumba de Constantino, nós nos vimos obrigados, por causa da agitação causada a nível mundial e pela pressão do governo turco, a ficar em Istambul durante oito anos. Trabalhamos arduamente, publicamos inúmeros artigos, falamos em um monte de conferências, recebemos um sem-número de prêmios internacionais, demos entrevistas, gravamos documentários televisivos e recebemos ofertas de trabalho de todas as universidades do globo. No entanto, nossa ideia era voltar algum dia para Alexandria, nosso lar. Infelizmente, Butros Boswell, o pai de Farag, morreu durante aqueles anos, e Farag, preocupado com a crescente islamização do Egito e com a atividade terrorista contra os coptas, como ele, só precisou de um empurrãozinho – o espocar dos protestos contra o governo da Irmandade Muçulmana em novembro de 2012 e o golpe de Estado em

meados de 2013 – para fechar as casas, retirar todos os pertences e dar um fim àquela etapa de nossa vida.

Passamos o resto do ano de 2013 em Roma, tentando decidir qual universidade, entre as muitas que desejavam nos incluir em seu corpo docente, se adequaria mais às nossas aspirações de carreira. A crise econômica mundial que havia começado em 2008 não nos permitia demorar muito para tomar a decisão, mas tínhamos economizado algum dinheiro e ainda podíamos aguentar sem aperto durante alguns meses no apartamento de Roma, bem como pagar o aluguel do depósito em que deixamos todas as coisas em Alexandria. E então, como uma aparição salvadora, chegou em seu “cavalo branco” o presidente da Universidade de Toronto, Stewart Macalister, um homem perto dos sessenta, embora ainda fosse muitíssimo atraente e tivesse cabelos grisalhos abundantes, que ofereceu a Farag o cargo de diretor do prestigiado Centro de Arqueologia da universidade e, a mim, a fabulosa bolsa Owen–Alexandre de Pesquisa Científica para que, em troca de darmos algumas aulas de paleografia bizantina em uns poucos dias da semana no departamento de Estudos Medievais, pudesse levar a cabo um dos trabalhos mais importantes de minha vida: a reconstrução, a partir de outros códices, do famoso

texto perdido do *Panegyrikon*, de São Nicéforo, trabalho que eu realizava havia mais de uma década e que, por razões complexas, sempre interrompia e deixava sem conclusão. Era perfeito. Mas, além disso, como naquele verão Isabella veio morar conosco e o presidente percebeu que a jovem entrava no pacote familiar, ele ofereceu a ela uma vaga na Universidade de Toronto no curso que quisesse, e ela, seguindo a tradição de muitos de seus primos mais velhos, escolheu Ciências e Engenharia da Computação, cujo curso na UofT estava entre os dez melhores do mundo.

Logo, em alguns meses, completariamos nosso primeiro ano de vida ali, e não havia dúvidas de que estávamos satisfeitos e tínhamos uma casa bonita. Depois da loucura que fora o tempo passado na Turquia e em Roma, aquilo era um oásis de paz, estudo e tranquilidade, se deixássemos de lado o fato de termos uma sobrinha de dezenove anos com uma autoestima mastodôntica e manifesta disposição para a tirania.

— Você gosta do Canadá, dra. Boswell? — Jake Simonson perguntou simpático, arrancando-me de repente de minha introspecção.

Olhei para o multimilionário com um sorriso.

— Dra. Salina, sr. Simonson. Salina — insisti. — Não Boswell.

Que mania os anglo-saxões têm de roubar o sobrenome das mulheres, pelo amor de Deus!

— Sim, sem dúvida — prossegui, respondendo à sua pergunta trivial sobre o Canadá. — Eu e Farag gostamos muito. Não tem nada a ver com nossos países de origem, Itália e Egito, mas adoramos a mescla de culturas que existe aqui e admiramos a grande tolerância e o respeito dos canadenses.

— Mas não me digam que o clima não é horrível, com este frio — comentou Becky Simonson com um sorriso de desculpas, olhando ao redor. Embora a sala já estivesse bem quentinha, Farag se aproximou do termostato e subiu ainda mais a temperatura.

A conversa continuava superficial, pensei, um tanto entediada, e comecei a me perguntar que diabos os Simonson estavam fazendo em minha casa àquela hora da noite. Ainda não haviam abordado nem remotamente o maravilhoso assunto do mausoléu de Constantino, embora o presidente da universidade já o tivesse mencionado, e isso era muito, muito estranho. Jake e Becky Simonson não davam sinais de estarem interessados em nosso grande feito

arqueológico, histórico e acadêmico. Eu conhecia bem a dinâmica desse tipo de visita, e algo não fechava. Não estavam lá para falar do primeiro imperador cristão, estava claro. Farag me lançou um olhar discreto, e eu soube que estava pensando a mesma coisa que eu. O velho Simonson se deu conta.

— Talvez os senhores estejam se perguntando — murmurou — a razão desta reunião inesperada, em um dia e um horário tão pouco apropriados.

— Jake, pelo amor de Deus, não! — exclamou Macalister, cruzando as pernas para se acomodar e segurando com as duas mãos seu copo de bourbon. — O diretor Boswell e a dra. Salina estão contentes por recebê-los e sabem que pessoas como os senhores sempre dispõem de pouco tempo.

Eu nunca vi Macalister tão atencioso com alguém (ou puxando tanto o saco). Bom, claro, eram os Simonson, mas havia algo que transcendia até mesmo isso. O sr. Simonson, miúdo, magricela, feio e bastante calvo, tinha, no entanto, um rosto simpático e harmonioso, que terminava em um cavanhaque branco e pontiagudo, perfeitamente desenhado, que lhe conferia certo ar de cavaleiro medieval. Sua mulher, Becky, era uma idosa lindíssima, daquelas que nos fazem pensar no primeiro instante em que as vemos como deviam

ser espetaculares quando jovens. Agora, por outro lado, exibia uma pele transparente, por baixo da qual era possível acompanhar o desenho das veias, e um cabelo prateado que parecia emanar luz própria. Embora, pensando bem, pudesse ser efeito de todas as joias que usava, cujo valor devia superar muito qualquer cifra que eu fosse capaz de imaginar.

Jake fez um gesto de agradecimento para o presidente por suas palavras e então outro para nós. Em seguida, recostou-se no sofá ao lado de sua mulher e, virando-se para olhá-la, disse:

— Becky, você poderia me passar o relicário, por favor?

Becky Simonson abriu sua fabulosa bolsa preta de couro de crocodilo da Hermès e, muito devagar, puxou uma caixinha retangular de prata que cabia inteira na palma de sua elegante mão. Jake pegou-a sem desviar dela o olhar por um só segundo e, em seguida, aproximando-se um pouco de nós, ergueu a cabeça e olhou com curiosidade para mim e Farag, como se fosse um antropólogo estudando a reação dos aborígenes diante de uma nave espacial. Foi então que me ative ao pequeno detalhe da palavra que havia utilizado para pedir a caixinha à esposa: relicário, ele a chamara de relicário, e um relicário, pelo que eu sabia, só servia para uma coisa. Meu coração parou por um instante. Que tipo de

reliquia aquele relicário abrigava? E, ainda mais importante, o que uma reliquia fazia em minha casa? Comecei a suar por todos os poros, mas preferi supor que era por causa da maldita calefação.

Fui freira na Itália durante treze anos, religiosa da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria; assim, dirigi durante nove anos, entre 1991 e 2000, o Laboratório de Restauração e Paleografia dos Arquivos Secretos do Vaticano; no ano 2000, por ordens das mais altas instâncias da Igreja católica, participei com Farag da busca por relíquias da Vera Cruz — na qual se crê, desde que a encontraram no século IV, Jesus de Nazaré foi crucificado. Relíquias que, àquela época, estavam sendo roubadas em todas as igrejas cristãs do mundo (a propósito, eu me apaixonei por ele e, por sua culpa, deixei de ser freira e outras coisas). Em virtude do fracasso naquela busca e na captura dos ladrões, ficamos sob vigilância do Exército e da polícia vaticana durante quatro longos anos, de modo que, se dávamos um suspiro em Alexandria, já sabiam disso em Roma antes que terminássemos de expelir o ar.

Eu era, por formação e amor a Deus, uma católica fervorosa e, justamente por essa razão, não acreditava nas relíquias, não gostava delas e, além disso, desde nossa

aventura com a Vera Cruz, elas me causavam brotoejas e estertores. Para minha desgraça, depois de catorze anos, tinha nada mais nada menos que uma delas na sala de minha casa, e todas as luzes e sirenes de emergência do meu cérebro dispararam ao mesmo tempo. Meu pobre marido suava tão copiosamente quanto eu, mas, enquanto eu podia tirar a jaqueta, ele precisava recolocar a dele para receber os convidados. Involuntariamente, imagino que devido ao calor e à relíquia, lembrei-me de uma tábua de ferro vermelho no chão de umas catacumbas em Siracusa e do círculo de brasas ardentes que tivemos que cruzar descalços em Antióquia. O retorno daquelas velhas lembranças era a prova mais eloquente de minha sensação de perigo.

Jake Simonson depositou o relicário sobre a mesa que nos separava e empurrou-o suavemente em nossa direção. Minha mente de doutora em Paleografia e História da Arte levou-me, sem querer, a me demorar na delicada e sofisticada beleza do objeto: representava um pequeno sarcófago de prata com tampa de cristal, sustentado por quatro águias diminutas que serviam de pés e adornado com belos esmaltes azuis e dourados nos cantos.

— Vocês saberiam datar esta peça? — perguntou-nos o velho Simonson. Estava nos testando? Surpreendi-me,

porque, se era isso, e indo contra os meus próprios instintos de sobrevivência, não me restaria outro remédio senão responder à provocação. Estava nos meus genes, não podia evitar. Eu era, por mais que o lamentasse, uma Salina da Sicília, e não se pode desafiar um Salina sem que nos atiremos de cabeça, mesmo que isso signifique a morte.

— Século XIII, sem dúvida — afirmei com segurança. — França. Esmaltes da Escola de Limoges.

Jake Simonson não tentou disfarçar sua admiração.

— Menos de um minuto — disse, muito surpreso — e sem examiná-la de perto. Sequer tocou nela. Sem dúvida, dra. Salina, a senhora supera a própria fama, o que já é dizer muito.

Quase me deixei levar pelas lisonjas, mas, de repente, graças à minha natural desconfiança, pensei que talvez não houvesse nada de casual naquela cena, que era possível que o desafio tivesse sido feito partindo da certeza de que eu estaria à sua altura, e que seu objetivo final era bajular minha enorme (e, ao que parecia, conhecida) vaidade profissional para conseguir me dobrar ou predispor em favor do que Jake realmente desejava, fosse o que fosse, e que, com certeza, seria abordado a seguir.

— Peguem-na, por favor — pediu-nos, com a suave cadência de suas maneiras distintas —, e observem-na bem.

Não me movi. Se naquela caixinha de prata estava guardada uma relíquia, não queria saber e, portanto, não queria tocá-la. Mas Farag se inclinou sobre a mesa e pegou-a. Seu rosto ficou sombrio e ele começou a piscar nervosamente enquanto seus formosos olhos azuis, detrás das lentes dos pequenos e antiquados óculos redondos de que tanto gostava, saltaram de um lado ao outro do interior do relicário. Para ser honesta, aquilo me deixou muitíssimo desconfiada.

— O que houve? — perguntei.

Ele tentou descolar os lábios e me dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Virou-se para mim e me entregou o objeto. Minha ansiedade havia sido disparada, mas, apesar de minha formidável capacidade de esperar sempre pelos piores males do mundo, o que vi através do cristal da tampa do dito relicário serviu para me deixar fora de combate. Simplesmente era algo que não esperava.

— Reconhecem a relíquia? — perguntou Becky Simonson com a maior doçura.

Eu poderia tê-la matado se o crime não fosse contrário à minha consciência. Não havia por que negar: catorze anos

antes, fomos os responsáveis por uma enorme intervenção mundial para encontrar e recuperar aquelas pequenas lascas de madeira arrancadas, roubadas ou presenteadas por reis e peregrinos durante o primeiro milênio de nossa era, de modo que sabíamos perfeitamente o que tínhamos em mãos. Tratava-se, sem dúvida alguma, de uma relíquia da Vera Cruz. E o que era ainda mais estranho: não havia hipótese de que fosse legítima, pois Farag e eu sabíamos, embora ninguém mais o soubesse (exceto as pessoas mais interessadas em manter isso em silêncio), que já não existiam relíquias autênticas da Vera Cruz espalhadas pelo mundo – todas eram falsificações feitas pela própria Igreja para manter o culto entre os fiéis. Claro que se tratava dos Simonson, e o que é impossível neste mundo para quem tem esse sobrenome? Mas não, pensei comigo, sequer eles eram poderosos o suficiente para escapar dos muito inteligentes ladrões de *Ligna Crucis* (o plural de *Lignum Crucis*, “madeira da cruz”) que conhecemos.

— É uma pua da coroa de espinhos de Jesus? — brincou Farag, desviando o assunto.

— Poderia ser — admitiu o velho Jake. — As análises de carbono-14 dataram-na como sendo do século I de nossa era. Mas, se o senhor observar bem as extremidades, diretor

Boswell, verá que não se trata de um espinho, mas de uma lasca. É uma relíquia da Vera Cruz.

Não consegui me conter.

— Como sabe? — eu me intrometi. — O senhor pode estar enganado.

O velho Simonson olhou para a esposa e ambos sorriram com placidez.

— Como sem dúvida é de conhecimento da doutora, financiamos diversas escavações arqueológicas no mundo inteiro como parte das atividades culturais de nossos museus e universidades — sorriu de novo e estendeu a mão direita, pedindo que eu devolvesse a relíquia; eu, de fato, não desejava outra coisa, portanto a entreguei rapidamente e, sem perceber, alisei minha saia com um gesto que também serviu, de maneira inconsciente, para que eu limpasse as mãos.

— Eu lhe asseguro que o lugar onde foi encontrada durante uma escavação não deixa margem para dúvida, tampouco havia na carta do rei Luís IX da França dirigida a Guyuk, o Grande Khan dos mongóis entre 1246 e 1248, na qual menciona, dentre outras coisas, tê-lo presenteado com essa relíquia e seu belo relicário em razão da suposta conversão de Guyuk ao cristianismo. — Seus lábios se

curvaram em uma expressão de ironia. — O frei dominicano Andrés de Longjumeau foi encarregado de levar a carta e os presentes, mas, para desgosto do bom frade, quando, após um ano de viagem, chegou às imediações de Caracórum, a capital mongol, Guyuk acabara de morrer e, além disso, sem ter se tornado de fato cristão, então, com grande pesar, precisou entregar todos os presentes à viúva de Guyuk, a regente Ogul Kaimish, ainda que, por pura devoção, tenha conseguido ficar com a sagrada madeira.

— Não podia abandoná-la nas mãos daqueles pagãos! — esclareceu Becky, emocionada, mais com a intenção de que compreendêssemos a situação incômoda de Longjumeau do que para insultar ou menosprezar os mongóis. — O frei Andrés se sentiu obrigado a salvar a relíquia, ainda que tenha precisado entregar a Ogul Kaimish todos os demais objetos, que não deixavam de ser valiosos, mas eram substituíveis.

— Não sabemos como ele conseguiu — continuou seu marido, acariciando as bordas do relicário —, mas levou-a consigo na viagem de volta e então chegou à Palestina com ela. De fato, não a devolveu ao rei Luís IX quando se encontrou com ele em Cesária para informá-lo do resultado de sua missão diplomática. Luís estava na Terra Santa

enquanto principal monarca da Sétima Cruzada, e acabara de ser libertado pelos muçulmanos após o pagamento de um resgate considerável. Tenho para mim que ou frei Andrés se afeiçoou à relíquia — observou Jake sorrindo —, ou não tinha confiança de que Luís não fosse presenteá-la a qualquer outro pagão nem utilizá-la como pagamento de qualquer outro resgate. A relíquia foi encontrada na tumba do próprio Longjumeau, recentemente descoberta nas escavações que estão sendo realizadas na catedral cruzada da antiga Cesária, entre Tel Aviv e Haifa, em Israel.

Becky nos assustou quando, de repente, deu uma gargalhada amigável.

— Ah, Jake, você os deixou petrificados! — disse, divertindo-se muito.

— Estou vendo, querida, estou vendo! — ele respondeu, também rindo. — Espero que não se ofendam com o comentário de minha esposa.

Macalister interveio. Dava para ver que estava totalmente desorientado, embora ciente de que ali estava acontecendo algo estranho que ele ignorava.

— Não se preocupe, Jake — gaguejou, tentando sorrir com naturalidade. — Os Boswell não poderiam se ofender com nenhuma brincadeira da senhora.

Fiquei tentada a gritar: “Sim, podemos sim!”, mas, na verdade, Becky tinha razão: Farag e eu estávamos petrificados. O que não suspeitávamos era que ainda havia um pouco mais de petrificação esperando por nós:

— Bom, e agora — disse o velho Simonson, abandonando o relicário sobre a mesa —, o que vocês acham de falarmos um pouco sobre os staurofílakes e sobre o seu bom amigo, o atual Catão, anteriormente conhecido como o capitão da Guarda Suíça do Vaticano, Kaspar Glauser-Röist?

Capítulo 2

Sempre admirei em Farag sua capacidade de se recompor em situações difíceis e tomar as rédeas com desembaraço e determinação. Jamais consegui. Perco o caráter visceral, o sangue mediterrâneo. Sou mais de devorar os dedos e arrancar os cabelos (ainda que nunca em sentido literal, é claro). Essa era a razão pela qual Glauser-Röist, segundo eu soube depois, havia me batizado anos antes com um desagradável apelido que não pretendo relembrar. Claro que eu o chamava de “a Rocha”, por sua imensa simpatia e cordialidade. Mas, no meu caso, havia uma espécie de justiça divina que me permitia chamá-lo assim, porque era totalmente correto e adequado. Que razões de peso ele tivera para me insultar daquela maneira pelas costas e, ainda por cima, quando eu ainda era freira? Nenhuma, por mais que fosse o Catão, ou líder, de uma seita milenar. E por que, perguntei-me olhando desafiadora para os nossos convidados, Jake Simonson se atrevia a mencionar Glauser-Röist como se pudesse fazê-lo livremente? Quem era ele, além de um vulgar multimilionário, para pronunciar com

tanta leviandade o venerável ministério de mil e setecentos anos de idade com o qual Kaspar havia sido investido? Para minha sorte, como já disse, o meu marido tinha mais capacidade que eu para sair-se bem de situações difíceis.

— Do que está falando, sr. Simonson? — perguntou ao idoso com uma perigosa frieza na voz, enquanto segurava minha mão com força para impedir qualquer palavra ou movimento. — Nosso amigo Kaspar Glauser-Röist morreu há muitos anos, e não me parece respeitosa a forma como o senhor está se referindo a ele.

O vulgar multimilionário se virou, no entanto, para o presidente Macalister.

— Stewart, você me permitiria pedir que deixasse Becky e eu a sós com a dra. Salina e o diretor Boswell? Sei que não é muito correto lhe pedir isso, mas eu garanto que é necessário.

Ainda que suas palavras não o demonstrassem, o tom empregado por Simonson não indicava nenhuma solicitude ou deferência. Aquilo era quase uma ordem, que Macalister acatou de imediato. De fato, já fazia um tempo que ele estava deslocado e sabia disso. Estava vendo e ouvindo coisas que não convinha que visse nem ouvisse.

— Claro, Jake. Não se preocupe — respondeu, deixando o copo de bourbon na mesa e ficando de pé. — Me fará bem um bom passeio até minha casa. Foi um dia pesado.

— Nosso carro pode levá-lo, Stewart — ofereceu solicitamente Becky, que também não parecia muito impactada por aquela desfeita ao presidente da UofT, como se estivesse acostumada a fazer esse tipo de coisa desde que nascera.

— Não, não! — ele rechaçou, colocando a mão sobre o ombro de Farag ao passar por trás do sofá em direção à porta de entrada. — Por favor, não se movam. Sei que os senhores têm assuntos importantes para tratar, e estou com vontade de esticar as pernas e respirar um pouco de ar fresco.

Nisso ele tinha razão. Eu também gostaria de respirar um pouco de ar fresco, porque ali fazia um calor insuportável, mas não podia sair nem me queixar, já que, ainda que desejasse mandar aqueles dois octogenários (ou nonagenários) embora de minha casa e nunca mais vê-los, o assunto de Glauser-Röist era importante demais para ser ignorado e perigoso demais para ser deixado de lado. Pelo bem da irmandade secreta dos staurofílakes e, sobretudo, pelo bem do Catão CCLVIII (ducentésimo quinquagésimo oitavo, ainda que sempre fosse mais cômodo dizer

“duzentos e cinquenta e oito”), tínhamos que saber o que estava acontecendo. O difícil seria conseguir tirar informações dos Simonson sem lhes dar absolutamente nada em troca.

Escutamos no mais completo silêncio a saída de Macalister e o baque surdo da porta principal se fechando. Estava na hora de nossos convidados mostrarem as cartas.

— Bem, sr. Simonson — murmurou Farag com irritação contida. — Por favor, nos explique o que está acontecendo aqui. Não tenho certeza de que se o que acabo de ver foi a maior descortesia do mundo com o presidente de minha universidade ou se, pelo contrário, o que aconteceu em minha casa é alguma questão entre os senhores, à qual não devo dar importância.

— Ah, não se preocupe com Stewart, diretor Boswell! — rechaçou o multimilionário, fazendo um gesto com a mão que indicava a irrelevância do ocorrido. — Nós o conhecemos desde que era criança. Seus avós e seus pais foram nossos amigos.

Seus avós e seus pais? Mas quantos anos aquelas pessoas tinham? Estava claro que, tendo muito dinheiro, havia algum lugar onde se podia comprar vidas mais longas que as normais.

— Pois então, por favor — pediu Farag com o cenho franzido —, vá direto à questão que lhes trouxe aqui, porque está ficando tarde e os senhores certamente devem estar com vontade de ir para casa.

Não acho que Jake Simonson estivesse acostumado a alguém falando com ele dessa maneira, pelo que percebi em seu rosto, muito menos a que o mandassem embora de algum lugar.

— Em primeiro lugar — observou Becky, adiantando-se a Jake, que estava tentando fechar a boca que havia ficado aberta —, deixem-me pedir desculpas pela indelicadeza de meu marido. Quando sente alguma urgência, ele não se destaca exatamente por seus bons modos. E é urgente que encontre os staurofílakes. Peço que entendam.

— Tudo o que descobrimos sobre os staurofílakes durante o trabalho que realizamos para o Vaticano há catorze anos — começou a explicar Farag em um tom cansado e soltando inconscientemente as rédeas de seu quase desaparecido sotaque árabe — nós já contamos à época para a Igreja e para a polícia muitas vezes. — Ele tomou fôlego e, como se recitasse uma lição decorada à base de repetições, começou a expor, em versão resumida, os acontecimentos finais daquela distante e fracassada investigação. — Em primeiro

de junho do ano 2000, fomos brutalmente agredidos e raptados enquanto investigávamos as catacumbas de Kom el-Shoqafa, em Alexandria. Fomos levados a um oásis chamado Farafrah, em meio ao deserto egípcio. Nossos raptadores, os staurofílakes, a quem perseguimos por meio mundo, disseram que o capitão Glauser-Röist não havia se recuperado da agressão e havia morrido, embora não tenhamos chegado a ver seu corpo. Durante um mês, um beduíno chamado Bahari nos levou comida à cela em que estávamos trancafiados três vezes por dia, até que, por fim, em primeiro de julho, fomos drogados e deixados inconscientes outra vez. Não nos lembramos de nada antes de acordarmos na entrada de um velho túnel que dava para o lago Mareotis, em Alexandria. Depois daquilo, não quisemos prosseguir com a investigação e o Vaticano colocou outra equipe na pista dos ladrões de relíquias da Vera Cruz. Fora isso, não sabemos nada.

Os Simonson se entreolharam com expressão de quem não acreditava nem em meia palavra do que Farag havia explicado.

— Sim, tudo isso nós já sabíamos — concordou Jake; Becky assentiu em silêncio —, e devo admitir que é uma história realmente boa. Obviamente os próprios staurofílakes

ajudaram os senhores a inventá-la, não é? Passei mais da metade de minha vida investigando essa irmandade e sei do que são capazes. Em 2000, Becky e eu acompanhamos sua aventura com imenso...

— Impossível — interrompi.

— Não, querida — objetou Becky, conciliadora. — Jake está dizendo a verdade. Temos grandes amigos no Vaticano, e também em outras igrejas. Quando soubemos que as *Ligna Crucis* de todo o mundo estavam começando a ser roubadas, Jake e eu percebemos que a irmandade dos staurofílakes por fim havia começado a agir. Havia chegado o momento pelo qual esperavam havia tantos séculos, e nada iria detê-los. Soubemos minuto a minuto o que os senhores fizeram e descobriram, e mandamos uma equipe de especialistas para trabalhar paralelamente, comprovando cada detalhe, cada pesquisa, cada prova dos Círculos do Purgatório de Dante...

— Por que isso? — quis saber Farag, com a voz gélida.

Estávamos protegendo algo importante demais para cair na mão de uns loucos fanáticos, por mais ricos que fossem e por mais meios de que dispusessem.

— Porque era a primeira vez — confessou Jake com emoção na voz — que eu tinha os staurofílakes ao alcance de minhas mãos, e não podia permitir que escapassem.

— E eles escaparam, sr. Simonson? — perguntei inocentemente.

O rosto do velho revelou um grande pesar.

— Sim. Escaparam. E não só isso. Também anularam as provas dos Círculos do Purgatório, e não conseguimos mais localizar a entrada.

— Por isso estamos aqui — declarou Becky, olhando para o marido com preocupação. — Precisamos de sua ajuda. Estivemos esperando que aparecesse em algum lugar um último *Lignum Crucis* verdadeiro — suspirou. — Os senhores nem imaginam como foi difícil. Como bem sabem, todos os *Ligna Crucis* existentes no mundo são puras e hábeis falsificações — sorriu. — Mas este é autêntico. O último autêntico. E por isso seu valor é infinito... para eles, claro, para os staurofílakes. Só está faltando este fragmento para que sua cruz esteja completa. E sabemos muito bem que é a nossa última oportunidade.

A mão de Farag apertou a minha com força. O que um casal idoso de multimilionários podia querer com uma seita de fanáticos religiosos obcecada pela cruz em que Jesus havia morrido? Ainda havia algo que nos escapava, uma parte importante daquela história.

— Seu amigo Kaspar gostaria muito de ter essa relíquia, não é? — perguntou Jake com um olhar brincalhão e reluzente.

— Kaspar morreu — repetiu Farag com aspereza.

— Se o senhor diz, diretor.

— Não vimos o corpo, mas foi o que nos disseram — apressei-me em acrescentar. Precisávamos manter sem titubear a versão que havíamos repetido ao longo de tanto tempo, bem como nosso compromisso de silêncio com a irmandade. — Durante catorze anos, não soubemos mais nada dele. Acredito que não há prova maior de sua morte.

— E de qualquer forma, senhores Simonson — repreendeu-lhes Farag, recostando-se um pouco no sofá —, por que os senhores iriam querer encontrar os staurofílakes? Ou os senhores pretendem somá-los aos seus muitos troféus arqueológicos? Nós não conseguimos encontrá-los e contávamos com toda a ajuda possível. Posso lhes garantir que demos o nosso melhor, e, no entanto, eles venceram. Não sabemos quem é seu atual Catão e não temos a menor vontade de saber. Tudo isso são águas passadas.

Jake Simonson olhou demoradamente para Farag, em silêncio. Foi um olhar muito demorado e um silêncio muito

intenso. Então passou uma das mãos deformadas pela artrite sobre a cabeça descoberta e deixou escapar um grunhido.

— Mentiras e mais mentiras! — exclamou.

Arregalei os olhos porque, ao mesmo tempo em que nos acusava de mentirosos, o octogenário (ou nonagenário) olhava para nós sorridente e satisfeito.

— No entanto — acrescentou, feliz —, qualquer outra resposta teria me decepcionado. Eles são bons, Becky! Justo o tipo de gente que estamos procurando, não é?

Sua esposa assentiu, fazendo reluzir o belo colar de pérolas negras que ostentava no pescoço. Jake prosseguiu:

— Bem, não vou fazer vocês perderem mais tempo. Precisamos de ajuda. Vocês têm que entender que Becky e eu... — Ele ficou calado por alguns segundos, como se procurasse as palavras apropriadas. — Têm que entender que este assunto é muito importante para nós. Trata-se de um trabalho de investigação muito especial, muito preciso... Um trabalho de busca que não pode ser confiado a qualquer um.

Becky voltou a abrir sua maravilhosa bolsa da Hermès para tirar dali um estojo de couro (ou o estojo de um guarda-chuva dobrável, dependendo de como você olhasse), de onde extraiu alguns papéis um pouco maiores que uma

folha de ofício, que entregou diretamente para mim. Eram duas fotografias. A qualidade das imagens era fantástica e ampliava os documentos originais para torná-los mais legíveis, visto que era possível apreciar até mesmo os menores detalhes de... o que era aquilo? De cara, um texto em grego. Os pergaminhos originais tinham, além das extremidades machucadas e desgastadas, uma cor marrom-escuro bem-marcada que denunciava sua grande antiguidade e sua mais que garantida conservação em algum ambiente fechado, submetido durante muito tempo a altas temperaturas. Como paleógrafa, já havia visto documentos nesse estado, por isso sabia. Apesar de tudo, as letras em tinta preta eram bastante reconhecíveis.

— Consegue ler, doutora? — perguntou Becky.

Farag, embora estivesse se fazendo de durão, não conseguiu mais resistir à curiosidade e se inclinou em minha direção para examinar as fotografias. Ele também sabia grego (dentre muitos outros idiomas e línguas mortas) e, de vez em quando, travávamos imensas discussões sobre os matizes de alguma determinada transcrição, já que ele era muito teimoso e se empenhava em ser absolutamente literal, algo que, do meu ponto de vista de especialista, não se deve fazer jamais ao traduzir um texto.

— É um pouco difícil distinguir algumas das letras — murmurei —, mas, sim, consigo ler.

— Então faça isso, por favor — pediu Jake amavelmente.

— Preciso dos meus óculos — eu disse, entregando a eles e a Farag as fotografias e me levantando para buscá-los. Deviam estar por perto, porque eu só os deixava na sala ou no quarto, em meu criado-mudo. Encontrei-os justamente no criado-mudo e retornei voando para ler o documento em grego. Mas, quando voltava, escutei a voz de Farag dizendo:

— *Is to ónoma tu Jristú tu Estavroménu...*

“Em nome de Cristo crucificado...”, traduzi mentalmente. Deixei o corpo cair no sofá e ajustei os óculos no nariz antes de me inclinar sobre Farag e as fotografias, que ele colocara uma ao lado da outra para vê-las melhor. *Εἰς τὸ ὄνομα τοῦ Χριστοῦ ἐστραυρομένου...* Tratava-se de uma antiga carta escrita por um tal Dositheos, patriarca ortodoxo de Jerusalém, para um tal de Nicetas, patriarca ortodoxo de Constantinopla.

Farag continuou lendo em voz alta, deleitando os ouvidos com sua locução de grego robótica enquanto eu percorria o texto com os olhos rapidamente, decifrando-o e me engasgando com ele:

“Em nome de Jesus Cristo crucificado, eu, Dositheos, patriarca de Jerusalém, a vós, Nicetas, beatíssimo patriarca de Constantinopla, saúde, bênção e paz. Deveis conhecer, ó beatíssimo, que no domingo, sexto dia da Teofania de Nosso Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo do presente ano do Senhor de 1187, descobriu-se nas proximidades de Nazaré, em uma caverna, um antigo sepulcro judaico muito grande e muito ornamentado. Em seu interior encontraram-se vinte e quatro ossuários de pedra contendo cada um vários corpos, mas, em uma caverna à parte, encontraram-se outros nove com apenas um corpo e um nome talhado em pedra, e esses nove eram os únicos que tinham inscrições. Como de imediato começaram a dizer por Nazaré que era a tumba de Jesus, Nosso Senhor, e de sua Sagrada Família, Letardo, arcebispo latino de Nazaré, mandou selar o sepulcro, proibiu as rezas e adorações na caverna e ordenou que os rumores fossem silenciados à força. Mas ficamos sabendo através de nossos fiéis de lá que Letardo incumbiu um sacerdote chamado Aloysius de traduzir as inscrições dos nove ossuários, gravadas nas línguas hebraica e aramaica. Letardo fez chegar esta tradução a Heráclio de Auvérnia, o patriarca latino de Jerusalém, homem de grande virtude e prudência, que, pelo que fiquei sabendo através de pessoas de nossa

confiança, ontem mesmo, vinte e seis de janeiro, festividade do Santo Apóstolo Timóteo, enviou emissários secretos a Roma com uma epístola urgente para o papa latino Urbano III. Graças a essas mesmas pessoas de confiança, posso dizer-vos que nessa epístola foi incluída a interpretação feita por Aloysius das inscrições dos nove ossuários. E, assim, também eu vo-la envio tal qual chegou até mim:

“Yeshua ha-Mashiahh ben Yehosef”, Jesus o Messias filho de José.

“Yehosef ben Yaakov”, José filho de Jacob.

“Yehosef ben Yehosef akhuy d’Yeshua ha-Mashiahh”, José filho de José irmão de Jesus o Messias.

“Yaakov ben Yehosef akhuy d’Yeshua ha-Mashiahh”, Jacob filho de José irmão de Jesus o Messias.

“Shimeon ben Yehosef akhuy d’Yeshua ha-Mashiahh”, Simeão filho de José irmão de Jesus o Messias.

“Yehuda ben Yehosef akhuy d’Yeshua ha-Mashiahh”, Judas filho de José irmão de Jesus o Messias.

“Miryam bat Yehoyakim”, Maria filha de Joaquim.

“Salome bat Yehosef”, Salomé filha de José.

“Miryam bat Yehosef”, Maria filha de José.

“Compreendo vossa surpresa e desagrado, beatíssimo. Certamente são tão imensos quanto os meus. O diabo, em seu afã de confundir a cristandade, quer que os fracos de fé acreditem que Nosso Senhor Jesus não ressuscitou dentre os mortos, que a Santíssima Virgem Maria não foi virgem, e que teve mais filhos com seu esposo, José, e que ela tampouco subiu aos Céus de corpo e alma. Não pode haver maior abominação. Só o que me tranquiliza é a certeza de saber que, se fosse pelo próprio patriarca Heráclio, a quem conheço bem, ele mesmo ordenaria que se destruíssem os nove ossuários, mas não pode fazê-lo sem a vênua papal. De toda sorte, decida Urbano o que decidir, por ser obra do maligno, esses ossuários devem ser destruídos e, se não o fizerem os latinos, fá-lo-emos nós. Sei que concordareis comigo. Não digo mais. Encomendo-me a vós, beatíssimo, a quem Deus preserve por todo o sempre. Ficai no santo e doce amor de Deus.”

Recompus-me do golpe me afastando fisicamente daquele documento como se fosse um foco infeccioso. Mas o quê...? Por Deus, jamais escutara em minha vida tamanha barbaridade! Sentia-me profundamente insultada, como se tivessem me dado uma bofetada e cravado uma lança no coração. Senti a necessidade urgente de pedir perdão a Jesus

por ter entrado em contato com algo tão blasfemo. De fato, não duvidei por nenhum instante de que aqueles nove ossuários, se é que existiram de verdade, haviam sido apenas tristes e desrespeitosas falsificações: no século XII, em plenas Cruzadas, o mais provável era que algum emir ou sultão fulo tivera a ideia de provocar assim uma bela confusão entre os cristãos, porque, ainda que eu não gostasse de culpar os muçulmanos (e muito menos após oitocentos anos), uma vez eliminada a questionável intervenção do diabo, ficava difícil pensar em cristãos daquela época, fossem eles latinos, gregos ou siríacos, que tivessem brio suficiente para fazer algo assim. Mas que mau gosto, por Deus, e que falta de respeito!

Um após o outro, todos aqueles pensamentos devem ter passado de minha mente para o rosto sem muita transição, porque, quando saí de meu estado de assombro, percebi que Jake e Becky olhavam para mim com estranheza.

— Algum problema, doutora? — perguntou ela com o tom de uma doce bisavó preocupada.

Farag se virou para me olhar.

— Ficou impactada, não é? — murmurou, com ternura. Ele me conhecia melhor que ninguém e sabia perfeitamente qual havia sido minha reação íntima diante da questão dos

ossuários. Durante muitíssimo tempo eu havia tentado, com infinita paciência e respeito, ainda que sem sucesso, despertar nele meramente a fé em Deus, pois sabia que sua confiança em qualquer igreja era impossível. Seu ateísmo doía em mim como uma ferida e, ainda que eu o amasse e tivesse aprendido a conviver com alguém sem fé, não significava que fosse fácil para mim. Claro que também não era fácil para ele, ímpio irredimível, conviver com uma crente, ou era o que dizia, porque eu tinha certeza de que não era verdade. Que mal ou sofrimento poderia lhe trazer minha fé e meu amor por Deus? Nenhum. Mas ele se empenhava em afirmar o contrário cada vez que eu iniciava alguma aproximação ao seu reprimido sentimento religioso, de modo que acabávamos deixando o assunto de lado. Portanto, sim, Farag havia compreendido de verdade a minha surpresa e repulsa viscerais pela questão daqueles ossuários do século XII.

— Bem — eu disse, tentando me tranquilizar —, fiquei impactada, claro, mas não deixa de ser um documento histórico sem a menor relevância do ponto de vista cristão.

— A senhora está completamente equivocada, doutora — afirmou Jake com um tom seco como o estalo de um chicote. — É de máxima relevância. De fato, o trabalho especial de

investigação de que eu falava antes consiste precisamente em encontrar esses nove ossuários.

Nem uma gota de sangue. Em minhas veias não restou nem uma gota de sangue. Impossível acreditar no que estava ouvindo. Fiquei absolutamente paralisada.

Farag deixou as fotografias sobre a mesa, perto do relicário do *Lignum Crucis*, e segurou minha mão entre as suas, desta vez para tentar me trazer de volta à vida.

Eu conseguia entender que os Simonson, apesar da inquestionável falsidade daquela suposta Sagrada Família cristã, desejassem encarar um desafio religioso, histórico e arqueológico de tais dimensões, mas, ainda assim, aquilo era totalmente absurdo: por que partir em busca de nove ossuários falsos do século XII dos quais não devia restar nem um mísero seixo? Além disso, no remoto e hipotético caso de que ainda existissem e o encontrássemos, a quem beneficiaria tal descoberta? A ninguém! Quem sabe, em um primeiro momento, aos ateus como Farag. Para os cristãos de fé como eu, seria simplesmente ultrajante, a não ser por nossas gargalhadas quando fosse provada sua falsidade.

— Por que querem encontrá-los? Que valor podem ter para os senhores essas falsas relíquias? — perguntou Farag, dando-me tapinhas tranquilizadores na mão.

— Valor, diretor Boswell? — surpreendeu-se Becky. — Não é o seu valor o que nos interessa. Esses nove ossuários são autênticos, e nosso desejo é que os senhores o encontrem.

Pelo amor de Deus! Agora eu entendia muitíssimo bem que aqueles octogenários (ou nonagenários ou centenários) tinham um parafuso a menos. Misturavam *Lignum Crucis*, staurofílakes e falsos ossuários do século XII no mesmo liquidificador. Precisavam ser examinados já, e por um médico muito bom.

— Querem que nós procuremos? — surpreendeu-se Farag.

— Bem, não os senhores sozinhos — Jake voltou a passar a mão com articulações deformadas pela cabeça. — Esse não é um trabalho simples, posso garantir. Precisarão da ajuda dos staurofílakes e de seu amigo Kaspar. Eles dispõem de recursos que não estão ao alcance de qualquer um, por isso nos vimos obrigados a esperar até que encontrassem a relíquia. Por outro lado, não podíamos delegar este trabalho a ninguém mais senão aos senhores, pois acreditamos de coração que vocês têm olhos para ver a verdade, por mais escondida que esteja.

Suspirei profundamente. No fundo, sentia pena dos Simonson. Eram velhos, e sua situação privilegiada os levava a crer que dispunham de superpoderes.

— Enfim — abreviei —, o fato é que não faremos isso. Como católica, sinto-me realmente incomodada e magoada com sua proposta. Não vale a pena continuar discutindo. Além disso, já é muito tarde. Poderíamos passar horas falando no assunto, mas para quê? Agradecemos muito que tenham pensado em nós, mas a resposta é não.

Notei que as mãos de Farag ficaram mais tensas, embora ele tivesse permanecido em silêncio. Era muito raro que nos contradisséssemos na frente de outras pessoas; preferíamos falar as coisas depois, entre nós. Em todo o caso, pensei comigo, também não era provável que Farag tivesse uma opinião diferente da minha, por mais Simonson que fossem os Simonson que estavam à nossa frente. A ideia de sair por aí procurando ossuários falsificados na Idade Média era ridícula, e não desperdiçaríamos nossas férias de verão correndo atrás de quimeras perdidas no espaço-tempo.

— Veja bem, doutora — suspirou o velho Jake Simonson com tristeza —, podemos fazer duas coisas: a primeira seria apresentarmos ao mundo amanhã mesmo a descoberta da tumba do frei Andrés de Longjumeau e do *Lignum Crucis*.

Posso garantir à doutora que já foi preparada a câmara em que a relíquia repousará por toda a eternidade, plenamente a salvo de seus amigos, os staurofílakes. E lhe asseguro que, desta vez, não conseguirão pôr as mãos nela como fizeram com o resto dos *Ligna Crucis* do mundo. Não, desta vez não, acredite em mim. E acredite também quando digo que a segunda coisa que podemos fazer é muitíssimo melhor: esta lasca da Vera Cruz seria nosso presente para a irmandade, um presente que, de fato, os senhores mesmo entregariam a... Quem quisessem em troca de sua colaboração em nossa busca. Desse modo, os staurofílakes completariam a Vera Cruz, que é sua razão de viver, e os senhores os teriam ajudado a conseguir isso. O que acham?

— E se encontrarmos esses ossuários — inquiriu Farag, sobressaltando-me —, quem ficaria com a descoberta científica, os senhores ou nós?

Os Simonson se entreolharam enigmaticamente.

— Nós, diretor Boswell — exclamou Becky, que sempre era muito mais rápida —, mas posso lhe garantir que nunca se tornaria público. Esse trabalho não é para nos exibirmos, fique tranquilo quanto a isso. É privado, secreto e muito pessoal. Portanto, se decidirem fazê-lo, assinarão um contrato de confidencialidade antes de começarem a

investigação. E posso lhes prometer que, ainda que não signifique o mesmo que aumentar seu já grande prestígio acadêmico, receberão uma compensação econômica que os deixará plenamente satisfeitos, visto que os senhores mesmos determinarão essa cifra. Sem limites.

Aquilo era o que mais me incomodava ouvir. Não pude conter um sorriso.

— Meu marido só está brincando, sra. Simonson — esclareci. — Não temos a menor intenção de procurar esses ossuários.

Mais uma vez, as mãos de Farag se tensionaram.

— Vocês não se preocupam — continuou a perguntar, muito fora de si, embora eu estivesse cravando as unhas na palma de sua mão — com o fato de que podemos empreender a busca por nossa conta, agora que vimos a carta de Dositheos?

— Quer dizer, diretor, sem contar nada aos staurofílakes sobre esse *Lignum Crucis*? — replicou Jake, impassível. — Os senhores sozinhos, sem nós?

— Isso.

— Não, não nos preocupa — respondeu Becky. O discurso dos Simonson fluía sempre assim, de maneira sincopada, embora me parecesse que Becky falava mais. — Com a carta

de Dositheos, não chegariam a lugar nenhum. É uma rua sem saída. São necessárias outras coisas. Coisas, por sinal, das quais não falamos.

Eu acabaria tirando sangue das mãos de Farag se continuasse cravando as unhas daquela maneira para avisá-lo de que estava caminhando sobre uma camada de gelo matrimonial muito fina e estava prestes a se afogar em águas turbulentas. Mas ele não me deu atenção. Parecia ter esquecido que eu havia dito aos Simonson, duas vezes, que nossa resposta — a de ambos — era um sonoro não, sem concessões. Até então, desde que estávamos juntos, ele nunca havia se soltado de mim daquela forma, deixando-me sozinha diante de outras pessoas.

— Ou seja — ele continuou, impassível —, teríamos que assinar um contrato com uma cláusula de confidencialidade antes que nos contassem a história completa dos ossuários. — Sua voz era neutra, mas eu percebia as ondas de emoção que vibravam nela de forma indetectável para os não iniciados.

— Exato — corroborou Jake, já sorrindo amplamente. — E, como a ajuda da irmandade dos staurofílakes seria inestimável, acrescentaríamos ao contrato nosso compromisso de entregar aos senhores este último *Lignum*

Crucis que resta no mundo. O que acham? Acredito que o Catão Glauser-Röist gostaria de nossa oferta.

Aquilo havia saído totalmente dos eixos e ganhava um aspecto de acordo velado que me ardia feito ácido no estômago.

— O senhor não sabe o que está dizendo — resmunguei com um tom de voz tão grave que até eu me assustei. — Se Kaspar fosse vivo, não ficaria nem remotamente interessado em ir em busca de relíquias falsas que atentassem contra a sua fé, seu Deus e sua Igreja.

Jake e Becky sorriram enigmaticamente sem me responder. Jake recolheu com rapidez as fotografias e o relicário da mesa, e entregou-os a Becky, que os guardou com delicadeza na bolsa, fazendo com que desaparecessem. A verdade é que me senti muito aliviada.

Os Simonson se levantaram ao mesmo tempo do sofá para partir, e Farag e eu também nos levantamos para nos despedir deles. Quando Isabella soubesse quem havia estado em nossa casa, em nossa sala, naquela noite, ficaria verdadeiramente surpresa. *Ou talvez não*, pensei. Sua geração, a geração mais bem preparada e com mais informações da história da humanidade, sequer sabia que

antes escrevíamos com caneta, e não com os polegares. Certamente, Isabella nunca tinha ouvido falar dos Simonson.

De repente, antes de deixar a sala, o velho Jake se deteve.

— Quanto tempo precisam para nos dar uma resposta definitiva? — perguntou, sem olhar para ninguém em específico.

A mão de Farag apertou meu braço para me impedir de falar, mas era preciso muito mais para que uma Salina da Sicília fechasse a boca. E, bem, como ele sabia disso, apertou muitíssimo mais e, enquanto eu me encolhia de dor e me virava para assassiná-lo com o olhar, Farag declarou:

— Dois dias. Responderemos na segunda-feira.

Ainda que fosse bobo o suficiente para não ter se dado conta, ele não apenas havia me diminuído como também acabara de romper seu compromisso de silêncio com a irmandade e de revelar aos Simonson o que não devia ser revelado: que Kaspar Glauser-Röist continuava, efetivamente, vivo e feliz como Catão de todos os staurofílakes do mundo. A confissão estava implícita na promessa de dar uma resposta dois dias depois. Eu sempre disse que a justiça não existe. Se existisse, naquele mesmo momento os céus deveriam ter se aberto e um machado bem

afiado deveria ter dividido em dois, feito um melão, a sua cabecinha loira e imbecil.

— Segunda-feira está ótimo — respondeu Becky, pendurando a bolsa na articulação do cotovelo.

— Ah, doutora! — acrescentou o velho Jake, detendo-se outra vez. — Lembra-se deste versículo: “Então, lhes tocou os olhos, dizendo: ‘Seja-vos feito conforme a vossa fé’. E os olhos deles foram abertos”?

Sim, claro que eu me lembrava. A cura dos cegos. Evangelho de Mateus. Mas estava tão incomodada que nem pesquei a indireta, nem me perguntei por que aquele malvado multimilionário estava citando o Novo Testamento. Limitei-me a assentir com um sorriso educado e a conduzi-los discretamente pelo caminho até a porta. Afinal, se já estavam indo embora, para que responder?

Estava furiosa e magoada com Farag, alterada por causa do assunto dos ossuários, preocupada porque não sabia como diríamos a Kaspar que havíamos admitido diante de uns octogenários (ou nonagenários) alienígenas que ele continuava vivo e, sobretudo, terrivelmente incomodada com a estúpida possibilidade de me ver obrigada a passar as férias procurando inúteis, inexistentes e ofensivas peças arqueológicas.

Mas eu sabia quem pagaria muito caro por aquilo tudo. O diretor Boswell perderia seus belos e suaves cabelos naquela noite, assim que fechássemos a porta de entrada. A tempestade perfeita estava prestes a desabar sobre ele.

Capítulo 3

Não dei tempo nem para que ele reagisse. Exatamente em zero ponto zero segundo já o atacava com uma terrível bateria de acusações e ferroadas verbais sobre seu egoísmo, narcisismo, ingratidão, ambição, ateísmo, presunção, hipocrisia, falsidade, indignidade, cobiça, arrogância, vaidade, soberba, e muitas outras coisas. Tanto fazia que permanecesse impassível, com a cabeça baixa e as mãos decididamente enfiadas nos bolsos de sua jaqueta. Continuei lançando contra ele punhais afiados desde a porta de casa até o nosso quarto, aonde chegamos nem lembro como. Meu sangue fervia e, de repente, escutei a mim mesma dizendo a ele que o nosso casamento havia terminado, que ele podia fazer as malas e procurar outro lugar para morar.

— Mas você não pode se divorciar — surpreendeu-se, abandonando por fim sua silenciosa passividade. Foi incrivelmente satisfatório ver o medo em seu rosto.

— Como não? — exclamei desvairada. — Se deixei de ser freira, posso deixar de ser casada!

— Não! — repetiu com teimosia. — Aqui não há votos anuais a serem renovados! O matrimônio é um sacramento e é para a vida toda.

Então fui eu quem se surpreendeu.

— Mas você não acredita nessas coisas! — proferi, cheia de indignação.

— Não, eu não — concordou com uma expressão ajuizada —, mas você sim. Por isso é você quem não pode se divorciar. Eu, se quiser, posso.

Eu o teria matado, mas estávamos em meio a uma discussão e eu ainda precisava ganhar.

— Para a sua informação — disse lentamente —, não sou uma católica radical que segue à risca tudo o que a Igreja ordena. Tenho meus próprios critérios, como você bem sabe. Portanto — e apontei para ele bem no meio dos olhos com o indicador da mão direita —, se eu quiser me divorciar, me divorcio e ponto.

— Então — respondeu com astúcia —, se não é uma católica radical, por que tem tanto medo desses ossuários com o nome de Jesus e sua família?

Ele me pegou desprevenida.

— Não tenho medo. Só acho ofensivo. Insultam a minha fé.

— Como insultam a sua fé? Será que não ameaçam a sua fé?

— A minha fé é algo meu, e nada nem ninguém pode ameaçá-la. É intocável, porque está a salvo dentro de mim. E minha fé me diz que Jesus foi Deus, e não apenas um homem mortal; que por obra do Espírito Santo encarnou na Virgem Maria e foi seu único Filho; que morreu crucificado por nossos pecados e ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos céus.

— Essa é a crença católica.

— Exato. A crença. Aquilo em que acredito. Em que acreditamos nós, cristãos.

— Nem todos — pontuou com um sorriso. — Nós, os coptas, somos monofisitas. Acreditamos que Jesus foi apenas Deus, e não homem, que sequer teve um corpo de carne e osso, que era uma espécie de sombra projetada.

— Mas você não crê em nada! — alfinetei. — Agora vem com essa de copta e monofisita?

— Bem, não — ele cedeu, erguendo os óculos com um gesto típico dele que eu adorava. — Mas admita que foi uma boa resposta.

Eu não tinha chances contra ele. Quando começava a dizer besteiras, olhar para mim daquele jeito e me sorrir

daquela maneira (sobretudo se eu já tinha disparado tudo o que tinha para disparar), meu incômodo se desvanecia. O belo e tímido prof. Boswell, por quem eu me apaixonara anos antes, havia se transformado em um charmoso e simpático cinquentão que mantinha aqueles belos olhos azul-turquesa herdados de seus antepassados ingleses, a pele morena de sua linhagem árabe, os traços judeus de sua linda bisavó Esther Hopasha e o cabelo macio e quase loiro de sua mãe, uma italiana do Norte que, como eu, largou tudo para ficar ao lado do pai de Farag, o bom Butros Boswell. Diferente de mim, que sempre havia sido morena (e agora morena tingida), os grisalhos de Farag não eram perceptíveis à primeira vista, e, quando ficava em casa, ele ainda usava as horríveis calças bege que vestia quando eu o conheci no Vaticano. Claro que na época estavam na moda e ficavam muito bem nele, mas, ainda que agora parecessem espantosamente velhas e gastas, a questão era que ainda cabia dentro delas como na época, o que nem todos os homens podiam dizer na sua idade. Para a minha sorte, eu também cabia em saias do mesmo tamanho, ainda que, no meu caso, isso se devesse a uma férrea disciplina gastronômica (leia-se: abstenções e sacrifícios variados).

Enfim, o importante era que a briga havia terminado. Eu sabia e ele sabia, mas ainda não podíamos sair de nossos castelos e fazer as pazes como Deus manda. Era preciso deixar que o ardor do orgulho passasse. É isso que acontece quando se está junto há tanto tempo: até para discutir existe um procedimento conhecido.

Eu me sentei, soltando o peso na beira da cama e, com os braços estendidos para trás, apoiei as mãos no colchão.

— Por que você quer ir atrás desses malditos ossuários?
— perguntei a ele, muito triste.

Farag se aproximou de mim e sentou ao meu lado na beira da cama. Grudando seu corpo ao meu, assumiu a mesma postura. Não era uma declaração completa de paz, mas aquela proximidade e o contato físico nos deixaram bem perto da normalidade.

— Ainda não sei se quero ir atrás deles — murmurou sem olhar para mim. — Teremos que decidir isso juntos. O que sei é que não podíamos deixar escapar a oportunidade. Se os Simonson tivessem saído pela porta com um “não” como resposta, seria muito pouco profissional dizer a eles mais tarde que mudamos de ideia. Caso isso aconteça, é claro. Mas não se esqueça da questão da relíquia, do *Lignum Crucis*. Isso é muito sério, *basileia*. Como os Simonson chegaram não

apenas a tomar conhecimento da irmandade, mas também, o que é ainda pior, a ter tantas informações sobre ela? Ainda que, para dizer a verdade, prefiro que Kaspar se preocupe com isso, pois é para isso que ele é Catão. De qualquer modo, precisamos falar com ele e informar que surgiu outra lasca da Vera Cruz. Não?

Assenti em silêncio. Ele me olhou de canto de olho, sem virar a cabeça.

— Se Kaspar quer a relíquia, e vai querer, não tenha dúvidas de que vai se oferecer para procurar os ossuários.

— Não, não vai — objetei. — Lembre-se de que ele, sim, é um católico radical.

Farag soltou uma grande gargalhada que ressoou nas paredes do quarto.

— Até parece que não o conhece! — afirmou, dobrando-se de tanto rir. — Eu já lhe disse várias vezes! Kaspar não é católico, *basileia*. Ele foi quando era capitão da Guarda Suíça e, ainda assim, já tinha suas muitas ressalvas com a Igreja, cabe lembrar.

— E como não teria? Ele tinha o pior trabalho do mundo: lavar a roupa suja e conhecer os segredos mais desagradáveis da Cúria e do Colégio Cardinalício para barrar escândalos e destruir qualquer coisa ou pessoa que pudesse

macular a imagem do Vaticano. Todos o odiavam e temiam. Até meu bendito irmão Pierantonio!

— Seu irmão Pierantonio não tem nada de bendito — resmungou Farag, sempre disposto a ficar do lado de Kaspar. — Traficava obras de arte no mercado negro internacional.

— Meu irmão Pierantonio era o ilustre custódio da Terra Santa! — protestei enervada. — E, se vendia algumas coisas das escavações franciscanas, era para construir hospitais, escolas, asilos e para dar de comer aos pobres.

Farag não quis continuar discutindo o assunto de Pierantonio. Não era o momento de brigar por causa daquilo, sobretudo porque já tínhamos brigado por outra coisa e ainda não havíamos feito as pazes.

— Você imagina como o pobre Gottfried Spitteler deve estar suando com os escândalos de pederastia na Igreja? — ele me perguntou.

Relembrar as denúncias de pederastia que carcomiam, de forma justa, a Igreja católica me deixou de repente de muito mau humor. Sentia um nojo imenso só de pensar naquilo e, como eu gostava muito do novo papa, Francisco, esperava de todo o coração que fizesse o que fosse preciso para aprovar de uma vez por todas o casamento para os sacerdotes. Ninguém podia afirmar que não continuariam entrando

degenerados na Igreja, porque isso era impossível, mas, ao menos, se o celibato fosse declarado opcional, como em outras igrejas cristãs que já haviam demonstrado não sofrer do mesmo problema, haveria menos vítimas, que era só o que importava. Mas, em algumas coisas, a Igreja católica era muito parecida com os partidos políticos de sempre: melhor não mexer em nada, mesmo que alguém tivesse que sofrer e suportar um inferno, contanto que, no fim das contas, ninguém descobrisse mais do que devia. Não se davam conta de que o mundo já havia mudado vertiginosamente diante de seus narizes e que, se não abrissem os olhos de uma vez nem comesçassem a fazer alguma coisa, perderiam tudo. E quem dizia isso era eu, uma católica devota.

— Ottavia — Farag bateu de leve com o ombro no meu para chamar a minha atenção. — Lembra-se de Gottfried Spitteler?

— Ele que sofra! — proferi, raivosa. — Que sue todo o sangue que tiver para suar, esse...!

— *Basileia!*

— Eu sei, eu sei, não é muito cristão de minha parte, não precisa me dizer isso! Mas carreguei nas costas o fardo de suas acusações por quatro anos, sentindo seu bafo em meu ombro. Ele que...!

— *Basileia!*

Gottfried havia sido nomeado pelo Vaticano para substituir Kaspar quando este desapareceu. Ele nos fustigou de mil maneiras durante quatro intermináveis anos, à espera de nos pegar ou aos staurofílakes. Também era capitão da Guarda Suíça, mas, diferentemente de nosso amigo Glauser-Röist, Gottfried tirava prazer de seu trabalho, de modo que, se havia sido pego de jeito pelo furacão dos escândalos de pederastia, eu só desejava a ele um bom voo pelas alturas.

— Está bem, está bem — suspirou Farag, resignado. — Nem Pieran-tonio nem Spiteller. Vou mudar de assunto pela terceira vez, vejamos se agora dou mais sorte.

— Você ainda não se desculpou por me fazer de idiota na frente dos Simonson.

— Exatamente. Este sim é um bom ponto para retomarmos a conversa. Vamos lá: sinto muito por ter feito você de idiota e por ignorar suas carinhosas advertências — ele se recompôs e me mostrou a palma das mãos, onde ainda era possível ver as marcas de minhas unhas.

— Na próxima vez você me dará atenção.

— Não, Ottavia. Na próxima vez que alguém vier nos propor um trabalho de investigação tão fantástico quanto este, farei exatamente a mesma coisa. Para um arqueólogo, é

o sonho de uma vida. Mesmo que aqueles ossuários já não existam, ainda que sejam uma falsificação medieval, ainda que não os encontremos, é um desafio de primeira ordem, de dimensões incríveis. Se você conseguisse deixar sua fé de lado por um momento e encarasse apenas como uma investigação arqueológica, perceberia que, mesmo na pior hipótese para você, que seria encontrarmos os ossuários...

— Impossível.

— ... e que fossem autênticos...

— Totalmente impossível.

— Droga! Mas no que isso prejudicaria sua fé em Deus?

— Em tudo! São Paulo, na primeira carta aos Coríntios, disse taxativamente que, se Cristo não tivesse ressuscitado, nossa fé estaria vazia.

— Ou seja, a ressurreição de Jesus é completamente necessária para crer em Deus.

— Isso.

— Portanto, não seria possível crer em Deus se Jesus não tivesse ressuscitado — repetiu, perplexo, circundando a ideia como se não conseguisse compreendê-la completamente.

— Exatamente. É o que professam a doutrina e a teologia católicas.

— Não consigo entender — balbuciou, colocando a mão sobre a minha e acariciando-a —, mas não tem importância, pois como esses ossuários são falsos, tanto faz, não é?

— Bem, não sei... — titubeei. Suas carícias começavam a subir pelo meu braço.

— Sim, tanto faz mesmo, porque, de qualquer maneira, seriam apenas pequenos arcos de pedra fabricados no século XII por alguém com péssimas intenções, e isso demonstraria mais uma vez que a Igreja sempre teve grandes inimigos e sofreu grandes perseguições.

— Sim, é verdade... — um calafrio me percorreu inteira quando sua mão subiu por meu pescoço e ele aproximou o rosto do meu para me beijar.

— No domingo você terá que mandar um aviso a Kaspar — sussurrou, deslizando a outra mão pela minha cintura.

Naquela noite, depois do, digamos, interlúdio, dormi preocupada. Não conseguia tirar da cabeça a ideia de que a irmandade teria muita dificuldade em renunciar sem luta ao último fragmento da *Lignum Crucis*. Aquela história não havia terminado, e isso, não sei por quê, fez com que eu sonhasse que tinha inventado o cubo mágico e o utilizava para jogar gamão. Acordei diversas vezes e, ao contrário de Farag, não consegui dormir profundamente nem dez minutos. No dia

seguinte, um sábado, estava com olheiras e de mau humor. Por sorte, era o dia de portas abertas no Centro Arqueológico (o único dia do ano em que o público geral podia entrar de graça), e seu diretor já não estava em nossa cama quando acordei. Também por sorte, minha sobrinha havia saído para fazer compras com amigas e, assim que voltou para comer, saiu de novo meticulosamente (des)arrumada para ir a uma festa de aniversário em uma boate no centro da cidade.

Por fim, no domingo de manhã, exatamente às dez para as onze, Isabella e eu entramos de carro no estacionamento da catedral de São Miguel, na esquina da Church com a Shuter. Todas as semanas, percorríamos juntas o mesmo trajeto no mesmo horário, já que, claro, Farag nunca nos acompanhava. De qualquer maneira, para incomodá-lo, eu perguntava antes de sair de casa:

— Quer ir à igreja?

E ele, esparramado no sofá feito um príncipe, lendo notícias em seu *tablet*, invariavelmente respondia:

— Sou copta. Minha religião não permite.

E ficava ali, muito à vontade, sem erguer a cabeça.

Estacionei o carro perto da igreja e Isabella e eu nos aproximamos da grade de ferro onde já se reunia, sob o sol gelado de maio, uma multidão de pessoas que, como nós,

assistiria à missa das onze, celebrada por Sua Eminência o Cardeal Peter Hamilton, um homem muito popular em Ontário.

A catedral de Saint Michael, tipicamente inglesa e sinistramente gótica em seu exterior, era quente e acolhedora por dentro, tanto por suas belas proporções como por sua luz maravilhosa, que entrava em abundância na nave através de extraordinários vitrais. Seu poderoso projeto de 1845, obra do famoso arquiteto canadense William Thomas, fazia dela o edifício mais destacado do centro de Toronto, mas como eu era italiana e de gostos bizantinos, preferia igrejas menores e mais tradicionais, mais familiares e, portanto, de estilo mais europeu e mediterrâneo, como a de São Francisco de Assis, no bairro de Little Italy. No entanto, nosso contato staurofílax estava lá, na catedral, e não havia outro remédio senão fazer daquela imponente basílica a minha paróquia habitual.

Em minha outra vida, na vida que tive antes de conhecer Farag, eu assistia à missa diariamente e tinha horários fixos de oração. Ao me secularizar e com a balbúrdia da descoberta do mausoléu de Constantino, aqueles velhos costumes também foram se secularizando. Eu já não era, nem poderia ser, a mesma pessoa, e Deus, que sabia disso, abriu espaço

para que Farag tivesse um lugar melhor em meu coração. Agora eu me definia como crente e católica, mas a mudança havia sido profunda e radical, e já não restava dentro de mim qualquer resquício de vocação religiosa nem, fora de mim, qualquer sinal de vida religiosa. Era uma laica com todas as implicações, boas ou ruins (quase todas boas, devo dizer), e, no entanto, quando entrava naquela catedral aos domingos, sentimentos do passado, surpreendentes em sua força e intensidade, devolviam-me àqueles anos distantes de uma vida de entrega a Deus.

Isabella e eu caminhamos pela nave central até o banco em que costumávamos nos sentar. Eu me sentia orgulhosa de ir à missa com minha sobrinha. Era preciso admitir que minha irmã Águeda, embora fosse frouxa, não se saíra tão mal no fim das contas. Quantos adolescentes de dezenove anos acompanhariam sua tia à missa nos domingos pela manhã, após terem ficado na rua até tarde na noite de sábado? Mas Isabella estava ao meu lado, vestindo jeans estrategicamente rasgados, uma camiseta branca (que não serviria nem para pano de chão) sob uma jaquetinha bege decorada com cristais Swarovski e um belo moletom de cor trigueira. Ela definia seu vestuário como hipster-chique, e seu tio, que agora, além dos antiquados óculos redondos,

usava uma gravata-borboleta em vez das tradicionais, achava graça, ria e lhe dava razão. Por higiene mental, eu tentava me manter distante dos dois e seguia com meu estilo clássico de sempre.

O coro da catedral começou a cantar canções alegres e antigas dos meus tempos de eucaristias juvenis. Em questões musicais, a triste realidade era que a Igreja precisava de uma boa renovação. Eu cantarolava as melodias que remontavam a um passado distante, aos tempos de colégio na Sicília, e me via abraçada em meu violão, arranhando as cordas e fazendo soar aqueles mesmos acordes que agora, aos cinquenta e três anos, escutava do outro lado do oceano, quase na outra ponta do mundo, e cantadas em outro idioma.

Era o sexto domingo de Páscoa, e Sua Eminência começou a missa pedindo que rezássemos pelo Santo Padre Francisco, que estava viajando pela Terra Santa, e pelos irmãos de outras religiões do Oriente Médio para que a paz reinasse entre eles. Ele vestia a casula e a mitra douradas que, embora não fossem de uma das quatro cores litúrgicas do ano, são utilizadas em ocasiões especiais, e a ocasião especial daquele dia era o fato de que um grupo grande de pessoas receberia o sacramento da confirmação.

— Isso vai ser bem demorado, tia — sussurrou Isabella em meu ouvido. — Chegaremos tarde para o almoço, e o tio Farag não vai gostar.

— A Crisma será no final — cochichei. — Vamos embora assim que a missa terminar.

Para a minha alegria, o cardeal Hamilton se estendeu durante a homília ao falar sobre o mistério da Santíssima Trindade e, em especial, sobre o Espírito Santo. Além de esse ser um de seus temas favoritos, faltavam só duas semanas para Pentecostes, e ele se entusiasmou tanto que perdeu a noção do tempo. Felizmente, alguém em algum lugar do templo deve ter feito para ele um sinal de advertência, e ele encerrou o sermão abruptamente fazendo o sinal da cruz. Todos os presentes fizeram o mesmo, com certo alívio, e a missa pôde continuar. Quando, por fim, após o pai-nosso e a consagração, chegou o momento da comunhão, muitas filas de fiéis se aproximaram organizadamente do altar para, das mãos de seis ou sete sacerdotes, receber o Senhor. Precisei me deslocar com cautela entre elas. Isabella me fez um sinal de incompreensão quando realizei pela terceira vez o que para a minha sobrinha, que tentava me seguir, era um deslocamento estranho em uma direção ainda mais estranha. Não entendia por que entrávamos, saíamos e

mudávamos de fila sem razão aparente, mas ignorei-a porque, naquele momento, nos posicionamos bem e avançávamos a passos lentos, mas firmes, na direção do staurofílix a quem eu devia avisar que Farag e eu precisávamos falar urgentemente com Kaspar.

Por fim, o velho chinês de terno que estava à minha frente comungou e se afastou para me dar o lugar diante do cardeal Hamilton que, segurando na mão uma reluzente pátena de ouro cheia de símbolos consagrados, dispunha-se a me oferecer a comunhão. Inclinei a cabeça e estendi as mãos, uma sobre a outra, para receber a pequena hóstia de pão ázimo.

— O corpo de Cristo — me disse em voz muito baixa, deixando a hóstia sobre a palma de minha mão esquerda, que estava sobre a direita.

— Amém — respondi. Mas, em vez de comungar e sair para dar lugar a Isabella, que estava atrás de mim, cruzei os polegares sobre a hóstia (“Precisamos falar com o Catão”) e cobri-a baixando os quatro dedos da mão esquerda (“Urgentemente”).

Foi um gesto rápido e imperceptível. Eu o desfiz imediatamente, comunguei e saí da fila, deixando minha sobrinha passar. O pé esquerdo de Sua Eminência ou, para

ser mais precisa, o enorme sapato preto de Sua Eminência, que nem de longe era um homem pequeno, girou a ponta em minha direção com a sola cravada no chão, indicando que a mensagem havia sido recebida. Suspirei relaxada e, ciente de finalmente levar Deus comigo, retornei ao meu assento para orar.

Quando o coro de vozes começou a entoar canções outra vez, soubemos que a Crisma estava prestes a começar, e Isabella e eu fizemos o sinal da cruz e saímos da igreja. Estava bem frio do lado de fora, e os moletos e lenços no pescoço vieram em boa hora. Ajeitei os óculos escuros e, com minha sobrinha, dirigi-me ao estacionamento.

— Tia Ottavia?

— Sim?

Sempre que me chamava de “tia Ottavia” em vez de apenas “tia”, que era o normal, meu coração se enternecia e eu me lembrava da sua festa de cinco anos (era tão pequena e tão fofa!), quando, armada com uma enorme mão de papelão vermelho com estrelas douradas, ela me perseguia pela grande casa dos Salina em Palermo, gritando feito uma louca: “Tia Ottavia, tia Ottavia, deixa eu bater em você com essa mão vermelha!”. Agora que já era mulher feita e direita, quando me chamava de “tia Ottavia”, ainda que meu coração

se enternecesse, meu estômago também embrulhava, porque geralmente não vinha nada de bom.

— Olha só, o que foi aquele lance com as mãos quando o monsenhor lhe deu a comunhão?

Como era mesmo aquele ditado...? Ah, sim! A quem Deus não dá filhos, o diabo dá sobrinhos.

— Não fiz nada de estranho com as mãos, que eu me lembre.

— Fez sim. Cruzou os polegares e fechou a mão em que estava a hóstia.

Como eu pudera esquecer que ela tinha vinte centímetros a mais que eu e, estando atrás de mim, podia ver sem dificuldade por cima de meu ombro?

— Sei lá — comentei com indiferença enquanto procurava as chaves do carro na bolsa. — Na verdade, nem me dei conta.

— Mas foi estranho, e mais estranho ainda foi o pé do cardeal Hamilton, que, enquanto me dava a comunhão, começou a apontar para a senhora como a flecha de uma bússola.

— Sério? O pé de Sua Eminência apontava para mim? — perguntei com bom humor enquanto apertava o botão da chave do carro. Nosso Elantra cinza emitiu um suave sinal

sonoro e as luzes de posição brilharam durante alguns instantes. Era hora do almoço, e o tráfego nas ruas estava tranquilo.

Como Isabella ficou em silêncio depois daquilo, soltei um mudo e agradecido soluço de alívio e dei a partida no motor, pronta para sair do estacionamento assim que ela terminasse de afivelar o cinto de segurança.

— Tia Ottavia?

— Sim?

— Você tem certeza de que esses gestos com a mão e o pé durante a comunhão não têm nada a ver com os staurofílakes, a Vera Cruz e os ossuários de Jesus e da Sagrada Família?

Meu Deus! Estive a ponto de soltar um grito, mas, com o sufoco, só o que consegui foi soltar uma lamúria afônica.

Capítulo 4

Não sei como chegamos vivas em casa. Conduzi como se fosse guiada por demônios, sem dirigir a palavra a Isabella e atacando violentamente qualquer veículo que tivesse a ousadia de se colocar no meu caminho. Alguns motoristas, ao serem ultrapassados, olhavam para mim surpresos, sem acreditar que uma encantadora e atraente senhora de meia-idade, aparentemente normal, pudesse dirigir seu carro familiar a toda a velocidade como na saga *Velozes e furiosos*.

Quando, já dentro da UofT, dobrei para entrar em nossa rua não muito comprida, Farag, que estava fora de casa (naquilo que os canadenses, com bom humor, chamam de jardim, mas que não deixa de ser um palmo de grama), virou-se ao escutar os pneus cantando, e seu rosto não poderia demonstrar maior espanto ao ver o nosso carro se aproximando, prestes a se espatifar contra a fachada. Deu um salto para trás justo quando pisei de repente até o fundo no pedal de freio.

— Mas que diabos você tomou na missa? — exclamou em voz alta, aproximando-se de mim. — O pão da eucaristia

estava rançoso, ou você bebeu muito sangue de Cristo?

— Não seja blasfemador! — grunhi pela janela meio aberta.

Isabella saiu do veículo com cara de inocente e se aproximou com candura de seu tio para beijá-lo. Ao vê-la, minha cólera fez com que eu erguesse o braço e, com a mão frouxa e o dedo indicador trêmulo, apontasse insistentemente para ela através do para-brisa sem proferir nenhuma palavra. Farag não entendeu o meu gesto e ficou procurando algo atrás de Isabella, mas insisti até que se desse conta de que apontava para ela. Claro que, então, entendeu menos ainda.

— Aconteceu alguma coisa, Isabella? — ele perguntou.

— Ela parecia um pouco nervosa na missa, tio — explicou a ele aquela falsa hipócrita — e, depois, não falou mais comigo.

Eu ainda tinha que ouvir isso! O mundo estava cheio de Judas Iscariotes! Foi aí que me irritei de verdade, e não sei como, por causa do tamanho da birra que estava sentindo, respirei ou engoli mal e a minha glote fechou. O maldito ar não entrava nem saía de meus pulmões.

Farag percebeu imediatamente o que estava acontecendo. Devia haver alguma razão importante para que eu estivesse

assim, mas, prático como era, decidiu que primeiro me salvaria e depois veríamos o resto. Ele me segurou pela cintura e me ajudou a sair do carro e a entrar em casa, levando-me diretamente para a cozinha.

— Não... a geladeira não... — resmunguei sufocada.

— Sim, a geladeira sim. E agora mesmo.

Desde pequena, por ser tão estupidamente nervosa (para constar, é genético e hereditário), de vez em quando a minha glote fechava e eu não conseguia respirar. Então a minha mãe, que também enfrentava esse problema durante a vida toda, me segurava firme e dizia com muita calma:

— Olhe para mim, Ottavia, respire tranquila, minha filha, não é nada. Relaxe, abaixe os ombros. Respire, respire...

Eu lutava para que aquele fiozinho mirrado de ar passasse pela minha garganta e descesse até onde o meu corpo precisava dele, mas estava aterrorizada, morta de medo porque estava sufocando. Enfim, pouco a pouco, minha respiração acabava se normalizando. Quando me mandaram para o internato da Bem-Aventurada Virgem Maria, estranhamente, deixou de acontecer, e então, durante muitos anos, me esqueci disso por completo, até o dia em que dei de cara com o miserável Gottfried Spitteller na porta de nossa própria casa em Alexandria. Farag, que nunca havia

visto coisa parecida, falou com um médico amigo seu que lhe deu uma receita infalível:

— Coloque a cabeça dela no congelador.

— O quê?

— A cabeça no congelador — repetiu seu amigo. — O ar frio abrirá rapidinho as vias respiratórias.

Assim, lá estava eu mais uma vez com a cabeça dentro da geladeira de casa, entre os cubinhos de gelo, a carne e o peixe que compramos na semana anterior. Mas, sim, o frio glacial me devolveu a plena respiração e curou rapidamente o meu mal-estar. E, após melhorar e encher os pulmões algumas vezes com grandes quantidade de ar gélido, tirei a cabeça lá de dentro e procurei minha sobrinha com olhar assassino.

— Ei! — interpelei-a com agressividade. — Como se atreve a espionar nossas conversas?

Ela baixou o olhar, envergonhada, e se refugiou ainda mais atrás do tio, que se colocou entre as duas como um herói de cinema.

— Você não perde por esperar! — continuei, feito uma fera. — Vai ficar de castigo o verão inteiro e todos os verões do resto de sua vida! E tem mais...!

Farag, totalmente alheio aos motivos daquele drama familiar, interrompeu-me.

— O que houve? O que a garota fez?

— A garota já tem dezenove anos! — explodi. — E andou nos espionando enquanto falávamos da irmandade, de Kaspar e dos ossuários!

Farag se virou para a sobrinha como se tivesse recebido uma descarga elétrica.

— Isabella! — exclamou, incrédulo. — Por quê?

— Sinto muito, sinto muito, sério. — Dos olhos da criminosa começaram a brotar lágrimas de crocodilo. Avancei em direção a ela disposta a agarrá-la pelo pescoço (bom, talvez pelas lapelas da bela jaqueta) e sacudi-la até que parasse de mentir, mas uma forte mão masculina me bloqueou de repente na metade do caminho e me imobilizou.

— Explique-se — pediu o tio, que, diferente de mim, não dispunha de instintos assassinos.

Ela pegou um pedaço de papel-toalha e limpou as lágrimas, tomando cuidado para não estragar a sombra dos olhos, o delineador ou o rímel.

— Sinto muito, sério — repetiu, fingindo sentimento de culpa. — Não queria espionar vocês. Um dos meus amigos tinha me passado um aplicativo que ele fez para eu testar.

Quando fui ao meu quarto na outra noite, depois de vocês voltarem da festa do presidente, lembrei que ainda não tinha usado e queria ver como funcionava.

— De que diabos ela está falando? — perguntei a Farag.

Ele fez um gesto com a mão para que eu não incomodasse.

— É muito bom, tio — afirmou, esboçando o sorriso que ela sabia que derretia Farag. — Você escolhe qualquer número de celular nos seus contatos e, imediatamente, esse celular começa a lhe enviar áudios. Sei que não parece muito original, mas o incrível desse aplicativo do Harry é que ele utiliza o giroscópio como microfone, e não o microfone de verdade, que pode estar desligado. Os giroscópios dos *smartphones* captam alterações na pressão do ar provocadas pelas ondas sonoras, e o aplicativo de Harry transforma essas alterações em sons outra vez.

— E que celular você escolheu? — inquiriu ele.

— O seu — ela sussurrou, com uma falsa expressão de remorso. O da tia Ottavia podia estar em algum lugar estranho. Você sempre anda com o seu.

Farag soltou o ar bem devagar, olhou para mim, olhou para ela e ficou calado em total silêncio durante um momento.

— Vá ao seu quarto e nos traga seu *tablet*, seu celular e seu notebook.

— Não, por favor! — protestou a castigada.

— Traga agora! — ordenou Farag, sem maiores contemplos. Fiquei feliz por meu marido ter percebido a gravidade da situação. Além disso, a ideia era boa. Eu não teria pensado em tirar suas armas.

Assim que Isabella desapareceu pela porta da cozinha, Farag e eu nos olhamos e, em completo silêncio, nos abraçamos. Ficamos assim, quietos e tristes. Nunca havíamos tido dissabores com Isabella.

— O que faremos? — murmurei, mergulhando o rosto em seu ombro. Seu cheiro, o cheiro de sua pele, de sua roupa e até de sua colônia surtiam em mim um efeito relaxante. Eu me acalmava imediatamente quando ele me abraçava.

— Não tenho a mínima ideia — refletiu. — Por enquanto, tiraremos seus brinquedos favoritos. Depois veremos.

— Deveríamos deixá-la trancada no quarto durante um mês para refletir sobre o que fez.

— Ela sabe perfeitamente que não deve espionar os outros, *basileia*. Além disso, tenho certeza de que não tinha más intenções. No fim das contas, somos os tios dela, não é como se tivesse espionado os vizinhos ou algum professor

para descobrir alguma coisa. Só queria experimentar o aplicativo de um colega de aula.

— Mas, Farag, ela nos escutou falando com os Simonson e, em vez de desligar a maldita tranqueira...

— Aplicativo.

— Tanto faz. Em vez de desligá-lo, ficou escutando até o fim.

De repente, algo importante me veio à cabeça.

— Quando ela parou de escutar? — perguntei, alarmada, separando-me de Farag. — Você lembra...

Ele sorriu.

— Você não precisa me lembrar. Eu também estava lá.

— Meu Deus! — exclamei, horrorizada.

— Não acho que tenha chegado a tanto. Acho que desligou o aplicativo quando os Simonson foram embora. Se tivesse nos escutado em pleno sexo selvagem, ficaria envergonhada e perceberíamos por sua expressão.

— Você não tem como ter certeza! — meu suspiro coincidiu com a entrada de Isabella na cozinha, carregada com seus bichinhos eletrônicos. Ela não se atreveu a perguntar do que era que seu tio não podia ter certeza.

— Quando vão me devolver? — ela quis saber, largando o notebook e todo o resto entre a pia e a bancada.

— Não sabemos — respondeu Farag, segurando-a pelo braço. — Por ora, vamos conversar.

Eu sabia que era inadiável, mas, sinceramente, falar era a última coisa que eu queria. Estava cansada pelos maus bocados que havia passado e precisava espairecer a cabeça para me recuperar. Mas, ao ver Farag arrastando Isabella até a sala, duas coisas ficaram claras: primeiro, que o almoço daquele domingo havia sido adiado até segunda ordem; e segundo, que o dia seria muito, muito longo, de modo que abri um dos armários suspensos e peguei um copo. Enchi-o de água com pressa e saí da cozinha atrás deles, que já estavam sentados frente a frente nos sofás.

Não havia muito que pudéssemos fazer com Isabella, a não ser apagar sua memória como se fosse um disco rígido e, infelizmente, ela não era. E, como não era e, além disso, padecia da mesma terrível doença que todos os Salina – ou seja, conseguir aquilo a que se dispunha passando por cima do que fosse preciso –, a conversa com ela foi complicada. Sua espionagem havia aberto para ela um novo mundo de histórias apaixonantes sobre irmandades secretas, mistérios religiosos milenares e cartas de antigos patriarcas, e ela não estava disposta, ainda que admitisse toda a sua culpa (inclusive, algumas a mais se fosse necessário), a renunciar

a isso. Farag volta e meia lançava para mim olhares cheios de significado, apontando quantas semelhanças (gestos, maneiras de falar...) Isabella demonstrava ter em relação a mim. Nem a ameaça de mandá-la de volta a Palermo com seus pais e irmãos serviu para dobrá-la. Disse que iria embora se não a quiséssemos conosco, mas que não queria que a tratássemos como se fosse idiota, porque não era e porque, agora que sabia de tudo, queria ajudar, participar, colaborar e, é claro, saber mais. De fato, ao longo do dia anterior, o sábado, ela sofrera muito pensando em como trazer ao nosso conhecimento que estava a par de tudo sem que ficássemos zangados, mas o incidente na missa da catedral havia sido tão marcante que ela não conseguiu se conter e perguntou.

Se nós a levássemos conosco para buscar os ossuários, “porque, tia, você não pode dizer não para uma coisa dessas”, ela prometia solenemente, dava sua palavra de honra e jurava sobre a Bíblia que nunca, jamais, nem que a torturassem ou matassem, diria nem meia palavra sobre os staurofílakes e todo o resto. E, além disso, caso não nos lembrássemos, já era maior de idade, portanto, se acontecesse alguma coisa com ela (um acidente, uma picada de cobra ou algo do tipo), não seríamos os responsáveis.

Como a adulta feita e direita que era, havia enfrentado sua mãe, sua avó e todos os Salina para deixar Palermo e vir morar conosco, “e você sabe, tia, qual é a opinião da sua família, inclusive do tio Pierantonio e da tia Lúcia”, de modo que seria o cúmulo dos cúmulos que nós, agora, a tratássemos como se fosse uma garotinha. Ora, ela nos veria como monstros sem coração se a abandonássemos quando só o que ela queria era ficar conosco, acompanhar-nos e ser útil, tendo em vista que, era evidente, sem ela não poderíamos fazer absolutamente nada e...

A essa altura eu já não conseguiria aguentar nenhum segundo a mais daquela verborragia. Ou eu a matava, ou morria por exaustão.

— Cale a boca, pelo amor de Deus! — clamei.

Um maravilhoso silêncio invadiu a sala. Senti que meus nervos e músculos se afrouxavam. Ao meu lado, Farag também pareceu se largar com maior despreendimento em cima do sofá.

— Veja, Isabella — ele começou a dizer. Como havia sido curto o silêncio. — Você se apoderou de coisas que não pertencem à sua tia nem a mim. É como se roubasse de outras pessoas seus objetos mais valiosos e nos pedisse a nossa permissão para ficar com eles. Não são nossos,

Isabella, e você tem que entender isso. A existência secreta da irmandade dos staurofílakes pertence apenas aos staurofílakes; a história dos ossuários do século XII pertence apenas aos Simonson. Nem sua tia nem eu podemos permitir que você intervenha ou participe. Sabíamos que não tinha más intenções ao espionar, mas você errou ao continuar escutando, e por isso vamos castigá-la tirando o seu computador, o *tablet* e o celular.

— Mas eu preciso deles! — suplicou.

— Então use os computadores da biblioteca — determinei, sem misericórdia.

Ela teve que fechar a boca, é claro. Já havia terminado o semestre e as provas, e estava de férias havia mais de duas semanas, então não precisava daquelas geringonças para nada além de sua movimentada vida sociovirtual. De fato, para tentar tirar o corpo fora de sua viagem (obrigatória) a Palermo, ela havia se matriculado em um curso de verão sobre não sei que assunto de informática, pois precisava de um reforço para utilizar em não sei que outro assunto de informática. Mas eu sabia, pois seu tutor havia comentado comigo durante um encontro de corredor, que Isabella tinha notas e conhecimento de sobra, e ele me advertira que, para não se entediar no próximo semestre como havia se

entediado até agora, talvez ela devesse cursar mais matérias. Portanto, com todas essas informações, eu tinha bastante certeza de que ela não precisava dos apetrechos informáticos para nada.

— Você entendeu o que eu disse, Isabella? — perguntou Farag, voltando ao âmago da questão.

A delinquente assentiu.

— É importante você se lembrar — continuou Farag — de que a informação que você obteve por acidente não é sua, e que seus donos não ficariam nada contentes se soubessem que você está em posse delas. Eu recomendaria a você, e é bom levar muito a sério o que vou dizer, que, ainda que não possa esquecer o que ouviu, porque é impossível, jamais diga a ninguém nem uma palavra. Jamais, Isabella, está me entendendo?

A delinquente voltou a assentir.

— Você poria em risco — acrescentei com voz áspera — muitas pessoas dignas e valiosas, pessoas boas que teriam suas vidas destroçadas. Sem contar o risco que significaria para você, porque, se a informação de que você está ciente da existência da irmandade chegasse a certos lugares, não quero nem imaginar o inferno em que transformariam a sua vida, acredite.

O rosto maquiado da criminosa empalideceu sob a pintura. O semblante juvenil, fresco e lustroso ficou amarelado por um instante e então enrubesceu subitamente.

— É sério? — balbuciou.

— Muito sério — disse seu tio com uma expressão grave.
— Não mentiríamos para você sobre algo desse tipo. E estamos dizendo tudo isso porque você é nossa sobrinha e desejamos protegê-la acima de tudo. Se fosse uma desconhecida, pode ter certeza de que nos veríamos obrigados a pôr em marcha os recursos da irmandade, que não seriam de seu agrado.

Ela nos olhou desconcertada por um instante e, com toda a clareza, vi a ideia passando pela cabeça dela como se fosse uma tela de cinema.

— Vocês são staurofílakes! — exclamou, com a emoção transbordando por todos os poros de seu corpo.

Olhei para o meu relógio de pulso. Já eram duas da tarde. Achei estranho: onde estava Phil? Nosso veloz mensageiro staurofílax ainda não havia dado sinal de vida.

— Vocês são staurofílakes! — ela repetiu, ficando de pé em um salto e apontando para nós com o dedo.

Farag voltou a me olhar intensamente para que eu reparasse no gesto de Isabella. Aquele dedo acusador e a

falta de educação eram gestos irrefreáveis que ambas devíamos carregar em nossos genes.

— São ou não são? — insistiu, apoiando os braços na cintura, impaciente.

— Não somos — assegurei.

— Não minta, tia! — ela me repreendeu. — Dá para ver em seus rostos!

— Dá para ver em nossos rostos que somos staurofílakes? — debochou Farag. — Ué, e eu achava que no meu rosto só tinha barba!

— Suma da minha frente, Isabella — pedi, cansada. — Faça o que quiser, mas me deixe descansar um pouco, por favor.

— Mas aonde posso ir sem *tablet* nem celular? — seu rosto não poderia expressar um horror maior. — E sem computador!

Por sorte, Farag estava tão cansado quanto eu daquela conversa.

— Não se preocupe com seus cinquenta melhores amigos íntimos de WhatsApp ou Twitter — consolou-a enquanto se levantava. — Como disse sua tia, nos computadores da biblioteca você pode contar a eles que ficou sem wi-fi.

Isabella conteve a duras penas um acesso de raiva e, com um semblante colérico e com lágrimas de impotência nos olhos, disparou escada acima feito um tufão. Quando, por fim, escutamos a batida de porta raivosa ao fechar o quarto, ambos liberamos o ar e a pressão como duas máquinas de vapor. Estávamos esgotados.

— Sempre achei — comentou Farag — que o mais difícil seria explicar a ela de onde vêm as crianças, mas hoje foi muitíssimo pior.

— Ela já sabe de onde vêm as crianças, não se preocupe com isso — esclareci aos risos.

— Você já se perguntou alguma vez — sussurrou, inclinando-se em minha direção — o que teria acontecido se ela tivesse visto nossas escarificações?

Um suor frio percorreu a minha testa. Sempre tomávamos muitíssimo cuidado para ocultar nossas estranhas cicatrizes corporais. É verdade que sentíamos orgulho delas e que pusemos a vida em risco várias vezes para consegui-las, mas não eram o tipo de coisa que se pode exibir em público, porque, obviamente, não devíamos fazê-lo, mas, sobretudo, porque eram tão estranhas ao olhar que sempre haveria alguém para perguntar por que diabos tínhamos o corpo lacerado com cruces raras e letras gregas.

E sabe lá o que responderíamos. Uma das poucas coisas ruins causadas pela chegada de Isabella em nossas vidas havia sido precisamente a obrigação de andar sempre com cuidado para que ela não visse nossas escarificações staurofílakes. Porque, sim, na realidade éramos, sim, staurofílakes.

Para chegar ao Paraíso Terreno staurofílax (quando perseguíamos os ladrões de *Ligna Crucis*), precisamos encarar sete provas bastante complexas que seguiam o esquema dos sete círculos e pecados do Purgatório da *Divina comédia*, de Dante Alighieri. Cada vez que superávamos um desses círculos, enquanto estávamos inconscientes, os staurofílakes nos marcavam com uma nova escarificação em uma parte diferente do corpo. E, como no fim de fato chegamos ao Paraíso Terreno e superamos com êxito todos os obstáculos, fomos agraciados com outras sete cicatrizes, que acabaram nos transformando em uns bichos um pouco estranhos, dependendo de como nos olhassem. Felizmente, o cabelo e a roupa ocultavam-nas completamente, mas isso não queria dizer que não estivéssemos sempre com elas. E, o que era ainda mais importante: essas escarificações representavam a prova inegável de que, realmente, tecnicamente falando, éramos autênticos e verdadeiros staurofílakes. De maneira

que a resposta à pergunta de nossa sobrinha deveria ter sido afirmativa, ainda que com ressalvas: éramos staurofílakes porque havíamos cumprido os requisitos para sê-lo mas não vivíamos nem pensávamos como eles.

Farag, verdadeiramente alexandrino e, portanto, exímio *gourmet* e melhor cozinheiro que eu, havia preparado, enquanto estávamos na igreja, uma saborosíssima salada com queijo, vagem e um delicioso guisado de cordeiro. No entanto, àquela hora, a alface estava murcha e o guisado, frio. Ainda assim, comemos com fome, e subi até o quarto de Isabella com uma bandeja para que ela também comesse. Como não respondeu quando bati, entrei sigilosamente e encontrei-a dormindo em sua cama, com vestígios de ter chorado (uma saraivada de lenços de papel espalhados por todos os lados). Deixei a bandeja sobre a escrivaninha e saí com cuidado para não acordá-la.

Às cinco da tarde, minha preocupação era extrema: não havíamos sabido nada de Phil, nosso contato com Kaspar. Na realidade, não víamos Kaspar há nove anos, desde que se tornara o Catão, ainda que tivéssemos falado muitas vezes com ele. Bem, não com ele, com... Era complicado. Durante aqueles primeiros e difíceis tempos em Alexandria, além de termos Gottfried Spitteler morando na casa ao lado e os

serviços informáticos do Vaticano se metendo em nossos computadores, também havia alguém que escutava atentamente nossas conversas telefônicas. Assim, tivemos que começar a utilizar uma forma bem estranha de comunicação com Kaspar: algo atípico empregado pela irmandade desde muito tempo atrás. Um grupo de staurofílakes conservava o conhecimento de uma língua extinta, a língua birale. Esses staurofílakes estavam distribuídos estrategicamente pelos países onde eram requeridos e, assim, nós, em Alexandria, falávamos na verdade com Ibrahim, que estava ao nosso lado, o qual, de seu telefone celular, falava em birale com seu primo Muntu, na Etiópia, ao lado de quem estava Kaspar. Fizemos o mesmo na Turquia, depois na Itália, e agora no Canadá, onde Phil, um velho e querido amigo, professor de música e casado com uma canadense, visitava-nos de vez em quando e aproveitava para fazer uma ligação em seu celular para um conhecido seu, com quem falava em birale, que morava na Etiópia. Claro, era uma mera casualidade. No entanto, naquela tarde, Phil não dava sinais de vida, e Farag também estava começando a ficar preocupado.

Às seis horas, Isabella desceu para jantar com ar de pobre cãozinho desamparado em meio a lobos sedentos de sangue.

Sentados ao redor da mesa da cozinha, seu tio e eu tentávamos normalizar a situação até onde era possível, mas ela havia decidido que a vida não valia a pena, que tudo era terrivelmente trágico e doloroso e que não havia esperança para o mundo, de modo que Farag e eu acabamos não lhe dirigindo a palavra e fingindo que ela não existia. Estávamos acabando de jantar quando bateram na porta.

— Deve ser o Phil — exclamou Farag, deixando o guardanapo sobre a mesa e se levantando.

Isabella conhecia nosso amigo Phil e não deu a menor importância ao fato de que estava nos visitando naquela hora tardia. Ela, da maneira como estava, não cogitava sair para cumprimentá-lo. “Não precisa se incomodar”, eu disse a ela enquanto me levantava.

Então escutei uma exclamação sufocada, um riso que me pareceu vagamente familiar e o inconfundível ruído de um forte abraço masculino (os homens, quando se abraçam, sempre dão ruidosas palmadas nas costas; nunca consegui descobrir o motivo, é um mistério que ainda não solucionei). Saí da cozinha e me virei para a entrada, perguntando-me quem estava em nossa casa para que Farag oferecesse uma recepção tão festiva. Claro que, nem em um bilhão de anos, eu esperaria ver ali, no Canadá, em Toronto, a Sua

Eminência o Catão dos staurofílakes, ninguém mais ninguém menos que o Catão CCLVIII em pessoa, vestido como um homem normal, de calça, jaqueta e gravata, e exibindo um estranho sorriso amigável em seu rosto sempre seco, autoritário, rochoso e mal-humorado. Bem, talvez eu estivesse exagerando, admiti com a alegria que sentia em meu coração por voltar a vê-lo. Kaspar havia mudado muito desde nossos tempos no Vaticano, quando eu o conheci — e o aguntei — como capitão da Guarda Suíça. No fim, descobri que até humano ele era. Mas eu não podia evitar: a primeira imagem dele sempre seria a de um milico suíço, corpulento e musculoso, que disparava arpões de aço através de seus olhos cinza, erguia pedras de várias toneladas com o mindinho e mastigava vidro nas refeições. Desenhando um enorme sorriso em meus lábios pelo fato incrível de tê-lo ali, em minha casa, percebi que ele continuava com o cabelo raspado ao estilo militar, apesar de seu iminente cargo religioso.

— Ottavia! — exclamou a montanha loira, soltando Farag e se lançando sobre mim em um forte abraço de urso. Sua estatura de mais de um metro e noventa era a mesma que a de Farag, mas a envergadura de ambos era completamente

diferente: meu marido era mais sequinho, e Kaspar estava mais para um mamute.

— Kaspar? — tentei gaguejar desde o interior de seu abraço. — Kaspar, meu Deus, é você!

— Que alegria vê-la, doutora! — murmurou, arrastando muito os erres e me apertando ainda mais; apesar do tempo transcorrido, não havia aprendido a falar italiano sem aquele forte sotaque alemão. — Como senti saudades de vocês dois!

Vivi para ver. Ou melhor, para ouvir.

De repente, a realidade havia se transformado em uma espécie de sonho. Havia algo de inverossímil naquela situação, porque, de algum modo, o cérebro me advertia de que não podia ser verdade, que era totalmente impossível que o Catão CCLVIII estivesse ali, que tivesse saído de seu recôndito Paraíso Terreno e embarcado em diversos aviões, esquivando-se nos diversos controles de segurança dos aeroportos para chegar até Toronto. Fazia tempo que éramos ignorados (ou não, não sabíamos), mas ele devia ter disparado até os alarmes das bicicletas. *Só um minutinho*, pensei alarmada. E se tivesse ocorrido exatamente isso? E se, efetivamente, até os alarmes das bicicletas tivessem disparado e, naquele momento, nossa casa estivesse cercada pelos sicários de Gottfried, do FBI e da CIA...?

— Você está lindíssima! — deixou escapar o Catão, com admiração e sem sinais de hipocrisia no rosto. Quase acreditei.

— Linda eu nunca fui, Kaspar — eu disse entre risadas, afastando-me um pouco dele —, mas tenho uma personalidade encantadora.

Escutei antes uma bufada vinda de trás da Rocha, procedente de Farag, e, então, outra detrás das minhas costas. Isabella havia decidido sair da cozinha para cumprimentá-lo. Pelo amor de Deus! Agora mais essa? O nome de Kaspar devia ter sido um ímã irresistível para ela.

— Pois para mim você está linda — insistiu o anteriormente desagradável capitão. — A vida com o professor tem lhe feito esplendidamente bem, não há dúvida.

— Sempre procurei alimentá-la bem — admitiu Farag, orgulhoso de suas artes culinárias.

A presença de Isabella não podia mais ser ignorada.

— Kaspar — eu disse, virando-me para ela —, esta é nossa sobrinha Isabella, a filha de minha irmã Águeda. Mora conosco há um ano. Isabella, este é nosso amigo Kaspar, da Suíça.

— É um prazer conhecê-la, Isabella — sorriu, dando beijos em sua bochecha ao estilo italiano.

Os olhos de minha sobrinha faiscavam ou, mais do que faiscar, pareciam fornos industriais. Sabia quem ele era realmente e não conseguia dissimular.

De repente, Kaspar deixou Isabella e se virou para a porta aberta, onde não se via ninguém.

— Linus! — chamou em inglês. — Onde você se meteu?

Uma cabecinha loira apareceu na soleira da porta. Meu Deus, era uma cópia viva do pai em miniatura! Bem, sua pele era mais morena, como a de Khutenptah, sua mãe, uma grega bonita e inteligente de traços clássicos e elegantes que havia morrido de um inesperado aneurisma cerebral após dar à luz. Também eram dela, sem dúvida, aquele nariz reto e fino, ainda que, de resto, o jovem Linus fosse um Kaspar versão reduzida à moda dos índios Jibaros^[1]. Ele também tinha os cabelos loiros tão aparados que era difícil ver o brilho sutil em sua testa e, também como o pai, os olhos cinzentos, mas de um cinza mais escuro.

Soubemos de seu nascimento; soubemos da morte de sua mãe; soubemos o quanto Kaspar havia sofrido durante muito tempo; e agora ele estava ali, em nossa casa. Bom, talvez

ainda não em nossa casa, mas ao menos na porta, olhando para o pai com olhos preocupados.

— Entre, Linus — disse Farag com um sorriso, estendendo a mão para ele como se fosse um adulto.

O pequeno Linus decidiu entrar e também estendeu a mão a Farag, ainda que não parecesse entender muito bem o motivo. Meu marido apertou-a e então se inclinou e o beijou. Isso pareceu acalmar Linus, que devolveu o beijo com grande naturalidade e, então, agarrou as calças do pai.

— E essa é a sua tia Ottavia — Kaspar disse a ele, empurrando-o em minha direção.

Ai, ai, outro sobrinho! Como se os vinte e cinco filhos de meus irmãos não fossem o suficiente! Claro que a mais nova dos vinte e cinco era Isabella, a delinquente, e esse, de quatro anos e meio, ainda era possível curtir. Fiquei de cócoras e abracei-o com vontade. Seu corpinho espigado estava um pouco tenso devido à estranheza da situação.

— Olá, Linus — eu disse com um sorriso. — Bem-vindo à nossa casa. Você não sabe como eu tinha vontade de lhe conhecer.

— Eu também — respondeu, muito educado.

— E eu sou Isabella — disse a minha sobrinha, ficando em primeiro plano e também beijando Linus, que recuou.

— Eu não conheço você — murmurou ele, franzindo o cenho. *Meu Deus, era incrível como era parecido com Kaspar em tudo!*

— Bom, mas agora pode conhecer, não é? — incentivou seu pai.

— Tenho dois videogames — propôs Isabella. — Não quer jogar um pouquinho?

Os videogames! Havíamos nos esquecido de tirar os videogames dela! Enfim, pensei com resignação, agora era tarde demais.

Linus havia arregalado os olhos ao escutar a palavra “videogames”.

— Vá com ela, filho, ande. E não se preocupe, estarei aqui.

O pequeno Linus pegou a mão de Isabella com doçura e os dois subiram as escadas. Eu tinha confiança de que minha sobrinha não tentaria tirar informações do garoto... Está bem, é verdade, na realidade não confiava nem um pouco. Sabia que faria isso. Mas também sabia que, nesse caso, nem seu tio seria capaz de me impedir de, em seguida, mandá-la de volta a Palermo no primeiro avião.

— Já jantou? — Farag perguntou a Kaspar. Estava com um sorriso fixo desde que a Rocha chegara.

— Sim, jantamos no avião — esclareceu-nos o Catão CCLVIII. — Mas, se vocês estavam jantando, terminem, por favor. Só preciso de um café. Ainda não me acostumei aos horários de almoço e jantar desse continente.

Farag deu outra palmada amigável em suas costas e conduziu-o até a cozinha, onde a mesa com os pratos praticamente vazios pedia aos gritos para ser tirada.

— Deixe que eu arrumo — falei. — Preparem o café e sentem-se.

Tudo era um tanto incrível. Estávamos os três juntos mais uma vez, só nós três, os mesmos que haviam começado aquela história que mudou nossas vidas para sempre, e mais parecia que havíamos feito uma viagem ao passado e ainda estávamos resolvendo aquelas provas e enigmas dos staurofílakes. Claro que, agora, nós três também éramos staurofílakes e, além disso, estávamos muitos anos mais velhos. O rosto de Kaspar acusava mais a passagem do tempo que os nossos, sem dúvida devido à morte de Khutenptah, a quem havia amado profundamente. Farag e eu estávamos com eles quando se conheceram, e estivemos com eles outra vez quando já moravam juntos e ele seria nomeado Catão. Parecia impossível que ela tivesse morrido.

— Bom, temos muito o que falar — Kaspar começou a dizer, sentando-se na cadeira de Isabella —, mas vamos começar pelo início: o que aconteceu para que enviassem um aviso urgente?

Na verdade, eu já nem me lembrava, então não disse nada e continuei acomodando os pratos, copos e talheres na máquina de lavar.

— Exato, começar pelo começo — repetiu Farag. Ele estava tirando da caixa as cápsulas coloridas para preparar os cafés na máquina *super fashion* de George Clooney. Contra a minha vontade, havíamos sucumbido à moda. — Você tem pouso para esta noite?

— Como você pode me perguntar uma coisa dessas? — riu Kaspar com vontade. — Nós sempre temos onde ficar, não se preocupe. Me diga o que está acontecendo.

— Não, ainda não — opôs-se o prof. Boswell, decidido. — É um pouco demorado, e você precisará tomar decisões importantes.

— Outras? — brincou a Rocha. — Mas eu não paro de tomar decisões importantes! A minha vida consiste em tomar decisões importantes!

— Peço perdão, Sua Eminência, se rebaixo o seu nível — eu ri —, mas a vida de todos os mortais consiste exatamente

na mesma coisa.

— Voltando — cortou seu amigo professor. — Kaspar, nos explique o que diabos você faz com Linus no Canadá. Só se passaram sete horas desde que demos o aviso. É impossível que você tenha vindo da Etiópia nesse tempo. Se descontarmos o embarque e a saída do aeroporto, você só teve entre três e cinco horas para chegar a Toronto e, com esse prazo, você não pode vir de nenhum lugar mais longe que os Estados Unidos. Isso sem esquecer que é a primeira vez, até onde Ottavia e eu sabemos, que você deixa seus domínios subterrâneos em catorze anos.

Kaspar, que não havia tirado o sorriso do rosto desde que chegara, tomou a xícara de café enfumaçado que Farag lhe entregou e ficou olhando fixamente para o reflexo da luz do teto na bebida quente e preta. *Onde houvesse uma boa cafeteira italiana dessas, pensei com amargura, o resto não faria falta.*

— O que houve, capitão? — perguntei, preocupada com seu silêncio. Aproximei-me dele e, sentando-me ao seu lado, coloquei a mão sobre a dele, que segurava a xícara. — Aconteceu alguma coisa?

Kaspar continuou calado. Farag me deu café e, após pegar o seu, encostou a cadeira na do amigo sem dizer nada. Permanecemos assim durante alguns minutos, até que a

Rocha se ajeitou e sacudiu a cabeça como se estivesse saindo de um sonho.

— Resolvi ir embora — disse à queima-roupa.

— Mas você acabou de chegar! — protestei. Farag me deu um pontapé por debaixo da mesa.

— Não, Ottavia, não vou embora de sua casa — esclareceu, voltando a sorrir. — Vou embora da irmandade. Renunciei ao título de Catão há exatamente uma semana. Agora, volto a ser apenas eu.

Capítulo 5

Depois de soltar aquela bomba, era certo que Kaspar não iria embora de casa naquela noite, porque não o deixaríamos. Havia muito a ser dito e discutido antes que chegasse o dia seguinte. Assim, após o silêncio inicial que tomou conta da cozinha (o qual poderia ser mais bem descrito como o espaço de tempo entre morrer de susto e retornar à vida com uma descarga de adrenalina), Farag, apoiando-se na mesa como se as pernas não pudessem sustentá-lo, ficou de pé com a lentidão e a dificuldade de um idoso adoentado. Não é que fosse afetado pela decisão de Kaspar de renunciar ao cargo, até porque, ao fim e ao cabo, todos somos livres para fazer o que quisermos, contanto que não prejudiquemos a ninguém, mas sim pela imensa, nebulosa e descomunal surpresa.

Pelo que sabíamos, durante mil e setecentos anos de história, nenhum Catão havia renunciado, muito menos sido destituído. Todos haviam cumprido integralmente seu mandato até a morte, pouco antes da qual escreviam as crônicas de seu governo, que eram concluídas pelo Catão seguinte após sua própria nomeação. Havia sido assim com

duzentos e cinquenta e sete catões, desde o século IV de nossa era, mais concretamente desde o ano 341, quando a irmandade foi fundada por um grupo de diáconos da basílica do Santo Sepulcro de Jerusalém e Mirógenes de Neápolis foi eleito arquimandrita e primeiro Catão da história. A única missão da irmandade ao longo dos séculos havia sido proteger a qualquer preço a sagrada madeira da Vera Cruz, descoberta pela imperatriz Santa Helena no ano 326 no monte do calvário de Jerusalém.

E, agora, Kaspar Glauser-Röist nos dizia, como se não fosse nada, que havia renunciado, que havia sido o primeiro Catão da história a dar um pontapé no cargo e, não contente com isso, também abandonaria a irmandade.

— Aonde você vai, Farag? — foi a primeira coisa que saiu de minha boca após ter ressuscitado em condições não muito boas.

Ele caminhava pela cozinha até a porta como um barco sem timão. Deteve-se de repente e colocou a mão no batente da porta.

— Preparar o quarto de hóspedes — anunciou, com a voz rouca. — É óbvio que eles vão ficar.

— Não, não. Íamos ficar na casa do cardeal Hamilton — objetou Kaspar, mas dava para notar que preferia a ideia de

ficar conosco.

— Então telefone para ele e diga para não esperá-lo — concluí, levantando-me para seguir Farag. — E peça para que tragam sua bagagem para cá, seja lá onde ela estiver.

Nós o deixamos na cozinha, falando no celular, e subimos as escadas de mãos dadas, sem falar. Do quarto de Isabella, que estava com a porta aberta, chegava o som e as musiquinhas de videogames infantis, além de vozes e risadas. Ao menos Isabella estava se comportando de maneira adequada.

— O que você acha dessa história do Kaspar? — perguntou Farag.

— Eu gostaria de ouvir seus motivos antes de formar uma opinião — respondi. — É o Kaspar.

Farag assentiu e acendeu a luz do suposto quarto de hóspedes. Na verdade, utilizávamos o cômodo como escritório, mas tudo havia sido previsto para situações de emergência como aquela: tirando umas coisas daqui e outras dali, e recolocando algumas em seu lugar, devolvíamos o quarto mais ou menos à sua função original, pois entre os móveis estavam escondidas duas camas e um criado-mudo. Além disso, contava com banheiro próprio e um pequeno guarda-roupa.

Ao terminarmos, trocamos olhares de aprovação e saímos, fechando a porta. Fomos rápidos, mas não queríamos deixar Kaspar sozinho muito tempo, então voltamos logo à cozinha. Farag se dirigiu até sua amada máquina de café para preparar mais, e eu me sentei em minha cadeira, de frente para o capitão, olhando-o diretamente nos olhos.

— Por quê? — foi tudo o que me atrevi a perguntar, com o tom de voz mais suave que consegui encontrar em meu repertório.

Kaspar ergueu os olhos cinza e tristes e sorriu para mim. Sob a luz branca de neon, os ossos robustos de seu rosto pareciam granito esculpido com cinzel.

— Porque Khutenptah não está mais aqui — começou a dizer, com muita serenidade. — Porque ela morreu. Porque me enganei. Porque, ao me apaixonar por ela, achei que também havia me apaixonado pela irmandade e pela beleza de sua forma de vida, mas não era verdade — enumerava lentamente as razões, como se refletisse enquanto as listava. — Porque não acreditava em nada quando conheci Khutenptah e acreditei nela, e, por amor a ela, acreditei na irmandade.

Meu marido lhe entregou outra xícara de café extraforte e sentou para escutar.

— Mas ela morreu e me deixou sozinho com nosso filho — continuou. — No início, a dor era... insuportável. Vocês sabem. Mas, conforme se tornava um costume e arrefecia um pouco a cada dia, eu não entendia o que fazia lá, no Paraíso Terreno, nem por que fazia. Aquele não era o meu mundo nem o que eu queria para Linus.

Tomou um gole de café quente e contraiu o rosto. Acrescentou uma colherinha de açúcar e mexeu.

— Certa manhã, seis meses atrás, acordei e me disse: “Se Bento ^{XVI} renunciou, também posso renunciar”. E comecei a cogitar a ideia de ir embora, mas de ir embora de vez, não apenas renunciar ao cargo de Catão, mas também abandonar o Paraíso Terreno. Finalmente, falei com o conselho e, após refletirem, me disseram que entendiam e que eu era livre para fazer o que considerasse melhor, que só o que me pediam era que escrevesse a crônica de meu mandato antes de partir.

Tomou outro gole de café e soltou um longo suspiro. Então olhou para nós dois com uma expressão de intenso sofrimento.

— Serei para sempre um staurofílax. Carrego no corpo as marcas que provam isso. Sempre terei uma parte do coração no Paraíso Terreno, sobretudo porque é lá que repousa Khutenptah. Mas agora quero outra vida. Uma vida nova para o meu filho e para mim. Estarei sempre a serviço da irmandade, mas como staurofílax laico. Como vocês.

Farag e eu contivemos um suspiro. O ex-Catão tinha uma ideia muito equivocada a respeito de nossa identidade staurofílax.

— Kaspar, nós não nos sentimos staurofílakes — advertiu Farag. — Nunca nos sentimos staurofílakes. Você sabe que tanto Ottavia como eu pensamos que aquela Vera Cruz que vocês adoram é uma relíquia falsa. Não compartilhamos de sua fé nem de seu ideal de vida.

— Isso eu já sei! — declarou o ex-Catão, soltando uma risada inesperada. — Por acaso vocês acham que acreditei algum dia que Farag, “o ateu”, e Ottavia, “a desconfiada”, aceitavam que a nossa Vera Cruz era a cruz em que havia morrido de fato o Nosso Senhor Jesus Cristo? Não sou tão cego assim, homem! Mas pensem nisso: o fato de essa relíquia não ser verdadeira não tira nem um pedaço de sua importância enquanto símbolo religioso, não é? Khutenptah acreditava sinceramente nela, e isso fez com que fosse

autêntica para mim. Além disso, é historicamente irrefutável que se trata da cruz encontrada por Santa Helena, a mãe do imperador Constantino, no século IV em Jerusalém. Portanto, cabe a nós dar seu valor enquanto símbolo e respeitar a fé dos outros.

— Claro que sim, Kaspar... — interrompi. Eu ia começar a falar sobre os Simonson, mas neste momento Isabella apareceu na porta com seu melhor sorriso.

— Linus pegou no sono na minha cama — anunciou.

Num salto, a Rocha se levantou.

— As mudanças de fuso. Está esgotado — murmurou, indo em direção à escada.

— Espere, Kaspar — deteve-o Farag. — Preciso mostrar onde fica o seu quarto. Eu o acompanho.

— Vão ficar para dormir? — Isabella me perguntou.

— Sim. Estamos esperando que tragam sua bagagem.

— Ah, tá, tia... — hesitou. — Ainda está irritada comigo?

Sim, ainda estava irritada com ela.

— Um pouco — respondi, terminando o café. — Logo passa.

— Quando? Porque não gosto de ficar assim, e eu não quis fazer mal.

— Mas fez.

— Disse o sujo ao mal lavado — resmungou.

— Ei, muito cuidado! — adverti, ameaçadora. *Mas quem diabos aquela pirralha achava que era?* — A falta de respeito tem penas mais severas que a apreensão de equipamentos digitais.

— Por acaso você não teria feito o mesmo que eu? — apressou-se a explicar. — Você é como a vó Filippa, e eu também. Nós três somos igualmente insensatas e teimosas, então não me diga que teria desligado o celular para não escutar uma conversa daquelas, porque não vou acreditar.

A avó Filippa, minha mãe... Eu não deixei de sentir saudades dela nem mesmo por um dia, apesar dos imensos abismos que nos separavam: Farag, que ela não suportava porque não era católico e havia me tirado da Igreja, e os negócios familiares, que por acaso eram bastante sujos e desonestos, bem como a principal ocupação de minha mãe idosa, de oitenta e nove anos, que seguia ostentando o *noble* cargo de chefe dos clãs sicilianos da *Cosa Nostra*.

— Não vai dizer nada? — insistiu Isabella.

Era verdade, pensei enquanto engolia os restos de café da minha xícara, eu também não teria deixado de escutar uma conversa como aquela, mesmo sabendo que estava fazendo algo errado. Como minha mãe, sim, e como Isabella. Mas

isso não me eximia da obrigação de tentar educar a minha sobrinha.

— Posso dizer — murmurei — que também não gosto de ficar brigada com você, mas gosto ainda menos do fato de você ser tão parecida com sua avó e comigo.

— Então, vamos, esqueça isso, por favor — suplicou-me com um semblante que revelava um pouco de cansaço, outro pouco de desgosto e algo de impaciência.

— Bem, me dê um tempo até amanhã. Quando acordarmos, estarei normal. Combinado?

— Combinado — aceitou com um sorriso.

Naquele momento, a campainha tocou.

— Deve ser a bagagem de Kaspar e Linus — ela comentou, virando a cabeça em direção ao som.

— Eu abro — falei, levantando da cadeira. — Vá deitar que já está tarde.

— Boa noite — resmungou, obedecendo à minha ordem.

O homem que trazia a bagagem dos expatriados era um jovem sacerdote da catedral que eu conhecia de vista. Ainda bem que não quis começar uma conversa nem nada do tipo. Deixou as duas malas na entrada, onde pedi que deixasse, e foi embora apressado após uma despedida cortês.

Fechei a porta e passei o trinco. Eu era a única que fazia isso todas as noites, após conferir as janelas, o aquecedor, o gás, as luzes... Era um hábito, mas Farag dizia que era uma obsessão compulsiva. Bom, e daí? Cada um com as suas manias, não?

Os dois varões staurofílakes da casa já desciam pela escada, tentando não fazer barulho ao pisar nos degraus. Indiquei para Kaspar as duas malas que haviam acabado de chegar e entrei na cozinha outra vez. Ele veio atrás de mim, seguido por Farag, que fechou a porta com cuidado quando nós três já estávamos lá dentro.

— E aí, vão me contar por que enviaram um aviso urgente? — lembrou-nos a Rocha voltando para a cadeira de Isabella, que já havia adotado como sua.

— Como foi que o nosso aviso chegou a você? — perguntei, receosa. — Você já não é Catão, tampouco está no Paraíso Terreno.

— Se o aviso vem de vocês, a lógica é que avisem a mim, não acha? E, se o assunto concernisse à irmandade, eu comunicaria a eles imediatamente. Então me digam, o que houve?

Farag se adiantou.

— Já ouviu falar nos Simonson, a família que tem uma das maiores fortunas do mundo?

O rosto de Kaspar se contraiu em uma expressão estranha por um décimo de segundo.

— Sim, já — afirmou, retornando à sua rigidez habitual.

— Becky e Jake Simonson estiveram aqui em casa na sexta-feira à noite — gabei-me.

— É sério? — balbuciou. — Estão brincando?

— Ah, claro que não, meu amigo — riu o prof. Boswell.
— Sem brincadeira! E ainda há muito o que contar.

Explicamos em detalhes a estranha conversa que tivemos com os multimilionários, como haviam nos oferecido o último fragmento da Vera Cruz em troca da busca dos nove falsos ossuários mencionados na carta do patriarca ortodoxo de Jerusalém, Dositheos, ao patriarca de Constantinopla, Nicetas, no ano 1187. Valia a pena ver o rosto do ex-Catão, com as sobrancelhas arqueadas e os olhos muito abertos, o que para ele era muitíssima expressividade, bem como a boca retorcida em uma curva vertical que só voltou para a horizontal quando confessamos a ele a travessura de Isabella. Insistimos muito que havíamos feito todo o possível para conscientizá-la, para fazê-la entender o que estava em jogo e a importância da informação que devia manter em

segredo para sempre. Ele não pareceu gostar nada do assunto, mas não disse nada. Embora também tivesse ficado quieto durante o longo tempo que Farag e eu, tirando as palavras da boca um do outro no estilo dos Simonson, estivemos falando sobre eles.

Quando terminamos, continuávamos na mais absoluta escuridão, sem saber quais eram seus pensamentos e opiniões. Os diversos anos como líder de uma seita religiosa o haviam dotado de uma capacidade diplomática extraordinária, à qual se somavam sua segura e inexpressividade naturais. Sempre me perguntei o que foi que Khutenptah pôde ver nele, porque se havia alguém nesse mundo capaz de ocultar seus sentimentos com imensa habilidade, esse alguém era a Rocha.

Finalmente, ele alongou o pescoço como se fosse desconjuntá-lo, projetou o corpo para a frente e tapou a boca aberta com a mão, refletindo.

— Mas, se acabei de sair do Paraíso Terreno... — murmurou após alguns instantes.

— O que quer dizer com isso? — perguntei.

— Não sei — protestou. — Tenho a sensação de que essa história estava me esperando, entocada, para quando eu deixasse a irmandade.

— Não diga bobagens — censurei. — Essa história não é uma história. É uma estupidez.

Seu olhar se perdeu no vazio.

— “Não é este o carpinteiro,” — começou a recitar — “filho de Maria, irmão de Jacob, de José, de Judas e de Simão? E não estão aqui entre nós suas irmãs?”

— Sim, claro — assenti desgostosa. — Mateus 13, 55. Sei bem disso.

O Novo Testamento não tinha segredos para mim. Não fora em vão que eu havia dedicado boa parte de minha vida a estudá-lo enquanto freira e paleógrafa.

— “Falava ainda Jesus à multidão” — voltou a dizer — “quando sua mãe e seus irmãos chegaram do lado de fora, querendo falar com ele. Alguém lhe disse: ‘Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo’.” Evangelho de Mateus, capítulo 12, versículos 46 e 47.

— Está bem, Kaspar! — exclamei, incomodada. — A Igreja afirma que esses irmãos eram, na realidade, primos de Jesus ou filhos de um primeiro casamento de José.

— E você disse que os Simonson não querem levar a público os resultados da investigação? — inquiriu o ex-Catão, sem me dar nenhuma atenção.

— Não, não querem levá-los a público — confirmou Farag. — Becky Simonson foi muito clara a respeito disso. Disse que era uma investigação privada e que jamais se tornaria pública, pois não buscavam reconhecimento nem projeção pessoal. Inclusive, para obrigar o nosso silêncio, querem que, antes de começarmos e de nos contarem o resto do que sabem, assinemos um contrato com uma cláusula de confidencialidade. Eles me pareceram um pouco preocupados caso pretendêssemos utilizar a história em prol de nossas carreiras acadêmicas.

— E por isso — acrescentei, sarcástica — ofereceram-se para nos pagar a quantia de dinheiro que quiséssemos, sem limites, por mais astronômica que fosse.

— Que estranho... — murmurou o ex-Catão.

— Muito — assenti. — Não gostei nem um pouco. Deixei bem claro para Farag que devíamos recusar a oferta, mas ele não me ouviu.

— Eles nos dariam o *Lignum Crucis* — justificou-se o meu marido, dando de ombros.

— E não podemos deixar essa relíquia em suas mãos — declarou Kaspar, franzindo o cenho com decisão.

— Pois é melhor se acostumar à ideia de que, no fim das contas, você terá que roubá-la, porque não vamos dar a eles

o que estão pedindo, obviamente — garanti.

— Eu acho que seria uma busca encantadora — observou Farag, fingindo não ter ouvido o meu comentário.

— Sim, eu também — concordou Kaspar, também me ignorando.

— Alto lá! — exclamei, furiosa. — O que deu em vocês?

Era evidente que, para o ex-Catão, a existência hipotética de ossuários judeus que supostamente continham os restos de Jesus de Nazaré, de seus pais e de seus irmãos e irmãs não implicava nenhum problema de fé ou consciência. Parecia não dar nenhuma importância a isso, visto que estava em jogo uma importantíssima lasca da Vera Cruz. Sem dúvida, Farag tinha razão quando dizia que eu não conhecia Kaspar muito bem.

— E ainda que não pudéssemos tornar nada público a respeito dos ossuários — continuou a falar o tolo do meu marido —, não há dúvida de que certos aspectos de uma investigação tão grande abririam novas linhas de trabalho para nós.

— Além disso, com este último *Lignum Crucis*, fecharíamos para sempre a ferida aberta na história da irmandade — aprovou o ex-Catão —, e poderíamos dizer

que cumprimos, enfim, a nossa sagrada missão de recuperar o que perdemos.

— Ei! — vociferei, já totalmente exasperada, sem lembrar que havia uma criança pequena dormindo na casa.

— Ninguém está me escutando ou é impressão?

— Vamos votar — propôs o meu marido.

— Votar...? — surpreendi-me. — Desde quando votamos em vez de buscarmos consenso?

Levantando o braço como alunos de escola, Farag e Kaspar olharam para mim, divertindo-se.

— Desde que somos um número ímpar — respondeu o meu marido com total desfaçatez. — Dois a um. Investigação aceita.

Capítulo 6

Não sabíamos como os Simonson entrariam em contato naquela segunda-feira, então cada um seguiu com a sua rotina e nossos convidados saíram de casa com a intenção de visitar o parque de diversões Canada's Wonderland. Quando o ex-Catão recebeu o nosso aviso, calhou de Kaspar e Linus estarem em Orlando, na Flórida, curtindo a Disney World, já que, por mais estranho que possa parecer, com seus quase cinco anos de idade, Linus não conhecia Mickey Mouse nem a Branca de Neve, muito menos o *Rei Leão* ou + *Frozen*. É o que acontece com quem tem pais um tanto estranhos e vive no interior de um colossal sistema de cavernas no subsolo de um país situado no Chifre da África. Mas, enfim, o garoto parecia estar superando bem, com muita disposição e imensa curiosidade.

Tanto Kaspar quanto Linus haviam mudado de sobrenome, e Kaspar tinha uma nova identidade dinamarquesa. Não que isso fosse servir para finalmente livrá-lo de Gottfried Spitteler e seus capangas, mas, por enquanto, ajudava-o a se mover com rapidez pelo mundo

sem ser detectado. Kaspar, segundo seu passaporte europeu novinho em folha, chamava-se Kaspar Jensen, e Linus, seu filho, era, portanto, Linus Jensen. O sobrenome Jensen era tão comum na Dinamarca, e a pinta de viking de Kaspar e Linus tão explícita, que não teriam problemas (ao menos por algum tempo) para passar despercebidos. Dispunham também de outros passaportes com outros nomes, todos perfeitamente legais, pois, quando a irmandade fazia as coisas, jamais as fazia pela metade. Kaspar era, para efeitos legais, um honrado cidadão dinamarquês que constava de todos os computadores oficiais da Dinamarca, com uma vida impoluta e absolutamente comprovável.

Além disso, havia algo importante naquela mudança que ninguém parecia ter percebido: Gottfried Spitteler estava procurando Kaspar Glauser-Röist, o Catão, e não Kaspar Jensen, pai de um filho pequeno. Ninguém sabia da existência de Linus, e sua presença ao lado de Kaspar era a maior garantia para que não fossem descobertos.

Às quatro e meia da tarde, bateram na porta de casa. Um chinês esquisito com dois metros de altura, vestindo terno e gravata pretos e segurando um chapéu de abas também preto, entregou-nos um convite para jantar na casa dos Simonson com o meu nome, o de Farag e,

surpreendentemente, também o de Kaspar, que aparecia no papel com seu verdadeiro sobrenome, Glauser-Röist. Sabiam que estava conosco, portanto estavam nos espionando. Entre Isabella e os Simonson, minha intimidade se diluía a nada a passos largos. Não estava claro para mim se aquilo seria reprovável, mas fiquei com um péssimo humor.

O chinês gigantesco garantiu que esperaria sem problemas até que estivéssemos prontos, e retornou tranquilamente ao luxuoso Lincoln preto com vidros tingidos que estava estacionado em frente à nossa casa e se trancou lá dentro. Ficou claro que os Simonson, embora levassem uma vida cosmopolita e internacional, tinham casa própria em Toronto, já que, no fim das contas, aquela era a sua cidade.

Nós nos embelezamos tanto quanto era necessário para um jantar elegante em uma residência de prestígio (embora alguns tenham se fantasiado, colocando uma gravata borboleta no pescoço) e, antes de sair, pedimos encarecidamente a Isabella que cuidasse de Linus, que nos olhava com seus olhos cinza no limite entre o esgotamento físico e a felicidade: havia brincado com Charlie Brown e Snoopy, lutado contra monstros marinhos em um barco pirata, visto dinossauros e comido pizza. A vida, portanto,

não poderia ser melhor. Seu pai lhe deu jantar e banho e o vestiu com um pijama antes de sairmos, de modo que estava pronto para deitar após assistir a um pouco de televisão com Isabella.

Os Simonson, como não poderia ser diferente, viviam no exclusivo e caríssimo bairro de Lawrence Park, no coração de Toronto. Sob o sol radiante da tarde, percorremos a Yonge Street, avançamos pela imensa Mount Pleasant Road e dobramos à direita na Blythwood Road, passando entre os altos muros de vegetação que ocultavam as luxuosas residências de milhões e milhões de dólares canadenses. Finalmente, assim que passamos pela Stratford Crescent, o Lincoln pegou uma estradinha à direita e subiu uma ladeira acentuada até parar em frente a grandes e sólidas portas automáticas que impediam que víssemos pela janela do carro o que estava atrás, em cima, embaixo, à esquerda ou à direita. Ou seja, não permitia que se visse nada. O motorista, que estava separado de nós por um biombo de vidro, apertou o botão de um controle remoto e as portas começaram a se abrir suavemente. Assim, revelou-se para nós um bosque cerrado de enormes abetos, cedros e altíssimos pinheiros. Um caminho asfaltado, decorado de ambos os lados com antigos postes com lâmpadas de cerâmica, ferro e vidro,

cortava o bosque e adentrava a enorme propriedade, arrancando-nos da realidade da moderna cidade de Toronto do século XXI para nos levar ao belo parque parisiense do Bois de Boulogne do século XIX.

Para a nossa surpresa, no final daquele percurso agreste, esperava-nos uma extraordinária residência de dois andares em estilo francês, com fontes ao estilo de Versalhes diante da entrada, balcão corrido e telhado escuro. O Lincoln parou diante da elegante porta de madeira trabalhada com cristais bisotados, e nosso motorista oriental, com movimentos sinuosos e ágeis como os de um tigre, abriu a porta para que saíssemos. Com certeza aquele motorista era especialista em artes marciais e provavelmente também atuava como guarda-costas da família.

Um empregado vestido de preto abriu as duas folhas de porta rapidamente e nos deu as boas-vindas, e o mordomo principal, também de terno preto, conduziu-nos através de alguns corredores decorados com flores e mobiliados com poltronas e veladores até a sala onde os Simonson nos esperavam. Dizer que aquela mansão era fabulosa não faria jus à realidade: ela irradiava grandeza e bom gosto em cada almofada, cortina, móvel e luminária, em cada pintura, em cada jarro, tapete ou escultura. Era de uma beleza muito

mais notável e aristocrática que a de qualquer palácio que eu tinha visitado em minha vida. A casa exalava poder e, sobretudo, consciência desse poder.

— Quero uma casa dessas — sussurrei a Farag.

— Amanhã — ele me garantiu, colocando a mão no coração.

Quando entramos na sala, iluminada por grandes vitrôs que davam para uma galeria exterior e aquecida pelo fogo de uma lareira, os Simonson se levantaram para nos cumprimentar. O velho Jake, de jaqueta e gravata em tons de bege, e a elegante Becky, que naquele dia estava totalmente vestida de branco e usava mais joias de ouro do que seria possível contar, não conseguiam desviar o olhar de Kaspar sequer enquanto davam as boas-vindas a mim e a Farag. Não é que tenham sido grosseiros em algum momento, não mesmo, mas suponho que ter a sua frente nada mais nada menos que o próprio Catão (ou o próprio ex-Catão) era algo que, mesmo para pessoas como aquelas, acostumadas a lidar com chefes de governo, monarcas ou papas, as oprimia de alguma maneira. Ambos apertaram a sua mão, mas tive a impressão de que Jake inclinou ligeiramente a cabeça e que Becky sentiu o impulso de fazer uma genuflexão.

Estávamos nos sentando naqueles amplos e confortáveis sofás de veludo verde quando, não se sabe de onde, apareceu outro criado com uma bandeja de prata nas mãos nos oferecendo champanhe. Jake Simonson esperou que todos estivessem com sua taça na mão para erguer a sua em um brinde.

— Aos senhores — disse, com um amplo sorriso — e ao seu sucesso.

Eu não sabia onde apoiar a taça, e vi que Becky deixara a sua diretamente sobre a mesa de café, uma mesa sobre a qual eu poderia me deitar bem esparramada e ainda sobraria espaço para cima e para baixo. Não parecia preocupada em manchar ou estragar a madeira delicada, por isso fiz o mesmo. Na verdade, todos fizemos.

— Está gostando de sua viagem pelos Estados Unidos e Canadá, sr. Glauser-Röist? — ela perguntou a Kaspar amavelmente.

— Sim, muito — respondeu a Rocha com uma seriedade que parecia indicar o contrário.

— E o seu filho? — acrescentou Jake, dizendo isso como se não fosse nada. — Linus está gostando da vida fora do Paraíso Terreno?

— Sim, nós dois estamos aproveitando muito, obrigado.

— Talvez os senhores não saibam que Kaspar já não é o Catão da irmandade dos staurofílakes — disparou meu marido de supetão.

— Bem — respondeu Becky, levando a mão ao grande colar de contas de ouro que descansava sobre o seu decote —, já suspeitávamos. Sua presença aqui é uma boa prova de que já não comanda o destino da irmandade. Mas um Catão é como um papa: jamais deixa de ser Catão, ainda que renuncie ao cargo. Agora mesmo, a Igreja católica tem dois papas, Bento e Francisco, e muito em breve a irmandade terá dois catões. Os tempos mudam e é preciso se adaptar. O único que se salva é o dalai-lama, que não pode entregar o cargo à sua próxima reencarnação.

Apesar de todos termos sorrido, a situação não ficou nem um pouco menos tensa.

— Vocês gostariam de resolver os assuntos que temos pendentes? — inquiriu o velho Jake, olhando para Kaspar. — O que o senhor diz, sr. Glauser-Röist?

— Se estiver tudo bem para Ottavia e Farag — respondeu —, eu preferiria ver a relíquia da Vera Cruz o quanto antes.

Os Simonson se mostraram absolutamente satisfeitos, como se estivessem esperando esse pedido com impaciência. Jake se levantou de repente com surpreendente agilidade e

se dirigiu à cristaleira de mogno que estava à sua direita, ao lado da lareira acesa. Antes que ele a abrisse eu vi, através das portas de cristal, o relicário do século XIII sobre uma das prateleiras, completamente à mostra em meio a outros objetos decorativos de prata e, por isso mesmo, passando totalmente despercebido. Será que aquela antiga cristaleira era o compartimento de alta segurança em que a relíquia ficaria a salvo dos staurofílakes para toda a eternidade? Apertei os lábios, contendo a risada. Bem, era óbvio que não, mas achei a ideia engraçada. A lasca não aguentaria nem dois segundos ali se a irmandade quisesse se apoderar dela.

Jake pegou o relicário e parou de repente, como se tivesse sido atingido por um raio. Ele o abriu depressa e colocou ali dentro os dedos artríticos como se estivesse procurando algo. Eu não conseguia acreditar no que estava vendo, e a incredulidade me paralisava. Becky soltou uma exclamação de apreensão.

— Jake, Jake! — ela chamou o marido que, em vez de responder, virou-se para nós. — O que houve, Jake?

Mas Jake havia ficado completamente mudo, duro feito uma estátua, segurando com descuido o relicário nas mãos enquanto contemplava Kaspar sem piscar.

— Mandem o Geoffrey entrar — ordenou o ex-Catão muito devagar, com uma voz que me assustou. Voltei a olhar para ele e não o reconheci. Aquele não era Kaspar. Era o Catão dos staurofílakes.

— Geoffrey...? — surpreendeu-se a angustiada Becky. — O mordomo?

— Geoffrey — murmurou o velho Jake, saindo de seu estupor. — Geoffrey! Não, não, não... Não pode ser.

Naquele mesmo momento, a porta da sala se abriu e, como se estivesse escutando tudo, o mordomo que havia nos acompanhado até ali entrou com passos decididos e se dirigiu para Kaspar. Ficou parado na frente dele e, estendendo o braço, abriu a mão coberta por uma luva branca.

— Aqui está, Catão — disse, entregando a ele a lasca. Então se virou para os Simonson. — Se não desejam mais nada, eu gostaria de partir. Deixei minha demissão com Jane, a governanta.

Kaspar olhou para ele, satisfeito.

— Vá em paz, Geoffrey — disse a ele, segurando a relíquia com reverência.

— Fique em paz o senhor também, Catão.

— Eu já não sou o seu Catão e você sabe disso.

Geoffrey sorriu.

— Como muito bem observou a sra. Simonson — respondeu antes de deixar a sala —, um Catão jamais deixa de ser Catão, mesmo que renuncie ao cargo.

Com os Simonson transformados em estátuas de sal e com Farag e eu com os corações literalmente parados, escutamos os passos do mordomo se afastando com total clareza, bem como o clique suave da porta ao fechar.

Só as chamas da lareira se moviam. Busquei o olhar de Farag, e ele o meu. Estávamos tão surpresos quanto os pobres multimilionários, que não reagiam nem conseguiam sair de seu aturdimento. Uma sobrancelha de meu marido se ergueu inquisitivamente, perguntando-se e perguntando-me o que acabara de acontecer ali. *Como se eu soubesse*, pensei. Na melhor das hipóteses, o que acabara de acontecer era que, mais uma vez, a irmandade demonstrara seus extraordinários poderes mágicos; na pior, a irmandade havia adentrado a residência da todo-poderosa família Simonson e roubado o casal.

Becky havia ficado muito impactada, por isso custou um pouco mais para voltar do inferno. Jake, ainda com o relicário nas mãos, deu um passo à frente e retornou pouco a

pouco, muito devagar, ao seu lugar no sofá junto de sua mulher.

— Geoffrey... — murmurou inseguro ao sentar. — Trabalhava nessa casa havia mais de vinte anos.

— Eu sei — assentiu Kaspar.

— Tinha a nossa total confiança — continuou falando o aturdido centenário.

— Também sei disso — voltou a assentir o ex-Catão.

— Toda a nossa equipe passa por provas de seleção muito rigorosas e é investigada a cada dois anos — concluiu Jake, jogando o relicário vazio descuidadamente sobre a mesa. O barulho da pancada me reavivou.

— Geoffrey é um staurofílix, não é? — perguntei feito boba à Rocha.

— Ah, sim! — ele riu, voltando a ser Kaspar outra vez. — Nasceu no Paraíso Terreno.

— Mas não tinha escarificações no corpo! — explodiu Jake, profundamente irritado. — Passou por exames médicos completos!

— Bem — respondeu Kaspar com tranquilidade. — Meu filho Linus também não tem. Aqueles que nascem lá são incumbidos de missões para as quais é imprescindível não ter marcas e só recebem suas escarificações ao retornar.

Becky, que ainda não havia dito uma palavra, suspirou.

— Catão, por favor — implorou à Rocha —, diga a Geoffrey que não vá embora. Gostamos muito dele, e o seu trabalho é insuperável. Será difícil encontrar outro mordomo tão bom quanto ele.

Kaspar balançou a cabeça com pesar.

— Em primeiro lugar, Becky, já não sou o Catão. E, em segundo, Geoffrey não é o seu mordomo. É um staurofílax que deseja voltar para casa depois de tanto tempo fora. Você precisa entender.

— Mentiu para nós durante vinte anos! — rugiu o velho Jake, cujas veias do pescoço e da testa estavam a ponto de explodir. — Um staurofílax! Em nossa própria casa! Nos espionando!

— Os senhores estiveram nos espionando desde muito antes de enviarmos Geoffrey.

Jake Simonson olhou para ele surpreso e pareceu recobrar um pouco de sua sensatez. O que Kaspar havia dito era verdade, ele mesmo havia nos confessado na noite de sexta-feira em nossa casa, e, visto que havia espionado primeiro, não tinha nenhum direito de se irritar daquela maneira. Além disso, na realidade, sequer haviam roubado sua relíquia.

— Há outros? — perguntou encarando Kaspar, ainda que mais sereno. — Há outros staurofílakes entre a minha equipe, aqui ou em qualquer outro lugar?

A Rocha sorriu de leve.

— Sério, Jake, você acha que vou responder essa pergunta? Nem em um milhão de anos!

Admirava-me a desfaçatez de Kaspar ao falar com os Simonson, sem tratá-los por senhor, como se os conhecesse de longa data. Não lhe haviam dado permissão para que os chamasse assim, mas parecia que lhe outorgavam uma autoridade maior que a sua, apesar de terem muito mais idade que ele e serem muito mais ricos e famosos. Talvez fosse um velho costume alienígena.

Farag e eu nos transformamos em convidados de pedra. Estávamos tão perplexos quanto os Simonson, mas fazíamos parte do grupo vencedor e preferíamos ver como o nosso líder continuaria a golpear o inimigo sem dar trégua. Bom, ao menos eu preferia; havia alguém que não.

— Acho que deveríamos todos nos acalmar — propôs Farag, levantando a voz. — O que aconteceu aqui só demonstra boa-fé por parte da irmandade, sr. Simonson. A relíquia não saiu de sua casa. E não acho que alguém tenha a intenção de roubá-la. Como o senhor viu, se a irmandade

assim desejasse, poderia ter escapado com ela sem nenhum problema, mas não foi o que aconteceu — disse, apontando para a mão da Rocha —, e acredito que haja uma boa explicação para tudo isso, não é, Kaspar?

Esse “não é, Kaspar?” de Farag continha uma advertência que eu conhecia muito bem: ou Kaspar começava a falar naquele mesmo momento feito uma matraca, ou as consequências seriam imprevisíveis. Meu marido é o tipo de pessoa que aguenta tudo em silêncio, mas, quando explode, o faz da pior maneira possível. E Kaspar sabia disso tão bem quanto eu.

— Gostaria que você entendesse, Jake — começou a explicar o ex-Catão —, que, conosco, não conseguirá obter o que deseja à sua maneira. O modo de conseguir a nossa ajuda é outro. Precisa de nós para encontrar esses ossuários de que Ottavia e Farag me falaram? Muito bem, então peça ajuda, mas peça de forma adequada e não tente comprá-la.

Dito isso, ele se levantou e, contornando a mesa, aproximou-se do relicário, pegou-o e colocou ali dentro com todo o cuidado a lasca da Vera Cruz. Então o fechou e entregou ao velho Jake.

— O senhor sabe que não há nada no mundo que possamos desejar com mais vontade — continuou a dizer

Kaspar —, mas não use como moeda algo que veneramos há mil e setecentos anos. Peça a nossa ajuda e a terá. Entregue-nos ou não esse *Lignum Crucis*, como preferir, mas de modo algum o use como suborno.

Jake estava tentando ingerir aquela dose de bile que Kaspar havia colocado em sua boca e, portanto, foi Becky quem falou pelos dois:

— O *Lignum Crucis* é seu, Catão — declarou de forma retumbante, arrancando o relicário das mãos inertes do marido e colocando-a nas mãos de Kaspar outra vez.

— Obrigado. Vocês fariam o favor de chamar Jeremy?

— Jeremy? — balbuciou Jake. — O... motorista?

— O motorista chinês? — repeti, sem conseguir acreditar no que estava acontecendo.

— Sim, o motorista chinês. Chamem-no.

Mas Becky já havia se levantado e estava apertando um pequeno botão ao lado da lareira. Imediatamente, outro dos criados que haviam nos atendido quando chegamos entrou pela porta.

— Por favor — disse Becky —, digam para Jeremy vir imediatamente.

— Ele também é staurofílax, não é? — quis saber, desolado, o velho Jake.

— De fato — confirmou Kaspar com outro sorriso ligeiro. O motorista de dois metros de altura com pinta de especialista em artes marciais que havia nos levado até lá? Sério, aquilo já era demais para mim.

Jeremy apareceu logo em seguida, como se também estivesse esperando para ser chamado. Kaspar e ele trocaram um olhar de reconhecimento e Jeremy se aproximou.

— Leve este *Lignum Crucis* para casa — disse Kaspar, entregando a ele o relicário. — Cuide dele.

— Não se preocupe, Catão — respondeu o gigante chinês ao pegar o objeto com suas grandes mãos em um extraordinário gesto de respeito. — Chegará em perfeito estado. Senhores Simonson, obrigado por tudo — disse a eles, despedindo-se com uma grande reverência. — E muito obrigado também por esta sagrada relíquia.

Se eu fosse Jake Simonson, teria batido a cabeça repetidamente na parede naquele mesmo momento. De fato, o velho parecia disposto a fazer isso. Becky, pelo contrário, estava admirada.

— Cuide-se, Jeremy — disse a ele com afeto. — Obrigada pelo ótimo serviço que nos prestou.

O gigante saiu porta afora envolvido pelo silêncio da sala, da mesma forma que Geoffrey havia saído. Dois

staurofílakes infiltrados na casa dos Simonson em Toronto! E vai saber quantos outros poderia haver. Eu teria soltado diversas gargalhadas se não estivéssemos em meio a uma situação tão pesada.

— Bom, já chega — deu por resolvido o ex-Catão. — Mais uma vez, obrigado.

— Ainda precisamos pedir sua ajuda — murmurou Jake, abatido.

Ele acabara de se dar conta disso. Senti um pouco de pena. Além de filantropo, mecenas das artes e fundador de museus e universidades ao redor do mundo todo, Jake era um poderoso empresário do petróleo e da energia. Aquela humildade após uma vida inteira mandando e desmandando na alta sociedade devia ser difícil para ele.

— Está bem, mas antes vocês precisam saber que não vamos assinar nenhuma cláusula de confidencialidade nem, a propósito, nenhum contrato de nenhum tipo. Agora que estabelecemos uma relação de confiança, vamos trabalhar sem papéis.

— É claro, Catão — aceitou Becky decidida, enquanto Jake engolia mais uma dose de orgulho diluído em solução ácida. — Desculpe a nossa desconfiança. Estamos

acostumados a erguer paredes ao nosso redor, não a derrubá-las.

Ela apoiou as duas mãos no sofá e, com um gesto elegantíssimo que memorizei para imitar, levantou-se alisando seu formoso vestido branco.

— Por favor, acompanhem-nos, temos muito o que mostrar. Jake, vamos.

Os dois idosos encabeçaram o grupo e saímos todos da sala por uma porta diferente daquela por onde havíamos entrado. Uma figura imóvel e silenciosa, vestindo um uniforme inevitavelmente preto, esperava-nos apoiada na parede.

— Avise Abby, por favor — pediu Becky ao criado. — Diga para ela ir à biblioteca pequena.

Como se aquilo fosse a senha para mobilizar um exército, o homem que havia recebido a solicitação fez um leve gesto com a mão e outro empregado, que até aquele momento estivera fora de nosso alcance visual, surgiu do nada e se afastou por um segundo corredor disposto a cumprir a ordem, enquanto outro saiu também de fosse lá onde estivesse para capitanear o nosso grupo e abrir a porta seguinte, dando início a uma espécie de corrida de revezamento perfeitamente sincronizada em que criados

apareciam e desapareciam por toda parte para abrir e fechar portas. Atravessamos uma sala imensa, um salão de dança e diversos corredores, descemos por uma ampla escada, cruzamos uma espécie de átrio coberto por uma cúpula envidraçada que permitia a entrada de um feixe torrencial de luz vinda do exterior e caminhamos junto a uma ampla parede totalmente lisa de onde provinha um suave ruído de motor de piscina. Finalmente, deixando para trás uma sala de projeção cinematográfica e uma academia, o último criado da corrida de revezamento abriu passagem para que adentrássemos uma biblioteca que, de fato e para a nossa surpresa, era pequena; quer dizer, pequena em comparação às dimensões gerais daquela casa, ainda que imensa em relação a uma casa normal.

Meu coração bateu com força ao ver não apenas uma formidável quantidade de livros antigos e códices, mas também a bela arquitetura da própria biblioteca, certamente do final do século XIX. Metros e metros de estantes feitas com painéis de mogno cobriam as paredes, e não restava um espaço sem livros. Devido ao material, à cor e ao tamanho de algumas encadernações, poderia jurar que muitos daqueles volumes tinham, inclusive, mais de mil anos, de modo que deviam ser manuscritos medievais cujo valor artístico e

cultural era inestimável, para não falar em seu valor econômico. Todos os móveis daquela impressionante biblioteca (“a pequena”, como havia definido Becky Simonson) eram feitos da mesma madeira avermelhada e ostentavam a mesma vistosa e exuberante decoração de marchetaria floral. De um lado, sob uma das janelas elevadas, havia duas poltronas forradas com veludo preto desgastado, mesmo caso das cadeiras próximas às escrivaninhas e mesinhas (duas de cada), e, no centro, uma mesa de biblioteca colossal tinha nos pés, entalhados em nácar e latão, um desenho do mundo. Além disso, em cada canto destacava-se um globo terrestre sobre uma peanha elevada, também feita de mogno.

Eu, que amava bibliotecas tanto quanto ou mais que Farag (modo de dizer), fui cativada de imediato por aquela maravilha para o resto de minha vida. Sabia que era um amor impossível, que nunca seria minha, mas pouco importou. Entreguei a ela minha eterna devoção e o meu coração para sempre. Inalei o ar lenta e profundamente para que o cheiro de livros antigos, papel velho, madeira, tecido, couro e velino inundasse todos os cantos de meu corpo e me impregnasse feito um óleo sagrado. Nunca, nunca, jamais o meu *tablet* poderia me proporcionar, sequer de modo fugaz,

um momento tão intenso quanto aquele (por mais prático que fosse para a leitura, o que, com certeza, ele era). Mas o meu êxtase sensorial e emocional durou pouco:

— Doutora — chamou-me o velho Jake, acho que de propósito —, lembra o que eu disse na noite de sexta-feira antes de sair de sua casa?

O quê? Do que aquele estranho estava falando e o que queria de mim naquele momento de comunhão espiritual com os livros e a beleza?

— Acho — respondeu Farag, vendo que eu continuava aturdida — que o senhor mencionou algum texto evangélico.

— Exatamente — murmurou Jack, satisfeito. — Mateus 9, 29 a 30: “Então, lhes tocou os olhos, dizendo: ‘Seja-vos feito conforme a vossa fé’. E os olhos deles foram abertos”. Lembra, dra. Salina?

Que mania, pelo amor de Deus! Aquele homem não podia me deixar em paz em meu êxtase?

— Lembro-me perfeitamente, sr. Simonson.

— Bem, então prepare-se para abrir os olhos.

Ele foi até uma das extremidades da grande mesa central (aquela que tinha o mundo entalhado em nácar e latão), e só então me dei conta de que, sobre ela, estavam dois panos de seda cinza ocultando... bem, seja lá o que fosse que

ocultavam. Jake tirou o pano do primeiro objeto da esquerda e destapou um vidro espesso que cobria, sobre um atril, dois retângulos verticais de papel escuro cobertos de caligrafia árabe.

Farag se aproximou rapidamente, e Kaspar e eu o seguimos a certa distância.

— O que é isso? — perguntou meu marido, curioso.

— Não consegue ler o texto, diretor Boswell? — estranhou Jake.

— Claro que sim — declarou Farag, inclinando-se mais sobre o documento protegido pelo vidro e ajustando os óculos redondos. — Este texto é do século XII ou XIII. A caligrafia é *nasjí* comum (a que se usa para escrever, não para adornar), muito fluida e rápida, elegante. Parece uma carta.

— É uma carta — confirmou Becky, satisfeita. — É a carta que o famoso historiador e cronista Ibn al-Athir^[1] escreveu ao seu irmão mais novo Diya ad-Din em 1192, quando estava no exército do sultão Saladino.

— Becky! — reprimiu-a Jake. — Espere Abby chegar!

— Já estou aqui, vô.

Uma mulher loira e alta, com aproximadamente trinta e cinco anos, vestindo calças jeans simples e uma blusa

branca, havia entrando na biblioteca pequena sem que percebêssemos. Ainda estava fechando a porta e a sua presença, com mais estilo e glamour do que caberia em cinquenta revistas de moda e decoração juntas, havia preenchido todo o ambiente. Supus, de modo instintivo, que havia sido educada por babás inglesas e francesas até ser enviada a algum internato europeu exclusivo para garotas da aristocracia ou de famílias poderosas, provavelmente na Suíça. Só assim poderia se explicar aquela magreza perfeita, aquele modo de andar perfeito, aquele porte e aprumo perfeitos e aquela elegância natural perfeita. Nada como nascer na família adequada para ser perfeito (e, portanto, esse não era o meu caso, visto que minha família era um desastre). Contudo, a malvada genética, em um detalhe ruim, colocou um ponto destruidor em tanta perfeição: Abby Simonson era muito feia e, por mais bem maquiada que estivesse, não podia disfarçar os olhos diminutos, os dentes quadrados, o enorme nariz aquilino e aquela ausência de lábios que só deixava ver uma fina linha de carmim onde deveria estar a boca.

Abby se inclinou para beijar os avós e então, conforme íamos sendo apresentados, apertava a mão de cada um de nós com um gesto perfeito. Bem, na realidade, por eu

também ser mulher, ela tentou me beijar no estilo europeu, mas recuei depressa, obrigando-a a abortar a iniciativa. Não beijo ninguém que não conheça pelo menos a alguns meses, e mesmo então preciso pensar. Ela lançou um olhar estranho para Kaspar, de acentuada curiosidade. Via-se que sabia quem ele era.

Becky, com uma expressão de orgulho, pegou no braço de sua altíssima descendente a quem, para o azar da descendente, não havia transmitido nada de sua beleza.

— Essa é nossa neta Abby, filha de Dan, nosso filho caçula — explicou-nos com um grande sorriso de felicidade. — Temos três filhos homens e sete netos, dos quais Abby é a única menina.

Abby sorriu com resignação diante do comentário de sua avó e, pela careta em seu rosto, deduzi que devia ter escutado isso milhões de vezes.

— Mas você tem seis bisnetas! — resmungou Jake.

— Não é a mesma coisa — objetou Becky. — Abby e eu fomos as únicas mulheres dessa família durante muitíssimo tempo.

— Abby, por favor — cortou o avô, indo direto ao ponto —, apresente-se logo ou não acabaremos nunca. Por sinal, querida, demos a relíquia da Vera Cruz de presente ao Catão

Glauser-Röist e fomos muito surpreendidos ao descobrir que tanto Geoffrey como Jeremy eram staurofílakes.

O rosto feio de Abby se solidificou no maior semblante de surpresa que devia ter mostrado em toda a sua refinada vida. Ela olhou alternadamente para o avô e a avó, que assentiram ligeiramente com a cabeça e, após refletir um pouco, optou, enfim, por não dizer nada. Virou-se para a grande mesa e viu que já haviam nos mostrado a carta do historiador árabe de nome impossível de lembrar, de modo que, encarando-nos novamente, lançou um olhar inquisitivo com os pequenos olhos azuis e perguntou:

— Lembram-se do conteúdo da carta do patriarca Dositheos I a Nicetas II, patriarca de Constantinopla?

Bem até demais!, pensei, recuperando minha velha apreensão.

— Claro que lembramos — declarou Kaspar, que nem vira as fotografias. — Dositheos era staurofílax e enviou uma cópia da carta para a irmandade.

Capítulo 7

Se os três Simonson empalideceram a uma só vez, eu empalideci por todos eles só de pensar nas implicações do que Kaspar acabara de dizer. Em primeiro lugar, não entendia por que na noite anterior, em nossa casa, ao escutar a história, ele não havia mencionado seus infiltrados na mansão, nem por que havia calado a respeito de Dositheos e sua referida carta. Fizera-nos acreditar que não sabia nada sobre os malditos ossuários quando, muito provavelmente, sabia mais que os próprios Simonson. Agora, em vez de uma história, tínhamos duas, e aquela patranha estava crescendo feito uma bola de neve descendo montanha abaixo. Eu precisava rezar, precisava sair daquela casa para poder refletir a sós e falar com Farag sem a presença de estranhos. Kaspar, para mim, havia deixado de ser puro trigo, e custaria muito para que se redimisse enquanto amigo. Já não era Kaspar nem a Rocha. Era apenas Catão (ou ex-Catão) e, com grande tristeza de minha parte, concluí que precisaria começar a me acostumar com a sua transformação, por mais dolorosa que fosse. Além disso,

algo muito estranho estava acontecendo ali, e eu não gostava nem um pouco daquilo. Aproximei-me um pouco de Farag em busca de consolo, e ele passou o braço em volta dos meus ombros, transmitindo-me com esse gesto o quão preocupado e desconcertado estava. Ao menos aquele contato estabelecia a comunicação entre nós, e isso me acalmou bastante.

— Vocês primeiro — Kaspar convidou os Simonson em meio ao profundo silêncio que caíra sobre a biblioteca pequena. — Quando terminarem, contarei tudo o que sabemos.

Mas, como era de esperar, os Simonson não estavam em condições de dizer absolutamente nada, transformados por um passe de mágica em dramáticas estátuas de sal.

— Muito bem — continuou o Catão, um tanto impaciente —, posso começar, se vocês preferem.

Os três Simonson trocaram olhares, e quase fui capaz de ver as linhas de corrente elétrica crepitando entre suas cabeças. Então Jake assentiu.

— Vá em frente, Catão, por favor — murmurou.

— Obrigado — respondeu Kaspar, dando início à sua explicação. — Em janeiro de 1187, o patriarca ortodoxo de Jerusalém, Dositheos, enviou uma carta à irmandade

relatando o mesmo que havia explicado ao patriarca de Constantinopla sobre o descobrimento do antigo sepulcro judeu em Nazaré e os nove ossuários da Sagrada Família. Mas aqueles eram tempos agitados para nós: apenas um ano antes, em 1186, a irmandade havia sido cruelmente massacrada em Jerusalém e Constantinopla pelos exércitos cruzados, que nos consideravam excomungados e traidores por não termos tomado lados durante o Grande Cisma da Igreja. Naqueles momentos difíceis, pouco ou nada podia ser feito em relação a ossuários, que, como é evidente, o Catão da época considerou se tratarem de falsas relíquias.

Ele passou a palma da mão suavemente sobre a mesa, acariciando-a.

— Dositheos — continuou — voltou a escrever para a irmandade naquele mesmo ano, contando que havia chegado a Jerusalém um navio com instruções de Urbano III para que fossem destruídos os ossuários: em primeiro lugar, o papa estabelecia que todos os que sabiam ou chegaram a saber da existência do ossuário jurassem, diante do patriarca latino, manter silêncio para sempre; em segundo lugar, que os ossuários fossem destruídos imediata e pessoalmente pelos dois grão-mestres das ordens militares dos Templários e dos Hospitalários, Gerardo de Ridefort e Roger de Moulins, já

que a força do diabo podia ser muito grande naqueles objetos, e era evidente que não poderiam ser destruídos por qualquer um; e, em terceiro e último lugar, ordenava que Josias, arcebispo de Tiro, realizasse uma cerimônia de exorcismo do sepulcro para limpar o lugar de demônios. No entanto, apesar de tudo, a destruição não pôde ser levada a cabo por culpa de Saladino.

— O papel de Saladino nessa história — interrompeu-o Abby — nós deduzimos a partir do conteúdo da carta que lhes mostramos, aquela que al-Athir escreveu ao seu irmão mais novo em 1192. Vocês logo entenderão por quê.

— Eu gostaria de ler uma tradução dessa carta, se vocês tiverem — solicitou Kaspar.

— Claro — concordou Abby. — Mas antes termine a sua história, por favor.

Kaspar continuou a contar que, segundo Dositheos, ainda que o papa Urbano tivesse enviado suas ordens utilizando uma galera genovesa de velas pretas para que chegassem a Jerusalém o mais rápido possível, não houve tempo hábil para destruir os ossuários porque as coisas se complicaram. A questão foi que o rei de Jerusalém, Guy de Lusignan, que estava brigado com o príncipe da Galileia, Raimundo III de Trípoli, enviaria uma comitiva para fazer as pazes. Os grão-

mestres das ordens militares e o arcebispo de Tiro, que deviam cumprir as ordens papais, partiram, assim, para a Galileia com a comitiva, aproveitando a viagem. Mas, sem que pudessem suspeitar, o desastre pairava sobre eles. Na noite anterior à sua chegada a Nazaré, os grão-mestres foram informados de que um exército de Saladino passaria ao amanhecer pela região do mar da Galileia com a permissão expressa de Raimundo III de Trípoli, que havia assinado uma trégua com Saladino. Afrontados por aquela presença muçulmana na Terra Santa, passaram a noite reunindo as tropas cruzadas das guarnições nas redondezas e, no dia seguinte, 1^o de maio de 1187, em vez de destruírem os ossuários como era o seu dever, atacaram os sete mil ginetes de Saladino com apenas quinhentos soldados. A batalha (que, obviamente, durou pouco) acabou com a morte de todos os cristãos.

Em suma, os ossuários continuaram em Nazaré sob a proteção de Letardo, o arcebispo latino da cidade, enquanto as tropas cruzadas, compostas em sua maioria por Templários e Hospitalários, se recompunham de tão vergonhosa derrota. Na realidade, não conseguiram terminar de se recompor porque Saladino, a quem foi muito conveniente que os grão-mestres rompessem a trégua que

tinham com Raimundo, aproveitou para iniciar a tão desejada conquista da Terra Santa.

— E até aqui é aonde chegam — terminou Kaspar — as informações de que dispomos. Dois anos depois, em 1189, o patriarca Dositheos foi nomeado patriarca de Constantinopla e não voltou a escrever sobre os ossuários. Além disso, como eu disse, naqueles tempos estávamos bastante ocupados tentando sobreviver.

Abby, com muita tranquilidade, tirou o cabelo do rosto com um gesto perfeito e prendeu-o atrás das orelhas enquanto seus avós, que estiveram escutando Kaspar tão absortos quanto ela, cansados de ficarem em pé e percebendo que aquilo ia demorar, sentaram-se nas duas belas poltronas de veludo preto. Onde estavam os criados que deviam aproximar as cadeiras dos outros? Suspirei resignadamente e me dirigi até uma das escrivaninhas, a mais próxima, para pegar uma eu mesma e levá-la até onde estavam os velhos Simonson. Os outros, ao me verem, fizeram o mesmo, e acabamos sentando os seis lado a lado, formando um círculo sob uma das janelas altas por onde ainda entrava luz. Olhei para o meu relógio e me surpreendi ao descobrir que eram só seis e meia da tarde. Havia acontecido tantas coisas, e tão intensas, que minha

percepção do tempo havia se alterado por completo. Eu tinha a sensação de que estava na mansão dos Simonson há séculos.

— Vocês ainda conservam as cartas de Dositheos? — perguntou Farag a Kaspar, inclinando-se para a frente, muito interessado.

— Naturalmente — respondeu o ex-Catão. — Temos as duas cartas de Dositheos e algumas outras coisas.

— Eu sabia! — resmungou o velho Jake, cruzando os dedos retorcidos da mão com a habilidade e a facilidade que a prática traz.

— Se o senhor vai parar nesse ponto da história — disse Abby —, eu continuarei. Tudo bem por vocês?

Todos assentimos, e sua avó, que estava sentada ao seu lado, deu-lhe um tapinha carinhoso no braço para incentivá-la a começar.

— Como o senhor disse, Catão, os grão-mestres dos Templários e dos Hospitalários não só não cumpriram a missão de destruir os ossuários, como também romperam a trégua com Saladino, dando a ele a oportunidade de ouro pela qual esperava para empreender a *jihad* e se apoderar da Terra Santa — Abby (e como poderia ser diferente?) também tinha uma voz perfeita e, ainda por cima, combinava

sedutoramente as notas musicais de suas palavras. — Saladino avançou para o sul enquanto os exércitos cristãos se reuniam na cidade de Séforis e se preparavam para atacar.

— Conhecemos muito bem essa parte da história — declarou Kaspar.

— Conhecemos? — surpreendi-me e, de repente, me dei conta de que podia estar se referindo à irmandade, e não a nós.

— Você não lembra, Ottavia — insistiu. Ou seja, referia-se a nós.

— Do que eu deveria lembrar? — respondi, sem entender nada.

— Em quatro de julho de 1187 — explicou Kaspar —, os exércitos cristãos, com o rei Guy de Lusignan à frente, carregando a Vera Cruz que Godofredo de Bouillon nos havia roubado na conquista de Jerusalém em 1099, atacaram Saladino, e a batalha teve lugar em um desfiladeiro chamado Chifres de Hattin. Foi a conhecida batalha de Hattin, em que Saladino, o vencedor, apoderou-se da Madeira Santa, fazendo-a desaparecer para sempre.

— Ah, claro que me lembro! — exclamei.

Kaspar sorriu e fez que sim com a cabeça. A Vera Cruz, de fato, desapareceu para sempre após a batalha de Hattina,

ainda que, anos depois e sem que a cristandade ficasse sabendo, cinco dedicados staurofílakes conseguiram resgatá-la das mãos muçulmanas e escondê-la no Paraíso Terreno, onde continuava desde então.

Abby também assentiu, satisfeita.

— É verdade — ela disse. — Saladino se apoderou naquele dia da relíquia da Vera Cruz. O fato é que, uma vez vencida aquela primeira batalha, o resto da conquista da Terra Santa foi pouco mais que um passeio militar. Nos Chifres de Hattin, o sultão aiúbida capturou o rei Guy de Lusignan e outros grandes nobres do reino de Jerusalém. Conta-se que quando, em outubro daquele ano, o papa Urbano III ficou sabendo da perda da Vera Cruz, morreu de tristeza.

— Mas não foi só por isso — adiantou-se Kaspar.

— Não, não foi só por isso — concordou Abby. — É verdade que ele morreu em outubro de 1187, em Ferrara, embora não de tristeza, mas de um ataque do coração.

— Ataque que, cabe dizer, atingiu-o quando lhe contaram que a Vera Cruz havia sido perdida na batalha de Hattina — observou de novo o ex-Catão.

— Isso — admitiu ela com um sorriso. — Mas também lhe disseram outras coisas: que Saladino havia se apoderado

dos ossuários e que haviam perdido Jerusalém.

— Nossa, se você é o papa e tem um montão de anos — declarou Farag com grande sensibilidade —, é lógico que você morreria se largassem uma bomba dessas no seu colo.

Não era por acaso que era o amor de minha vida.

— Como Saladino se apoderou dos ossuários? — quis saber Kaspar, muito menos sentimental.

— O responsável pelo roubo — explicou-lhe Abby — foi um de seus emires, Muzafar al-Din Kukburi, que conquistou e saqueou Nazaré, a cidade de Jesus. Durante o saque, profanou todas as igrejas latinas e ortodoxas da cidade, torturou e matou todos os habitantes e só permitiu que ficassem vivos alguns poucos homens, que transformou em escravos. Curiosamente, o arcebispo Letardo conseguiu escapar, ninguém sabe como, e foi ele quem levou a Jerusalém a notícia e escreveu a crônica do ocorrido. Por isso sabemos que Kukburi “apoderou-se de todos os cálices” — recitou ela de cabeça —, “sacrários, roupas, copos, crucifixos e joias de ouro, prata e pedras preciosas que encontrou, bem como de todas as santas relíquias e das imundas obras do demônio que se achavam sob minha custódia”.

— Ou seja — concluí —, o tal Kubkuri se apoderou dos ossuários.

— Isso mesmo — assentiu Abby —, e é fácil perceber que alguém lhe contou dos ossuários e lhe passou todos os tipos de detalhe, visto que, mais tarde, Saladino sabia perfeitamente da importância que tinham. Suspeitamos que possa ter sido o próprio Letardo quem contou a ele, em troca de sua vida e liberdade, mas é apenas uma suspeita.

— Quer dizer que os ossuários caíram nas mãos de Saladino no mesmo ano em que ele se apoderou da Vera Cruz e conquistou Jerusalém — resumiu Farag. — Caramba, ele tinha obras muito poderosas para sujeitar os cristãos!

— Mas não os sujeitou — disse Kaspar com rudeza. — Ao menos a Vera Cruz não serviu de nada a Saladino.

— O senhor se engana, Catão — interveio Jake, satisfeito de poder, enfim, contradizer em algo aquela tão distinta autoridade religiosa. — Os ossuários lhe serviram, sim. Ah, se serviram!

O ex-Catão se surpreendeu e alçou a extremidade de sua sobrancelha esquerda. Olhei para ele, estranhando: eu não tinha ideia de que ele conseguisse fazer aquilo.

— Quando? — perguntou, curioso. — E como?

— Está tudo na carta de al-Athir — disse Abby, prendendo o cabelo outra vez atrás da orelha e fazendo com o queixo um gesto encantador para indicar o documento. Tive a impressão de que Kaspar olhava para ela de uma maneira... Mas não, não podia ser.

— Prossiga — convidou Farag. — Estou a fim de conhecer seu conteúdo.

— Está bem, então vamos retornar a 1187 — ela propôs. — Como bem apontou o Catão Glauser-Röist...

— Me chame de Kaspar, por favor.

— Obrigada — ela respondeu de maneira perfeita e, ainda por cima, acrescentou um sorriso lindo. — Então: como bem apontou Kaspar, o papa Urbano III morreu após ficar sabendo das terríveis notícias sobre a perda da Vera Cruz, dos ossuários e de Jerusalém. Naquele momento, já se encontrava na cidade de Tiro, o último reduto cristão da Terra Santa, Conrado de Monferrato, um aventureiro, carismático e brilhante que enfrentou Saladino com coragem e ganhou o amor e o respeito de todos os habitantes da cidade — ela ergueu os olhos em devaneio até a janela pela qual entrava uma réstia de luz, e eu soube naquele exato instante que estávamos diante de uma romântica de coração mole. — O problema é que, dois anos depois, em 1189, o fraco e ineficaz

rei de Jerusalém, Guy de Lusignan, comprou sua liberdade e retornou a Tiro para reclamar a coroa e a cidade.

Naquele ponto, aproveitando o instante que Abby parou para recuperar o fôlego, sua avó se levantou da poltrona e acendeu as luzes da biblioteca pequena. Todos piscamos, momentaneamente cegos pelo brilho intenso que brotava das lâmpadas no teto.

— Continue, querida — ela disse, voltando à poltrona.

Eram quase sete da noite e eu começava a sofrer os primeiros sintomas de hipoglicemia. Quando chegamos ao Canadá, tivemos que nos acostumar a jantar às cinco da tarde, e agora me serviriam um jantar com horário europeu!

Abby retomou o fio do relato no ponto em que o deixara antes de acenderem as luzes: o valente e heroico Conrado de Monferrato e o tolo Guy de Lusignan se digladiaram pelo pouco que restava do reino de Jerusalém, e passaram dois ou três anos fazendo isso até que chegou Ricardo Coração de Leão para a Terceira Cruzada. Ricardo, enquanto máxima autoridade de sangue real, apoiava a candidatura de Guy de Lusignan porque este era seu vassalo, mas percebeu que, por uma maioria esmagadora, todos os habitantes da muito reduzida Terra Santa, inclusive os nobres, preferiam Conrado. Assim, conformou-se a contragosto e o escolheu

em definitivo rei de Jerusalém, ainda que tenha sido preciso remarcar a coroação, porque Ricardo estava ocupado lutando contra Saladino.

O fato é que, pouco depois, em uma noite de abril de 1192, enquanto Conrado passeava tranquilamente pelas ruas de Tiro com destino à casa de um amigo, aproximaram-se dele dois jovens monges que ele conhecia e com os quais teve uma agradável conversa. Os monges eram dois rapazes de Tiro que haviam estudado na Itália, feito seus votos e regressado apenas algumas semanas antes. E lá estavam os três, conversando amigavelmente, quando, de repente, os dois frades puxaram as adagas de seus hábitos e apunhalaram Conrado repetidas vezes até que este caiu no chão, mortalmente ferido. A comitiva de Conrado matou um dos assassinos no ato, mas o outro fugiu e se refugiou em uma igreja próxima, onde foi rendido e preso pouco depois.

— Dois frades cristãos mataram Conrado? — surpreendi-me.

— Bem — titubeou Abby —, sim e não.

— Como sim e não? — indaguei. — Os monges o mataram ou não?

— Bom, sem dúvida haviam recebido as ordens monásticas. Mas, na verdade, antes de serem monges, eram

Assassinos.

— Até aí eu sei! — deixei escapar com uma bufada.

— Veja bem, dra. Salina...

— Ottavia, por favor — não ia ficar atrás de Kaspar.

— Obrigada, Ottavia — respondeu a herdeira. — Veja bem, quando digo que eram Assassinos, não digo que o foram porque mataram Conrado, embora também por isso, mas porque pertenciam a uma vertente do xiismo muçulmano conhecida como seita dos ismaelitas nizarins, os chamados *hashshashins*, ou Assassinos. Hoje em dia, são muito populares devido à série de videogames *Assassin's Creed*, mas os assassinos de *Assassin's Creed* não têm nada a ver com a realidade do que foram os verdadeiros *hashshashins* nizarins durante a Idade Média. O fundador da seita no Irã, no século XII, foi Hasan i-Sabbah, muitas vezes chamado erroneamente de Velho da Montanha por ser confundido com outro líder da seita na Síria, Rashid al-Din Sinan. Sinan foi o autêntico Velho da Montanha e, segundo confessou antes de morrer, o monge que foi capturado vivo na igreja após matar Conrado de Monferrato viera do próprio Sinan a ordem para o assassinato, pois assim havia solicitado Ricardo Coração de Leão, que preferia Guy de Lusignan a Conrado para ocupar o posto de rei de Jerusalém.

— Ou seja, não eram monges — insisti, mais tranquila.

— Eram *fida'i*, ou “devotos” nizarins — explicou Abby.

— A seita dos Assassinos se caracterizava por sua incrível aptidão para disfarces e enganos, e pela paciência. Os jovens *fida'i* que mataram Conrado eram naturais de Tiro, dominavam perfeitamente a língua dos francos, tornaram-se cristãos, e não apenas cristãos, mas também assumiram os hábitos religiosos quando estudavam na Itália. Assim, voltaram a Tiro perfeitamente preparados para levar sua missão a cabo sem pestanejar, ainda que isso significasse sua morte. E não agiam assim porque consumiam haxixe, como foi dito reiteradamente ao longo dos séculos. O haxixe, na realidade, os teria deixado abobalhados e suprimido a precisão necessária para que cometessem seus assassinatos, lendários por sua perfeição e rapidez. Era a sua fé em Alá, seu fanatismo religioso, que os motivava, bem como a confiança cega em seu imame, que consideravam um descendente direto de Maomé.

— Espere, Abby, espere, por favor! — interrompeu Farag, passando diretamente a chamá-la pelo primeiro nome para economizar circunlóquios. — O que essa história de Conrado de Monferrato, Ricardo Coração de Leão e o Velho da

Montanha tem a ver com os nove ossuários de Jesus e da Sagrada Família?

Todos os Simonson sorriram satisfeitos, e Abby fez um gesto de compreensão diante da impaciência de Farag:

— Responderei isso imediatamente — ela disse. — Não foi Ricardo Coração de Leão quem, embora mantivesse uma boa relação com a seita dos Assassinos, pediu ao Velho da Montanha que seus *fida'i* matassem Conrado de Monferrato. Foi Saladino quem contratou os nizarins não apenas para que matassem Conrado, mas também o próprio Ricardo da Inglaterra.

— E por que Saladino iria querer — perguntei surpresa — matar Conrado? Matar Ricardo faz sentido, porque era seu inimigo na Cruzada, mas Conrado? Por quê?

— Porque o povo o adorava — respondeu Abby — e, se fosse coroado rei de Jerusalém, teria se transformado em um inimigo muito perigoso. Saladino queria se desfazer de Ricardo e de Conrado. Dos dois. E, como não podia fazê-lo pelas armas, recorreu aos nizarins. Por alguma razão, Sinan não quis matar o rei Ricardo, mas acabou com Conrado de tal maneira que transferiu ao monarca a culpa pelo assassinato.

Abby se levantou apressada da cadeira e, caminhando em direção a uma das estantes, puxou um livro em meio a uma

coleção idêntica de vários tomos, todos de igual grossura e encadernação, e o abriu em uma página marcada com um pedaço de papel.

— O cronista al-Athir — disse, sentando-se outra vez —, que naqueles anos lutava no exército de Saladino, escreve sobre a morte de Conrado em sua obra *A história completa*. “A causa de sua morte” — começou a ler — “foram as negociações de Saladino com Sinan, chefe dos ismaelitas, com quem combinou que este enviaria um homem para matar o rei da Inglaterra; se matasse o marquês, receberia dois mil dinares”.^[1] O marquês que menciona é Conrado, marquês de Monferrato.

— No entanto — acrescentou o seu avô, nervoso feito uma lebre desde que havíamos começado a falar da seita dos Assassinos —, ainda que al-Athir diga isso em sua crônica, na carta que escreveu a seu irmão Diya ad-Din em 1192, ou seja, ao mesmo tempo em que os fatos ocorriam, ele afirma algo muito diferente.

— E, assim, finalmente chegamos aonde queríamos chegar — acrescentou Becky, serena.

Bem, pensei com resignação, só precisaram de três horas de relógio e diversos séculos de história, nada mais.

— De fato, na carta que escreveu ao irmão — e, ao dizer isso, Abby se levantou outra vez, caminhou decidida de maneira perfeita até o final da mesa e, uma vez ali, sem hesitar, levantou o vidro que cobria a carta de al-Athir e, para nosso assombro e horror, recolheu os documentos com as mãos nuas antes de voltar para onde estávamos —, o historiador afirma algo muito diferente, como disse o meu avô. Poderia ler este trecho, Farag, por favor? — e entregou os papéis ao meu marido, que, em um gesto respeitoso, pegou-os com delicadeza, fixando o olhar nas linhas que Abby indicava com o dedo.

— Sim, claro — disse, apoiando os óculos redondos na parte mais alta do nariz.

Toda vez que fazia isso, sujava as lentes com os cílios.

— “E Saladino disse a Sinan na minha frente que, se matasse o rei da Inglaterra e o marquês” — Farag lia devagar, traduzindo com cuidado aquelas palavras árabes escritas mais de oitocentos anos antes —, “pagaria a ele dois mil dinares. Mas o senhor de...” Masyaf?

— Sim, Masyaf — afirmou Jake. — A principal fortaleza dos nizarins na Síria.

— “Mas o senhor de Masyaf” — continuou Farag — “respondeu-lhe que por dois mil dinares não mataria nem

um, nem outro. Saladino se ofendeu, porque sua oferta era boa, mas perguntou a Sinan quanto ele queria, e Sinan lhe disse que não queria dinheiro, que em troca da morte de um dos francos queria os restos do profeta Al-Masih Isa e de sua família e, pela morte do outro, os dois mil dinares. De início, Saladino se negou a reconhecer que possuía os restos do profeta, mas Sinan advertiu-lhe para que não o tentasse enganar, pois seus *fida'i* estavam com o emir Kukburi quando este se apoderou deles em Nazaré, e com Saladino quando o emir os repassou, assim informando ao sultão de que este estava rodeado de ismaelitas. E Saladino aceitou.”

— Aí está bom, diretor Boswell — interrompeu Becky. — Essa é a parte importante. Essa era a tradução que o senhor desejava, Catão.

— O profeta Al-Masih Isa é o Nosso Senhor Jesus? — perguntei com curiosidade. Eu sabia que os muçulmanos chamavam Jesus de Isa, e também que o consideravam um profeta de Alá, e não Deus, nem Filho de Deus, mas nunca havia escutado o outro nome.

— Al-Masih Isa significa em árabe o mesmo que Yeshúa ha-Mashiahh em aramaico ou hebraico — esclareceu-me Farag. — Ou seja, “Jesus, o Messias”. Masih e Mashiahh é o mesmo que Cristo em grego. Todos querem dizer “ungido”.

— Bem, e para terminar, basta dizer que Saladino pagou — observou Abby. — Sabemos disso com total certeza.

— Com total certeza? — estranhou Kaspar.

Abby sorriu. Seus avós, que pareciam imunes à fome que já estava me matando, também sorriram.

— Nesse caso, Catão — murmurou Becky com uma voz carregada de regozijo íntimo —, não precisamos nem especular nem buscar provas. Sabemos com certeza que Saladino pagou. Os ossuários passaram a ser propriedade da seita dos Assassinos em 19 de maio de 1192. Ano 588 da Hégira.

Tanta precisão e certeza eram um pouco surpreendentes, não havia dúvida. No entanto, Kaspar, que parecia juntar nós soltos em sua cabeça, começou a assentir como se compreendesse tudo.

— Os detalhes da entrega — acrescentou Jake com satisfação — nos foram relatados tempos atrás por nosso velho e querido amigo Karim, com quem mantemos uma relação próxima há mais de sessenta anos.

— Karim Aga Khan — esclareceu Abby rapidamente para mim e Farag, vendo que Kaspar já o havia adivinhado. — Sua Alteza Real, o Aga Khan IV, atual imame dos ismaelitas nizarins.

O som de uma pluma caindo pelo ar teria soado como o motor de um trator diante do silêncio que sucedeu à explicação de Abby Simonson. Levei alguns segundos para reagir, e o mesmo ocorreu com Farag, em cujas mãos os papéis da carta de al-Athir começaram a se agitar. Ele, como eu, ouvira falar em Aga Khan: um famoso *playboy* dos anos 1960 e 1970 que saía em todas as revistas de moda com belíssimas modelos ou belíssimos cavalos. Também sabíamos que era o líder de alguma seita estranha cujos seguidores lhe davam fortunas como presente de aniversário ou o que fosse. Mas o que os Simonson estavam nos dizendo significava que, em poucas e muito concretas palavras, o Aga Khan IV era o atual imame dos ismaelitas nizarins, ou seja, o atual imame dos *hashshashins*, ou seja, o atual imame dos Assassinos... A seita dos Assassinos não havia desaparecido na Idade Média. Ela ainda existia!

Capítulo 8

— Mas é claro que os ismaelitas ainda existem! — gargalhou Becky ao ver que Farag e eu estávamos pasmos.

— Quantos fiéis Karim tem por todo o mundo, Jake?

— Uns quinze milhões, acho — respondeu ele, após pensar por alguns instantes.

— Quinze milhões de Assassinos ao redor do mundo! — exclamei, horrorizada. — E as pessoas não fazem ideia!

— Ottavia, pelo amor de Deus, já não são Assassinos! — corrigiu-me Kaspar. — São fiéis ismaelitas. Essa etapa de sua história terminou no século XIII.

— Vocês não preferem falar sobre isso durante o jantar? — propôs Abby.

Quase chorei de puro agradecimento. Ao menos eu podia estar bastante segura de que Abby Simonson era humana e precisava comer; seus avós, por sua vez, tinham cartela cheia no bingo temático “Você é um alienígena?”.

Ainda sob o efeito da forte impressão que me causara saber que a seita dos Assassinos ainda existia na atualidade, saímos da biblioteca pequena em dois grupos separados: os

três Simonson à frente, falando entre eles sobre amenidades, e Farag, Kaspar e eu atrás, em um silêncio espantoso. Farag pegou a minha mão e seu contato foi firme, talvez firme demais, como se tentasse me transmitir coragem, autocontrole ou segurança. Mas nossas mãos se conheciam muito bem, e aquele calor febril em suas palmas denunciava que pelas veias de meu marido circulava uma boa dose de adrenalina. Estava pensando em mim, eu soube em seguida, e em como tudo o que havia sido dito naquela biblioteca podia me afetar, e, ao mesmo tempo, estava irritado com Kaspar, e por isso não lhe dirigia a palavra. Sua alma estava dividida entre o grande carinho que tinha pelo amigo e a terrível dúvida de se este amigo ainda era quem Farag pensava, ou se havia se transformado em um completo desconhecido que, como eu já havia pensado, havia mentido para nós em nossa própria casa enquanto seu filho brincava com nossa sobrinha Isabella a alguns passos de distância. Então fui eu quem apertou a mão dele com firmeza. Queria que ele soubesse que, acontecesse o que acontecesse, nós dois sempre continuaríamos sendo nós dois e que nossa vida e nosso mundo, construídos por nós dois à custa de grande esforço e, felizmente, muito, muito amor, não iriam mudar nem desmoronar, nem por Kaspar nem por ninguém.

— Estão muito irritados comigo? — perguntou de repente o ex-Catão com a voz hesitante.

Bom, pensei, nada mau que, depois de tantos segredos e mentiras, ele se preocupasse um pouco se tinha nos magoado. Para mim tanto fazia porque, afinal de contas, eu já o deixara aborrecido antes e estava mais disposta que Farag a apagar de minha vida as pessoas que não deviam estar nela. A experiência com minha família, o tanto de dor que haviam me causado e a distância que precisara tomar deles por segurança, para que não me machucassem, já haviam me preparado para desatar laços com qualquer suposto amigo que revelasse não ser o que parece.

— Você é um perfeito idiota, Kaspar! — proferiu Farag, raivoso.

— Perdoem-me os dois, por favor — suplicou-nos sem tirar as mãos dos bolsos da calça e sem mover um músculo do rosto rochoso. — Fui obrigado a agir feito um completo imbecil com vocês. Sinto muito, de verdade. Se quiserem que eu vá embora de sua casa, Linus e eu partiremos nesta mesma noite.

— Sim — afirmei com a voz fria —, queremos que você vá embora.

— Não precisa acordar o garoto — pontuou Farag, apertando levemente a minha mão para que eu não o contradissesse. — Mas vocês partem amanhã.

Seguíamos os Simonson por passagens e corredores, salas e salões, sem repararmos de modo algum por onde caminhávamos nem aonde íamos. Seguramente estavam nos deixando uma pequena distância intimista para que falássemos entre nós. O que não podiam nem imaginar era que estávamos rompendo o acordo que tínhamos com eles por causa de seu adorado Catão. Para mim, melhor era impossível. Nunca quisera participar daquela história louca dos ossuários. Entristecia-me apenas que Farag estivesse sofrendo. Ele não sabia se blindar por dentro como eu para bloquear sentimentos dolorosos.

— Escutem-me, por favor — resmungou o ex-Catão CCLVIII. — Na irmandade, sabíamos que os Simonson estavam seguindo nossa pista havia muitíssimos anos, sabíamos que procuravam o Paraíso Terreno e as provas de ingresso sem que conseguíssemos descobrir o que exatamente pretendiam. Não são pessoas muito religiosas, então qual seria o motivo para estarem tão obcecados conosco? Quando encontraram o *Lignum Crucis*, fomos informados imediatamente e ficamos em alerta. Apesar de termos

peessoas infiltradas por todos os lados durante anos e anos, não havíamos conseguido descobrir o que essas pessoas tão poderosas, com contatos próximos em todos os centros de poder do mundo, podiam querer conosco. Posso lhes garantir que são fechados e impenetráveis como um bloco de concreto. Nem uma pequena fissura nos permitiu descobrir, até agora, qual era o seu objetivo, e esse hermetismo nos alarmava. Estávamos convencidos de que podiam ser perigosos. Quando chegou a notícia de que haviam entrado em contato com vocês, os alarmes soaram no Paraíso Terreno. Linus e eu estávamos perto daqui e eu havia renunciado ao meu cargo de Catão, mas me avisaram imediatamente na sexta-feira à noite, quando Becky e Jake ainda estavam em sua casa. Colocamos vocês em vigilância naquele mesmo instante.

— Era só o que faltava! — deixei escapar, bufando. — Quantas pessoas andaram espionando Farag e eu desde sexta-feira? Por acaso não existe um artigo sobre privacidade na Declaração Universal de Direitos Humanos?

— Ottavia, foi para protegê-los! — queixou-se. — Fui eu quem pediu. Assim que você avisou o cardeal Hamilton no dia de ontem, tomei o primeiro avião que partia de Orlando para chegar aqui. Se os Simonson haviam entrado em

contato com vocês, algo grave estava acontecendo, mas não sabíamos o que poderia ser. Cheguei à sua casa me fazendo de sonso para não alertá-los nem deixá-los preocupados antes da hora.

— Mas nós contamos o que haviam nos dito — confrontou Farag com amargura —, e você não nos disse que conhecia a carta de Dositheos ou a existência dos nove ossuários.

Os Simonson pararam em frente a uma grande porta de carvalho de duas folhas, que se abriram simultaneamente do outro lado, dando-lhes passagem. Os três se viraram e olharam para nós com um sorriso amigável, esperando. Eram as pessoas mais simpáticas que eu conhecera em toda a minha vida. Estavam sempre sorrindo.

— Quanto aos Simonson, já expliquei o que achávamos e por quê — resmungou Kaspar apressado; nós nos aproximávamos rapidamente da porta e de nossos anfitriões. — Quanto ao resto, até ontem de noite eu não fazia ideia. Sério. Mande mensagens em código antes de me deitar, e quem me deu todas as informações foi Phil hoje de manhã, enquanto Linus brincava com o Snoopy.

Senti que a mão de Farag relaxava e a minha blindagem, já sem nada de que me proteger, desvanecia-se no ar feito

fumaça.

— Entrem na sala de jantar, por favor — convidou-nos o velho Jake. — Diretor Boswell, você faria a gentileza de me emprestar a mão de sua esposa? — mas ele não esperou que Farag e eu nos soltássemos. Pegou a minha mão e colocou-a debaixo do braço, para que eu me apoiasse nele e ele me conduzisse galanteador até o interior da sala de jantar. O contato com o braço esquelético de Jake causou em mim um calafrio, como se, sob o tecido fino de sua jaqueta, houvesse apenas ossos nus e não carne. A explicação de Kaspar havia me impactado mais do que eu supunha.

Jake me ofereceu um lugar ao seu lado, na cabeceira da mesa ovalada situada no centro do ambiente. Tendo em vista o tamanho da casa e dos cômodos, aquela devia ser a sala de jantar pequena (tão pequena quanto a biblioteca pequena, para deixar claro), já que a mesa era para apenas seis pessoas. Eu, como disse, sentei-me à direita de Jake Simonson, que presidia a mesa; do meu outro lado sentou Farag; Becky se instalou na outra cabeceira e, à sua direita, Kaspar; e, ao lado de Kaspar, entre ele e seu avô, ficou Abby, que, resumindo, acabou sentada à minha frente.

Só conseguimos trocar alguns comentários banais sobre a decoração da casa e a biblioteca pequena antes que um dos

empregados de paletó branco nos servisse uma tigela pequena com alguma coisa verde, que no fim das contas era guacamole de ervilha com vinagre e mostarda. Farag elogiou não apenas o guacamole, mas especialmente o vinho que o acompanhava, o qual degustou por cortesia de Jake, que parecia conhecer muito bem o espírito alexandrino de meu marido.

— Os quinze milhões de Assassinos soltos pelo mundo não tiraram o seu apetite, não é, Ottavia? — perguntou-me Kaspar ao ver que eu enchia a boca com uma colher bem cheia de guacamole.

Eu ri como pude, mantendo os lábios apertados enquanto soltava os talheres e, com o guardanapo, limpava os lábios.

— Quando eu tiver ciência do que isso significa de verdade, perderei o apetite, não tenha dúvidas — respondi, voltando a colocar o guardanapo sobre a saia.

— É difícil acreditar que a seita dos Assassinos continue a existir nos dias de hoje — observou Farag.

— Não, diretor Boswell — discordou Jake, que, misteriosamente, já havia esvaziado sua tigela. — A seita dos Assassinos já não existe. Na realidade, ela desapareceu no século XIII, com a chegada das hordas mongóis que assolaram todo o Oriente e que, felizmente, pararam às

portas da Europa. O que perdura até hoje é uma religião, uma fé.

— De fato, uma fé muito misteriosa, Jake — comentou Kaspar, recolhendo com a colherinha os restos do guacamole. — O que vemos da fé muçulmana ismaelita é uma parte muito pequena do que se esconde por trás, velado sob uma aparência de simplicidade.

— Verdade, e valeria a pena que fosse mais conhecida. Chegar à razão através da fé não é algo que vemos todos os dias.

— Os ismaelitas são muito discretos — garantiu Becky. — São muçulmanos um tanto atípicos e preferem passar despercebidos.

— Por quê? — perguntou meu marido.

— Sempre foram uma minoria dentro do islã — explicou-nos Abby. — Uma minoria vulnerável considerada herege e, portanto, muitos tentaram destruí-los ao longo da história. Não fosse assim, por que teriam se escondido em castelos isolados como Alamut, utilizado o assassinato seletivo para enfrentar grandes exércitos ou desenvolvido extraordinariamente a doutrina da *taqiyya*?

— De quê? — perguntei.

— *Taqiyya* significa “precaução” ou “prudência” — esclareceu Farag.

Retiraram todas as tigelas vazias de guacamole ao mesmo tempo e, também ao mesmo tempo, serviram-nos um folheado de abóbora e sálvia. Era preciso reconhecer que não só a louça era linda, como também a comida nos pratos tinha uma esplêndida apresentação. Enquanto Farag experimentava o vinho seguinte, Abby me explicou em que consistia a *taqiyya*:

— Era um sistema que, a princípio, permitia-lhes renegar publicamente sua fé para salvar a vida. Como sofreram tantas perseguições e estiveram a ponto de serem aniquilados tantas vezes, aprenderam a se camuflar, a ocultar as verdadeiras crenças. Os próprios imames dos nizarins podiam decretar uma forma completamente nova de professar a fé, radicalmente oposta à anterior, dependendo de para onde soprassem os ventos políticos ou religiosos do momento. Isso os ajudou a sobreviver.

— E tornou-os assassinos muito eficientes — acrescentou Kaspar, cortando seu mil-folhas com cuidado para que não se desmanchasse. — Um amigo de toda a vida podia ser um nizarim camuflado que vivia como um piedoso muçulmano sunita e, apenas após muitos anos de espera

tranquila, saltava com uma adaga sobre o califa que, naquele dia, havia decidido de forma inesperada dar um passeio pela cidade.

— É evidente que hoje eles já não assassinam ninguém — acrescentou Becky, que queria deixar bem clara a ideia de que agora eram totalmente pacíficos. — As comunidades de ismaelitas estão bastante espalhadas ao redor do mundo todo e se concentram, sobretudo, no estudo e no desenvolvimento dos países onde vivem. Têm grandes universidades e organismos de cooperação internacional e levam muito a sério a questão de potencializar o papel da mulher na sociedade. Agora, uma coisa é verdade: continuam muito discretos.

O mil-folhas estava gostoso, e sua textura era tão suave que a boca parecia se encher de nuvens com sabor de abóbora. O jantar estava sendo um verdadeiro deleite para Farag, e seus olhos brilharam de prazer quando tomou um gole do novo vinho que acompanhava o mil-folhas.

— De modo que o atual Aga Khan... — começou a dizer Kaspar.

— Karim — emendou o velho Jake.

— Exato, seu amigo Karim — concordou o ex-Catão. — Seu amigo Karim disse a vocês que Saladino havia pagado

Sinan com os nove ossuários para que matasse Conrado de Monferrato.

— Veja bem, Catão — disse Jake, soltando os talheres no prato vazio. Já tinha comido o mil-folhas? Quando? —, desde o início de sua fé, os ismaelitas tiveram o costume de deixar poucas coisas por escrito. Em parte devido ao risco que implicava sua peculiar interpretação dos significados ocultos do Corão; em parte, por causa dos antigos rituais secretos de iniciação que, como bem diz o seu próprio nome, são secretos e não devem ser escritos. É verdade que conservam alguns manuscritos, crônicas e cartas, mas estes são em sua maioria posteriores ao século XIII, quando se supõe que foram eliminados da face da Terra. Karim teve que pôr para trabalhar um grupo muito seletivo de especialistas quando perguntamos a ele a respeito de Sinan e os ossuários. A investigação realizada por essa equipe com seus escassos documentos levou a duas descobertas. A primeira foi que, após a morte do Velho da Montanha em 1193, seu sucessor na liderança da seita na Síria, Nasr al-Ajami, enviou os ossuários à Pérsia, para o castelo de Alamut, como presente para o imame Mohamed II, antepassado de Karim. Era sua maneira de agradecê-lo pela nomeação como líder da Síria. E a segunda coisa que

descobriram foi que os ossuários permaneceram em Alamut durante sessenta e três anos, de 1193 até dezembro de 1256.

— Quando chegaram os mongóis — arriscou Farag.

Becky, que já havia terminado seu mil-folhas, tomou a frente de Jake.

— Exatamente, diretor Boswell — assentiu, ajeitando as contas de ouro que compunham seu colar.

Naquele instante, os empregados uniformizados retiraram nossos pratos vazios, que substituíram por outros com uma rodela de salmão grelhado sobre uma base de verduras cortadas em pedaços bem finos. Eu tinha passado fome, era verdade, mas àquela altura me sentia mais que saciada. O *sommelier* ofereceu o vinho diretamente a Farag para que ele provasse, já que havia se transformado no paladar protagonista do jantar, enquanto Abby, por sua parte, recusou o salmão e se contentou em beber um pouco de água.

— Comam, por favor — pediu aos seus avós, apoiando o copo na mesa. — Enquanto isso, explicarei o final da história.

Saboreei uma fatia do salmão, que estava primoroso, e decidi que ainda conseguia comer um pouco mais enquanto

a perfeita Abby, tal qual um menestrel medieval, distraía-nos com seu relato.

Pouco antes de morrer, em 1227, o grande caudilho mongol Genghis Khan ditou uma ordem implacável para que “não fosse perdoado nenhum ismaelita nizarim, nem sequer as crianças de colo”^[1], segundo relatou o historiador persa Alâ-Malik Yuwayni em sua grande obra *História do conquistador do mundo*. Por que esse ódio de Genghis Khan contra os nizarins? Não estava claro, mas era evidente que Genghis deu a ordem com uma visão profética do que ocorreria no futuro entre seus descendentes e a seita dos Assassinos.

Os nizarins, que tinham muita consciência do perigo que representavam os mongóis, embora ainda se encontrassem a salvo na Pérsia e na Síria, decidiram realizar a guerra por conta própria, aplicando o remédio antes que a incurável doença chegasse. Em 1241, Ogodei Khan, filho e herdeiro de Genghis, morreu envenenado. O fato é que foi envenenado pelos Assassinos, que também participaram do atentado que acabou, naquele mesmo ano, com a vida de Chagatai, o segundo filho de Genghis. Os nizarins acharam que podiam respirar tranquilos, ao menos por um tempo. Após a morte de Ogodei, seu filho Guyuk foi eleito Grande Khan. Os

nizarins enviaram uma comitiva em uma tentativa de selar a paz, mas Guyuk se recusou a aceitar a proposta e deixou muito claro que, quando os atacasse, não deviam esperar por piedade de sua parte.

Em 1248, como era fácil prever, Guyuk Khan morreu envenenado, e essa morte também foi obra dos nizarins. Com todos esses assassinatos, não faziam mais que atrasar o inevitável, e sabiam disso.

— E, como contamos a vocês na outra noite — interrompeu o velho Jake, ostentando seu prato de salmão limpo como um espelho enquanto nós ainda tínhamos bastante —, foi em 1248, quando Guyuk havia acabado de morrer, que chegou às imediações de Caracórum o frade dominicano André de Longjumeau levando presentes de Luís IX da França para celebrar a suposta conversão de Guyuk ao cristianismo. E, dentre esses presentes, estava o *Lignum Crucis* que lhe entregamos hoje, Catão.

Kaspar fez um gesto leve e distinto de agradecimento com a cabeça. Era espantoso ver o quão refinado se tornara aquele suíço rochoso.

Depois de Guyuk, Abby seguiu contando, o trono do grande Império Mongol passou, em 1251, para as mãos de Mongke, o primogênito de Tolui, filho mais novo de

Genghis, e de Sorjojtani, uma princesa keraita de religião cristã nestoriana.

— Nestoriana? — perguntei, franzindo o cenho. *Cristianismos demais*, pensei.

— Os nestorianos — explicou o meu marido, segurando a taça de vinho enquanto falava comigo — surgiram no século v. Acreditam que Jesus teve duas naturezas, uma divina e outra humana, totalmente dissociadas, de modo que o seu nascimento de uma mulher ou sua morte na cruz afetaram apenas o homem, e não o Deus.

Abby assentiu e prosseguiu, contando o que acontecera com Mongke, o neto de Genghis: em 1254, chegou a Caracórum, a capital mongol, o frade franciscano Guilherme de Rubruck^[2] e, na crônica que escreveu após seu regresso, ele contou que, já no dia seguinte à sua chegada, houve um grande controle de segurança, e ele e sua comitiva foram submetidos a um duríssimo interrogatório “... perguntando-nos de onde vínhamos, por que havíamos ido e qual era o nosso trabalho. Tal pesquisa foi feita porque Mongke Khan havia sido avisado de que quatrocentos Assassinos viriam para matá-lo sob disfarces diferentes”.^[3]

Os pobres empregados, cujo *maître* aparecia discretamente de vez em quando para ver como iam as

coisas, aguardavam pacientemente fora da sala de jantar para retirar os pratos e nos servir a sobremesa. Ao terminarmos, Becky fez um sinal discreto e, em um instante, os restos de meu salmão desapareceram e foram substituídos por uma grande cumbuca repleta de salada de frutas: pedaços de pêsego, damasco, melão, laranja e cerejas sem caroço com cobertura de pistache em pedacinhos e um leve odor de rosas. Era o final impecável de um jantar inigualável.

— Na primavera de 1253 — continuou a contar a herdeira Simonson quando nos viu de colherinha na mão e boca cheia, esperando que ela retomasse a história —, Mongke Khan enviou seu irmão Hulagu para conquistar a Pérsia, a Síria e o Egito, como tanto haviam temido os nizarins. Assim, Hulagu partiu com um imenso exército rumo a oeste, mas recebeu, além disso, uma ordem taxativa de seu irmão: aniquilar por completo e para sempre os Assassinos, conforme havia mandado seu avô, Genghis, antes de morrer.

“Assim que Hulagu pisou no território persa, dirigiu-se diretamente a Rudbar, a região onde se encontrava o castelo de Alamut, e pediu a Rukn ad-Din, imame dos nizarins, que se entregasse e desmantelasse todas as fortalezas.”

— E agora chegamos à parte que nos interessa — declarou Abby, recuperando o fôlego. — Segundo conta Yuwayni, que estava presente, em sua *História do conquistador do mundo*, os Assassinos tiveram que abandonar Alamut de mãos vazias e os mongóis se apoderaram de tudo o que havia na fortaleza.

— Ou seja, apoderaram-se dos ossuários — observei, pois deixei de duvidar em absoluto de sua existência para dá-la por certa e segura, ainda que os considerasse algo totalmente alheio à minha fé. Ou seja, os ossuários podiam ser nove conchas marinhas ou nove cálices de prata. Meu Deus não estava ali.

Abby assentiu.

— Hulagu não chegou a entrar em Alamut — disse. — Enviou seu vizir e homem de confiança na Pérsia à frente de um contingente de soldados para que fizesse um reconhecimento do castelo e selecionasse o que considerasse importante, e esse vizir, que não era ninguém menos que o próprio historiador Yuwayni, tirou de lá, além dos nove ossuários, uma grande quantidade de livros da imensa biblioteca de Alamut, famosa em todo o mundo muçulmano. Quando Yuwayni deu por concluída sua tarefa de resgate, Hulagu ordenou que ateassem fogo ao castelo, e Alamut, sua

biblioteca e o resto dos objetos valiosos dos nizarins desapareceram em meio às chamas para sempre. Foi o fim de tudo. Pouco depois, após matar Rukn ad-Din, Hulagu exterminou todos os nizarins que restavam na Pérsia, sem se preocupar se eram homens, mulheres, crianças ou idosos indefesos. Nenhum sobreviveu.

— Se os mongóis mataram o último imame nizarim e exterminaram todos os Assassinos que encontraram — comentei —, como é possível que seu amigo Karim descenda de Rukn ad-Din?

— Porque Rukn ad-Din deixou um filho que sobreviveu — explicou-me o velho Jake com a satisfação própria de um membro da família do Aga Khan. — Seu nome era Shams al-Din, e ele foi tirado clandestinamente de Alamut antes que Hulagu chegasse. Viveu sempre na *taqiyya*, em segredo.

— E Yuwayni disse em sua crônica que tirou os nove ossuários de Alamut? — perguntou meu marido.

— Não, não, diretor Boswell — negou o velho Jake. — Yuwayni só fala dos livros da grande biblioteca dos nizarins. Não menciona os ossuários.

— Mas, então — inquiri com desconfiança —, eles podem ter queimado no incêndio ordenado por Hulagu.

— Nossa próxima prova demonstra que saíram do castelo antes do fogo — anunciou Becky, pousando o guardanapo na mesa e se levantando. Ao vê-la, Jake também se empertigou e afastamos as cadeiras e nos levantamos para segui-los. — E se saíram do castelo, como vocês verão agora, só Yuwayni poderia tê-los tirado dali e entregado a Hulagu.

— Assim — comentei pensativa enquanto retornávamos apressadamente para a biblioteca pequena —, um neto de Genghis Khan, esse tal de Hulagu, que seria de uma religião animista ou budista, apoderou-se dos ossuários que supostamente contêm os restos de Jesus de Nazaré e sua família.

— Exato — respondeu Becky, segurando-se no braço ossudo de Jake para caminharem juntos. — Mas há um ponto muito importante nessa história que vocês devem levar em conta. Não apenas a mãe de Hulagu era uma cristã nestoriana, como também sua principal esposa, Oroquina, mais conhecida como Dokuz Khatun, e também Tuqiti Khatun, outra de suas quatro esposas principais. Portanto, Hulagu era filho de cristã e marido de duas outras cristãs. Conhecia o valor dos ossuários.

— Os mongóis tinham quatro esposas principais e uma multidão de concubinas — riu Jake ao ver minha expressão

confusa. — Se se tratava de um Khan ou de um Grande Khan, as quatro esposas principais tinham seus próprios *ordos*, ou seja, seus luxuosos *gers*, ou tendas móveis e desmontáveis, com sua própria corte de damas, servas, filhos e filhas e jovens concubinas de seu marido entregues aos seus cuidados.

Já estávamos descendo as escadas que davam para o andar inferior.

— Então deviam ser famílias muito unidas — comentou Farag.

— Muito, muito unidas — corroborou a charmosa Becky.

— Sim, claro! — exclamou Abby com ironia. — Quando não estavam se matando entre eles por terras ou poder!

— Bom — observou seu avô, compreensivo —, eram guerreiros mongóis.

— Abby — falei muito séria para a herdeira —, lembre-se sempre desta lição que vou lhe dar: a testosterona é muito ruim.

— Por essa eu não esperava! — disparou Farag ofendido. — E os estrógenos não são?

— Também — admiti —, mas para outras coisas. No geral, não nos dá na telha ter quatro maridos e duzentos concubinos, nem subir em um cavalo e começar a degolar

inimigos. Ainda que haja de tudo na vinha do Senhor, devo admitir. Portanto, Abby, nunca se esqueça do que estou dizendo.

Abby, com um grande sorriso no rosto, assentiu com bom humor e me fez um gesto de cumplicidade que me levou a pensar que talvez (só talvez) ela fosse simpática, além de perfeita e feia.

Finalmente, voltamos a entrar na biblioteca pequena, e renovei meus votos de adoração eterna. Respirar o seu ar e sentir o abraço de seus manuscritos causou em mim uma forte sensação de felicidade. Foi ali, naquele momento, que tive pela primeira vez o desejo absurdo de, quando chegasse a minha hora, morrer em meio a livros. E por que não? Digo, eu não queria morrer nunca (pelo menos não antes dos cem anos), mas, como não poderia evitá-lo, quando chegasse a minha vez e eu começasse a partir desta para a melhor, esperava ter Farag ao meu lado e estar rodeada por montes de livros, como naquela biblioteca.

Os Simonson se dirigiram sem rodeios ao segundo objeto que havia sobre a mesa central, ao lado do atril da carta de Ibn al-Athir, também coberto por um pedaço de seda cinza iridescente. Foi Becky quem afastou o pano para nos mostrar o que se escondia embaixo dele: ouro, uma espessa placa de

ouro puro com relevos. Tinha cerca de trinta centímetros de largura e comprimento, e uns dez de altura, o que sugeria um peso e um valor consideráveis.

Os velhos Simonson se recolheram a um lado para permitir que nos aproximássemos e examinássemos os relevos, mas Abby ficou ao lado da placa, esperando.

Uma moldura com ramos vegetais ondulados com frutas redondas que pareciam laranjas ou romãs envolvia a cena central, em que se viam três figuras humanas e, para a minha surpresa, nove arquêtes ou ossuários. Uma das figuras, a maior, situada à esquerda, era de um homem corpulento com rosto redondo em forma de lua cheia e olhos amendoados (marcadamente asiáticos ou mongóis), bigode no estilo chinês (fino e comprido, caindo dos dois lados da boca) e um cavanhaque esticado. Ao seu lado, de tamanho menor, havia uma mulher com os mesmos traços faciais (ainda que sem bigode nem cavanhaque), vestindo uma túnica comprida e prostrada de joelhos, com as mãos unidas em oração e a cabeça inclinada. Esses dois personagens, que claramente eram um casal importante, tinham à sua frente, no chão, os nove ossuários. De fato, a mulher estava ajoelhada diante deles. O formato dos nove era similar, espécie de casinhas de pedra alongadas com telhadinhos

em cima das muretas, mas dentre todos destacava-se o que estava à frente dos outros e tinha uma cruz talhada em cima. Do outro lado da imagem, à direita, uma figura ainda menor que as outras, embora muito mais estilizada, representava com certeza um estranho sacerdote, com um enorme chapéu em forma de bola sobre a cabeça e um cajado comprido em uma das mãos. Sobre a cabeça de cada um dos três personagens havia um rótulo com palavras escritas em um idioma que não consegui ler:



— É siríaco — murmurou Farag para si mesmo, como se estivesse sozinho.

— Correto — aprovou o velho Jake.

— Siríaco? — estranhou Kaspar.

— Aramaico — esclareceu Farag. — O siríaco é um dialeto do aramaico, a língua falada por Jesus de Nazaré. Foi uma língua muito importante em toda a região que hoje conhecemos como Oriente Médio.

— Você consegue ler? — incentivei.

— Não muito bem — titubeou.

— Vou dizer o que dizem as inscrições — afirmou Abby, aproximando-se um pouco mais e colocando um dedo sobre a primeira. — Esta diz “*Hulagu Ilkhan*”, (*Ilkhan* quer dizer

“Khan subordinado ao Grande Khan”). Esta outra, sobre a mulher, diz “*Dokuz Khatun*”. E esta, a que está sobre o sacerdote, diz “*Mar Makkikha*”.

— Quem era esse tal de Mar Makkikha? — perguntei, pensando como o nome soava ridículo.

— Mar Makkikha II — disse-me Abby — foi patriarca da Igreja do Oriente, o terceiro ramo do cristianismo, de 1257 até sua morte, em 1265. Havia acabado de ser eleito patriarca quando o poderoso exército mongol se apresentou diante das portas de Bagdá, logo depois de acabar com Alamut e os nizarins.

— Você lê siríaco? — provocou Farag.

Meu marido estava mordido porque Abby conseguira ler os nomes da gravação.

— Não, claro que não! — ela riu. — Quem traduziu para nós foi um bom amigo de meus avós, professor de siríaco, o reitor do Pontifício Colégio Grego de Roma, o arquiemandrita Manuel Nin.

— Onde vocês obtiveram esta peça de ouro? — perguntou Kaspar muito sério, passando um dedo pela borda da tábua espessa com relevos.

— Ela apareceu em Maragha, no norte do Irã — respondeu Becky detrás de sua neta —, a cidade que foi

capital do ikhanato de Hulagu. Em 1985, um camponês encontrou-a enquanto cavava um poço no quintal e, em 1986, caiu nas mãos de um importante produtor de cinema iraniano que obteve permissão do Conselho de Guardiões para ficar com ela. Nós solicitamos autorização para comprá-la ao então presidente iraniano, Mahmood Qalareg, e conseguimos em 1990.

Naquele momento, o velho Jake se colocou entre Kaspar e Abby e lançou um olhar travesso para nós.

— E a nossa história termina aqui! — anunciou com um sorriso. — Já não temos mais nada para contar.

— Mais nada? — espantei-me. — Quer dizer que não sabem o que aconteceu com os ossuários desde que chegaram às mãos de Hulagu em 1256?

Estávamos falando de um período em branco de quase oitocentos anos. E queriam que empreendêssemos uma busca a partir daquele ponto, sem qualquer pista?

Becky segurou o braço do marido outra vez.

— Bem — disse tranquilamente —, é por isso que precisávamos de vocês. Por isso precisávamos da irmandade dos staurofílakes.

— É impossível — afirmei taxativamente. — Não tem como fazer isso.

— Não ficaram intrigados com a história? — insistiu Becky. — Encontrar os restos de Jesus de Nazaré não é motivação suficiente?

— Peço desculpas, Becky — saltei como se tivesse sido beliscada —, pode até ser que encontrássemos os ossuários, mas jamais encontraríamos os restos de Jesus de Nazaré. Nosso Senhor ressuscitou no terceiro dia e subiu aos céus com seu corpo mortal.

— Para quê? — perguntou-me Farag e, em seguida, arrependeu-se profundamente de ter feito a pergunta.

— Para que o quê? — respondi com um tom de voz perigoso.

Ele queria fugir, mas já era tarde.

— Para que precisava de seu corpo mortal no céu? — a angústia por saber o que essas palavras iriam lhe custar já transparecia em seu rosto. — Lembre-se apenas, querida, que sou copta, e é muito difícil para mim entender alguns conceitos católicos. Eu não cresci acreditando que Jesus teria um corpo mortal. Milhões de cristãos em todo o mundo também não acreditam nisso, seja porque são monofisitas ou, como os nestorianos, porque dissociam Deus da morte na cruz, já que a ideia de que Deus pudesse morrer contradiz suas crenças mais profundas.

— Hereges! — disparei, e minha voz soou igual à da minha mãe, com o mesmo tom e timbre, como se quem tivesse falado fosse ela, e não eu. A genética é incrível.

— Mas e se fosse o caso, Ottavia?

Kaspar olhava fixamente para mim, esperando uma resposta. Permaneci calada. Para mim, Deus havia morrido na cruz por amor a todos nós, para nos redimir do pecado, e qualquer outra versão dos fatos era, aos olhos da Igreja em que eu havia sido criada, totalmente falsa, imoral e ofensiva.

— Você não gostaria de saber, se fosse o caso? — insistiu o ex-Catão. Ele falava com dureza, sem nenhum traço de sentimentalismo. — Porque eu quero.

— Saber o quê, Kaspar? — repreendi-o. — Que Jesus não ressuscitou dos mortos? Porque, se não ressuscitou, você sabe o que São Paulo disse.

— Sim, que a nossa fé estaria vazia. Eu me lembro. Mas, apesar de tudo, se existe uma mera possibilidade de que seja assim, eu quero saber. Não preciso lembrá-la de que Paulo nunca conheceu Jesus, que não O viu, que não esteve com Ele, que não viveu com Ele como os apóstolos. Muito menos estava lá quando Jesus morreu, nem quando ressuscitou, nem quando desceu o Espírito Santo em Pentecostes. Paulo

chegou depois e, do nada, teve poderes plenos porque era cidadão romano e falava grego.

— Você está questionando São Paulo? — engasguei-me.

— Eu questiono tudo, Ottavia — respondeu. — E, até agora, sempre consegui encontrar Deus para além de minhas dúvidas. Mas você se entrincheira na doutrina da Igreja católica e tem tanto medo de buscar a verdade que nem cogita que talvez, no fim das contas, a verdade possa estar ao seu lado. Do que você tem medo? De estar errada? Desde quando descobrir que podemos estar errados é ruim? E se você tiver razão?

Farag se aproximou de mim e pegou a minha mão. Uma vez, muito tempo antes, achei que precisava escolher entre Deus e ele, e sofri tanto por isso que fugi até não poder mais. Então, anos mais tarde, descobri que, na realidade, não havia feito nenhuma escolha, porque continuava tendo Deus e, além disso, tinha ele. Achei que era um ou outro e, no fim, foram os dois. Não perdi nada e ganhei muito. Eu estava muito enganada, e havia sofrido imensamente por isso. Farag dizia que a verdade sempre era preferível, e agora era Kaspar quem também me dizia isso. Por acaso eu não acreditava nisso? Tinha medo, certamente. Tinha muito medo, mas não de buscar a verdade, e sim de encontrá-la. E,

ao me dar conta disso, o efeito rebote Salina foi instantâneo: eu queria encontrar a verdade mais que ninguém. Eu era a *basileia* da verdade.

— Vamos atrás desses ossuários — declarei.

Capítulo 9

Com um milhão de dúvidas ainda por sanar e outro milhão de perguntas na cabeça, na terça-feira pela manhã, nós nos dividimos em dois grupos: nós, que precisávamos trabalhar, saímos de casa relativamente cedo, e os que não precisavam levantaram tarde e se espalharam por Toronto quando lhes deu na telha em busca de entretenimento e diversão. Eu sempre disse que a vida não é justa, e não é que eu tivesse muitas obrigações àquela altura do ano, com o semestre encerrado, mas, na comparação, eu sentia a minha situação agravada. Talvez por isso aquela manhã tenha me parecido tão longa e tediosa.

Cheguei em casa pouco antes do meio-dia e, assim que abri a porta, escutei uma gargalhada perfeita, musical e cristalina que, claramente, pertencia a Abby Simonson. Uma reunião animada acontecia em minha sala, onde todos, inclusive as crianças, viviam momentos agradabilíssimos em companhia da herdeira, que ocupava o lugar onde eu costumava me sentar. Farag veio rapidamente me dar um beijo.

— Venha, querida! — disse para mim, puxando-me para o centro da sala com um brilho muito especial no olhar. — Venha, sente-se ao lado de Isabella. Temos grandes notícias.

— O que houve? — perguntei.

— Olá, Ottavia! — cumprimentou-me Abby, levantando-se para me beijar. Que obsessão! Por acaso era da minha família? Por acaso eu sabia de quantas doenças infecciosas ela havia padecido ao longo de sua vida? Não, não é? Devia era se sentir agradecida por eu me dignar a lhe conceder um gesto de simpatia com a mão enquanto me dirigia ao meu assento.

— Contem-me essas boas notícias — pedi, sentando-me e dando um beijo na bochecha de Isabella.

— Bem, descobrimos algo incrível que poderá nos dar uma pista chave sobre os ossuários — declarou Kaspar. Linus, sentado como um homenzinho ao seu lado, olhava para mim com um sorriso encantador de boas-vindas. Fiz um sinal para ele, que se aproximou rapidamente para me beijar.

— Ah, é? — estranhei, dando um tapinha leve no traseiro de Linus para que fosse sentar ao lado de seu pai outra vez.

— Por acaso você duvidava de nossas habilidades para conseguir o impossível? — perguntou o meu marido, cheio

de dignidade. — Encontraremos esses ossuários porque somos os melhores.

— Tudo bem — concordei. — Somos os melhores. Mas preciso que alguém me explique, por favor, por que estamos falando disso tudo na frente de Isabella e Linus.

— Tia Ottavia! — ofendeu-se a minha sobrinha.

— Somos uma equipe — explicou Farag e, antes que eu pudesse grunhir diante de tamanha tolice, suas sobrancelhas se ergueram suavemente e seu olhar azul-turquesa ficou mais profundo; captei a mensagem e, ainda que a total contragosto, concordei: esperaria pacientemente antes de dizer algo irremediável e escutaria de boa vontade.

— Kaspar não pode se separar de Linus, não pode deixá-lo com ninguém e, portanto, propusemos a Isabella que cuide do garoto durante este verão.

— Isabella tem que ir a Palermo visitar seus pais, irmãos e o resto da família — comentei, rangendo os dentes.

Se agosto chegasse e a manipuladora da minha sobrinha se livrasse da viagem à Sicília, minha irmã mandaria assassinos de aluguel para acabar comigo. E nem digo o que faria a minha mãe, que poderia mandá-los de fato.

— Não tem nenhum problema eu ficar um verão sem ir! — objetou a interessada. — Irei no Natal, prometo.

Percebi que tínhamos um problema grave: se Isabella havia decidido não ir à Sicília, nem com toda a corte celestial cantando só para ela conseguiríamos fazer que minha sobrinha fosse. Mas eu não podia me render sem lutar:

— Foi o que você disse no Natal passado — lembrei a ela, irritada —, e sua mãe ficou chorando durante quinze dias e me telefonando o tempo todo. Você não sente falta dela?

Só queria confirmar a minha suspeita de que ela não tinha coração.

— Claro que sinto falta dela! — respondeu. — Mas isso não significa que tenho que fazer sempre o que a minha família manda. Sou maior de idade, e eles precisam se dar conta de que tomo as minhas próprias decisões. Não vou abrir mão de uma fantástica viagem à Mongólia por umas chatíssimas semanas em Palermo aguentando meus pais e, sobretudo, as caras e bocas da vó Filippa.

Quando escutei essa história de Mongólia o meu cérebro deixou-a momentaneamente em suspenso porque, como sempre, a menção de minha mãe me distraía de qualquer outra coisa. Eu sentia tanto a falta dela! Mas então a questão da Mongólia retornou e assumiu o protagonismo. Havia levado apenas alguns segundos.

— Como assim você vai à Mongólia? — exclamei em italiano a todo o volume. — Só por cima do meu cadáver! Quem lhe deu permissão?

— *Basileia...* — tentou intermediar Farag.

— Ficou maluca? — continuei a repreender a tola de minha sobrinha. — De maneira nenhuma! Entendeu bem? Se você for à Mongólia, não volte a esta casa!

— Tudo bem — respondeu com indiferença e, quando eu ia saltar sobre ela para estrangulá-la, acrescentou: —, porque vou contigo, então...

— *Basileia...*

Agora, paralisada como eu estava, a voz de Farag conseguiu chegar até a parte consciente de meu cérebro.

— *Basileia, querida, vamos todos para a Mongólia.*

Para a Mongólia? Nós íamos para a Mongólia? O que tínhamos para fazer na Mongólia? Quando recuperei os movimentos e me virei para olhar o meu marido, tropecei com a cara feia da herdeira que, embora não tivesse entendido nada do que eu disse à minha sobrinha em italiano, claramente nunca havia visto, a não ser talvez em algum filme, uma cena como aquela. Sua perplexidade e atordoamento eram evidentes.

— Perdoe-a, Abby — disse Kaspar naquele momento. — Ottavia tem esses arroubos de vez em quando. Logo você se acostuma. Como você pode ver, nós já nem damos atenção.

Minha sobrinha balançou a cabeça efusivamente com um sorriso nos lábios, confirmando à herdeira que o que acabara de acontecer naquela sala era algo sem importância. Então todos começaram a rir e Abby, vendo aquilo, relaxou e riu também. Eu era a única que continuava séria. Essas coisas sempre aconteciam comigo: ficava furiosa antes da hora porque achava já ter entendido tudo e, claro, me enganava e ficava com cara de idiota. Apesar de tudo, não estava disposta a perder meu orgulho.

— Não dê ouvidos ao Kaspar, querida — Farag me disse, pegando minha mão sem parar de rir. — Eu sempre lhe dou atenção.

Lancei um olhar fulminante que não pareceu afetá-lo em nada, então soltei sua mão como se estivesse morta para que percebesse que eu não correspondia.

— Que história é essa de que vamos à Mongólia? — perguntei com frieza, engolindo os restos devastados de minha dignidade.

— Essa era a grande notícia — disse o meu marido. — Em dois dias estaremos em Ulan Bator. Já temos as

passagens. Na primeira classe, nem mais nem menos! Partiremos amanhã neste mesmo horário.

Eram informações demais. Se ainda não havia me acostumado à ideia de que havia chegado em minha casa, como poderia compreender que dois dias depois estaria em Ulan Bator, capital da Mongólia?

— Alguém poderia me explicar o que aconteceu? — supliquei, esgotada. — Por que vamos à Mongólia?

— Posso explicar, Ottavia — ofereceu-se Abby amavelmente. — Kaspar ficou sabendo hoje de manhã pela irmandade que, durante o saque que seguiu a invasão do Iraque em 2003, algumas caixas contendo o que parecem ser documentos da corte de Hulagu foram roubadas dos fundos do Museu Arqueológico Nacional e vendidas algumas vezes a colecionadores e antiquários até que, em 2011, acabaram nas mãos da dra. Oyun Shagdar, membro da Academia Mongol de Ciências e da Associação Internacional para Estudos Mongóis. A dra. Shagdar, historiadora e antropóloga de grande prestígio em seu país, trabalha há três anos com esses documentos, embora, por falta de fundos, não tenha conseguido avançar muito. Ela não tem interesse no ilkhanato de Hulagu, apenas nas informações que possa conseguir sobre o Império Mongol como um todo e sobre os

três Grandes Khans, netos de Genghis: Mongke, Arik Boke e Kublai Khan.

— E o que esperamos obter? — perguntei, apoiando um cotovelo no espaldar do sofá.

— Bem, *basileia* — censurou-me meu marido —, em algum desses documentos pode haver alguma referência aos ossuários. Afinal de contas, a tábua de ouro mostra Hulagu com sua esposa principal, Dokuz Khatun, ajoelhada diante deles.

— Por outro lado — comentou Kaspar —, os documentos dessas caixas iraquianas foram escritos majoritariamente em árabe, latim e, prepare-se, querida doutora, em grego bizantino, línguas que nós três dominamos muito bem. Com certeza, trata-se sobretudo de correspondência diplomática com os diversos sultanatos árabes, e também com Roma, os reinos europeus e o Império Bizantino de Constantinopla.

— Ah, tá! — deixei escapar, muito surpresa. Comecei a sentir uma coceira na ponta dos dedos diante da perspectiva de ter nas mãos autênticos manuscritos bizantinos do século XIII.

— A dra. Shagdar, por sua vez — continuou Kaspar —, só conseguiu trabalhar nos documentos escritos no alfabeto mongol-uigur, que para ela são os mais valiosos porque,

pelo visto, os mongóis não escreveram muito até que Kublai Khan chegou ao poder. Sua grande rede de estradas entre o Oriente e o Ocidente era percorrida diariamente por milhares de mensageiros que memorizavam o que precisavam dizer. Aparentemente, os comunicados internos do império eram aprendidos em verso para que fossem mais facilmente lembrados.

Para mim, tanto fazia. Sentia apenas o formigamento bizantino de meus dedos. De qualquer maneira, subitamente eu me dei conta de um problema:

— Mas e a universidade? — perguntei. — E o Centro, Farag?

Meu marido riu.

— Ah, já estava esquecendo! — exclamou. — Recebi ordens do presidente Macalister para me juntar, enquanto diretor do Centro de Arqueologia, à equipe de especialistas da Fundação Simonson que trabalhará com a diretora Shagdar. E você também, por sinal.

— Eu também o quê? — incomodava-me que decidissem por mim sem me consultar.

— Você, Ottavia — acrescentou Abby como se também fizesse parte da família —, como beneficiária da bolsa Owen-Alexandre de Pesquisa Científica, financiada, espero

que saiba, pela Fundação Simonson, recebeu a mesma ordem que Farag para integrar a equipe de especialistas. Você é a maior especialista do mundo em grego bizantino, e a UofT assinou um acordo com a Fundação que inclui o seu nome.

Eu não acreditava no que estava ouvindo.

— Tudo isso aconteceu hoje de manhã? — inquiri.

— Bem, tecnicamente, sim — admitiu ela, cruzando as mãos. — Ainda que, em termos legais, tenha data de três meses atrás.

— Virgem Santa! — deixei escapar, mas algo estava latejando em meu cérebro. — Como a bolsa Owen-Alexandre é financiada pela Fundação Simonson? Achei que fosse bancada pela NAR, a Associação Nacional de Pesquisa do Canadá.

— Bem, sim, mas... não — riu Abby, encarquilhando muito o rosto. — Aqui o setor público apenas escolhe o nome por prestígio, mas o dinheiro vem sempre do setor privado. Sua bolsa é patrocinada pela Associação Nacional de Pesquisa, de fato, mas financiada pela Fundação Simonson, que mantém o anonimato porque é mais elegante fazer essas coisas sem divulgar.

Mas meu cérebro continuava latejando.

— Sabe, Abby... — murmurei pensativa. — Começo a suspeitar que nossa presença na UofT não é tão acidental como acreditávamos. Por acaso seus avós influenciaram Macalister de algum modo para que nos contratasse?

Abby ficou vermelha feito um tomate sob sua perfeita pele de garota.

— Sim, influenciaram — admitiu, um pouco envergonhada.

Farag soltou um suspiro de surpresa. Um pesado véu de silêncio caiu subitamente sobre a sala.

— Vocês gostariam de comer sushi? — perguntou Isabella de repente, rasgando o véu. — É que o tio Farag não preparou nada e já está tarde.

— O que é sushi? — perguntou Linus, olhando para o pai.

— É delicioso! — explicou Isabella. — Você vai adorar. É o que os japoneses comem. Venha, vamos fazer o pedido pelo notebook da tia Ottavia. Você me ajuda a preparar a minha mala hoje à tarde?

Era preciso reconhecer que Isabella, sendo a mais jovem de três irmãos e vinte e cinco primos, tinha uma habilidade extraordinária com crianças pequenas, além de uma capacidade também extraordinária de desaparecer no

momento certo. Linus e ela subiram as escadas e deixaram a cena à francesa.

— Começo a me sentir como uma mosca em uma teia de aranha — resmungou meu marido, muito irritado —, e seus avós e você, Abby, são as aranhas.

Ela nos encarou muito aflita. Ao seu lado, Kaspar olhava para os sapatos.

— Sinto muito — ela se desculpou, prendendo os longos cabelos loiros atrás da orelha em um gesto nervoso. — Não acho que seja tão terrível no fim das contas. Essas coisas acontecem o tempo todo. As universidades brigam para conseguir os docentes mais prestigiados e atrair as personalidades de maior destaque em suas áreas. Meus avós, como bem sabem, conheciam vocês há muito tempo, mas como estavam em Istambul, na Turquia, trabalhando no mausoléu do imperador Constantino, eles tiveram que esperar muitos anos para poder trazê-los a Toronto. Não acho que tenha nada de errado nisso. Macalister, por sinal, ficou encantado com a proposta.

— Mas por que fazer isso às escondidas? — perguntei.

— Não foi às escondidas! — lamentou-se. — Vocês não nos conheciam e poderiam ter pensado que os estávamos subornando se tivéssemos oferecido seus empregos depois

de falarmos dos ossuários. E contratá-los diretamente era impossível porque sabíamos que você, Ottavia, teria se recusado prontamente.

— Mas é claro!

— Uma universidade era a melhor solução para trazê-los — continuou a explicar. — Seu prestígio acadêmico e o da própria universidade aumentariam e então, quando encontrássemos o *Lignum Crucis*, poderíamos tentar convencê-los, como fizemos. Onde está o problema?

— No fato de que fomos manipulados — respondeu Farag, com a expressão perigosa de faraó egípcio prestes a estourar.

— Bom, também não é tão grave — exclamou a Rocha, deixando as mãos caírem sobre os joelhos com força considerável. — Deixem de besteira. Como Abby disse, vocês não foram prejudicados em nada, e hoje estamos todos satisfeitos com o resultado.

Farag e eu permanecemos em silêncio, mal-humorados.

— A dra. Shagdar sabe que nós iremos? — perguntou Kaspar a Abby.

— Ainda não — respondeu, olhando para o relógio. — Há doze horas de diferença entre Ulan Bator e Toronto. Se aqui é uma da tarde, lá é uma da madrugada de amanhã, quarta-

feira. Mas suponho que a Fundação entrará em contato com ela nesta mesma tarde para informar que receberá uma importante ajuda econômica para que possa levar a cabo o seu trabalho e que um comitê de especialistas chegará depois de amanhã para conferir a documentação e avaliar suas necessidades.

— Seus avós não poupam nos gastos, não é? — ironizei.

— Não, não poupam nem vão poupar — respondeu Abby, bastante convencida. — Isso é muito importante para eles.

— Por quê, Abby? — encasquetou meu marido, ainda irritado devido à manipulação. — Por que isso é tão importante para os seus avós?

Ela olhou para ele, confusa. Impressão minha, ou Abby estava escondendo alguma coisa de nós?

— Querem encontrar Jesus antes de morrer — balbuciou. — Desde que eu era pequena, minha avó me falava dos ossuários perdidos que encontraríamos um dia. Nunca vi a confiança deles ser abalada. Localizar os restos de Jesus e de sua família é uma obsessão de suas vidas. E da minha também. De fato — e um suspiro de resignação quase imperceptível e perfeitamente triste escapou de sua garganta —, meu casamento fracassou porque o meu marido... meu ex-marido, Hartwig, mesmo sendo arqueólogo, não

conseguiu suportar por mais tempo essa loucura, como ele chamava.

— Hartwig? — estranhou Farag. — Não seria Hartwig Rau, seria? O famoso pesquisador alemão que trabalha no Egito, no vale dos Reis.

Abby sorriu com tristeza.

— Sim, ele mesmo... era meu marido — murmurou. — Nos divorciamos há dois anos. Felizmente não tivemos filhos, porque hoje tudo seria mais complicado. O casamento não terminou bem e não mantemos nenhum contato. Hartwig queria que eu abandonasse a fantasia dos ossuários e fosse morar no Cairo com ele. Mas não consegui. Então...

Pobre Hartwig, pensei. Deve ter acabado se cansando dos ossuários, cansando dos Simonson e cansando de ter uma mulher sempre longe dele. Fiquei com muita pena.

— Quanto tempo vão demorar para trazer o sushi? — disparou Kaspar de repente. — Não como um há anos!

Outro no mesmo barco. A história de Abby deve ter trazido à mente do ex-Catão a lembrança de Khutenptah, por isso estava mudando de assunto daquela maneira.

— Passaram-se vinte minutos desde que Isabella fez o pedido — respondi. — De qualquer modo, para constar,

sushi ainda não estava na moda quando você se embrenhou no Paraíso Terreno.

— Eu provei antes disso no Japão, durante uma viagem de trabalho — respondeu presunçoso.

Naquele instante, tocaram a campainha e, quase simultaneamente, escutaram-se gritos de alegria e passos em disparada no andar de cima. Não havia dúvidas de que as crianças estavam com fome.

Naquela tarde, Farag e eu voltamos aos nossos respectivos postos de trabalho para nos despedir, recolher as coisas, fechar gavetas, dar instruções, fazer ligações e avisar que retornaríamos antes que o semestre começasse em setembro. Foi o que Abby nos orientou a dizer. Então voltamos para casa e preparamos as malas. De início, não achávamos que fôssemos passar mais de uma semana fora, já que não precisávamos traduzir os documentos, mas apenas lê-los por cima em busca de alguma pista sobre os ossuários. Vimos na internet que as temperaturas na Mongólia durante aquela época do ano eram bem mais baixas que no Canadá, então colocamos roupas de inverno na bagagem. Enquanto Farag recolhia os carregadores de nossos celulares e *tablets*, preparei a bolsinha com os medicamentos de emergência. Achei melhor deixar as saias

em casa e levar apenas calças, devido ao frio e para não precisar lidar com as meias-calças.

Kaspar e Linus saíram para dar uma volta pela universidade, pois já estavam com tudo pronto (mal haviam tirado as coisas das malas desde que chegaram, apenas as roupas para lavar), e Isabella terminou de aprontar suas coisas pouco antes de nos deitarmos. Não cabia mais nenhum cacareco desnecessário em sua mala brega com flores coloridas. Pedi que devolvêssemos ao menos o seu celular, mas seu tio me convenceu a devolver todo o arsenal. Segundo Farag, ela já havia aprendido a lição; segundo eu, sua tia biológica, a única coisa que Isabella havia aprendido com aquilo tudo era que sempre acabaria se safando, mas eu não quis discutir. Afinal de contas, tínhamos uma longa viagem no dia seguinte e não valia a pena.

Naquela noite, com a casa já em silêncio, com todos em seus quartos e as malas amontoadas na sala, Farag e eu estávamos lendo na cama, mas meu cérebro não absorvia nada porque os nervos me consumiam.

— Não vai parar de mexer as pernas? — ele perguntou, sem desviar os olhos da leitura. O quarto estava às escuras, mas das duas telas de nossos *tablets* emanava luz suficiente para que víssemos a silhueta dos móveis e nossos perfis.

— Acho que não vou conseguir pregar os olhos — suspirei.

— Imaginei — disse ele, virando-se para me olhar. — Tente relaxar.

— Se nunca relaxei em toda a minha vida, Farag, não acho que vá conseguir justo esta noite.

— Sabe de uma coisa? Acho que Kaspar tem razão.

— No quê?

— Quando disse — murmurou, desligando o *tablet*, que deixou no criado-mudo — que essa história dos ossuários parecia estar esperando por ele para pegá-lo quando saísse do Paraíso Terreno.

— Estou com o estômago um pouco virado, como se estivesse com fome, mas angustiada ao mesmo tempo.

— Desligue isso, vamos, e venha cá.

Fiz o que Farag dizia e me aconcheguei junto a ele, apoiando a cabeça em seu peito. Ele me envolveu com os braços e, ao respirar o cheiro de sua pele, deixei escapar um longo suspiro de tranquilidade.

— Está vendo como consegue relaxar? — sussurrou.

Mas não fui capaz de responder porque, por puro esgotamento nervoso, estava pegando no sono. Mais uma vez, estávamos em meio a uma aventura tão estranha como

a primeira. Vai saber como e onde iríamos parar. E, desta vez, viajaríamos com crianças, uma de dezenove anos, abobalhada e perdida, e outro de quase cinco. Não queria nem imaginar.

No dia seguinte, uma quarta-feira, vinte e oito de maio, exatamente ao meio-dia e quinze, decolávamos de Toronto em um Airbus gigantesco da Korean Air com destino a Seul, onde, após treze horas e cinquenta minutos de viagem (durante as quais Kaspar, Farag e eu, deixando a pobre Abby com Isabella, não paramos de falar), fizemos uma escala de cinco horas no Aeroporto Internacional de Incheon, na Coreia do Sul. O pobre Linus dormia profundamente e nem percebeu que havíamos descido de um avião e subido em outro com destino à Mongólia.

Eram dez e meia da noite, hora local, da quinta-feira, vinte e nove de maio, quando o segundo Airbus finalmente aterrissou no Aeroporto Internacional Chinggis Khaan, em Ulan Bator.

Capítulo 10

Um céu escurecido pela tempestade, um clima gélido e uma chuva violenta nos receberam na rua na manhã de sexta-feira, quando saímos do Kempinski Hotel Khan Palace para nos dirigir ao escritório da dra. Shagdar. Soube de imediato que ficaria doente por causa do frio absurdo da Mongólia.

Isabella estava de mãos dadas com Linus, que havia sido colocado pelo pai dentro de um casaco longo de tecido polar vermelho com um capuz que cobria os olhos. Parecia um gnomo saído do bosque. Isabella, por sua vez, vestia uma linda jaqueta branca impermeável delineada por um cinto sobre um macacão preto, também de tecido polar, e botas pretas altas. Sob o seu guarda-chuva colorido, parecia uma princesa. E o gnomo e a princesa iam acompanhados por um guia mongol chamado Sambuu, de cuja envergadura corporal eu só me atreveria a dizer que era parecida com a de um armário, grande e largo. Embora portasse um guarda-chuva gigantesco, Sambuu estava de manga curta, e cada um de seus braços era tão grosso quanto uma coxa de Kaspar. É claro que havia uma explicação: Sambuu era o campeão

nacional de luta mongol e havia largado seus treinos para o festival de Naadam (o mais importante e tradicional da Mongólia, em que eram realizadas corridas de cavalo, competições de arco e flecha e de luta mongol) para acompanhar e proteger nossas crianças, visto que, na realidade, ganhava a vida como guia turístico e agente de segurança. Ele iria levá-los para ver lugares interessantes enquanto trabalhávamos.

Assim, Abby, Kaspar, Farag e eu entramos em um carro luxuoso fornecido pelo próprio hotel e, em meio à tormenta monumental, dirigimo-nos até o feio edifício da Associação Internacional para Estudos Mongóis, onde ficava o escritório da dra. Oyun Shagdar. Não achei Ulan Bator uma cidade exatamente bonita: os longos anos sob domínio da Rússia comunista soviética haviam deixado uma triste arquitetura cinza e uniforme, sem alegria nem vida, coroada por construções pretensiosas e megalomaníacas de muito mau gosto. Presumo que a chuva e o cansaço pela longa viagem também não ajudaram a melhorar a minha primeira impressão. Fiquei bastante agradecida porque o trajeto era curto e, às cinco para as nove da manhã, já nos encontrávamos em frente à porta do escritório da dra.

Shagdar. Um enorme trovão retumbou sobre a cidade justo quando Abby bateu à porta.

— Acho que isso é um mau presságio — sussurrei baixinho para Farag.

— O quê? — ele nem ouvira.

— O trovão!

— Ah! Claro.

Uma mulher baixinha e meio cheinha, com as maçãs do rosto vermelhas e avantajadas e olhos oblíquos quase ocultos pelas pálpebras infladas, abriu a porta com simpatia e um sorriso no rosto. Era a dra. Shagdar, que não falava nenhuma outra língua além do mongol. Por meio de gestos, convidou-nos a entrar e fechou a porta. Seu escritório era uma sala espaçosa, com janelas amplas que davam para a rua e devia ter muita luz nos dias de sol (se é que existiam), mas agora estava sombria e deprimente. Luzes fluorescentes brancas e frias iluminavam alguns móveis baratos e três estantes de madeira frias e largas sem lixamento. Claramente, sua mesa de trabalho era a que ficava ao fundo, com uma luminária acesa e coberta por pilhas altas de papéis e livros. Havia fotografias penduradas nas paredes, e tive a sensação de que em todas ela estava rodeada por homens proeminentes com os casacos cobertos de medalhas, à moda soviética. O centro

do cômodo era ocupado por uma grande mesa de reuniões ladeada por cadeiras de plástico.

Ela fez sinal para que nos sentássemos ao redor da grande mesa e, com muita simpatia, pegou um belo jogo de xícaras de porcelana chinesa e serviu café quente para todos, sem exceção e sem perguntar (para mim veio em boa hora, pois minha garganta já estava doendo um pouco).

Enquanto tudo ocorria em um silêncio sepulcral, nós quatro contemplávamos com curiosidade a nossa pequena anfitriã. Seu cabelo, muito curto e repartido ao meio, ainda era totalmente preto e brilhava sob a luz fluorescente como se estivesse oleoso. Seus olhos ficavam quase escondidos não só devido às pálpebras, mas também pelos pequenos óculos de armação metálica que usava, e seus lábios estavam primorosamente pintados com um vermelho-sangue muito gritante. Contudo, eram as maçãs do rosto (que de fato se pareciam com maçãs) o que mais se destacava em sua face de traços inquestionavelmente mongóis.

— Vou pedir para nos mandarem um intérprete — disse Abby após o primeiro gole de café. — Assim não conseguiremos trabalhar.

Nossos silenciosos gestos afirmativos foram unânimes. A pobre dra. Shagdar, como não havia nos entendido, não fazia

nada além de sorrir e incentivar-nos a tomar o café quente.

Abby tirou o celular da bolsa e falou com alguém da Fundação lá no Canadá. Desligou em poucos segundos.

— Logo, logo teremos um intérprete aqui — anunciou.

Houve um suspiro geral de alívio. Mas eu não queria esperar mais. Era sexta-feira, e não queria arriscar os dias de folga que vinham pela frente. Queria terminar logo para sair daquele país e voltar para casa.

— Dra. Shagdar — eu disse olhando para ela. — Onde estão as caixas?

A dra. Shagdar sorriu afetuosamente para mim, mas não se mexeu.

Abri os braços e desenhei grandes caixas no ar.

— As caixas, doutora — repeti. — Os documentos. Os papéis. Hulagu Khan.

Essas foram as palavras mágicas. Quando a dra. Shagdar escutou o nome de Hulagu, abriu um sorriso ainda mais amplo (seus olhos desapareceram por completo e se tornaram dois tracinhos retos e escuros de rímel) e se levantou. Eu não conseguiria determinar a idade daquela mulher, mas devia ter por volta de sessenta anos, talvez mais. Estava com um vestido roxo simples e uma jaqueta lilás com botões prateados. Com passos ágeis, levantou-se e

entrou em um quartinho que ficava à direita de sua mesa e, ali, a ouvimos remexer em objetos.

Pelo visto, havia me entendido perfeitamente, porque saiu de lá com um bauzinho de tamanho médio nos braços. E dá-lhe baú! Antes que tivéssemos nos recuperado da surpresa, tirou mais dois ou três, idênticos, e os colocou no centro da mesa de reuniões. Eram magníficos. Ainda conservavam restos importantes do laquê preto com o qual haviam sido revestidos, e era possível perceber vestígios de cor vermelha, verde e dourada nos entalhes de formas geométricas. A madeira não estava rachada em nenhum ponto, mesmo tendo, com certeza, quase oitocentos anos de idade, conforme aparentavam. Era extraordinário pensar que aquelas caixas haviam feito parte da chancelaria diplomática do ikhanato de Hulagu Khan, em sua corte de Maragha, no norte do Irã. E eu havia pensado, ingenuamente, que as caixas iraquianas seriam caixas normais, de madeira barata, com letreiros de “Frágil” e “Este lado para cima” na parte superior!

A dra. Shagdar abriu um dos bauzinhos – simplesmente retirando a bela tampa encurvada – e extraiu dali um documento de papel escurecido pelo tempo que exibia, sob o texto em tinta negra, os típicos selos chineses quadrados de

cor vermelha, descoloridos pelo tempo. Mas aqueles selos não podiam ser chineses, porque os desenhos do interior eram mais parecidos com garfos, raladores de queijo e correntes metálicas que com os vistosos e ondulados pictogramas chineses. Portanto, deviam ser mongóis. A escrita do texto, claramente, era árabe.

— É farsi — afirmou meu marido, pegando o documento nas mãos.

— Persa? — surpreendeu-se Abby.

— Exatamente. Utiliza o alfabeto árabe, mas a língua é persa.

— Então você não consegue ler — entristeci-me.

— Posso ler, mas não entender — admitiu ele.

Fizemos gestos para a dra. Shagdar para indicar que não compreendíamos o que aquele documento dizia, então ela o pegou na mão novamente e voltou a guardá-lo no baú, afastando-o para um canto. Do segundo, que também abriu retirando a tampa como se fosse um porta-joias, extraiu outro antigo papel de cor amarelo escuro que exibia os mesmos selos mongóis vermelhos e grandes, mas, sobre eles, a escrita era uma bela e diminuta caligrafia grega, com letras de cadência e traçado elegantes. Meu coração acelerou e estendi ansiosamente as mãos. A boa doutora sorriu e me

entregou o papel com tanta delicadeza quanto ao entregar o documento anterior.

Lendo por cima, palavras e frases soltas aqui e ali, percebi que era a cópia de um despacho oficial, uma felicitação de Hulagu Ilkhan ao imperador bizantino Miguel VIII Paleólogo pela recuperação de seu império e por sua coroação. Senti um calor no rosto e nas orelhas devido à forte emoção que se apoderou de mim. Até aquele momento, eu nunca suspeitara de que tivesse havido uma comunicação tão precoce entre os mongóis e o Império Bizantino de Constantinopla, restaurada por Miguel VIII Paleólogo em 1261, após quase sessenta anos de domínio do Império Latino pelos venezianos. Aquele documento único poderia e deveria mudar muitos livros de história.

— Suas mãos estão tremendo, *basileia* — disse Farag.

— Se você soubesse o que estou lendo — murmurei emocionada —, as suas também estariam.

— Alguma coisa sobre os ossuários? — inquiriu Kaspar, muito interessado.

— Ossuários? Que ossuários? — brinquei. — Não, nada sobre isso. O que tenho aqui é a história verdadeira e autêntica de uma época fascinante e desconhecida.

As tropas europeias da Quarta Cruzada não tinham meios para chegar até a Terra Santa e, em 1202, o doge de Veneza, Enrico Dandolo, ofereceu-lhes a frota veneziana sabendo que não poderiam pagar o preço combinado. Quando chegou o momento, os cruzados, de fato, não puderam pagar, e o doge ofereceu perdoar sua dívida contanto que, em troca, conquistassem certo território para Veneza. As coisas se complicaram bastante, mas, enfim, em 1204 os cruzados acabaram atacando e saqueando Constantinopla em vez de Jerusalém e subjugando o Império Bizantino para os venezianos (que tinham, assim, aberto o comércio até o mar Negro, o Oriente e as especiarias) e a Igreja católica (que eliminava com um canetada a Igreja ortodoxa, ou ao menos assim acreditava). Mudaram seu nome para Império Latino de Constantinopla e deram início a uma época triste e obscura, da qual Bizâncio nunca se recuperou completamente. Em 1261, felizmente, Miguel VIII Paleólogo (em grego pronuncia-se *palaiólogos*) conseguiu reconquistar o pouco que, àquela altura, restava da bela Constantinopla e foi coroado imperador do restaurado Império Bizantino na Igreja de Santa Sofia. E, nesse contexto, Hulagu Khan, neto de Genghis Khan e dono da Pérsia, da Síria e de parte da

Terra Santa, felicitava-o por sua coroação. Era impressionante.

Batidas na porta nos obrigaram a erguer a cabeça e a olhar naquela direção. A dra. Shagdar vociferou algo gutural e um rapaz jovem, de uns vinte anos, projetou o rosto oriental com gigantescas e coloradas maçãs do rosto para dentro do cômodo.

— Eu me chamo Orgio — disse, em inglês. — Vocês chamaram um intérprete?

Catástrofe pouca é bobagem! Haviam enviado uma criança para fazer a ponte entre nós e a dra. Shagdar. Quanto vocabulário histórico ou científico poderia ter aquele menino? Bem, então... para variar, equivoquei-me ao tirar conclusões precipitadas, porque Orgio se revelou um intérprete muito bom que não nos deu nenhum problema. Sabia mais inglês que eu, e sua cultura, sem ser excessiva, não deixava a desejar naquela situação. A empresa que o enviara havia compreendido bem o que a Fundação Simonson pedira.

Com Orgio de intermediário, finalmente conseguimos nos comunicar com a dra. Shagdar, o que foi um imenso alívio e um grande passo à frente em nosso trabalho. Ela não suspeitava que procurávamos pistas de estranhos ossuários

judeus, mas deu por certo que aqueles estrangeiros (nós), de cuja opinião dependia uma substancial ajuda econômica, tinham que ver e analisar tudo o que quisessem, de modo que não impôs obstáculos ao nosso trabalho nem fez perguntas comprometedoras, limitando-se a nos servir café de vez em quando e a recolher discretamente os documentos e guardá-los em seus baús conforme os descartávamos. Orgio e ela, por tédio, finalmente engrenaram uma conversa em mongol que, no fim das contas, tornou-se uma música de fundo.

Assim, Farag se dedicou a examinar os papéis em latim, Kaspar e eu os documentos em grego (a língua oficial do Paraíso Terreno era o grego bizantino, por isso Kaspar acabara aprendendo), e Abby Simonson fotografou com seu *smartphone*, um por um, todos os manuscritos em língua persa escritos em árabe.

— Estou enviando as fotos para a Fundação conforme vou tirando — nos disse. — Já há uma pessoa encarregada da leitura por lá.

Orgio traduziu rapidamente o que Abby havia dito à doutora, e esta assentiu com a cabeça antes de soltar uma peroração gutural. A dra. Oyun Shagdar devia precisar muito

do dinheiro para, não sendo nada boba, achar normal o que estávamos fazendo.

— A doutora disse que os senhores poderiam compreender muito melhor o trabalho dela — traduziu-nos Orgio — se examinassem também os documentos mongóis. Disse que não utilizará para nada esses que os senhores estão olhando.

— A dra. Shagdar sabe a importância disso tudo que não vai usar para nada? — perguntei em minha condição de paleógrafa especialista de renome internacional.

O garoto traduziu e a doutora voltou a se explicar.

— Ela disse que sim, mas que para ela não têm nenhuma utilidade, e por isso os colocou à disposição da Academia há algum tempo: para que outros historiadores pudessem examiná-los. Disse que já vieram dois ou três colegas para vê-los, e que um deles, o dr. Otgonbayar, quer levá-los para o seu escritório, o que parece justo a ela, pois foram comprados com o dinheiro da Academia de Estudos Mongóis.

Nós quatro trocamos olhares e, como se tivéssemos lido os pensamentos uns dos outros, pegamos nossos celulares e preparamos as câmeras fotográficas. Abby escreveu em um papel o endereço para o qual estava enviando as mensagens e começamos a fazer o mesmo. Talvez nunca mais

voltássemos a ver aqueles documentos, e não seria demais, levando em conta o alto preço que a Fundação pagaria, que tivéssemos cópias com as quais trabalhar caso encontrássemos alguma coisa.

Na metade da manhã, percebemos com grande alívio que conseguiríamos terminar o trabalho naquele mesmo dia se nos apressássemos um pouco. Na realidade, os bauzinhos não eram muito grandes e não precisávamos fazer uma análise paleográfica aprofundada dos documentos, apenas lê-los por cima e rapidamente para ver se a palavra ossuários (em grego, *ὀστεοφυλάκια*, pronunciado *osteofilákia*, e, em latim, *ossuaria* ou *ossaria*), em qualquer uma de suas declinações, aparecia em algum lugar.

Quando chegou a hora do almoço, Kaspar e eu havíamos revisado praticamente todo o material em grego sem nenhum sucesso e Farag, como trabalhava sozinho, ainda estava muito atrasado. De qualquer forma, Abby se ofereceu para lhe ajudar se ele escrevesse claramente o que ela devia procurar. Em um guardanapo do restaurante onde almoçamos, ao lado da Academia, Farag escreveu para ela as raízes latinas *ossuar* e *ossar* e lhe disse para entregar rapidamente a ele qualquer documento contendo alguma palavra que começasse assim. Suponho que todos pensamos

a mesma coisa naquele momento: Abby não estava preparada para ler manuscritos medievais latinos de caligrafia complicada, cheios de abreviaturas e contrações. Ao menos ela se ocuparia, em vez de ficar com cara de mártir olhando pelas janelas da sala da doutora.

Enquanto tomava o primeiro gole da segunda xícara de café da tarde, encontrei.

Quase atirei a xícara pelos ares devido ao salto que dei na cadeira, e minha exclamação de surpresa, infelizmente, assustou muito a dra. Shagdar. Tive que explicar a Orgio que acabara de ler um dado muito importante sobre um assunto no qual havia trabalhado anos antes e que me dera imenso prazer comprovar que estava certa a respeito de determinada hipótese. Sei lá. Falei a primeira coisa que me veio à cabeça. Era uma besteira, mas a complacente doutora pareceu sentir tanto prazer quanto eu quando o rapaz explicou para ela em mongol, e me felicitou efusivamente sem, por sorte, perguntar mais nada.

Abby, Farag e Kaspar me lançaram tanto olhares de reprimenda por meu comportamento quanto de advertência devido às fotografias que eu devia tirar. Eu havia perdido o celular em meio aos papéis e, pelo nervosismo, não conseguia achá-lo, mas finalmente o encontrei debaixo da

bolsa. Por garantia, não tirei apenas uma foto; tirei sete, de diferentes ângulos e distâncias, para ter certeza de que levava o conteúdo completo do documento. Quando terminei, passei o manuscrito a Kaspar, que o analisou sem mostrar qualquer sinal de alteração no rosto. Também tirou diversas fotografias e então, indiferente, soltou o celular em um canto e continuou lendo com tranquilidade outros manuscritos como se nada tivesse acontecido. Percebi que era preciso continuar com a pantomima, tanto porque ainda podíamos encontrar algum dado novo quanto porque não devíamos levantar mais suspeitas do que já havíamos levantado com minha reação espalhafatosa.

Às sete da noite, com Orgio e a doutora a ponto de se atirarem pela janela por causa do tédio, concluímos o trabalho. O intérprete nos ajudou a agradecer e traduziu para a pobre Oyun Shagdar a conversa que Abby estava travando por telefone para que o dinheiro da Fundação Simonson fosse transferido para a conta bancária da doutora no Golomt Bank. A mulher se desdobrou em agradecimentos, complacências e floreios e se ofereceu para colaborar em tudo o que precisássemos durante a nossa estadia na Mongólia. Abby telefonou para o hotel para chamar o carro.

Por fim, em pouco tempo, descíamos a grande escada da Academia com ânimo revigorado, pois mal víamos a hora de chegar ao hotel para, além de vermos as crianças e descansar, dar uma boa analisada em nossa magnífica descoberta. Kaspar e eu já sabíamos o que dizia o manuscrito, mas Farag e Abby estavam ardendo de curiosidade e ela, pela primeira vez desde que a conheci, demonstrava estar perdendo sua perfeita e elegante compostura devido à impaciência. Contudo, estranhamente, não perguntou nada.

— Acho que a primeira coisa que devemos fazer — propus assim que sentamos no carro — é jantar todos juntos, com Isabella e Linus. Depois, se a ideia lhes agrada, podemos nos reunir no quarto de Abby, que é o mais espaçoso, e falar sobre o que descobrimos.

A herdeira, que estava sentada ao lado do motorista, virou-se para mim.

— Sinto muito, Ottavia, mas quando chegarmos ao hotel temos uma videoconferência marcada com meus avós.

— Mas no Canadá devem ser...! — olhei para o relógio e somei doze horas. — Oito da manhã!

— Um horário excelente! — concluiu ela com um grande sorriso. *Por isso não perguntou nada sobre o documento, pensei.*

Queria escutar tudo ao mesmo tempo que seus avós.

— E quando vamos jantar? — perguntou Kaspar, acredito que preocupado com Linus.

— Pediremos que nos levem o jantar.

Isabella e o garoto já estavam no hotel havia algumas horas, jogando videogame no quarto de minha sobrinha. Linus já havia jantado porque Isabella imaginara que chegaríamos tarde e, ainda que estivesse nos esperando, morta de fome, decidira que o garoto precisava seguir minimamente os horários, por mais alterados que estivessem. No fundo, eu continuava achando que a presença de Linus naquela viagem era uma loucura, mas, enquanto seu pai não dissesse o contrário, a criança seguiria conosco.

Abby tinha só para ela a suíte presidencial do Kempinski Hotel Khan Palace, no sétimo andar. Não é que estivéssemos mal instalados, pelo contrário, mas a herdeira favorita dos Simonson precisava se hospedar, é claro, na suíte presidencial. Pedi desculpas ao Senhor imediatamente por aquele pecado de inveja. Se eu já tinha um quarto maravilhoso pago pela família dela, que diferença faria para mim que Abby tivesse mais de cem metros quadrados só para ela? A verdade é que aquela suíte caiu como uma luva

quando todos nós, inclusive as crianças, nos reunimos ali para a videoconferência com Jake e Becky.

Pedimos o jantar por telefone e, enquanto esperávamos e Linus nos contava com toda a riqueza de detalhes o que havia visto naquele dia com Isabella e Sambuu, Abby conectou o notebook a um plugue na parede e à imensa televisão de plasma da suíte e telefonou para a recepção para solicitar a linha especial de internet.

— É tuuuudo cheio de budas! — explicava Linus, admirado e encantado por ser o centro das atenções. — Bem, e de gengis khans. Tem gengis khans em tudo quanto é lugar. Gigantes!

— Visitamos a praça Sukhbaatar — esclareceu-nos Isabella — e o mosteiro budista de Gandan.

— Sim, Gandan — confirmou Linus, assentindo. — Lá tinha o maior buda do mundo.

— Um dos maiores — corrigiu Isabella.

— Sim, um dos maiores — ele admitiu. — E também vimos uma caveira de elefante.

— Isso foi no palácio de Inverno de Bogd Khan, o lama budista que, no século passado — para Isabella, o século xx era a pré-história da humanidade —, foi khan da Mongólia, antes da ocupação soviética.

— Era o seu elefante favorito — continuou a contar Linus, muito emocionado — e, quando ele morreu, ficaram com a caveira. Os chifres...

— Presas.

—... as presas eram grandes assim — disse, abrindo os braços de pé.

— Caramba! Você viu muitas coisas — respondeu Kaspar.

— Você já devia estar na cama Linus — eu disse, fazendo o papel de estraga-prazeres (meu papel favorito com crianças).

— Sim, eu sei — assentiu. — Mas ainda não estou com sono.

— Por que você não o leva para deitar na minha cama, Kaspar? — propôs Abby enquanto teclava no computador. — Quando terminarmos você o pega.

Isabella se levantou. Estava levando muito a sério o seu trabalho de babá. Meu marido olhou para mim tão surpreso quanto eu, e ambos sorrimos às escondidas.

— Vamos, Linus — minha sobrinha disse ao garoto. — Vamos para o seu quarto vestir o pijama.

— Sim, mas antes você precisa me dar banho — ele a lembrou enquanto a seguia pela ampla sala.

— Nem pensar — respondeu a minha sobrinha, abrindo a porta da suíte. — Hoje você vai aprender a tomar banho sozinho, como um adulto.

— Sim, eu já sou adulto — foi a última coisa que escutamos antes que a porta fechasse.

— Seu filho ainda não aprendeu a dizer não, não é? — perguntei a Kaspar.

Naquele exato momento, a tela da televisão se iluminou e vimos Jake e Becky Simonson como se fossem os participantes de um *reality show* em algum canal de entretenimento.

— Bom dia! — exclamaram os dois ao mesmo tempo, contentes como se tivessem ganhado na loteria.

— Boa noite — respondeu Abby, muito sorridente. — Estão nos vendo bem, vô e vó? Nós estamos vendo e ouvindo bem.

— Estamos lhe vendo e ouvindo muito bem, Abby, mas onde estão os outros?

Farag, Kaspar e eu estávamos confortavelmente sentados no luxuoso estofado de couro da suíte, e a câmera do notebook de Abby não estava nos enquadrando, então nos levantamos e sentamos ao redor da mesa de jantar, que ficava bem em frente à televisão e ao computador.

— Nossa mãe, como deve estar frio aí! — exclamou Becky ao ver nossas roupas de inverno. — Vocês estão muito agasalhados. Estão confortáveis no hotel? Não querem que aumentem a calefação?

— A rede de hotéis Kempinski — explicou Abby com toda a naturalidade — é nossa.

Meu queixo caiu e ficou um tempo pendurado. Eu conhecia o incrível Çırağan Palace Hotel Kempinski de Istambul, onde assistira a vários congressos sobre Constantino, e, para mim, ele representava o ápice do luxo universal. Se bem que não sei por que me espantava. Por acaso as pessoas não supunham que eles dominavam o mundo? Agora eu entendia por que Abby estava instalada na suíte presidencial. Era a dona daquele edifício.

— Bem, nos contem — Jake foi direto ao ponto. — O que descobriram nas caixas iraquianas?

— Vocês receberam o documento? — perguntou-lhes sua neta.

— Sim, estamos com ele aqui — e apontou para uma folha de papel com a fotografia do documento da chancelaria de Hulagu. Ainda que, como eu bem sabia, não fosse da chancelaria de Hulagu, e sim daquela de seu filho, Abaqa Ilkhan, cuja capital havia transferido a Tabriz, próxima a

Maragha, também no Irã. Nos baús, pelo que eu havia visto, estavam misturados e sem qualquer organização documentos de vários Ikhanes... e de suas Khatunes, suas esposas principais, que também mantinham uma intensa atividade diplomática à margem da política.

— Pode traduzir para nós, Ottavia, por favor? — Becky me pediu do outro lado da tela.

— Só me deem um momento para achar a fotografia e enviá-la para o *tablet*, já, já eu traduzo — eu disse, levantando-me.

Mas meu marido me deteve, segurando-me pelo braço.

— Aqui — disse, entregando o próprio *tablet* enquanto eu voltava a sentar. — Está aqui.

Dei uma olhada por cima e ampliei um pouco a imagem com os dedos.

— Também vou precisar dos meus óculos — desculpei-me, voltando a me levantar.

— Estão aqui — voltou a me dizer Farag, segurando-me outra vez pelo braço com uma das mãos e, com a outra, oferecendo-me meus óculos de leitura.

Peguei os óculos, coloquei-os e voltei a me sentar. Segurei o *tablet* de Farag com as duas mãos.

— Antes de traduzir para vocês — comecei a dizer —, deixem-me explicar uma coisa que aprendi hoje e, assim, vocês entenderão melhor o que estou prestes a ler.

— Vá em frente, Ottavia — convidou Jake de Toronto.

— Hulagu Khan e Miguel VIII Paleólogo, presumo que por alguma razão política, quiseram formar uma aliança entre os dois impérios e, para tanto, o que seria melhor que trocar uma mulher sem pedir a sua opinião? Miguel ofereceu uma de suas duas filhas ilegítimas, Maria Paleologina, para que se tornasse uma das esposas principais de Hulagu Khan, e Hulagu aceitou. Maria ainda era quase uma criança, e Hulagu já tinha por volta de cinquenta anos àquela altura, embora, no fim, já se viu e ainda se verá coisas piores. Em resumo, Maria deixou Constantinopla para se casar, mas, quando chegou a Maragha, Hulagu havia morrido.

— Os Assassinos outra vez? — perguntou Farag com os olhos brilhando.

— Isso eu não sei — respondi. — Não li nada sobre os Assassinos em nenhum documento.

— Bem, prossiga — pediu Kaspar.

— A questão é que, como Hulagu havia morrido e já que ela estava lá, casaram-na com o filho dele, Abaqa, o novo Ilkhan da Pérsia. Ao menos este era mais jovem. Naquele

mesmo ano da morte de Hulagu e do casamento de Maria com Abaqa, morreram também Dokuz Khatun e o patriarca Mar Makkikha.

— Os três personagens que aparecem na tábua de ouro morreram no mesmo ano? — perguntou o velho Jake, muito surpreso.

— Sim, os três — respondi. — Em 1265, um atrás do outro.

— Que estranho! — exclamou Jake.

— Bom, dito isso — continuei —, lerei para vocês o conteúdo do documento que encontrei hoje. É uma carta.

— De quem para quem? — quis saber o meu marido.

— De Maria Paleologina a seu pai, o imperador de Bizâncio Miguel VIII Paleólogo.

Fez-se silêncio tanto na Mongólia como no Canadá para que eu pudesse traduzir com tranquilidade enquanto lia. Kaspar, que conhecia o conteúdo, era o único que estava tranquilo. O rosto dos outros expressava uma grande tensão.

— “Ao muito excelente e magnânimo imperador de Bizâncio, pela graça de Deus, o senhor meu pai Miguel,” — comecei a ler — “da mais nova de suas filhas, Déspina Khatun, nascida Maria Paleologina, saúde e vitória triunfal diante dos inimigos.”

— Déspina? — surpreendeu-se Abby.

— Sua avó nos contou — eu a lembrei — que Dokuz Khatun, a esposa principal de Hulagu, chamava-se na verdade Oroquina. Déspina é uma palavra grega, *déspoina*, que significa “senhora”, “ama da casa”. Os mongóis deviam chamá-la assim por escutarem os servos gregos que a acompanhavam.

— Abby, deixe que Ottavia continue, por favor! — repreendeu sua avó.

— Sinto muito — desculpou-se a herdeira. — Continue, Ottavia, por favor.

Baixei o olhar para o texto e tomei ar. Era um momento solene.

— “Senhor meu pai, eu vos escrevo para anunciar o meu regresso a Constantinopla com o desejo de que o meu retorno não vos incomode e de que me recebais outra vez como vossa filha. Pai, minha vida está em risco desde a morte do senhor meu esposo, o Ilkhan Abaqa, a quem Nosso Senhor perdoe por seus muitos pecados. O senhor meu esposo morreu há dez dias, em primeiro de abril do presente ano do Senhor de 1282. Matou-o um de seus irmãos, o meu cunhado Tekuder, que já há algum tempo se converteu ao islamismo e se faz chamar sultão Ahmad, pois transformou

o ilkhanato em sultanato. Tekuder deliberou a minha morte por estar ciente de que sou a Khatun de muitos cristãos que habitam em seu império, os quais quer obrigar a se converterem ao islã. Se não o fizerem, irá matá-los.”

Aquilo me soava familiar. As coisas não haviam mudado muito em oito séculos. Eu nunca conseguiria entender (nem aceitar) a duradoura relação entre a morte e as religiões, por mais exemplos violentos que a história me apresentasse.

Calei-me naquele ponto porque bateram à porta. Abby deu um salto e se dirigiu com pressa até a entrada da suíte. Um camareiro entrou na sala onde nos encontrávamos empurrando um grande carrinho cheio de comida coberta por cloches.

— Querem que eu sirva à mesa? — perguntou-nos educadamente em inglês.

— Não, muito obrigada — disse Abby da entrada, mantendo a porta da suíte aberta para indicar que ele devia sair dali o quanto antes. Mas, em vez de o camareiro sair, entraram Isabella e Linus, agora vestindo um pijama, pantufas e um pequeno roupão verde com a insígnia do hotel bordada em ouro.

Linus pôs-se a correr em direção ao pai e subiu com habilidade pelas suas pernas para se sentar comodamente no

seu colo, olhando com desenvoltura para Becky e Jake, que sorriram para ele, achando graça. Isabella sentou ao meu lado.

— O que foi que eu perdi? — perguntou em voz baixa.

— Não muita coisa — respondi, girando os óculos no ar pela armação. — O mais interessante ainda está por vir.

— Maravilha.

Abby já havia retornado à sala e, enquanto sentava outra vez, não parava de olhar para mim com expectativa, motivando-me a continuar com a leitura de tradução simultânea.

— Prossigo ou vamos jantar? — perguntei, com a esperança de que todos optassem pela segunda opção. Não tive sorte.

— Continue a ler! — ordenou a Rocha com firmeza enquanto sacudia Linus pela cintura com a mão, balançando-o de um lado para o outro, para regozijo do garoto.

— Não falta muito — exclamei, colocando os óculos novamente. — “Partirei de imediato para Constantinopla, senhor meu pai, pois mais um dia aqui, em Tabriz, é um dia a mais para morrer nas mãos de Tekuder. Não vos preocupeis com os ossuários perdidos. Levarei comigo a

Constantinopla todas as informações que possuo. E, se chegar a vós a triste notícia de que meu cunhado conseguiu me matar, buscai o meu corpo, meu senhor, e desenterrai-o, pois nele encontrareis o necessário para continuar. Já dei instruções a respeito disso. Até hoje, não voltei a saber nada sobre aqueles emissários venezianos enviados pelo papa latino. Se vos agradais da ideia, meu pai, eu vos suplico que mandeis uma escolta para se unir a mim no caminho e me proteger até Constantinopla, pois partirei apenas com alguns soldados tártaros cristãos. Bendigais-me, ó pai, e ficai no amor de Deus”.

Após alguns instantes de silêncio, Jake e Becky Simonson se remexeram em seus assentos do outro lado do mundo. Nós também nos sentimos como se acordando de um sonho.

— O que Maria escondia em seu corpo? — perguntou Kaspar. — Ela disse claramente que o pai poderia encontrar em seu o corpo o necessário para continuar.

— Continuar o quê? — perguntei. É o que estava me perguntando desde que lera a carta naquela tarde. Quem falava era a Kathun da Pérsia, a nora de Hulagu e Dokuz, filha de Miguel VIII Paleólogo, imperador de Bizâncio e, ainda por cima, menciona o papa de Roma e uns estranhos emissários enviados não se sabe aonde nem para quê.

— Acho estranha essa mistura de personagens históricos — declarou Farag. — Mas não resta dúvida de que os ossuários não passaram de Dokuz Khatun para Déspina Khatun. Alguma coisa grave aconteceu entre a morte de uma e a chegada da outra para que tanto o imperador de Bizâncio como, estranhamente, o papa de Roma, e não o patriarca de Constantinopla, estivessem envolvidos na questão.

— Acho que precisamos fazer duas coisas — propôs Kaspar. — A primeira é investigar a vida de Maria Paleologina como Déspina Khatun.

— Considere-o feito — disse-nos Jake, anotando em um papel que estava fora de vista.

— E o que mais devemos fazer? — perguntou Farag a Kaspar.

— Descobrir onde Maria foi enterrada — determinou este, muito sério — e encontrar seus restos mortais.

Capítulo 11

O telefone do quarto estava tocando, mas continuei dormindo. Então reconheci a voz rouca de Etta James cantando a plenos pulmões no meio da noite “I just want to make love to you”, que era o toque do celular de Farag, mas me mantive firme e continuei dormindo. E a esses dois sons incômodos somou-se, finalmente, o do meu celular, com o som de um telefone clássico daqueles antigos. Àquela altura, não resisti mais e acordei. Sentia-me tão extenuada que não tinha nem ideia de onde estava, mas, fosse onde fosse, estava, como sempre, do mesmo lado da cama, ocupando apenas um terço do colchão enquanto Farag invadia os outros dois. *E tudo isso em vão*, pensei irritada, porque, como sempre, ele estava meio caído sobre mim.

Os três toques continuavam soando insistentemente, mas, agora, escutava-se além deles a campainha da porta, que não era de minha casa, quanto a isso não havia dúvidas. E batidas. Alguém batia em uma madeira com violência.

Aturdida, dei um empurrão no amor da minha vida, que continuava roncando tão alegremente em meus ouvidos, e,

fazendo força com as pernas, me desvencilhei dele e me libertei de seu abraço para conseguir sair da cama. Precisava fazer com que todos aqueles barulhos parassem de soar, embora ainda não soubesse como. Meu cérebro ainda não estava funcionando.

Sentei-me sem abrir os olhos, coloquei os pés nas pantufas, que também não eram as minhas, e sim umas estranhas, atoalhadas, e me levantei para ir até a porta. Tropecei na quina do criado-mudo e soltei uma exclamação de dor que, por sinal, não acordou o meu herói. Se há algo que sei com total certeza é que, se em alguma noite acontecesse algo comigo, eu morreria sozinha, com Farag ao meu lado sem desconfiar de nada.

Mongólia!, lembrei de repente. Estávamos na Mongólia! E aquele rosto horroroso que olhava para mim angustiado era de Abby, a herdeira. E os outros eram de Kaspar, Isabella e Linus, que também estavam ali, acordados, vestidos e olhando para mim.

— O que houve? — balbuciei, esfregando os olhos. Percebi que não havia vestido o roupão e estava com meu pijama vermelho de ursinhos natalinos.

— E Farag? — perguntou Kaspar, olhando por cima de meu ombro para a escuridão.

— Está dormindo — respondi, ainda atordoada, mas a adrenalina estava me acordando no tranco. Estava acontecendo alguma coisa muito estranha, e não parecia ser nada de bom.

— Precisamos partir, tia — disse Isabella, afastando-me e entrando no quarto. — Eu acordo o tio Farag. Vá se vestir.

— Mas alguém pode me dizer que droga está acontecendo? — falei enfurecida.

— Meus avós acabaram de telefonar — explicou Abby. — Uma equipe de arqueólogos do Vaticano, através do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, acaba de pedir uma licença às autoridades de Istambul para realizar escavações na igreja de Santa Maria dos Mongóis.

Farag e eu havíamos morado oito anos em Istambul devido à descoberta do mausoléu de Constantino, e eu conhecia perfeitamente a pequena igreja ortodoxa de Santa Maria dos Mongóis, chamada *Panagia Mujliótissa* em grego bizantino. Ficava no bairro do Fener, ao lado do Colégio Ortodoxo Grego, muito perto do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla e, embora fosse tão pequenina e insignificante, tinha a grande honra de ser a única igreja bizantina de Istambul que não havia sido transformada em mesquita muçulmana após a ocupação turca de 1453.

Mas continuei sem entender o que Abby estava me dizendo. Uma equipe de arqueólogos do Vaticano queria escavar em Santa Maria dos Mongóis? E daí? O que isso tinha a ver? Bem, havia a palavra mongóis no meio, é verdade, mas...

— Santa Maria dos Mongóis foi construída por Maria Paleologina após seu retorno a Constantinopla. Ela virou freira e morou ali, em seu próprio convento, até a morte. Segundo dizem os meus avós, também se suspeita que esteja enterrada ali, em alguma cripta subterrânea que ainda não foi descoberta.

Nem uma martelada em minha cabeça teria sido mais eficaz. E como sabiam disso no Vaticano? O que estavam procurando? Era coincidência, ou estiveram nos espionando? Maldição! O que estava acontecendo? O Vaticano? Gottfried Spitteler? Os ossuários e o Vaticano?

Uma dor súbita e aguda na cabeça me obrigou a levar a mão à testa.

— Estaremos prontos em um segundo — prometi a Kaspar, Abby e Linus. — Nos esperem em algum lugar. Bem, talvez... Que hora são?

— Seis e vinte da manhã — respondeu-me Kaspar.

— Seis e vinte da noite de ontem em Toronto — acrescentou Abby, de mãos dadas com Linus, que parecia ser o mais disposto e desperto de todos.

— E, se não se incomodam com a pergunta — murmurei massageando as têmporas —, por que precisamos nos levantar tão cedo se o nosso sono está tão atrapalhado?

— Porque vamos a Istambul, Ottavia — respondeu-me Kaspar com uma voz fria e impaciente. — Os avós de Abby colocaram um avião à nossa disposição para partirmos agora mesmo rumo à Turquia.

— Mas para que exatamente? — desesperei-me. — Não estou entendendo o que poderíamos fazer lá.

— Para encontrar o corpo de Maria Paleologina — explicou-me o ex-Catão, incomodado com minha falta de visão. — E, no caso de vocês dois, para deter os arqueólogos do Vaticano. Vocês conhecem todo mundo em Istambul e podem impedir que lhes deem a licença para escavar. Precisamos barrá-los de qualquer jeito.

— Preciso de um café ou dois — eu disse, dando-lhes as costas para entrar outra vez em meu quarto. Não era tão óbvio para mim que Farag e eu pudéssemos conter o Patriarcado Ortodoxo e a Igreja católica.

— Esperamos vocês lá em baixo — disse-me Abby. — Vamos tomar o café da manhã no avião.

Isabella passou feito um raio do meu lado, correndo atrás de Kaspar, Abby e Linus.

— O tio Farag já está acordado e sabe que vamos a Istambul — informou-me a toda a velocidade, enquanto fechava a porta descuidadamente ao sair.

Além de uma terrível dor de cabeça, estava com uma forte sensação de *déjà vu*, de ter vivido tudo aquilo antes, aqueles saltos de um país ao outro, de uma cidade à outra, com alguém nos perseguindo ou nós mesmos perseguindo alguém, sempre contra o relógio, sem paradas nem descansos. Sim, não havia dúvidas: era um *déjà vu* muito, muito intenso. Não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo de novo, tantos anos depois.

Farag já estava no chuveiro e a garota havia deixado preparada para ele, em cima da cama, a roupa que deveria pôr. A minha, não, óbvio. Quanto a mim, eu que me vire. Talvez Isabella também tivesse um plano secreto de adestramento e instrução para a sua tia, assim como a sua tia (ou seja, eu) tinha um para ela. Eu não acharia estranho, do jeito que a conhecia. Bem, que me conhecia. Embora, cabe

observar, eu tenha sido uma garota muito mais doce, bondosa, responsável e obediente que ela. De longe.

Eu precisava desesperadamente de um café, pensei ao entrar no banheiro. Naquele momento, a porta de vidro do boxe se abriu e um Farag sorridente, encharcado e muito sexy apareceu, esticando o braço para pegar a toalha.

— Bom dia, querida.

Que pena que precisávamos sair voando para a Turquia, pensei, olhando para ele devagar.

— Não dá tempo — objetou, fazendo uma expressão de fiscal da moral.

Pelo amor de Deus! Com a dor de cabeça que eu sentia! Só estava curtindo a vista, nada além disso. Mas não quis acabar com sua ilusão.

— Quando chegarmos a Istambul, você não escapa — sorri, tirando disfarçadamente um analgésico da bolsinha de remédios.

Enquanto ele fazia diversos planos em voz alta para quando chegássemos à cidade onde havíamos vivido por tantos anos (telefonar para Enver e Beste, e também para Vahit, é claro; comprar nossos pães favoritos...), tomei uma ducha e me vesti com toda a pressa, já sentindo o alívio suave do analgésico. Mas ainda precisava de um café.

Fechamos as malas, que entregamos aos carregadores enviados por Abby para nos apressar e, após revistarmos as gavetas do criado-mudo e do banheiro para ver se havíamos esquecido alguma coisa, fomos para o elevador.

Em menos de meia hora, estávamos outra vez no Aeroporto Internacional Chinggis Khaan de Ulan Bator, mas não precisamos despachar a bagagem, pegar os cartões de embarque nem passar pelo controle de segurança. Entramos diretamente na área vip, onde já éramos esperados pelo comandante do voo e por uma aeromoça, que nos deram as boas-vindas e nos acompanharam até um micro-ônibus com assentos laterais, como os de uma limusine, que nos deixou bem em frente à escadaria de um lindo Falcon branco pintado com três linhas azuis do nariz até as turbinas. Fazia um frio terrível naquela manhã e, ainda que o céu estivesse nublado, não chovia. *Talvez por isso eu esteja com dor de cabeça, pensei.*

No entanto, dentro do Falcon a temperatura estava muitos graus acima, e começamos a tirar as camadas de roupa até ficarmos de blusa ou camiseta. Os adultos sentaram nos quatro assentos da mesa principal, grudada na lateral direita da aeronave, e as “crianças” nos dois assentos da mesa pequena, à esquerda. A porta do avião fechou e,

pouco depois, os motores aceleraram e nos deslocamos pela pista. Eram oito e dez da manhã. Tínhamos seis horas pela frente até Moscou, onde faríamos uma escala para reabastecer.

— Preciso de um café — insisti, sem esperança. No entanto, desta vez obtive resposta às minhas súplicas. A aeromoça se aproximou e perguntou o que desejávamos para o café da manhã. Fizemos a coitada trabalhar bastante, porque estávamos famintos, e a privação de sono nos dava ainda mais fome. Decolamos da Mongólia em silêncio, inclinados sobre as jane-linhas e observando conforme nos afastávamos do solo e atravessávamos a espessa zona de nuvens pretas onde, para o desespero de Isabella, houve um pouco de turbulência. Minha sobrinha não apreciava muito os voos e passou meio mal com o avião chacoalhando para cima e para baixo. Mas logo tudo terminou e o sol inundou a cabine. Parecia que havíamos mudado de universo. Naquele momento, serviram-nos o café da manhã e começamos a nos sentir muito mais contentes e tagarelas.

— Como seus avós souberam dos arqueólogos do Vaticano? — perguntei a Abby.

Ela olhou para mim e percebi o quanto estava cansada. Tinha rodela pretas horríveis ao redor dos diminutos olhos

azuis. Não sei, talvez estivesse me acostumando a ela ou talvez, na verdade, não fosse tão feia quanto eu achava, mas o fato é que, de repente, não achei-a mais tão horrorosa como de costume. Sim, era verdade que seu nariz era um pouco aquilino, mas nem era tanto assim. O pior eram os dentes quadrados e a ausência de lábios, que ela conseguia dissimular bastante com o batom, de modo que, sendo generosa, era possível dizer que a única coisa realmente feia eram os dentes. *E como era possível, perguntei-me, que uma herdeira que dispunha de milhões de dólares não tivesse ido a um bom dentista para arrumar esse pequeno defeito?* Talvez sua mãe tenha feito pouco caso e não se preocupou em levá-la para consertá-los, mas e quanto à sua avó? Becky não parecia uma mulher desatenta aos filhos nem aos netos e, portanto, sendo tão absolutamente bela, era estranho que não tivesse obrigado a mãe de Abby ou a própria Abby a solucionar aquilo. Enfim, o fato era que, naquela manhã, a pobre herdeira parecia esgotada.

— Meus avós — disse com um meio sorriso de cansaço — sempre sabem tudo o que lhes interessa saber. Bem, exceto no que diz respeito à irmandade — e olhou para Kaspar, que sorriu com orgulho. — Mas acreditem em mim: salvo essa exceção, poucas coisas fogem ao seu

conhecimento. Não repararam que sempre há alguém querendo se dar bem com eles, ou que trabalha para eles?

— Andei pensando — comentou Kaspar, brincando com sua xícara vazia de café com leite —, e não acho que tenha sido por acaso que o Vaticano pediu para escavar em Santa Maria dos Mongóis justo ontem.

— Hoje — corrigiu Abby. — Agora estamos voltando no tempo, voando na mesma direção que o sol. Vamos nos ajustando ao horário europeu.

— Está certo — admitiu Kaspar. — Mas insisto no que disse: não foi por acaso. Faz muitos anos que deixei o Vaticano, mas sei como trabalham e consigo imaginar perfeitamente tudo o que são capazes de fazer agora, com as novas tecnologias.

De maneira instintiva, sem pensar, duvidei muito que o Vaticano tivesse ouvido falar nas novas tecnologias.

— Não faça essa cara, Ottavia — reprimiu-me Kaspar. — Já não lembra como eles entravam nos seus computadores a partir do Vaticano quando os celulares ainda eram do tamanho de um tijolo? Vocês ainda moravam em Alexandria e, de Roma, controlavam tudo o que faziam na internet, inclusive nos *e-mails*.

Era cem por cento verdade. De repente, aceitei a ideia de que, naqueles últimos anos, a Igreja devia ter se modernizado muitíssimo e, obviamente, dispunha de algum departamento dentro do Vaticano em que jovens sacerdotes especialistas em informática (e eu esperava que jovens freiras também, embora não levasse muita fé) deviam trabalhar todos os dias, tanto para proteger os computadores da Igreja quanto para levar a cabo trabalhos não tão em conformidade com a lei. No fim das contas, era uma organização humana, por mais que o Espírito de Deus estivesse por trás dela, e não se podia negar que, em sua hierarquia, havia testosterona em abundância.

— Acho que estão espionando nossas comunicações — sentenciou Kaspar, apoiando a xícara sobre o pires. — Acho que sabem que estou aqui.

Farag se dirigiu ao assento ao mesmo tempo em que eu sentia um aperto no estômago.

— Posso ajudá-los com isso — afirmou a minha sobrinha.

Isabella olhava tranquilamente para nós do outro lado do corredor enquanto tirava das mãos de Linus o último croissant de chocolate. A boca do garoto estava rodeada por um bigode escuro.

— Como? — perguntou Abby.

— Há programas que dizem se alguém está entrando em seu computador e quem está fazendo isso. Também podem fechar as portas por onde se esgueiram os invasores.

— E é possível saber se já nos espionaram? — quis saber a herdeira, abrindo a capa de seu notebook.

— Sim, claro — disse a minha sobrinha.

— Pegue aqui — e Abby entregou a ela o seu computador.
— Confira, por favor.

— Vocês podem tomar conta de Linus? Ele já comeu tudo o que nos deram de café da manhã. O dele e o meu.

— Linus! — o vozeirão de Kaspar não assustou seu filho, que olhou para ele sorrindo.

— Venha cá, Linus — disse Abby, estendendo a mão para o garoto. — Deixe Isabella trabalhar.

Minha sobrinha afastou os restos do café da manhã, abriu o notebook, ligou e começou a fuçar.

— Você sabia que eu tenho vinte e cinco sobrinhos? — perguntei de bom humor.

Farag e Kaspar sorriram, assentindo. Abby fez uma expressão de espanto.

— E, vejam só, dos vinte e cinco, catorze estudaram informática. Não é estranho?

— O estranho, *basileia*, é que você seja a tia desses catorze — riu Farag.

— Ah! Achei! — a exclamação de triunfo de Isabella pegou a todos de surpresa. — Sim, olhem aqui — pediu a minha sobrinha, apontando com o dedo para uma lista de alguma coisa que não enxergávamos de nossos assentos. — Este computador está *hackeado*. Não apenas recebeu vários acessos não autorizados pelo sistema como também, além disso, tem um *software* instalado que envia ao Vaticano tudo o que for digitado ou aparecer na tela.

— Tem certeza de que é do Vaticano? — perguntou Kaspar.

— Certeza absoluta — afirmou ela, voltando-se para nós. — O IP é de lá. Claríssimo.

— O IP? — arrependi-me imediatamente por ter perguntado.

— Ottavia, querida, até eu sei o que é um IP.

— Pois eu não! — resmunguei, irritada. Quando Farag calhava de saber alguma coisa sobre computadores, adorava se exhibir.

— É como as placas dos carros, tia — esclareceu Isabella. — Cada computador, impressora, *tablet* ou *smartphone* tem o

próprio IP, que o identifica e localiza em qualquer lugar do planeta. E esse IP é do Estado do Vaticano. E tem outro.

— Outro IP? — eu disse, com tom de especialista.

— Sim, outro IP que não para de se esgueirar para dentro deste computador. Está fazendo isso agora mesmo. De Londres.

— Sabe quem é? — perguntou Abby.

— Posso fazer um “Whois” — respondeu a minha sobrinha.

— Não pergunte — advertiu-me Farag.

— Bem, o que estou vendo aqui não serve de muita coisa — comentou Isabella. — Alguém sabe o que é AKDN? AKDN está *hackeando* de Kensington Court, Londres.

— Isabella, por favor — disse Abby visivelmente afetada —, bloqueie totalmente o meu computador. Não deixe que ninguém entre.

Não tive a menor dúvida de que a herdeira conhecia o tal de AKDN.

— Não se preocupe, Abby — assegurou Isabella com firmeza. — Mas, com a obsessão por segurança que seus avós têm, espero que vigiem melhor os sistemas informáticos, porque senão...

— É meu computador pessoal, e nunca pensei que essas coisas pudessem acontecer comigo. Sempre tento manter meu próprio espaço à margem de minha família. Mas vejo que, neste caso, não foi uma boa ideia.

— Isabella, espere! — exclamei, agitada de repente por uma inspiração súbita.

Isabella parou e olhou para mim. Todos fizeram o mesmo, um pouco surpresos.

— Abby — eu disse —, envie um e-mail aos seus avós com alguma informação falsa. Vamos enganar o Vaticano.

Farag e Kaspar soltaram fortes risadas masculinas ao mesmo tempo.

— E digo o quê? — perguntou-me Abby, contendo a risada.

— Sei lá, o que der na telha. Algo que os afaste de Istambul.

— Isso já não é mais possível — sentenciou meu marido.

— Então outra coisa. Diga que pedimos a você duzentos milhões de dólares canadenses para fazer esse trabalho!

— Ottavia! — repreendeu-me Farag. Os outros riram com vontade.

— Vamos botar trezentos — debochou Abby enquanto digitava em seu notebook. — Meus avós vão levar a sério.

Vou acrescentar alguma coisa para que entendam que é uma armadilha para espiões. Já sei — ela riu. — Vou dizer para eles não se esquecerem de pintar a mesa da biblioteca pequena.

— Meu Deus! — proferi, horrorizada. Aquilo estava indo longe demais.

— Pegue, Isabella — disse a herdeira, devolvendo o notebook à minha sobrinha. — Já pode fechar tudo.

Mas havia algo que havíamos deixado de lado, algo que eu queria saber e para o que quase fizemos vista grossa.

— Você conhece esse *hacker* de Londres, não é Abby? Esse tal de AKDN.

Ela olhou para mim com uma expressão preocupada.

— AKDN não é uma pessoa — explicou. — AKDN é uma organização, a Aga Khan Development Network. É do príncipe Karim, o amigo de meus avós. A AKDN realiza um monte de atividades boas e importantes em todo o mundo, fundando hospitais, universidades, museus... Mas Karim não me espionaria nem espionaria os meus avós. São amigos. Eles se veem com frequência. E a AKDN trabalha com a Fundação Simonson. Além disso, Karim não está em Londres neste momento.

— Quer dizer que há um ou vários ismaelitas nizarins que sabem o que estamos fazendo e querem saber ainda mais?

— perguntei.

— Sim.

Eu havia dito “ismaelitas nizarins” para não dizer de forma direta Assassinos, que soava pior.

Capítulo 12

Aterrissamos em Moscou após seis horas de voo tranquilo e, ainda que tivéssemos saído de Ulan Bator às oito da manhã, ali eram apenas nove. Como Abby havia comentado, voltávamos no tempo, voando na mesma direção que o Sol. Ninguém quis pisar em terra, porque aqueles que não estavam dormindo se sentiam muito cansados. Às dez e meia, decolamos novamente. Desta vez, o voo só duraria quatro horas e meia, mas nos pareceu curtíssimo porque todos, até mesmo Linus, caímos em um coma profundo. Sequer utilizamos o banheiro do avião.

Fomos acordados pela voz do comandante, anunciando que iniciávamos a aproximação do Aeroporto Internacional Atatürk e que era uma e meia da tarde no horário local. Na Turquia, uma e meia da tarde era o melhor horário para almoçar. Lembro-me de que, enquanto subíamos os encostos dos assentos à posição original, ajeitávamo-nos um pouco e colocávamos os cintos de segurança, pensei que havíamos voado durante quase doze horas, mas, no relógio, só haviam passado cinco horas e meia. Einstein disse que

tudo é relativo, especialmente o tempo, muito embora devesse estar se referindo a outra coisa.

Saímos do avião e subimos em outro micro-ônibus particular que nos levou até perto da área vip. Eu não saberia dizer o número de vezes que estivera no aeroporto Atatürk e, no entanto, por mais que olhasse para os lados, não reconhecia nada. Farag e eu nunca havíamos transitado por aquela parte tão exclusiva e luxuosa. Istambul era um pouco como se fosse o nosso lar e, no entanto, do alto do poderio econômico, a vista era completamente diferente. E, como eu temia, o carro que nos buscou na porta tinha o anagrama do Çırağan Palace, o hotel mais luxuoso de toda a Istambul que, como agora eu sabia, era propriedade dos Simonson.

Meu coração batia forte enquanto atravessávamos a via expressa E-5 em direção ao centro da cidade, e quase me saltou pela boca quando giramos na rotunda do Topkapi e adentramos as familiares ruas e avenidas da antiga Constantinopla. Realmente, eu me sentia em casa. Não conseguia tirar os olhos da janela. Istambul era parte da minha vida de uma maneira intensamente especial. Passamos sob o aqueduto de Valente e atravessamos o Bósforo, chegando até a parte asiática da cidade pela ponte Atatürk. Se tivéssemos dobrado à esquerda ao sair da ponte,

teríamos pegado o mesmo caminho que percorríamos para ir à nossa casa no bairro de Nişantaşı. Mas dobramos à direita e contornamos o bairro de Karaköy (Gálata) para, por fim, pegar a grande avenida Beşiktaş, que nos levou até as portas do impressionante hotel Çırağan.

Desta vez, não precisamos fazer *check-in*. Tudo havia sido feito e preparado antes de nossa chegada. Levaram-nos aos nossos quartos, entregaram-nos as chaves e, de repente, não sei bem como, estávamos todos juntos, de pé, imóveis, no centro de uma imensa sala com sofás, tapetes, mesas e três maravilhosos vitrôs que davam para o Bósforo, por onde entrava uma luz radiante. À esquerda, uma gigantesca mesa de jantar já estava preparada para que nos sentássemos imediatamente para comer. Era a suíte de Abby, a suíte Sultão, que contava com mordomo e equipe de serviço exclusiva. Uma tela de televisão de não sei quantas polegadas (nunca soube calcular essas coisas) ocupava quase a totalidade da parede à direita.

A herdeira se movimentava pela suíte como um peixe na água, largando as coisas em uma poltrona, dispensando o mordomo e os carregadores que haviam nos acompanhado, entrando no banheiro... Mas nós, seres da banal e cada vez mais escassa classe média, acostumados a outro tipo de

hotéis e alojamentos, não superávamos o espanto. Nem a nossa muda imobilidade. Kaspar e Linus, talvez porque viessem do gigantesco sistema de cavernas do Paraíso Terreno, foram os primeiros a reagir. Linus soltou a mão de seu pai e foi correndo em direção aos vitrôs.

— Quantos barcos! — exclamou admirado.

— Escute, Farag — eu disse ao meu marido quando consegui voltar a articular palavras —, isso não pode dar certo. O que acontecerá quando precisarmos voltar à nossa pequena casa, com nossos móveis, nossa cozinha diminuta e nossos salários?

— O que vai acontecer? — ele riu, pegando na minha mão. — Nos sentiremos pobres! Mas muito felizes, disso eu tenho certeza.

Isabella deu uma gargalhada ao escutá-lo e eu também ri. Era bom conhecer essas coisas para saber que existiam, mas, na realidade, não precisávamos delas.

Por fim, quando Abby já havia retornado, sentamo-nos para comer. Eram quase três horas da tarde. Na Turquia, três da tarde era a pior hora possível para almoçar. Eu já não sabia se estava com fome, sono, as duas coisas ou nenhuma delas, mas por via das dúvidas eu comi. A vida havia me

ensinado que não podemos confiar no que acontecerá nos próximos quinze minutos.

A herdeira, que não havia largado o telefone desde que aterrissamos, enfim desligou o celular e pegou o controle remoto da televisão, ainda que não fosse para ajudar em nossa digestão com alguma famosa telenovela turca, como achei de início, mas para fazer com que seus avós aparecessem na tela monumental.

— Bom dia! — voltaram a exclamar em coro os velhos Simonson quando uma câmera que eu não conseguia ver nos enfocou.

— Em Toronto, são oito da manhã de hoje — informou-nos Abby, que conversara com seus avós por um bom tempo pelo celular enquanto seguíamos para o hotel de carro. Aqueles multimilionários de quase cem anos nunca levantavam tarde? Estavam sempre dispostos e despertos feito adolescentes. E a relação de Jake com a comida era incrível, lembrei. Não havia como questionar, eram bem esquisitinhos.

— Para a tranquilidade dos senhores — começou a nos dizer Becky, que, naquele dia, ostentava brilhantes e preciosas pérolas australianas —, pedimos uma revisão geral de todos os servidores estratégicos e dos computadores

das empresas e fundações Simonson em todo o mundo, e eles não foram *hackeados*. Pelo visto, sempre há muitas tentativas de acesso, mas nunca são bem-sucedidas. Também solicitamos aos nossos especialistas em segurança que conferissem, à distância, os seus aparelhos celulares. Mas comam, por favor, comam! Podemos falar enquanto os senhores se recuperam um pouquinho. Está boa a comida? Estivemos aí há dois meses e aproveitamos muito.

— E o que vocês descobriram? — perguntou-lhes Kaspar.

— Os técnicos dizem — anunciou Jake — que os seus celulares estão grampeados. Bem, o de Abby não, porque já o protegemos, mas os de vocês estão com grampos. Acho que metade do mundo está escutando vocês.

— Ou seja, eles sabem que estou aqui — grunhiu Kaspar, soltando os talheres no prato em um pequeno acesso de raiva.

— Sinto muito, Catão — suspirou Becky.

— Destacamos uma vigilância discreta à casa dos senhores no campus — Jake disse para mim e Farag. — Espero que não se importem. Caso alguém tenha a má ideia de entrar.

Farag assumiu o olhar perdido que adotava quando algo lhe desagradava profundamente, mas não tinha certeza se

devia ficar irritado. Eu dei uma gargalhada. Àquela altura! O estranho era que ninguém estivesse vigiando a nossa casa!

— Não nos importamos, Jake. Obrigada — eu disse. — Assim me sinto mais tranquila.

— Abby, por favor — prosseguiu Jake —, você deve se conectar à internet através das redes da Fundação Simonson, que são seguras.

— Não se preocupe, vô — respondeu ela. — Isabella apagou os arquivos de espionagem que havia em meu notebook e fechou todas as portas de acesso.

— Fiz mais algumas coisas — indicou Isabella, muito orgulhosa. — Agora, o computador pessoal de Abby é completamente seguro.

— Obrigada, jovenzinha — Becky sorriu para ela. — Veja bem, a nossa neta é muito obstinada e nunca nos deixa participar de nada nem intervir em sua vida, mesmo que seja para o seu bem. Gostaríamos de cuidar mais dela, mas...

— Vô — interrompeu Abby com perfeita doçura —, deixe para outro momento.

Isso bastou para que Becky Simonson fechasse instantaneamente a boca.

Eu não conseguira terminar o prato de *tarama*, preparado com ovas de salmão, mas havia comido todo o molho *tzatziki*

de iogurte e pepino e um pouco do *kuru fasulye*, preparado com feijão-branco e carne, ainda que mais por gula que por fome. Mas já estava empanzinada e só queria uma boa cama onde cair, embora tivesse plena ciência de que isso ficaria para outro ano ou outro país. No entanto, meus olhos estavam fechando.

— Tia Ottavia? — chamou uma vozinha tímida. Portanto, não era Isabella.

Já do outro lado do sono, olhei para Linus.

— Não durma, tia Ottavia — sussurrou discretamente, um pouco intimidado.

Ele se salvou porque eu estava empanturrada; caso contrário, eu o teria devorado. As crianças devem ser devoradas quando ainda são pequenas porque, depois, já não se deixam devorar e se tornam adolescentes insuportáveis. É preciso aproveitar enquanto são tão divertidos e engraçados e não têm como se defender dos ataques. E Linus merecia um bom ataque. Lamentei muito que a ocasião não o permitisse.

— O que você acha, Ottavia? — perguntou-me Abby.

— A respeito do quê? — perguntei, sem ter ideia do rumo que a conversa tomara.

Todos me olharam de um jeito estranho.

— Farag e você conseguiriam impedir esses arqueólogos de obterem uma permissão oficial de escavação? — perguntou-me o velho Jake, inquieto.

— Bem, acho que poderíamos fazer alguma coisa — sussurrei.

— Poderíamos atravancar a questão — explicou Farag —, fazendo com que a solicitação se arrastasse por algum tempo. Ainda que, vindo do Patriarcado e do Vaticano, temo seriamente que nenhum dos nossos amigos possa detê-la.

— E vocês podem entrar em Santa Maria dos Mongóis para procurar o corpo de Déspina Khatun? — quis saber Becky.

— Não — afirmei expressamente. Sem a permissão do Departamento de Arqueologia de alguma universidade e da Secretaria de Topografia e Monumentos do Ministério da Cultura, escavar em qualquer área de Istambul seria uma verdadeira loucura. Com toda a certeza, acabaríamos na prisão, por mais descobridores do mausoléu de Constantino que fôssemos.

— Podemos solicitar uma licença, como fez o Vaticano — acrescentou Farag para suavizar minha forte negativa —, mas, é claro, só nos dariam a permissão de exploração e escavação com a condição de que não levássemos nada

embora e deixássemos tudo em seu lugar tal e qual encontrássemos. Provavelmente, teríamos inclusive que entrar em Santa Maria acompanhados por inspetores do Ministério da Cultura, que fiscalizariam para que não fizéssemos nenhuma modificação na estrutura da igreja ou da tumba, caso a encontrássemos. Em outras palavras, examinar o corpo de Maria Paleologina seria uma missão impossível... a curto prazo — pontuou. — No entanto, para o Patriarcado de Constantinopla e para o Vaticano de Roma, não haveria nenhum problema. Certamente obterão a licença nesta mesma semana, a não ser que possamos detê-los. Nós, por mais conhecidos que sejamos e por mais contatos que tenhamos, demoraríamos anos.

— Bem, isso não é nenhum problema — disse o velho Jake com um sorriso malicioso. — Já contávamos com esse pequeno empecilho.

“Pequeno empecilho”, disse ele. Jake não tinha ideia da devastação e da catástrofe que a burocracia turca podia causar em um cérebro. Seu tom de voz sugeria, além disso, que em seguida diria algo muito mais engraçado.

— Contratamos para vocês uma equipe de mergulhadores e espeleólogos urbanos que poderão levá-los até Santa Maria dos Mongóis por túneis subterrâneos, canais ocultos,

cisternas e passagens secretas. Conhecem muito bem o caminho. São aficionados que, sem qualquer tipo de permissão oficial, enfiam-se debaixo da terra e sabem se deslocar perfeitamente pelas galerias bizantinas da cidade.

— De modo algum! — disparei furiosa. — Esses lugares são asquerosos e estão cheios de animais repugnantes!

— Nos garantiram que são totalmente seguros — disse-me Becky, um tanto surpresa.

— Sim, claro! Seguros e sujos! — exclamei. — Vai saber que tipo de doença podemos pegar lá em baixo. Não, obrigada! Já visitei as galerias bizantinas desta cidade o suficiente em minha vida.

— *Basileia...*

— Nem vem, Farag! Você também sabe como é! Dejetos e mais dejetos!

— Mas, doutora — protestou o velho Jake —, você acha que arriscaríamos a vida de nossa neta? Se Abby vai com vocês é porque confiamos na segurança do projeto e na equipe que os conduzirá.

— Veja bem, Jake, você não sabe o fedor que é lá embaixo — eu disse sem pensar em sua idade e condição. — O ar é irrespirável e há excrementos de séculos acumulados, além

de detritos humanos de origem mais moderna. Desça você, se quiser!

— *Basileia...*

— Farag! Kaspar! Usem um pouco a cabeça, por favor!

— Eu vou, doutora — disse-me o ex-Catão para me incomodar.

— E eu gostaria de ir — acrescentou a besta de meu marido. — Escute, *basileia*, você não precisa vir se não quiser, mas se a equipe de espeleólogos diz que é totalmente seguro, eu acredito. Você conhece essas pessoas. Elas adoram se meter embaixo da terra e transitar pelas antigas ruínas que existem sob a cidade. Até colocam vídeos na internet! E a quem as autoridades recorrem quando há algum problema com a rede de saneamento, ou as construtoras, quando precisam cimentar seus novos edifícios, hein? Até o nosso vizinho Feza fazia isso!

— Sim, mas Feza tinha o estômago blindado, e para ele tanto fazia tropeçar em um rato de um metro, um cadáver ou tomar banho com a água que vinha do esgoto das casas. Desculpe se não sou tão durona quanto Feza.

— Sério que há ratos de um metro e cadáveres sob a cidade? — assombrou-se Isabella.

— E muito mais! — eu disse, enojada. — Eu já vi o suficiente.

— Então, tia, se você não quer ir, você poderia cuidar de Linus para que eu fosse em seu lugar? — propôs, emocionada.

Minha sobrinha era uma tonta, e o seria até o último dia de sua vida. Não havia escutado o que eu disse sobre os excrementos, os ratos, os cadáveres e tudo o mais?

— Não, Isabella, você não vai — disse o seu tio Farag com voz firme. — Sua tia reclamará até chegarmos a Santa Maria dos Mongóis, mas é incapaz de ficar se eu e Kaspar formos. Veja, vou provar para você.

Para que dar corda para idiotas, pensei, olhando para ele com desprezo.

— Ottavia, sei que você não quer ir, mas Abby vai e até Isabella está disposta a nos acompanhar. E você quer ficar? Para quê? Para ficar se consumindo até retornarmos? Quer que contemos a você como encontramos o corpo de Maria Paleologina, e que seja Kaspar a traduzir do grego seja lá o que essa Khatun tem em seu corpo?

Vá lá, ele sabia como lutar!

— E veja só, querida, por mais nojo que você sinta, talvez possa descobrir coisas de sua tão amada Constantinopla que

nenhum pesquisador viu em centenas ou milhares de anos. Além disso, você me deixaria ir sozinho, sem você? E se acontecer alguma coisa comigo?

— Não vá por esse caminho, Farag! — adverti.

— Só digo que poderíamos passar ao lado da maior descoberta paleográfica de Bizâncio sem nos darmos conta, mas você, com um pouco de sorte, poderia encontrar algo que lhe rendesse pela terceira vez o Prêmio Getty.

Beleza, já era o suficiente!

— Está bem! — resmunguei incomodada. — Eu vou. Mas jamais os perderei por cada bicho, serpente, rato, cadáver, esqueleto ou vaca morta que encontrar. Nunca.

Farag se virou para Isabella e olhou para ela como quem diz “viu só?”

— Muito bem! — exclamou satisfeito o velho Jake na televisão. — Resolvido! Avisaremos Nuran, o chefe da equipe, agora mesmo. Ele chegará à suíte em um instante, porque é um dos funcionários do hotel.

Fantástico! Estava do outro lado da porta.

— Jake, você pode nos arranjar celulares seguros? — Kaspar pediu ao multimilionário. — O que está feito, está feito. Mas não precisam continuar sabendo de tudo.

Jake e Becky assentiram.

— Já estavam prontos, Catão — disse Becky. — Antes de nos despedirmos, íamos pedir que vocês trocassem. Nuran levará para vocês.

— Uma penúltima coisa — comentei. — Se nos acontecer algo, quem ficará responsável pelas crianças?

— Meu filho é problema meu — a voz de Kaspar era puro gelo, e ninguém se atreveu a discordar. Em alguns momentos, teríamos que arranjar tempo, ele e eu, para falar sobre o seu tom e seus modos.

— Não se preocupe, Ottavia — disse Becky. — Em primeiro lugar, nada acontecerá a vocês. E em segundo, se acontecer, Isabella estaria totalmente segura. E Linus também, é claro.

— E a última coisa — concluí. — Gostaria que não deixassem de investigar o acesso ao computador de Abby a partir de Londres. Falem com o príncipe, seu amigo, e descubram quem andou nos espionando na AKDN e por quê.

— Assim que o horário for adequado para telefonarmos a Karim — assegurou Jake —, faremos isso.

— Bom mergulho! — desejou-nos Becky, despedindo-se com um gesto de mão.

— Tchau, vô e vó — disse Abby, e desligou a televisão.

Suspeitei que o tal Nuran chegaria antes de a civilização humana julgar adequado, então, enquanto Abby chamava alguém para tirar a mesa, apressei-me em ir ao toalete de visitas da suíte. Não me agradava em nada a ideia de voltar a andar pelo subterrâneo de Istambul. Havia feito isso uma infinidade de vezes, e era algo que eu detestava do fundo de minha alma. Certamente eu me arrependeria mais do que podia suspeitar.

Escutei a campainha e o som das rodinhas dos carrinhos de serviço entrando e, então, partindo cheios de copos e pratos sujos. Não queria sair do toalete. Com as mãos apoiadas na pia, eu encarava o reflexo de meu rosto no espelho, perguntando-me o que diabos eu estava fazendo na Turquia outra vez e por quê. Nem sequer me lembrava da besteira que estávamos procurando. Só queria voltar para casa com Farag e Isabella e me atirar no sofá com um livro. A campainha da suíte tocou novamente e supus que, desta vez, tratava-se de Nuran. Suspirei fundo sem parar de fitar os meus olhos com pesar e retornei à sala.

Um homem de estatura mediana, moreno e vestido de camareiro apertava as mãos de Farag e Kaspar e se inclinava ligeiramente diante de Isabella. Tinha mais ou menos quarenta anos.

— Ottavia — disse Abby —, apresento a você Nuran Arslan, chefe da equipe de espeleólogos urbanos mais importante de Istambul.

— É um prazer — cumprimentei em turco.

— O prazer é meu — respondeu-me com um sorriso. Era bonito, para falar a verdade. Tinha olhos muito belos, ainda que não tanto quanto os de Farag. — Ottavia? A senhora não seria a dra. Salina, descobridora do mausoléu de Constantino?

— Mais ou menos isso — admiti.

— Então o senhor é o prof. Farag Boswell! — deixou escapar, à beira de um ataque cardíaco, virando-se em direção ao meu marido.

— É um prazer conhecê-lo — respondeu Farag.

O pobre Nuran não sabia o que fazer, para onde olhar, se ria ou chorava. Era visível que a nossa presença causara nele uma espécie de asfixia neuronal.

— Os descobridores do mausoléu de Constantino! O prof. Farag Boswell e a dra. Ottavia Salina!

Ele precisava de ajuda para sair do estado de êxtase em que havia entrado, então fiz um gesto para Abby.

— Nuran, sente-se, por favor — pediu ela, indicando o sofá de costas para a janela panorâmica do meio, que tinha,

à sua frente, quatro cadeiras confortáveis e, entre elas, uma mesinha com um vaso cheio de flores.

Nuran obedeceu, mas não desviou os olhos de mim e de Farag. Abby, de propósito, sentou-se ao lado dele, mas do lado oposto ao que ocupávamos.

— Nuran — disse a herdeira, obrigando-o a olhar para ela —, conte o que vamos fazer. Fale como vamos chegar até Santa Maria dos Mongóis.

O turco girou a cabeça outra vez em nossa direção.

— Eu e minha equipe conhecemos o caminho — disse para mim e Farag. — Nunca fomos até lá porque fica longe das rotas normais, mas já passamos por perto muitas vezes, não se preocupem com nada. Só preciso saber quantos virão ao todo e seus tamanhos de roupa e calçado.

Quase abri a boca, mas me controlei.

— Seremos nós quatro — disse Kaspar com a aridez de um deserto.

— Por que precisam de nossos tamanhos? — perguntou Abby. Nuran voltou a girar a cabeça para mim e Farag.

— Para os trajes de neoprene, é claro — ele nos disse.

Quase senti o sabor de sangue na boca por ter mordido a língua. Neoprene?

— Vamos ter que mergulhar? — voltou a perguntar Abby, sem conseguir atrair a atenção de Nuran.

— Não, mergulhar não — respondeu —, mas lá embaixo faz muito frio e é muito úmido. E, dependendo do nível da água, é possível que sejamos obrigados a nadar. Os trajes de neoprene são o ideal, e vocês precisarão de calçados adequados. Temos muito material, então me deem os seus tamanhos anotados em um papel e traremos tudo hoje à noite.

Não consegui ficar em silêncio por mais nenhum segundo.

— Hoje à noite! — vociferei. — Vamos esta noite?

Nuran me sorriu com veneração.

— Que diferença faz se for dia ou noite, dra. Salina? Lá embaixo é sempre escuro. Teremos que levar lanternas potentes. Se vamos à noite, é porque corremos menos risco de sermos descobertos pela polícia. Mas não se preocupe, doutora. Não nos descobrirão. Minha equipe e eu não permitiremos que o seu marido e a senhora se vejam em uma situação comprometedoras com as autoridades.

Eu me senti muito encorajada pela ideia.

— A que horas sairemos? — quis saber Kaspar.

— Uma da madrugada está bom para vocês? — propôs o turco. — Minha equipe se reunirá aqui, no hotel, para organizar tudo, e às doze em ponto subiremos à suíte para ajudá-los a se preparar. Então iremos em uma van até o local de entrada.

— Qual é o local de entrada? — perguntou o meu marido. Nuran começou a rir.

— A antiga casa de minha mãe! Entraremos pelo poço do quintal. Todas as nossas expedições partem dali, porque fica bem em cima de uma antiga cisterna que ainda não foi oficialmente descoberta. Essa cisterna se comunica com a rede de túneis e canais que cruza a parte antiga de Istambul de norte a sul e de leste a oeste. Só levaremos uma ou duas horas para chegar, dependendo de como estiver o trajeto. Às vezes as vias ficam obstruídas devido aos dejetos, sabem? O senhor é arqueólogo, não é, prof. Boswell? O senhor comandaria a entrada pela igreja a partir de baixo? Os senhores Simonson pediram para levarmos ferramentas caso seja necessário escavar. Faremos o que os senhores disserem. Somos cinco ao todo, e somos amigos de infância. Descobrimos a entrada do poço quando ainda éramos pirralhos.

Continuou rindo, com muito bom humor, como se adorasse aquilo tudo. E adorava mesmo, não havia dúvidas. Estava curtindo horrores. Sobretudo quando, com uma fita de um metro que tirou do bolso, mediu o contorno de nossas cabeças.

Por fim, pouco depois, Nuran Arslan deixou o cômodo e, assim que desapareceu pela porta, eu me levantei decidida e segui os seus passos.

— Aonde você vai? — perguntou-me Farag, surpreso.

— Ao nosso quarto. Dormir. Estou com tanto *jet lag* acumulado que, se vou arriscar minha vida na sujeira do subsolo desta cidade hoje à noite, quero estar em condições de morrer bem ou, ao menos, saber onde colocar os pés, algo que não estou muito capacitada a fazer neste instante.

Escutei vozes conformadas e de aprovação, mas não me detive.

Logo que me deitei na cama, notei que Farag se deitava ao meu lado. Aproximou-se de mim e me abraçou, encostando o corpo no meu. Caímos em um sono profundo.

Capítulo 13

Saímos do hotel por uma das portas de serviço, já fantasiados de aguerridos espeleólogos urbanos com nossos trajes de neoprene sob as jaquetas de tecido polar, e entramos em duas vans que cheiravam a peixe. Começávamos bem. Éramos nove pessoas ao todo: nós quatro e os cinco turcos liderados por Nuran. As “crianças” já estavam dormindo no segundo quarto da suíte de Abby quando nós subimos para trocar de roupa e ouvir algumas medidas de segurança que deveríamos adotar quando já nos encontrássemos nos túneis.

As vans seguiram por Beşiktaş, Dolmabahçe e Meclis-i Mebusan em direção à Europa. Atravessamos a ponte Gálata e entramos em Fatih, a velha Istambul. O tráfego, que sempre era uma loucura por lá, continuava intenso à noite, ainda que tenha diminuído muito quando entramos nas ruelas do bairro de Balat. Paramos em frente a uma casa de três andares que ficava na esquina, com a fachada pintada de amarelo e laranja, e, enquanto Nuran abria a velha porta de madeira, tiramos as grandes mochilas de material da van e

entramos no edifício. Ou a mãe de Nuran tinha o sono pesado, ou ninguém morava ali, não consegui saber ao certo, porque a equipe entrou logo em seguida e nos encaminhamos até o quintal a passos apressados. No meio do quintal havia um velho poço coberto apenas por algumas tábuas de madeira.

Ainda que estivesse escuro feito breu, eles não acenderam as luzes nem as lanternas. Em meio às trevas, entregaram-nos capacetes que, ao toque, pareciam resistentes, ainda que não pesassem quase nada, e rolos enormes de corda, que também não pesavam nada, para que prendêssemos ao arnês. Um dos homens de Nuran abriu o zíper da mochila mais volumosa e tirou dali uma escada metálica enrolada feito um pergaminho.

— Acrescente mais cinco metros — disse uma voz em turco. — A dra. Salina não consegue saltar como nós.

Eu estava plenamente de acordo. O homem deslocou a escada e, por fim, deixou-a cair dentro do poço, desenrolando-a lentamente. Pareceu-me que estava demorando muito tempo para chegar ao fundo.

— A que profundidade fica a cisterna? — perguntei.

— Doze ou treze metros, respondeu Nuran. — Mas não se preocupe, não há nenhum perigo.

Eu desceria doze ou treze metros por uma escada raquítica de metal pendurada no vazio...? Concluí que aquilo já era o suficiente para começar a gritar e me contive, mas senti vontade, uma vontade legítima, de sair correndo. Agarrei-me a Farag feito uma sanguessuga enquanto pedia a Deus que me desse forças para arriscar minha vida.

— Você está tremendo? — sussurrou o meu marido, beijando o meu nariz para que nossos capacetes não colidissem.

— Jura! É que meus calçados estão apertados.

— Sério? Devia ter pedido um número maior!

Dois homens subiram na boca do poço e, um após o outro, desapareceram pelo buraco ao descerem pela escadinha metálica.

— Agora a senhora, dra. Salina — disse Nuran.

— Eu? Por que eu? Deixe Kaspar ir antes. Ele é bem pesado. Assim veremos se a escadinha aguenta.

— Mas é claro que aguenta! — surpreendeu-se o turco.

— Tanto faz. Antes Kaspar, e depois eu.

Ouvi o ex-Catão resfolegar como se fosse um búfalo, mas ele não disse nada e sua silhueta saltou a mureta e desceu. A escadinha aguentou sua imensa tonelagem sem nenhum problema, de modo que não me restou outro remédio senão

seguí-lo. Coloquei as luvas de PVC que me deram e entrei no poço. Meus joelhos tremiam e, embora eu estivesse pendurada pelo arnês a uma corda de segurança, a mera ideia de que um pé ou mão falhasse me fazia suar frio por todo o corpo. Não havia nascido para ser uma estrela do *Cirque du Soleil*.

Lá embaixo, no fundo, viam-se as luzes das lanternas dianteiras dos homens me enfocando, ou, o que dava na mesma, assistindo à minha descida por aquela escadinha ridícula. Ouvia-se um ruído suave de água, mas só notei ao chegar lá embaixo que, na verdade, estávamos boiando em balsas infláveis, porque aquele enorme recinto era, na verdade, uma gigantesca cisterna cheia de água.

Na Antiguidade, a água de que Constantinopla necessitava ficava a uma distância de vinte quilômetros, e os bizantinos construíram o aqueduto de Valente para trazê-la até a cidade, mas, antes disso, assim como em Alexandria, eles a deixavam repousar em enormes cisternas para que os sedimentos se depositassem no fundo e, em caso de guerra, para que não tivessem o fornecimento interrompido se a cidade ficasse sitiada. A velha Constantinopla tinha centenas de cisternas, grandes e pequenas, por onde a água passava em seu longo percurso até as fontes públicas e os jardins. A

nova Istambul já não utilizava as velhas cisternas, obviamente, mas a água continuava fluindo por aquele antigo sistema do qual hoje se conhece apenas uma parte. E o lugar onde nos encontrávamos era, concretamente, um dos que não eram conhecidos.

Abby desceu depois de mim, exibindo grande destreza atlética, como se fizesse coisas assim todos os dias e, como não poderia ser diferente, fizesse-as de forma perfeita; e então desceu Farag, que, ainda que fosse desprovido de qualquer graciosidade atlética, tinha a dignidade profissional de um renomado arqueólogo — agora era eu quem olhava para cima com a potente lâmpada do capacete acesa e conseguia ver tudo. Logo em seguida, os nove já estavam lá embaixo.

— Os remos — disse Nuran, entregando-nos um pau de cabo curto. — Ajoelhem-se no fundo das balsas e remem.

Tudo estava escuro ao nosso redor, exceto pelas pequenas seções que iluminávamos com as luzes dos capacetes. E, na verdade, a cisterna era muito grande, colossal, ainda que não tanto quanto aquela de Alexandria que atravessamos andando, com água na altura do pescoço, e da qual saímos... Bem, melhor não relembrar algo tão desagradável, ainda menos estando em outra cisterna. Vai saber o que nadava

por aquelas águas escuras. O fedor ainda não era muito forte, mas eu sabia por experiência que, quanto mais nos afastássemos da entrada, mais irrespirável o ar ficaria.

Adentramos um túnel de alvenaria parcialmente coberto por um mofo gorduroso e gelatinoso e avançamos em silêncio, mergulhando de forma rítmica os remos na água. Entre um movimento e outro das pás, meu ouvido, que é tão refinado quanto o meu olfato, percebia leves chiados e rangidos ao nosso redor que me deixavam de pelo arrepiado. O túnel era muito longo, e minhas pernas estavam dormentes. Eu não estava habituada a me ajoelhar assim, sentada sobre os calcanhares, por isso meu sangue não circulava e eu sentia um formigamento horroroso, que só conseguia aliviar me mexendo um pouco de vez em quando. Os chiados e rangidos nos perseguiram.

A rede de túneis era impressionante. Constantemente, o canal se bifurcava ou trifurcava. Passamos por salas e câmaras com nichos nas paredes. Uma delas estava totalmente coberta por centenas de baratas, escorpiões, escaravelhos, vermes, aranhas... sei lá. Não quis olhar para não ficar transtornada e acabar, assim como a menina de *O exorcista*, girando a cabeça sobre o pescoço feito um pião. Alguma coisa caiu no capacete do sujeito que estava sentado

à minha frente. Ele deu um peteleco, rindo, e fez uma piada sobre quem ia comer quem se ficássemos presos naqueles túneis. Não achei nenhuma graça e não ri.

No fim, entramos novamente em uma cisterna. Essa era ainda maior que a primeira, e o eco era aterrorizante. Com certeza tinha uns vinte metros da superfície da água até as abóbadas.

— Cuidado — exclamou Nuran, assustando todos nós. — Os remos!

Havia um corpo boiando na água de barriga para baixo. E não era de um antigo bizantino, nem nada do tipo. Suas calças jeans e sua japona sugeriam tempos um pouco mais modernos.

Kaspar, Nuran e um dos homens empurraram com os remos o corpo para longe de nossas embarcações de borracha. Infelizmente, passou perto de mim, do lado direito. Tinha um buraco enorme na nuca, e a carne das extremidades estava inchada e esverdeada (devido à decomposição na água).

— Deram um tiro nesse daí! — disse em turco o engraçadinho que estava à minha frente, o que ia comer os bichos. Não sei o que me preocupava mais, se o pobre cadáver à deriva ou o sociopata do meu barco. Rezei pelo

morto, fosse quem fosse, e rezei com ainda mais força para que não acabássemos como ele, boiando naquelas águas escuras.

Contornamos as espessas e altíssimas colunas que salpicavam a cisterna, navegando em diagonal até um dos extremos e, chegando ao fim, encontramos uma escada de pedra.

— A água termina aqui — anunciou Nuran.

Saltamos para os degraus e recolhemos os barcos, esvaziando-os de ar para poder dobrá-los e levá-los conosco. Se eu sentira um pouco de medo e apreensão na água, caminhando então sobre aqueles escombros, com o capacete quase roçando no teto, senti verdadeiro nojo. Pisávamos sobre um tapete de bichos que subiam pelas pernas de nossos trajes e, ao serem esmagados, rangiam como cascas de frutas secas. E, se meu capacete batia no teto de vez em quando, os pobres Farag e Kaspar caminhavam totalmente inclinados para a frente da cintura para cima, assim como Abby, que era quase tão alta quanto eles. Os turcos, como eram mais ou menos da minha estatura, só flexionavam um pouco o pescoço. Os ratos guinchavam ao nosso redor, e era possível escutá-los muito mais nitidamente cada vez que passávamos ao lado das câmaras

cujos fundos era impossível ver, mas que podiam ser corredores ou túneis que terminavam sabia-se lá onde (se é que terminavam). Aquilo me deixava apavorada. Em uma dessas câmaras, viam-se correntes e argolas. Os restos dos pobres corpos que haviam prendido agora faziam parte do pó do chão em que pisávamos e deviam ter alimentado as gerações anteriores das asquerosas criaturas do Senhor que se remexiam aos nossos pés. O cheiro era repugnante, de fezes e podridão; aquilo revirava o meu estômago, e cheguei a me sentir enjoada em alguns momentos.

Por fim, chegamos à última parte do caminho, que voltava a penetrar suavemente na água.

— Não vale a pena inflar as balsas — informou-nos Nuran. — É só lodo, podemos caminhar por ele. Vai só até os joelhos, não passa disso.

Farag e Kaspar me cegaram subitamente com os feixes de suas lanternas dianteiras.

— Você vai se atrever a colocar os pés aí dentro? — perguntou o meu marido com voz preocupada.

Pensei com calma, porque a primeira resposta, a sincera e visceral, era não. Como ia me enfiar até os joelhos no lodo bizantino se só o cheiro que exalava e a ideia de fazer isso já me davam vontade de morrer?

— Quanto tempo levaríamos para sair do lodo? — perguntei a Nuran.

— Dez minutos, não mais que isso.

— Tá. Então, Farag, você me carrega cinco minutos e Kaspar me leva nos outros cinco.

— Carregá-la? — surpreendeu-se o ex-Catão. — Como? Nas costas?

— Naturalmente — respondi.

— Ah, não, nada disso — opôs-se. — Nem cogito carregar você. Deixo para o seu marido.

— Querida, você deveria caminhar como todo mundo — repreendeu-me também Farag. — Não vai acontecer nada.

— Caminhar pelo lodo? — perguntei, enojada. — Quer que eu caminhe pelo lodo?

— *Basileia*, eu não vou levar você nas costas! Vá na minha frente! Agora!

— Mas, Farag...!

— Nada de “mas, Farag”! Ande! — ordenou.

Não sei por que obedeci. Aquilo era a coisa mais nojenta que fiz em toda a minha vida. Avancei devagar até onde os turcos já estavam me esperando e afundei o primeiro pé naquele caldo grumoso e pestilento. Senti todos os pelos do corpo se eriçarem. Por que esse tipo de coisa tinha que

acontecer comigo? Eu não tinha nada de espírito aventureiro! Havia nascido para ser pesquisadora, estudiosa e levar uma maravilhosa vida sedentária, rodeada de códices bizantinos em um escritório confortável e bonito.

— Vamos, doutora! — grunhiu Kaspar, passando à minha frente com seus passos largos.

— Tomara que você caia dentro dessa coisa e fique lambuzado até as orelhas! — eu disse carinhosamente.

Farag se pôs ao meu lado e Abby nos ultrapassou, seguindo os passos de Kaspar.

— Venha, vamos juntos, venha — disse o meu herói.

Ele passou o braço por cima de meus ombros e me fez caminhar o mais rápido que aquele lodo viscoso permitia. Então começou a me falar de Isabella, de como havia crescido e de como amadurecera naquele ano, e que deveríamos estimulá-la a sair de casa e se instalar em uma república com outros estudantes.

Claro que eu caí na armadilha. O instinto Salina me levou a iniciar uma terrível discussão sobre a obrigação de Isabella de permanecer sob o nosso teto até que completasse, no mínimo, cinquenta anos. Farag me contrariava com firmeza, repetindo reiteradamente a ideia da tal república de estudantes, e assim, quando me dei conta, já havíamos

deixado o lodo para trás e o meu marido ria com satisfação pelo trabalho bem-feito. Ficou claro que, quando ele tocava a flauta, eu saía do cesto dançando.

— Viu as serpentes nadando ao nosso redor? — perguntou-me o ex-Catão, cheio de más intenções.

— Por que não vai ver seu estou no Paraíso Terreno, hein? — respondi.

Quinze ou vinte metros adiante, paramos em frente a uma parede construída com apertadas fileiras horizontais de antigos tijolos bizantinos. Pelo tamanho, desenho e argamassa utilizada, aquela parede era do século XII ou XIII e estava coberta por amplas, espessas e sujas teias de aranha.

— Chegamos — disse Nuran, satisfeito. — Estamos exatamente debaixo do *Kanli Kilise*.

— Debaixo do quê? — surpreendeu-se Kaspar, erguendo a extremidade da sobrancelha esquerda daquela maneira tão estranha e que eu desconhecia.

— Os turcos chamam Santa Maria dos Mongóis de *Kanli Kilise* — expliquei. — Significa “igreja de sangue” por causa dos combates que ocorreram nesta zona da cidade entre gregos e turcos durante a conquista de Constantinopla.

— Bem — impacientou-se o ex-Catão —, mas estamos no lugar certo, não é?

— Venham conferir— convidou-nos Nuran, que havia retirado um mapa de um dos bolsos da calça e o estava desdobrando. Todos nos aproximamos, mas, enquanto nos posicionávamos e o nosso guia começava a falar, houve um instante de silêncio durante o qual escutamos com total clareza vozes e passos que avançavam em nossa direção. Ficamos congelados, olhando um para os outros.

— Escondam-se! — sussurrou Kaspar.

Nós nos dispersamos rapidamente por aquele lugar fétido e asqueroso, buscando proteção nas montanhas de escombros e nos desmoronamentos dos túneis. Acabei ficando ao lado de Farag entre um monte de entulho e a parede de tijolos da *Panagia Mujliótissa*, logo à direita do túnel. Kaspar e Abby estavam do outro lado, à esquerda, incrustados na alvenaria em uma pequena área recuada. Não era possível enxergar Nuran e seus homens em qualquer lugar. Apagamos as luzes dos capacetes e o lugar ficou às escuras e em silêncio.

Aquela situação não era nada engraçada. Certamente, aqueles que vinham atrás de nós também eram espeleólogos urbanos que, por pura coincidência, haviam escolhido a mesma rota que nós naquela noite. *Muito embora pudesse se tratar*, pensei enquanto sentia a adrenalina jorrando por

minhas veias, *do grupo de assassinos que havia matado o homem que encontramos boiando na segunda cisterna*. Farag passou o braço ao redor de minha cintura para me puxar para baixo. Eu não havia me dado conta de que estava de pé, retesada pelo medo.

As vozes se aproximavam pouco a pouco e, pelo que pude escutar, não falavam em turco. O braço de Farag fez pressão ao meu redor, exigindo silêncio absoluto. As vozes também não falavam em inglês. Uma delas me soava muito familiar. Desagradável, mas familiar. E então, quando menos de dez metros nos separavam dos visitantes e seus feixes de luz já iluminavam a parede de Santa Maria dos Mongóis, um deles perguntou em italiano:

— Capitão, este sujeito sabe mesmo aonde está nos levando?

— *Eh, Herr Professor* — gritou em alemão a inesquecível e inconfundível voz de Gottfried Spitteler, o militar da Guarda Suíça do Vaticano de quem tanto gostávamos.

— Deixe-me em paz, *Herr Spitteler!* — grunhiu alguém com muita má vontade.

Um pequeno movimento à nossa esquerda me fez virar a cabeça. Com o leve resplendor que chegava do túnel, consegui ver a estranha expressão facial de Abby. Kaspar a

segurava pelos ombros. Virei-me para Farag em busca de alguma explicação, mas o meu marido olhava fixamente para as luzes que vinham pelo túnel. Também não exibia uma expressão normal: parecia extremamente furioso. Como eu, havia reconhecido a voz de nosso amigo. Comecei a notar os sintomas de asfixia por fechamento da laringe. A ansiedade estava à beira de me lançar pelos ares. Era a pior situação imaginável: Gottfried Spitteler se aproximava de nós no lugar mais insuspeito do planeta, e eu não tinha à mão um congelador onde enfiar a cabeça. O sangue começou a zumbir no interior de meus ouvidos.

Não conseguíamos distingui-los bem porque suas lanternas nos ofuscavam. Agora, apenas dois ou três metros os separavam de nós. E, então, sombras vertiginosas arremeteram contra eles. Gritos, golpes, impropérios... As lâmpadas dos capacetes bateram no chão, quebrando e nos devolvendo à escuridão. Soou um disparo e vi algumas faíscas brilharem em um ponto do teto. Então, outro disparo soou, e mais outro, e os socos e insultos continuaram em vários idiomas que eu conhecia. Farag e eu não nos atrevemos a nos mexer o mínimo que fosse, e eu lutava em silêncio para respirar, mas, estranhamente, o remédio chegou com o disparo seguinte e com uma bala que pegou no

chão bem do meu lado. Levei um susto tamanho que minha garganta se abriu de repente e o ar voltou a circular com liberdade até o fundo de meu peito. Bom, agora eu já conhecia dois tratamentos: geladeiras e pistolas. Farag me puxou com mais força em sua direção para me afastar da borda do monte de entulho. Imaginei que ele também havia levado um susto daqueles.

Em seguida, os ruídos da contenda foram cessando gradualmente, até que se extinguiram de vez. As lâmpadas de LED dos capacetes dos vencedores acenderam, mas a quem pertenciam? Quem havia lutado contra quem? E, sobretudo, o mais importante: quem havia vencido?

Era possível ver quatro ou cinco homens caídos e desacordados no chão asqueroso do túnel. Felizmente, nenhum deles era dos nossos, no entanto, logo reconheci um: Gottfried Spitteler, em pessoa. Seu rosto, de pele muito branca e cheio de manchas vermelhas, havia me perseguido em pesadelos durante anos e, pelo visto, não mudara em nada: traços verticais de barba nas bochechas, estilo durão, uma pequena mancha escura sob o lábio inferior, sobrancelhas loiras um pouco eriçadas nas extremidade e os olhos, agora fechados, de um cinza tão claro que mais parecia cristal.

— Dra. Salina? — perguntou a voz de Nuran atrás de uma luz ofuscante. — Prof. Boswell? Os senhores estão bem?

— Nuran? — inquiriu meu marido, pondo-se de pé. — O que aconteceu aqui?

— Os senhores Simonson temiam que algo assim pudesse ocorrer — disse o turco, acendendo mais uma lanterna —, por isso, nos mandaram para protegê-los.

— Temiam que isso pudesse ocorrer? — perguntei, avançando em direção ao inconsciente Gottfried Spitteler, que jazia no chão feito um boneco de pano.

— Sim. E ficamos incumbidos de protegê-los deles. — A luz da lanterna focalizou os cinco homens derrubados e imóveis. — Dos guardas do Vaticano.

Abby Simonson passou lentamente ao meu lado e se aproximou de um dos capangas inconscientes de Gottfried. Com toda a delicadeza, ajoelhou-se ao seu lado e tirou o cabelo sujo de seu rosto.

— Hartwig — sussurrou. — Hartwig, o que está fazendo aqui?

Hartwig...? Hartwig Rau, seu ex-marido, o arqueólogo? Claro que Hartwig não poderia responder, mas, sem dúvida, era uma boa pergunta: o que fazia ali? Por acaso não trabalhava no Egito, no vale dos Reis? Ao menos era o que

Farag havia dito. O que Hartwig Rau estava fazendo com Gottfried Spitteler no subsolo bizantino de Istambul, em frente aos alicerces de Santa Maria dos Mongóis? E por que os avós de Abby haviam adivinhado que algo assim poderia acontecer e haviam nos enviado com espeleólogos que, felizmente, se revelaram ferozes combatentes turcos?

O suposto funcionário do Çırağan Palace Hotel, conhecido por nós até aquele momento como Nuran Arslan, começou naquele momento as apresentações autênticas:

— Podem continuar me chamando de Nuran, embora este não seja o meu verdadeiro nome. Estes são os meus companheiros Yakut, Mehmet, Kemal e Basar. Trabalhamos com serviços de segurança e proteção de personalidades para uma empresa dos senhores Simonson. Somos antigos membros do Exército turco, do Corpo de Forças Especiais. Ah, sim, e também somos espeleólogos urbanos de verdade em nosso tempo livre! — ele riu.

Yakut, Mehmet, Kemal e Basar, que amarravam e amordaçavam rápida e eficazmente os cinco integrantes da equipe de Gottfried, não disseram nada nem riram. Pensei no quão pouco eu gostava daquela história. Abby contemplava a cena de pé, sem se afastar muito do corpo do ex-marido, que, agora, com os pés atados, as mãos

algemadas nas costas com bridões de segurança, os olhos vendados e um pedaço de fita adesiva na boca, parecia um daqueles pobres e indefesos reféns de muçulmanos jihadistas que, nos últimos tempos, lamentavelmente apareciam quase todos os dias nos noticiários.

Os cinco ex-militares turcos terminaram de atar os prisioneiros e os deixaram apoiados — ou, melhor dizendo, estatelados — na parede do túnel. Tiraram de algum canto um monte de armas: facas com grandes lâminas de serra, pistolas e submetralhadoras automáticas que me deixaram de cabelo em pé.

— Este é mesmo o seu ex-marido? — perguntou Kaspar a Abby, apontando para o homem grandalhão que permanecia desfalecido, apoiado no ombro de Gottfried Spitteler.

— É Hartwig, sim — respondeu Abby, com um nó na garganta que quase a impedia de falar. Ela se agachou devagar e recolheu os óculos quebrados do chão. Com muito cuidado, aproximou-se do ex-marido e guardou-os em um bolso de sua desgastada jaqueta polar. — Não sei o que está fazendo aqui — o nó na garganta estrangulou-a um pouco mais. — E não sei se quero saber.

— Evidentemente, veio com os homens do Vaticano — resmungou Farag, bastante irritado. — Portanto, a única explicação possível é que o honorável prof. Rau está metido até o pescoço na questão dos ossuários. E o nosso velho amigo — disse, agachando-se para colocar o rosto na altura de Gottfried — não podia esperar até que recebesse permissão para escavar. Com certeza não queria que chegássemos antes e nos apoderássemos de seja lá o que Maria Paleologina tem. Devem ter pedido a permissão só por garantia, para o caso de acontecer alguma coisa. Ao fim e ao cabo, eles são o Vaticano e não podem negá-la.

— Sim, Hartwig está metido na questão dos ossuários — murmurou Abby, com lágrimas silenciosas escorrendo pelas bochechas. — O Vaticano tem as mesmas informações que nós. Hartwig sabia de tudo, mas dizia que era uma loucura, uma fantasia, que estava farto... Por isso nos divorciamos. Não entendo... Não consigo entender por que agora está ajudando o Vaticano a procurar os ossuários.

Aproximei-me da herdeira e coloquei a mão em seu ombro. Vê-la chorando me deixava muito triste. Era tão perfeita que as lágrimas não pareciam fazer parte de sua natureza, e, no entanto, era perceptível que ainda era apaixonada por aquele imbecil caçador de fortunas alemão.

Nuran se aproximou de nós.

— Não podemos perder tempo — sussurrou para mim, apontando na direção dos homens desmaiados. — Precisamos entrar agora.

Kaspar se aproximou de Abby e ofereceu a ela um lenço com um gesto áspero. Foi um gesto mínimo, pequeno, mas o meu extraordinário sexto sentido me advertiu de que o ex-Catão não era imune às lágrimas da herdeira. Um pensamento malévolo, distorcido, totalmente atípico para mim, instalou-se em meu cérebro e levei zero segundo para traçar as linhas gerais do plano. *Seria perfeito*, pensei, ocultando um sorriso perverso.

Enquanto Yakut ficava de guarda com a maldita submetralhadora apontada para os prisioneiros, nós tiramos raspadeiras com lâminas em forma de losango de uma sacola e começamos a soltar a argamassa entre os tijolos da parede subterrânea de Santa Maria dos Mongóis. Não sabíamos o que havia atrás daquela parede e, para não causar o seu desmoronamento, só podíamos tirar o equivalente a um quadrado de sessenta centímetros daquelas fileiras, partindo do solo para cima. Por causa da umidade de séculos e a deterioração de seus componentes, a argamassa se esfacelava como farinha sem nenhum esforço ou

dificuldade, e retirávamos os tijolos com cuidado para não lhes causar nenhum dano, como se o que estivéssemos fazendo fosse um crime histórico descomunal (e era mesmo). Em pouco tempo, já tínhamos nosso orifício de entrada para Santa Maria dos Mongóis.

Nuran deitou-se na terra e enfiou a lanterna e a cabeça pelo buraco. Um expressivo assovio chegou do outro lado da parede.

— Achamos uma cripta — exclamou, com voz de espanto. Ele não sabia quanto significava para nós. Era a melhor notícia possível.

— Há alguma tumba ou sepultura? — perguntei, ansiosa.

— Bom, tem um sarcófago — explicou. — E, pelo seu aspecto, eu diria que é feito de pórfiro.

Nuran tirou a cabeça e se levantou, batendo a roupa. Foi Farag quem entrou em seguida pela abertura, desaparecendo por completo de nosso campo de visão. Senti certa inquietude.

— Venha, *basileia!* — chamou-me.

Não pensei duas vezes: melhor morrer com ele do que sozinha.

Assim que me levantei no interior daquela cripta, percebi que tinha o formato de meia abóbada de berço, cortada

longitudinalmente pela parede que havíamos perfurado. Diante da abertura, onde o chão e a curvatura da parede se encontravam, um estrado de pedra sustentava um grande sarcófago feito, de fato, de um pórfiro vermelho e brilhante, cuja tampa exibia um lindo mosaico de estilo claramente bizantino em que se via uma mulher jovem, aparentando estar adormecida, vestida com uma túnica longa e preta e com o cabelo preso por uma touca da mesma cor que caía até o pescoço. Tinha, além disso, uma cruz nas mãos. Era um mosaico simples que não tinha nada de memorável, exceto pelos detalhes: representava, sem dúvida, uma freira (ainda que muito mais jovem do que Maria devia ser no momento de sua morte) e exibia em sua parte superior, em vermelho e dourado heráldicos, a águia bicéfala do emblema familiar imperial dos *Palaiologoi*, os Paleólogos, com o monograma da linhagem no centro. O fato de que o sarcófago fosse de pórfiro também não era de pouca importância, pois esse material era reservado, assim como a cor púrpura, às famílias imperiais de Bizâncio. Havíamos tido a imensa sorte de nos deparar com a pequena cripta perdida onde, oitocentos anos atrás, fora guardado o corpo da esposa de um Khan mongol, que também era a filha de um imperador de Constantinopla, a nobre Maria Paleologina.

— Veja isso — apontou o meu marido, iluminando as paredes da cova. — É tudo rocha natural. Essa cripta não se comunica com o edifício acima.

Era verdade. Aquele lugar era uma gruta escavada na rocha, sem outro acesso além daquele que havíamos aberto na parede de alvenaria. Isso explicava por que não havia sido descoberta em oito séculos.

— Precisaram trazer Maria aqui para baixo de alguma maneira — eu disse.

— Sim. Da mesma maneira que nós chegamos. Pelas cisternas. E, então, taparam a cova e os séculos passaram.

— Mas por quê? — estranhei. — Como fundadora de Santa Maria dos Mongóis, o lógico seria enterrá-la sob o solo da igreja ou, ao menos, em algum lugar de fácil acesso para que as freiras do convento e os fiéis pudessem rezar por ela. Pelo amor de Deus, era a filha de um imperador!

— Talvez a própria Maria o tenha pedido.

O vozeirão de Kaspar me sobressaltou. Não havia me dado conta de que entrara na cripta atrás de nós. E Abby também estava ali, sacudindo o pó do traje de neoprene.

— Ela quis ser enterrada em um lugar tão horrível quanto este? — gaguejei. — Ou tinha então medo que seu sepulcro

fosse profanado pelas hordas turcas que chegaram três séculos depois, ou tinha algo a esconder.

— Tinha algo a esconder — concordou Abby. — Algo que, literalmente, levou consigo para a tumba.

— Para esta tumba — respondeu Farag, apontando para o sarcófago de pórfiro vermelho. — Vamos abrir?

Meu estômago revirou um pouco, mas eu sabia que era inevitável. Havíamos ido até lá para isso.

— Vão em frente — animei-os. Eu sabia por experiência como o pórfiro era pesado, e aquela tampa sustentava, além disso, um belo mosaico que, quisesse ou não, por menor que fosse, significava mais peso. Claramente era trabalho para homens.

— Abby, você ergue o lado esquerdo da cabeceira — disse Kaspar. Eu erguerei o lado direito. Farag e Ottavia, vocês dois levantam os cantos dos pés, mas você, Ottavia, deve ficar na minha frente, do lado direito. Assim, eu e Farag faremos mais força na diagonal.

— Ei, ali fora temos um montão de fortões que podem cuidar disso! — protestei. — Por que não os chamamos?

Kaspar me lançou um olhar feroz, mas foi Farag, meu marido e seu alterego enxuto, quem me respondeu:

— Querida, não podemos deixá-los entrar e ver isso. Você não entende? Precisamos ser nós mesmos a fazer. E rápido.

Ele tinha razão, claro. Portanto, assumi a posição que me fora designada e, após contarmos até três, todos fizemos força para erguer a pesada tampa do sarcófago. Não foi fácil. O pórfiro tem o peso de um morto e dureza e resistência superiores à do granito. Além disso, Maria devia ter sido alta para uma mulher de sua época, e o seu sarcófago era grande.

Tentamos duas ou três vezes, mas não conseguimos. No fim, Kaspar chamou Nuran em voz alta e pediu que trouxesse mais um homem consigo, o mais forte, e Nuran entrou na cripta seguido de Basar, o comedor de insetos.

Em seis, conseguimos, não sei como, levantar um pouco a pesada tampa de pórfiro com mosaico, o suficiente para desencaixá-la da parte inferior do ataúde ao qual estava solidamente fixada. Em um segundo e atroz esforço, conseguimos movê-la mais um pouco, fazendo-a girar sobre o próprio sarcófago de maneira que pudéssemos entrever um pedaço dos pés de Maria e um pouco da touca em sua cabeça. No fim, conseguimos deixar a cobertura cruzada sobre a caixa. Era totalmente impossível tirá-la de lá para colocá-la no chão, por essa razão, com a força que nos restava, a empurramos até a borda inferior, até os pés. Por sorte, os

restos de Maria Paleologina eram de um tamanho muito inferior ao seu ataúde e toda ela (ou o que havia sido ela) ficou descoberta.

Embora Abby parecesse ausente e tivesse o olhar perdido desde que vira seu ex-marido e sua cabeça aparentasse estar mais fora que dentro da cripta, quando terminamos de movimentar a tampa, ela se virou para Nuran e disse a ele com voz autoritária:

— Agora, saiam os dois daqui. Os senhores não viram nada.

Nuran, para variar, olhou para mim e Farag e disse:

— Não se preocupem. Nem mesmo entramos nesse lugar.

O que havia dentro do ataúde era simplesmente horripilante. De fato, sobre aqueles pobres ossos não restava nem um pouquinho de carne, algo que por sinal era bastante lógico, e por ossos falo do crânio, pois os demais estavam cobertos pelos restos de uma sinistra túnica preta que, a seu tempo, certamente havia sido de qualidade e bom corte, mas agora parecia prestes a se desintegrar caso movimentássemos muito o ar ao seu redor. À luz dos LEDs dos capacetes e das lanternas, a caveira de Maria era aterradora, mal coberta pelos despojos do capuz que havia caído para trás, deixando descoberto todo o osso frontal e

metade do parietal. A mandíbula estava solta e havia se inclinado para um lado, e ela e o maxilar superior já não contavam com um dente que fosse, apenas com seus buracos. Aparentemente, haviam coberto suas cavidades orbitais com pedaços de tecido velho, sujo e esburacado, mas na verdade aqueles pedacinhos eram os restos secos dos olhos.

— Isso é assustador! — murmurou Abby, cruzando os braços sobre o peito como se Maria fosse levantar da tumba e cravar uma estaca em seu coração.

— Terminaremos em um instante — assegurou Kaspar, animando-a.

— Precisamos afastar a túnica — disse o meu marido, tirando um pequeno estojo bege do interior de um bolso de sua jaqueta. Reconheci de imediato suas delicadíssimas ferramentas de arqueologia estratigráfica, um de seus tesouros profissionais mais estimados, que ele só não guardava em um banco como se fossem diamantes porque eu me opunha ferrenhamente.

O problema para afastar os pedaços da túnica era que Maria estava com as mãos cruzadas sobre o peito, segurando um lindo crucifixo de ouro e pedras preciosas. Não restava qualquer coisa das mãos além de ossos e, ainda por cima,

estavam travados entre si. Mas meu herói não pensou duas vezes e, utilizando pinças finas e minúsculos formões, separou um por um aqueles dedos quebradiços, liberando ao final a preciosa cruz de ouro, que deixou ao lado da caveira de Maria sem lhe prestar muita atenção. Então se dedicou, sob nossos olhares atentos, a procurar alguma costura no tecido preto da túnica que havia servido de sudário para aquela *basileia* de Bizâncio que tantos segredos parecia ocultar e que tantas coisas havia conhecido enquanto viva. Por infortúnio, a túnica não tinha costuras à vista, de modo que Farag começou a cortá-la de baixo a cima a partir do centro, com todo o cuidado possível.

Kaspar, Abby e eu contivemos a respiração enquanto meu marido intepretava o papel de arqueólogo desalmado com o cadáver de uma freira. Por isso, naquele silêncio profundo, podíamos escutar, de vez em quando, alguma batida seca e uma exclamação sufocada de dor vindas do exterior e, em cada ocasião, a pobre Abby tomava um susto, imaginando que algum dos prisioneiros, talvez o seu amado Hartwig, havia acordado, e que Yakut estava administrando a ele a dose de coronhadas de submetralhadora necessária para fazê-lo dormir outra vez.

Por fim, Farag terminou de cortar a mortalha. Todos soltamos o ar contido dos pulmões e relaxamos, embora soubéssemos que agora vinha o pior. Meu marido, usando duas pinças ao mesmo tempo, afastou até as bordas do cadáver os dois lados do tecido, deixando descoberto por completo o esqueleto da filha do imperador Miguel VIII Paleólogo. Seu corpo, em vida, devia ser bem-distribuído e belo. No centro de seu peito, ocupando o buraco das costelas (que haviam sido cuidadosamente cortadas e organizadas), via-se uma bela caixinha de ouro puríssimo, um pouco manchada pelos fluidos já secos da decomposição. Kaspar, que estava com as luvas de PVC, foi quem a recolheu e tirou do peito de Maria.

— Alguém serrou suas costelas após a morte para colocar este porta-joias dentro da caixa torácica — disse Farag, guardando suas amadas ferramentas no estojo.

— Certamente foi ela quem organizou tudo — comentei, observando enquanto Kaspar procurava uma maneira de abrir o porta-joias de ouro. — Ela mandou edificar a igrejinha acima de nós e o pequeno convento, portanto, com certeza, ordenou também que construíssem esta cripta secreta, e quis ser enterrada com esta caixa de ouro no peito. Maria sabia que a decomposição dos órgãos internos poderia

destruir o material orgânico, mas que nada poderia afetar o ouro, um metal inalterável.

O ex-Catão continuava lutando para abrir o porta-joias, sem sucesso. Impaciente, dirigi-me até ele e tirei-o de suas mãos. Não tinha nenhum ornamento. Era simples e liso, sem gravações nem marcas visíveis.

— Seu segredo era importante — comentei, pressionando uma fechadura automática oculta muito utilizada nos porta-joias das ricas damas bizantinas. Uma parte do antigo mecanismo saltou dentro da caixa e a tampa se soltou. Deixei-me cair no chão e sentei com as pernas cruzadas, imensamente intrigada pelo que poderia encontrar ali dentro. Os outros me rodearam e se agacharam ou ajoelharam para ver melhor.

Dentro do porta-joias havia papéis antigos de diferentes tonalidades e materiais, mas três deles, surpreendentemente, eram de uma desconcertante cor branca, totalmente atípica em descobertas desse tipo. Todos haviam sido cuidadosamente dobrados para terem seu tamanho reduzido. Se eu não fosse paleógrafa, teria medo de tocá-los ou estragá-los, mas sabia como manipular documentos antigos e, sendo supostamente bizantinos, era

como se me pertencessem. Por acaso eu não era a maior especialista do mundo justo naquilo?

Manuseei e desdobrei com infinita paciência, tão devagar quanto foi possível naquelas circunstâncias, o primeiro daqueles papéis inexplicavelmente brancos e de textura suave e fina. Nas dobras não era possível ver nenhum tipo de desgaste. Sua flexibilidade era incrível e ele conservava, por alguma enigmática razão, um lindo brilho acetinado. Eu jamais vira um papel como aquele e, por mais estranho que parecesse, a primeira coisa que me veio à cabeça era que só podia se tratar de um papel de fabricação chinesa, já que era a única explicação possível se tinha oitocentos anos de antiguidade.

Quando terminei de desdobrar, tendo o texto diante de meus olhos, senti-me ainda mais desconcertada, pois estava escrito em um elegante traçado grego, feito sem dúvida alguma com um pincel, e não com uma pena de ave ou cálamo, e apresentava um original e nunca antes visto estilo oriental. Como estava sem os óculos de leitura e a luz era bastante escassa, meus olhos saltaram sobre as cursivas minúsculas procurando inconscientemente as letras maiores e, assim, tropeçaram na assinatura que rubricava a carta e,

para aumentar a confusão, haviam sido rabiscadas em caracteres latinos.

Na hora, não fui capaz de aceitar o que acabara de ler. Ou talvez sim. Não sei. O fato é que demorei para reagir, porque não dava crédito ao que via. Foi Kaspar quem, de repente, disse em voz alta:

— Marcus Paulus Venetus...?

— Você não reconhece, capitão? — perguntei, tentando engolir a saliva inexistente em uma boca completamente seca.

— Não pode ser! — exclamou de repente o meu marido ao se dar conta. — Impossível!

— Quem é? — perguntou Abby com ingenuidade.

— Marco Polo^[1], o veneziano — respondi.

Capítulo 14

Com o porta-joias de ouro guardado entre o meu traje de neoprene e a jaqueta polar (melhor não lembrar onde a referida caixinha estivera durante os últimos oitocentos anos), eu remava em um dos lados da balsa inflável em que Abby, Nuran e eu retornávamos até a saída para voltar ao hotel. Kaspar e os outros quatro turcos da equipe de fortões haviam ficado lá com os prisioneiros, os quais, uma vez que nos afastamos o suficiente, seriam submetidos a um doce e carinhoso interrogatório. Deve-se admitir que, conhecendo Kaspar (e deixando de lado sua dignidade espiritual, muito minguada em comparação ao período anterior à morte de sua mulher), eu já podia ver Gottfried Spitteler e Hartwig Rau cantando em dueto *La Traviata*, de Verdi, com vozes de *castrati*. Kaspar não aceitava tolices, e o Vaticano era responsável por boa parte disso. E o que dizer dos quatro turcos das Forças Especiais (Yakut, Mehmet, Kemal e Basar), em cujas mãos eu não colocaria nem uma caixa de fósforos para que não incendiassem o mundo.

Meu único medo era por meu marido, Farag, que, como arqueólogo, erudito e acadêmico de dimensões físicas um tanto delgadas, era como óleo na água junto àquele perigoso grupo de capangas e em meio àquela situação. Na realidade, Farag havia ficado para reformar a parede de alvenaria da cripta secreta de Santa Maria dos Mongóis, já que era o único capacitado a fazê-lo com a habilidade necessária para não deixar marcas muito evidentes de nossa passagem por lá. Maria Paleologina merecia ser respeitada em seu lugar de descanso final.

Abby e eu retornamos no bote com Nuran para chegar ao hotel o quanto antes e colocar o porta-joias a salvo, além de começar a enviar o material de seu interior a Jake e Becky em Toronto. Já não tínhamos pressa para obstruir nenhuma solicitação de escavação do Vaticano, pois a havíamos neutralizado de forma radical, mas convinha que uma cópia de segurança de toda aquela nova documentação ficasse bem guardada nas mãos dos Simonson. Quem poderia garantir que não havia outro pelotão do Vaticano disposto a roubá-la de nós?

Chegamos ao Çırağan Palace quando o sol já começava a pintar de dourado as águas do Bósforo. Nuran se despediu de nós na mesma porta de serviço pela qual havíamos saído

horas antes, garantindo-nos que no hotel estaríamos completamente seguras, porque havia homens a postos em todos os andares. Abby e eu, sem nos falarmos, pegamos o elevador mais próximo e fomos diretamente à suíte Sultão, onde Isabella e Linus dormiam no quarto secundário.

Logo após fecharmos com cuidado a porta, senti uma fraqueza arrasadora que quase me fez cair no chão. A referida caixinha de ouro pesava mais que um defunto, e eu estava esgotada, então abri a jaqueta e soltei o porta-joias de Maria Paleologina sobre a primeira superfície que vi, dirigindo-me imediatamente ao quarto onde as crianças dormiam. Antes de desmaiar, eu precisava confirmar se Linus e Isabella estavam bem.

Abri com cuidado a porta do segundo dormitório (incrivelmente luxuoso) da suíte e vi ambos na gigantesca cama de casal, dormindo tranquilamente sob a luz dourada que entrava pelos grandes vitrês. Dei um longo suspiro de bem-estar e retrocedi com cuidado para não fazer barulho.

— Estão dormindo? — perguntou Abby em sussurros.

Assenti com a cabeça.

— Quer ir dormir também, Ottavia? Você não está com uma cara muito boa.

Por um fio não disse que ela nunca estava com uma cara boa, mas me contive. No fim das contas, a pobre não tinha culpa e, na verdade, era uma ótima pessoa. A bruxa esgotada ali era eu.

— Obrigada, Abby, mas não. Não vou deitar antes que Farag volte.

— Então quer tomar um banho e o café da manhã? Esses trajes de neoprene estão fedendo e ficam muito desconfortáveis depois de tantas horas. No meu quarto há dois banheiros.

— Este convite eu aceito — falei, tentando recuperar o bom humor. Como na noite anterior havíamos nos trocado na suíte de Abby, minha roupa estava lá, de modo que eu podia tomar banho e vesti-la novamente enquanto esperava Farag. Embora estivesse morta de cansaço, sabia que não conseguiria pregar o olho até que ele retornasse são e salvo das cisternas, pois, graças às minhas formidáveis habilidades, eu era capaz de imaginar umas trezentas coisas terríveis que poderiam acontecer com ele.

Fui até a ducha arrastando o peso do corpo e da alma enquanto Abby tirava o telefone do gancho e solicitava um café da manhã simples para vinte minutos mais tarde. O fato

é que me reanimei um pouco depois de passar pela água e pelo secador de cabelo.

— Farag e você formam um casal maravilhoso — comentou Abby quando voltamos a nos reunir na enorme sala com vista para o Bósforo.

— Não vou dizer que não — respondi com orgulho enquanto me sentava.

E então percebi que Abby devia estar no fundo do poço. Havia flagrado o ex-marido no bando dos vilões, aproveitando todas as informações que havia tirado dela e de sua família quando eram casados. Não queria nem imaginar como aquilo devia ser difícil.

— Você ainda é apaixonada por Hartwig? — perguntei.

Ela me olhou de maneira indecifrável.

— Suponho que não — respondeu, chegando até mim e sentando ao meu lado no sofá. — Não. Acho que já não o amo. Se você tivesse me perguntado ontem à noite, não saberia o que responder. Mas, depois do que aconteceu hoje, alguma coisa se rompeu para sempre dentro de mim. Eu o achava um homem absolutamente maravilhoso, mas ele mostrou que não é.

— Sabe quem é um homem maravilhoso de verdade?

— Farag? — perguntou-me com um sorriso malicioso.

— Claro! Mas este é meu e já está fora do mercado. Não, estou falando de outro homem tão maravilhoso quanto Farag, embora muito mais bruto e com uma faceta desagradável que pode ter lá os seus encantos.

— Kaspar — afirmou decidida.

— Exato, Kaspar. Você não reparou um pouco nele? Pergunto porque achei que ele gosta de você.

Seu feio rosto não pôde expressar uma surpresa maior.

— Está falando sério? — balbuciou. — Mas se... é o Catão.

— Eu o conheço há quinze anos — disse, botando a mão no coração em um gesto dramático para impressionar a romântica Abby —, e é o sujeito mais íntegro e honrado que você conhecerá na vida. Tem um passado obscuro e sinistro do qual é melhor não falar, mas não foi eleito Catão por acaso. E, embora não seja possível ver isso nem com um telescópio, porque ele esconde atrás de uma parede de várias toneladas de cimento, é um homem doce e encantador.

Tudo bem, talvez eu estivesse enchendo demais a bola dele, mas estava vendendo um produto e não contaria à possível compradora os muitos defeitos e falhas do objeto em questão.

— E, porque o conheço — concluí —, estou convencida de que gosta de você.

Como Abby havia ficado estupefata e de boca aberta, fui eu quem abriu a porta quando o café da manhã chegou.

A comida e o café nos reanimaram muito, a ponto de eu recuperar forças suficientes para trabalhar um pouco nos documentos de Maria Paleologina enquanto Farag e Kaspar não chegavam. Na realidade, não era um trabalho, porque só havia seis papéis, três deles brancos como a neve, e, além disso, eu não fora capaz de ler nenhuma letra. Tratava-se simplesmente de retirar o conteúdo do porta-joias para tirar fotografias e enviá-las a Toronto. Só precisei de meus óculos e de luvas limpas de algodão, que me enviaram da recepção e, em questão de segundos, a herdeira e eu formamos uma equipe de trabalho bastante eficaz. A verdade era que a caixa de ouro havia protegido perfeitamente o papel e as tintas da umidade, das traças e da luz. Era incrível o bom estado em que tudo se encontrava.

Nem Abby nem eu podíamos deixar de nos entreter contemplando mais do que o necessário as cartas assinadas por “Marcus Paulus Venetus” ou, às vezes, por “*Μαρκο Πολο το Βενετικο*”, que se pronuncia *Marko Polo to Veneticó*. Havia outros três documentos, de fato, mas as cartas de Marco Polo à Maria Paleologina eram um ímã poderoso para os nossos olhos cansados. Eram incrivelmente belas e, além

disso, únicas no mundo: nunca havia sido encontrado nenhum manuscrito original do veneziano, pois até o seu testamento ficou sem assinatura.

Como boa italiana, educada em um bom colégio de freiras italianas, eu não apenas sofrera horrivelmente com as aulas de literatura sobre a *Divina comédia*, de Dante Alighieri (que tanta importância teve mais tarde para Kaspar, Farag e eu), mas também, é claro, com o *Livro das maravilhas do mundo*, de Marco Polo e Rustichello de Pisa, seu companheiro de prisão no retorno do Oriente e redator da obra. O *Livro das maravilhas* era mais tolerável que a *Divina comédia*, sem dúvida, mas, contudo, especialmente entre os dez e os dezoito anos, era enfadonho. Bem, por outro lado, nossa idade fazia com que nos sentíssemos orgulhosas por Dante e Marco Polo terem sido as grandes figuras universais que de fato eram. Agora, é inegável que fazer-nos estudá-los na infância e na adolescência deixava sequelas permanentes. Naqueles momentos, ali, em Istambul, eu não conseguia deixar de me perguntar o que havia feito de errado na vida para merecer a perseguição e o tormento da literatura italiana dos séculos XIII e XIV. Devia haver alguma explicação, por mais absurda que fosse, para semelhante maldição.

Já estávamos acabando quando o telefone da suíte tocou. Abby atendeu a chamada em silêncio. Então, sem olhar para mim, desligou.

— Ottavia — disse-me com voz séria —, aconteceu alguma coisa. Era Nuran.

O mundo desabou sob os meus pés. Tudo parou e eu já não respirava. Farag.

— Temos que ir ao Hospital Universitário de Özel — continuou dizendo. — Farag e Kaspar deram entrada lá.

Comecei a tremer dos pés à cabeça de maneira incontrolável. Mas não fazia diferença, pois eu não sentia nada. Abby veio correndo até mim e segurou as minhas mãos.

— Eles estão bem, eles estão bem... — repetia, buscando o meu olhar confuso.

— O quê...? — sussurrei.

—...aconteceu com eles? — completou ela. — Atiraram neles. Dois homens de Nuran morreram. O terceiro foi quem deu o aviso. Kaspar está com um ferimento na perna e Farag tem um no ombro. Estão sendo preparados para cirurgia.

— Eles...?

— Sim, precisam ser operados, mas não são ferimentos graves. Não se preocupe. Vão se recuperar. Os dois. Farag

está muito melhor que Kaspar. Os capangas de Gottfried Spitteler, inclusive Hartwig, conseguiram escapar.

— Como?

— Gottfried conseguiu se soltar das bridas de segurança e pegar uma arma.

Gottfried. Um incêndio desconhecido começou em meu peito. Eu nunca havia sentido aquilo antes, mas sabia o que era: desejo de vingança, desejo de matar Gottfried. Antes que aquela história acabasse, Gottfried Spitteler pagaria por ter atirado em Farag, por tentar assassiná-lo. Havia passado dos limites. E havia feito com que eu passasse.

Eu não estava raciocinando com muita clareza, admito. Meus pensamentos eram erráticos e mal recordo o trajeto até o hospital no veículo que Nuran dirigia. Menos mal que as crianças ainda estavam dormindo quando saímos. Deviam ser oito ou nove da manhã. Meu marido, Farag, a minha outra metade, estava ferido, poderia ter morrido, eu poderia tê-lo perdido para sempre por culpa de Gottfried Spitteler. E eu havia travado neste único pensamento. Uma vez, e outra, e mais outra. Farag poderia ter morrido. Farag estava ferido. Claro que eu me preocupava com Kaspar, mas não tinha muito espaço para ele na cabeça naquele momento. Só queria ver Farag, ver que estava bem, que estava vivo, respirando.

— Ottavia, chegamos.

Eu conhecia o Hospital Universitário. Estive ali antes, quando Beste deu à luz o pequeno Hüseyin. Ficava perto da Universidade de Marmara.

— Venha, Ottavia, vamos juntas.

A herdeira me pegou timidamente pelo braço e me conduziu por uma rampa na cola de Nuran, que já entrava no hospital por uma porta automática. Emergência. Estávamos entrando pela Emergência.

Quando chegamos à porta automática, Nuran já estava voltando.

— Acabaram de entrar na sala de cirurgia. Temos que esperar no andar do departamento cirúrgico. Lá nos darão mais informações.

Chegamos ao departamento e nos sentamos em cadeiras vermelhas. Eu olhava fixamente para o chão sem ver nada. Lembro que ponderei que talvez devesse telefonar para Isabella, mas pensei comigo mesma que não, ainda não, só depois, quando seu tio saísse da sala de cirurgia e nos dissessem como estava. Sei que Abby conversou com seus avós durante muito tempo, e não uma vez, mas várias. Nuran me serviu um copo de água em algum momento, e apoiei-o no chão, ao lado da cadeira vermelha, sem tocar

nele. Ficou ali. Também sei que Nuran nos contou o que havia ocorrido embaixo de Santa Maria dos Mongóis. Mehmet foi o único de seus homens a se salvar.

— O militar do Vaticano conseguiu cortar as bridas de segurança — contou a Abby e a mim — e tinha uma pistola escondida que não vimos ao amarrá-lo. Começou a atirar a queima-roupa, a sangue frio. Matou Yakut e Kemal. Então atirou contra seu amigo Kaspar, que havia se atirado sobre ele, e conseguiu feri-lo na perna. Com uma faca, cortou as bridas dos outros e, com todos livres, Mehmet e Basar não tiveram nem chance. O prof. Boswell, já estando ferido, conseguiu se refugiar dentro da cripta, embora estivesse quase terminando de fechá-la. O alemão que a senhora chamou de Hartwig — disse a Abby — fugiu, saiu de lá correndo. E então um dos homens do Vaticano matou Basar. Mehmet havia caído e batido a cabeça, perdendo os sentidos. Por sorte, deram-no por morto. Assim, pôde ajudar o prof. Boswell e seu amigo Kaspar, que estava muito mal, e, então, procurou um lugar onde o celular pegasse e me telefonou pedindo ajuda.

Eu escutava a voz de Nuran e via a cena em minha cabeça, mas não conseguia dizer nada. Tudo era indiferente para mim, exceto Farag. Eu queria vê-lo, queria que saísse

daquela maldita sala de cirurgia de uma vez. Queria abraçá-lo. Queria recuperar nossa vida, nossa vida pacata e feliz, e que os Simonson e toda a sua loucura desaparecessem para sempre e nos deixassem em paz.

— Escute, Ottavia...

A chata e inconveniente Abby Simonson! Por que não ia para o outro lado do mundo?

— Pegue isso — disse, oferecendo-me um lenço de papel.

— Não preciso, obrigada — murmurei com desgosto.

— Você deveria secar as lágrimas com alguma coisa. Seu rosto está todo molhado.

Eu nem havia percebido. Nem mesmo tive consciência de que estava chorando. Havia tantos, mas tantos anos que não chorava, que nem lembrava que era capaz disso. Peguei o lenço que ela me oferecia e sequei os olhos e as bochechas.

Passou muito tempo. Horas. Por fim, na metade da manhã, um médico com trajés cirúrgicos (não havia tirado nem as calças nem a touca, e a máscara estava pendurada em uma orelha) saiu por uma porta olhando para a esquerda e a direita.

— Familiares de Farag Boswell?

Saltei da maldita cadeira vermelha e fiquei de pé na frente dele em menos de um segundo.

— Sou a mulher dele — falei humildemente em turco. Aquele médico tinha o meu marido nas mãos, sabia como o meu marido estava, podia me devolver o meu marido. Aquele médico era um deus para mim naquele momento.

— Ah, dra. Salina — sorriu. — É um prazer conhecê-la. Sou o dr. Akoğlu. Não se preocupe com o prof. Boswell. Está em perfeito estado. A bala atravessou o ombro esquerdo, passando entre a clavícula e a omoplata sem causar maiores danos. Só tivemos que costurá-lo um pouco. Em alguns dias estará novinho em folha.

Suspirei tão fundo e com tanto alívio que o cirurgião riu. Eu também ri. De repente, a vida voltava a ter sentido e as coisas voltavam a ter cor. Aquele lugar tinha cheiro de hospital e ali fazia muito calor. Eu não tinha reparado em nada até então. O tempo voltou a passar.

— E Kaspar Jensen? — perguntei, usando o sobrenome falso da Rocha.

— É seu amigo, não é? Seu marido também perguntou por ele. Veja bem, o sr. Jensen está em pior situação. A bala não rasgou nenhuma artéria, mas mesmo assim ele perdeu muito sangue e sofreu duas paradas cardíacas durante a cirurgia. Precisei fazer várias transfusões. Felizmente, no fim conseguimos estabilizá-lo. Ele sairá dessa, embora deva

demorar um pouco mais que o prof. Boswell. É um homem muito forte. Teria morrido se não fosse.

— Posso ver o meu marido?

— Vão trazê-lo aqui para cima agora mesmo por aquele elevador — disse, apontando para portas metálicas do outro lado do andar. — Estavam tirando-o da anestesia agora há pouco.

— E Kaspar Jansen? — perguntou Abby ao meu lado.

— Ainda estamos com ele — lamentou o cirurgião, que falava inglês e a compreendera. — Mas acabaremos em mais ou menos meia hora. Há tecidos para recompor na coxa direita. Vou voltar para a sala de cirurgia. Foi um prazer conhecê-la, dra. Salina.

Assim que o médico desapareceu, virei-me para Abby muito devagar.

— Vamos voltar para casa — eu disse, olhando-a nos olhos com severidade. — Diga aos seus avós que essa aventura estúpida acabou. Assim que Farag e Kaspar se recuperarem, retornaremos ao Canadá, e não quero que você volte a encher a cabeça deles com histórias fantásticas. Não quero que os coloque em perigo outra vez. Ouviu bem?

Abby assentiu.

— Não se preocupe, Ottavia — ela disse desolada. — Está tudo preparado. Voltaremos ao Canadá assim que Kaspar sair da sala de cirurgia. Meus avós contrataram um avião ambulância com uma equipe médica, e retornaremos imediatamente a Toronto.

Tive uma grande surpresa, mas não protestei. Queria voltar para casa. Com Farag e Isabella.

— As crianças — murmurei.

— Eu vou para o hotel agora para recolher tudo e levá-las comigo para o aeroporto. Estaremos lá quando você chegar com as ambulâncias. Nuran fica com você para cuidar de tudo.

— Obrigada — eu disse com rispidez. Estava irritada com ela e com seus avós.

Abby deu meia-volta e se afastou pelo corredor do hospital. Suas perfeitas madeixas loiras, sua forma elegante de caminhar e aquele glamour que irradiava por todos os cantos anunciavam em alto e bom som que era a refinada herdeira de uma família poderosa. Não poderia ocultá-lo nem que assim desejasse.

Fiquei ali, olhando para a porta do elevador pelo qual Farag deveria aparecer. Nuran não me importunou. Ficou ao lado das cadeiras, imóvel. Cinco minutos mais tarde, as

portas se abriram. Um zelador manobrava com dificuldade para tirar a maca pela porta, enquanto outro mantinha erguida a haste metálica com os soros. E no centro, sorridente como um príncipe no dia de sua coroação, meu herói olhava para mim como se eu fosse a única estrela no firmamento, a única pessoa sobre a face da terra. Dirigi-me até ele com passos rápidos e cheguei ao seu lado justo quando a maca deixava o elevador.

— Afaste-se, senhora, por favor — disse-me em turco o cuidador dos soros. — Não vê que estamos tentando sair?

Abracei Farag e ele também me envolveu com um de seus braços. Reconheci seu cheiro e seu calor, o formato de seu corpo e sua voz quando exclamou:

— *Basileia*, assim você me machuca!

— Machuco? — eu disse, rindo e soltando-o. — O que vou fazer é matá-lo na próxima vez que fizer uma coisa dessas comigo.

— Você chorou por mim? — perguntou, admirado e feliz.

A maca avançava pelo corredor em direção a um quarto, e eu caminhava ao seu lado.

— Chorar...? Bem que você gostaria!

— Mas chorou? — insistiu, pegando na minha mão com a sua mão livre, porque a outra estava oculta embaixo de um

monte de bandagens.

Apesar de sua pele morena de egípcio mestiço, ele estava muito pálido e totalmente descabelado. Sem parar de caminhar, ajeitei um pouco o seu cabelo sujo.

— Mas é claro que chorei! E bastante, pode ter certeza.

Ele riu, feliz como uma criança cheia de presentes.

— Eu só pensava em você quando atiraram em mim. Pensei que, se morresse, não voltaria a vê-la. E isso me pareceu absurdo, porque sabia muito bem que, ainda que morresse, continuaria com você para sempre. É estranho, não é?

Eu me aproximei e o beijei nos lábios. Nunca havia contado nada, mas, desde que me apaixonara por ele, muitíssimo tempo antes, às vezes, quando eu o observava sem que percebesse, pensava que, ainda que tivesse mais de uma vida, não passaria tempo suficiente ao seu lado. E não havia dito a ele porque era convencido e presunçoso, e me pediria para ficar repetindo. Mas ele sabia. Ah, se sabia. Assim como eu sabia que, ainda que apóstata e ímpio, Farag sonhava com um além-vida juntos, com uma eternidade nossa que, para ele, era tão impossível quanto bela.

— Que ateu mais original! — comentei, segurando mais forte a mão dele, sem parar de andar. — Mas é claro que

continuaremos juntos quando morrermos! Mas daqui a sessenta ou setenta anos, tudo bem? Ainda temos muita coisa para viver.

Capítulo 15

O voo direto a Toronto durou cerca de onze horas. A cabine de passageiros, sem assentos, parecia um hospital de campanha em tempos de guerra. Abby, as crianças e eu viajavamos na parte dianteira, no que teria sido a primeira classe caso aquele fosse um avião normal. Linus, pobrezinho, passou maus bocados. Estava assustado por ver seu pai inconsciente, com o rosto abatido e tubos por todas as partes. Não deixamos que ficasse com ele mais do que alguns instantes antes da decolagem, mas o garoto chorou muitas vezes durante o voo e, no fim, quando nem Isabella, nem Abby, nem eu conseguíamos acalmá-lo, decidi segurá-lo nos braços e niná-lo como se fosse um bebê, apesar de sua idade. Felizmente, funcionou. Dormiu no meu colo durante umas duas horas e, quando acordou, estava mais tranquilo, embora eu ache que foi então que me tornei para ele uma espécie de porto seguro onde se refugiar. Não parou mais de olhar para mim para conferir se eu continuava em meu assento, até que aterrissamos em Toronto e, então, não se afastou de mim mais que a distância que lhe permitia

confirmar que eu não havia desaparecido. Vê-lo tão desamparado sem o pai me deixava de coração partido.

Os médicos do avião não estavam preocupados nem com Farag, que estava totalmente bem, ainda que maneta, nem com Kaspar, que estava pior, mas fora de perigo. Abby se aproximou diversas vezes para ver os doentes, embora eu tenha certeza de que não o fazia por Farag, que escutávamos reclamando repetidas vezes (a primeira ao sobrevoar Budapeste e a última já no espaço aéreo canadense) para que o deixassem se levantar e ir conosco na primeira classe. Coisa que ele não conseguiu.

Internaram-nos no Hospital Monte Sinai, em Hospital Row, a zona hospitalar da University Avenue. A verdade é que não tínhamos nada que reclamar dos Simonson, muito pelo contrário, porque estavam se comportando de forma incrível. Se não fossem diretamente responsáveis pelo ocorrido, por causa da sua busca ensandecida pelos malditos ossuários, não teria palavras suficientes de gratidão no mundo à altura do que estavam fazendo. Claro que o que estavam fazendo devia-se, inquestionavelmente, ao fato de se sentirem responsáveis pelo que havia ocorrido. Não eram inocentes, embora também não fossem más pessoas. Por outro lado, eram espertos, muito espertos.

Esperaram com paciência até que Isabella, Linus e eu retornássemos para casa e a uma certa rotina. Farag teve alta definitiva em uma quarta-feira, quatro de junho. Acho que foi porque já não o suportavam mais, embora fosse verdade que estava realmente bem, exceto pelo braço imobilizado. Não se queixava muito, ainda que abusasse de sua situação de convalescente para fazer com que todos girássemos ao seu redor como os planetas em torno do astro rei. Linus relaxou muito quando Farag voltou para casa. Naquela primeira noite, dormiu melhor e não acordou tantas vezes. Mesmo assim, o momento mais importante do dia para ele era quando íamos ao hospital ver o seu pai, que se recuperava a olhos vistos. Kaspar era forte como um touro, e sua natureza rochosa não desmoronava por causa de uma coxa feita em picadinho. Os Simonson, com Abby à frente, visitaram-no em duas ocasiões, embora não tenhamos nos encontrado. Kaspar parecia tranquilo, e eu diria até feliz. Ambos, Farag e Kaspar, precisavam fazer curativos diários, mas, segundo nos disse um dos cirurgiões responsáveis, as feridas estavam cicatrizando perfeitamente.

Assim, quando estávamos mais contentes, no auge da sensação de estar retomando nossa vida, certa manhã, uma

semana após nosso retorno a Toronto, o telefone de casa voltou a tocar.

— Deve ser a sua mãe — adverti Isabella antes de tirar o telefone do gancho.

— Acho que não — respondeu, muito tranquila. — Falei com ela ontem à noite no Skype.

— Ottavia? — a voz de Abby Simonson do outro lado do telefone acabou com o meu humor de uma só vez.

— Olá, Abby.

— Então... Eh, não queria incomodar, sabe? Mas meus avós adorariam que vocês viessem aqui em casa hoje à tarde, se não for um problema para vocês.

— Abby, já estamos fartos dessa história dos ossuários, tudo bem? Não queremos continuar e não há mais nada a ser dito.

Farag se levantou de um salto ao me escutar. Na verdade, eu não lhe havia dito nada sobre a decisão que tomara sozinha, e imaginei, sobretudo por seus furiosos gestos de protesto e contrariedade, que ele não estava de acordo. Mas não dei atenção.

— Lembra as cartas de Marco Polo?

Como eu a odiava.

— Não muito — resmunguei.

Farag, que havia se colocado à minha frente, agitava o braço saudável diante do meu rosto para dar a entender que tinha voz e direito a voto naquela questão.

— Meus avós mandaram traduzir todos os documentos que enviamos da Mongólia e os que encontramos nas caixas de ouro de Maria Paleologina, mas acham que você deveria ficar responsável pelos textos de Marco Polo. Dizem que, por sua enorme importância histórica e paleográfica, ninguém além de você deve tocar neles.

— Tudo bem... — resmunguei. Farag continuou me olhando com cara de poucos amigos, e agora fazia gestos ameaçadores com seu único braço.

— Marco Polo, Ottavia — insistiu Abby. — O mais importante viajante da história. O autor do *Livro das maravilhas*. O homem que conheceu Kublai Khan.

— Sei quem é Marco Polo.

— Marco Polo escreveu três cartas em grego a Maria Paleologina e queremos que você, e somente você, as traduza.

Fiquei pensando. De repente, tive uma ideia bem clara do que pediria como pagamento por toda aquela história dos ossuários: as cartas de Marco Polo. Tinham que ser minhas. Com elas eu ganharia outro Prêmio Getty, com certeza, e já

havia passado quase vinte anos desde que eu ganhara o último. Ainda estava vivendo na onda de meu primeiro êxito, em 1992, quando chegou o segundo em 1995. Mas o primeiro havia sido um grande sonho. Em 1992, logo após me tornar a primeira mulher diretora do Laboratório de Restauração e Paleografia dos Arquivos Secretos do Vaticano, tive a imensa sorte de descobrir, extraviada e ainda sem catalogar, uma coleção de manuscritos bizantinos com datas entre os séculos v e xv que, graças ao meu trabalho paleográfico, devolveram ao mundo a imensa e belíssima simbologia astrológica e zodiacal do cristianismo oriental, destruída para sempre após a queda de Constantinopla em 1453. Agora, ao me lembrar de tudo aquilo, a possibilidade de ganhar um terceiro Prêmio Getty (algo que jamais havia ocorrido) com os únicos documentos manuscritos originais do famoso viajante Marco Polo, cartas dirigidas à filha do imperador bizantino Miguel VIII Paleólogo, aquilo começava a arder em mim como uma queimadura.

— Disponibilizaremos a biblioteca pequena para que você trabalhe nela, se a ideia lhe aprouver.

Xeque-mate. Vitória para os Simonson. Marco Polo e a biblioteca pequena, nem mais nem menos. Sabiam detectar os pontos fracos do adversário e dar o golpe de misericórdia

no momento adequado. Não eram quem eram à toa. Mas, para não cair facilmente em tentação, ainda me opus com a última carta na manga que me restava:

— Mas hoje à tarde não posso... não podemos. Temos que ir ao hospital buscar Kaspar. Já lhe deram alta.

— Bem, quanto a isso — titubeou Abby —, também queria dizer que convidamos Kaspar para ficar aqui em casa. Temos espaço de sobra e, além disso, uma academia para que faça sua reabilitação.

Senti a raiva subir por minha garganta. Estavam nos roubando Kaspar debaixo de nosso próprio nariz! Kaspar e Linus!

— Nada disso, Abby! — protestei, irritada. Fiz um gesto firme para que Farag parasse de se comportar como um maluco e ouvisse. — Kaspar virá para a nossa casa! Linus está aqui e podemos cuidar dos dois perfeitamente.

— Claro que sim, Ottavia! Não tenho dúvidas quanto a isso — respondeu a herdeira. — Mas, veja bem, lembra o que você disse em Istambul, no hotel, quando voltamos das cisternas...?

Maldita Abby! Agora me apunhalava com a arma que eu mesma havia lhe dado.

— Tenho visitado Kaspar nos últimos dias... — acrescentou timidamente.

— Nós também, e ele não nos disse nada.

—... e ele achou uma ideia magnífica vir para cá hoje, quando sair do hospital. Se você aceitar a oferta das cartas de Marco Polo e vier trabalhar na biblioteca pequena, Kaspar poderia ajudá-la e Linus ficaria aqui, onde tem muito espaço para brincar.

Quem pode se interpor entre dois idiotas que gostam um do outro? Agora, não havia dúvida de que Kaspar ia ouvir. Ah, se ia! Em vários idiomas e também em uma língua morta. Se achava que Linus podia ir de um lugar para o outro feito um vira-lata, estava exercendo muito mal seu papel de pai. Até eu, que era apenas tia, sabia disso.

Assim, naquela tarde, com todo o pesar de minha alma e a alegria de Farag, Isabella e Linus, fomos em nosso carro para a mansão dos Simonson. A malinha de Linus estava no chão, atrás do meu assento, o do motorista. O tio emprestado e o sobrinho adotivo iam fazendo piadas e brincando, e a risada feliz de Linus rasgava meu coração como uma adaga porque, de alguma maneira, agora estaria nas mãos de Abby em vez de nas minhas. Eu nunca havia sido especialmente possessiva, ao menos não mais do que a

média, mas aquela pontada aguda que sentia não podia ser outra coisa senão ciúme. Foi o que Farag me informou quando contei a ele o que achava depois de falar com Abby no telefone. Ele era a favor de deixar Kaspar fazer o que lhe desse vontade, e tinha certeza de que Linus não sofreria mais com outra troca de residência enquanto estivesse com o pai. Mas eu não conseguia evitar as pontadas de ciúme. Surpreendi-me ao admiti-lo e aceitá-lo. Nada nos faz amadurecer tanto quanto sofrer uma gama variada de sentimentos.

Eram cerca de quatro da tarde quando entramos na Stratford Crescent e pegamos a estradinha íngreme que levava diretamente às portas automáticas da residência dos Simonson. Não tive tempo nem de parar o carro porque, quando chegamos, as referidas portas já haviam se aberto para nos receber. Como naquela ocasião eu estava dirigindo, pude ver, através do para-brisa, um sistema de câmeras que vigiava a estrada e o muro do terreno. Eu me lembrei de minha casa em Palermo (bem, a casa de minha mãe), a colossal e antiga Villa Salina, construída por meu bisavô Giuseppe no final do século XIX.

— Como essa casa lembra a da vó Filippa! — deixou escapar Isabella naquele momento.

Quando eu era pequena, a casa de Palermo não tinha muros de cimento, nem grades corrediças, nem postos de controle para os vigilantes, nem câmeras dispostas ao longo do perímetro da *villa*. Agora — ou, ao menos, na última vez em que estive lá, mais de dez anos atrás — era uma espécie de fortaleza protegida por incontáveis dispositivos de segurança e alarme, não tanto para evitar improváveis batidas policiais quanto para desestimular outros grupos de *mafiosi* com ambição de sucessão ao poder.

Atravessamos o belo bosque de abetos, cedros e pinheiros e chegamos à frente da residência. Surpreendentemente, os três Simonson nos esperavam à porta como se fôssemos velhos amigos. Estavam completamente enganados, pois o sentimento não era recíproco. E entre eles estava, como se fosse mais um membro de tão importante família, Kaspar Glauser-Röist, o ex-Catão, que se mantinha em pé com ajuda de muletas. Eu não gostava nada das mudanças que iam ocorrendo e sabia, infelizmente, que nisso de não gostar das mudanças eu me parecia com minha mãe.

— Sejam bem-vindos! — exclamou carinhosamente Becky, descendo a escada para cumprimentar Farag, que, com ajuda de um empregado que abrira a porta para ele, já estava fora do veículo. Linus havia literalmente saltado do

assento, assim que Isabella soltou seu cinto de segurança, para correr até o pai, como se tivessem permanecido separados por mil anos. O garoto ficou muito aliviado ao vê-lo fora do hospital. Enquanto isso, outro empregado abriu a minha porta. Deixei as chaves na ignição para que pudessem manobrar o carro e, de repente, ao me virar, a velha mão de dedos retorcidos de Jake Simonson apareceu estendida diante dos meus olhos para me ajudar a sair. Com certa apreensão (e por que negar?), entreguei-lhe a minha.

— Ottavia, você está ótima. Está maravilhosa. Em uma semana, já se recuperou completamente do cansaço da viagem.

E o que ele esperava? Por acaso achava que eu também era octogenária ou nonagenária? Como eu disse: para eles, havíamos nos tornado amigos íntimos.

Reunimo-nos todos na imensa entrada da casa enquanto Kaspar deixava as muletas nas mãos de um empregado e se deixava cair em uma cadeira de rodas espetacular.

— Com marchas ou automática? — perguntou Farag, examinando-a com admiração.

— Automática — explicou, satisfeito e sorridente, o bobo número dois. Kaspar sempre se encantava com carrões de luxo.

Linus, especialista em escalar o pai, tentou subir em suas pernas, mas Abby o conteve.

— Sinto muito, Linus — eu disse com pena —, mas o papai tem um machucado na perna e não pode carregar você.

— Bem, se você prometer ficar bem quietinho — sorriu o pai —, posso carregá-lo na perna boa.

É claro que Linus não levou um segundo para prometer e subir. Seu pai pôs a cadeira para andar, acelerando um pouco por um corredor, para que o garoto visse como funcionava.

— Dá gosto de ver os dois juntos — exclamou Becky com um imenso sorriso em seu belo rosto.

Ou seja, ela aprovava o incipiente e ainda não manifesto romance entre sua neta e o ex-Catão.

— Vocês gostariam de ir para a sala — perguntou Abby — ou preferem descer para a biblioteca pequena?

— Melhor irmos à biblioteca pequena — respondi depressa.

Os três Simonson expressaram visivelmente sua aprovação. Ou sabiam que eu amava a biblioteca, ou sentiam muito orgulho dela. Ou as duas coisas.

Isabella, que nunca estivera na mansão Simonson, parecia ter se criado ali: não se surpreendia com nada e se movimentava com aprumo e desenvoltura. Sem dúvida, a

casa de minha mãe era tão grande — ou maior — que aquela, mas não chegava nem perto em termos de luxo e sofisticação, coisas que, pelo visto, não impressionavam muito a minha sobrinha. Ela olhava para todos os lados procurando, presumo, computadores ou o roteador de wi-fi.

Farag e eu, acompanhados por Jake e Becky, fizemos um percurso semelhante ao da primeira vez, descendo as escadas até o iluminado átrio da cúpula de vidro e percorrendo os corredores da academia e da sala de cinema. Kaspar e Abby, com Isabella e Linus, desapareceram em algum canto para deixarem as crianças em um parquinho instalado em uma zona do jardim e então descerem até o piso inferior de elevador, porque Kaspar ainda não podia usar a escada.

Assim que entrei naquela maravilhosa biblioteca, transportei-me diretamente ao universo dos sentidos, sentimentos e sensações. Não havia nenhuma dúvida de que uma parte importante de mim sentia falta de meus anos nos Arquivos Secretos do Vaticano, mas eu havia sido expulsa do paraíso por amar Farag e não poderia voltar. Bom, pensei, sempre teria aquela biblioteca, e, por ela, eu teria que ser menos arisca com os Simonson.

Assim que Kaspar e Abby se juntaram a nós, a herdeira, que brilhava e sorria com uma nova e desconhecida luz, convidou-nos a sentar no círculo de poltronas e cadeiras de veludo preto que já estavam dispostas ao redor de uma mesinha de café, sob a mesma janela elevada da primeira vez. Tudo havia sido previamente preparado com tanto cuidado que havia até mesmo um espaço vazio para Kaspar e sua cadeira de rodas automática e motorizada.

Mas o que mais chamou a minha atenção, passado o arrebatamento sensorial e sentimental dos primeiros instantes, foi a maneira como o meu lugar de trabalho havia sido preparado na grande mesa central: três atris haviam sido dispostos ao longo do tampo e, sobre eles, três vidros espessos cobriam as folhas de papel em que Marco Polo escrevera as suas cartas a Maria Paleologina. As cartas eram perfeitamente visíveis através dos vidros protetores. Do outro lado da mesa, uma cômoda poltrona ergonômica esperava pelas minhas horas de trabalho e, na frente dela, um gracioso conjunto de pinças, espátulas e bisturis paleográficos brilhavam com reflexos iridescentes sob a luz dos vitrôs. Havia, ainda, uma caixa de luvas de látex, um montinho de pastas classificadoras vazias, um pote cheio de canetas e lápis novos, blocos de anotações, folhas em

branco, papel de seda, uma luminária de mesa com lâmpada fria de LED e, o que mais se destacava, uma antiga lupa de prata com braço extensível e articulado que era uma preciosidade. Claro que também havia um computador com uma tela enorme, uma impressora e algo que parecia um instrumento de dentista, mas na verdade era um microscópio eletrônico conectado ao computador.

— O que você acha, Ottavia? — quis saber Becky, posicionando-se ao meu lado. — Vai precisar de mais alguma coisa?

Ela sabia muito bem que não, que aquilo havia sido preparado de maneira muito profissional por algum de seus especialistas, provavelmente por um paleógrafo como eu (não do mesmo nível e experiência, é claro, mas ainda assim um paleógrafo).

— Está perfeito, Becky — respondi amavelmente. — Jamais encontraria um lugar melhor onde trabalhar.

— Obrigada — declarou ela, pegando no meu braço. — Queríamos que você se sentisse confortável. Entendemos perfeitamente que você tenha se irritado tanto pelo que aconteceu em Istambul.

— Que tal nos sentarmos? — propôs Abby, apoiando uma mão possessiva sobre o encosto de uma das duas cadeiras

posicionadas ao lado do espaço destinado a Kaspar.

— Nos servirão o chá agora mesmo — disse Jake, com cara de deleite. Deduzi que o chá viria acompanhado por algo que o ancião sibarita adorava.

E, de fato, nem bem ele havia fechado a boca, a porta se abriu silenciosamente e dois criados entraram empurrando um carrinho com um belo jogo de chá e vários pratos com doces, biscoitos e folhados. Tratando-se de Jake, não tinha como errar.

Pouco depois, bebíamos um magnífico chá Darjeeling que exalava um aroma extraordinário, e alguns, sobretudo Jake, mastigavam, entre um gole e outro, os folhados e doces a uma velocidade vertiginosa. Becky, Abby e eu éramos as únicas que, por razões de balanço, apenas bebíamos e, portanto, conseguíamos manter uma conversa adequada enquanto os outros se empanturravam.

— Mandamos traduzir os documentos do Ilkhanato da Pérsia que vocês enviaram da Mongólia — disse Becky, pousando a xícara sobre a mesinha —, e também os que estavam no porta-joias de Maria Paleologina, exceto as cartas de Marco Polo. Na verdade, tivemos muita sorte, porque, em meio às informações que compilamos, encontramos fragmentos muito úteis.

— Sabemos pela carta que Maria escreveu ao pai — recapitulou Abby, tirando o cabelo loiro do rosto —, e que Ottavia traduziu para nós na Mongólia, que, em abril de 1282, os ossuários haviam desaparecido. Não passaram de Hulagu Khan para o seu filho Abaqa Khan. Maria fala em “ossuários perdidos” e também menciona misteriosos emissários venezianos enviados pelo papa latino dos quais não voltou a ter notícias.

— Seria lógico pensar — comentei como me veio à cabeça — que esses misteriosos emissários foram os três Polo: o pai de Marco, Niccolò, seu tio Maffeo e o próprio Marco. Os três venezianos que fizeram a viagem mais famosa da história.

— Absolutamente correto — sentenciou decididamente a bela e idosa Becky. — Os emissários venezianos do papa latino eram os Polo e, portanto, entre outras razões, foram à China para procurar os ossuários.

Àquela altura, eu já era capaz de aceitar as maiores maluquices sem perder a compostura. Farag e Kaspar, por outro lado, ficaram com os doces suspensos no ar, na metade do caminho entre o prato e a boca. Jake, impassível, continuou devorando a toda a velocidade.

— Vamos por partes, vó. Em primeiro lugar, entre os documentos da Mongólia, encontramos muitas referências a

um fato histórico muito importante ocorrido em 1261. Naquele ano, os irmãos mais novos de Hulagu, Kublai e Arik Boke enfrentaram-se em uma guerra feroz para decidir qual dos dois seria o próximo Grande Khan. O irmão mais velho, Mongke Khan, havia morrido em 1259, deixando o trono vago.

— Foi morto pelos Assassinos? — perguntou Farag, morbidamente interessado.

— Alguns historiadores afirmam isso — admitiu Abby. — Mas não todos.

— Eu aposto nos Assassinos — falei com muita convicção. Se haviam matado todos os Grandes Khans desde Genghis, por que não dar cabo também de Mongke, sobretudo depois que Hulagu quase os exterminara na Pérsia? Os Assassinos eram capazes disso e de muito mais.

— Nós também apostamos nos Assassinos! — sentenciou Jake, começando a rir com uma expressão maliciosa. O multimilionário sabia algo que não pretendia contar.

— A questão é — emendou Becky rapidamente para desviar o assunto — que Kublai e seu irmão mais novo, Arik Boke, se enfrentaram pelo trono em 1261, e foi Kublai quem venceu, tornando-se assim o Grande Khan do Império Mongol, o maior império que a história já conheceu.

— Encontramos uma carta do secretário de Hulagu — acrescentou Abby — dando instruções ao patriarca Makkikha II, que residia em Bagdá, para que, cito textualmente, “envie os santos arquetos a Maragha”, porque o Ilkhan Hulagu queria presentear seu irmão Kublai com elas por sua vitória e ascensão ao trono.

— E por que Kublai Khan queria os supostos restos de Jesus e da Sagrada Família? — surpreendi-me. Não me lembrava de ter lido nada a respeito disso nos documentos da dra. Oyun Shagdar que analisei na Academia Mongol de Ciências, em Ulan Bator. Claro que os meus olhos percorreram os antigos textos a toda a velocidade, procurando unicamente a palavra “ossuários”, e eu poderia ter saltado “os santos arquetos” sem perceber. O mesmo poderia acontecer com Kaspar, já que, além de tudo, por mais que se exibisse, não sabia grego bizantino tão bem quanto se gabava.

— Tratava-se de um presente, Ottavia — explicou-me Becky pacientemente. — Um presente importante para uma ocasião importante. Os mongóis respeitavam muito a religião cristã e acreditavam, como os muçulmanos, que Jesus havia sido um profeta de destaque. Não o consideravam Deus, mas ainda assim era um dos pilares

religiosos sobre os quais assentava-se o seu império. Os restos de Jesus e de sua família teriam sido um presente digno de um Grande Khan.

— Por que “teriam sido”? Não foram? — perguntou Kaspar depois de colocar sua xícara de chá sobre a mesa.

— Não puderam ser, Kaspar — eu disse, espantada com sua cegueira.

— Por quê? — estranhou.

— Porque em sua carta, Maria Paleologina falou ao seu pai em 1282 sobre ossuários desaparecidos. Se Hulagu tivesse presenteado Kublai Khan com eles, não teriam sido considerados perdidos.

— Mas, então — inquiriu o meu marido, segurando um biscoito —, o que os Polo foram fazer na China?

— E como Makkikha pôde descumprir uma ordem direta de Hulagu? — perguntou Kaspar, sempre tão sensível às questões militares.

— Não descumpriu — esclareceu-lhe Abby com um sorriso sedutoramente perfeito. — O patriarca Makkikha enviou os ossuários a Maragha para que Hulagu presenteara Kublai Khan, mas os ossuários nunca chegaram. Encontramos duas outras missivas, de datas imediatamente posteriores à petição de Hulagu, que narram

o assalto a uma caravana que viajava de Bagdá a Maragha com objetos importantes que o patriarca Makkikha enviara a Ilkhan Hulagu. Os objetos não são especificados, mas armou-se uma grande confusão na Chancelaria. Em uma das missivas é dito, inclusive, que foi encomendada uma grande investigação. Fica bastante claro que, em 1261, alguém roubou os restos de Jesus e sua família no caminho entre Bagdá e Maragha.

— Quem? — perguntei, intrigada.

— Não sabemos — respondeu desanimada a doce Becky.

— Não encontramos nenhuma outra referência aos ossuários ou ao seu destino nos documentos. Parece que chegamos outra vez a um beco sem saída.

— Mas ainda temos uma coisa — acrescentou Abby, cruzando graciosamente as pernas e apoiando as palmas das mãos nos braços de seu assento para se colocar um pouco à frente. — Por um lado, temos os papéis de Maria Paleologina.

— É verdade! — assentiu Jake, servindo-nos de chá em nossas xícaras esquecidas.

— E, por outro — continuou Abby —, temos as cartas de Marco Polo que Ottavia ainda precisa traduzir. Nem tudo está perdido.

— Que papéis de Maria Paleologina são esses que você menciona? — perguntou Kaspar à herdeira. Foi imaginação minha ou os dois trocaram intensos olhares e sorriram? Não, não era mais imaginação. Estavam flertando.

— No porta-joias de ouro que descobrimos na caixa torácica de Maria — Abby fazia um enorme esforço para aparentar normalidade e continuar o relato —, havia três papéis, além das três cartas de Marco Polo. Um deles era uma mensagem do patriarca ortodoxo de Constantinopla, José i Galesiotes, escrita para Maria em abril de 1267, em que pede a ela que procure, entre os mongóis dos quais agora era Khatun, informações sobre os ossuários.

— Ou seja — concluiu meu marido —, os ortodoxos gregos não sabiam, em 1267, que os ossuários haviam sido roubados em 1261, quatro anos antes de Maria se tornar Khatun.

— Não, não sabiam — concordou Abby —, além disso, o patriarca de Constantinopla explica a Maria por que ela deve se esforçar para encontrá-los e por que são objetos tão perigosos: ainda que fossem claramente falsos, diz a ela, se as pessoas viessem a saber de sua existência, sua fé correria sério perigo, pois aquilo atentava contra a Gloriosa Ressureição de Jesus Cristo, Sua Ascensão aos céus e a

Perpétua Virgindade da Virgem Maria e Sua Assunção, também aos céus, em corpo e alma. Ou seja, ameaçariam diretamente as próprias fundações da fé cristã.

— A mesma coisa que venho dizendo desde o início — comentei sem muita cerimônia.

— Sempre achei que as fundações da fé cristã — comentou Farag — fossem as palavras e a mensagem de Jesus sobre o amor ao próximo, a tolerância, a caridade etc.

— Sim, isso também, é claro — concordei.

— Não, “isso também”, não — disparou Kaspar friamente. — Isso é o principal. A Ascensão aos céus, a Perpétua Virgindade de Maria e todas essas coisas tão esquisitas talvez fossem essenciais para a fé dos primeiros cristãos, mas agora são totalmente desnecessárias. Que importância tem se Jesus ascendeu aos céus com seu corpo de homem ou se Maria era virgem? Só sei que para mim não faz diferença. Respeito quem quiser acreditar nisso, mas não influencia a minha fé.

Senti a raiva crescendo dentro de mim, mas disse a mim mesma que não perderia mais tempo contradizendo Farag e Kaspar. Estava cansada de travar a mesma discussão repetidas vezes. Era tão difícil aceitar o que a Igreja afirmava

como dogma? Jesus havia fundado a Igreja. A Igreja dizia aos fiéis no que acreditar. Ponto.

— O segundo dos papéis da caixa de Maria Paleologina — emendou Abby, vendo que eu fechava o rosto de forma perigosa — é outra missiva. Esta é procedente de Viterbo, onde ficava então a sede papal da Igreja católica. Foi escrita em 1268 por um tal Teobaldo Visconti de Piacenza, arcediogo da catedral de Liège. Esse arcediogo, pelo que conseguimos descobrir, foi um grande erudito que havia estudado Direito Canônico na Itália e em Paris. Não era sacerdote, mas um homem de qualidades religiosas e acadêmicas admiráveis. Ao que parece, o papa Clemente IV o chamou a Viterbo para incumbi-lo secretamente do problema dos ossuários. Deveria encontrá-los e destruí-los. De alguma maneira, Teobaldo chegou à mesma conclusão que o patriarca de Constantinopla: a Khatun dos mongóis, a esposa bizantina e cristã de Abaqa Ikhan, estava em uma posição insuperável para descobrir o paradeiro dos ossuários dos quais Hulagu havia se apoderado em Alamut.

— Se vocês repararem — interrompeu o seu avô —, esta carta do arcediogo de Liège deixa bem claro que a Igreja católica havia acompanhado o périplo dos ossuários desde que os perdera em Nazaré para as mãos de Saladino.

Teobaldo Visconti pede a Maria Paleologina que faça o mesmo que lhe havia pedido o patriarca de Constantinopla: descobrir o que houve com eles. Isso indica como os ossuários continuavam a preocupá-los e o quanto ansiavam por sua destruição.

— E também deixa claro — acrescentou Farag — que nem os católicos sabiam em 1268 que os ossuários haviam sido roubados em 1261. Portanto, o roubo não foi perpetrado nem pelos católicos nem pelos ortodoxos. Só nos resta a Igreja do Oriente.

— E por que o próprio Makkikha II os roubaria? — Kaspar franziu muito o cenho ao fazer essa pergunta, como se a resposta fosse impossível.

— Talvez porque a mesma pessoa que os deixara aos seus cuidados em Bagdá, Hulagu, os tivesse solicitado para algo tão inadequado como dá-los de presente — declarei.

— E fingiu um roubo? — Farag não parecia achar provável.

— Por que não? — ponderei.

— Porque ao trapacear Hulagu Khan ele arriscaria a vida — esclareceu-me Abby — e, cabe observar, o patriarca não era um homem valente nem de moral inquestionável ou de princípios elevados. Makkikha Khan era bastante corrupto e

se mantinha no poder graças a Hulagu Khan e Dokuz Khatun. Se o todo-poderoso Ilkhan da Pérsia reclamou os ossuários, tenha certeza de que o patriarca os enviou de imediato, sem arriscar a vida e o cargo por um roubo simulado.

— Então, também não foram os cristãos do Oriente — raciocinou Farag.

— Ao menos, os do Oriente não destruíram os ossuários — observou o velho Jake. — Makkikha ficou três anos com eles e os conservou bem.

— Talvez porque os cristãos nestorianos são diofisitas — lembrou Kaspar. — Acreditam em uma natureza dual de Jesus, divina e humana, totalmente separadas entre si. Maria só é mãe do Jesus humano, não a mãe de Deus, porque Deus não pode ter mãe. Portanto, para os nestorianos da época, os ossuários não representavam nenhum perigo teológico.

Às vezes eu tinha certa dificuldade para acompanhar o raciocínio básico das heresias. Para os católicos como eu e para os ortodoxos, Jesus era Deus e homem ao mesmo tempo de forma indissociável, mas, para os monofisitas, como meu marido, Jesus era apenas Deus, sem corpo terreno, e, para os diofisitas, era Deus e homem de maneira

totalmente separada. E, surpresa! Todos são cem por cento cristãos. Incrível.

— O terceiro e último papel do porta-joias de Maria — disse Abby, retomando a história — é uma carta escrita em novembro de 1271 pelo mesmo Teobaldo Visconti de quem falávamos antes. Teobaldo solicita à Khatun da Pérsia que receba em sua corte de Tabriz alguns enviados papais que passariam por ali em algum momento do ano seguinte, 1272. Trata-se, ele disse, de uma família de mercadores venezianos, os Polo, que viajam à corte de Kublai Khan a negócios, mas, além disso, estão em busca dos ossuários desaparecidos. Os rumores que diziam que os ossuários haviam sido presenteados por Hulagu Khan ao seu irmão Kublai chegaram aos ouvidos do novo papa, recentemente eleito. Os Polo, que já haviam estado na corte de Kublai anos antes...

— A primeira viagem foi empreendida apenas pelos irmãos Niccolò e Maffeo Polo — especifiquei. — Marco nasceu um pouco depois de sua partida de Veneza.

— Isso — concordou Abby. — Só os Polo mais velhos conheciam Kublai. O jovem Marco Polo, nascido em 1254, tinha apenas dezessete anos quando iniciaram a segunda viagem.

— Então, quando Marco Polo conhece Maria Paleologina em Tabriz em 1272 — refletiu o meu marido em voz alta —, está com dezoito anos.

— Exato.

— Por outro lado — acrescentou Abby —, convém mencionar que o novo papa de quem Teobaldo Visconti fala é ele mesmo, o próprio Teobaldo Visconti, que, mesmo estando na Terra Santa, em Acre como encarregado papal para investigar a questão dos ossuários e não sendo sacerdote, acabara de ser eleito papa pelo conclave.

— Foi eleito papa sem ser sacerdote? — surpreendi-me.

— Sim, Gregório x — confirmou-me Abby. — Mas, fique tranquila, foi ordenado em Roma antes de ser proclamado. Àquela altura, nossos viajantes, os Polo, já deviam se encontrar em Tabriz com a Khatun. Mas, além do fato de que o novo papa era Teobaldo, o mesmo que Clemente IV encarregara de encontrar e destruir os ossuários, houve também a questão de que era amigo pessoal de Niccolò e Maffeo, que conhecera em Acre quando estes retornavam de sua primeira viagem à corte de Kublai. Tudo isso é perfeitamente detalhado no *Livro das maravilhas*, de Marco Polo, nos primeiros doze capítulos. Teobaldo Visconti sabia que eles conheciam pessoalmente o Grande Khan e lhe

havam prometido voltar. E Teobaldo, por sua vez, havia descoberto, não sabemos como, que Hulagu presenteara o irmão com os ossuários, ainda que, tendo passado tanto tempo na Terra Santa, faça sentido que conhecesse todos os rumores. Que melhores agentes poderia encontrar naquela época para mandar à China? Quantas pessoas iam à China no século XIII? A viagem dos Polo era real, mas, de quebra, como bons e piedosos católicos, aceitaram a incumbência de seu amigo Gregório x.

— Farag perguntou mais cedo — lembrou Becky — o que os Polo foram fazer na China. Está aí a resposta, Farag.

— Mas, quando eles passaram por Tabriz em 1272 — comentei —, a Khatun teve que informá-los de que os ossuários não haviam sido presenteados a Kublai, mas roubados por mãos desconhecidas em 1261.

— O estranho — comentou o velho Jake em tom de mistério — é que Maria não dissera nada ao arcediogo Visconti quando este lhe escrevera em 1268, pedindo que buscasse informações sobre os ossuários. Se tivesse feito isso, Teobaldo não precisaria enviar os Polo.

— E por que Marco Polo — inquiriu Farag — escreveu três cartas a Maria na China?

Os três Simonson sorriram com maior ou menor desânimo no rosto.

— Bem, isso é o que Ottavia tem que descobrir — sentenciou Becky.

Cinco pares de olhos se viraram para me olhar.

Capítulo 16

Kaspar não foi o único a se mudar para a mansão Simonson. Por uma razão ou outra, todos acabávamos passando o dia inteiro lá, e, somente devido ao meu empenho, voltávamos para casa à noite para dormir: eu não deixaria que os malvados multimilionários sugassem a minha família e a deglutissem com o encanto sedutor de sua imensa simpatia, amabilidade e fortuna. Farag, Isabella e eu tínhamos nossa própria casa e, ainda que eu fosse obrigada a comparecer todas as manhãs para trabalhar na biblioteca pequena e Isabella tivesse que cumprir com seu compromisso de verão e cuidar de Linus, isso não significava que aquela jiboia que eram os Simonson pudesse nos devorar e acabar com a nossa vida. Claro que o atrativo da piscina (a de verão, pois tinham outra coberta para o inverno), o jardim, a zona de recreação para crianças, a comida, os criados, a sauna, a academia e não sei quantas outras coisas eram irresistíveis para os fracos de vontade e, assim, enquanto eu trabalhava na biblioteca pequena, podia escutar de vez em quando os gritos alegres de Linus e Isabella e as sonoras gargalhadas de

Kaspar e Farag enquanto permaneciam estendidos como lagartos ao sol nas espreguiçadeiras da piscina com Abby, Becky e Jake, que logo se acostumaram com as estranhas cruces e letras gregas escurificadas nos corpos de ambos. Isabella teve um pouco mais de dificuldade, mas acabou aceitando com normalidade as cicatrizes no corpo de seu tio após examiná-las de canto de olho durante vários dias.

No entanto, tudo isso deixou de me preocupar a partir do exato instante em que a voz de Marco Polo, a autêntica voz de Marco Polo, começou a soar só para mim dentro de minha cabeça. Haviam transcorrido quase oito séculos desde que o veneziano, com um pincel chinês na mão, desenhara como se fossem pictogramas as letras gregas que agora eu podia ler e as palavras que conseguia compreender. Ele não se mostrou um sujeito muito simpático, digamos assim. Nem um grande escritor (era fácil adivinhar por que deixara nas mãos de Rustichello de Pisa a tarefa de amanuense do *Livro das maravilhas do mundo*). Mas era um grande observador, muito detalhista, metódico e rigoroso.

Interpretar as cartas implicava muito mais trabalho que a mera tradução. Eu precisava de um ajudante para a pesquisa histórica. Era preciso contextualizar no lugar e no tempo o que Marco dizia a Maria, e adjudiquei a tarefa (com grande

satisfação de minha parte, devo acrescentar) ao meu marido, que precisou deixar o calção de banho e a toalha de lado e se prostrar comigo para trabalhar na biblioteca pequena. Ele não era arqueólogo? Então, que desse uma mão. Depois descobri que também precisava de um ajudante para extrair e cotejar as informações das cartas com o *Livro das maravilhas*, de modo que (com imensa e rebuscada alegria) arranquei Kaspar da piscina e coloquei-o para labutar comigo e Farag, ombro a ombro, no texto do livro de Marco Polo e Rustichello. Ele não era, por acaso, licenciado em Literatura Italiana pela Universidade de Roma? Pois estavam sobrando palavras. E, por último, para a parte técnica de meu trabalho, que consistia em utilizar o computador e o microscópio eletrônico ampliando as letras apagadas, palavras incompletas ou fragmentos de difícil leitura, angariei a ajuda de Isabella, que, embora não tenha protestado como os outros dois porque era mais esperta, comentou que já tinha um trabalho e não podia acumular dois, mandando Abby em seu lugar (após lhe ensinar os rudimentos do funcionamento dos aparatos e dos programas) e oferecendo-se para dar uma ajudinha quando fosse necessário. Abby foi a única que não apresentou

objeções de nenhum tipo para ficar perto de seu adorado Catão.

Desse modo, Isabella e Linus continuaram tomando banho de piscina, brincando no jardim e assistindo a filmes na telona da sala de cinema com Jake, Becky e outros membros da numerosa família Simonson que passavam por lá de vez em quando, enquanto nós quatro trabalhávamos na biblioteca.

Durante aqueles dias, recebemos ainda uma notícia que nos comoveu: o EI, ou isis, o Estado Islâmico terrorista recém-surgido e que ocupava territórios do Iraque e da Síria, havia destruído em Mosul, de maneira irracional e sem dar explicações, a tumba de Ibn al-Athir, o grande historiador árabe do século XII que havia escrito *al-Kamil fi al-Tarikh*, *A história completa*, e nos relatara as negociações entre Saladino e Sinan, o Velho da Montanha, para matar Conrado de Monferrato e Ricardo Coração de Leão. Os brutais assassinatos perpetrados pelos terroristas jihadistas não atentavam apenas contra os vivos. Também eram contra a cultura e a história. Às vezes, a estupidez, a ignorância e a demência se apoderam da religião para criar monstros.

Concluir a tradução e atar as pontas soltas do papel que Marco Polo havia desempenhado na história dos ossuários

nos custou duas semanas de trabalho duro, mas, no fim, conseguimos visualizar o quebra-cabeça com todas as peças, e ele se mostrou realmente surpreendente. Jake e Becky, que não conseguiam controlar sua impaciência, entravam discretamente todas as noites, antes da hora de jantar, para escutar o muito ou pouco que havíamos descoberto naquele dia, e foi assim durante as duas semanas de atividade febril na biblioteca pequena. Devo admitir que aproveitei ao máximo o material gerado por meus perspicazes companheiros de pesquisa para deixar encaminhado o que pretendia utilizar no futuro, tendo em mente o meu próximo Prêmio Getty.

Em uma tarde de terça-feira, Jake e Becky entraram na biblioteca antes do usual e, espantosamente, não estavam sorrindo. Nem um pouco. Mais do que isso, Jake parecia realmente irritado. Farag, Kaspar, Abby e eu largamos de imediato o que estávamos fazendo e nos aproximamos deles. Abby pegou o braço da avó de forma afetuosa e acompanhou-a até a poltrona de veludo preto. As duas foram seguidas pelo velho Jake, que parecia à beira de uma explosão termonuclear. Não havia dúvida: acontecera alguma coisa.

— Jake, por favor, sente-se e respire fundo — pedi ao ver o seu estado.

— Jake, cuidado com a pressão — advertiu sua mulher.

— O que houve? — perguntou Abby, alarmada. — Alguém da família...?

Becky balançou a cabeça negativamente.

— Não, querida — negou. — A família está bem. Não aconteceu nada.

— Como não aconteceu nada? — explodiu o velho Jake, soltando raios e trovões pelos olhos. — Claro que aconteceu! Aquele idiota do Tournier é o que aconteceu!

Eu e Kaspar sentimos um calafrio e trocamos olhares na mesma hora. Tournier...? O monsenhor François Tournier? Se era o Tournier que conhecíamos, Kaspar havia trabalhado muitos anos sob suas ordens, e eu esbarrara nele mais de uma vez no passado. Farag se deu conta quando viu nossas caras de surpresa. Então abriu os olhos como se tivesse visto um fantasma.

— Perdão, Jake — hesitou Kaspar. — Está falando do antigo arcebispo secretário da Segunda Seção do Vaticano?

— Óbvio que estou falando daquele pavão envaidecido! Conhece algum outro Tournier que também seja um completo imbecil?

— Jake! — repreendeu Becky.

Por alguns instantes, minha mente retrocedeu até um imenso e belíssimo escritório decorado com afrescos de Rafael nas dependências da poderosa Segunda Seção da Santa Sé em Roma, a seção encarregada das relações diplomáticas com o resto do mundo. Naquele escritório, conheci o então charmoso e principesco monsenhor Tournier, um prelado linha-dura de Sua Santidade João Paulo II que, por eu ser mulher, considerava-me uma cidadã de segunda classe neste mundo, incapaz de realizar uma pesquisa como a que Farag, Kaspar e eu levamos a cabo com os *Ligna Crucis*. Também não gostava do fato de eu ser uma freira sem hábito, com vestes mundanas, pois considerava isso um sinal da profunda decadência e deterioração que a Igreja sofrera após o Concílio Vaticano II, o qual abominava.

— O que o monsenhor Tournier tem a ver com vocês? — perguntei, atônita.

— Foi Tournier quem enviou Gottfried Spitteler — disse Becky de forma concisa, enquanto sua pele, por si só transparente, empalidecia sob a luz da tarde.

— Tournier enviou Spitteler? — balbuciou Kaspar, em uma evidente falha cerebral generalizada devido à sobrecarga de informações. Não conseguia entender nada.

— Esse palhaço arrogante e presunçoso — vociferou Jake —, esse convencido ególatra é quem está atrás dos ossuários!

— Um momento, por favor! — exclamou Farag em voz alta. — Podemos ficar em silêncio e nos acalmar um pouco?

Todos nos calamos, mas não nos acalmamos. Dava para ver nas contrações de nossos rostos. Jake, ainda bastante irritado, engoliu saliva, ajeitou a camisa e sentou na poltrona cruzando as pernas.

— Infelizmente — começou a contar o multimilionário —, conhecemos Tournier há mais de trinta anos. Mantivemos uma boa relação com ele tempos atrás.

Kaspar bufou. Continuava com a pane por sobrecarga.

— Foi ele a sua fonte a respeito dos *Ligna Crucis* e dos staurofílakes? — perguntei.

— Uma delas — admitiu Becky. — Conhecemos muitas pessoas no Vaticano. Naquela época, mantínhamos uma boa amizade com o monsenhor Tournier. Então, desde que João Paulo II morreu, a relação foi esfriando porque o monsenhor se radicalizou e se tornou um católico intolerante.

— Ele já era um católico intolerante — comentou Farag.

— Sim, mas se tornou muito mais intolerante com Bento XVI — continuou Becky. — Bento tentou tirar influência dos

radicais por causa dos muitos escândalos que protagonizavam, mas eles foram mais fortes e venceram. Por isso ele foi embora. Bento não se atreveu a encará-los diretamente. Eram... São muito poderosos dentro da Igreja. Agora, o papa Francisco está encurralando-os, afastando-os e tirando sua autoridade e importância. E estão completamente irritados. Tão irritados que podem se tornar muito perigosos.

Eu entendia e não entendia o que Becky estava dizendo. Era verdade que, desde o pontificado de João Paulo II, havia um setor laico e conservador extremamente poderoso dentro da Igreja, e era evidente que, desde que Francisco chegara à Santa Sé, esse setor estava perdendo autoridade rapidamente, mas quem naquele setor estava tão irritado? Quem podia ser tão perigoso? Tournier?

— Tournier nunca conseguiu perdoar — acrescentou Jake — Bento XVI por tirar de suas mãos não apenas a diplomacia externa vaticana, mas também qualquer possibilidade de se tornar um cardeal e, por consequência, um papável. Ele viu suas ambições de ascensão na hierarquia da Igreja serem dolorosamente barradas. Por isso, foi se aproximando cada vez mais desses grupos católicos radicais que tinham muito dinheiro, muito poder e muita influência. Tornou-se algo

parecido com uma via de união entre todas essas organizações conservadoras que prosperaram sob o manto protetor de João Paulo II. Continuou atuando como diplomata, mas agora para aproximar as elites desses grupos radicais.

— E quando fala em grupos radicais, Jake, você quer dizer...

— Quero dizer, querida doutora, Legionários de Cristo, Opus Dei, Schoenstatt, Comunhão e Libertação, os Focolares, os Kikos, Comunidade de Santo Egídio etc. São muitíssimos e têm milhares de seguidores no mundo todo. Em maior ou menor medida, são perseguidos por escândalos de todos os tipos, mas suas bases permanecem fiéis para além da razão e da lógica. São movimentos católicos ardorosos no terreno doutrinal e muito zelosos das formas, ritos e gigantescas exposições públicas, ou seja, de tudo o que atrai o povo. Para a Igreja são imprescindíveis, porque aportam enormes quantidades de dinheiro, vocacionados e manifestantes nas ruas quando é preciso.

— Bem, enquanto não fizerem mal a ninguém — refletiu Farag —, podem acreditar no que quiserem.

Se havia alguém neste mundo que acreditava de verdade na liberdade e no respeito em todos os níveis, era o meu

marido. Mas as veias do pescoço muito magro e da ampla testa de Jake voltaram a inchar.

— Claro que podem acreditar no que quiserem! — vociferou outra vez. — Mas eles não concedem esse mesmo direito aos outros! Tentam impor sua ideologia à sociedade, queira a sociedade ou não, porque se consideram de posse da única verdade. Influenciam governos, leis e a opinião pública através de seus próprios meios de comunicação. Têm colégios, universidades, fundações, seminários, ONGS, partidos políticos, bancos... E, na Igreja, influenciam a nomeação de bispos, arcebispos e, às vezes, até mesmo de cardeais. E foi por essa razão que Tournier se aproximou deles e foi conquistando prestígio e influência junto a seus dirigentes. Essas organizações são muito diversas e cumprem diferentes tarefas para a Igreja. São os exércitos em terra, céu e mar do Estado do Vaticano. E hoje em dia, no centro dessas diferenças, aparecendo como comandante supremo, está Tournier. E, precisamente agora, o papa Francisco está tirando deles pouco a pouco o poder que lhes dera o papa Wojtyla.

— Francisco não quer exércitos — comentei pensativa.

— Não — admitiu Jake. — Quer uma Igreja mais próxima da mensagem de Jesus, da palavra do Evangelho, da

paróquia e dos pobres.

— Gosto desse papa — disse Abby. — Se deixarem, fará coisas grandiosas.

— Se deixarem, querida, como você mesma disse — ressaltou sua avó.

— Bem, e à parte de gostarmos do papa ou não — interrompeu Kaspar, que parecia estar se recuperando do choque —, o que Tournier sabe sobre os ossuários? Está agindo em nome do Vaticano ou desses grupos radicais?

— Saber, sabe tudo — disse Jake taxativamente —, e não só porque andou nos espionando. Sabe tudo porque, além de utilizar o capitão Gottfried Spitteler, conta com as informações que o idiota do Hartwig, ex-marido de Abby, deve ter fornecido. Nunca gostei daquele rapaz. Dava para ver a fome em seu rosto, e não era de comida.

— Jake! — Sua mulher podia gastar o seu nome, mas Jake estava fora de controle.

— Tournier é tão poderoso quanto a soma de todas as organizações católicas conservadoras que estão por trás dele — concluiu o multimilionário. — É claro que essas organizações não podem permitir, nem remotamente, o surgimento dos ossuários com os restos mortais de Jesus de Nazaré, de seus pais e de seus irmãos, porque, como bem

dizia o patriarca de Constantinopla em 1267, colocariam em sério risco muitos (e muito importantes) dogmas da Igreja: a Ressureição, a Ascensão, a Virgindade de Maria...

— Francamente — disparou Kaspar, irritado —, não me interessa em nada a doutrina da Igreja. Só serve para que não precisem seguir a verdadeira mensagem de Jesus.

— Muitas pessoas confundem a doutrina com a palavra de Deus — comentou Farag. — E não são a mesma coisa. A doutrina é a forma exterior da religião, os dogmas, o que a Igreja acrescentou; a base é o Evangelho, a palavra de Jesus, e Jesus não disse nada nem remotamente parecido com o que afirma a doutrina.

— Sem a doutrina — acrescentei com a paciência de Jó —, nossa fé estaria vazia.

— Isso é o que a Igreja a levou a crer. — Meu marido estava muito abusado naquela história toda dos ossuários. — A Igreja cria a doutrina e diz que, sem ela, sua fé em Deus não vale nada, mas isso é completamente falso.

— Quem disse foi São Paulo nos Atos dos Apóstolos — insisti, controlando meu temperamento latino. Embora começasse a ficar calejada, aguentar sacrilégios e profanações não era o meu forte. Para mim, estava claro que o Espírito Santo sempre havia guiado a Igreja e, portanto,

tudo o que a Igreja afirmava em sua doutrina era verdade. A pura e simples verdade.

— São Paulo disse isso, de fato — sorriu Becky, compreensiva. — Mas São Paulo foi o fundador da Igreja e da doutrina.

— Não — rechacei —, a Igreja foi fundada por Jesus.

— Ora, convenhamos, Ottavia! — deixou escapar Abby, que estivera em silêncio até então. — Jesus disse que o Reino de Deus e o fim dos tempos chegariam antes que se passasse uma geração e afirmou que os próprios apóstolos testemunhariam isso.^[1] Ele não tinha em mente criar nada a longo prazo, porque o mundo estava acabando e o Reino logo chegaria. No final do século II havia inúmeros grupos cristãos por todo o Império Romano, mas não havia nenhum indício do que hoje conhecemos como Igrejas, papas ou patriarcas.^[2] Você sabe que os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, cujos verdadeiros autores são desconhecidos, têm diversos acréscimos posteriores à sua redação, e que havia outras centenas de evangelhos que diziam coisas muito diferentes e foram destruídos depois do Concílio de Niceia, no ano 326.

— Foram ordens do imperador Constantino, querida — disse-me Becky com um olhar intenso, referindo-se,

claramente, ao fato de que se tratava do mesmo Constantino cujo mausoléu Farag e eu havíamos descoberto em Istambul. — Ele precisava de uma religião que consolidasse o que restava do Império Romano que, no século IV, estava se desintegrando.

Emiti um grunhido de concordância como resposta.

— Bem, então já sabemos quem está por trás de Hartwig e Spitteler — constatou Farag, mudando de assunto para aliviar a minha tensão. — Agora já sabemos quem estamos enfrentando.

— E não é um inimigo pequeno — tentou brincar, sem sucesso, o velho Jake. — Não vão permitir que encontremos os ossuários.

— Ou tentarão encontrá-los antes de nós para destruí-los — especulou Becky. — O que, de certo modo, obriga-nos a agir mais rápido.

— Não se preocupe, vó — animou-a Abby, pegando suas mãos. — Temos as cartas de Marco Polo, e Hartwig já não pode mais roubar nossas informações. E se Hartwig não pode, Tournier também não.

— Além disso, Becky — acrescentei —, já sabemos quem roubou os ossuários de Hulagu e Makkikha II em 1261 e o que fizeram com eles depois.

Abri um sorriso largo ao ver os rostos boquiabertos de todos. Bem, eu descobri pouco antes de Becky e Jake aparecerem na biblioteca pequena. Não é que eu estivesse escondendo, só não tivera tempo de lhes contar.

— Você sabe quem roubou os ossuários, por que roubou e onde escondeu?

A voz de Jake vibrava de entusiasmo. Se não teve um ataque do coração naquele dia, é porque de fato tinha no peito uma válvula de avançada tecnologia alienígena. O fato de um octogenário ou nonagenário aguentar aquela maratona emocional (claro que comia feito um elefante) implicava uma natureza bem adaptada ao meio terrestre.

Naquele momento, ouvimos passos apressados que se aproximavam velozmente pelo corredor em direção à biblioteca. Todos desviamos o olhar, um pouco surpresos, à espera de ver quem apareceria na porta. A maçaneta de bronze girou e Isabella surgiu no umbral com uma expressão franzida, procurando-me com o olhar. Quando me viu, seu rosto se contraiu e as lágrimas começaram a escorrer de seus olhos.

— Tia... — balbuciou, nervosíssima. — Tia... A vó Filippa...

Capítulo 17

Minha mãe estava morrendo e, pelo visto, não era como nas ocasiões anteriores, em que parecia, sim, que, morreria, mas então não, não morria, e se recuperava completamente. Haviam colocado um marca-passo nela anos antes, haviam mudado os ossos da cabeça do fêmur por titânio, devido à necrose; ela sofrera diversas quedas nas quais quebrou desde os ossos do pulso até um pé. Mas eu não ficara sabendo de nada disso. Não tinham me contado. Nem Isabella. Vivenciei o ostracismo familiar até mesmo dentro de minha própria casa sem que suspeitasse. A *Omertà*, o decreto de silêncio da máfia, era cumprido pela família Salina como um voto sagrado, e ninguém podia esperar se livrar da *vendetta* depois de quebrar as regras como eu havia feito ao desobedecer minha mãe. Não funcionava assim. Nunca havia funcionado assim.

Falei com minha irmã Águeda pelo celular de Isabella, e Águeda foi me colocando em dia com todas as diversas coisas que haviam acontecido com minha mãe sem que ninguém me contasse. Eu não podia acreditar no que ouvia,

mas não porque uma idosa de oitenta e nove anos sofrera acidentes ou doenças, o que era bastante normal, senão pelo fato de que minha própria mãe havia proibido meus irmãos e sobrinhos de me contarem qualquer coisa. Simplesmente não queria voltar a me ver. Para ela, eu estava morta e morta devia continuar, acontecesse o que acontecesse. Era isso o que me surpreendia, o que me deixava sem palavras, sem reação. Águeda falava comigo chorando, quase pedindo desculpas sem pedir, justificando a atitude de sua filha para que eu não me chateasse com Isabella por não ter me contado tudo, já que havia sido a sua própria avó quem impusera a *Omertà* antes que ela viesse morar conosco.

Como uma filha pode suportar tamanha punhalada no coração? Minha mãe, que eu mantivera durante toda a vida em um pedestal até descobrir as atividades de minha família, a origem de sua riqueza e o papel que ela mesma desempenhava em tudo isso, minha mãe, ressaltado, não apenas não queria saber nada de mim, como também não queria que eu soubesse nada dela. Era isso que uma mãe fazia? Uma mãe conseguia viver, de verdade, sem saber nada de uma filha durante anos e sem dar o braço a torcer só porque a filha havia tomado as próprias decisões e deixado o Vaticano, a vida de freira e se casado com um egípcio de

outra religião? Uma mãe podia chegar até esse ponto? Aquilo não entrava na minha cabeça. E era o que me desesperava, que me consumia por dentro: eu não entendia.

Se a minha irmã Águeda não conseguia viver sem falar com Isabella ao menos uma vez por semana, como a minha mãe podia me expurgar de sua vida e me apagar por completo, como se eu jamais tivesse existido? Meu delito era tão grave assim? Ou é que o amor de minha mãe dependia do quanto a obedeciam e de quanto domínio podia exercer sobre a minha vida? Eu sabia que estava em situação de exílio, mas nunca teria imaginado que a questão chegara tão longe. Sempre achei que, no dia em que acontecesse alguma coisa importante de verdade, seria chamada e recebida de novo com toda a normalidade. Mas não. O que Águeda estava me dizendo era que não devia ir a Palermo, que não devia me apresentar lá, mas que se, apesar de tudo, eu fosse, que nem pensasse em levar Farag. Farag não seria aceito em Villa Salina sob nenhuma hipótese. Já havia causado danos suficientes à família.

Tudo parecia um grande delírio, e, não fosse pela muita dor que me causava, também ridículo. Mas eu era uma Salina, e isso minha mãe não podia mudar: a orgulhosa

Filippa Zafferano não queria me ver? Então tudo bem, perfeito, ia se incomodar, porque eu queria vê-la.

— Escute, Ottavia — implorava-me Águeda ao telefone —, não venha, por favor. Eles vão saber que fui eu quem contou! Giacoma nunca irá me perdoar.

— E por que você liga para o que Giacoma diz? — perguntei com desprezo à minha irmã mais nova.

— Agora é Giacoma quem comanda a família! — exclamou, angustiada. — E ela disse que, se você aparecer por aqui, vai se arrepender!

Dos nove irmãos Salina (eu era a oitava, por isso meu nome, e Águeda era a nona, a caçula), só restavam oito. O mais velho, Giuseppe, pai de quatro filhos, morreu em 2000 em um atentado no qual também perdeu a vida o nosso pai, Giuseppe Salina. Foram mortos pelos Sciarra da Catânia, um clã mafioso rival, que simulou um acidente de trânsito. Giacoma era a segunda, a mais mandona e desesperadora irmã mais velha que alguém poderia ter. Havia acabado de completar sessenta e oito anos e era casada desde os dezesseis com Domenico, com quem tivera cinco filhos e, mais tarde, um bom número de netos, os quais eu não conhecia porque haviam nascido durante os últimos catorze anos. Giacoma foi a que pior encarou o meu casamento com

Farag, suponho que por solidariedade à minha mãe. Depois de Giacomina vinha Cesare, de sessenta e seis anos, pai de quatro filhos adultos que também o tornaram avô. O quarto era Pierantonio, que havia sido por um tempo o importante custódio da Terra Santa, e agora era apenas um simples franciscano no convento de Santo Antônio de Pádua, em Palermo. O quinto, Pierluigi, casado com Livia, havia me dado cinco belíssimos e inteligentes sobrinhos e, se eu não estava mal informada, acabara de ser avô pela terceira vez. A sexta era Lucía, freira dominicana designada em Londres havia mais de vinte anos. E o sétimo era Salvatore, só três anos mais velho que eu e o mais bruto de meus irmãos varões. Sempre que brincávamos juntos, eu acabava com feridas e hematomas. Era pai de quatro filhos e ainda não tinha netos.

Todos eles – exceto Pierantonio, Lucía e eu, que havíamos sido direcionados por nossa mãe para a vida religiosa – trabalhavam com os negócios da família. Assim como todos os meus sobrinhos, exceto cinco ou seis deles que, como Isabella, haviam preferido se afastar e não sujar as mãos. Minha mãe não havia aceitado muito bem em nenhum dos casos, mas tentar explicar à minha mãe que ser da *Cosa Nostra* era um delito e um pecado era o mesmo que

tentar explicar a uma pedra: nossas famílias sempre haviam sido da *Cosa Nostra* e haviam protegido, defendido e ajudado os palermitanos e sicilianos durante séculos. Além disso, era para este fim que ela havia oferecido três de seus filhos ao Senhor (agora, apenas dois) para que intercedessem por meu pai e por ela, e, por esse motivo, meu delito era tão grave: a salvação de suas almas dependia da entrega desses três filhos à Igreja. Ela havia calculado tudo cuidadosamente, e eu arruinara seus planos e a traíra.

— Ottavia, por favor, não venha!

— Ela é minha mãe também, Águeda! Quando vão fazer o cateterismo?

— À uma da tarde. Neste momento, aqui é uma da manhã.

— Nos encontramos em casa.

— Ottavia, não! — gritou minha irmã enquanto eu desligava o telefone.

Minha mãe havia sofrido uma angina do peito que ficara assintomática durante dez dias por culpa do marca-passo. A pista veio quando ela perdeu a cabeça e começou a delirar e a dizer besteiras sobre extraterrestres e a repetir como um disco riscado sua data de nascimento e a idade. Ao fazerem exames e mais exames no hospital, descobriram por acaso a

referida angina, que era o que havia impedido que o sangue chegasse ao cérebro. O marca-passo a havia matado. As probabilidades de que o cateterismo desse certo eram praticamente nulas, sobretudo porque tinha quase noventa anos.

Em meu íntimo, eu sabia que não chegaria a tempo, que não voltaria a ver minha mãe com vida, mas essa ideia me aticava ainda mais para voltar a Palermo no primeiro avião que partisse de Toronto. Eu tinha que voltar para casa. Devia voltar para casa.

Quando dei por mim, descobri meu rosto apertado contra o peito de Farag, que me abraçava com todas as forças. Surpreendi-me um pouco porque não lembrava como havíamos acabado assim, até que escutei lamentos muito amargos e gemidos angustiados e me dei conta de que saíam de mim, que era eu quem estava chorando desesperadamente. Isso me surpreendeu ainda mais. Pressionei o corpo no de Farag, que me apertou ainda mais forte em seus braços. Tentei me acalmar para que ele não sofresse, mas não consegui. Eu ouvia vozes ao fundo, trechos de conversas. Farag também estava falando com alguém. Eu não entendia nada, ainda menos que alguém

como eu pudesse chorar assim por uma mãe que não me amava e não merecia todo esse amor.

Muito perto, mais alguém estava chorando. Isabella.

Separei-me um pouco de Farag para buscar minha sobrinha, mas meu marido não permitiu.

— Não chore, *basileia* — sussurrava enquanto me beijava e molhava os lábios com minhas lágrimas. — Não chore, por favor. Não posso vê-la sofrendo assim. O que você quer que eu faça?

— Preciso ir para casa, Farag.

— Vamos para casa agora mesmo, meu amor. Fique tranquila.

Então percebi que Farag entendera que eu queria ir para a nossa casa, porque havia chamado de minha casa a casa de minha mãe. Não, Villa

Salina já não era a minha casa. Havia muitos anos que deixara de ser. Minha casa era Farag. Onde ele estivesse, estaria a minha casa.

— Temos que ir a Palermo — corriji-me, estendendo minha mão na direção de Isabella para que se aproximasse.

Separei-me de Farag e abracei a minha sobrinha, que se grudou em mim como quando era pequena. Bem, com a

diferença de que agora era uma cabeça e meia mais alta que eu.

— Vamos a Palermo? — perguntei soluçando.

— Partirão agora mesmo — declarou a voz de Becky Simonson. — Nosso avião os levará.

— Não é preciso, obrigada — recusei, talvez um pouco secamente.

— Vocês não chegarão a tempo se não forem em nosso avião — insistiu.

— Eu sei, Becky, mas...

— Não seja cabeça-dura, doutora — o rosto granítico de Kaspar apareceu por trás de Isabella. — É a sua mãe. Se não chegar a tempo, você nunca irá se perdoar.

— Ah, me perdoarei, sim, capitão! — respondi. — Na verdade, minha mãe não quer me ver.

— Que bobagem! — exclamou Becky. — De onde você tirou uma ideia tão absurda? É a sua mãe, Ottavia! Claro que quer vê-la. Não se fala mais nisso. Jake já deu ordens para que preparem o avião. Não se preocupe com nada.

— Em dez horas vocês estarão em Palermo! — exclamou o velho Jake, retornando à biblioteca pequena. Eu sequer tinha reparado que ele havia saído. — Rápido! O carro já está esperando para levá-las ao aeroporto!

— Dez horas? — surpreendi-me.

— Voo direto. Sem escalas — riu Jake. — Vamos, para o carro!

Eu não gostava de dever favores a ninguém, mas, naquela ocasião, nem passou por minha cabeça recusar de novo a oferta. Kaspar tinha razão: se eu não chegasse a tempo para me despedir de minha mãe, nunca conseguiria me perdoar.

Voamos a noite inteira no enorme Gulfstream dos Simonson. Era como um palácio voador, tão luxuoso quanto as suítes do Çırağan Palace de Istambul e com mais comissários de bordo que os aviões comerciais. Nós éramos apenas três: Farag, Isabella e eu.

Isabella dormiu cinco ou seis horas, mas Farag e eu não pregamos o olho. Ambos estávamos preocupados com a recepção que poderia nos esperar em Palermo. Na última vez em que estivemos lá, ninguém foi se despedir e ninguém nos disse tchau. Agora também não esperávamos que alguém fosse nos buscar no aeroporto, nem a minha irmã Águeda. Isabella teria que ir comigo de táxi até o hospital onde sua avó estava internada.

Farag, previdente como sempre, pediu à tripulação informações sobre os hotéis de Palermo, mas descobrimos que já tínhamos reservas no Grand Hotel, um dos mais

centrais e bonitos da cidade. Faltavam-me palavras para agradecer aos Simonson pelo que estavam fazendo. Eu encontraria os malditos ossuários para eles, garanti a Farag, muito séria, por mais falsos que fossem e por mais que me incomodasse procurá-los. Sentia-me em dívida com eles e, como não gostava de me sentir em dívida com ninguém, pagaria para ficar tranquila.

Tomamos banho e o café da manhã no avião. Não tínhamos roupas limpas, mas era o de menos naquele momento. Eram onze da manhã, horário local, quando o comandante anunciou que iniciávamos a aproximação a Punta Raisi, o aeroporto de Palermo, que, na realidade, chamava-se aeroporto Falcone-Borsellino (em memória aos famosos juízes antimáfia Giovanni Falcone e Paolo Borsellino, assassinados pela *Cosa Nostra* em 1992), embora todo mundo o chamasse de Punta Raisi por motivos óbvios. O comandante disse também que a temperatura em Palermo era de vinte e seis graus e não havia uma única nuvem no céu. Um lindo dia de junho no Mediterrâneo.

Despedimo-nos de Farag na porta do táxi que Isabella e eu tomamos para ir ao Ospedale Civico, onde se encontrava a minha mãe. Ele iria ao hotel e nos esperaria lá. A raiva ardia dentro de mim por ter que me separar de meu marido

quando certamente os meus irmãos e irmãs estariam acompanhados de seus respectivos cônjuges e suas manadas de filhos. Mas eu não, claro, eu não podia ir com Farag, a não ser que quisesse encontrá-lo em breve dentro de uma valeta com um tiro na nuca. Voltar a Palermo sendo uma Salina era voltar a ingressar em um mundo perigoso e desordenado que eu não compreendia, e do qual tanto Isabella quanto eu desejávamos nos afastar para sempre.

Minhas pernas tremiam enquanto subíamos de elevador até o andar de cardiologia. Voltar a encontrar meus irmãos frente a frente me fazia suar sangue. Rezei em silêncio. Pedi força, coragem. Pedi por minha mãe. E as portas do grande elevador se abriram. O andar estava lotado. Não cabia nem um Salina a mais, muito menos alguém que não fosse um Salina. Simplesmente todos que o eram estavam lá e, cabe dizer, eram muitíssimos. De repente, o silêncio foi tomando conta e todos os rostos se viraram para nós.

— Venha, tia — sussurrou Isabella, segurando meu braço. — Vamos lá.

Precisou me puxar para que atravessássemos juntas o recinto em meio aos seus numerosos primos que estavam em silêncio total. Não, não era dor ou pena o que mostravam em seus rostos jovens e surpresos. Era indignação pela

minha presença. Seus cérebros já haviam sofrido uma lavagem. Todos eles eram meus sobrinhos e sobrinhas com seus maridos e esposas. Eu os vira nascer e crescer, eu era sua tia, mas nenhum me cumprimentou. Agora eram adultos e agiam sob o mando da família.

No fim do corredor estavam os mais velhos, os meus irmãos. Divisei o hábito franciscano de Pierantonio. Todos se viraram para nos olhar enquanto caminhávamos até eles com passos decididos. Não, eu não sentia medo, não sentia nada. Só raiva. Como Giacoma, que, ao me ver, semicerrou os olhos como faria um predador diante de uma presa. A ira a consumiu por um instante. Ia dar um passo em nossa direção, presumo que para nos interceptar, mas a mão de Pierantonio a deteve.

Quase comecei rir ao me dar conta de que Giacoma, com a idade que tinha e gorda como estava, continuava pintando o cabelo de preto como um corvo e deixando-o comprido e solto como uma juvenzinha, além de ostentar dois quilos de maquiagem no rosto (ou mais). Seu aspecto era desagradável, tão desagradável quanto, com certeza, ela devia ser àquela altura. Eu havia amado muito a minha irmã mais velha, mas, por mais que se dissesse e repetisse que a família era para sempre, eu sabia muito bem que não a

amava. E a recíproca era verdadeira. Era uma inimiga conhecida, nada além disso.

Ver Pierantonio me afetou mais. Meu irmão era um grande homem, um bom sacerdote e um autêntico franciscano, por mais que só o que Farag e Kaspar lembrassem dele era que havia se dedicado à venda de objetos arqueológicos no mercado negro de arte. Meu irmão fizera isso para financiar hospitais, escolas e refeitórios para pobres na Terra Santa. Se isso era errado, que alguém me explicasse por quê. Para mim, era a coisa mais evangélica que jamais vira alguém fazer. Além disso, Pierantonio e eu tínhamos o mesmo caráter, eu o conhecia bem, e, fisicamente, éramos muitíssimo parecidos, ainda que ele, agora, estivesse bastante calvo e exibisse um abdome proeminente. Era triste ver que aparentava vinte anos a mais do que tinha, mas a vida não lhe tratara bem.

Pierantonio olhou para mim e deu alguns passos em nossa direção. Nós nos aproximamos um pouco mais e paramos. Ele servia de cordão de isolamento entre dois grupos adversários. Águeda, a mãe de Isabella, e Lucía, minha irmã dominicana, estavam com os rostos transtornados e choravam em silêncio. Pierantonio beijou Isabella na bochecha e lhe deu um pequeno puxão no braço

para que seguisse em frente e fosse até a sua mãe. Então me observou fixamente por um tempo sem dizer nada. Se achava que ia me assustar, estava enganado. De repente, vi que um sorriso rebelde lutava para aparecer em seus lábios e que ele tentava dominá-lo. Mas, para minha alegria, o sorriso crescia e vencida a batalha.

Baixei os olhos e ri.

— Achei que você também fosse me ignorar, Pierantonio — sussurrei.

Àquela altura, ele já não ocultava a felicidade que sentia por me ver, nem a faísca divertida de seus olhos.

— Ottavia, pequena Ottavia...! — exclamou, abraçando-me de repente. — Como fico contente por você ter vindo. Senti tanta saudade!

— Podia ter nos visitado em Istambul — censurei-o, sem me soltar do abraço.

— Vocês nunca me convidaram — objetou, satisfeito com sua resposta.

Por fim, separamo-nos um pouco. O silêncio continuava espesso ao nosso redor, mesmo não cabendo nem um alfinete naquele andar do hospital.

— E mamãe? — perguntei.

Seu rosto congelou.

— Acabaram de levá-la, agora mesmo — titubeou; estava assustado pela morte de nossa mãe, como eu. — Dei-lhe a extrema unção há dois dias. Está nas mãos do Senhor.

Não, eu não voltaria a ver minha mãe com vida.

— O que faço? Cumprimento ou não os outros? — perguntei em voz baixa, para que fosse ouvida pelo menor número possível de pessoas.

Um raio de insegurança cruzou os seus olhos.

— É melhor não, Ottavia — balbuciou.

— Estão todos a menos de dois metros de nós, Pierantonio! — protestei. — Seria ridículo ter vindo até aqui, até aqui! — e apontei para o chão sob os nossos pés — para ir embora e parecer que nunca vim.

— Ottavia — murmurou —, agora é Giacoma quem manda, e Giacoma advertiu a família que, se você viesse, todos deveríamos ignorá-la e dar-lhe as costas. Está entendendo?

— Não, não estou entendendo, Pierantonio — sibilei com o sangue pulsando em minhas têmporas. — Por acaso não sou sua irmã? Nossa mãe não está agonizante, a mãe de todos nós? Tenho o mesmo direito que eles de estar aqui!

— Não conseguem perdoá-la pelo mal que fez à mamãe. Nunca vão perdoar.

O mal?, pensei. *Que mal? Apaixonar-me? Desobedecer a ela?*

— Essa grande família — continuou explicando o meu irmão em voz baixa, embora mais de um e mais de dois dos outros estivessem escutando para contar tudo depois — gira em torno de nossa mãe, e você sabe disso. Mamãe é o centro de tudo, o centro de todos. E você causou a ela um mal terrível e se afastou de nós dizendo que éramos *mafiosi* e que não podia aceitar o tipo de vida que levávamos.

— Por que está falando na primeira pessoa do plural, Pierantonio? Você não é como eles. Lucía também não. Mamãe fez nós três diferentes de propósito.

— Não sou como eles, é verdade — admitiu. — Mas, para não perdê-los, para não perder mamãe, aceito o que são e o que fazem. Assim como Lucía. Você não. Você enfrentou a família. E, não contente, deixou a Igreja e o Vaticano, apesar de todo o orgulho que mamãe tinha de você. E, ainda por cima, casou-se com um muçulmano.

— Farag não é muçulmano! É um cristão copta! — Na realidade, era ateu, mas não vinha ao caso. — Você o conhece e sabe disso!

Farag e Pierantonio haviam se conhecido em Jerusalém quando corríamos atrás dos ladrões de *Ligna Crucis*. Meu irmão sacudiu a cabeça com pesar.

— Tanto faz, Ottavia! Parece mentira que você não conheça a própria mãe, que não saiba como ela é e como pensa! Mede o mundo de acordo com as próprias regras.

— Mamãe é irracional — afirmei.

— Irracional, concordo, mas no fim das contas é a sua mãe. E você não se preocupou ao machucá-la. Esta família não consegue perdoar isso.

— Estamos no século XXI, pelo amor de Deus! — disparei, deixando cair lágrimas que já não conseguia conter.

— Os Salina não, Ottavia. Para os Salina, nunca estaremos no século XXI. Venha — disse, apertando meu braço e me levando de novo até o elevador. — Vamos conversar lá fora.

Finquei os pés no chão e me neguei a recuar.

— Não vou sair daqui, Pierantonio. Vim para ver minha mãe, e Giacoma não vai me impedir.

— Prometo que você verá mamãe depois — silabou, puxando-me com força. — Agora, venha comigo.

— Não!

— Ottavia!

— Já disse que não, Pierantonio!

A família se remexia inquieta, sem saber que atitude tomar. Muitos dos meus sobrinhos mais velhos me deram as

costas, como Giacoma havia ordenado.

— Tudo bem — rendeu-se o meu irmão, soltando-me. — E se eu disser que tenho uma mensagem do monsenhor Tournier para entregar, aí você me acompanha?

Maldição!, pensei. *Torunier aqui, neste momento, por meio de meu irmão?*

Devo ter ficado com cara de idiota ou algo do tipo, porque Pierantonio sorriu e, com seus passos mais principescos, que tanto lhe caracterizavam quando tinha quinze anos a menos e era o custódio da Terra Santa, dirigiu-se confiante ao elevador.

Fiquei sozinha em meio à matilha, que mostrava os caninos para mim em silêncio. Que covardes os meus irmãos, e que pena os meus sobrinhos. Com todo o orgulho que eu sentira deles! Dei um passo, só um passo para seguir Pierantonio, e parei.

— Perdoe-me, Giacoma, por favor — pronunciei em voz bem alta para que todos me escutassem. — E perdoem-me também todos vocês. Lamento que, neste momento tão triste, minha presença os tenha incomodado. Vou embora. Espero que possam me desculpar.

Meu tom de voz era humilde e compungido. Minhas desculpas, até mesmo sinceras. Minhas intenções, não.

Minhas intenções eram perversas e astuciosas. Aquilo era a última coisa que esperavam de mim. Estavam prontos para a briga e o enfrentamento, não para escutar meu submisso pedido de perdão. Eu os conhecia. Acabara de vencê-los. Afinal de contas, eu era uma Salina e, para mim, o fim justificava os meios.

Enquanto via seus olhares desconcertados e imaginava as caras atônitas e confusas de Giacomina, Cesare, Pierluigi, Salvatore e os outros, caminhei como uma rainha, com os mesmos passos principescos de meu irmão, até o elevador onde ele me esperava.

— Já disseram alguma vez como você é endiabradamente esperta? — perguntou-me Pierantonio aos sussurros enquanto as portas metálicas se fechavam diante de nós.

— Meu marido me diz com muita frequência — respondi sem mover um único músculo do rosto. — Mas ele me ama e, portanto, não conta.

— Então também não contará o que eu disser — afirmou meu irmão, passando um braço sobre meus ombros e puxando-me para junto dele.

De repente, enquanto o elevador iniciava a descida, ambos começamos a dar gargalhadas. As duas ou três pessoas que nos acompanhavam naquele caixote metálico se

afastaram um pouco, como se estivessem com medo. E isso porque Pierantonio estava vestido de humilde franciscano, com hábito marrom e sapatos pretos gastos.

— Temos muito o que falar, pequena Ottavia! — disse o meu irmão, apertando o botão do terceiro andar, que se iluminou. — Por ora, vamos nos despedir de mamãe.

Um nó fechou a minha garganta. Pierantonio me levaria para ver a minha mãe. Pelo visto, era confessor do chefe de serviço de cardiologia, o dr. Agostino Martelli, e os dois haviam preparado tudo porque meu irmão não duvidara nem por um momento que eu apareceria no hospital.

— Eu conheço você, pequena Ottavia! — repetia enquanto me guiava pelos corredores e salas de espera apinhados de gente naquele horário, na metade do dia. Muitas pessoas, muitíssimas, ao vê-lo com o hábito, inclinavam respeitosamente a cabeça quando passávamos. A Sicília nunca deixaria de ser a Sicília. E eu vinha de outro planeta, não havia dúvidas.

Por fim, chegamos a umas portas onde se informava com toda a clareza que a entrada era restrita à equipe médica, mas meu irmão não se deteve. Do outro lado, um grupo de médicos vestidos de verde cirúrgico sorriu para ele.

— Esta é minha irmã, Ottavia.

Os médicos me cumprimentaram amigavelmente, com simpatia, e um deles disse:

— A descobridora do mausoléu de Constantino!

Se Isabella estivesse ali, teria bufado de desprezo, mas assenti com prazer.

— Deseja ver sua mãe, correto? — perguntou-me outro com cara de tristeza.

— Eu gostaria muito, sim — afirmei.

— Não se preocupe, Agostino — disse meu irmão. — Já sabe do seu estado. Não vai se assustar.

Mas me assustei, sim. Minha mãe repousava em uma maca na espera em frente à porta de uma sala de cirurgia. Não parecia consciente. De fato, não estava. Já a haviam sedado. Meu irmão Pierantonio pegou uma de suas mãos lívidas e a beijou.

— Mamãe, Ottavia veio para vê-la — disse, fazendo sinal para que eu me aproximasse. As pernas não seguravam meu peso. Ali estava a minha mãe. Bem, não. Ali estava o corpo de minha mãe, o pouquinho que restava dela. Minha mãe, a mulher orgulhosa, ativa e forte de quem eu me lembrava, já não estava lá. Sob os lençóis, insinuava-se um corpo extremamente magro e consumido. Minha mãe sempre havia sido grande, perfeita, poderosa... No entanto, aquele

rosto extenuado só podia ser o dela. Adormecida, murcha, mas com aqueles traços tão belos e familiares.

— Não vai mais acordar, não é, Pierantonio? — perguntei ao meu irmão enquanto dava a volta na maca e pegava a outra mão de minha mãe.

— Não, Ottavia — declarou ele —, não vai mais acordar. Agostino sedou-a muito, muito profundamente. Entende o que eu quero dizer? A lesão cerebral por falta de irrigação foi muito prolongada e é irreversível, e seu coração não resistirá ao cateterismo. Vão fazê-lo apenas para calar a família e evitar desprazeres. Mas mamãe já não está aqui. Rezemos juntos por ela.

Mas não rezei.

— Mamãe — chamei, apertando sua mão fria entre as minhas. — Mamãe!

— Ottavia, ela não escuta.

— Mamãe, sou eu, Ottavia — chorei. — Mamãe, me desculpe, por favor. Nunca quis lhe fazer mal, eu juro. Te amo, mamãe. Não me deixe, por favor, não vá embora!

— Ottavia — repreendeu meu irmão.

— Me perdoe, mamãe — continuei dizendo sem parar de chorar. — Me perdoe.

— Ottavia, veja a mamãe! — a voz de Pierantonio era imperiosa e me sobressaltou. — Veja a mamãe!

Eu obedeci, é claro. Minha mãe estava com os olhos abertos e olhava para mim. Na realidade, por mais impossível que fosse, estava olhando para mim, e sorri timidamente para ela. Ela também me sorriu. Foi um sorriso de reconhecimento. Sabia que eu estava ali e sabia quem eu era, por mais que mil médicos possam me garantir que aquilo não poderia ocorrer. Tanto faz o que dizem. Sei o que aconteceu. Minha mãe me reconheceu, sorriu para mim e se despediu. Então fechou os olhos de novo e não voltou a abri-los.

Senti a mão de Pierantonio sobre o meu ombro.

— Fico contente que mamãe e você tenham feito as pazes — disse com a voz embargada.

— Você viu, não viu, Pierantonio?

— Eu vi, pequena Ottavia, eu vi. Mamãe não poderia partir desse mundo sem acertar as coisas com você. Sempre fez as coisas muito à sua maneira. E sempre foi muito cabeça-dura.

Inclinei-me e dei um beijo na testa de minha mãe.

— Adeus, mamãe — sussurrei. — Obrigada pela minha vida.

Deixei sua mão sobre o lençol e Pierantonio, que também a beijou, fez a mesma coisa.

— Dê um abraço em Deus por nós, mamãe — brincou.

— Ah, por favor, Pierantonio! — repreendi. — Quando você vai crescer?

— Talvez amanhã — disse, pegando no meu braço e me puxando em direção à porta. — Sim, amanhã, pelas cinco ou seis da tarde.

Capítulo 18

Infelizmente, minha mãe morreu pouco depois, durante o cateterismo. Naquele momento eu me dirigia ao hotel em um táxi, chorando sem parar, para constrangimento do pobre taxista, que não parava de me olhar com preocupação pelo retrovisor. Talvez eu devesse ter telefonado para o meu marido, como ele me disse depois, mas nem passou por minha cabeça. Eu nunca lembrava que tinha um celular, a não ser quando estava tocando.

Farag e eu comemos em uma pequena e agradável *trattoria* próxima ao hotel e, enquanto chorava e lhe contava os detalhes mais dolorosos do encontro com meus irmãos, o celular de Farag não parava de apitar. Cada vez que entrava uma mensagem no WhatsApp, escutavam-se trinos e gorjeios.

— É a Isabella — ele dizia, invariavelmente.

Nossa sobrinha ia nos deixando a par de todas as fofocas familiares. Foi ela quem informou Farag da morte de sua avó na sala de cirurgia. Era uma repórter infiltrada que só queria

escapar de onde estava, mas, como não podia, consolava-se nos mandando mensagens.

Os Simonson também haviam telefonado para saber como estávamos, e Kaspar não parava de escrever pelo WhatsApp perguntando por mim, até que Farag lhe disse que eu havia retornado inteira. O que não disse, porque ele mesmo ainda não sabia, era que tínhamos um compromisso naquela tarde com meu irmão Pierantonio para receber a misteriosa mensagem do detestável monsenhor Tournier. Quando lhe contei, meu marido ficou perplexo e franziu a testa.

— Como Tournier sabia de sua mãe e como tinha tanta certeza de que viríamos? — grunhiu, pensativo. — E que relação tem isso tudo com seu irmão? Acho que deveríamos voltar imediatamente a Toronto. Não gosto nada disso.

Isso era a desculpa. A verdade era que Farag não queria voltar a ver Pierantonio, e não apenas porque era um Salina ou por seu passado dúbio de mercador de objetos arqueológicos, mas porque, de alguma maneira enviesada, jogava Tournier e Pierantonio no mesmo saco sem se dar conta de como eram opostos.

— Com certeza se trata de algo importante — objetei, secando os olhos com um lenço de papel. — E, além disso, não podemos partir sem Isabella.

— Outro problema! Temo que sua irmã Águeda dificulte nossa vida.

— Sim, eu também. Depois de hoje, Águeda não vai mais querer que Isabella more conosco.

— Pelos deuses, que família! — grunhiu, diante da perspectiva de ficar sem sua adorada sobrinha.

— Não seja blasfemo!

— Por me queixar de sua família?

— Não, por dizer deuses, no plural, como os deuses pagãos.

— É que me refiro precisamente aos deuses pagãos.

— Então. Blasfêmia.

Tentava manter a aparência de normalidade e fazer piadas, mas, por dentro, o pesar que sentia era tão negro e profundo que meu coração parecia uma daquelas antigas cisternas de Constantinopla. A ausência de minha mãe era muito recente, e eu não estava completamente certa de que Deus poderia perdoá-la por seus muitíssimos e graves pecados. Confiava na infinita misericórdia divina. Confiava no amor de Deus. Confiava que, apesar de tudo, minha mãe havia se arrependido no último momento das coisas terríveis que fizera durante a vida. Se Jesus a amasse a metade do que eu amava, já estaria perdoada, então eu devia me acalmar,

porque estava certa de que Jesus a amava muito mais. Menos mal que a Igreja havia declarado que o inferno não existia, porque, se não fosse isso, não teria voltado a dormir tranquila durante o resto de minha vida.

— Querida, está me ouvindo?

— O quê?

— Estava pensando em sua mãe, não é?

— Sim, desculpe.

— Não se desculpe. É normal. Tem certeza de que quer receber a mensagem de Tournier? A nossa indiferença é o que o deixaria mais incomodado.

— Por acaso eu não disse que encontraria os ossuários para os Simonson, custe o que custar?

Farag sorriu. Acabara de descobrir outro botão de comando em meu painel de controle.

— Beleza. Então vou telefonar para Kaspar e informá-lo sobre Pierantonio e Tournier.

Se Farag não suportava meu irmão, Kaspar o desprezava profundamente, e Pierantonio desprezava Kaspar mais do que um sacerdote deveria desprezar qualquer pessoa. Bem, na realidade, tinha medo dele. Havia sido Kaspar quem, quando era a mão negra do Vaticano, descobrira as artimanhas financeiras de meu irmão para conseguir o

dinheiro que a Igreja não lhe dava e se apresentara diante dele com aquele seu humor tão encantador, baixando com força máxima o punho de ferro de seu poder sobre a cabeça do pobre Pierantonio.

— Calma... — dizia o meu marido pelo telefone, enquanto eu, que não estava com fome, terminava a duras penas meu prato de massa com carne. — Maldição, Kaspar, pare de gritar!

— Pare você de gritar — sibilei ao meu marido. Todo o restaurante estava olhando para nós.

— Sim, nossa, sim! — Farag me indicou por gestos que, naquele momento, o ex-Catão estava subindo pelas paredes e pelo telhado. — Diga que estamos bem. Sim, tenho certeza. Estamos bem. Não, de modo algum. Sim. Assim que Isabella voltar, subiremos no avião. Sério. Não, não vou dizer isso ao meu cunhado. Tá, tudo bem. Isso, boa ideia, esperem de olho no celular. Sim. Telefonaremos logo depois.

— Não vão esperar de olho no celular — eu disse a Farag sorrindo quando ele desligou.

— Pode apostar o que quiser que vão! — respondeu, irritado, deixando seu sotaque árabe mais acentuado correr solto. — Aposte o que quiser que a metade dos que estão comendo neste restaurante trabalha para os Simonson!

— Ou para Gottfried Spitteler e o monsenhor Tournier!

— Pelos deuses pagãos!

— Farag!

Meu irmão Pierantonio apareceu à tarde no hotel com o rosto sério e vermelho de quem esteve chorando. Sua barriga proeminente não nos impediu de trocar um longo e triste abraço no meio da cafeteria. A morte de nossa mãe, ainda que lógica e previsível por sua idade, havia ocorrido apenas uma hora antes. Fosse a vida diferente, Pierantonio e eu, naquele momento, estaríamos com nossos irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas e demais parentes ao redor de nossa mãe. Mas a vida nem sempre é fácil. Na realidade, o normal é que seja bem difícil.

Farag e Pierantonio trocaram apertos de mão com cordialidade. Meu irmão simpatizava com meu marido, o máximo que poderia simpatizar com um cacto espinhoso, que era como ele via qualquer um que fosse amigo de Kaspar. Meu marido, por outro lado, não simpatizava com meu irmão devido ao seu passado arqueológico-delinquente. Mas apertaram as mãos um do outro e nos sentamos. Uma música suave tocava ao fundo.

— Nós pedimos *capuccini* — disse Farag. — O que você quer?

— Um *espresso*, por favor.

— Bem, conte-nos — incentivei meu irmão enquanto Farag chamava o garçom.

— Por onde começo? — sorriu ele com tristeza. — Por Tournier ou por Isabella?

Farag e eu nos sobressaltamos.

— Por Isabella! — exclamamos ao mesmo tempo.

— Giacoma a proibiu de voltar com vocês. Houve uma briga enorme no velório.

Farag pegou rapidamente o celular, que estava sobre a mesa, e começou a mandar mensagens no WhatsApp.

— O que vai dizer a ela? — perguntei, angustiada.

— Estou acalmando-a — respondeu, controlando a raiva que emanava de seus olhos. — Não precisa de mais pressão.

— Diga a ela que vamos esperá-la — sussurrei. Sentia uma dor aguda no estômago, pois já não me restavam lágrimas para chorar. — Para não se preocupar. Para não dar importância à estúpida de sua tia Giacoma. Para sair da vista dela por um tempo, que ela esquecerá.

— Giacoma não esquece nada — comentou meu irmão, dobrando o hábito para se sentar com maior comodidade. — Muito menos perdoa.

— Eu sei — admiti. — Mas não vamos dizer isso à garota. Não há por que assustá-la.

— Isabella não é boba, nem do tipo que se assusta — murmurou o meu marido, sem parar de teclar.

Eu não aguentava mais. O dia estava sendo realmente exaustivo, desanimador e doloroso. O garçom serviu um fumegante café *espresso* a Pierantonio, e este, sem adicionar açúcar e sem medo de queimar a língua, pegou a xícara pela alça e bebeu de um gole só. A cafeína pareceu lhe fazer bem.

— Pierantonio, nos fale de Tournier, por favor — disse Farag, soltando o celular outra vez sobre a mesa, ao lado da xícara.

Meu irmão resfolegou.

— Bem, ontem eu estava no novo refeitório de caridade que abrimos para os milhares de pobres criados por esta maldita crise econômica — começou a contar —, quando meu celular tocou. Era um número desconhecido e eu tinha muitíssimo trabalho, então não atendi. Mas tocou mais duas vezes e, no fim, tive que atender. Senhor, como há pessoas descaradas e imbecis!

— Vamos ao que interessa, Pierantonio — ordenei. Não estava com ânimo para tolices.

— Bem, era o monsenhor Tournier “em pessoa”, como ele disse. Pediu-me que trouxesse uma mensagem para vocês — suspirou o meu irmão. — Disse-me que vocês viriam para ver mamãe e, como não podia contatá-los por nenhum meio, me agradeceria muito se...

— Ao que interessa! — grunhi.

Pierantonio me lançou um olhar resignado e cruzou as mãos sobre a barriga.

— De acordo. Ele disse que, para o seu bem, devem se afastar dos Simonson, porque não são o que aparentam. Suponho que não se refira aos famosos e poderosos Simonson, é claro, e sim a outros Simonson, mais normais, mas, de qualquer forma, Tournier lhes pede que, em nome e pelo amor de Deus, deixem de procurar seja lá o que estão procurando para esses Simonson e, em vez disso, façam-no para a Igreja e para ele. Em troca, oferece trezentos e cinquenta milhões de dólares canadenses, ou seja, quase duzentos e cinquenta milhões de euros, e não preciso lhes dizer o quão vergonhosa e obscena essa cifra me parece, havendo tanta fome e tanta necessidade nesses tempos de brutal crise econômica.

Levei alguns segundos para ligar os pontos, mas, quando o fiz, Farag estava rindo como um louco. Pierantonio,

contudo, viu isso com maus olhos:

— Se a miséria do próximo é tão engraçada para você...
— começou a dizer com um tom de voz cortante, gélido e muito familiar. Eu havia esquecido como éramos parecidos.

— Não, não, Pierantonio — balbuciei, segurando a duras penas as gargalhadas. — Farag não está rindo da pobreza de ninguém. É que há muitas outras coisas que você não sabe. Os milhões que Tournier oferece são o resultado de uma trapaça que descobrimos por acaso há mais ou menos um mês, ao percebermos que estávamos sendo espionados.

Meu irmão baixou a guarda.

— Ou seja, vocês flagraram Tournier participando de um esquema.

— Exato! — confirmei, começando a rir como Farag, que não parava.

Pierantonio, com um sorriso astuto, olhou para nós dois.

— Esse dinheiro — declarou ladinamente —, sendo da Igreja, cairia muito bem para auxiliar as pessoas que perderam suas casas nesses últimos anos e não têm o que comer.

— Não é dinheiro da Igreja — afirmou Farag, enfim se acalmado. — Tournier, em teoria, já não tem acesso ao

dinheiro da Igreja. Esses milhões que oferece tão generosamente provêm de organizações laicas.

— Opus Dei? — perguntou meu irmão, nada surpreso.

— Sim, essa é a mais conhecida — afirmei —, mas também Schoenstatt, Comunhão e Libertação, Legionários de Cristo, e por aí vai. Pelo que sabemos, Tournier assumiu o seu controle e as maneja de acordo com seus caprichos.

Farag olhou dissimuladamente para o relógio.

— E o que vocês estão procurando para esses Simonson que não são o que aparentam? — perguntou Pierantonio, curioso e com falsa inocência.

— Não seja enxerido! — adverti.

— Enxerido? — escandalizou-se. — Se alguém paga duzentos e cinquenta milhões de euros para que parem de procurar algo para uns e procurem para outros, você há de reconhecer que a pergunta mais prudente nesse caso é *o que* está procurando, e não *quanto* pagam uns, e por que querem pagar *tanto* os outros!

— Já disse que foi um esquema que descobrimos — repeti, inclinando-me na direção dele para que a informação entrasse de modo mais direto naquela cabeça de pedra. — Ninguém está nos pagando nada.

— Por enquanto — acrescentou Farag, com o olhar perdido.

— Por enquanto — admiti. — Talvez sequer peçamos dinheiro. Há coisas muito mais importantes.

Meu irmão fez o sinal da cruz, espantado.

— Mais importantes que duzentos e cinquenta milhões de euros? — deixou escapar com uma estranha voz esganiçada. — Muito mais importantes? O quão importantes? Quanto mais importantes?

— Bem, Pierantonio, já chega! — indignei-me. — Não vamos contar nada!

Sendo um Salina, era previsível que essa frase fosse completamente desprovida de sentido para ele. Com certeza, o que ouviu na realidade foi “Contaremos tudo se você insistir um pouco mais”, porque foi o que ele fez em seguida, utilizando todos os tipos de subterfúgios, rodeios, parábolas, coações e argúcias e, inclusive, implorando ou nos chantageando com a primeira coisa que lhe vinha à cabeça. Mas Farag, acostumadíssimo com essas batalhas em seu próprio lar, era uma tumba impassível, e eu, por solidariedade (e por gosto), também.

Após um tempo, ainda em pleno calor da batalha, Farag deu um salto em seu assento.

— Isabella! — exclamou. — Vamos, Ottavia, rápido! Para o aeroporto!

Minha sobrinha acabara de entrar como um raio na cafeteria, com os olhos inchados e avermelhados pelo choro. Olhava para a direita e a esquerda, procurando-nos, mas já estávamos indo em sua direção a toda a velocidade.

— Você que disse para ela fugir, Farag? — perguntei, temendo o pior.

— Mas é claro!

Isabella entrelaçou os braços em meu pescoço e me abraçou de supetão. Seu tio havia freado um pouco para me deixar chegar antes. Surpreendi-me quando percebi, ao abraçá-la com força, como estava assustada. Tremia. Tentei consolá-la o máximo que pude. Até lhe dei um beijo. Então, quando a soltei, meu irmão perguntou:

— O que digo a Tournier quando ele ligar outra vez?

Sim, claro, era lógico que Tournier esperava uma resposta.

Sem dizer nenhuma palavra, abracei com força o agora robusto Pierantonio. Era uma grande dor deixar o meu irmão de novo, afastar-me dele outra vez. Sabe-se lá quando voltaria a vê-lo. Minha vida era cheia de perdas, despedidas e separações. Talvez eu estivesse fazendo algo errado.

— Diga a Tournier que não trabalhamos por menos de um bilhão.

Pierantonio riu baixinho.

— Cuide-se, pequena Ottavia — sussurrou para mim, apertando-me forte. — Sempre sinto muitas saudades suas.

Pierantonio teria problemas sérios com Giacoma naquela mesma noite.

Capítulo 19

Isabella e eu entramos no avião tão cansadas que mergulhamos em um sono profundo assim que decolamos. Sonhei com minha mãe, meu pai e meus irmãos quando todos ainda éramos pequenos. Sonhei com um tempo que talvez tenha sido breve, mas que simbolizava toda a minha infância. Por sorte, quando sonhava com a bruxa da Giacoma tal e qual a vira no hospital no dia anterior, um beijo de Farag me acordou para avisar que havíamos chegado a Toronto. Eu dormira dez horas de uma só vez, sem acordar para nada, e estava bem, muito bem, de fato. Minha mãe havia morrido, é verdade, mas fazia tanto tempo que não fazia parte de minha vida que o retorno à normalidade me devolveu também a calma e a paz. Além disso, aquele último momento com ela, quando me reconheceu e sorriu para mim, não apenas me pertencia para sempre como me curava, também para sempre, da ferida mais dolorosa: a de que minha mãe não havia me amado o suficiente. Aquilo já era história e apagava tudo o que veio antes. De modo que, sim, eu me sentia bem.

Um carro dos Simonson nos esperava na ponta da pista – outro gesto querido – e nos levou diretamente para casa, nossa casinha no campus da Uoft. Que grande suspiro nós três soltamos quando cruzamos o umbral! Então, ao escutarmos nossas próprias exalações, começamos a rir e, com Farag passando um braço sobre os meus ombros e me puxando para junto dele, nós nos sentamos nos sofás da sala, aspiramos os cheiros familiares e relaxamos, ocupando nosso espaço, nosso lugar no mundo. A ida à Sicília havia sido um pesadelo, mas um pesadelo a sete mil quilômetros de distância encapsulado em quarenta horas. Podíamos encarar aquilo.

Farag, além de falar por telefone com Kaspar e os Simonson no avião, também conseguira dormir um pouco, então, após tomarmos uma ducha, trocamos de roupa e tomarmos o café da manhã (café caseiro, ainda que fosse daquela cafeteira de cápsulas horrorosa!) e depois de nos atirmos no sofá outra vez como folgados miseráveis, estávamos prontos para começar um dia normal de nossa vida normal. Mas, é claro, o que era a nossa vida normal? Procurar os restos de Jesus de Nazaré e sua família a pedido de multimilionários que não eram o que pareciam? E se pegássemos o carro, propus, e fizéssemos uma excursão às

cataratas do Niágara e, uma vez lá, simulássemos nossa morte, desaparecêssemos e começássemos uma nova vida junto a algum povo africano? Não, africano não, decidi, que acabara de eclodir uma epidemia de ebola que não parecia nada boa. Melhor um povo aborígene da Austrália.

— Mas com wi-fi — exigiu Isabella.

— E haverá um monte de bichos e serpentes — acrescentou Farag.

— Era só uma ideia — cedi, desanimada, ainda que felizmente já tivesse outra na cabeça. — Isabella, procure na internet alguma coisa esquisita sobre os Simonson.

— Coisa esquisita? — estranhou. — Que coisa esquisita?

— Não sei. Alguma coisa. A mensagem que o monsenhor Tournier entregou ao seu tio Pierantonio dizia que não eram confiáveis, que devíamos nos afastar deles porque não eram o que pareciam.

— Já sabemos que são extraterrestes, então isso não serve — comentou o meu marido sem erguer os olhos do seu *tablet*.

— Claro que não! — protestei. — Tem que ser algo relacionado à sua fortuna.

— Talvez sejam pobres — comentou Farag outra vez. — Talvez só finjam ser ricos.

Isabella caiu na gargalhada.

— Algo relacionado à sua fortuna, religião ou família — exasperei-me. — Tournier não diria isso sem motivo!

— Exato! — concordou meu marido, olhando para mim com os belos olhos azuis que faziam minhas pernas tremerem. — Para deixá-la preocupada, assustada, para fazê-la suspeitar e desconfiar, para arranhar nossa relação com eles. Tournier a conhece um pouco e sabe que você cai com facilidade nesse tipo de truque alarmista.

— Como ele caiu na dos milhões de euros?

Isabella continuava se revirando de tanto rir.

— Você entendeu — sorriu Farag.

— Bem, tanto faz — concluí. — Faça o que estou pedindo, Isabella. Assim ficarei mais tranquila.

— Não se preocupe, tia. Prepararei um dossiê completo.

A campainha da porta nos sobressaltou. Não estávamos esperando ninguém, estávamos? Farag se levantou para abrir e, pouco depois, um loiro e belo Linus, muito penteado e cheirando a perfume, se atirou no meu colo. O garoto estava tão feliz de me ver que fiquei comovida. Lembrei os rostos cheios de indignação e rancor de meus próprios sobrinhos no dia anterior e pensei que, talvez, as famílias também pudessem se formar por escolhas, e não só pelo

sangue, que talvez o carinho que o pobre e pequeno Linus sentia por mim superasse com sobra a soma do carinho que pareciam ter por mim os meus verdadeiros e crescidos sobrinhos (à exceção de Isabella, naturalmente). De repente, vi-me abraçando-o com força e dando nele muitos beijos.

— Nossa, tia! — exclamou Isabella com sarcasmo. — Como você virou carinhosa de repente!

Soltei Linus, surpresa, e, enquanto o garoto corria até a minha sobrinha, fiquei olhando fixamente para ela. Aquilo era ciúme? Suspirei. Teria que dar mais beijos em Isabella, ainda que não soubesse como. Tentaria me lembrar disso.

Kaspar e Farag entraram pela porta.

— Bem-vindas! — exclamou o ex-Catão, que ainda caminhava apoiado nas muletas e batia em tudo com elas. Como vai, doutora?

— Estaria melhor se você não destruísse os móveis — eu disse, apontando para seus suportes metálicos.

Então ele se deu conta, muito surpreso.

— É que essa casa é muito pequena — justificou-se.

— Claro que não é como a sua luxuosa mansão Simonson! — debochei.

O rosto feioso de Abby apareceu atrás de Kaspar. Sem dúvida, havia me escutado.

— Caramba, Abby — falei, exagerando a alegria —, não tinha visto você!

A herdeira sorriu e, astuta como os avós, se deu conta rapidamente de sua situação vantajosa e se aproximou com velocidade de mim para dar um beijo de cumprimento no rosto. Por Deus! O que estava rolando com os beijos naquele dia?

— Como vai, Ottavia? — perguntou-me com inocência enquanto seu rosto refletia a satisfação pela vitória alcançada.

— Bem — respondi, abatida. — Muito bem.

Àquela altura, sabia que Abby não tinha nenhuma doença contagiosa. Caso contrário, eu a teria visto tomando medicamentos em algum momento dos muitos dias em que estivemos trabalhando ou viajando juntas. O que me chateava era o fato de ela ter vencido. Não lidava bem com derrotas.

— Viemos buscá-los — anunciou o ex-Catão sem rodeios. — O carro está esperando.

— Preferiríamos ficar em casa hoje, se vocês não se importam — disse, recostando-me comodamente em meu sofá. Não pretendia me mexer nem que o mundo explodisse.

— Você não disse que estava bem? — surpreendeu-se Kaspar.

— E estou — confirmei com um sorriso —, mas a viagem deu uma canseira.

— Estamos com a geladeira vazia, *basileia* — comentou Farag.

— Pediremos comida por telefone.

— Não temos tempo, doutora. — grunhiu agressivamente o ex-Catão — Você acha que alguma coisa mudou desde que vocês partiram? A oferta de Tournier deveria ter deixado bem clara qual é a situação.

— Kaspar tem razão, Ottavia — disse o meu marido, levantando-se. — Se não queremos chegar ao esconderijo dos ossuários cinco minutos depois de Gottfried Spitteler dar no pé com eles, não podemos perder tempo. E lembre-se de que deixamos pendente a questão de Marco Polo. Não sejamos indelicados. Jake e Becky devem estar impacientes.

— Estão — afirmou a herdeira com um sorriso. — Mas nem Kaspar nem eu lhes contamos nada. Meu pobre avô passou o dia inteiro de ontem descendo até a porta da biblioteca pequena e subindo outra vez. Parecia um leão enjaulado.

— Seu avô tem energia demais — respondi, acostumando-me à ideia de que teria que voltar mais uma vez à mansão Simonson.

Mas antes que acabasse de me acostumar à ideia, já estávamos lá, e todos pareciam contentes, menos eu. Por que eu sempre acabava indo contra o sentimento geral? Ou isso, ou todos os outros eram perturbados, o que me parecia muito mais razoável. Claro que, como nas ocasiões anteriores, no instante em que coloquei o pé na biblioteca pequena, toda a minha vida deu um giro de cento e oitenta graus e a felicidade inundou meu coração.

Jake e Becky nos receberam com muito afeto e me deram os pêsames pela morte de minha mãe (não, não parecia nem remotamente que o assunto da morte fosse preocupante para eles). Assim que começamos a agradecê-los por tudo o que haviam feito, recusaram-se redondamente a nos escutar e mudaram de assunto para outro tema que achavam muito mais divertido: Tournier ter descoberto sua origem alienígena. Achavam aquilo engraçadíssimo, e me perguntei se estariam a par de que havia um monte de livros e artigos publicados sobre o tema ao redor do mundo. É verdade que não era exatamente o tipo de leitura recomendável, contudo, eu teria me preocupado com a insistência das pessoas no

assunto. Além disso, Tournier não havia dito que eram alienígenas; só que não eram o que pareciam, e como, cabe dizer, aparentavam ser extraterrestres, não devia se referir a isso. *Minha sobrinha descobrirá*, pensei comigo mesma, porque, diferente daqueles que escreviam besteiras, ela conhecia os Simonson pessoalmente e sabia que tipo de coisa procurar.

Isabella e Linus ficaram no jardim porque o dia estava lindo, e quase parecia que o apático sol canadense havia sido substituído pelo pujante e maravilhoso sol mediterrâneo do qual eu tanto gostava. Quatro bisnetos pequenos de Jake e Becky haviam chegado à casa para passar uns dias e, como tinham aproximadamente a mesma idade de Linus, escutava-se algazarras, risos e gritos por todos os lados. Nós, adultos, ficamos trabalhando em minha perfeita biblioteca do sótão. Ninguém havia tocado em nada. Todos os meus papéis e minhas anotações estavam tal e qual eu as deixara apenas dois dias antes, muito embora parecesse que havia transcorrido uma eternidade.

Jake e Becky estavam realmente impacientes para saber o que Marco Polo dizia sobre os ossuários. Havia sido um cuidado da parte de Kaspar e de Abby não lhes dizer nada durante nossa ausência, e outro cuidado da parte dos

multimilionários não entrar na biblioteca pequena para fuxicar. Eu teria me lançado sobre as notas sem nenhum melindre, inventando alguma desculpa.

Meus três colegas de pesquisa (e desavisados colaboradores de meu futuro Prêmio Getty) também voltaram aos seus lugares de trabalho na grande mesa da biblioteca, e Farag e Kaspar revisaram rapidamente os seus livros, papéis e anotações. Para falar a verdade, a ansiedade dos velhos Simonson, que não paravam quietos em seus assentos de veludo e cochichavam nervosos enquanto nos observavam de canto de olho, me incomodava um pouco, embora eu pudesse compreendê-los. O fato é que, ao reler minhas próprias traduções, eu percebia que tínhamos ali uma bomba histórica e, portanto, também uma bomba religiosa, embora isso precisasse ser mais bem trabalhado.

De repente, tive a forte sensação de que os dias transcorridos desde a minha partida não haviam ocorrido de verdade. Sim, minha mãe havia morrido, não havia dúvida, e isso dava contornos diferentes a todas os meus sentimentos, mas a vida se impunha, e retomar as cartas de Marco Polo ajudava muito a dissolver gradualmente os meus laços com a Sicília, onde já não me restava nada.

Mas se eu não queria que a válvula turbojato que Jake tinha no lugar do coração acabasse arrebetando e apagando o Canadá do mapa, devia pôr mãos à obra rapidamente.

— Bem, vamos ver — comecei a falar, tirando os óculos para olhar todos à distância. — Nas três cartas de Marco Polo, encontramos as respostas que estávamos procurando: quem roubou os ossuários de Hulagu e Makkikha II em 1261, por que roubaram e onde esconderam depois.

— Talvez devêssemos contextualizar para eles, Ottavia — insinuou Abby.

— Fique à vontade, caso queira — convidei.

— Claro — aceitou contente, tomando assento ao lado de Kaspar. — Vejamos, vô e vó, vocês precisam saltar outra vez ao século XIII e se situar de novo em 1272, quando Marco Polo, seu pai e seu tio chegam a Tabriz e são recebidos por Maria Paleologina, que nessa época ainda é Désmina Khatun, uma das esposas principais de Abaqa Ilkhan.

— De acordo — assentiu Becky.

— Maria os esperava porque Teobaldo Visconti, então Gregório X, lhe escrevera uma carta anunciando sua chegada. Eram mercadores venezianos que deviam regressar à corte de Kublai Khan, em Catai, ou seja, na China, mas, além disso, eram também os enviados secretos do próprio

Gregório x para encontrar os ossuários que o papa achava que Hulagu havia dado de presente a seu irmão Kublai anos antes.

— Correto — admitiu Jake.

— O encontro entre Maria e os Polo transcorreu muito bem — continuou a contar Abby. — Niccolò e Maffeo haviam morado sete anos em Constantinopla, em Bizâncio, onde outro irmão Polo regia uma sucursal dos negócios da família, de modo que falavam grego perfeitamente. Marco, o jovem filho de Niccolò, também falava com fluência, visto que seu destino era ser mercador, como o pai, e naqueles tempos todas as rotas para o Oriente passavam, inevitavelmente, por Constantinopla. Por isso, no encontro com Maria em seu luxuoso *Ordo* de Tabriz, não precisaram de intérprete e puderam falar com confiança.

— Maria contou a eles do roubo dos ossuários em 1261? — impacientou-se Jake.

— Sim — eu disse. — Contou, sim. Contou aos Polo quando estiveram em Tabriz, embora não tenha contado ao patriarca ortodoxo de Constantinopla, José I Galesiotes, quando este lhe escreveu em 1267, tampouco a Teobaldo Visconti, futuro papa Gregório x, quando este lhe escreveu em 1268 pelo mesmo motivo: descobrir onde estavam os

ossuários. Por infortúnio, Marco não entra em detalhes, mas Maria relatou a eles todo o ocorrido, que é muito mais do que nós sabemos. O caso é que Marco dá aquilo como sabido por ele e Maria e não explica nada.

— Então — perguntou a linda Becky, perplexa —, por que Maria não contou aos outros? Um deles era o seu próprio patriarca de Constantinopla.

— Faltam-nos muitas informações, Becky — adverti. — Estamos trabalhando com coisas que aconteceram há oitocentos anos e das quais restam apenas algumas referências. Talvez cheguemos a saber, ou talvez não, não há como ter certeza. O mais provável é que Maria simplesmente não podia ou não devia deixar um relato do roubo por escrito.

— É verdade — concordou ela. — Tem razão, Ottavia. Continue, por favor.

— A primeira carta de Marco Polo a Maria — eu disse olhando para as minhas anotações — foi firmada na cidade de Yangiú em outubro de 1282, dez anos depois do encontro em Tabriz.

— Dez anos! — exclamou Becky. — Por que tanto tempo?

— Sabe quanto tempo durava uma viagem normal de Constantinopla à China no século XIII, vó?

— Nem ideia.

— Segundo os dados de que dispomos — interveio Farag — e os manuais de comércio escritos por outros mercantes, a viagem, com camelos, carroças e animais de carga, durava aproximadamente dez meses.^[1] Os Polo, que supostamente viajavam com *paizas*, salvo-condutos que lhes haviam sido concedidos pelo Grande Khan Kublai durante a primeira viagem, levaram entre três anos e três anos e meio para chegar. E não se sabe por quê.

— Não se sabia — corrigi.

— Isso — sorriu Farag. — Porque nós sabemos. O inexplicável atraso se devia à busca pelos ossuários.

— É o que Marco Polo conta a Maria — acrescentei — quando escreve para ela da cidade que ele chama de Yangiú, mas que, na realidade, foi identificada como Yangzhou^[2], na província de Jiangsu Central, na margem norte do rio Yangtzé. Marco afirma no *Livro das maravilhas* que foi governante dessa cidade durante três anos e, ainda que não haja a menor prova disso e não tenha sido encontrado nenhum documento que o valide, o certo é que ele escreve sua primeira carta a Maria de lá em 1282.

— Mas não diz que era o governante — apontou Abby.

— Não, não diz — respondeu Kaspar, intervindo pela primeira vez. — O que diz é que trabalha como coletor de impostos do sal para o Grande Khan. A triste verdade é que o *Livro das maravilhas* está infestado de mentiras do início ao fim. Por isso, é melhor nos concentrarmos nas cartas, que parecem mais sinceras.

— Como Farag ia dizendo — comentou Abby, retomando o assunto —, os Polo demoraram, de forma até agora inexplicável, três anos e meio para realizar uma viagem que só durava dez meses. Marco Polo conta a Maria em 1282 que fizeram muitas pesquisas pelo caminho, que passaram por incontáveis cidades para fazer perguntas e que, seguindo pistas falsas, chegaram a se desviar de sua rota inúmeras vezes.

— O que explica também — declarou Kaspar, que havia formado um dueto com Abby — por que o caminho que os Polo percorrem de Veneza a Pequim, cidade que chamam de Kanbalik, nunca fez sentido para os aventureiros e exploradores que tentam utilizar o *Livro das maravilhas do mundo* como guia de viagem.

— Eles não seguiram a Rota da Seda? — surpreendeu-se Jake. — Sempre achei que Marco Polo havia descoberto a famosa Rota da Seda.

— Não existia nenhuma Rota da Seda — disse Farag, consultando alguns papéis que tinha sobre a mesa. — Naqueles tempos, havia vários caminhos entre a Ásia e a Europa, traçados pelos mongóis para que os comerciantes viajassem com suas mercadorias. Esses caminhos foram chamados, em conjunto, de Rota da Seda pelo geógrafo alemão Ferdinand von Richthofen no século XIX.

— Caramba! — exclamou, decepcionado, o velho Jake. — Eu gostava do nome Rota da Seda. Me parecia muito romântico e aventureiro.

Já sabíamos a quem Abby havia puxado.

— Há outro dado para o qual devemos chamar sua atenção — murmurou Kaspar, pensativo. — Durante os três anos e meio que passaram viajando até Catai, ficaram muito tempo em Rudbar, a zona da Pérsia, hoje Irã, onde se encontravam os restos carbonizados do castelo de Alamut, aquele dos Assassinos. De fato, Marco Polo foi o primeiro a falar deles no Ocidente. Ninguém os conhecia na Europa até que o *Livro das maravilhas* os transformou em estrelas do rock.

— Bem, mas, naquela época — comentou Becky —, eles já haviam sido oficialmente aniquilados pelos mongóis.

— Sim, sua lenda nasceu quando já haviam desaparecido — afirmou Kaspar.

— Devo lembrá-los — resmunguei — de que não desapareceram?

Todos me olharam como se eu tivesse dito alguma besteira.

— Ou seja, os Polo andaram por Alamut durante algum tempo — comentou Jake, preocupado.

— Sim, é isso aí — afirmou Kaspar. — E estavam procurando os ossuários, segundo afirma Marco Polo em sua carta.

— Achavam que os Assassinos tinham algo a ver com o roubo dos ossuários? — surpreendeu-se Becky. — Não tiveram nada a ver, disso temos certeza.

— Foi um erro perdoável — eu, que conhecia toda a verdade, murmurei.

— Vamos ignorar, por ora, o comentário de minha esposa — disse Farag decidido — e seguir em frente. Abby, por favor, continue.

— Em resumo — explicou a loira Abby —, a primeira carta de Marco Polo é uma narrativa do que fizeram durante a viagem à China, ou seja, buscar pistas de maneira infrutífera. Também fala de sua chegada a Shang-tu, a

capital de verão de Kublai Khan – mais conhecida no Ocidente como Xanadu por causa do famoso poema de Coleridge^[3] –, e sobre a sua chegada, enfim, a Kanbalik, a grande capital de Catai, em 1275.

— E para onde Marco enviou esta carta? — questionou Jake. — Porque, se a escreveu em outubro de 1282, Maria já havia fugido para Constantinopla. Se não me lembro mal, foi em abril do mesmo ano, ou seja, seis meses antes.

— Não há nenhuma referência a isso, Jake — respondi. — Marco se dirige a Maria como *Εύγενής μου κυρία* (*Evgenís mu Kyria*), “Minha senhora”, ou “Minha muito nobre senhora”, mas não indica onde Maria reside, nem se ainda a considera esposa de Abaqa ou se acredita que está em Tabriz. Seja qual for o caso, se Marco remeteu a carta a Tabriz com o serviço postal mongol, que era incrivelmente avançado e eficiente para a sua época, além de muito rápido, os mensageiros fariam com que chegasse a Constantinopla sem problemas.

— Ou seja — brincou Jake —, não era a mesma coisa que mandar um e-mail para o endereço errado.

A imagem de Marco Polo sentado em frente a um computador mandando uma mensagem eletrônica para a filha do imperador Miguel VIII Paleólogo me desconcertou.

— Não, vô, não era como mandar um e-mail — riu Abby, apoiando uma mão, casualmente, no braço de Kaspar próximo dela.

— Seja qual for o caso — continuei, sem deixar de olhar fixamente para aquela mão naquele braço —, Maria respondeu a Marco com uma carta que não temos, porque, na segunda de Marco Polo, ele já sabe que Maria é viúva, encontra-se em Constantinopla e mora em *Panagia Mujliótissa*, em Santa Maria dos Mongóis.

— Segunda carta! — Jake lambeu os beiços como se falássemos de uma torta.

— Você conta, Abby? — perguntei, fazendo um sinal com os olhos para que afastasse a mão do braço de Kaspar e deixasse de fazer papel de ridícula.

— Ah, claro — respondeu. Pareceu aturdida, mas foi ela quem pediu. — Em sua segunda carta, datada de novembro de 1287, cinco anos depois da primeira, Marco escreve de Kanbalik, a capital de Catai.

— Ou seja, de Pequim, capital da China — interveio Becky.

— Isso — confirmou sua neta. — Acabava de voltar de uma longa viagem a uma ilha remota que chama de Ceilão, correspondente ao atual Sri Lanka, no golfo de Bengala.

Havia ido até lá como mensageiro do Grande Khan Kublai, que queria comprar do rei do Ceilão um extraordinário rubi vermelho de grande tamanho.

— O rei do Ceilão — interveio Farag no âmbito erudito — entre 1277 e 1301 foi Parakrama Bahu IV, filho do rei Bhuvaneka Bahu II.

— Marco Polo conta a Maria — continuou Abby — que, além do rubi, Kublai Khan desejava também outros objetos de posse do rei do Ceilão: os dentes de Sagamoni Burkan^[4], que era como os mongóis chamavam Buda, e sua malga de mendicância. Relata que o rei do Ceilão havia concordado em presenteá-lo com eles. Kublai fez todos os súditos saírem das muralhas de Kanbalik para receberem as relíquias com grandes honras.

— Está vendo, Ottavia, como Hulagu Ilkhan sabia que os restos de Jesus e de sua família eram um presente excelente para o seu irmão Kublai? — perguntou-me Becky com sarcasmo.

— Sim, por isso foram roubados — lembrei-a. — E eu sei por quem.

Todos se remexeram inquietos, mas mantive os lábios selados, fazendo-me respeitar.

— Vamos ignorar outra vez o que a minha mulher disse — Farag sempre arruinava minhas melhores atuações — e seguir em frente, por favor.

Abby demonstrou prazer em seguir o conselho de Farag, suponho que para dar o troco pela questão da mão no braço.

— O mais importante desta segunda carta — disse, tirando o cabelo do rosto e prendendo-o detrás da orelha com aquele seu gesto tão perfeito (e sim, o tolo do Kaspar ficou deslumbrado) —, o realmente importante, é que Marco conta a Maria que, estando no Ceilão, ouviu falar nos ossuários.

Ambos os nonagenários deixaram escapar uma exclamação de surpresa.

— Acho que você deveria ler a sua tradução para Jake e Becky — incentivou-me Farag.

— É um fragmento extraordinário — afirmei, segurando com firmeza o bloco de anotações. — Escutem: “Deveis saber, minha senhora, que há no Ceilão uma enorme e alta montanha cujas rochas são tão abruptas e escabrosas que não podem ser escaladas, e a única forma para os homens de subir até o cume é fazendo uso de amplas e grossas correntes de ferro penduradas de cima. Há ali um santuário no qual, ao que dizem os sarracenos e judeus, guardam-se

os restos de nosso primeiro pai Adão, mas os budistas, melhor chamados de idólatras porquanto adoram ídolos, alegam que são os restos de Sagamoni Burkan. Um de meus companheiros de viagem, um turco chamado Zuficar, que é, ao que me parece, homem sábio e digno de todo o crédito, viajou até o santuário que chamam, aliás, Pico de Adão, e ali falou com alguns judeus, mercadores de pimenta provindos da cidade de Kodungallur, no grande reino de Malabar, no sul da Índia Maior. Estes judeus contaram que em Kodungallur havia uma grande comunidade de *nasarani*, cristãos, e quando Zuficar lhes perguntou a seu respeito, muito a contragosto explicaram que o apóstolo São Tomé havia chegado a Kodungallur poucos anos depois da morte de quem eles chamavam Yeshu, e que havia fundado sete igrejas e meia no grande reino de Malabar, a primeira e mais importante das quais era a de Kodungallur. Zuficar lhes perguntou o que queriam dizer com sete igrejas e meia, mas os judeus não quiseram explicar-lhe porque não era assunto de sua religião. O que contaram a Zuficar foi que os restos de Yeshu e sua família estiveram durante muito tempo em Kodungallur, aos cuidados dos *nasarani*, mas que já não o estavam, sem que conhecessem eles as razões para tanto. Viajarei ao reino de Malabar quando obtiver licença de meu

senhor o Grande Khan, que já está muito velho e não se encontra bem de saúde”.

— Kodungallur! — exclamou Jake com olhos febris pela excitação. — Que nome tem hoje em dia?

— Cranganore — respondeu Farag. — É o seu nome em inglês.

Becky olhou para a neta com emoção contida.

— Jamais estivemos tão perto — sussurrou.

Seu entusiasmo era quase palpável. Abby retribuiu o sorriso.

— Comprovei todos os dados do texto de Marco Polo — continuou o meu marido —, e todos estão corretos: nomes, lugares, datas... O Pico de Adão existe no Sri Lanka e, felizmente, os turistas que o visitam já não precisam subir por correntes de ferro. Além disso, na costa de Kerala, na Índia, no que um dia foi o reino de Malabar, é certo que houve desde épocas desconhecidas uma importante comunidade judia da diáspora que se dedicava sobretudo ao comércio de especiarias. Também existem ainda os chamados cristãos de São Tomé, inscritos agora em várias Igrejas orientais, e a lenda das sete igrejas e meia que o apóstolo fundou quando chegou à Índia, supostamente em torno do ano 52 de nossa era, não apenas continua muito

popular, como também é citada em uma infinidade de documentos. Ali, em Kerala, chamam-nas de *Ezharapallikal*.

— A meia igreja existe? — riu Jake, incrédulo.

— Já não existe nenhuma das sete igrejas e meia originais, se é que existiram algum dia — explicou Farag, o ateu —, mas sim a lembrança dos lugares onde foram erigidas. A meia igreja era, na realidade, a oitava, totalmente normal, ainda que muito pequena. A lenda diz que foi fundada pelo apóstolo São Tomé no ano 63 de nossa era em um povoadinho chamado... — meu marido consultou suas anotações — Thiruvithamkode, em Kerala. Ainda existe um pequeno templo cristão lá.

— Recapitulemos — proclamei, em tom autoritário para atrair as atenções dispersas. — Marco Polo conta a Maria Paleologina, em sua segunda carta, que os ossuários roubados na Pérsia em 1261 foram levados pelos ladrões até a Índia e durante muito tempo permaneceram em Kerala sob a custódia dos cristãos de São Tomé. Mais tarde, segundo afirmavam aqueles mercadores judeus, os ossuários voltaram a desaparecer. É isso?

Agora o rosto de Becky expressava tristeza.

— Achei que Kodungallur seria a pista definitiva — murmurou com voz desanimada.

— Não se preocupe, Becky — consolei-a. — A pista definitiva está na terceira carta de Marco Polo.

Jake, que também parecia um pouco desgostoso, quicou no assento de veludo preto com sua inesgotável vitalidade nonagenária.

— E o que estamos esperando? — perguntou com um sorriso contagiante. — Vamos a ela!

— Ela quem? — perguntei, desconcertada com sua reação enérgica.

— À terceira carta de Marco Polo, doutora! — resmungou o ex-Catão.

Para quem não o conhecia, os modos de Kaspar podiam parecer bruscos e incompreensíveis. Para mim, depois de tantos anos, era como ler um livro aberto, e não lhe dei a menor confiança.

— A terceira carta de Marco Polo — comecei a dizer, examinando minha tradução e minhas anotações — está datada de março de 1294, em Tabriz.

— Tabriz outra vez? A cidade de Maria? — surpreendeu-se Becky.

— Bem, já não era a cidade de Maria — explicou meu marido. — Agora era a cidade onde ficava a corte de

Gaikhatu Ilkhan, neto de Hulagu e filho de Abaqa com alguma de suas esposas principais.

— E o que houve com Tekuder — quis saber Jake —, o cunhado muçulmano de Maria que queria matá-la e assassinou seu irmão Abaqa para tomar o poder?

— Matou um de seus sobrinhos, o irmão de Gaikhatu, Arghun — disse Farag —, que foi o quarto Ilkhan da Pérsia. Gaikhatu foi o quinto.

— E Arghun e Gaikhatu eram filhos de Maria? — perguntou Becky.

— Não — respondi. — Ao que parece, Maria não teve filhos. Mas Abaqa, sim, com outras esposas e concubinas, ainda que a mãe não fosse importante na linhagem mongol.

— Bem, vejamos — queixou-se Kaspar de maneira muito correta —, falávamos da carta de Marco Polo.

— É verdade — concordou Farag. — É preciso considerar que os Polo não voltaram para casa por terra, mas pela hoje chamada Rota das Especiarias, outro caminho de mercadores que ia, por mar, de Ormuz, na Pérsia, até a China, margeando as costas da Índia, Malásia, Sumatra, Bornéu e Vietnã. Obviamente, fizeram a rota inversa, da China à Pérsia, aproveitando a viagem de uma comitiva que

acompanhava uma jovem princesa tártara que se casaria com Arghun, o assassino de Tekuder.

— No *Livro das maravilhas* — apontou Kaspar —, Marco Polo oferece muito mais informações sobre a Rota das Especiarias que sobre a Rota da Seda. Ele a conhece muito melhor e sabe muito mais sobre barcos, navegação e comércio marítimo que sobre comércio terrestre, ainda que isso, em geral, passe despercebido. A questão é que os Polo precisavam sair de Catai antes que Kublai Khan morresse, porque sua morte poderia deixá-los à mercê de invejosos da corte devido ao grande afeto que Kublai manifestava por eles.

— Afeto que, segundo as evidências históricas, é completamente falso — comentou Farag.

— Sim — admitiu Kaspar —, mas isso não interessa na busca pelos ossuários.

— Parece que a comitiva da princesa tártara Kokachín — continuou explicando o meu marido — chegou a Ormuz em março de 1294. Àquela altura, Arghun já havia morrido, então casaram Kokachín com Ghazan, o filho de Arghun.

— Os Polo acompanharam a princesa até Jorasán — apontou Kaspar — e, depois de entregá-la a Ghazan, foram a Tabriz, onde permaneceram nove meses descansando. Em

1295, realizaram a viagem para Veneza, mas, antes disso, passaram por Constantinopla.

— E lá se encontraram com Maria Paleologina? — quis saber Becky, mais curiosa pelo enredo de romance de banca de revista que pelo interesse histórico.

— É precisamente disso que fala a terceira carta — admiti, assumindo o controle do resto da história. — Marco anuncia a Maria que farão uma visita a *Panagia Mujliótissa*, à Santa Maria dos Mongóis, durante o ano de 1295. É preciso lembrar que ele escreve de Tabriz em 1294. Quando estava traduzindo este fragmento, meu sangue gelou quando pensei que, se Marco Polo falaria com ela em pessoa, não tinha por que antecipar nada na carta.

Os multimilionários contiveram a respiração, horrorizados.

— Por sorte, me enganei — concluí, com um grande sorriso.

Os multimilionários liberaram o ar, aliviados.

— “Deveis saber, minha nobre senhora” — comecei a ler após colocar os óculos — “que, em maio de 1293, os baixéis do séquito da princesa Kokachín atracaram no porto da cidade de Kodungallur, no reino de Malabar, a cerca de cento e cinquenta milhas do cabo Comorim em direção ao poente.

Dispusemos, em seguida, de dois dias completos antes que as naves zarpasssem para se embrenhar outra vez no grande mar da Índia e, assim, o senhor meu pai, Micer Niccolò, o senhor meu tio, Micer Maffeo, e eu mesmo, Micer Marco, fomos em busca dos *nasarani* do apóstolo São Tomé e nos deparamos com eles e seu bispo, Mar Sahda, ao qual perguntamos sobre o Santo Corpo de Nosso Senhor Jesus. Como os *nasarani* são cristãos honestos, pois nunca e em nenhum caso dizem mentiras, senão apenas a verdade, ainda que se arrisquem a perder suas vidas, contaram-nos que os dez ossuários com os Santos Restos de Jesus e sua Sagrada Família permaneceram vinte anos sob seus cuidados por petição de cristãos chamados *ebyonim*. Esses *ebyonim* asseguraram provir de Bagdá, mas são naturais de um lugar chamado Susya, na Judeia, e, por causa da guerra, suplicavam proteção para os dez ossuários. O bispo dos *nasarani*, Mar Sahda, que falou com os *ebyonim*, contou-nos que viajavam escoltados por soldados maometanos que se faziam chamar *sufat*, ‘os puros’, mas que eram sarracenos dos que não seguem a lei de Maomé, senão as do Velho da Montanha. Os *ebyonim* partiram afirmando que voltariam para recolher os ossuários quando encontrassem um refúgio seguro onde guardá-los para sempre, e assim fizeram há

doze anos, em 1282, de novo acompanhados por soldados *sufat*.”

Detive-me neste ponto, porque o resto da carta não importava. Um pesado silêncio e uma completa imobilidade reinavam na biblioteca pequena. Ninguém respirava, ninguém se mexia, ninguém falava. Era verdade que o parágrafo que eu lera supunha inúmeras perguntas e inaugurava abundantes e problemáticas questões, mas, que eu soubesse, não tinha o poder mágico de paralisar os ouvintes, e todos ali estavam petrificados. O velho Jake foi o primeiro a ressuscitar, e o fez para, do meu ponto de vista, meter o dedo na chaga, como fez São Tomé:

— Os *nasarani* falaram em dez ossuários...? — balbuciou aos trancos. — Mas... não eram nove? De quem é o décimo?

Capítulo 20

Não tivemos tempo de descobrir mais nada. Os acontecimentos se precipitaram e, quando o inferno acabou, todos haviam mudado por completo. Monsenhor Tournier e seus poderosos aliados decidiram que a nossa recusa em trabalhar para eles e a ausência de informações sobre os ossuários (e, por conseguinte, de caminhos para continuar a busca por conta própria) era muito mais do que podiam tolerar. Suponho que decidiram que representávamos um perigo grande demais para a Igreja, para a fé ou para seus interesses e, assim, no dia seguinte, quando Jake e Becky se dirigiam em seu carro para um almoço com amigos em Hampstead, um gigantesco caminhão madeireiro se lançou para cima deles no cruzamento de uma interseção de entrada para a via expressa a partir de um acesso local. O reboque do caminhão, após o brutal impacto, desprendeu-se e acertou em cheio a lateral posterior do Lincoln, deixando cair sobre o veículo troncos enormes, que, não se tratasse de um carro blindado, teriam esmagado os Simonson como se fossem mosquitos. Certamente, Gottfried e seus sequazes

não tiveram tempo de se informar sobre o pequeno detalhe da blindagem do carro (que salvou as vidas de Jake, Becky e seu motorista) porque estavam ocupados demais com a infame operação de grande escala que levavam a cabo naquele momento em várias partes do mundo.

Os Simonson foram transportados de helicóptero até Toronto pelo serviço de emergência e internados na Unidade de Tratamento Intensivo do Hospital Monte Sinai, o mesmo em que Farag e Kaspar estiveram quando retornamos de Istambul. A colisão com o caminhão havia sido tão brutal que, apesar da enorme proteção blindada do Lincoln, os velhos estavam à beira da morte.

Abby, junto com alguns primos e tios, foi rapidamente ao hospital, mas nós não tínhamos nada o que fazer por lá além de atrapalhar. Ficamos, portanto, na mansão Simonson, porque Abby assim nos pediu e garantiu que não demoraria para telefonar e nos dar notícias sobre o estado de seus avós. Estava desolada. Parecia um zumbi prestes a morrer. Andava de um lado para o outro como se estivesse tonta e descoordenada. Aquilo havia sido um golpe muito forte, e todos estávamos chocados, aturdidos e angustiados. Isabella, que por sua idade era muito mais espontânea, lutava para conter as lágrimas enquanto entretinha Linus na piscina,

mas isso não quer dizer que também não estivéssemos com um nó na garganta, que se fechava cada vez mais. Kaspar e eu rezávamos em silêncio por Jake e Becky, ainda que, após a morte de minha mãe, eu abrigava sérias dúvidas em meu íntimo sobre a sobrevivência de pessoas tão idosas.

Um estranho maquinário de proteção entrou em funcionamento quando Abby retornou do hospital algumas horas depois. Seus avós continuavam na sala de cirurgia e o prognóstico era grave. A herdeira, cujo rosto abatido parecia uma máscara triste de *kabuki* japonês, pediu-nos que nos reuníssemos em uma salinha com uma equipe de gestores e advogados, que nos informaram sobre a imperiosa necessidade de manter o ocorrido em segredo. Nada devia chegar aos meios de comunicação. A segurança de todo o império Simonson estava em jogo e o silêncio era fundamental. A mídia seria informada quando chegasse o momento. No entanto, acrescentou Abby entre lágrimas (e para o incômodo dos assessores ali presentes), o que havia ocorrido com seus avós não havia sido nada de fortuito, e sim uma clara tentativa de assassiná-los, já que a trajetória e a velocidade estranhas do caminhão e, sobretudo, o fato de que seu condutor havia fugido do lugar sem deixar rastro nem pistas no veículo assim o demonstravam.

Àquela altura, ainda não suspeitávamos que Tournier pudesse estar por trás de tudo aquilo. Os Simonson eram uma das famílias mais poderosas do mundo, e qualquer coisa era possível. Mas as desgraças continuaram sem trégua durante o dia, e acabou-se decretando alerta máximo entre a família e seus muitos e muito importantes escritórios de advogados e departamentos de gestão de crise. Pouco depois do choque brutal do caminhão madeireiro contra o Lincoln, soubemos que Nathan Simonson, o filho mais velho de Jake e Becky e principal herdeiro dos negócios familiares, acabara de morrer em um acidente de esqui em Mount Hutt, na ilha do Sul, na Nova Zelândia, do outro lado do mundo. Nat, de sessenta e cinco anos e um experiente esquiador, testava as pistas de uma estação de sua propriedade que abriria as portas naquele mesmo dia, inaugurando assim a temporada de neve no Hemisfério Sul (na Nova Zelândia era uma manhã de sábado, vinte e oito de junho, ainda que para nós fosse sexta-feira). Um funcionário da manutenção erguia um cabo de aço de três milímetros de espessura para estender uma bandeirola de um lado ao outro da pista quando Nat, que descia esquiando, passou sem ver o operário nem o cabo, que cortou seu pescoço de um só golpe, decapitando-o. O funcionário havia desaparecido, assim

como o motorista do caminhão, sem deixar rastros nem pistas sobre sua identidade. Ambos haviam desvanecido no ar. As polícias de Ontario e Christchurch trabalhavam em silêncio e sob máximo sigilo, com a supervisão de um exército de investigadores particulares dos Simonson, e já classificavam ambos os acidentes como tentativa de homicídio e homicídio, respectivamente. Isso apenas com as investigações preliminares.

Mas as coisas estavam apenas começando. A má notícia seguinte chegou quando ainda nos encontrávamos muito abalados por causa das duas primeiras. A mansão Simonson era um encontro de desconhecidos, alguns dos quais eram membros da família e outros, empregados de todos os tipos. Kaspar, para a sua tristeza e a de Abby, decidiu que ele e Linus dormiriam em nossa casa naquela noite porque, na realidade, não podiam ajudar em nada e ali só atrapalhavam, assim como Farag, Isabella e eu, de modo que, no meio da tarde, decidimos ir para casa e esperar até que Abby entrasse em contato assim que pudesse. Ainda não havíamos deixado a mansão quando alguém saiu de um escritório exclamando que diversos poços e plataformas petrolíferos dos Simonson em diferentes partes do mundo estavam sofrendo grandes explosões e queimavam sem controle. As chamas e a fumaça

negra subiam aos céus no mar do Norte, no golfo do México, no Alasca, na Rússia e em diversos outros lugares dos Estados Unidos.

Já não era possível esconder a situação da mídia e muito menos das redes sociais. Os escritórios de gestão de crise puseram mãos à obra naquela noite, e nas notícias que vimos na televisão de casa, sentados nos sofás de nossa pequena sala, escutamos que um grupo desconhecido de terroristas sírios ligados à Al-Qaeda e ao recém-implantado Estado Islâmico havia reivindicado a autoria dos atentados nas jazidas petrolíferas; em nenhum momento foi mencionado que pertenciam aos Simonson. Não tínhamos nem ideia se aquilo era verdade ou não, ainda que o motivo alegado, de elevar o preço do petróleo com o qual esses grupos e estados jihadistas se financiavam, parecia fazer sentido. No entanto, também podia ser uma desculpa forjada pelos comitês de crise para impedir a queda em massa das ações das empresas petrolíferas dos Simonson nas bolsas internacionais. Não sabíamos o que pensar. O secretário-geral e porta-voz da OPEP, a Organização dos Países Exportadores de Petróleo, pronunciou-se em Viena para assegurar ao mundo que os terroristas jamais conseguiriam atingir os seus objetivos, e que todos os países contavam

com reservas suficientes de petróleo bruto para manter os preços do mercado. Sobre a morte de Nat Simonson, o famoso herdeiro da família, na Nova Zelândia, não se dissera nem meia palavra em nenhum dos noticiários das diferentes cadeias pelas quais zapeamos, muito menos sobre o acidente e a internação de Jake e Becky no Hospital Monte Sinai. A família Simonson havia escapado incólume e por um fio de cabelo, como disse Isabella, dos meios de comunicação, das redes e dos blogueiros.

Naquela noite, fomos dormir com a terrível sensação de que algo muito grave estava acontecendo com a família Simonson e que, por ora, os ossuários desaparecidos eram o menor de seus problemas. Lembro-me de, já abraçada a Farag na cama e ingressando na primeira fase do sono, escutar meu marido dizendo algo sobre Tournier e Gottfried Spitteler poderem estar por trás daquilo tudo. Passei a palma da mão em seu rosto hirsuto e tapei a sua boca para informá-lo de que era hora de dormir e não de pensar, ainda menos em besteiras. Eu mal imaginava que aquela intuição de Farag não só era completamente verdadeira como, além disso, salvaria a nossa vida. É que Farag não conseguiu dormir, remoendo a ideia de que tudo o que havia ocorrido naquele dia infeliz podia ser obra de Tournier e seus

comparsas, porque, tal e qual estavam as coisas, a busca pelos ossuários havia cessado em definitivo. Sua cabeça não parava de pensar nos pobres Jake e Becky, que haviam sido operados muitas vezes nas últimas horas. Jake, além de ter sofrido fraturas múltiplas, apresentava um traumatismo torácico grave e respirava por aparelhos. Milagrosamente, continuava vivo, e isso porque, segundo Abby nos contou, tinha oitenta e oito anos. Becky, de oitenta e seis, também sofrera fraturas múltiplas e uma concussão cerebral. Estava em coma induzido até que a inflamação de seu cérebro se reduzisse. Seus médicos não tinham nenhuma esperança e comunicaram isso a parte da família, que chegou rapidamente vinda dos países mais próximos. O problema determinante era a sua idade avançada, a fragilidade de seus ossos e órgãos; se fossem mais jovens, certamente o seu estado não seria tão grave nem tão desesperador.

Abby telefonou novamente do hospital para o celular de Kaspar por volta das dez da noite, e Kaspar colocou no viva-voz para que também pudéssemos ouvi-la. Talvez por isso a cabeça de meu marido não conseguisse conciliar o sono, girando feito um pião em torno da ideia de que, com aquilo tudo, Tournier quisera acabar com a nossa busca pelos ossuários de maneira definitiva e radical, recorrendo às

manobras mais sujas que, certamente, justificaria para si mesmo e a seus aliados dos grupos religiosos radicais como sendo obras de Deus para proteger a Igreja. E por estar acordado, pensando, enquanto eu dormia profundamente ao seu lado e Isabella, Kaspar e Linus também dormiam profundamente nos quartos do andar de cima, percebeu de imediato o cheiro de fumaça que entrava por baixo da porta de nosso quarto.

Graças a Deus, Farag agiu com rapidez, acordando-me e telefonando para o 911, o número de emergência do Canadá, que, ao mesmo tempo em que avisavam o TFS (corpo de bombeiros de Toronto), lhe deu instruções básicas para que pudéssemos nos proteger até a chegada dos bombeiros, porque, infelizmente, o fogo devorava a nossa casa a uma velocidade incrível e o ar se tornava irrespirável devido à fumaça.

Como no 911 haviam recomendado que não abríssemos a porta do quarto porque, pelo visto, isso poderia provocar não sei qual reação que nos carbonizaria ou asfixiaria em um piscar de olhos, e como, além disso, parecia que o ponto mais quente do incêndio estava justamente na sala (que dava para a nossa porta e, o que era ainda pior, obstruía nosso caminho para a saída da casa), Farag me fez telefonar para

Isabella pelo celular enquanto ele ligava para Kaspar. Ambos ainda estavam dormindo, esgotados pelo estranho e triste dia que havíamos vivido, e não haviam percebido as chamadas que já chegavam às portas de seus quartos, subindo pela escada e avançando pelo corredor.

Kaspar não precisava de ajuda para proteger seu filho e a si mesmo. Sabia perfeitamente o que fazer. Mas Isabella, como a sua tia, entrou em pânico, e seu tio precisou orientá-la passo a passo pelo telefone. No andar de cima estava cada vez mais quente, e todos já estavam um pouco enjoados por causa da fumaça, inclusive o pequeno Linus.

Estou contando tudo como se tivesse vivenciado o episódio tranquilamente, limitando-me a ser uma dócil espectadora, mas a verdade é que sofri um terrível ataque de nervos e de ansiedade que não pretendo descrever. Nossa dignidade é a nossa dignidade, e é preciso cuidar da imagem pessoal. Admito apenas que faltou pouco para que eu sufocasse não devido à fumaça, mas ao sentimento de culpa, quando me dei conta de que não poderíamos escapar saltando pela janela de nosso quarto. Havia sido eu, em meu afã obsessivo por segurança e porque o quarto ficava na altura da rua, quem fizera questão de pôr grades em nossa janela por medo de que algum ladrão ou *junkie* desesperado

entrasse para nos matar. Agora, aquelas grades tornavam nossa casa em chamas uma ratoeira mortal.

Farag empapou com muita água duas toalhas grandes em nossa banheira e, enquanto cobria a minha cabeça com uma delas e me colocava de barriga para baixo no chão, enrolada como uma trouxinha, pedia a Isabella que molhasse uma de suas blusas com a água do copo de seu criado-mudo (o quarto de Isabella não tinha banheiro interno) e cobrisse com ela o nariz e a boca, deitando-se então no chão, de barriga para baixo, o mais perto da janela que pudesse. Vi que ele também se enrolou com uma toalha molhada antes de deitar ao meu lado e pegar na minha mão, embora em nenhum momento tenha parado de conversar com a garota para tranquilizá-la.

Não sei quanto tempo passou. Guardo em minha memória os rangidos e estalos dos materiais da casa, bem como o rugido e o crepitar do fogo vindos do outro lado da fina porta de madeira que nos separava do inferno. A mão e a voz fraca de Farag eram para mim, naqueles momentos, como a boia salva-vidas de um naufrago: Farag me transmitia a esperança da salvação. Sua mão úmida e trêmula apertava a minha para informar que sairíamos dali, que viveríamos,

que ele podia me garantir. E sempre acredito no que Farag me diz.

Os bombeiros chegaram de imediato. Ouvimos suas vozes falando conosco através dos megafones. Sabiam quantos éramos e onde estávamos e nos resgatariam em seguida. Cortaram as grades de ferro de nossa janela enquanto rociavam a casa com água e espuma. Tiraram Linus por uma janela e desceram-no por uma escada até o gramado. Kaspar, com alguma dificuldade pela fraqueza de sua perna, desceu em seguida, e Isabella, que estava com uma de suas blusas mais bonitas cobrindo-lhe o nariz e a boca como um lenço de bandoleiro, correu até mim e me abraçou feito uma louca, morta de medo. Por sorte, me lembrei dos beijos e lhe dei muitos em todo o rosto (que estava sujo com uma mistura pastosa de lágrimas e fuligem). Os restos da casa pareciam uma gigantesca grelha fumegante coberta de espuma branca. Se Farag não estivesse acordado, teríamos morrido todos sem saber o que acontecera. Foi isso que nos assegurou o chefe da brigada do TFS, que também nos fez um monte de perguntas sobre a instalação elétrica da casa, o sistema de gás e o que havíamos feito naquela noite antes de nos deitarmos. Mas, sobretudo, interessou-lhe especialmente a falha do alarme de incêndio. Não

conseguimos lhe dar uma explicação, porque o técnico de manutenção do campus havia feito uma vistoria apenas um mês antes e constatara que tudo estava em perfeitas condições, de modo que não sabíamos por que não havia funcionado.

Mas sim, sabíamos, claro que sabíamos. Naquela noite, descalços, de pijama, no meio da rua, rodeados por caminhões de bombeiro, enrolados em cobertores e observados com pena pelos vizinhos, descobrimos que o que havia ocorrido com a família Simonson estava diretamente relacionado ao que acabara de acontecer. E, se tudo estava relacionado, só uma pessoa no mundo podia ser responsável: monsenhor François Tournier.

Uma van prateada daquelas com divisória para mercadorias abriu caminho pela nossa rua até chegar ao bloqueio dos carros de bombeiro. Parou ali, e dela saiu um homenzinho vestido com um macacão de trabalho azul. Aproximou-se tranquilamente de Kaspar e, após cumprimentá-lo, simpático, e inclinar ligeiramente a cabeça para os demais, entregou um celular ao ex-Catão, que atendeu, escutou e grunhiu afirmativamente antes de devolver o telefone ao senhor de macacão azul.

— Vamos — disse, pegando em seus braços Linus, que olhava ao redor atordoado com seus sonolentos olhos cinza.
— Estão nos esperando.

E começou a andar mancando em direção à van.

Em outra situação, eu teria perguntado insistentemente aonde íamos e quem nos esperava, mas não naquela noite; naquela noite estávamos exaustos e assustados demais para questionar até mesmo algo tão questionável quanto uma ordem de Kaspar Glauser-Röist. O chefe da brigada nos autorizou a partir. Pelo visto, o próprio presidente da UofT, Stewart Macalister, telefonara para ele e dissera que a universidade tomaria conta de tudo e que não precisava se preocupar conosco, pois éramos professores e tudo estava bem. Eu não diria que tudo estava bem porque, para começar, havíamos perdido todos os nossos pertences: roupas, objetos pessoais, computadores, recordações... Tudo menos os celulares, que haviam nos ajudado a sobreviver (bem, o meu eu perdi, mas fui a única e não senti falta dele). Éramos como indefesas criaturas recém-nascidas, exceto pelo fato de que estávamos de pijama e enrolados em cobertores do TFS. O fogo havia apagado por completo nossas vidas até aquele dia, e a ideia era muito terrível para ser confrontada naquela mesma noite. Era demais para nós.

Dentro da van, esperavam-nos, preocupados e ansiosos, Sua Eminência o cardeal Peter Hamilton, vestido de *clergymen* (ainda que, é claro, com sua cruz peitoral de ouro e seus enormes e gastos sapatos pretos habituais), uma mulher quase tão loira quanto Kaspar e Linus de mais ou menos cinquenta anos que disse se chamar Diane e não falou muito mais que isso, e Abby, que, em vez de estar no hospital com os avós, unira-se àquela patrulha staurofílax para nos buscar e tranquilizar.

— Eminência! — exclamei, surpresa de ver ali o cardeal Hamilton.

— Entre depressa, doutora — respondeu ele, oferecendo-me a mão. Abby estendeu os braços para pegar Linus, e Kaspar deixou que Farag o ajudasse a entrar no veículo. Isabella saltou para dentro feito um canguru, literalmente. Lá dentro, só havia espaço para os estreitos assentos laterais e, como também não havia janelas, algumas pequenas luzes brancas no teto nos iluminavam.

O cardeal deu alguns tapinhas na divisória que nos separava do motorista, o homem do macacão azul, e a van arrancou para sair da nossa rua de ré.

— Aonde vamos? — quis saber o meu marido.

— Ao aeroporto — respondeu Kaspar, taxativo.

— E como você sabe? — virei-me para ele.

— Porque preparamos tudo ontem — respondeu, massageando a coxa dolorida.

O cardeal Hamilton, staurofílax da gema, sorriu com simpatia.

— Temíamos que isso pudesse ocorrer, dra. Salina — explicou-me. — Diante das muitas desgraças que a família Simonson sofreu ontem, o Catão entrou em contato conosco...

— Não sou mais o Catão — grunhiu o Mister Simpatia.

Sua Eminência ignorou-o educadamente.

— ... e achamos que, por via das dúvidas, o melhor seria organizar rapidamente um resgate. Por isso, quando recebemos a mensagem urgente do Catão, já tínhamos tudo a postos. As passagens de avião e os novos documentos já estão prontos, e foram preparadas escalas em diferentes países para frustrar eventuais perseguições por parte de Gottfried Spitteler. Diane viajará com os senhores — a citada assentiu levemente — para ajudar no que for preciso e evitar problemas. Amanhã à noite, chegarão ao Paraíso Terreno.

Farag e eu trocamos olhares de surpresa.

— Vamos nos esconder no Paraíso? — balbuciou meu marido. — Mas... Mas nossa sobrinha Isabella não pode

entrar lá.

— Não, não pode — confirmou o cardeal Hamilton. — No entanto, neste caso, vamos abrir uma exceção, porque o monsenhor Tournier não parece ter problemas com o quinto mandamento, que diz “Não matarás”.

A van avançava a uma boa velocidade pelas ruas de Toronto, sem muito trânsito àquela hora da madrugada. Salvo por Sua Eminência e a silenciosa Diane (que, aliás, também era staurofílax), formávamos um grupo patético no reduzido e apertado interior daquele veículo: Abby estava esgotada, para além dos limites de suas forças físicas e mentais, e nós cinco estávamos de dar pena. Se bem que não, não era totalmente verdade. Não eram os cinco que davam pena. Só quatro. Havia uma, de dezenove anos, que, subitamente, recuperara todo o seu ímpeto, energia e vitalidade. Os olhos de minha sobrinha brilhavam como estrelas e seus belos lábios, embora enegrecidos de fuligem, esboçavam um sorrisinho de imenso entusiasmo que ela não conseguia dissimular. De repente, entendi que a perspectiva de visitar o Paraíso Terreno staurofílax acabara de injetar tanta adrenalina nela que já estava transbordando. *Bom, pensei, não lhe faria mal uma temporada em um lugar tão curioso e de costumes tão exóticos.* Poderia aprender muitas

coisas, ainda que, como não falava grego bizantino, tivesse um pouco de dificuldade para se entender com os locais. Bem, Linus a ajudaria, seria seu cavaleiro andante. E, por outro lado, Farag e eu poderíamos descansar, o que precisávamos. Ainda por cima, Kaspar teria a oportunidade de recuperar completamente a sua perna, já que só precisava de fisioterapia e exercícios, e que melhor lugar para isso que o Paraíso Terreno, com seus rios, hortas, cavalos de corrida e, sobretudo, avançado desenvolvimento dos cinco sentidos segundo o modelo de Leonardo da Vinci?^[1] Era o local perfeito para escapar de Tournier e descansar.

— Não, por favor, não partam — sussurrou de repente Abby em um tom de súplica tão acentuado que nos surpreendeu.

Kaspar olhou para ela sem dizer nada.

— Por que não? — alarmou-se Isabella, que já via frustrada sua ida ao Paraíso.

Abby tomou ar antes de falar, com uma expressão de cansaço infinito.

— Pelos meus avós — respondeu. — Quando Sua Eminência me ligou...

— Foi o Catão quem pediu — justificou-se o cardeal Hamilton.

— ... para me dizer que haviam incendiado sua casa, suspeitei que a irmandade queria tirá-los do Canadá imediatamente e colocá-los a salvo. Por isso me empenhei em vir.

— Eu lhe garanto, Catão, que fiz tudo o que pude para impedir.

— Eu disse — pronunciou lentamente a Rocha com a voz afiada como uma faca — que já não sou o Catão.

— Isso não é o importante agora, Kaspar — acalmou-o Farag.

— Acho que Linus e Isabella devem ir ao Paraíso Terreno — afirmou Abby, tirando maravilhosamente o cabelo do rosto e prendendo-o atrás das orelhas. — É necessário que estejam seguros, quanto a isso não há dúvida. Mas nós quatro devemos continuar a busca pelos ossuários. Peço por favor, por meus avós, que dedicaram sua vida inteira a procurá-los e talvez não cheguem a vê-los. Devo isso a eles, mas não conseguirei nada sem vocês. Além disso, não podemos permitir que Tournier vença, muito menos depois de todo o sofrimento que nos causou. Por favor, não partam.

— De maneira alguma, srta. Simonson! — proclamou indignado Sua Eminência. — Se eu soubesse que era essa a sua intenção, não teria permitido que nos acompanhassem

de maneira alguma! Precisamos tirar o Catão daqui ainda nesta noite.

Kaspar abriu a boca, mas, antes que pronunciasse uma única sílaba, e como sabíamos que ia se repetir feito um papagaio, Farag se interpôs:

— Em primeiro lugar, mandar as crianças para o Paraíso não está em discussão. Quanto ao resto, precisamos conversar.

— Vamos votar — propôs Kaspar.

— Votar...? — surpreendi-me, lembrando da cena na cozinha na noite em que Kaspar e Linus chegaram em nossa casa. — Outra vez? Eu me recuso a votar!

— E como vamos saber o que você quer fazer? — perguntou-me Farag, sorrindo e pegando a minha mão.

— Pois eu vou dizer em voz alta: quero ir ao Paraíso Terreno.

A mão de Farag soltou a minha para que eu erguesse o braço.

— Eu quero continuar procurando os ossuários — declarou Judas. — Não podemos abandonar a busca agora.

O braço de Kaspar acompanhou o de Farag.

— Eu também — disse a Rocha sem mover um maldito músculo do rosto. — Dois a um. Vamos ficar.

— Isso não é justo — exclamei, desolada.

— Chama-se democracia, tia — declarou a espertinha da Isabella.

— Nada disso! — enfureci-me. — Chama-se oclocracia, é o governo da plebe ignorante por injusta maioria. Os gregos já sabiam bem disso há séculos.

Capítulo 21

As crianças partiram às cinco da madrugada em um avião da British Airways com destino a Londres. Antes de embarcar, Abby se dispôs a conseguir, para eles e para nós, roupas e calçados nas lojas *duty-free* do aeroporto. Uma estranha comissária de terra surgiu sabe-se lá de onde e atuou como assistente pessoal de Abby, ajudando-a a comprar com rapidez e a nos conduzir sigilosamente até uma sala privada onde, além de nos assearmos e vestirmos, pudemos descansar e preparar Linus para a viagem. O garoto precisava lembrar que agora tinha outro nome, Andreas Hoch, e que não podia soltar a mão de sua “irmã” Isabella sob nenhuma hipótese, e Isabella, por sua vez, devia lembrar-se de que agora também tinha outro nome, Gudrun Hoch, e não podia se afastar nem meio metro de sua “mãe” Diane, que agora se chamava Hanni Hoch. Todos eles, os Hoch, eram cidadãos do Principado de Liechtenstein, na Europa, segundo os falsos passaportes que confirmavam seu ingresso no Canadá seis dias antes para passar as férias.

Na sala, antes de partir, enquanto Kaspar abraçava Linus como se não fosse voltar a vê-lo na vida (no fundo, como eu dissera a Abby em Istambul, era quase um sentimental), Isabella-Gudrun tentava tranquilizar seu tio e a mim com palavras carinhosas. Estava tão exultante e emocionada com sua viagem ao Paraíso Terreno que, sem dúvida, nós, que ficávamos para trás, éramos aos seus olhos pobres e infelizes seres humanos. Prometeu mandar um WhatsApp para o seu tio cada vez que aterrissasse em um novo aeroporto para que soubéssemos que tudo ia bem. Nem Farag nem eu lhe dissemos nada. Ela não sabia que, em algum momento da viagem, quando estivesse mais distraída, alguém (provavelmente Diane, mas vai saber) a adormeceria com alguma das drogas com as quais nos dopavam após cada prova dos Círculos de Dante. Provavelmente não viajaria de avião após aquele trecho até Londres. Depois... Bem, mil caminhos levavam ao Paraíso Terreno, mas ninguém que não fosse staurofílax conhecia nenhum deles. Possivelmente a despertariam quando já estivessem em Stauros, a capital daquele belo mundo escondido no interior de um colossal sistema de cavernas subterrâneas onde com certeza não teria sinal de celular nem wi-fi. Depois eu veria o que fazer com minha irmã Águeda quando esta telefonasse

perguntando por sua filha. Só o que importava era proteger Isabella. Queríamos que estivesse segura, que sua vida não corresse perigo e que pudesse voltar para nós tão feliz quanto estava ao partir.

Quando Diane e as crianças abandonaram a sala privada e foram para o embarque, Sua Eminência e os quatro maltrapilhos sobreviventes da horrível semana, do trágico dia, da noite e daquela triste madrugada de separação saímos do aeroporto utilizando corredores e portas de uso exclusivo dos funcionários das companhias aéreas e entramos em um táxi que nos esperava com o motor ligado. O cardeal Hamilton desceu na primeira igreja católica com que nos deparamos no caminho, um caminho que não seguia em nada a rota mais lógica até o nosso destino, e, cinco quarteirões depois, a mais glamorosa (ainda que não a mais bonita) dos quatro sobreviventes desceu do veículo e subiu em outro de sua propriedade (blindado) que esperava por ela em uma esquina para levá-la até o Hospital Monte Sinai. Nós três, que ficamos, nos dirigimos em silêncio até a mansão Simonson, onde éramos esperados.

Assim que atravessamos o portão e chegamos à casa, o mordomo principal destacou dois empregados robustos que levaram Kaspar, que àquela altura mal conseguia caminhar,

até o quarto que havia ocupado durante os últimos vinte dias, enquanto ele mesmo nos acompanhou até o quarto de visitas em que havíamos sido temporariamente instalados. Como disse em outras ocasiões, a vida me ensinou aos socos que nunca podemos dar por certo o que acontecerá nos próximos quinze minutos, de modo que, vestida com a roupa comprada no aeroporto (caso precisasse sair correndo), deixei-me cair de bruços na grande cama que ocupava o centro do quarto e mergulhei em um coma profundo sem trocar palavras com meu marido, que, pelo visto, fez exatamente o mesmo. Meu sono foi tão profundo que, quando abri os olhos ao meio-dia, estava rigorosamente na mesma posição em que me deixara cair. E ainda estava de sapatos.

Eu nunca havia ficado bêbada em toda a minha vida, portanto desconhecia o verdadeiro sentido da palavra ressaca, mas, pelo que tinha ouvido, sem dúvida ela servia para descrever o estado em que eu me encontrava naquele momento. Quando estava um pouco mais desperta, tentei me situar no espaço-tempo e procurei com a mão o sempre próximo corpo de Farag. A primeira coisa em que toquei foram os seus óculos e então, a uma pequena distância, sua

barba áspera que urgia por ser aparada. Bom, se ele estava ali, tudo ia bem, o mundo funcionava e a vida seguia.

Eu parecia um faquir novato ao se levantar de seu leito de pregos: não restava em meu corpo um só nervo, músculo, osso, tendão ou pedaço de pele que não estivesse machucado. E, quando o grande amor de minha vida se esticou na cama com todo o seu tamanho e um grande bocejo, seus queixumes e lamentações posteriores me informaram de que estava tão dolorido quanto eu.

Mas, é claro, na mansão Simonson as coisas não funcionavam de acordo com os parâmetros normais. Trouxeram-nos um almoço farto no quarto, servido como se estivéssemos no restaurante do hotel Ritz de Paris. Então, com as forças recobradas, fomos levados à sauna e ao massagista. Depois de uma ducha com água quente e fria, enrolados em roupões e toalhas daqueles em que dá vontade de ficar para sempre, levaram-nos de volta ao quarto e descobrimos que tínhamos dois vestiários, um para mim e outro para Farag. Uma moça muito simpática, cuja profissão declarada não recordo bem, ajudou-me a escolher a roupa ao ver minha imensa preguiça de pensar no que vestir (e tudo o que havia nos armários daquele vestiário era, misteriosamente, do meu tamanho). Ofereceu-me um belo e

confortável conjunto de calça preta e blusa e sapatos bege, o qual adorei. Meu marido apareceu vestindo uma juvenil camisa polo branca e jeans que lhe caíam divinamente, fazendo-o parecer um atraente playboy hollywoodiano. Como ficava melhor sem aquela terrível gravata-borboleta de que tanto gostava!

Finalmente, vestidos como se tivéssemos saído de uma bela pintura, Farag e eu fomos conduzidos à biblioteca pequena, onde outro homem saído de uma pintura – esta de estilo rupestre – já nos esperava na companhia de Abby, que estava com uma expressão muito melhor do que quando a deixamos no meio da rua naquela manhã. Ambos, a pintura rupestre e a herdeira, pareciam muito à vontade na biblioteca, juntos e sozinhos, muito perto um do outro, falando em voz baixa e rindo como dois idiotas. Assim que entramos, Abby deu um passo para trás para se separar de Kaspar.

— Interrompemos algo? — perguntei cheia de malícia.

— As crianças chegaram bem à Inglaterra — anunciou o ex-Catão, impassível.

— Ah, menos mal! — respondeu o meu marido, colocando a mão no bolso traseiro da calça em um gesto

inconsciente. — Estava um pouco preocupado porque não recebemos nenhuma mensagem de Isabella de Londres.

Kaspar sorriu.

— Por acaso você esperava isso? — respondeu, dando a entender que nossa sobrinha viajava havia um bom tempo nos braços de Morfeu rumo ao Paraíso Terreno.

— Eu não — reconheci, tranquila, avançando na direção deles. — Como estão seus avós, Abby?

— Resistindo, Ottavia — murmurou entristecida. — E isso já é muito.

— Estou rezando por eles — assegurei.

— Eu sei. E agradeço por isso. Na realidade, sua situação continuar estável já é um bom sinal.

Meu marido se aproximou da herdeira e pôs a mão em seu ombro.

— Seus avós são muito fortes — animou-a. — Vão sair dessa.

Abby sorriu.

— Bem, você sabe: somos alienígenas. Neste planeta, não há nada que possa nos matar.

O bobo número um e o bobo número dois começaram a gargalhar, mas me mantive séria, lembrando-me de que Isabella não tivera tempo de investigar a família Simonson e

agora já não poderia fazê-lo. Aquilo me deixou incomodada. Talvez a única intenção de Tournier fosse assustar, como dissera Farag, mas eu ficaria muito mais tranquila se Isabella tivesse conseguido descobrir alguma coisa.

— Enfim — continuou Abby —, agora que já estamos os quatro aqui, gostaria de apresentar-lhes alguém. Me deem licença por um instante, por favor. Volto já.

Com passos harmônicos e uma distinção perfeita, Abby se dirigiu até a porta e saiu de minha biblioteca.

Farag e eu sentamos nas cadeiras que ainda formavam um círculo sob a janela elevada e que tanto nos lembrava de Jake e Becky. Kaspar se uniu a nós. Agora caminhava melhor, sem ajuda das muletas. Podíamos ter conversado, mas não o fizemos. Estávamos bem em silêncio. Estendi minha mão a Farag e ele a segurou. E assim permanecemos os três até que Abby retornou. Acho que descansei mais naqueles três ou quatro minutos de paz compartilhada que nas sete ou oito horas de sono.

A porta da biblioteca pequena se abriu dando passagem à herdeira, que era seguida por um idoso extremamente elegante, um pouquinho mais baixo que ela e mais obeso. De novo, como havia pensado quando os Simonson se apresentaram em minha casa pela primeira vez, o rosto

daquele indivíduo me parecia familiar sem que eu soubesse de onde.

Atrás deles entraram diversas outras pessoas: dois cavalheiros longilíneos de idade avançada com ares de perfeitos lordes ingleses, dois guarda-costas corpulentos (com fones e microfones nos ouvidos), que se posicionaram marcialmente em cada lado da porta, e dois rapazes de cabelos compridos e bem cuidados, também vestidos de terno, ainda que, por seu aspecto, parecessem ter sido obrigados a abandonar seus farrapos habituais para colocar aquelas indumentárias, que não lhes caíam bem.

Kaspar, Farag e eu nos levantamos de nossos assentos enquanto a estranha comitiva se aproximava. Então, de repente, Kaspar deu um passo adiante e inclinou respeitosamente a cabeça.

— Sua Alteza... — murmurou.

O velho gordo, que era praticamente careca, exceto por um semicírculo de cabelo grisalho que ia de uma comprida costeleta branca à outra, inclinou por sua vez a cabeça para Kaspar e disse:

— É uma honra conhecê-lo, Catão.

— Já não sou o Catão dos staurofílakes, Sua Alteza.

— Nunca deixará de sê-lo, Catão — respondeu o outro, respeitosamente, oferecendo-lhe a mão —, assim como eu jamais deixarei de ser o imame dos ismaelitas.

Meu sangue gelou. O imame dos ismaelitas...? Dos ismaelitas nizarins...? Meus olhos se cravaram feito flechas no rosto daquele homem.

— Ottavia, Farag... — disse Abby, muito satisfeita. — Apresento aos senhores Sua Alteza Real, o príncipe Karim al-Hussayni, Aga Khan IV, imame dos muçulmanos ismaelitas. Karim, estes são a dra. Ottavia Salina e o prof. Farag Boswell.

— Os descobridores do mausoléu de Constantino! — exclamou ele, apertando nossas mãos com entusiasmo. Parecia muito bonachão.

Farag cumprimentou-o, muito simpático, e eu, que estava petrificada, ofereci-lhe a mão sentindo que minha vida escapava por ela. Aquele era o Velho da Montanha do século XXI, o líder da seita dos Assassinos na era da internet.

— Você está bem, doutora? — perguntou-me o príncipe Karim, olhando-me, perplexo, com seus profundos olhos escuros, que me petrificaram ainda mais.

Meu marido se voltou para mim e, rápido como um raio, entendendo o que estava acontecendo, pôs a mão nas

minhas costas com toda a naturalidade e começou a me dar tapinhas urgentes com os dedos para que eu reagisse.

— Perfeitamente — proferi de supetão. — É um prazer.

— Obrigado — disse, satisfeito. — Para mim também. Permitam-me apresentar meus acompanhantes.

Os dois perfeitos cavalheiros ingleses, de olhos claros e pele branca como a neve, eram um espanhol chamado Luis Monreal, diretor-geral da Fundação Aga Khan para a Cultura, e o príncipe Aryn Mohamed, irmão do príncipe Karim e presidente do Comitê Executivo do Fundo Aga Khan para o Desenvolvimento Econômico. Ao que parecia, durante o seguinte mês de setembro, inaugurariam em Toronto tanto um centro ismaelita para atividades culturais como um importantíssimo museu de arte islâmica, o Aga Khan Museum, e ambos os supostos lordes estavam em Toronto já havia algumas semanas por essa razão. O príncipe Karim, por sua vez, havia chegado ao Canadá às pressas em seu avião particular por motivos bem distintos, o primeiro dos quais sendo o estado de seus amigos Jake e Becky (era das poucas pessoas no mundo que sabiam o que ocorrera) e o segundo, aparentemente, eram aqueles dois rapazes cabeludos que permaneciam taciturnos e inertes a certa distância do grupo.

Abby sentou no lugar geralmente ocupado por sua avó Becky, cedendo a poltrona de Jake para o gordo líder da seita dos Assassinos. Cada vez que meus olhos passavam por ele, um calafrio subia pela minha coluna vertebral, e isso porque seu aspecto não era nada desagradável, inclusive se comportava como um homem normal, agradavelmente educado e tranquilo. *Onde escondia a adaga?*, perguntei-me, examinando as rugas do terno em torno de sua volumosa cintura.

Nós nos acomodamos nos assentos do círculo e, como faltava uma cadeira, um dos guarda-costas a trouxe. Os garotos permaneceram de pé, afastados de nós.

— Bem, aqui estamos — começou a dizer o Aga Khan com um sorriso agradável. — Não temos muito tempo, então vamos direto ao ponto. Jake e Becky me informaram que um dos servidores da AKDN, mais precisamente o de Londres, estava sendo utilizado para espionar Abby e, por tabela, todos vocês. Os senhores sabem que colaboramos com suas pesquisas desde o princípio, então esse fato nos surpreendeu. Realizadas as oportunas averiguações, descobrimos que os espões eram estes dois estudantes da Universidade Aga Khan, alunos de História das Civilizações Muçulmanas. Acontece que estes garotos, junto com outros

três colegas de aula, resgataram nos livros uma esquecida heresia dos tempos em que éramos considerados uma seita de assassinos consumidores de haxixe — o Aga Khan sorriu com gosto e, então, suspirou. — Enfim, todos temos um passado. Portanto, permitam-me apresentá-los — disse, estendendo o braço em direção aos cabeludos — aos recentemente autoproclamados novos *sufat*. “Os puros”.

O Aga Khan irrompeu em uma sonora gargalhada que minha mente silenciou para escutar em meu interior a potente voz de Marco Polo: “O bispo dos *nasarani*, Mar Sahda, que falou com os *ebyonim*, contou-nos que viajavam escoltados por soldados maometanos que se faziam chamar *sufat*, ‘os puros’, mas que eram sarracenos dos que não seguem a lei de Maomé, senão as do Velho da Montanha. Os *ebyonim* partiram afirmando que voltariam para recolher os ossuários quando encontrassem um refúgio seguro onde guardá-los para sempre, e assim fizeram há doze anos, em 1282, de novo acompanhados por soldados *sufat*”.

Olhei totalmente desconcertada para aqueles pobres e aterrorizados rapazes de uns vinte anos, pouco mais velhos que Isabella, tentando identificar neles rastros daqueles soldados, daqueles guerreiros *sufat* que, no século XIII, haviam protegido os ossuários tanto na viagem de Bagdá à

Índia quanto na de volta até... até onde fosse que os *ebyonim* os tenham escondido, mas não vi nada além de jovens assustados pela presença e pelas palavras de seu imame. Se os havia trazido de Londres só para isso, era compreensível que estivessem com as cabeleiras em pé.

— E por que estes novos *sufat* estavam me espionando?
— quis saber Abby, de cara feia.

— Falem — disse o imame aos garotos.

— Antes — ordenou subitamente o príncipe Amyn —, aproximem-se e apresentem-se.

Os garotos deram uns poucos passos em nossa direção, ainda que mantivessem o rosto virado para o imame, e, em seguida, trocaram olhares, até que um deles, o de pele mais morena e rosto afilado com um pequeno cavanhaque, decidiu tomar a palavra:

— Meu nome é Hussein Kasem e meu colega é Malek Zanjani — falava um inglês britânico perfeito com voz clara e grave, na qual se divisava o pânico que tentava dissimular.
— Somos ismaelitas *sufat*.

O príncipe Karim voltou a rir, ainda que dessa vez dissimuladamente e pedindo desculpas com a mão para que os garotos continuassem falando.

— Pesquisando antigos documentos — continuou a explicar o jovem Hussein —, encontramos provas que demonstram que os mongóis não destruíram os restos de nosso mestre Hasan i-Sabbah quando arrasaram seu mausoléu nas montanhas de Alamut em 1256. O vizir do conquistador Hulagu Ilkhan, Alâ-Malik Yuwayni, colocou seus ossos em um ossuário e entregou-os a Hulagu como espólio de guerra junto dos nove ossuários que continham os restos do profeta Al-Masih Isa e de sua família.

— O décimo ossuário era de Hasan i-Sabbah! — exclamou Farag, impressionado.

— A questão é — disse o príncipe Karim Aga Khan — que, graças a esses novos *sufat*, agora sabemos que os restos de nosso mestre não foram destruídos e podem estar com os nove ossuários que os senhores estão procurando. Vocês devem compreender a importância que isso tem para nós, ismaelitas.

— Tanta — acrescentou Kaspar — quanto têm os restos de Jesus e sua família para nós, cristãos.

Os cabeludos se remexeram, inquietos.

— Como descobriram isso? — perguntei.

— Por acaso — afirmou Hussein, baixando a cabeça e olhando para o chão. — Na intranet da universidade,

descobrimos uma pasta com antigos trabalhos realizados por alguns de nossos professores. Nesses trabalhos, explicava-se o papel que nós, ismaelitas, tivemos na história dos ossuários cristãos, os do profeta Al-Masih Isa e de sua família.

Hussen parou por um momento e limpou a garganta.

— Todos esses trabalhos haviam sido realizados a pedido da família Simonson, e isso nos chamou ainda mais atenção. Decidimos investigar e... bem — ergueu a cabeça e olhou para Abby, envergonhado —, descobrimos que seu computador estava desprotegido.

— Culpa minha — admitiu a herdeira, franzindo ainda mais o cenho. Não parecia a Abby de sempre. Estava com um ar duro e firme que eu não vira nela antes.

— Prossiga, Hussein — disse o príncipe Aryn, vendo que o garoto torcia para ter a sorte de ser sugado pela terra.

— Então, há um mês — murmurou Hussein —, em trinta e um de maio, as portas pelas quais nos esgueirávamos fecharam-se de repente.

Sim, lembrei orgulhosa, Isabella havia varrido do computador de Abby o *software* espião e o protegera enquanto estávamos no avião, voando de Ulan Bator a Istambul.

— Então tivemos que começar a procurar em outros lugares — confessou o garoto. — Só queríamos saber mais, não estávamos tentando nos apropriar de nada nem prejudicar ninguém, e não imaginávamos de modo algum o que encontraríamos. Os arquivos históricos que tínhamos em mãos eram os da Fundação Aga Khan para a Cultura. Por sorte, acabara de chegar à Fundação uma coleção particular de documentos ismaelitas que ninguém havia examinado ainda.

— Às vezes aparecem joias como esta — destacou, muito satisfeito, Luis Monreal, o diretor-geral da Fundação. — Os fundos documentais dos quais dispomos são escassos.

Hussein estava com o olhar perdido na janela, como se quisesse escapar por ela voando.

— O documento que encontramos — prosseguiu — foi uma carta que um rabino judeu chamado Eliyahu escreveu em farsi ao último líder *sufat* reconhecido, Farhad Zakkar, em 1260. Eliyahu dizia a Zakkar que os ossuários com os restos de nosso mestre Hasan i-Sabbah e do profeta Al-Masīh Isa e sua família se encontravam em Bagdá porque haviam sido roubados durante a destruição de Alamut por Hulagu Ilkhan em 1256. Ele se dispunha a recuperá-los e colocá-los a salvo, pois acreditava que os mongóis se

apoderariam de toda a terra e seu domínio seria eterno. Foi nesse momento que descobrimos que os restos de nosso mestre estavam com os do profeta Al-Masiħ Isa e, como se fosse pouco, descobrimos também a existência do credo *sufat*, do qual ninguém nunca havia nos falado. Estamos estudando-o a fundo, lendo tudo o que encontramos, e acreditamos que chegou o momento de resgatar aquela antiga interpretação dos significados do Corão.

— E tudo isso — observou o príncipe Karim Aga Khan, muito sério — só nas últimas duas semanas. Quero que este detalhe fique bem claro.

— Os senhores trouxeram este documento consigo? — perguntei.

O líder moderno da seita dos Assassinos estendeu um braço para um dos guarda-costas da porta, que desabotoou o paletó e, de algum lugar, tirou uma pasta de plástico, que, ao se aproximar, entregou ao imame.

— Não é o original, claro — esclareceu-me o príncipe Karim enquanto entregava a pasta ao irmão para que este me alcançasse. — Mas é uma cópia muito boa. O original se encontra em uma caixa-forte em Londres. A senhora saber ler farsi, doutora?

— Obviamente, não — respondi, examinando a bela fotografia. — Minha especialidade é o grego bizantino, como o senhor bem sabe.

— Bem, já supúnhamos. Repare que a tradução está em uma folha à parte.

Passei a fotografia a Farag e procurei a tradução dentro da pasta, onde havia diversos outros papéis. Era um texto de pouco menos de uma lauda e nele, como muito bem havia explicado Hussein, um tal Eliyahu ben Shimeon, rabino de Susya, na Judeia, informava Farhad Zakkar, guia espiritual e líder dos *sufat*, sobre a existência dos restos de Hasan i-Sabbah em poder de Hulagu Ikhan e se oferecia para colaborar com ele para resgatá-los se ele, por sua vez, ajudasse-o a resgatar os restos de Yeshúa Hanotzri e sua família, também em poder de Hulagu.

— “Yeshúa Hanotzri”? — perguntei, sem erguer os olhos do papel.

— “Jesus de Nazaré” em hebraico — traduziu meu marido.

A carta, de fato, estava datada de cinco de maio de 1260, mas não segundo o nosso calendário gregoriano, senão conforme os calendários judeu (16 *iyyar*, 5020) e islâmico (15 *jumada al-ula*, 658). A data gregoriana havia sido

acrescentada pelo tradutor como nota de rodapé. Aparentemente, Eliyahu acreditava que os *sufat* eram os últimos ismaelitas vivos após o extermínio realizado pelos mongóis, já que, como hereges da seita dos Assassinos, haviam vivido longe dela e escondidos durante mais de um século nas montanhas da Síria, livrando-se assim do massacre. Eliyahu estava realmente assustado com o poderio mongol e anunciava a Zakkar a chegada de longos tempos de dor e morte, de sangue e fogo para a humanidade. Por isso, era imprescindível, dizia Eliyahu, que os *sufat* da Síria e eles, os *ebyonim* da Judeia, reunissem-se o quanto antes para procurar uma forma de resgatar os ossuários roubados por Hulagu, para que não acabassem, por sua negligência, destruídos. Propunha a eles um encontro secreto em Damasco no mês de *dhu al-hijja* (*kislev* para eles e novembro para nós), e ficava à espera de sua decisão e dos detalhes do encontro.

Ergui os olhos do papel, irritada como poucas vezes na vida (modo de dizer, claro), e questionei com raiva:

— Mas quem diabos são esses judeus *ebyonim* que se fazem passar por cristãos na Índia e, ainda por cima, protegem desesperadamente os restos de Jesus de Nazaré dos mongóis?

— Hereges, doutora — respondeu-me o atual Velho da Montanha. — Mas, nesse caso, seus hereges, e não nossos.

— Hereges? — surpreendi-me.

— Hereges cristãos — insistiu, achando que era esse pequeno matiz que eu não havia entendido.

Mas sim, eu havia entendido, e era exatamente por isso que achava aquilo um despropósito descomunal. A separação entre judeus e cristãos havia sido quase absoluta desde o princípio. São Paulo começou a pregar aos gentios, ou seja, aos não judeus, apenas dez ou doze anos depois da morte de Jesus, em torno do ano 40, após sua própria conversão no caminho de Damasco (onde, certamente, não caiu de cavalo nenhum, diga-se o que se quiser). E no ano 50 já teve um enfrentamento importante com a igreja de Jerusalém, narrado nos mínimos detalhes nos Atos dos Apóstolos capítulo 15, porque, segundo ele, se você dissesse a um romano ou grego adulto que, para se tornar cristão, era preciso antes circuncidar-se, como exigiam tanto a Lei judaica quanto os apóstolos ainda vivos, eles não iriam querer se converter de maneira alguma ao cristianismo. De modo que enfrentou os apóstolos e venceu, livrando da circuncisão os varões que desejavam seguir Jesus (as mulheres só precisavam se batizar na água) e dando assim

uma abertura universal para a Igreja de Deus, que passou a ter seu novo centro no coração do império, em Roma.

Desde aqueles primeiros tempos, o judaísmo e o cristianismo haviam percorrido caminhos muito diferentes, e as únicas heresias cristãs conhecidas, ao menos que eu soubesse, haviam começado em torno do século II, originando os cristãos coptas, como o meu marido, e os cristãos de São Tomé, e os nestorianos, e os ortodoxos gregos e, inclusive, os cátaros e os protestantes. Mas o que não era concebível de modo algum era falar de cristãos que eram, ao mesmo tempo, judeus, quer dizer, não existia nada parecido com a figura de um rabino cristão como aquele descrito na carta.

— Se a doutora procurar na pasta — continuou a dizer o Aga Khan —, encontrará outra folha com um texto de um dos chamados Pais da Igreja, Santo Irineu de Lyon, do século II, em que explica quem são esses *ebyonim*, ou ebionitas. *Ebyonim* é o nome hebraico e significa “pobres”.

— Já existiam no século II? — perguntei perplexa, procurando na pasta.

— Pelo que conseguimos descobrir — declarou misteriosamente o príncipe Karim —, existiam desde um pouco antes.

Onze séculos de sobrevivência, nem mais nem menos! Esses *ebionim*, ou ebionitas, deviam ter sido muito espertos para escapar das perseguições da Igreja durante tanto tempo, porque, há que se admitir, se os antigos romanos (meus antepassados) haviam perseguido os cristãos no início, transformando-os em mártires, depois fomos os próprios cristãos a perseguir raivosamente os hereges, condenando-os à fogueira e ao inferno.

Encontrei a folha mencionada pelo Aga Khan com o texto de Santo Irineu de Lyon. Eu conhecia muito por cima a obra de Irineu e, portanto, não o suficiente para lembrar o que ele dissera dos ebionitas. Seu trabalho principal, *Adversus haereses* (ou *Contra as heresias*) era o primeiro tratado da história sobre as discrepâncias teológicas que começaram a aparecer no seio do cristianismo no século II. O texto era um fragmento do capítulo 26, livro I dessa obra, que dizia:

“Aqueles chamados de ebionitas aceitam que o mundo foi feito por um Deus verdadeiro, mas, no que diz respeito ao Senhor, professam as mesmas opiniões que Cerinto e Carpócrates. Não utilizam mais que o Evangelho de Mateus, rechaçam o apóstolo Paulo, a quem acusam de apostasia no que diz respeito à Lei. Dedicam-se a comentar as profecias com excessiva minúcia. Praticam a circuncisão e perseveram

nos costumes legais e nas práticas judaicas, a ponto de chegarem a cultuar Jerusalém como a casa de Deus.”^[1]

Eu entendia tudo, embora precisasse analisar com calma mais tarde para ter uma ideia completa de quem eram os ditos *ebyonim*, mas, como desconhecia Cerinto e Carpócrates, a ideia fundamental, a opinião dos *ebyonim* sobre o Senhor, ou seja, sobre aquele Jesus que tanto protegiam, escapava-me.

— A senhora encontrará informações sobre Cerinto e Carpócrates... — disse o Aga Khan.

— Sim, já sei — interrompi. — Em outra folha dentro da pasta.

— De fato — respondeu, muito orgulhoso.

Quando terminava de folhear cada documento, eu o passava a Farag, que, por sua vez, entregava-o a Kaspar e Abby, para que nós quatro pudéssemos nos inteirar do assunto.

Aparentemente, ainda segundo Irineu, os hereges Cerinto e Carpó-crates, um do final do século I e o outro do início do II, consideravam Jesus apenas um homem. Assim, não havia nascido de uma Virgem, mas havia sido filho de José e Maria e concebido como todos, ainda que predominasse por sua justiça, prudência e sabedoria.^[2]

Senti o frio subir lentamente dos pés até minhas costas, mãos e testa. Não era um frio como o que me causara conhecer o atual líder da seita dos Assassinos, que estava mais ligado ao medo. Era um frio interior, um frio de dentro para fora. O frio nascia em mim e me destemperava, como uma doença. Talvez a repetição maçante da existência daqueles malditos ossuários com os restos de Jesus de Nazaré e sua família tivesse carcomido os fundamentos de minhas crenças mais profundas, de tal maneira que a ideia de que Jesus havia sido apenas um homem, concebido como os demais homens, filho de José e Maria, justo, prudente e sábio, e não o Filho de Deus, concebido pela Virgem Maria por obra do Espírito Santo, encontrou um sutil eco em meu interior, uma sutil ressonância. E daí provinha aquele frio espantoso. Não podia perder o meu Deus. Meu Deus era como o ar para mim, eu precisava Dele para viver, amava-O tanto que cheguei a Lhe entregar treze anos de minha vida, meus anos de vocação religiosa antes de me apaixonar por Farag.

Precisava me afastar daquilo. Precisava salvaguardar minha fé, protegê-la.

— Possuímos mais informações sobre os ebionitas — dizia o Aga Khan quando despertei — e podemos fornecê-las

se os senhores assim desejarem.

— Claro. Obrigada, Karim — ouvi Abby dizer com voz firme.

— Haveria algum inconveniente — perguntou Luis Monreal — se um de nossos melhores arqueólogos participasse com os senhores da busca dos ossuários?

— Nenhum inconveniente — afirmou o ex-Catão, taxativo. — Será de grande valia.

— Então, maravilha! — exclamou muito satisfeito o Aga Khan. — O que pretendem fazer agora?

Eu, emigrar, desaparecer, fugir com Farag para outro canto do mundo, para longe daqueles loucos perigosos, destruidores de vidas e crenças.

— No estágio em que nos encontramos — ouvi meu marido dizer —, é imperativo viajar a Israel, a Susya, a cidade de origem dos *ebyonim*. Não temos nem ideia de para onde levaram os ossuários após retornarem da Índia, mas sabemos com certeza que, antes de roubá-los, seu lar ficava em Susya, na Judeia. De lá vinham e lá viviam, lá estavam suas famílias, e para lá precisaram voltar depois de escondê-los. Portanto, em primeiro lugar, devemos localizar a cidade de Susya, se é que ainda existe e se chama assim, e, então,

procurar ali alguma pista, o que seja, qualquer coisa que nos diga o que podem ter feito com os ossuários.

Então eu entendi. Soube o que estava acontecendo comigo. Aquilo era uma prova de fé. Deus estava me colocando à prova, confrontando-me com a lógica e a razão mais puras para ver se eu resistia àquela experiência, se eu acreditava Nele com força suficiente para vencer tais desafios. Orei em silêncio. Não sei como transcorreu o resto da conversa, porque estava rezando.

Eu iria a Susya.

Capítulo 22

— Que você viva tempos interessantes — murmurou Kaspar, olhando o amanhecer pela janelinha do avião.

Acabávamos de ficar sozinhos naquele luxuoso salão voador.

— O que você disse? — perguntei, erguendo os olhos de meu *tablet*.

— Estava repetindo uma antiga maldição chinesa: “Que você viva tempos interessantes”.

— Eu achava que essa frase era uma invenção de Tery Pratchett, o autor da saga *Discworld* — comentei, surpresa.

— Não é — respondeu ele, sem se virar. — É uma antiga maldição chinesa de verdade, e nós três, Farag, você e eu, demos a imensa sorte de sermos amaldiçoados com ela. Olhe para nós, doutora. Olhe tudo o que fazemos. Olhe o que já fizemos e o que já fomos. Pense no que ainda faremos e seremos. Temos vidas estranhas e complicadas porque vivemos sempre em tempos interessantes.

— Bem, eu preferia tempos mais entediantes, para falar a verdade — afirmei, convicta.

— Bem, para você, os tempos entediantes — disse, e riu com aquela sua risada que não era nem risada nem nada —, e, para nós, os tempos interessantes.

Já estávamos voando a Tel Aviv havia sete horas, e tanto Abby como Farag haviam acabado de ir dormir, exaustos. Para nós, acostumados ao horário canadense, eram quase onze da noite, embora logo fôssemos chegar a Israel, onde seria uma da manhã de segunda-feira, trinta de junho. Aquelas mudanças de horário tão desconcertantes me pegavam de jeito, mas, como o maldito ex-Catão não quisera se deitar, lá estava eu, sem dormir e perdendo a oportunidade de fazer parte ao lado de Farag do Mile High Club, porque aquele era o melhor momento para falar com ele a sós sobre Abby e seja lá o que estivesse rolando entre os dois. Na realidade, só queria ser uma boa amiga e lhe dar a oportunidade de se explicar.

O avião em que viajávamos pertencia ao príncipe Karim. Era dotado de todas as medidas de segurança imagináveis, e até emitia falsos códigos de voos comerciais de passageiros para os centros e radares de controle aéreo internacional. Mas, como o dos Simonson, era um palácio flutuante e, neste caso, um palácio saído das mil e uma noites orientais. O poderoso aparato dos Simonson havia entrado em ação e

descobriu que o avião particular do Aga Khan era o mais seguro do mundo. Por isso estávamos ali. Além disso, viajávamos com identidades falsas de adidos comerciais pela questão da imunidade diplomática, de modo que agora éramos legalmente belgas. Aparentemente, estávamos protegidos vinte e quatro horas por dia de tantas maneiras diferentes que preferia não conhecer nenhuma para não ficar nervosa.

Assim, eu fingia ler em meu *tablet* a documentação sobre os ebionitas que os ismaelitas haviam nos passado quando, na verdade, só estava esperando o momento oportuno para me lançar sobre a jugular de Kaspar e obrigá-lo a me contar sua história com Abby.

— E por falar em coisas interessantes... — comecei.

— Não, não! — recusou com a cabeça. — Nem vem!

— Mas do que você está falando? — perguntei, fingindo surpresa. Tinha uma magnífica veia de atriz. Poderia ter seguido carreira, se tivesse continuado a fazer teatro no colégio.

— Da Abby — respondeu com seu tom mais distante e catoniano.

— Não ia falar de Abby! — menti, demonstrando indignação.

O ex-Catão ergueu a extremidade de sua sobrancelha esquerda. Percebia-se que não acreditava em mim. Tive que procurar com toda a pressa um jeito de me sair bem daquela situação. Bem, não era que me faltasse assunto. Eu tinha pilhas e pilhas.

— Você acha normal a maneira como os Simonson agem?

— A que você se refere?

— Jake e Becky se acham em estado muito grave no hospital. Nat Simonson, seu filho mais velho, foi assassinado. Destruíram tantos de seus poços de petróleo que as bolsas internacionais despencaram. Nossa casa foi queimada e tivemos que mandar nossas crianças para o outro lado do mundo.

— E...? — estimulou-me a continuar.

— E... onde estamos? — perguntei enigmaticamente, semicerrando os olhos para aguçar o olhar.

— Em um avião? — arriscou, sem muita certeza.

— Exato! — exclamei, largando o *tablet* no assento que Farag havia ocupado e me inclinando na direção de Kaspar.

— Em um avião! No avião de um de seus melhores amigos, com sua neta favorita! Continuamos procurando os ossuários perdidos!

— Não estou entendendo — admitiu, preocupado.

— Diante de uma lista de desgraças como essa, o lógico teria sido parar, não? O assunto deveria ter ficado em suspenso, em pausa, em *stand by*. Ao menos até sabermos o que houve com Jake e Becky.

— Abby disse que devíamos continuar a procura em nome de seus avós, porque eles desejariam isso. Além disso, parar-nos era o que Tour-nier queria. Abandonar a busca seria conceder-lhe a vitória.

— Eu não disse que deveríamos ter abandonado, disse que deveríamos ter feito uma pausa ao menos por alguns dias... Um dia. Mas você viu algum segundo de hesitação, de parêntese? O que estou dizendo é que hoje é domingo, que todas essas coisas aconteceram anteontem e estamos voando a Tel Aviv no avião do líder dos Assassinos!

— Na realidade — respondeu, pensativo —, já é segunda-feira. Mas você tem razão no que diz.

— Arrá! — exclamei, satisfeita, recostando-me no assento.

— Suponho que este assunto tenha se tornado urgente por alguma razão — murmurou.

— Que razão poderia ser tão forte para que Abby não esteja agora mesmo no Hospital Monte Sinai de Toronto com os avós?

— Talvez seja chegar aos ossuários antes de Tournier, Gottfried Spitteler e Hartwig Rau, seu ex-marido.

— Esses aí não sabem de nada! — aleguei, depreciativamente. — Ficaram tão para trás que não nos alcançariam nem se quisessem. Talvez, inclusive, estejam convencidos de que nos derrotaram, de que nos detiveram.

— Você está esquecendo uma coisa — apontou.

Sorri com incredulidade e pedantismo do alto de minha torre de certezas.

— Os Arquivos Secretos do Vaticano — disse.

Estourei feito um balão e afundei em tristeza. Entendi antes mesmo que ele terminasse de falar. Não em vão, conhecia perfeitamente os Arquivos.

— Poderiam ter — começou a enumerar — a carta original que Heráclio de Auvérnia, o patriarca latino de Jerusalém, enviou ao papa Urbano III em 1187 com a tradução das inscrições dos nove ossuários encontrados em Nazaré. Poderiam ter uma cópia da carta que Urbano III enviou a Jerusalém com as instruções para a destruição dos ossuários. Poderiam ter cartas das ordens militares dos templários e dos hospitalários informando o fracasso da missão e o enfrentamento com os ginetes de Saladino. Poderiam, inclusive — disse, saltando um século para resumir —, ter

cartas de Marco Polo com a mesma informação sobre Kodungallur, Susya, os ebionitas e os *sufat* que nós temos. Afinal, os Polo eram enviados papais. O estranho seria que não comunicassem suas descobertas ao papado.

— Essa última hipótese seria impossível — contrapus.

— Por quê?

— Porque Gottfried e Hartwig não haveriam tentado entrar na cripta de Maria Paleologina em Istambul, onde nos atacaram e onde feriram você e Farag. Se tivessem a informação, para que armar aquela confusão?

— Porque não estão apenas buscando os ossuários, doutora — grunhiu diante de meu rosto. — Porque também querem destruí-los. Querem selar este capítulo da história da Igreja de forma definitiva, eliminando todas as provas e limpando completamente o caminho para que ninguém possa, nunca mais, encontrar qualquer pista que traga o assunto novamente à tona.

— Mas e se for verdade que um desses ossuários contém os restos de Jesus de Nazaré? Como ousariam destruí-lo? Seria loucura!

Eu mesma havia dito aquilo, ou havia mais alguém conosco? Minha própria voz enunciara aquelas perguntas? Eu estava ficando louca?

— Você também está começando a acreditar neles, não é?
— murmurou.

Comecei a vê-lo através de uma cortina turva de lágrimas.

— Em certa ocasião, muitos anos atrás, em uma situação como esta — declarou, com um leve sorriso e uma voz que parecia querer me consolar —, comentei com você algo que eu sabia sobre a vida. Você lembra?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu disse que tudo é relativo, tudo é temporário e tudo é mutável. E que sempre, sempre temos a oportunidade de mudar. Nós dois somos o exemplo vivo.

— Mas eu não quero mudar minha fé — sussurrei com a voz embargada. Sentia-me inconsolável e terrivelmente culpada por minhas dúvidas.

— Naquela ocasião da qual não se lembra, você me perguntou: “Por que acreditamos que vivemos nossas vidas, se são nossas vidas que nos vivem?”. Há coisas sobre as quais não temos controle, doutora. Mesmo que desejemos com todas as nossas forças. Se, como diziam os *ebyonim*, Jesus era só um homem, um homem que se destacava por sua justiça, prudência, sabedoria e provavelmente também por sua corajosa interpretação, como judeu que era, da Lei de

Moisés, no que isso pode afetar nossa fé em Deus? Não em Jesus como Deus, mas em Deus.

— É complicado, capitão — nas raras ocasiões em que Kaspar e eu falávamos a sós, sempre nos chamávamos um ao outro de doutora e capitão, talvez porque agora esses títulos expressavam carinho. — Sempre acreditei que Jesus era Deus. Que é Deus. Um Deus encarnado pelo amor para nos salvar de nossos pecados. Acreditei na Santa Trindade, no Pai, no Filho e no Espírito Santo. E agora vou pensar que nada disso era verdade? Como? — exclamei com dor. — Como poderia acreditar nisso, capitão? Todo o meu mundo desmoronaria.

— Não, isso não é verdade, doutora — rechaçou categoricamente. — Seu mundo não desmoronaria. Você, talvez, mas o seu mundo não. Escute. Jesus nunca foi cristão, porque o cristianismo ainda não existia quando Ele viveu. Jesus foi judeu. Jesus foi um rabino judeu que fez uma nova interpretação da Lei de Moisés.^[1] Jesus observava o Sabbath, o descanso obrigatório do sábado, que os judeus ainda guardam, Jesus era circuncidado como manda a Lei judaica, Jesus obedecia às regras alimentares *kosher* do Levítico e celebrava a Páscoa judaica como o povo judeu a celebrou durante milhares de anos. Jesus não conheceu os

Evangelhos nem Paulo e suas epístolas, nem os Atos dos Apóstolos, que são, melhor dizendo, os Atos de Paulo, porque os verdadeiros apóstolos são ignorados. Jesus era um rabino que havia estudado a *Tanaj*, a Bíblia hebraica, o que chamamos de Antigo Testamento. E o que fez, enquanto rabino, foi uma nova interpretação da Lei contida na *Tanaj*: rechaçou a tradição judaica acrescentada à mensagem de Deus e foi direto ao essencial, ao importante, e isso significou enfrentar o Sinédrio, os sacerdotes do Templo, que baseavam sua autoridade, como faz hoje a Igreja católica, nessas tradições ou doutrinas acrescentadas à mensagem fundamental.^[2]

Embora fosse verdade, aquilo tudo soava muito estranho para mim, sobretudo a parte de Jesus nunca ter sido cristão.

— Jesus de Nazaré — continuou Kaspar sem se alterar nem um átimo pelo conteúdo perverso de suas palavras — era, acima de tudo, um bom judeu que queria ser um judeu melhor, com uma mentalidade de “vamos ao que interessa”, “vamos ao essencial e deixemos de liturgias e bobagens”. Foi esse o Jesus histórico, e se era apenas um homem, e não um deus, como afirmou São Paulo, que foi o primeiro a dizê-lo^[3], que importância tem? Jesus aproximou-nos de Deus, permitiu-nos falar diretamente com Ele, ter uma relação

peçoal com Ele, algo impensável para o judaísmo de sua época. O que fez de errado? Não ressuscitar dos mortos e ser filho de José e Maria? Acalme-se, doutora, e tente perceber que encontrar um antigo ossuário hebreu do século I com os restos mortais de Jesus de Nazaré significaria antes uma enorme alegria que uma desgraça. Talvez seja uma desgraça para a Igreja católica, para as igrejas cristãs, mas se a sua fé em Deus é forte, encontrar o ossuário do Messias seria um grande motivo de satisfação. Pode ser que Paulo de Tarso seja o vencedor e quem escreveu a história, mas talvez não tenha escrito a verdade.

Eu não podia concordar menos. Havia me formado na Igreja católica, que sempre me dissera claramente como deveria ser a minha fé e quais deveriam ser as minhas crenças e, além disso, ensinara-me a linguagem que eu compreendia para me relacionar com Deus, um Deus que se parecia mais com Jesus que... bem, com Deus.

— Existe um conto escrito pelo jesuíta indiano Anthony de Mello — comentou — que se chama “O gato do guru”. Nesse conto, ele narra como, a cada dia, quando o guru ministrava o culto, havia um gato rondando por ali que distraía tanto os fiéis que, no fim das contas, foi preciso amarrá-lo. Muito tempo depois de o guru ter morrido,

continuavam amarrando o gato durante o culto. Então o gato morreu, e levaram outro para poder amarrá-lo. Por fim, séculos mais tarde, escreveram-se doutos tratados sobre o importante papel que o gato desempenhava na realização do culto.

Kaspar riu daquela sua maneira tão cáustica.

— É claro que a Inquisição, ou, como chamam agora, a Congregação para a Doutrina da Fé, sob comando do cardeal Ratzinger, quer dizer, Bento XVI, classificou os contos de Anthony de Mello como incompatíveis com a fé católica. Acabo de lhe contar um conto herege.

E riu outra vez.

Sim, bem, a visão estreita da Igreja católica era proverbial. Nenhuma novidade. Mas isso não significava que estivesse errada em relação a tudo. Claro que, no caso de a Igreja católica ter sido construída desde o início sobre premissas equivocadas, a situação mudava bastante.

— Por que os ebionitas utilizariam apenas o evangelho de Mateus? — perguntei, lembrando de repente aquele estranho detalhe. — Por que o preferiram a outros? Havia centenas de evangelhos no século II, quando Irineu de Lyon escreveu *Adversus haereses*.

— Esta é a única pergunta fácil de responder nessa história — respondeu. — O evangelho de Mateus era o mais próximo de todos da tradição judaica.

— A que você se refere? Por acaso era um evangelho judaico?

Aquilo não podia me soar mais absurdo, nem mais ridículo.

— Como você bem sabe — explicou-me, desafiando paciência —, os primeiros textos do Novo Testamento a serem redigidos foram as cartas de São Paulo, escritas em grego em torno do ano 50 de nossa era. Em seguida, e já compilando as ideias de Paulo e as tradições orais, foram escritos, entre outros, os quatro evangelhos canônicos: primeiro o de Marcos, em torno do ano 70; então Mateus, nos 80; depois Lucas, nos 90; e, por último, João, entre os anos 90 e 100. Todos redigidos originalmente em grego e, depois, traduzidos para o latim. Essa é a versão oficial dos dias de hoje.

— Conheço bem esses dados — confirmei, incomodada.

— Sim, mas o que vejo que não conhece — acrescentou de forma combativa — é que, segundo diferentes testemunhos dos primeiros séculos^[4], Mateus foi o único que escreveu seu evangelho em hebraico. Eusébio de

Cesareia afirma, inclusive, que Mateus escreveu o evangelho em sua língua materna, ou seja, em aramaico, a língua de Jesus e dos primeiros apóstolos. E aquele texto em hebraico ou aramaico devia ser muito diferente do que conhecemos hoje, já que até Santo Irineu de Lyon, falando sem dúvida dos ebionitas, menciona uma importantíssima diferença entre aquele texto e os demais evangelhos.

Um momento!, pensei. Desde quando Kaspar possuía tais conhecimentos, por mais Catão de seita que tenha sido por um montão de anos?

— Como você sabe todas essas coisas? — perguntei, com enorme desconfiança.

Seu rosto granítico expressou algo parecido com a candura.

— Porque, diferentemente de você — respondeu —, eu li toda a documentação fornecida pelos ismaelitas. O que estou contando está no seu *tablet*.

Eu odiava quando ele fazia essas coisas. Seria capaz de matá-lo.

— Tudo bem, mas termine — eu disse, apoiando a cabeça no encosto da poltrona e erguendo o olhar até o teto da cabine. Quando a hora chegasse, ele saberia.

— Bem, só ia acrescentar o pequeno detalhe sobre a virgindade de Maria — dei um sobressalto no assento. — É verdadeiramente interessante.

— O que os ebionitas e São Mateus têm a ver com esse assunto? — protestei.

— É isso que ia contar agora — respondeu muito tranquilo. — Conhece a Septuaginta?

Só não o estrangulei com minhas próprias mãos porque não conseguiria envolver aquela coluna que tinha no lugar do pescoço, mas vontade não me faltou. Ele perguntava para mim, uma especialista de nível internacional em grego, se eu conhecia a Septuaginta!

— Por acaso você se refere — sibilei — à tradução do Antigo Testamento, Bíblia hebraica ou *Tanaj*, chame como quiser, do hebraico e do aramaico ao grego, realizada dois ou três séculos antes de Jesus Cristo em Alexandria, no Egito? Essa Septuaginta?

— Essa mesma, de fato — concordou. — O grego era à época o que hoje é o inglês, o idioma comum entre o mundo todo.

— Sério...? Não sabia.

— Sim — teve o descaramento de me responder. — De fato, a Septuaginta é a tradução utilizada em todos os textos

do Novo Testamento. Ou seja, quando São Paulo ou os evangelistas, que escreveram em grego, fazem referência às antigas escrituras, as citações são extraídas diretamente da tradução grega da Septuaginta. Não dos textos judaicos originais, que apresentam grandes discrepâncias, mas da Septuaginta, tradução que, embora repleta de gravíssimos erros e equívocos, foi utilizada por todos os escritores do Novo Testamento, exceto...

— Exceto Mateus — concluí.

— Exato, exceto o evangelista Mateus. As citações do Antigo Testamento que Mateus utiliza foram extraídas dos textos hebraicos ou aramaicos originais, não de sua tradução para o grego. Esta é outra das importantes diferenças que o tornou preferível aos olhos dos ebionitas. Então, quando nos evangelhos canônicos lemos que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo em cumprimento do que havia profetizado Isaías, “Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho”^[5], evidencia-se que isso foi escrito por algum seguidor posterior de Paulo, pois o que diz o profeta Isaías, no texto original em hebraico, é textualmente “Eis que uma jovem conceberá, e dará à luz um filho”. Uma jovem, entende? Não uma virgem. E onde encontramos esse erro de tradução?

— Na Septuaginta.

— Isso mesmo. Os péssimos tradutores da Septuaginta, na qual se baseava o Novo Testamento, ao verterem o profeta Isaías para o grego, entenderam a palavra hebraica *almah*, que significa garota jovem, como *betulá*, virgem, e, portanto, traduziram-na para *parthenos*, e quando os escritores da linhagem paulina (que, obviamente, não sabiam hebraico nem aramaico) estavam criando os novos textos dos evangelhos, ao quererem aplicar a Jesus todas as profecias do Antigo Testamento sobre o Messias de Israel, descobriram que sua mãe, segundo o Isaías da Septuaginta, tinha que ser virgem. E tudo é decorrente disso.

Menos mal que, apesar de ter sido freira por tantos anos, eu nunca tivesse sido especialmente marista, porque Kaspar e os tais *ebyonim* acabavam de jogar por terra a virgindade de Maria. Ainda que, por outro lado, eu concordasse com a ideia de que Jesus pudesse ter irmãos e irmãs. Tudo bem, mais um ponto para os malditos ossuários.

— Sem dúvida — acrescentei, remoendo a ideia em um ato masoquista —, a versão do evangelho de Mateus utilizada pelos ebionitas não poderia ser a versão grega que conhecemos hoje e consideramos se tratar da original.

— Isso com certeza. Os ebionistas manejavam um evangelho de Mateus mais antigo, mais de acordo com a realidade, escrito em hebraico ou aramaico, sem enxertos nem retoques. Faz todo o sentido do mundo, portanto, que rechaçassem Paulo como um traidor. Deviam considerá-lo o pai da distorção da mensagem original de Jesus, ou o inventor de algo completamente novo e distinto do que Jesus havia dito.

E Maria, se é que, sendo mulher, teve alguma importância para eles naquela época, era apenas Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, não a Mãe de Deus. Aquilo me parecia tão estranho, tão esquisito! Como poderia aceitar algo assim, se durante toda a minha vida havia acreditado que aquelas pessoas tinham uma realidade divina? Era como o buraco que a gota da água faz na pedra após cair incessantemente durante muito tempo. Meu buraco da crença e da fé já estava bem consolidado. Eu não podia simplesmente ignorá-lo e virar a página como se não fosse nada. Tinha uma ferida muito grande para cicatrizar.

— E você ainda não sabe o mais impactante de tudo — disse Kaspar, ajeitando as pernas de sua calça perfeitamente passada.

— Não, por favor! — supliquei, muito séria —, não me mortifique mais!

— Sei que é difícil, mas deve me escutar. Depois você decide.

Soltei um suspiro tão profundo e tão longo que me esvaziei feito um odre.

— Como cristã e católica — afirmou com decisão —, você sempre acreditou que as heresias surgiram *a posteriori*, como uma degeneração, ou má interpretação, da verdadeira mensagem de Jesus^[6], não é verdade?

— Sim, exato — admiti, já totalmente desarmada.

— Mas, se você analisar tudo o que descobrimos até agora, vai se dar conta de um detalhe importante. Como sabemos, no Concílio de Jerusalém do ano 50, Paulo enfrentou os apóstolos, presididos por São Tiago, o irmão do Senhor, dizendo que, para ser cristão, não é necessário se converter antes ao judaísmo e, portanto, não é necessária a circuncisão, que era o problema principal com os gentios.

— Certo — murmurei.

— Mas, se você eliminar Paulo da equação, resta o fato de que os apóstolos, presididos por São Tiago, o irmão do Senhor, alegavam que, para ser cristão, era preciso antes ser judeu ou ter se convertido ao judaísmo e se circuncidar, ou

batizar, no caso das mulheres. Está tudo nos Atos, capítulo 15. Pode conferir.

Aquilo estava começando a ficar feio.

— Os apóstolos e São Tiago, o irmão do Senhor, haviam estado com Jesus, conversado com Ele, vivido com Ele e escutado sua mensagem. Paulo nunca conheceu Jesus pessoalmente e passou a vida defendendo sua condição de apóstolo por nomeação milagrosa no caminho de Damasco. Tire suas próprias conclusões.

Eu não queria tirá-las. E não queria porque a postura dos apóstolos era muito, muitíssimo parecida com a dos ebionitas.

— Pouco depois do Concílio de Jerusalém, onde chegaram com dificuldade a um acordo de conciliação, Paulo decide ignorá-lo completamente e se tornar independente. No ano 54, faz uma declaração, com a carta aos Gálatas, em que deixa tudo bem claro. Renega totalmente as ideias dos apóstolos e de São Tiago, o irmão do Senhor, mas, como não pode criticá-los abertamente porque, afinal, eles são quem são, lhes dá outros nomes: às vezes chama-os de judaizantes e, em outras ocasiões, de pobres.^[7]

— Pobres...? — chegamos ao miolo do pão.

— Exato, os pobres de Jerusalém, que eram os membros da comunidade de Jerusalém, os que observavam as leis judaicas e seguiam fortemente ancorados ao que havia dito e feito Jesus. Mas, quando os chama de pobres, escreve em grego. Se tivesse escrito em hebraico, os teria chamado de *ebyonim*, ou ebionitas.

— Espere um momento — interrompi.

Só queria que ele calasse a boca, que não continuasse a falar. Mas ele não fez isso:

— São Tiago, o irmão do Senhor, é, indubitavelmente, o *Yaakov ben Yehosef akhuy d'Yeshua ha-Mashiah* dos ossuários, porque o nome de São Tiago que aparece no Novo Testamento é a derivação de Sancti Iacob, São Jacob em latim. Esse São Tiago-Jacob morreu no ano 62, segundo o historiador judeu Flavio Josefo, e quem o sucedeu frente à Igreja de Jerusalém foi outro parente do Senhor, Simeão, que Eusébio de Cesareia, três séculos depois, disse ser primo do Salvador^[8], mas bem poderia se tratar do *Shimeon ben Yehosef akhuy d'Yeshua há-Mashiah*, dos ossuários, já que primo era o parentesco dado aos irmãos de Jesus na versão grega de Paulo, posto que Jesus não poderia ter irmãos porque era Deus e filho de uma mulher que sempre foi virgem. No entanto, se você procurar na lista oficial de papas

da Igreja católica, verá que nenhum deles aparece: depois de Pedro, os primeiros são todos discípulos de Paulo. Chegaram até esse ponto apagando, mudando e reescrevendo a história.

Eu começava a sentir uma terrível dor de cabeça. Não queria escutar mais nada nem saber mais nada. Procuraria os ossuários porque havia me comprometido a fazê-lo, mas não estava disposta a perder nem a minha vida, nem a fé que moldava minha vida.

— Bem, vejamos — eu disse irritadíssima e deixando muito claro como estava perigosa naquele momento —, que diabos está rolando entre você e Abby? Estão juntos ou o quê?

A voz do comandante da aeronave surgiu para estragar a resposta. Com tudo o que aquilo me havia custado! Praticamente, toda uma nova história do cristianismo. O grande imbecil anunciava que não faltava nada para aterrissarmos no aeroporto Ben Gurion, de Tel Aviv, e que o tempo estava excelente.

— Responde! — exige da Rocha, recostando as mãos nos apoios de braços para me inclinar ameaçadoramente em sua direção.

O ex-Catão sorriu (ou algo assim) e ajeitou com cuidado o colarinho do casaco.

— Bem — respondeu por fim, depois de destroçar meus nervos várias vezes —, Abby está encarregada de investir o meu dinheiro, o que eu tinha antes de ser Catão. Sabe como é, a herança da minha família na Suíça, as contas bancárias, o apartamento em Roma...

Se tivessem me perfurado, não cairia uma gota de sangue.

— Abby está investindo seu dinheiro? — exclamei com os olhos feito bolas de tênis, já escutando ruídos nos quartos dos que tiveram a sorte de dormir.

— Como não vou permitir — respondeu muito tranquilo — que a presidente do SFG, o Simonson Finance Group, que abarca mais de trinta bancos de investimento no mundo todo, gerencie o meu patrimônio? Seria burro de não fazer isso, não acha?

Capítulo 23

Não poderíamos pôr os pés em Israel em um momento pior. Bem, talvez sim, porque bem se sabe como as coisas são por lá, mas aquele era bastante ruim: pouco depois de comermos (no Hilton Tel Aviv, onde estávamos hospedados, porque lá os Simonson não possuíam um hotel), os cadáveres de três rapazes judeus sequestrados na Cisjordânia dezoito dias antes foram encontrados, escondidos sob um monte de pedras a noroeste da cidade de Hebrom. O governo israelense alegava que o sequestro e o assassinato haviam sido executados pela organização terrorista Hamas, o Movimento de Resistência Islâmico, de modo que Israel estava mais uma vez em pé de guerra, e viajar, locomover-se ou até mesmo sair na rua era praticamente impossível, e isso porque não estávamos em Jerusalém, mas em Tel Aviv, muito mais tranquila e segura. Tivemos, portanto, que ficar no hotel e deixar o trabalho de campo para o dia seguinte, ainda que sequer soubéssemos se seria possível.

Também estava hospedado no Hilton, e também sob identidade falsa, o arqueólogo da Fundação Aga Khan para a

Cultura que nos acompanharia na busca pelos ossuários. Só que não era um arqueólogo, e sim uma arqueóloga, Sabira Tamir, uma mulher com trinta e cinco ou trinta e seis anos, magra, não muito alta, que usava solto o cabelo castanho dourado, tinha a pele morena e, em contraste com a pobre Abby, era muito bonita. Usava um brilhante muito pequeno na narina esquerda, tinha as sobrancelhas magnificamente feitas, descrevendo um arco longo e delicado sobre os olhos pretos, e lábios suavemente pintados, emoldurando dentes brancos e perfeitos. Além disso, Sabira era da Turquia, embora de origem curda, nascida em Diyarbakir, a capital da parte oriental da Anatólia. E, cabe dizer, era uma Assassina, ou seja... Bem, ela era uma ismaelita nizarim. Não sei por que os ismaelitas despertavam tanto a minha curiosidade, mesmo sabendo que não tinham nada a ver com seus antecessores medievais. Sabira era encantadora e, quando tiveram início as conversas sobre a questão dos ossuários na grande sala da suíte de Abby, demonstrou ser também um cérebro de alto nível. Kaspar, Farag e os guardas de segurança que levávamos a tiracolo não conseguiam desviar os olhos dela nem por um segundo, para meu despeito e humilhação de Abby. Claro que, como era inevitável, as costelas de Farag levaram as cotoveladas necessárias e

oportunas. Cabe mencionar que não eram ciúmes. Era apenas justiça.

Também apareceu no Hilton naquela noite, com quarto reservado pela Fundação Simonson, um tal de Gilad Abravanel, arqueólogo e acadêmico, subdiretor do Instituto de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, aluno e agora colaborador dos famosos arqueólogos Israëel Finkelstein e Neil Asher Silberman^[1]. Havia sido contratado pela Fundação para trabalhar conosco porque, ao procurarem um bom especialista em arqueologia bíblica, haviam descoberto que Gilad tinha publicado inúmeros trabalhos sobre antigos assentamentos judaicos em Israel e na Palestina, dentre eles um doutíssimo sobre os assentamentos em Susya durante os últimos três mil anos. E Susya era precisamente o que estávamos procurando.

Gilad era alto e atlético e devia estar vindo direto de alguma escavação, porque sua pele branquíssima estava queimada no rosto e nos braços. E quando digo queimada não quero dizer bronzeada, quero dizer literalmente queimada, vermelha. Com certeza, não dispunha de melanina suficiente no corpo para ficar moreno, o que denunciava uma origem genética europeia, por mais que tivesse nariz de judeu e cabelo curto encaracolado pendendo

para o ruivo e por mais escuros que fossem os seus olhos. Também era muito simpático, e fomos relaxando ao nos darmos conta de que a equipe, ainda que ampliada por desconhecidos, podia funcionar bem.

— O importante agora — disse-nos Abby naquela noite, enquanto escutávamos os gritos das manifestações de protesto nas ruas pela morte dos jovens da Cisjordânia — é compartilharmos as informações que cada um tem e estabelecermos um plano de trabalho.

Abby desempenhava, com naturalidade e elegância, o papel de coordenadora e diretora executiva do grupo. Desde o terrível atentado contra os seus avós, ocorrera nela uma mudança significativa: a boa, romântica e doce Abby que havíamos conhecido na mansão Simonson havia se transformado na enérgica e decidida diretora que, na realidade, devia ser desde o início, visto que, como dissera Kaspar, seu emprego era o cargo de presidência do Simonson Finance Group, ou seja, ela dirigia um monte de bancos ao redor do mundo, e eu não era capaz de imaginar a sensível Abby desempenhando esse papel, mas sim a Abby enérgica que estava agora à nossa frente. O que não havia ficado claro para mim era se estava rolando ou não alguma coisa entre Kaspar e ela, porque o maldito ex-Catão escapara de mim

como areia entre os dedos justo quando estávamos prestes a aterrissar.

— Acho que, antes — objetou Gilad, que usava jeans gastos e uma camiseta cinza de algodão que demarcava estupendamente todos os músculos de seu peito —, a senhora devia explicar para mim e Sabira a natureza deste trabalho.

— Sabira já sabe — declarou Abby. — O único que ainda não está inteirado é você. De toda forma, antes de entrar nesse assunto, devo informar a todos que você assinou um contrato com cláusula de confidencialidade, para que se sintam livres para falar na sua frente.

Gilad sorriu e olhou para Sabira, decepcionado por não compartilhar com ela a categoria de novato. Claramente, como não sabia que era Assassina, gostava dela, mas Sabira parecia mais interessada em suas anotações.

— Trabalhar com os descobridores do mausoléu de Constantino — disse lisonjeiro o arqueólogo israelense — é uma oportunidade que não pode ser desprezada, muito menos trabalhar para a Fundação Simonson.

Muito mausoléu e muita Fundação Simonson, sim, mas, assim que se inteirou da história, quando ouviu falar nos ossuários, seus olhos brilharam como ônix e ele transbordou

de emoção. Claro que não lhe contamos tudo. Omitiram-se detalhes menores, como Marco Polo (que eu já considerava meu), a seita dos Assassinos e, sim, também o resto da história. Abby nem mencionou que Sabira era ismaelita e que os restos de Hassan i-Sabbah estavam com os de Jesus. Só lhe informou da descoberta em Kerala, em uma escavação da Fundação, de um antigo livro com uma lenda ainda mais antiga que falava sobre os ossuários, segundo a qual haviam sido escondidos em Susya por uma estranha seita judaica. Naquele ponto, o rosto dele se obscureceu.

— Não estão em Susya. Isso eu posso garantir — declarou com firmeza.

Ninguém falou. Estávamos surpresos, mas, sobretudo, preocupados.

— Por que tem tanta certeza? — perguntou rudemente o ex-Catão.

Gilad se sobressaltou um pouco.

— Conheço Susya como a palma de minha mão — respondeu. — Morei lá enquanto escavávamos na antiga sinagoga. Conheço cada palmo de chão, os antigos banhos, as cavernas... Não vi nada parecido com isso, e como agora é impossível ir a Susya...

— O que você disse? — exclamei.

— Bem, dra. Salina, neste momento não podemos nos deslocar até Susya. Você não sabia que fica ao sul de Hebrom, em plena Cisjordânia?

Todos nos viramos para olhar Abby e ver o que tinha a dizer. Mas ela, como Kaspar, agora tinha a capacidade de não demonstrar nada em seu rosto.

— Não se preocupem — disse a todos, ainda que olhasse para mim. — Já está resolvido. Viajaremos amanhã de manhã.

— Abby, pelo amor de Deus — supliquei para não gritar na frente de desconhecidos —, você quer nos meter em plena guerra, no território mais perigoso do conflito entre judeus e palestinos. Vamos esperar alguns dias. Será muito mais prudente.

Ela sorriu, compreendendo que eu estava me controlando para não perder as estribeiras.

— A guerra não é na Cisjordânia, ainda que os sequestros e assassinatos tenham ocorrido lá — explicou-me. — A guerra é na Faixa de Gaza, território sob controle do Hamas. São duas zonas diferentes. A Cisjordânia está nas mãos da Autoridade Nacional Palestina, que não é um grupo terrorista como o Hamas. Segundo me informou Moshé Yaalon, o ministro da Defesa israelense, Israel planeja atacar

Gaza, não a Cisjordânia, e, além disso, durante estas últimas semanas, até terem sido encontrados os corpos dos rapazes, o Exército israelense, com a ajuda de unidades de elite e antiterroristas, já limpou a Cisjordânia de membros do Hamas. O ministro nos garantiu pessoalmente proteção absoluta.

Os Simonson eram absolutamente todo-poderosos, pensei, sobressaltada. Uma coisa era vê-los em periódicos mais ou menos frívolos ou em conferências econômicas internacionais, e outra muito diferente era tê-los diante de si e comprovar em primeira mão até onde chegava a sua influência, que desconhecia limites.

Naquela noite, na cama, recostada em Farag, que olhava para o teto em sua cômoda posição horizontal com um braço sob a cabeça, botei para fora, enfim, o medo que sentia:

— Vamos morrer — afirmei, angustiada.

— Não vamos morrer, *basileia* — tranquilizou-me.

— Se morrermos, como Isabella sairá do Paraíso Terreno?

Não pode acabar virando staurofílax!

— Você está delirando — respondeu, apertando mais forte o braço que circundava meus ombros. — Não diga bobagens, vamos.

— Mas, Farag, um desses foguetes que os palestinos e judeus disparam entre si pode cair sobre nós por acidente. Você não viu as imagens na televisão? São horríveis.

— Bem, se vamos morrer amanhã — sussurrou em meu ouvido, como se fosse preciso —, deveríamos aproveitar nossa última noite de vida. O que você acha?

— Acho uma boa — admiti, erguendo a cabeça em sua direção até deixar meus lábios na altura dos seus. — Mais que isso, acho uma ideia excelente. Não consigo imaginar uma maneira melhor de me despedir da vida.

O certo é que já havia algum tempo, desde que começara aquela história, que praticamente não conseguíamos fazer amor. Então, como poderia dizer para que ninguém se sinta humilhado ou fique triste com as comparações...? Bem, foi insuperável, incrível e maravilhoso. Nas relações longas, quando os anos já levaram a novidade e a surpresa, o conhecimento mútuo e o amor realizam sua magia da mesma maneira... de vez em quando. E aquele foi um desses quandos. Eu não poderia amar Farag mais, nem desejá-lo mais, nem desfrutar mais daquele corpo que era só meu havia tanto tempo. Então me despedi da vida com prazer, com muito prazer, mas não morremos no dia seguinte, tampouco durante os dias seguintes, ainda que em mais de

uma ocasião tenha faltado pouco por culpa dos malditos ebionitas. Mas devo admitir que a despedida valeu a pena.

Às cinco da madrugada de primeiro de julho, decolamos do aeroporto de Tel Aviv em um helicóptero enorme, com pinta de helicóptero militar camuflado de civil, idêntico a outros sete ou oito que decolaram ao mesmo tempo que o nosso e nos circundaram, voando conosco em direção à cidade ebionita de Susya. Enquanto voávamos em um céu profundamente azul atravessado por tiras longas e suaves de nuvens muito brancas, lembrei com certa carga de incômodo e indignação o que Gilad havia nos contado na tarde anterior: sendo verdade (e eu admitia isso) que a importante sinagoga judia de Susya, uma das mais antigas do mundo, do século IV, abrigava um mosaico no chão com um texto em aramaico que falava sobre “Yeshúa, o mártir”, tratava-se apenas de uma mera casualidade; não significava, nem de longe, que a sinagoga tivesse sido uma igreja cristã, mas, pelo contrário, evidenciava de forma inquestionável a presença judia (e apenas judia) naquelas terras desde o século III. Aquele Yeshúa mencionado no mosaico não podia ser, de nenhuma maneira, Jesus de Nazaré, e os muito importantes arqueólogos judeus que haviam estudado o

mosaico desde 1937, quando foi descoberta a sinagoga, não haviam visto nada de cristão nele.

Um texto em aramaico falando de Jesus na sinagoga de Susya...? Ficamos muito atordoados durante alguns segundos. Lá estava a nossa pista! O que dizia aquele texto, perguntamos avidamente a Gilad. Mas Gilad já não lembrava bem, porque não era um detalhe importante; algo sobre aquele Yeshúa ter sido um mártir ou dado a própria vida como prova de alguma coisa. Mas, bem, veríamos isso no dia seguinte, então melhor ficarmos tranquilos. Ele nos traduziria com facilidade.

De maneira que lá estávamos nós, viajando à antiga Susya de helicóptero e sobrevoando territórios em permanente conflito armado entre judeus e palestinos. Melhor não pensar em mortos nem em morte nem em conflitos mortais enquanto minha vida dependesse de uma máquina que podia ser apagada do céu por um míssil antiaéreo em menos de um piscar de olhos. Sim, aquilo era a Terra Santa e, cada vez que eu a visitava, me surpreendia com a ideia de que um lugar tão sagrado para três religiões diferentes fosse justamente a região mais banhada em sangue, ódio e rancor do mundo. Não entendia, por mais que pensasse naquilo. Onde a religião e a política se juntavam, sempre havia mortes e dor,

como ali, em Israel, ou no Tibete, por exemplo. Melhor manter as duas coisas separadas sempre que possível.

Viajávamos sem poder falar devido ao espantoso ruído produzido pelas hélices do helicóptero, e somente Kaspar, que voava ao lado do piloto, mantinha com este uma conversa amena através do microfone do capacete que tinha na cabeça. Em um dado momento, Kaspar se virou para nós e, apontando para baixo, mostrou-nos uma pequena lousa em que se lia “Hebrom. Tumba dos Patriarcas”. Sobrevoávamos o coração do antigo reino da Judeia, ainda que, ao espiarmos pelas janelinhas, tenhamos visto apenas uma cidade normal e corriqueira. Mas não, ela não era, porque, como muito bem havia escrito Kaspar, lá embaixo se encontravam, com bastante certeza histórica e arqueológica, as tumbas de Abraão e Sara, de Isaac e Rebeca e de Jacob e Lia. Os três patriarcas de Israel e suas mulheres, ninguém mais ninguém menos. No Antigo Testamento,^[2] narrava-se com todos os detalhes como Abraão havia comprado de um hitita chamado Efron um terreno em Hebrom com uma caverna que queria utilizar como mausoléu familiar. O lugar estava perfeitamente situado e as referências bíblicas eram muito precisas, de modo que lá embaixo se encontrava, sem dúvida, a famosa tumba de Abraão, Isaac e Jacob, um lugar

que os cristãos, à diferença dos judeus e muçulmanos, raramente visitavam.

E de lá, de Hebrom e de suas redondezas, vinham os três garotos judeus assassinados pelo Hamas que seriam enterrados naquela mesma terça-feira, primeiro de julho. No entanto, o mais triste de tudo foi que, no dia seguinte, outro garoto, um palestino, foi assassinado em Jerusalém como vingança. Olho por olho, dente por dente. Que absurdo! Aquele não era o jeito certo. Nunca seria, porque assim jamais se colocaria um fim na espiral de ódio. Alguém teria que ser o primeiro a tirar o dedo do gatilho para que tantas pessoas deixassem de sofrer e o rancor tivesse fim. Com o argumento de que há outra vida depois desta, nunca se deu a esta o respeito e o cuidado que merece. E a vida é sagrada, pelo amor de Deus!

Por fim, aquela bateria de helicópteros gigantescos entre os quais nos camuflávamos começou a descer com um grande estrépito, erguendo grandes massas de poeira até encostar os trens de pouso em terra, em um descampado dentro do espaço protegido da zona arqueológica cujo centro era a famosa sinagoga. Perto dali ficava a Susya moderna, um povoadinho de criação recente que, pela aparência quando visto de cima (uma dessas grandes urbanizações de

chalés idênticos erguidos de ambos os lados de uma estrada serpenteante), só podia ser um assentamento judeu.

Sentimos a sacudida quando nosso helicóptero tocou a terra e escutamos os motores desligando, mas, como pelas janelas não era possível ver nada, os cinco que viajávamos na cabine posterior (Farag, Abby, Sabira, Gilad e eu) ficamos imóveis e com cara de sonsos até que, ainda com as pás da hélice girando, alguém afoito abriu a porta de repente e fomos envolvidos por uma imensa quantidade de pó e pedrinhas voadoras. Além disso, fomos pegos de jeito por uma camada de ar torridamente quente.

— Kaspar! — uivei quando identifiquei o culpado em meio às sombras.

— Ah, opa, desculpas! — disse, estendendo a mão para que Abby fosse a primeira a descer. Ou seja, as senhoras de meia-idade já não tinham direito a certas deferências. Ou isso, ou Abby geria muito bem os fundos de Kaspar, pensei com mau humor.

Por fim, a nuvem de poeira se dissipou e pude olhar ao redor sem ficar cega por causa da saraivada de estilhaços. Bem, na realidade não havia muito que ver, já que aquele lugar lembrava, como um grão de areia lembra outro, o planeta Tatooine, o mundo desértico de *Guerra nas estrelas*.

Em outras palavras, um sol abrasador sobre uma terra abrasada cheia de restos arqueológicos abrasados, e tudo de uma só cor, aquele bege claro das dunas que seca as mucosas do corpo só de olhar. Aquela era Susya e, após vê-la, minha vontade era de subir outra vez no helicóptero, retornar ao Hilton Tel Aviv e beber até a água dos vasos de plantas.

— Como uma cidade pôde prosperar aqui durante séculos? — perguntei, sentindo a boca pastosa devido à terra que havia engolido e colocando a mão na testa para servir de viseira. — Não há quem resista a esse calor!

Estávamos rodeados de um silêncio sepulcral, quebrado apenas pelo canto monótono dos grilos e por nossas vozes. Ninguém desceu dos outros helicópteros, e o piloto do nosso ficou em seu assento nos olhando através do para-brisa e de seus óculos escuros. Eram todos do Exército, com certeza. Aquela disciplina não deixava muito espaço para dúvidas. Provavelmente estavam armados até os dentes.

Uma figura se interpôs subitamente entre mim e a luz radiante, encaixando em minhas orelhas e no nariz uns óculos de sol.

— Distraída — disse o meu marido, que sem os seus, com aqueles belos olhos claros que tinha, ficava cego como um morcego.

Sejamos sinceros. Farag adorava ter a oportunidade de mostrar como a minha vida seria terrível e amarga se ele não estivesse ao meu lado. E, como era verdade, eu me despreocupava totalmente com um monte de coisas.

Coloquei meus belos e elegantes óculos e, naquele momento, Gilad, que já caminhava em direção a um estranho recinto de silhares de pedra coberto por um enorme toldo preto e situado sobre uma elevação distante do terreno, exclamou:

— Calcula-se que a população média de Susya sempre ficou em torno dos três mil habitantes. Viviam em casas de pedra sob as quais havia cavernas subterrâneas muito frescas, que utilizavam como armazém, dormitório ou área de banho ritual.

A imagem de uma piscina de águas azuis e geladas me veio à mente como o desejo mais urgente de minha vida. Mas lá só havia pedregulhos e grilos incansáveis sob um sol de matar.

Conforme subíamos e nos aproximávamos do local de silhares, começamos a distinguir suas diferentes partes. Tratava-se da importante sinagoga de Susya. O que mais se destacava, de fato, era o moderno toldo preto que a protegia do sol. Devíamos chegar o quanto antes e nos guarnecer sob

aquele toldo, ou teríamos uma insolação memorável. Apertei o passo. A parede de silhares já se abria à nossa frente e, atrás dela, à esquerda, havia uma enorme pedra circular, mais alta que uma pessoa, posicionada na vertical como uma roda e com um estranho buraquinho no centro.

— O que é essa pedra? — perguntou o meu marido.

— A porta — respondeu Gilad, sem parar de andar. — A parede é dupla e a pedra girava pelo centro para interceptar a entrada em caso de perigo. Era o sistema utilizado tanto nas sinagogas como nos sepulcros e armazéns. Introduziam um pedaço de pau neste buraco do centro para girá-la. Como podem ver, é uma forma totalmente segura de proteger o que é importante.

— Segundo os evangelhos — comentou Abby —, o sepulcro de Jesus tinha uma porta como esta.

Reparei na posição do Sol e no horário que o meu relógio marcava e percebi que a sinagoga estava orientada para o leste, para o Oriente, como as igrejas cristãs, que haviam herdado essa tradição do judaísmo. Atravessamos a abertura da parede e subimos os modernos degraus de madeira (Kaspar, coitado, subiu mancando um pouco), passamos sob um arco de volta perfeita muito bem conservado – havia outros dois, geminados por colunas, também em bom estado

– e, quando eu já tinha a sombra do toldo ao alcance da mão e de minha cabeça calcinada, Gilad subiu aos saltos cinco grandes degraus de pedra e virou à direita no que algum dia havia sido o átrio daquela sinagoga, ajoelhando-se diante de um mosaico no chão que representava uma sanefa de laminado vermelho e entalhes pretos em volutas.

— Aqui — disse, apontando com o dedo. — Aqui é mencionado o tal Yeshúa.

Nós cinco, que restávamos, já ignorando qualquer incômodo, fomos até onde estavam Gilad e o mosaico e nos reunimos à sua frente, de cócoras ou ajoelhados como o arqueólogo israelense. Na parte superior da sanefa de laminado vermelho com forma de coração, em um pequeno ribete, viam-se estranhas letras apertadas que pareciam pertencer ao alfabeto hebraico. Mas era aramaico, a língua que Jesus falava. E eu logo escutaria o idioma pela primeira vez na vida:

— *Dachiram latav* — começou a ler Gilad em voz alta—, *menechama Yeshua sahada, u'menechama Shim...* Podemos presumir que a última palavra, que está cortada, é Simeão.

— O que diz o texto? — a impaciência na voz de Abby me fez virar a cabeça para observá-la. Nunca a vi tão nervosa. Sabira, por sua vez, tomava notas em um caderno como se

soubesse escrever aramaico ou tivesse entendido o que Gilad havia dito.

— “Lembrado para o bem é o consolador Yeshúa” — traduziu Gilad —, “que morreu como mártir, e o consolador Simeão...”. Não fala de Jesus de Nazaré, como podem ver, fala de dois consoladores, Yeshúa e Simeão, dois judeus da comunidade de Susya, talvez dois rabinos importantes.

— Isso é pura especulação — cortou Sabira, ficando de pé para tirar fotografias do mosaico. — A palavra cortada poderia ser qualquer palavra aramaica. Não há maiúsculas nem nada que indique que se trata de um nome próprio. O texto poderia continuar falando sobre Yeshúa.

Gilad, que estava totalmente deslumbrado com a atraente Sabira, lutou durante alguns segundos entre seu nacionalismo judeu e seu imperioso desejo de agradar à arqueóloga Assassina. Pois então, venceu a arqueóloga.

— Sim, bem — titubeou, também se levantando —, poderia ser qualquer palavra. Na realidade, nunca saberemos. Nós, arqueólogos, tendemos a ver uma vasilha completa em um fragmento de cerâmica.

— É verdade — admitiu Farag. — Mas isso não nos ajuda a encontrar os ossuários.

— Continuamos sem saber onde estão — grunhiu a Rocha.

Enquanto os outros tagarelavam, eu observava a bela sanefa laminada e o texto em aramaico. Não saberia datar o mosaico, mas, de qualquer forma, ele comunicava muito claramente, ao menos para quem estava ciente da existência dos ebionitas, que aquela sinagoga havia sido o templo de uma comunidade de judeus que acreditavam em Jesus, acreditavam que Jesus era o Messias, “o consolador”, com sua mensagem de justiça e sua morte honrosa (no mosaico, não se atribuía a ele nenhum tipo de condição divina, tampouco se falava em ressurreição). Não era uma igreja, é verdade, mas ali haviam rezado judeus cristãos durante séculos, ainda que para a atual Israel fossem apenas judeus e fossem nada para a Igreja católica, que os apagara de sua história e se esquecera deles. Judeus cristãos desprezados pelos judeus e desprezados pelos cristãos. É no que dá ser diferente, não se juntar às correntes majoritárias e aos pensamentos únicos que sempre prevalecem.

— Pense, Gilad! — exigia Abby do arqueólogo quando me levantei para me unir ao grupo, que permanecia debaixo do sol e sobre as pedras quentes sem se dar conta disso nem buscar a sombra.

— Claro que há inscrições nas cavernas! — defendia-se ele. — Mas são desenhos sem sentido. Os judeus que viveram aqui eram humildes agricultores. O que você esperava? Uma biblioteca? Só os rabinos sabiam ler e escrever.

— Quero ver esses desenhos — resmungou Kaspar, coxeando em direção aos degraus.

— São só garranchos! — protestou Gilad, que exibia manchas de suor cada vez maiores em sua camiseta. Nós também suávamos, mas não usávamos roupas justas marcando o abdome. — Além disso, ficam longe daqui. Devíamos esperar o sol baixar.

— Não temos tempo — murmurou Abby, tirando o celular do bolso da calça jeans, que caía como uma luva em sua cintura e suas pernas perfeitas.

— Mas ainda não vimos a sinagoga por dentro — objetou Sabira, pressionando com força o bloco de anotações no peito.

— Então vamos — disse Kaspar, finalmente entrando debaixo do toldo.

Se aquilo havia sido uma sinagoga, eu já havia visto caçambas de entulho bem maiores. Claro que, para uma comunidade tão pequena quanto a de Susya, não era preciso

muito mais do que aquilo. Tinha formato retangular, com uns dez metros por quinze, aproximadamente, mas, em vez de ter o *bimah* (a plataforma para leitura da Torá) no centro do recinto, este ficava à direita, na face norte do edifício, e as arquibancadas de pedra ficavam em torno das paredes. No chão, viam-se painéis de mosaicos bastante deteriorados e com muitos segmentos perdidos, representando menorás (candelabros típicos judaicos com sete braços), cervos, carneiros, belas rodas zodiacais e alguns motivos de flores e frutas.

Ainda estávamos aproveitando a sombra do toldo e percorrendo a sinagoga quando, levantando uma grande poeira, dois veículos militares se aproximaram ruidosamente por uma estrada de terra, quicando sobre o solo irregular. Pararam diante da entrada e um soldado israelense saiu para nos procurar com um fuzil automático na mão direita, apontado para baixo, e um colete com bolsos repletos de munição de onde saíam antenas e microfones como se ele fosse um astronauta.

Abby se adiantou para falar com ele, e o soldado, após ouvi-la atentamente, assentiu com a cabeça e retornou ao veículo, que, visto mais de perto, era um jipe blindado equipado com artilharia. Abby fez sinais para que todos,

menos Gilad, subíssemos no segundo carro. O arqueólogo e ela iriam no primeiro. Ali estávamos vendo uma presidente executiva que sabia utilizar perfeitamente a sua autoridade. Mandava até mesmo no Exército israelense. Embora, para mim, tantas armas e tanta munição causassem mal-estar.

Depois de um tempo seguindo por estradas solitárias, deixamos a zona arqueológica, cruzamos um grande portão de ferro e ingressamos, por caminhos sem sinalização, entre campos de plantação onde eram abundantes as olivas e o feno. De onde diabos tiravam a água para aquele novo verdor que meus olhos contemplavam? Deduzi que devia haver algum aquífero subterrâneo em toda a região, pois de algum lugar tinha que sair a água para os banhos rituais nas cavernas encontradas sob as antigas casas de Susya.

Em pouco tempo, os blindados pararam de repente, com uma freada rápida, sacudindo-nos como sacos para todos os lados. O braço de Farag me segurou pelos ombros para evitar que eu caísse. A estradinha terminava ali. Saímos dos veículos e, escoltados por aqueles soldados e guiados por Gilad, embrenhamo-nos em um bosque de pinheiros de tronco fino e copas em forma de ponta de flecha. O arqueólogo judeu caminhava determinado, como se conhecesse muito bem aquela zona.

Cerca de duzentos metros adiante, chegamos a uma clareira. O solo não parecia muito firme, já que era formado por imensas lajes de pedra que permitiam ver a entrada para diversas cavernas escuras.

— Eu não cogito entrar aí dentro — sussurrei a Farag, pegando na mão dele.

Gilad e Abby, seguidos por dois soldados com grandes lanternas, agacharam-se para passar por debaixo de uma das lajes, a maior e mais espessa. Kaspar não pensou duas vezes e foi atrás deles, acompanhado também por um soldado que olhava em todas as direções como se fossem nos atacar a qualquer momento. Sabira entrou depois, inclinada sobre o caderninho e auxiliada por outro soldado que parecia fascinado com a protegida que lhe designaram. *Se soubesse que é uma Assassina!*, pensei sorrindo. E, de repente, a mão de Farag me puxou, pegando-me desprevenida, e me arrastou até a caverna.

— Não, Farag! — exclamei, opondo-me com todas as forças. — Não vou entrar! Tenho certeza de que há montes de insetos.

— Provavelmente — disse o meu marido, colocando a mão em minha nuca e me agachando para que eu pudesse passar pela entrada. Lutei e me debati, mas não consegui

escapar de Farag. Não que ele tenha feito muita força ou que eu tenha me defendido muito, para ser honesta. São os protocolos de conhecimento mútuo.

Aquele lugar cheirava mal e estava terrivelmente sujo, além de ser horrível e tenebroso.

— Achamos que poderia ser outra sinagoga — explicava Gilad —, a que utilizavam quando corriam perigo e se refugiavam nas cavernas. Ao longo dos séculos, esta zona foi atacada por romanos, bizantinos, cruzados e muçulmanos. Na realidade, não sabemos ao certo porque não existe nenhuma referência a Susya na literatura judaica, nem qualquer registro em nenhum texto, judaico ou não. Tudo o que sabemos é através das escavações e dos dados históricos das localidades próximas.

O teto estava cheio de terríveis manchas negras que podiam ser tanto colônias de fungos quanto restos de fumaça de tochas. Para mim era indiferente, o nojo que eu sentia era o mesmo. E o chão era de terra misturada com ramos, folhas secas, excrementos de animais, agulhas dos pinheiros e pedras. Havia teias de aranha do tamanho de lençóis, indo de uma parede a outra, e aquela caverna circular era maior que a própria sinagoga do sítio arqueológico, além de fria e úmida, muito úmida. Logo

comecei a me sentir sebosa e pegajosa, e não era por causa do suor, mas por aquela umidade fedorenta.

— E os desenhos? — perguntou secamente Kaspar.

— Aqui — apontou Gilad, dirigindo-se a um extremo da caverna —, na parede norte.

Menos mal que as potentes lanternas dos soldados iluminavam tanto quanto holofotes e me permitiram comprovar que não havia nenhum perigo real à vista e eu podia seguir meu marido até a parede com os desenhos.

Sim, lá estavam, gravados na rocha e bem visíveis sob a luz, mas não eram garranchos como havia descrito Gilad. Eram desenhos primorosos e muito bem traçados, apesar de suas evidentes limitações. À primeira vista, descobri a narrativa, o relato dos fatos, e isso porque estavam ordenados ao contrário, como a escrita hebraica, mas, para quem leu Marco Polo e sabe o que ele disse sobre os ebionitas, o enigma se resolvia sozinho. Claro que não tinha como ser a mesma coisa para arqueólogos israelenses ansiosos para demonstrar a presença judaica em Israel desde o princípio dos tempos. Para eles, aquilo não fazia sentido. Mas para nós fazia. Aproximei-me da parede e, esquecendo o nojo, a sujeira e o medo de me cortar ou contrair alguma doença, fui passando um dedo sob os desenhos,

acompanhando a linha argumentativa. Ouvi exclamações atrás de mim conforme os meus companheiros percebiam o que eu tentava lhes mostrar.

E o que eu tentava mostrar era um primeiro entalhe, de oito retângulos pequenos formando um círculo em torno de outro, um pouco maior, que se destacava no centro, e também que os ebionitas de Susya haviam estado na Índia, em Kerala, como era possível ver no desenho seguinte, que representava um elefante com sua tromba, suas presas encurvadas para dentro e seu grande rabo. Depois, de Kerala, haviam empreendido uma grande viagem por mar enfrentando imensos perigos, como contava o entalhe de uma embarcação com seu mastro, sua vela e seu casco, que aparecia quase na vertical sobre ondas muito altas. Na continuação, haviam atravessado o deserto com uma longa caravana de camelos, que se podiam discernir por suas corcovas. Havia uma fila muito extensa deles, amarrados uns aos outros. E, por fim, a viagem terminava em um lugar de difícil compreensão, muito esquisito, sua representação parecia um rabisco, um garrancho sem sentido e enorme para as proporções do entalhe. Entre as poucas formas capazes de se distinguir, percebiam-se algumas ondas e longas patas, como as de uma mosca. E, próximo a essas

patas, repetia-se o desenho circular de oito pequenos retângulos em torno de outro um pouco maior. Ou seja, era como se uma mosca monstruosa houvesse engolido os ossuários. Mas havia mais um detalhe curioso: no final da pata descendente da direita, era possível ver uma espécie de iglu. Bem, obviamente não era um iglu, mas tinha exatamente essa aparência, ou seja, era um semicírculo cortado na horizontal com um quadradinho muito pequeno servindo de porta. Parecia ser o ponto de acesso aos ossuários.

— O que é isso, Gilad? — perguntei, virando-me em sua direção e apontando para o desenho.

— O que é isso? — repetiu, estranhando. — Já disse a vocês que nada aqui tem sentido.

— Tudo tem sentido — objetei com paciência —, e isso é algo realmente importante. Você reconhece a forma? É algum símbolo judaico?

Gilad começou a observar atentamente o desenho, procurando algo semelhante em sua base de dados mentais.

— Eu sei o que é — murmurou alguém, em inglês, às nossas costas.

Quem havia falado era um dos soldados do Exército israelense que nos acompanhavam. Todos nos viramos para

ele, embora não pudéssemos vê-lo porque estávamos cegos pelas lanternas.

— É Har Meron — disse a voz —, a montanha mais alta de Israel. Fica no norte, na Alta Galileia. Estão vendo o cume ondulado? E essa coisa pequena que está no pé, à direita, é a tumba de Hilel, o Ancião, o sábio que organizou a Mishná e o Talmude. A entrada para a tumba real é idêntica. Eu sou de Safed, um povoado próximo ao Meron, e conheço bem essa montanha e essa tumba.

Demorei um pouco para entender a ideia: os ossuários com os restos de Jesus de Nazaré e sua família estavam no interior de uma montanha?

Capítulo 24

Farag, na saída da suíte, não parava de tagarelar com Isabella enquanto eu tentava continuar dormindo apesar das risadas e do alvoroço que eles causavam. Havíamos voltado tarde de Susya no dia anterior e, após jantarmos rapidamente um sanduíche no bar do hotel, recolhemo-nos imediatamente aos nossos quartos com o plano de dormir o suficiente para recuperar as horas de sono perdidas desde Toronto e poder encarar adequadamente a visita ao monte Meron, que prevíamos ser complicada. Talvez fôssemos precisar da ajuda de espeleólogos ou alpinistas, era impossível adivinhar, e por essa razão devíamos antes visitar nós mesmos o lugar. Enfim, a questão era que precisávamos descansar, então não colocamos despertador. Para quê? Naquele dia, finalmente, não tínhamos pressa.

Então, por que Farag e Isabella estavam às gargalhadas do outro lado da porta do dormitório? Eu mataria os dois. Só queria dormir, e aqueles dois idiotas estavam me arrancando brutalmente do doce abraço dos sonhos. Aliás, o que Isabella estava fazendo lá?

Abri os olhos de repente.

Isabella...? Farag conversando com Isabella? Como...! E eu na cama?

O quarto estava às escuras, exceto pelo fino raio de luz que entrava pela porta entreaberta. Levantei de um salto e olhei o relógio. Nove da manhã em Israel. Descalça, corri até a salinha.

— Ora! — exclamou Farag ao me ver. — Sua tia acordou!

Ele disse a última frase virado para o *tablet*, que repousava na vertical sobre a mesa de café, como uma televisão, apoiado em um copo cheio de água.

— Tia! — exclamou o *tablet*.

— Isabella? — balbuciei, dirigindo-me até o sofá onde Farag estava sentado conversando com nossa sobrinha. Mas nossa sobrinha estava no Paraíso Terreno, a não sei quantos metros abaixo da terra, no maior complexo de cavernas do mundo. Era impossível que estivesse em uma videoconferência pela internet. No Paraíso não havia wi-fi.

— Tia, sente aí, não consigo ver seu rosto! — protestou minha sobrinha na tela do *tablet* de Farag.

Como estava linda! Tinha o sorriso mais bonito do mundo. Meu Deus, como eu sentia saudades! Com tantos afazeres, não havia me dado conta até aquele momento. Se

ela estivesse na minha frente, eu a teria coberto de beijos. Mas era melhor que não soubesse disso, senão iria exigí-los depois.

— Onde você está, Isabella? — perguntei desconfiada.

— E onde mais poderia estar, tia? — respondeu, muito contente. — Em Stauros, ué! Na capital do Paraíso Terreno! Não está vendo a minha roupa? — e puxou o tecido de seu *himation*, túnica branca de origem grega que era presa com fíbulas nos ombros.

— E desde quando há wi-fi no Paraíso? — perguntei com máxima desconfiança. Nem se estivesse bêbada engoliria a história de que os staurofílakes tinham internet.

— Kaspar a colocou há um ano — explicou-me Farag com bom humor. — Quando passaram a dispor de pessoas preparadas e segurança suficientes. Têm repetidores e antenas ao longo do Nilo, em casas particulares.

— E amplificadores de sinal — observou Isabella — para conseguir potência nessas profundezas.

— E eu achando — deixei escapar, indignada — que aí você não poderia usar seus *gadgets*!

— Bem, os contatos com o exterior são monitorados, tem isso — esclareceu minha sobrinha, passando as mãos na cabeça para ajeitar o cabelo com um gesto tão familiar que

me provocou uma pontada de saudade. — É questão de segurança. Para que não sejam detectados. Mas como já faz três dias que chegamos...

— Quatro — pontuou meu marido, ajustando o *tablet* para que a câmera nos focalizasse perfeitamente.

— E Linus? — perguntei.

— Sente-se em casa! — divertiu-se Isabella. — De fato é aqui que ele mora, no *basíleion*, o palácio do Catão, comigo, onde sempre viveu. Vai voltar ao colégio e passa os dias brincando com os amigos por aí.

— Não está lhe ajudando com o grego? — De repente, angustiou-me a ideia de que Isabella estivesse sozinha e isolada no meio daquela sociedade de fanáticos religiosos. — Como você se comunica com as pessoas?

— Tia... — desabafou, com uma expressão de cansaço —, aqui quase todo mundo fala inglês.

— Mas falavam grego bizantino quando nós estivemos aí! — protestei.

— E ainda falam — assentiu Isabella. — Entre eles. Comigo, falam inglês.

— Isso também foi Kaspar quem mudou — observou Farag.

— E quem cuida de você? — tudo bem, eu estava preocupada demais, admito.

— Ah, bem, muita gente!

— Muita gente...? Quem? — Eu queria nomes.

Minha sobrinha ergueu os olhos em direção ao céu, pedindo paciência diante da incompreensível demência de sua tia.

— Vejamos — disse, forçando a memória. — Haidé mandou lembranças. E também Ufa, que prometeu me ensinar a montar a cavalo. Ah, e Candace e Ahmose! E também não devo me esquecer de mandar um alô de Gete e Mirsgana, que, aliás, colocou na cabeça que devo aprender a remar, e não sei como dizer a ela que essa ideia não me apetece nem um pouco.

— Você não escapará dessa — adverti. — Quando Mirsgana se dispõe a fazer algo, consegue. Além disso, no Paraíso, todos os jovens remam por diversão. É como o esporte nacional.

— Já me explicaram isso — lamentou-se. — Mas é que não me apetece mesmo mesmo mesmo.

Se havia dito “mesmo” três vezes, a guerra entre Mirsgana e Isabella estava anunciada. Que pena perder isso! Embora eu já soubesse quem ia ganhar, claro.

— Tem um menino aqui — disse de repente — que prometeu me ajudar a me livrar do remo.

O que eu vi em seu rosto e escutei em sua voz que disparou todos os alarmes?

— Um menino...? — repeti, com a voz mais neutra que consegui. — Como ele se chama?

Se ela dissesse o nome, não haveria nenhum problema. Se resistisse, era porque gostava dele.

— Para que você quer saber, se nem o conhece? — protestou.

Gostava dele.

— Só por curiosidade — ofendi-me. — Conhecemos os pais dele?

— Não.

— Como você disse que ele se chama?

— Eu não disse.

— Por quê?

— Porque não é importante.

— Como não é importante? Se é um amigo...

— É um amigo.

— Chega! — interrompeu-nos Farag. — Estou pouco me lixando para o nome dele! Que conversa é essa? Temos pouco

tempo juntos e vocês começam a discutir pelo nome de um garoto.

Farag ia se ver comigo assim que encerrássemos a videoconferência, e a garota também, assim que voltasse para casa, o que ocorreria na velocidade da luz.

— Como se chama o seu amigo? — insisti, de cara feia.

— Tio Farag! — protestou a ingrata, buscando ajuda.

— *Basileia!* — recriminou-me o meu marido, dando um beliscão em minha perna, fora de quadro. — Ignore sua tia, por favor — pediu a Isabella. — Fale comigo.

Isabella me lançou, às escondidas, um rápido sorriso de vitória.

— Então, nada de mais, estou muito bem e gosto muito deste lugar — concluiu Isabella, erguendo uma das fíbulas da túnica que caía pelo ombro. Ainda não haviam costurado uma roupa especialmente para ela, dava para ver. — A comida é ótima. Ah, aliás, aqui todo mundo acha que Kaspar voltará.

— Talvez ele volte para buscar seu filho — assenti.

— Não. Que voltará para ser Catão outra vez — impacientou-se ela. — Achem mesmo que ele só precisa de um pouco de tempo. Não o estão levando a sério, nem pretendem procurar outra pessoa para o cargo.

— Caramba! Isso pode ser um problema — disse Farag, preocupado.

— Talvez ele volte — comentei, embora não estivesse muito segura disso.

— Não, Ottavia. Kaspar não vai voltar, posso garantir.

— Isabella, vá dizendo por aí — sugeri — que é melhor começarem a procurar outro Catão, por via das dúvidas.

— Você ligou para a minha mãe? — perguntou-nos nossa sobrinha à queima-roupa, como se já não pudesse aguentar mais ficar sem saber.

Farag e eu emudecemos.

— Não, querida, não telefonamos — disse o tio dela com pesar.

— É que o meu celular não funciona aqui, por isso pergunto.

O silêncio de sua mãe enchia Isabella de tristeza. E isso porque era desprendida. Senti a necessidade quase física de abraçar forte a minha sobrinha e consolá-la. Se pudesse matar minha irmã Águeda naquele momento, teria feito isso. Covarde! Tinha mais medo de Giacoma que amor por sua filha.

— Bom, não tem problema — murmurou ela, mentindo e voltando a erguer a túnica, que caía por seu ombro. — Se ela

telefonar, me avisem, tá?

— Claro.

Por sorte, o detalhe da túnica escorregadiça me tirou dos pensamentos tristes e fez com que eu me concentrasse no problema real:

— Voltando ao seu amigo, esse de quem você não quer falar nada — comentei. — Que idade tem?

— Ottavia! — censurou-me Farag.

— Vou lá! — exclamou a garota, despedindo-se, procurando o botão de desligar abaixo da câmera. — A tia Ottavia entrou no seu modo obsessivo-compulsivo.

— Cuide-se, Isabella — disse o seu tio —, e aproveite sua estadia no Paraíso. Se não tiver vontade de remar, não reme. Não se deixe manipular por Mirsgana.

— Muito cuidado com o que apronta, Isabella! — adverti, apontando para ela com o dedo Salina. — Vou me inteirar de tudo. Entendeu bem?

— Bem até demais — respondeu. — E, por isso, o que aprontar, aprontarei às escondidas.

— Isabella! — vociferei.

— Tchau, Isabella.

— Tchau, tio. Tomem cuidado no monte Meron. Me liguem, tudo bem? O celular de Kaspar tem o número

autorizado.

— Isabella! — exclamei de novo, mas ela já havia interrompido a videoconferência.

Meu marido se virou para me olhar com reprovação.

— Ottavia, ela tem dezenove anos! Se quiser dormir com alguém, vai dormir. Mas ela está no Paraíso Terreno, por Deus, lá todo mundo a vigia com curiosidade!

— Sim, claro, um lugar de grande pureza! Lembra onde fizemos amor pela primeira vez?

— Claro — sorriu. — Lá.

— Lá, exato! — exclamei. — Ela tem dezenove anos e está lá!

— Isabella tinha razão — confirmou o meu marido, abraçando-me. — Você entrou no modo obsessivo-compulsivo. Precisa voltar à normalidade. O disco está riscado.

— Não quero voltar à normalidade! Quero que a minha sobrinha saia do Paraíso e retorne para casa imediatamente!

— Mas, querida, nem sequer temos casa. Além disso, estamos em Israel.

Naquele momento, bateram na porta tão forte que, além de quase morrermos de susto, perdi o impulso obsessivo de repente. Como um soluço.

— É Kaspar — sussurrei para o meu marido; não poderia ser outra pessoa, com aquelas batidas. — Não abra.

Ele me beijou com tristeza. Ambos sabíamos, sem dizer, que algo havia acontecido.

— Se eu não abrir, vai derrubar a porta e entrar à força.

Ele tinha razão. Infelizmente, tinha razão. E a julgar pela sonoridade das batidas, faltavam exatamente dois segundos para que isso acontecesse.

Farag se levantou do sofá e se dirigiu até a entrada da suíte. Decidi que era o momento de me retirar rapidamente e segui com toda a pressa ao banheiro para tomar uma ducha. Algo me dizia que era melhor estar de banho tomado o quanto antes, porque sabia-se lá o que aconteceria nos próximos quinze minutos. Do banheiro, enquanto tirava o pijama, escutei as vozes de Kaspar e Farag, mas sem entender o que diziam, e, depois que entrei embaixo da água, nem isso ouvia. Pouco depois, a porta se abriu e meu marido entrou. Apesar de estar com uma expressão de contrariedade, sorriu ao me ver através do vidro e disse em bem alto para que eu escutasse:

— Gottfried Spitteler e Hartwig Rau estão em Meron, no povoado de Meron, ao pé do monte! Acabaram de chegar e se hospedaram em uma casa particular com um grupo de

sicários! Vou pedir para trazerem logo o café da manhã! Estamos de saída!

Este não é o meu dia, pensei ao ver a minha alma escorrendo pelo ralo. Minha sobrinha gostava de um staurofílax e os capangas de Tournier haviam se antecipado a nós e chegado a Meron. Eu estava me cansando de Tournier, Spitteler e Rau. E, como Isabella tivera a ideia de ir para a cama com o staurofílax, Roma queimaria de novo, e dessa vez seria eu a começar o fogo. Menos mal que eu estava debaixo da água, porque já me sentia perigosamente incendiária.

Tomei café da manhã sozinha, embora estivesse de frente para o meu marido, mas, como ele não parou de falar com Kaspar pelo celular enquanto comia, transformei-me em uma convidada de pedra que se limitava a escutar e desconfiar silenciosamente de terríveis presságios.

Minha desconfiança chegou ao ápice quando, ao desligar o telefone, meu marido disse:

— Precisamos nos vestir com roupas de montanhismo e levar tudo. Vamos embora do hotel. Precisamos fazer as malas.

— Ora! Por quê? — exclamei, arregalando os olhos.

— Porque Kaspar disse que, como não temos nem ideia de como chegar aos ossuários, nem do que poderemos encontrar, convém estarmos preparados, e é melhor nos alojarmos em um hotel próximo ao monte Meron, em Safed, para não perdermos tempo.

— E quanto a Spitteler e Rau? Vão nos descobrir.

— Viajaremos com identidades falsas, e eles estão sendo vigiados pela Shin Bet, a agência de segurança interna israelense. Estão sendo espionados desde que chegaram a Israel ontem. Entraram com passaportes vaticanos, inclusive os capangas que os acompanham, alguns dos quais são técnicos em radares terrestres, então podemos conjecturar que não têm nem ideia de como entrar na montanha.

— Tudo bem — respondi, incomodada —, mas como sabem do Meron? Nós descobrimos isso ontem graças a alguns desenhos no interior de uma caverna próxima a Susya. Por que eles já estavam a par disso um dia antes, quando embarcaram no avião?

— Não sei — suspirou Farag, sacudindo a cabeça e limpando os lábios com o guardanapo amassado. — E Kaspar e Abby também não sabem. Estão escutando todas as conversas de Spitteler e Rau, mas, por ora, não disseram nada que nos dê uma pista nesse sentido.

— Seria possível que Marco Polo soubesse algo sobre o monte Meron que não contou a Maria Paleologina em suas cartas?

— Talvez, mas por que esconder isso de Maria e contar ao papado? — perguntou-me por sua vez.

— Os Polo, como me lembrou Kaspar, eram enviados papais, além de devotos cristãos latinos, ou seja, católicos. E Maria não deixava de ser uma ortodoxa herege, uma Khatun mongol pertencente à Igreja grega cismática.

Ao se levantar, Farag parecia refletir sobre o que havia dito.

— É possível, não temos como saber — disse, inclinando-se para me dar um beijo nos lábios. — Vamos, *basileia*. Precisamos ir.

— Não quero ir.

— Eu sei — assentiu, puxando-me para cima e me tirando da cadeira.

Não é que tivéssemos muita bagagem, basicamente porque todas as nossas coisas haviam queimado com nossa casa de Toronto, mas os Simonson haviam nos fornecido o necessário antes de partirmos para Israel, portanto tínhamos algumas coisas para guardar na única mala que Farag e eu compartilhávamos. Como eu já estava de banho

tomado, coube a mim revistar o quarto (depois de trocar de roupa, obviamente, e me disfarçar de exploradora aguerrida, com botas de montanha e tudo), embora a verdade fosse que Farag fazia as malas muitíssimo melhor. Ele dobrava tudo direitinho e encaixava sem deixar espaços vazios nos cantinhos mais inverossímeis. Eu ia enfiando as coisas até que, de repente, já não cabia mais nada, e acabava pedindo o auxílio de Farag, que foi exatamente o que voltou a acontecer naquele dia.

Viajamos em três carros do Shin Bet, protegidos por outros três carros de escolta. No primeiro, dos nossos, iam Kaspar e Abby, no segundo, Farag e eu, e no terceiro, Sabira e Gilad (não nos pareceu problemático juntar uma muçulmana e um judeu que pareciam ter alguma atração um pelo outro). Levamos duas horas para chegar a Safed por uma estrada magnífica cujos pedágios saltavam à nossa passagem, abrindo as barreiras com um controle remoto que os motoristas de nossos carros possuíam. Era incrível. Durante a viagem, Farag e eu travamos uma discussão tensa sobre a idade sexual de nossa sobrinha, e não concordamos em nada porque ele era um progressista moderninho, um liberal condescendente que achava inevitável que acontecesse o que não devia acontecer e, inclusive, apostava

que já havia acontecido, momento esse em que eu quis estrangulá-lo com minhas próprias mãos enquanto passávamos ao lado da entrada para Nazaré. Isabella era siciliana como eu, católica como eu, e uma Salina como eu. A ideia não só era inaceitável, como também inapropriada. Farag me chamou de careta, antiquada, fora de moda, fechada e ignorante, e aconselhou que eu fosse me acostumando com a ideia de que a questão de Isabella, se já não havia acontecido, não demoraria a acontecer, mas que aquilo não era assunto nosso e não devíamos nos meter.

Menos mal que chegamos a Safed. Estou falando sério. Menos mal que chegamos, porque a briga foi imensa. Tentei rezar antes de sair do carro, mas estava sofrendo uma crise de identidade, embora não da minha. Sem querer admitir a mim mesma, eu tentava estabelecer uma nova relação com Deus, diretamente com Deus, o Deus único, não um membro da Trindade. E era difícilimo. “Mamãe, me ajude”, rezei. Ela, agora, estava lá, com Ele, e sabia a verdade. Após sua morte, minha mãe havia ganhado muitos pontos, porque havia se tornado a mãe que eu gostaria que ela fosse. Eu já havia esquecido toda a parte ruim, encarnada agora por Giacoma, e só me restava aquela linda imagem da mãe que tanto amei.

A cidade de Safed se empoleirava no alto de outra montanha. De fato, estávamos nas colinas de Golã, a zona mais montanhosa de Israel, na chamada Alta Galileia. Suas ruas, portanto, eram estreitas, íngremes e labirínticas. Nossos carros precisavam circular a baixa velocidade enquanto os espelhos retrovisores da parte externa passavam a uma curta distância das portas das antigas sinagogas, casas de pedra com as entradas pintadas de turquesa, galerias de arte, ateliês de artistas, restaurantes, casas de concerto, cafeterias... A cidade estava cheia de turistas naquele segundo dia do mês de julho. Pelo visto, Safed era uma espécie de centro mundial da boêmia artística e da Cabala, uma estranha ramificação do misticismo judaico. Gilad nos contou mais tarde, muito orgulhoso, que seus antepassados também eram de lá. Aparentemente, durante os séculos xv e xvi, Safed, que já era uma cidade importante, ficara cheia de judeus sefarditas expulsos da Espanha em 1492, o mesmo ano do descobrimento da América. Pelo visto, entre aqueles judeus espanhóis expulsos, encontravam-se alguns dos cabalistas mais importantes da época, que levaram esses estudos místicos para Safed. Conforme afirmava Gilad, ele descendia diretamente de um tal de Isaac Abravanel, um teólogo

sefardita que fora tesoureiro dos reis católicos da Espanha e havia negociado e obtido dinheiro para pagar a viagem de descobrimento da América de Cristóvão Colombo.

Não chegamos a ficar no hotel. Abby determinou que devíamos partir o quanto antes para o monte Meron, que já conseguíamos divisar em toda a sua imensidão, de modo que, assim que largamos a bagagem e comemos alguma coisa, voltamos a entrar nos carros e nos pusemos em marcha outra vez.

Não nos esquivamos do povoado de Meron, onde estava alojada a equipe de Spitteler e Rau. Mais que isso, dirigimo-nos diretamente para lá, seguindo o carro de Abby e Kaspar. Não mais que vinte quilômetros separavam os dois povoados, mas eu os percorri suando, mesmo com o ar-condicionado ligado. Ficar frente a frente com aqueles assassinos outra vez me deixava febril. Farag me tranquilizou (já superadas as tormentosas discordâncias a respeito de Isabella) e me garantiu que, se estavam sendo vigiados vinte e quatro horas por dia pela Shin Bet até mesmo com escutas telefônicas, Abby devia ter plena certeza de que não corríamos nenhum perigo chegando a Meron tão abertamente.

Os carros pararam bem no final da estrada, passando o lugar mais importante do pequeno povoado de Meron: a tumba do rabino Shimon bar Yochai, do final do século I. Pelo visto, uma vez por ano, durante uma festividade chamada *Lag Ba'omer*, dezenas de milhares de judeus ortodoxos — aqueles que utilizam chapéus pretos, roupas folgadas e cachinhos nas costeletas — provenientes de todos os cantos de Israel se reuniam ao redor da tumba para fazer fogueiras, disparar flechas nos bosques e rezar. Por sorte, *Lag Ba'omer* caía na primavera, e agora o povoadinho de Meron, que era uma cooperativa agrícola, estava quase deserto. No lugar onde saímos dos veículos, não havia viva alma e as poucas casas próximas estavam trancadas a sete chaves, como se estivessem abandonadas.

Eu ainda estava contemplando aquela silenciosa paisagem rural quando uma mão rude deixou cair sobre meu ombro as alças de um peso morto.

— Ei! — protestei, enfrentando Kaspar. — Que diabos é isso?

— Sua mochila.

— E para que eu iria querer uma mochila? — perguntei, segurando-a com as duas mãos. — Além disso, por que está cheia de pedras?

Mas Kaspar já estava entregando a Farag, Sabira e Gilad suas respectivas mochilas. Eram enormes, erguendo-se para além de nossas cabeças, e deviam conter, no mínimo, pedras suficientes para reconstruir o Coliseu de Roma. Abby já havia colocado a sua e estava ajustando-a e prendendo o cinto perfeitamente, como se fizesse aquilo todos os dias.

— Não quero uma mochila — afirmei, tentando devolvê-la a Kaspar. — Sou da cidade e não gosto de trilhas e excursões.

— Tanto faz — respondeu sem me dar atenção. — Você vai carregá-la porque não sabemos o que podemos encontrar na tumba de Hilel. Já esqueceu como suplicou por um pedaço dos meus sanduíches quando enfrentávamos as provas dos Círculos de Dante?

— Isso não é verdade! — indignei-me; era espantoso como as pessoas alteravam a história a seu bel-prazer. — Nunca supliquei! Muito menos por um pedaço daquela imitação barata de salame e queijo!

Meu Deus, nunca mais consegui comer salame depois daquilo! Acabei enjoando para o resto da vida. Mas me incomodou ainda mais ver o sorriso cúmplice que Farag e Kaspar trocaram. Estavam aprontando algo. Ainda estava

incomodada com Farag, portanto era melhor ele tomar cuidado.

Com as mochilas e bonés para nos proteger do sol – alguém havia pensado que fazer propaganda da Fundação Simonson nas abas era uma boa ideia –, começamos uma caminhada dirigida por Gilad Abravanel, que nos conduziu por um caminho em meio ao campo que descia a colina sobre a qual se encontrava o povoado de Meron. Chegamos ao pé do monte em menos de dez minutos e, após atravessarmos um amplo caminho de terra batida, começamos uma suave subida que, de repente, nos deixou em frente à entrada da tumba de Hilel, o Ancião, o feio iglu de nosso desenho na caverna de Susya, e que, como disse o soldado, era idêntico ao desenho do iglu: um semicírculo torneado na rocha da ladeira com uma entrada escura em forma de quadrado. Claro que havia alguns acréscimos em relação ao que os ebionitas viram ao chegar ali oito séculos antes: ao semicírculo na rocha, haviam acrescentado por cima, desenhando uma espécie de pipa invertida, um estranho retângulo alongado para a direita, formando um tipo de vitrine ou balcão de bar; também haviam acrescentado uma estrutura de ferro e arame em que se

encaixavam duas tábuas de uralita para servirem de porta. A imagem era bastante patética, para ser sincera.

— E essa é — murmurou Gilad desanimado enquanto contemplava o ferro oxidado e a uralita envelhecida — a tumba do grande rabino que disse: “Não faças ao teu próximo o que não queres que façam a ti. Esta é a Torá”^[1].

— Não foi Jesus quem disse isso? — perguntei, mas imediatamente me dei conta de que a formulação não era exatamente a mesma. Jesus, em Mateus 7, 12, havia dito: “Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas”. Muito embora a semelhança fosse assombrosa, sem dúvida.

— Bem — titubeou Gilad. — Não sei se o teu Jesus disse, para nós quem disse foi Hilel, o grande rabino judeu do início do século I que criou a linha compassiva de interpretação da Torá que o judaísmo vem seguindo desde então.

— Início do século I — titubeou Kaspar, juntando as pontas. — Linha compassiva. E o que mais esse Hilel disse?

— Agora não temos tempo para isso — interrompi-o secamente. — Temos que entrar lá, ainda que eu não morra de vontade. Abby sorriu.

— Você não imagina o quanto eu a entendo, Ottavia — assegurou, encaixando os polegares nas alças da mochila. — Seria mais fácil se não fosse uma tumba.

Achei que Kaspar iria investir feito um búfalo contra as tábuas de uralita, mas, para minha surpresa, simplesmente sacudiu-as um pouco e elas cederam como folhas de papel.

— Não há muita segurança por aqui — comentou Farag, surpreso.

— Bem, vamos, melhor não esperarmos mais — declarou Abby. — Tirem as lanternas de suas mochilas e vamos entrar.

Meu marido ficou às minhas costas e abriu minha mochila, puxou a lanterna e me entregou. Estava tão incomodado quanto eu pela discussão que tivemos. O problema é que tínhamos gente demais à nossa volta para que fizéssemos as pazes de forma adequada. Contudo, ao me entregar a lanterna, ele também me deu um beijo na bochecha. Eu fui mais rápida e, virando a cabeça, beijei-o nos lábios. Precisava ficar de bem com ele ou teria um troço. Trocamos olhares, sorrimos e, sem dizer nada, nos juntamos à comitiva que já entrava na tumba de Hilel. Até mesmo eu precisei me agachar para passar pela portinhola.

A tumba de Hilel também era, segundo nos explicou Gilad, a tumba de muitos de seus discípulos que haviam desejado ser enterrados com seu mestre. E devia ser verdade, pois o recinto era composto por uma câmara central extensa como um túnel e escavada na rocha, em cujo chão de terra viam-se retângulos das dimensões de um corpo humano e com vinte, ou mesmo trinta, centímetros de profundidade. As paredes estavam cobertas por uma desastrosa camada de pintura branca ou de cal que havia pingado no interior dos retângulos mais próximos. Avançamos em fila em meio àquelas tumbas até chegarmos ao fundo da caverna, onde, à direita, abria-se uma profunda cavidade, um nicho, em cujo solo, em outro retângulo no chão, estava enterrado o próprio Hilel. Reentrâncias com restos de velas espessas amontoadas e semiconsumidas, com fios de cera seca escorrida presos entre si, podiam ser vistos à direita e à esquerda, mas dava para perceber que ninguém havia acendido nenhuma recentemente. A umidade era terrível e o cheiro intenso de mofo e ovos podres era tão forte que nos deixava com náuseas, como se faltasse oxigênio. Aparentemente, a portinhola de entrada não permitia que aquele lugar fosse suficientemente arejado.

Nossas seis potentes lanternas iluminaram o nicho de Hilel, mas, além das reentrâncias cheias de vela das paredes laterais e do retângulo escavado no chão, aquela era apenas outra cavidade da caverna escavada na rocha do Meron. Se a entrada para o coração da montanha ficava por ali, não era visível em lugar algum.

— Bem — murmurou Farag, desanimado. — E agora?

Capítulo 25

— Deve haver uma porta por aqui! — berrou a Rocha, agitando a luz de sua lanterna de um lado para o outro feito um louco.

Farag, Kaspar, Abby e eu havíamos caminhado ao redor da tumba de Hilel durante mais de quinze minutos, empurrando as três paredes do nicho palmo a palmo do chão até o teto, e retiramos todas as velas sujas e os grudes de cera das reentrâncias para ver se havia algo atrás delas. Mas, infelizmente, as paredes eram de rocha sólida, e nas reentrâncias não havia mais do que sujeira. Estávamos deixando alguma coisa passar.

Precisamos tirar Gilad da tumba de Hilel porque, assim que Kaspar começou a pisar com suas botinas no interior do nicho, ele pareceu que sofreria um infarto ou coisa pior, então Abby sussurrou algumas palavras no ouvido de Sabira e esta, utilizando-se de encantadoras artimanhas – alegando que havia enjoado por causa do mau cheiro e não estava bem –, o levou para fora para receber seus cuidados. Gilad não era bobo, e por isso se deu conta da armação, mas

aceitou de bom grado devido à parte que lhe interessava. Assim, nós quatro estávamos lá dentro cometendo um terrível sacrilégio ao profanar a tumba de um dos rabinos e homens santos mais importantes de toda a história de Israel. Claro que os judeus também não haviam se preocupado muito com aquele lugar abandonado. Contudo, tentávamos respeitar o retângulo de terra sob o qual descansavam os restos de Hilel, mas o espaço ao seu redor não era muito grande, com apenas três ou quatro palmos de distância das paredes, de modo que, embora tivéssemos deixado as mochilas do lado de fora com os discípulos do rabino, nos movimentávamos com bastante dificuldade.

Foi então que Kaspar exclamou enfurecido que ali devia haver alguma porta porque sim, porque ele estava dizendo que devia enquanto agitava sua lanterna com raiva.

— Ai! — deixou escapar a herdeira quando recebeu no rosto um golpe forte desferido por Kaspar.

— Abby! — assustou-se ele, virando-se para observá-la com o nervosismo estampado em cada célula de seu enorme corpo.

Os dois estavam de um lado do nicho e Farag e eu no lado oposto, por isso ficamos imóveis enquanto Kaspar, ao se virar para Abby, perdia o equilíbrio na ponta do degrau da

tumba e, para não cair, colocava a sola de sua bota tamanho quarenta e oito sobre a terra úmida da tumba de Hilel.

— Kaspar! — exclamou Farag horrorizado, estendendo o braço para ele.

Abby e eu ficamos paralisadas de espanto. Aquilo era um tremendo ultraje religioso, e certamente também um delito de vários tipos (contra o patrimônio nacional, arqueológico, histórico...) e, como se não fosse o suficiente, quando a Rocha se levantou, o desenho da sola de sua bota estava perfeitamente marcado na terra suja da tumba. Mais que marcada, eu diria que parecia ter sido estampada por um martelo hidráulico.

Emudecemos e trocamos olhares, pensando em como ajeitar aquele desastre sem que ficasse muito perceptível. Preencher o buraco não bastava: a cor da terra era diferente na superfície, que era mais seca, e nas úmidas camadas inferiores, onde mudava para um tom mais escuro. Por isso era tão macia.

Mas, além disso, quando Kaspar pisara na tumba, se eu não tivesse ficado ensandecida com o susto, poderia jurar que havia escutado algo, um estalido prolongado, como quando se fricciona uma pedra na outra. Mas não sabia dizer

de onde viera aquele som, se é que de fato o havia escutado. Por isso, não falei nada.

Para o espanto de meus companheiros e pelo fato de que já não tínhamos nada a perder, saltei o degrau da tumba e pisoteei a terra para aplaná-la (e para ver se o ruído se repetia). Mas não ouvi nada, e só o que consegui foi paralisar os corações de meus companheiros, que só não caíram fulminados no chão por puro milagre.

— *Basileia!* — balbuciou meu marido com voz de pânico.
— O que você está fazendo?

— A única coisa que podemos fazer: nivelando o chão da cova. Ou preferem deixar a marca da bota de Kaspar? Não acho que Hilel, o Ancião se incomode conosco, porque, no fim das contas, deve saber o enorme respeito que inspira em nós, algo que jamais passaria pela cabeça dos judeus ultraortodoxos que vêm aqui no *Lag Ba'omer* uma vez por ano. Na próxima primavera, já não se notará nada. Mas, se deixarmos a pegada, eles verão.

Sabiam que eu tinha razão, então os três desceram até a tumba comigo e começaram a alisar a superfície. E aí sim aconteceu alguma coisa. Não só voltei a escutar o estalido como, além disso, o teto do nicho começou a se elevar como uma placa de pedra erguida por uma grua. Era o peso sobre a

tumba de Hilel que ativava o mecanismo. Eu não era pesada o suficiente, e por isso ela não havia se movido comigo, mas com Kaspar sim. E, obviamente, com os quatro ao mesmo tempo, o mecanismo havia se ativado com força total.

A perplexidade interrompeu nosso trabalho. Erguemos a cabeça para ver a placa subindo ao teto e penetrando na escuridão até desaparecer. Uma chuva de pó bolorento, teias de aranha e terra caiu sobre nossos rostos e nossos cabelos limpos, já que não estávamos de boné naquele momento. No caso de Abby, inclusive, caíra em sua boca, que estava aberta, e por isso ela começou a tossir e cuspir enojada. Kaspar passou um lenço em seus lábios e em seu queixo, como faria um pai com uma filha que comeu terra no parque. Ou como faria um sujeito que estivesse louco por ela e perdesse a noção do ridículo, o que me parecia mais factível.

Lá estava a entrada. Os ebionitas não haviam nos enganado. Embora caiba mencionar que também não facilitaram as coisas.

— Tenho receio — murmurou Farag — que sua intenção fosse nos obrigar a pisotear a tumba de Hilel. Talvez para eles fosse um gesto de desprezo ou humilhação.

— Já o meu receio — comentou Kaspar — é que não consigamos subir até lá em cima. Precisamos de uma escada.

Também não precisávamos exagerar, pensei. A altura devia ser de uns dois metros e pouco, no máximo, de modo que Kaspar, Abby e Farag conseguiram colocar a mão no buraco. A única que teria problemas seria eu, por ser a mais baixinha, mas para que serviam os homens? Era essa a função que a natureza lhes concedera: a força física. Eles que me erguessem. Agora, é verdade que eu não estava disposta a ser a primeira a enfiar a cara naquele buraco.

Abby saiu do recinto para, com toda a delicadeza possível, explicar a Gilad o que havia acontecido. Apesar de seu profundo judaísmo, Gilad era um homem pragmático que, quando precisava escolher entre duas opções, ficava com a mais científica (vide o mal-estar de Sabira). Então superou suas ressalvas religiosas e adentrou a tumba, disposto a pisar na terra que cobria os restos do grande rabino Hilel.

Pela lógica, a Rocha, embora ainda estivesse com a perna um pouco fraca, devia ser o primeiro a subir com a ajuda de Farag, mas, para a minha surpresa, foi Abby quem, com um gesto resolutivo, pôs o pé nas mãos cruzadas de Kaspar e se esgueirou até o buraco no teto. Aquela nova Abby, tão decidida, não apenas ganhava em firmeza de caráter como

também, incrivelmente, tornava-se mais atraente. Não é que, de repente, fosse uma grande beleza, longe disso, mas, por alguma misteriosa metamorfose que já vinha ocorrendo desde um tempo atrás e agora culminava naquela mudança de personalidade, já não era feia. Por acaso tinha olhos muito pequenos, dentes muito grandes, nariz aquilino e um déficit de lábios? Não. Na realidade, tinha lábios suficientes, não carnudos e sensuais, mas normais; o nariz continuava sendo aquilino, mas lhe conferia estilo e distinção (como se precisasse de mais!); os dentes também eram grandes e quadrados, mas, novamente, dentro da mais absoluta normalidade, não eram de cavalo como eu havia visto antes; e os olhos azuis, mesmo não sendo grandes, não eram tão pequenos.

— Farag — sussurrei, puxando o braço de meu marido para que se agachasse. — Você não está achando Abby menos feia que antes?

— Menos feia? — surpreendeu-se, também sussurrando em meu ouvido. — Abby nunca foi feia!

— Como não? — irritei-me. — Você reparou bem?

— Querida, um homem sempre repara nessas coisas. Abby não é tão bonita quanto você, claro, mas é bastante atraente. Entendo que Kaspar goste dela.

— Mas era feia! — voltei a sussurrar para o meu marido.
Ele riu.

— Vamos, suba! — disse, empurrando-me na direção de Kaspar, que me esperava com as mãos cruzadas e cara de poucos amigos.

Eu teria que pensar em tudo aquilo, mas agora não tinha tempo. O teto havia se aberto sobre nossas cabeças, convidando-nos a subir, e Abby já estava lá em cima estendendo a mão para me ajudar. Kaspar me empurrou de baixo e a herdeira puxou de cima, de modo que não tive nenhuma dificuldade para chegar ao novo nicho, iluminado pela lanterna abandonada de Abby. Enquanto os outros subiam e nos passavam suas mochilas, observei aquele lugar: era uma câmara quadrada, um cubo perfeito, na realidade, e, visto que adentrávamos a montanha, também havia sido escavada na rocha. A umidade havia diminuído, embora não o mau cheiro, que me pareceu, inclusive, mais intenso, como de morte ou ovos podres.

Logo estávamos todos lá em cima e, para nossa surpresa, ainda que, sobretudo, para a surpresa de Gilad Abravanel, em um canto da câmara havia uma nova tumba com os autênticos restos de Hilel, o Ancião. Seu nome fora cinzelado na parede em hebraico e aramaico.

— Está vendo, Farag? — eu disse ao meu marido apontando para a tumba. — Os ebionitas não queriam que ela fosse pisoteada. Esconderam o dispositivo no único lugar que ninguém jamais profanaria.

Farag assentiu, mas Kaspar estava muito incomodado.

— E os ossuários? — repetia, olhando em todas as direções, inclusive para o teto.

Não estavam ali, era evidente. Aquela câmara estava totalmente vazia, exceto pela tumba de Hilel, pela placa de pedra que se equilibrava à meia altura sobre a cavidade de acesso e por uma abertura retangular que fazia as vezes de porta, situada ao lado da tumba, que dava para uma escada escura cujo final se perdia nas profundezas da terra. Também havia, na parede à direita, um desenho com uma enorme espiral formada por pequenos símbolos hebraicos.

— O que está escrito, Gilad? — perguntou Sabira, tirando fotografias.

Farag olhou para mim. Ele conseguira ler a inscrição em hebraico, mas sorriu para mim e fez um sinal para que eu reparasse na atitude da arqueóloga Assassina frente ao arqueólogo judeu.

Gilad pediu mais luz e nós a fornecemos. A única sombra sobre o estranho desenho era a de seu próprio corpo, e ele se

esquivava dela para estudar o texto.



— “Bem-aventurados os pobres” — começou a traduzir, apontando as palavras com os dedos e começando do centro da espiral para fora —, “pois deles será o Reino. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.”

— As bem-aventuranças...? — questionei, espantada.

Kaspar e Farag assentiram com tanta perplexidade no rosto quanto eu.

— O que são as bem-aventuranças? — perguntou Gilad.

A ignorância dos judeus acerca de temas cristãos era tão marcante quanto a dos cristãos acerca de temas judaicos. Quando eu disse isso, Gilad saltou como se tivesse sido picado por um escorpião:

— Você sabe que, para nós, Jesus de Nazaré é considerado um inimigo de Israel? — proferiu com raiva. — Sabe como o chamamos? Não Yeshúa, nada disso, mas sim Yeshu.

O rosto de meu marido se fechou. Nós não havíamos compreendido o que Gilad quisera dizer, mas ele sim.

— Você deve saber — continuou explicando o musculoso arqueólogo — que, em hebraico, os acrônimos, as palavras formadas pelas letras iniciais de outras palavras, sempre foram uma prática habitual, um costume de séculos. Então, sabe por que o chamamos de Yeshu? Porque é o acrônimo da expressão “Sejam o seu nome e sua memória apagados”. Nenhum judeu jamais lê o seu Novo Testamento, porque está cheio de mentiras. Nenhum judeu crê que Yeshu foi Deus, que barbaridade! E muito menos que seria o Messias, o salvador do povo de Israel. E sabe por quê? Porque morreu, porque não salvou ninguém, porque não era assim que a nossa Bíblia, a *Tanaj*, descrevia a figura salvadora do Messias e, para nós, um messias morto era um messias fracassado. Por isso os cristãos inventaram a Ressurreição. E sabe por que a desprezamos tanto? — sua voz, carregada de rancor, também soava muito pesarosa. — Porque, em nome de Yeshu, um dos vinte e quatro aspirantes a messias que, segundo o historiador Flavio Josefo, Roma crucificou no século I, o mundo cristão perseguiu, marginalizou, maltratou e assassinou o povo judeu durante dois mil anos. Você nunca escutou a bela frase “Os judeus mataram Jesus”?

Sim, claro que havia escutado. Sobretudo quando era pequena. Da boca de minha mãe e das freiras do colégio. Mas havia muitos anos que ninguém dizia, porque agora havia muito mais respeito em relação a essas coisas e porque, em partes, aceitava-se a ideia de que Jesus havia sido judeu, um pequeno detalhe que havia passado despercebido durante séculos dentro do cristianismo. Jesus só havia sido Deus e os judeus O haviam matado. Claro que, pensando friamente, matar Deus era impossível.

— Mas o que eu me pergunto — continuou Gilad — é por que ninguém jamais acusou os romanos de matar Yeshu, quando foram eles que o crucificaram. A Inquisição, por exemplo, nunca pensou que os italianos eram tão culpados quanto os judeus?

Fechei a boca por questão de segurança. Gilad estava irritado demais e eu era italiana. Além disso, eu compreendia sua raiva. Realmente, o povo judeu havia sofrido o inenarrável ao longo dos séculos por causa de preconceitos sem sentido, alimentados, talvez, pelo próprio cristianismo, para levantar aquela barreira intransponível que o separava do judaísmo. Mas por quê? Que perigo o judaísmo representava para o cristianismo? Por que o judaísmo assustava tanto o cristianismo?

— Por isso eu não conheço as suas bem-aventuranças, Ottavia — concluiu Gilad, mudando por completo o tom de voz, como se estivesse profundamente arrependido do arroubo explosivo. — Nunca ouvi falar nelas, embora reconheça o estilo porque tanto nos *Tehilim*, que vocês chamam de Salmos, como nos *Nevlim*, os Profetas, diversas orações começam com *eh'sher*, “Bem-aventurados” ou “Felizes”. Você poderia me falar sobre elas, por favor?

Levei alguns segundos para me recuperar o suficiente e retomar o fio da conversa, segundos durante os quais o silêncio foi total naquela silenciosa câmara de pedra. Eu nunca havia pensado do ponto de vista judeu, e as palavras de Gilad haviam me surpreendido tanto quanto tudo o que estava descobrindo desde o dia em que Jake e Becky haviam surgido na porta de minha casa em Toronto com o presidente Macalister. Mas agora eu também não tinha tempo para rezar e meditar. *O que eram as bem-aventuranças*, perguntei-me respirando fundo.

— As bem-aventuranças — adiantou-se o meu marido — eram os pontos básicos do programa eleitoral de Jesus de Nazaré.

— Do programa eleitoral? — escandalizei-me. — Jesus não era um partido político!

Farag me ignorou, para variar.

— Quando Jesus deu início à sua vida pública — explicou —, a primeira coisa que fez foi subir em uma montanha^[1] e pronunciar o sermão das bem-aventuranças, um resumo do que seria sua mensagem posterior, ou seja, que Deus viria muito em breve para livrar o mundo da pobreza, da dor, da fome e da injustiça e era preciso estar preparado. Por isso eu disse que eram o seu programa eleitoral: porque, como todo programa eleitoral, não apenas não foi cumprido como, ao que parece, nunca será.

— Pelo amor de Deus, Farag! — exclamei, horrorizada. — Isso é jeito de falar?

Kaspar sorria, achando graça. Abby, Sabira e Gilad olhavam para nós como se fôssemos loucos.

— Eu gostaria de acrescentar — disse a Rocha —, como um detalhe significativo, que as bem-aventuranças só são mencionadas no evangelho de Mateus.^[2]

— Isso não é verdade — contestei. — Lucas também as menciona.

— Desculpa, Ottavia — objetou o ex-Catão —, mas Lucas só cita três das oito bem-aventuranças e as mistura com três maldições que Mateus não menciona. Além disso, afirma que o Sermão da Montanha foi pronunciado em uma planície, em

uma esplanada ao pé de um monte. Pode conferir.^[3] Os outros evangelistas nem as mencionam. Portanto, as bem-aventuranças, ou o que conhecemos por esse nome, só aparecem como tais no evangelho de Mateus.

— O único utilizado pelos ebionitas — destacou Abby.

— Exato.

— E, para expor seu programa eleitoral — acrescentou Gilad, me olhando de canto de olho —, recorre à forma literária judaica do *eh'sher*, os “bem-aventurados” ou “felizes”.

— Se você continuar traduzindo a inscrição do espiral — constatei com rudeza —, saberemos como eram as bem-aventuranças de Mateus lidas pelos ebionitas, porque o que você disse antes não está em pleno acordo com o texto do Novo Testamento.

— Mateus e Lucas também não estão em pleno acordo entre si — insistiu Kaspar, que havia tirado da mochila uma pequena Bíblia e virava as folhas a toda a velocidade. Ele carregava uma Bíblia em sua mochila?

Gilad retornou ao desenho da parede e todos nós, exceto Kaspar, voltamos a iluminá-lo com as lanternas.

— “Bem-aventurados os pobres” — voltou a ler, começando de novo pelo centro da espiral — “porque deles

será o Reino. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.”

— Lucas disse “Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir.” — interrompeu-o Kaspar, lendo sua Bíblia.

— Lucas não nos interessa, Kaspar — cortou Farag. — É melhor não nos enrolarmos.

Kaspar guardou docilmente sua Bíblia na mochila outra vez enquanto Gilad retomava sua tradução:

— “Bem-aventurados os humildes, porque herdarão a terra”.

— A terceira bem-aventurança — surpreendi-me — não dizia “Bem-aventurados os que sofrem”? Tem certeza de que aí está “os humildes”, Gilad? Farag, o que você acha?

Os dois arqueólogos, o judeu musculoso e o belíssimo egípcio, conferiram a inscrição e, em seguida, viraram-se para nós, piscaram os olhos com a visão ofuscada pela luz das lanternas (sobretudo Farag) e assentiram.

— O *Mizmor* 37 — comentou Gilad, que se deteve de imediato e, então, corrigiu-se —, quer dizer, o Salmo 37 já afirmava que os humildes herdariam a terra. Talvez os ebionitas utilizassem uma versão de Mateus mais baseada em nossa Bíblia hebraica.

Não admitiríamos ali, muito menos diante dele, que tinha razão, que o evangelho de Mateus era o mais judeu e original dos quatro canônicos e que todos estavam repletos de erros de tradução e, inclusive, de modificações e acréscimos intencionais. Seria jogar lenha na fogueira. Ou gasolina, para sermos mais modernos.

— Continue com a quarta bem-aventurança — pediu Kaspar.

— “Bem-aventurados os que têm fome, porque serão saciados”.

“Fome e sede de justiça”, murmurei para mim mesma, reparando em mais uma diferença. Aparentemente, Jesus havia falado concretamente dos pobres, dos aflitos, dos humildes e dos famintos de verdade, não dos simbólicos, o que devia ser outro remendo dos primeiros pais da Igreja.

— “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” — continuou traduzindo Gilad em um bom ritmo, sem titubear tanto quanto no início. — “Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão filhos de Deus. E bem-aventurados os justos perseguidos, porque deles será o Reino.”

Gilad havia chegado ao fim da espiral. Virou-se para nós ao mesmo tempo em que baixávamos as lanternas para o chão.

— Não sabia que Yeshu havia dito essas coisas — murmurou. — Tudo isso é judaísmo em estado puro. Cem por cento Torá. E, portanto, na linha de interpretação compassiva de Hilel.

Estive prestes a esclarecer que aquilo não tinha nada de judaísmo, era a própria essência do cristianismo, a mensagem de amor e compaixão de Jesus de Nazaré, mas algo me deteve. Talvez não haja tanta diferença entre uns e outros. Talvez só nos tivessem levado a acreditar nisso. Optei por me calar e adicionar isso à minha lista de assuntos para pesquisa e reflexão quando tivesse tempo livre.

— Muito bem — disse Kaspar, recolhendo a mochila. — Já lemos as bem-aventuranças do evangelho original de Mateus. Vamos descer as escadas e ver aonde nos levam.

— Um momento! — pedi erguendo a mão. — Isso não é hora de nos metermos nas entranhas de uma montanha. É melhor voltarmos ao hotel para tomar banho, jantar e dormir bem para retornarmos amanhã.

Todos me olharam como se eu tivesse enlouquecido.

— Por quê? — perguntou-me Abby, surpresa. — Talvez os ossuários estejam no final desta escada.

Kaspar começou a andar sem se incomodar em dizer nada, e os outros o seguiram. Farag se aproximou de mim.

— Vamos, querida, agunte um pouco mais — disse. — Ainda é cedo. Vamos conferir aonde essas escadas levam e, se não houver nada lá embaixo, voltaremos ao hotel e continuaremos amanhã, tudo bem?

Concordei porque ele me pedia, embora não estivesse muito convicta. Minha desconfiança natural me fazia suspeitar de que naquele mato havia coelho. Por acaso os ebionitas não haviam passado vinte malditos anos preparando aquele esconderijo no monte Meron? E só o que haviam feito era uma câmara para enterrar Hilel com um desenho em espiral das bem-aventuranças? Não, ali havia muito mais do que era possível ver, mas, como os outros pareciam tolos (em especial Kaspar), não se davam conta de que estávamos colocando a mão na boca do lobo como um grupo de ovelhinhas inocentes.

Quando eu disse isso a Farag, ele sorriu para mim com paciência, encarando aquilo como mais um de meus medos e manias.

— Vamos, *basileia!* — respondeu, erguendo com esforço as nossas mochilas do chão, as últimas que restavam, e me dando a outra mão. — Mesmo que seja como você está dizendo, não lhe parece uma experiência apaixonante?

— Não.

Desci o primeiro degrau cheia de ressalvas, temendo que uma faca afiada caísse sobre mim e me cortasse ao meio. Olhei para o chão para ver se havia sangue dos que haviam nos antecedido, mas não, não havia. Na verdade, via-se luz lá embaixo. Ou seja, continuavam vivos e descendo. *Então tudo bem*, pensei. Bom, quem sabe não tinham razão e os ossuários estavam no final daquela inclinada e cansativa escada de pedra com teto abobadado. *A qualquer momento*, pensei, *escutarei as exclamações de Kaspar comemorando a descoberta (ou seus gritos de agonia e morte)*.

Mas o que escutei foi uma trepidação metálica atrás da parede do lado esquerdo, como o de uma corrente se enrolando ou desenrolando em um eixo, e o chiado de uma grande quantidade de areia deslizando de algum lado. Em seguida, o vozeirão grave de Kaspar nos advertiu a plenos pulmões:

— Atenção! O último degrau é um ativador!

Não houve transição nem pausa. Quando acabou de falar, escutamos outra vez a trepidação prolongada da fricção de uma pedra com a outra. Virei-me para trás com toda a velocidade para me deparar com as costas de meu marido, que também havia se virado. Inclinei-me para um lado e olhei por cima de seu ombro. O foco de sua lanterna apontava para o que antes era o vão que unia a escada à câmara da espiral. Mas já não havia passagem: um imenso disco de pedra, como aquele que havíamos visto no muro da sinagoga de Susya, a havia interrompido. De alguma maneira, ao pisar no último degrau, Kaspar havia disparado algum mecanismo que soltara o disco de pedra, fazendo-o girar até tapar a abertura. Movimentá-lo era impossível: devia pesar mais de uma tonelada, com certeza.

Meu marido se virou para me olhar apontando a lanterna para o chão.

— Tudo bem aí em cima? — perguntou com a voz elevada o ex-Catão. O som reverberava um pouco.

— Estamos trancados! — gritou Farag, sem deixar de olhar fixamente para mim.

— O que você disse? — berrou Kaspar.

— A porta da câmara se fechou! — proferiu meu marido com mais força. — Estamos presos!

Enquanto escutávamos a corrida ensandecida do grupo subindo a escada, meu marido acariciou minha bochecha.

— Você tinha razão — disse, tristonho. — Nesse mato tinha coelho.

— Sim — assenti. — E os coelhinhos éramos nós.

Capítulo 26

— O celular de vocês pega aqui? — perguntou Kaspar, olhando para o seu com irritação.

Todos sacudimos as cabeças fazendo que não. Estávamos incomunicáveis: não podíamos pedir ajuda nem informar a nossa situação. A ausência de sinal dos celulares não era algo que os ebionitas pudessem prever oito séculos atrás, mas parecia que a montanha conspirava para ajudar a proteger seu segredo. Por via das dúvidas, achamos que o melhor seria manter os telefones desligados para conservar as baterias e procurar sinal com algum deles ao longo da íngreme e comprida escada e por todos os cantos daquela nova caverna, enclausurada em sua parede leste por outra roda de pedra que devia estar há séculos bloqueando a saída.

Estávamos a uma grande profundidade abaixo do nível do solo. Uma vez tendo passado a tumba oficial de Hilel e seus discípulos, descemos outros vinte e cinco metros, segundo afirmaram Kaspar e Sabira, que tinham olho treinado para essas coisas, e havíamos chegado a uma caverna muito grande, obviamente escavada à mão e com o chão salpicado

de estranhos buracos cheios de água. Não tínhamos nem ideia de para que os ebionitas poderiam tê-los utilizado, mas não exalavam um cheiro exatamente bom, então nos sentamos a uma distância deles, usando as mochilas como encosto. Também apagamos algumas lanternas para não gastarmos totalmente as pilhas, ainda que, por serem de led, não consumissem muito. Como a caverna tinha uns quatro metros de altura, fomos subitamente envolvidos pela penumbra e, como se precisássemos de mais, fazia um frio úmido que penetrava até os ossos. A temperatura havia caído drasticamente durante a descida, e devia estar em uns oito ou dez graus, no máximo. Por isso, colocamos mais roupas e luvas de PVC. Era uma sorte termos aquelas mochilas preparadas por Kaspar e Abby, que não haviam deixado nenhum detalhe de fora, incluindo roupas térmicas.

— Que horas são? — perguntou Sabira, que não usava relógio e não podia olhar o celular.

— Sete — respondeu Gilad. — Deveríamos jantar.

O rosto granítico do ex-Catão se virou para mim e esboçou um sorriso sinistro.

— Algum problema? — desafiei.

— Você pergunta a mim? — fingiu surpreender-se, mas saiu mal e sem graça. Se fosse ator, não seria minimamente

aceitável.

— Me deixe em paz — respondi, pegando a caixinha de plástico transparente com um embrulho de guardanapos no interior que Farag me entregou. Os outros também estavam ocupados procurando e pegando seus jantares. Quando retirei o último guardanapo daquele... o-que-fosse, soltei uma exclamação de horror.

— Mas que diabos é isso? — grunhi.

— Pão de pita com hambúrguer *kosher* — explicou Kaspar, achando muita graça, antes de colocar na boca, feliz da vida, a metade de um daqueles saquinhos redondos feitos de pão.

— Quero sair daqui! — exclamei, lembrando-me do fantástico hotel de Tel Aviv. — Não pretendo jantar essa porcaria!

Um beliscão discreto me fez saltar do chão. Farag me alertava para a inutilidade de minhas queixas. Virei-me para encará-lo, e sua expressão inocente só refletia o prazer que sentia ao mastigar e saborear aquelas coisas horríveis recheadas de carne seca.

Todos carregávamos, além disso, dois cantis de alumínio cheios de água, e vieram em boa hora porque eu estava com sede, embora, ao beber, infelizmente, sentisse muita fome.

Mas não queria aquele maldito pão de pita com aquela carne estranha e a papa branca indecifrável que transbordava pelas bordas e parecia pasta de dente. Eu não suportava nem o cheiro.

— Não tem outro tipo de comida? — perguntei a Farag em voz baixa, aproveitando que havia começado uma conversa de grupo.

— Coma agora mesmo esses hambúrgueres sem reclamar — advertiu-me, muito sério. — Você é pior que Isabella em plena adolescência. Pior que um colégio de crianças malcriadas. Pior que...

— Tudo bem, já entendi — interrompi-o. — Sou a pior. De acordo.

— Coma! — grunhiu.

— Já vai! Não precisa gritar.

— Estou gritando em voz baixa — sussurrou.

— Sim, mas é grito igual — protestei, dando uma mordiscada no maldito pão. Bem, não era tão ruim. Só estranho, seco e muito temperado. Como tinham que dessangrar os animais para seguir as normas *kosher*, a carne ficava um pouco borrachuda. E a pasta branca que assomava pela extremidade do pão era um queijo muito salgado e áspero, de textura viscosa. Infelizmente, como estava com

bastante fome, vi-me obrigada a comer os dois pães de pita sob a risada sinistra da Rocha, que estava adorando aquilo e observava desde o outro lado do grupo. Não sei por que a vida sempre me levava a me relacionar com a escória da pior espécie, mas era uma desgraça que eu já dava por certa.

— Quantos buracos desses tem aqui? — escutei Abby perguntar entre um pão e outro. Claramente, referia-se às cavidades no chão.

— Vou contar — disse Gilad, levantando-se com agilidade e pegando uma das lanternas. Sabira e ele já haviam terminado de jantar e, inclusive, ambos tinham comentado que os hambúrgueres preparados pelo hotel de Safer estavam deliciosos. Então eu soube que os muçulmanos seguiam regras alimentares muito parecidas com as judaicas. Ainda que, estranhamente, Abby, uma canadense loira de paladar refinado, também tivesse adorado. Não pude fazer nenhum comentário inocente a respeito do assunto porque, como sempre, antecipando-se a mim, Farag me impediu com sua truculência de praxe.

Acompanhamos Gilad com o olhar enquanto ele se movimentava pela caverna com a luz apontada para o chão. Era como jantar assistindo à televisão, mas com produções de baixo orçamento.

— Acho que são doze — exclamou do fundo.

— Para que será que serviam? — perguntou Farag. — Alguma utilidade deviam ter, já que, claramente, os fizeram de propósito.

Os doze buracos no chão eram todos idênticos: perfeitamente redondos, com uns trinta centímetros de diâmetro e cheios de água escura e fedorenta até quase a borda. Se não caminhássemos com cuidado, poderíamos enfiar um pé em um deles, e sabe-se lá em que estado o tiraríamos.

— Vamos supor que a água estivesse limpa quando escavaram esta gruta — refletiu o ex-Catão. Talvez os construtores as utilizassem para beber ou se lavar? Talvez praticassem algum rito religioso?

— Não conheço nenhum rito cristão que utilize buracos no chão — comentei, limpando os lábios com os guardanapos de papel.

— Nem judaico, até onde sei — disse Gilad.

— Nem muçulmano — acrescentou Sabira.

A pele branca de Gilad se avermelhou de repente, como se estivesse com febre. Acabara de descobrir que aquela garota tão bonita era muçulmana. Claro que continuava alheio ao fato de que era Assassina.

— Então usavam a água para beber ou se lavar — afirmou Kaspar.

— Talvez os ossuários estejam escondidos dentro deles — ponderou Farag. — No fundo.

— Não caberiam! — rechaçou Sabira, assustada com a ideia.

— Não sabemos seu tamanho exato — objetou meu marido.

— Todos os ossuários judaicos do século I — balbuciou Gilad, tentando ocultar sua forte surpresa — tinham forma de ortoedro, ou prisma retangular, e mediam entre cinquenta e sessenta centímetros de comprimento por vinte a trinta de altura e largura.

Deduzi que ortoedro e prisma retangular (minha área era o grego bizantino) eram a definição para uma espécie de caixa alargada, que era como estavam representados os ossuários na espessa placa de ouro que os Simonson possuíam, na qual Hulagu Khan, Dokuz Khatun e Makkikha veneravam os ortoedros prismáticos retangulares com os restos de Jesus e sua família.

— Bem, então, não — admitiu meu marido. — Se são essas as dimensões, não cabem. A não ser que estejam

encaixados na vertical e os buracos tenham um metro de profundidade.

Gilad, ainda muito afetado pelo fato de que Sabira era muçulmana (o que, ao que parecia, erguia uma muralha intransponível entre eles), afastou-se outra vez de nós e percorreu de novo as fissuras, iluminando-as melhor com sua lanterna para tentar ver através da água. Menos mal que nossas lanternas eram modernas e à prova de água, porque, em mais de uma ocasião, ele quase mergulhou a sua.

— E se morrermos trancados aqui? — perguntei a Farag em voz baixa, observando a imensa roda de pedra coberta de terra enrijecida que obstruía a única saída daquela caverna. — Não temos como pedir ajuda.

— Não se preocupe, *basileia* — ele me disse, muito tranquilo. — Se passarem alguns dias sem notícias nossas, virão nos procurar. O Exército israelense é muito eficiente, sem falar na poderosa Fundação Simonson.

Olhei para ele com desconfiança e, enquanto ele sorria em silêncio e bebia água de sua garrafa, levantei-me e fui até onde Gilad estava. Queria examinar os buracos no chão. Precisava fazer alguma coisa para acalmar a angústia, não? E sempre devemos enfrentar nossos medos, porque, caso contrário, eles nos paralisam. Assim, como a sorte favorece

os ousados e eu, indiscutivelmente, acabara de demonstrar mais uma vez que era ousada, no primeiro buraco que observei, já me deparei com algo estranho.

A água fedia levemente a ovo podre ou a esgoto, mas, apesar de estar muito turva e suja, algo respondeu à minha lanterna no fundo da fissura com uma cintilação brilhante. Um bicho, sem dúvida. Algum tipo de verme aquático ou peixe que sofrera uma mutação genética devido a algum componente venenoso da água e havia se tornado refletor. Ainda assim, vencendo minhas apreensões, inclinei-me mais sobre o buraco e o focalizei de perto com minha lanterna.

— Ottavia, o que está fazendo? — perguntou o meu marido, estranhando.

— Vi alguma coisa — murmurei antes de tapar a boca e o nariz com a mão esquerda, porque o cheiro estava me deixando nauseada.

Ouvi passos se aproximando enquanto perscrutava inutilmente o fundo da água turva.

— O que você viu? — perguntou a voz grave de Kaspar.

— Não sei — admiti com sinceridade, sem destapar completamente a boca. — Alguma coisa brilhou por um

instante sob a luz, mas não enxerguei mais. Talvez não fosse nada.

— Deixa que eu vejo — ordenou a Rocha.

— Sua vista e sua lanterna são melhores que as minhas?
— resmunguei por trás da palma de minha mão.

— Minha lanterna não, mas minha vista sim — respondeu, ajoelhando-se ao meu lado. — Não preciso usar óculos como você.

E, ao apontar para a água com os dois feixes, a centelha reapareceu. Algo brilhou intensamente por um segundo antes de voltar a desaparecer.

— Farag, venha! — chamou Kaspar. — Tem alguma coisa aqui! Abby, Sabira, Gilad, tragam um pedaço de pau comprido!

Eu me levantei e me afastei um pouco, porque estava a um décimo de segundo de vomitar na água a maravilhosa janta *kosher*.

Enquanto eu lutava para pôr o estômago e a cabeça no lugar, os outros revolviam o lodo do buraco com a estaca de uma barraca que haviam tirado da mochila de Kaspar. Não consegui deixar de me perguntar se aquelas mochilas não seriam como a sacola mágica de Mary Poppins, de onde saíra inclusive um longo cabide. Eu me lembrava vividamente

daquela cena, de tanto que havia me impressionado quando assistira ao filme ainda pequena em Palermo.

— Precisamos de algo para pegá-lo — bradou a Rocha, levantando-se. — Está a mais ou menos meio metro de profundidade!

— O que é? — perguntei.

— Não sabemos! — respondeu. — A água lamacenta não nos permite ver, mas, seja o que for, está solto, porque se mexe e resvala quando tocamos.

— E se amarrarmos uma colher à haste? — propôs Abby.

E então transcorreu a cena mais estranha que eu jamais vira em minha vida (incluindo a do cabide de Mary Poppins): Kaspar sorriu e, pegando Abby pela cintura, ergueu-a no ar e lhe deu um grande beijo nos lábios. Abby, pelo que eu pude ver, reagiu com entusiasmo, colocando os braços ao redor do pescoço de Kaspar. Olha que, se demorassem um pouco mais, eu teria pedido que procurassem um canto escuro e afastado (ali não havia quartos).

— Querida, fique de boca fechada — sussurrou o meu marido.

Mas eu não podia, havia ficado petrificada. Assim como também não podia devolver meus olhos a suas órbitas nem reativar o pulso em minhas veias.

— *Basileia...* — recriminou-me Farag. — Não olhe tão fixamente, por favor.

Não olhar fixamente? Perder aquele momento histórico em que o ex-Catão, a Rocha mais dura, o sujeito mais desagradável e desesperador do mundo, estava dando um longo beijo de amor nos lábios de Abby Simonson, a herdeira de uma família alienígena que dominava o mundo? Ora essa! Não seria eu a perder a oportunidade, deixaria isso para outra!

E, de repente, não consegui conter a risada. Irrompi em sonoras gargalhadas que reverberaram na caverna com um toque sinistro, ainda que não fossem sinistras, mas divertidas: o tolinho do Kaspar havia se recusado a me contar qualquer coisa durante o voo a Israel e, agora, ele mesmo descobria seu segredo por um fraco arroubo de entusiasmo que não conseguira controlar. Como eu também não conseguia controlar minhas gargalhadas, por mais pisadas, beliscões e tapinhas que Farag me desse. Eu estava morrendo de tanto rir, juro, estava morrendo. Era a melhor coisa que havia visto em muito tempo. Kaspar e Abby! Pelo amor de Deus! Minha barriga doía de tanto rir e as lágrimas caíam por meu rosto como cataratas, por mais que eu as

secasse repetidas vezes com as mangas. *Meu plano havia funcionado*, pensei, sufocando de tanto rir.

Tive sorte porque, como Farag diz, minha risada é muito contagiante e, após alguns instantes, todos começaram a rir tanto quanto eu, causando vergonha em Abby e uma irritação monumental em Kaspar, que largou a garota no chão e avançou em minha direção como uma retroescavadeira. Mas não me assustou, estava tão engraçado com aqueles novos sentimentos cafonas e românticos por Abby que só consegui me fazer rir ainda mais. Quando chegou à minha frente, seu rosto havia mudado.

— Beleza — suplicou timidamente. — Já pode parar. Agora você sabe o que está rolando entre mim e Abby.

Pois bem, àquela altura já não aguentei mais e precisei me apoiar no peito de Farag, porque achei que iria morrer. Gostaria de ter respondido, mas não conseguia, sério mesmo. Até meu marido estava rindo, porque percebi. Todos riam estrondosamente.

Quando me acalmei um pouco (não muito) e afastei o rosto do peito de Farag, vi que Abby sorria ao lado de Kaspar, que estava de mãos dadas com ela. *Pelo amor de Deus*, pensei, *isso vai me matar!* E voltei a esconder o rosto rapidamente,

antes que tivesse uma síncope. Aquilo era o que Isabella chamava de momento glorioso. Inesquecível!

Os pobrezinhos Kaspar e Abby resistiram estoicamente à situação até que, pouco a pouco, fomos sossegando. Foi mais difícil para mim recuperar a compostura, porque eu não tinha nenhum interesse em recuperá-la. Estava curtindo e me vingando de diversas coisas ao mesmo tempo.

Por fim, Farag me afastou e estendeu a mão para Kaspar.

— Fico muito feliz por vocês — escutei-o dizer enquanto eu secava os olhos.

— Não havíamos falado nada — respondeu a Rocha — porque sabíamos que Ottavia faria uma cena como essa.

— Cedo ou tarde, teria que acontecer — balbuciei entre soluços. — E cedo é sempre melhor.

— Você é terrível, Ottavia! — disparou, irritado.

— Você aguenta — respondi. — Ninguém disse que a vida era uma festa. Mas, enfim, Kaspar, fico contente por vocês dois. Embora não tenha certeza de que Abby saiba onde está se metendo.

Sabira se aproximou para beijar Abby e felicitá-la, e Gilad esperou que se afastasse para também se aproximar e dar os parabéns. Desde que soubera que Sabira era muçulmana, ele a evitava. Ah, seus estranhos preconceitos... Poderia jurar

que a arqueóloga Assassina não havia se incomodado com seus primeiros avanços.

— Vamos amarrar uma colher na haste da barraca — voltou a dizer Abby — para tentar tirar o que está dentro da fenda.

Kaspar partiu em disparada em direção às mochilas para se afastar do círculo de escárnio, e Farag e eu trocamos olhares com um sorriso, satisfeitos por vermos nosso ex-Catão feliz. Sua tristeza nos últimos anos nos preocupara muito, e por isso estávamos contentes.

— Não entendo por que precisamos tirar da água o objeto brilhante — comentou Sabira, pondo-se ao meu lado. — Deve ser um pedaço de vidro ou metal. Como isso nos ajudaria a encontrar os ossuários ou a sair daqui?

Meu marido olhou para ela com a condescendência de um arqueólogo experiente frente a um arqueólogo novato.

— Escute, Sabira — ele disse enquanto Kaspar labutava a mil por hora, unindo com um arame uma colher de plástico à haste da tenda —, talvez não haja nenhuma razão lógica para fazermos isso, mas sabemos por experiência que, quando alguém quer esconder e proteger algo, não pode fazer com que este algo desapareça para sempre. Tem de

deixar uma porta dos fundos, porque é possível que precise voltar algum dia.

— Os antigos reis e nobres — acrescentei — não eram enterrados em tumbas discretas construídas em lugares secretos para serem esquecidos com o tempo e terem seus nomes apagados da história. O que faziam era proteger seus suntuosos e megalômanos mausoléus com armadilhas contra ladrões conhecidas por seus familiares e homens de confiança.

— Sempre deixam chaves escondidas, por via das dúvidas — concluiu Farag. — E, como não sabemos que chaves os ebionitas deixaram, devemos conferir tudo, por mais absurdo que pareça.

— Vamos lá! — disse o hiperativo Kaspar, que se deslocava pela caverna como uma bola de *pinball*, arriscando-se a cair em um buraco como no jogo de verdade.

Ele se ajoelhou e, seguindo o exemplo, todos fizemos o mesmo em torno da fissura, iluminando-a com as lanternas de Abby e Farag. Ele começou a revolver a água lamacenta à procura do objeto brilhante, que escapulia repetidas vezes como se estivesse vivo, até que, por fim, ficou preso entre a colher de plástico e a parede do buraco. Kaspar o ergueu devagar para que não escorregasse outra vez e, quando o

trouxe até a superfície, vimos uma esfera perfeitamente redonda, do tamanho de uma bola de golfe e vermelha como o sangue, debaixo da sujeira que arrastava para fora da água.

Mas não era uma esfera normal. Quando Kaspar colocou-a na palma da mão e Gilad derramou por cima dela um pouco da água limpa de sua garrafa, a bola vermelha de golfe se transformou em uma gema preciosa, em um polido rubi cor de sangue sem nenhuma irregularidade, perfeitamente liso, que emitia sem cessar fagulhas de luz e uma brilhante cintilação.

— É um cabuchão — murmurou Sabira —, um rubi cabuchão que deve valer uma fortuna.

— O que é um cabuchão? — perguntei.

— É o nome de uma forma de talhar — explicou. — Ou, melhor dizendo, de não talhar, porque quando uma pedra preciosa é polida e arredondada, diz-se que tem forma de cabuchão.

— Que nome feio para algo tão bonito! — comentei, tocando nela de leve, como se queimasse, com a ponta do dedo indicador. — Mas sei que deve valer uma fortuna, sim.

— Sem dúvida — confirmou Abby, com a confusão estampada no rosto. — Será que há mais nos outros buracos?

— Vamos descobrir — respondeu Kaspar, levantando-se e entregando a ela o rubi.

Avançando em procissão, dirigimo-nos todos ao buraco mais próximo e, uma vez ali, repetimos a operação de pesca e captura escorregadiça. No fim, de fato, saiu outra bola de golfe, mas esta era realmente espetacular: após ser lavada com água limpa sob a luz branca fria de LED, aquele cabuchão transparente fulgurava com resplendores iridescentes que pareciam nascer em seu interior e resvalar por sua superfície polida.

— É o diamante mais bonito que já vi! — exclamou Sabira, perplexa.

— Por que você nunca me dá joias, Farag? — perguntei ao meu marido em um parêntese, sem deixar de olhar para aquela preciosidade.

— Porque você não usa — respondeu ele. — Dei a você uma corrente de pérolas muito anos atrás e você nem tirou da caixa.

Sim, bem, é que as joias nunca haviam chamado tanto a minha atenção, eu nunca havia sentido a necessidade de possuí-las ou usá-las, mas, naquele momento, vendo os conhecimentos que Sabira e Abby tinham de pedras preciosas e seus valores, eu me sentia um pouco

complexada. Minha alma doeu por aquela corrente de pérolas perdida no incêndio de nossa casa em Toronto, porque me lembrei da expectativa que Farag tinha ao me presentear com ela em nosso primeiro aniversário e o pouco (ou nenhum) caso que eu havia feito.

Durante mais de duas horas, dedicamo-nos a pescar, com bastante dificuldade, bolas de golfe de diferentes cores nos doze buracos do chão. Ao final, tínhamos uma coleção incomparável de gemas valiosíssimas, embora algumas nem mesmo Abby ou Sabira soubessem identificar, mesmo com a explícita familiaridade de ambas com pedras luxuosas. Conforme as retirávamos da água, íamos guardando-as em uma sacola de plástico, porque eram cada vez mais e pesavam muito, e não podíamos segurá-las enquanto continuávamos ansiosos com a extração da próxima.

Por fim, quando já estávamos todos convencidos de que não havia mais nada em nenhum dos buracos, retornamos ao nosso acampamento improvisado de mochilas e voltamos a nos sentar em círculo no mais absoluto silêncio. O que poderíamos dizer? Tínhamos doze pedras preciosas de um valor incalculável e não sabíamos por que estavam lá nem o que fazer com elas, a não ser deixá-las no centro para que todos pudéssemos contemplá-las.

— Sabira — disse Farag de repente —, você não disse que não entendia por que tínhamos que tirar da água os objetos brilhantes?

Sabira sorriu, adivinhando os pensamentos de Farag.

— As pedras são a chave para abrir a porta? — perguntou de forma singela.

— Eu apostaria a minha vida — afirmou Farag.

— Não aposte o que não é seu — respondi rapidamente.

Suponho que Kaspar e os outros acharam que eu me referia ao fato de que todas as vidas pertencem a Deus (o que, sem dúvida, é verdade), mas o sorriso de Farag revelou que ele havia me compreendido perfeitamente: sua vida era minha como a minha era sua, e ele não podia apostar algo meu sem ao menos me pedir antes.

Peguei a bola de ametista na mão, a de cor violeta, que se aproximou rodando até parar na minha frente, e examinei-a com cuidado, procurando nela alguma marca ou sinal que nos indicasse alguma coisa. Mas era tão perfeitamente polida quanto as outras, com um grau de delicadeza e maestria que parecia impossível de acreditar.

Pelo que sabíamos, naquele monte de pedras preciosas, tínhamos um rubi vermelho, um diamante incolor, uma ágata de cor mostarda, uma ametista violeta, uma esmeralda

de um verde intenso, uma safira de um profundo azul escuro, um jaspe vermelho, um ônix preto, um topázio amarelo e um berilo verde-água. Mas, além disso, tínhamos outras duas bolas que não sabíamos ao certo o que eram: uma de cor verde, provavelmente uma malaquita, e outra de cor avermelhada intensa, embora opaca, que podia ser (ou não, de acordo com as especialistas) uma opala. De algum recôndito muito profundo e escuro de meu cérebro, uma lembrança lutava para abrir caminho até a superfície e voltar à minha consciência, mas era algo tão frágil e remoto que não lhe prestei atenção.

— E o que fazemos com isso? — perguntou a Rocha, reunindo-as outra vez no centro com seus braços compridos. — Que diabos significam? Por que estavam escondidas nos buracos com água?

— Veja, Kaspar — eu disse com firmeza —, se o que você pretende é desvendar o enigma pelo caminho mais rápido, pode ir dando tchau. Não vamos ver isso agora. São mais de onze horas da noite e estamos esgotados.

— Pensando agora... — começou a dizer Abby. — Mas não. Não tenho certeza.

— Diga o que for — incentivou-a docemente o ex-Catão, olhando para ela com amor.

— Meu Deus! — exclamei. — Não vou conseguir suportar isso! Deem uma folga!

— *Basileia*, deixe-os em paz! — censurou-me Farag, irritado.

— Mas são eles! Não está vendo? — eu me defendi.

Abby optou por se desviar do assunto explicando a ideia que tinha em mente.

— E se as pedras forem aquelas do *Jóshen Mishpat* do *Kohen Gadol*?

Antes que alguém tivesse a chance de pedir que ela parasse de falar no idioma vulcano de *Jornada nas estrelas*, Gilad Abravanel exclamou entusiasmado:

— É claro! O *Jóshen Mishpat*! Como eu não me dei conta? A questão é que as pedras do *Jóshen Mishpat* são quadradas ou retangulares. Nunca vi esféricas.

— O que é *Jóshen Mishpat*? — perguntamos Sabira e eu ao mesmo tempo.

Mas ninguém nos deu atenção. Todos pareciam convencidos de que aquelas palavras em vulcano eram a verdade revelada. Na realidade, devia ser hebraico, porque Gilad e Farag haviam entendido. O fato de Abby falar hebraico já era bastante estranho, mas a hipótese de que a

Rocha também sabia do que estavam falando era muito mais estranha ainda.

Farag se deu conta de que eu ficara à margem da conversa e veio rapidamente em meu auxílio e no de Sabira:

— *Jóshen Mishpat* é o nome judaico do peitoral do juízo que o *Kohen Gadol*, o Sumo Sacerdote do Tabernáculo, utilizava sobre as vestes rituais.

— O segundo livro da Torá, o *Shemot* — perguntou Gilad, nervoso —, está compilado em seu Antigo Testamento cristão?

— Não — respondi. Os livros do Antigo Testamento não eram exatamente os mesmos compilados na Bíblia hebraica. Alguns coincidiam, mas outros não, e eu jamais escutara a palavra *Shemot*.

— Sim, estão sim — rebeteu Abby, que, de repente, como se ainda não tivesse mudado o suficiente, revelava-se uma especialista em hebraico e nas Sagradas Escrituras —, mas se chama livro do Êxodo.

— Ah, perfeito — proferiu o arqueólogo, aliviado. — Kaspar, por favor, você me empresta sua Bíblia cristã?

Kaspar, sem dizer nem meia palavra, abriu a mochila, tirou o livro dela e entregou-o a Gilad, que o pegou com as mãos trêmulas.

— Livro do Êxodo, não é, Abby? — quis confirmar enquanto consultava o índice.

— Sei o que você está procurando — ela respondeu, sorridente. — E a distribuição dos capítulos é a mesma. Veja em Êxodo 28, 15. Quer ajuda?

Gilad riu.

— Se sobrevivi na escola talmúdica até os dezenove anos — disse —, acho que conseguirei me defender de uma Bíblia cristã, ainda que seja a primeira vez que seguro uma nas mãos. Menos mal que meus pais não estejam me vendo!

E riu mais uma vez sem qualquer malícia, ainda que com certa preocupação.

— Espero que não haja muitas modificações no texto — acrescentou, virando as folhas com decisão.

— As mudanças feitas no Antigo Testamento foram, no geral, pequenas — tranquilizou-o Abby. — Só o que convinha ou incomodava a incipiente teologia cristã. Nada que nos atrapalhe agora.

Olhei para ela com novos olhos, porque não reconhecia aquela Abby que estava à minha frente. E acho que o mesmo aconteceu com Farag, que fez sinais discretos para chamar a minha atenção. Kaspar, pelo contrário, estava totalmente

concentrado na questão do Êxodo-*Shemot* e do peitoral-*Jóshen*.

— Encontrei! — exclamou Gilad, batendo com a palma da mão nas páginas em que a Bíblia estava aberta. “Farás também o peitoral do juízo de obra esmerada, conforme a obra do éfode o farás” — começou a ler — “de ouro, de azul, e de púrpura, e de carmesim, e de linho fino torcido o farás. Quadrado e duplo, será de um palmo o seu comprimento, e de um palmo a sua largura. E o encherás de pedras de engaste, com quatro ordens de pedras; a ordem de um rubi, de um topázio, e de uma esmeralda; esta será a primeira ordem; e a segunda ordem será de uma malaquita, de uma safira, e de um diamante; e a terceira ordem será de uma opala, de uma ágata, e de uma ametista; e a quarta ordem será de um crisólito, e de um ônix, e de um jaspe; engastadas em ouro serão nos seus engastes”.

Meus olhos fechavam de sono. Por que não podíamos deixar tudo aquilo para o dia seguinte? Estávamos cansados, e dormir nos faria bem.

— O que é o éfode? — perguntou Sabira.

— A vestimenta sem mangas que usavam sobre a túnica — explicou Gilad, voltando a lhe dirigir a palavra pela primeira vez. — Era presa com um cinto largo do mesmo

tecido. Sobre o éfode, no peito, como um pingente, ficava o peitoral com as doze pedras preciosas que representavam as doze tribos de Israel. Mas não tenho certeza de que as pedras mencionadas na Bíblia cristã são as mesmas mencionadas no livro do *Shemot*.

— Se tivéssemos cobertura — comentou Kaspar —, poderíamos consultar o *Shemot* da Torá na internet.

Abby olhou para ele com adoração e Farag colocou rapidamente uma mão sobre a minha boca. Fulminei-o com o olhar, mas ele permaneceu impassível. Quando, por fim, libertou-me da mordaca, enquanto Sabira bocejava dissimuladamente, consegui dizer não aquilo que eu gostaria verdadeiramente de ter dito, mas o que havia me passado pela cabeça sobre o assunto:

— Caso você tenha razão a respeito das pedras — murmurei —, onde está o referido peitoral de ouro, de púrpura carmesim e linho fino torcido em que devemos engastá-las? Porque eu não vi nenhum por aqui.

Capítulo 27

“Às vezes, vejo pessoas mortas”, dizia o garoto protagonista do filme *O sexto sentido*. Bem, às vezes eu devia cortar a língua fora e costurar os lábios, e não me refiro exatamente aos meus comentários sobre Kaspar e Abby.

Assim que mencionei que não havia nenhum peitoral de ouro e púrpura à vista, uma corrente elétrica percorreu o grupo (mas não o meu corpo) e infundiu em todos uma espécie de febre e loucura que os levou a dividir em zonas a caverna onde éramos prisioneiros e se organizarem. Tudo devia ser examinado, limpado, raspado, apalpado, empurrado e esfregado para que encontrássemos o maldito peitoral.

Por mais que eu protestasse e apelasse à sensatez e à hora tardia, ninguém me dava a menor atenção, e assim, de repente e contra a minha vontade, me vi de joelhos, à meia-noite, raspando e esfregando o chão do quadrante sudeste da caverna com um canivete multiuso, um rolo de papel higiênico e um dos meus cantis de água. Aquilo era a coisa mais idiota que havíamos feito em muito tempo e, se a

adrenalina mantinha os outros vigorosamente ativos, eu estava em frangalhos de tanto sono e exaustão.

Mas como há justiça nos céus (embora não na terra), por volta das duas da madrugada, Sabira se entregou. E então Abby. Os seguintes foram Farag e Gilad. E, por último, um Kaspar derrotado atirou a toalha e entrou no saco de dormir que, dali em diante, compartilharia com a herdeira (unindo os zíperes de seus dois sacos para formar um grande. Fui a última a me recolher, vencendo a todos em resiliência e produtividade. Tirei as botas e as meias antes de entrar no saco onde Farag já roncava suavemente e me aconcheguei junto ao corpo dele, pegando no sono em meio a uma grata sensação de vitória. Meu quadrante estava um brilho, e eu não havia encontrado peitoral algum. Os outros teriam que terminar o serviço no dia seguinte.

Fui acordada pelos sussurros e pequenos ruídos de movimentos humanos, mas o que mais me despertou foi o cheiro de café e a ausência de Farag ao meu lado. Nada havia mudado desde que eu fechara os olhos e pegara no sono: a mesma luz de lanterna, a mesma bagunça das mochilas... Lá não havia noite ou dia, nem nada que indicasse a diferença.

— Levanta, preguiçosa! — disse-me meu marido, aproximando-se com uma xícara de café e me dando um

beijo rápido. — Já são nove da manhã e precisamos terminar o trabalho.

— Terminei o meu ontem à noite — respondi, tomando um gole do café quente. Faltava açúcar, mas não devíamos gastar mais que o necessário, por garantia. Eu não confiava muito no resgate do Exército israelense e da Fundação Simonson.

— Vasculhou toda a sua zona? — surpreendeu-se Farag.

— Claro — respondi. — Não faço nada pela metade. Diferente de uns e outros.

— Você não conferiu as paredes — grunhiu ao lado do fogareiro o recém-estreado Romeu.

— Nem você — repliquei. — Além disso, você só tem uma parede. Eu, como peguei um canto, ainda tenho a tal da roda de pedra.

— Quem acabar primeiro a ajudará — decidiu o automeado chefe supremo das Forças de Exploração de Ortoedros Prismáticos Retangulares (FEOPR, um acrônimo, claro, conforme a tradição judaica).

Tomamos o café e comemos algumas barrinhas de cereais e mel que se adequavam a todas as peculiaridades culinárias do grupo e, então, voltamos a pôr mãos à obra. O primeiro problema do dia se apresentou quando descobrimos que não

tínhamos altura suficiente para limpar os quatro metros de altura das paredes da caverna. Optamos por deixá-las para o fim e, por enquanto, cada um limparia até onde alcançasse. O segundo problema foi de iluminação, porque, como devíamos examinar as paredes, não podíamos deixar as lanternas no chão como na noite anterior, e não dispúnhamos de lâmpadas dianteiras. Foi Kaspar quem teve a ideia de usar os cadarços das botas para pendurá-las na cabeça. Tendo que amarrá-las sob o queixo, parecíamos estranhos monges xintoístas japoneses intensamente brilhantes.

Como raspar e esfregar eram tarefas sujas e entediantes, distraí-me com os três assuntos sérios que havia deixado em suspenso em algum momento devido à falta de tempo. A saber: reconstituir minha nova relação com Deus, a quem nem sequer sabia como me dirigir, porque chamá-Lo de Deus me parecia frio, muito diferente de quando podia chamá-Lo de Jesus, que era alguém próximo, uma pessoa com vida e mensagem conhecidas, mas o que eu sabia a respeito de Deus? E, no entanto, tinha a sensação de que Ele, sim, me conhecia, mas que ainda restava um longo caminho a percorrermos em nossa nova relação. Os outros dois assuntos eram igualmente simples: rezar para a minha mãe

e, é claro, angustiar-me com a vida sexual de minha sobrinha Isabella. Com tudo isso, tive entretenimento de sobra enquanto limpava a parede do meu setor desde o chão até onde o meu braço alcançava.

Mas, como não cansarei de me repetir, a sorte sempre favorece os ousados, e, quando comecei a raspar com o canivete a parte superior da roda de pedra que obstruía a saída, um naco de barro seco caiu no meu rosto, acertando-me na bochecha direita e deixando à vista uma bela cavidade hemisférica com o tamanho perfeito para introduzir a metade de uma bola de golfe. Ou de uma joia caríssima.

— Encontrei! — gritei, erguendo os braços e agitando-os em um gesto de triunfo. — Encontrei o peitoral!

Em um instante, eu me vi rodeada pelos outros, que explodiam de empolgação.

— Falta o resto! — proferiu a Rocha, borrifando a água de sua garrafa e raspando toda a zona da roda de pedra ao redor da cavidade hemisférica. Lá estava! Era quadrangular, tinha doze hemisférios ocos para as gemas e...

— Isso não é um *Jóshen Mishpat* — proferiu de repente Gilad, decepcionado.

— Como não? — irritei-me.

— Não, Ottavia, não é — confirmou Abby, passando uma mão pela superfície do desenho. — Não se lembra do que lemos ontem? O peitoral deveria estar adornado com quatro fileiras de três pedras cada uma. Você diria que isso — e deu uma batidinha com a palma da mão — corresponde a essa descrição?

Bem, não exatamente. Não havia quatro filas de três cavidades cada uma. O que se via era, no centro, um entalhe cinzelado mostrando um retângulo na vertical com outro retângulo menor por dentro, em sua extremidade inferior, e, ao redor do retângulo externo, três cavidades hemisféricas à direita demarcadas por quadradinhos, três à esquerda, três acima e três abaixo, formando uma moldura. Era um desenho muito esquisito. O que não deixava dúvida era que as cavidades haviam sido feitas de propósito para as doze joias que estavam na sacola de plástico, mas em que ordem? Ou isso não tinha importância?

— Vamos estudar as pedras preciosas outra vez — ordenou o chefe supremo das FEOPR com o pior do seu mau humor. *Pobre Abby*, pensei. Podia até dirigir um monte de bancos financeiros no mundo todo, mas ter que aguentar a Rocha certamente acabaria com ela em dois dias.

Sentamos pacientemente nas esteirinhas em que havíamos apoiado os sacos de dormir durante a noite e contemplamos a sacola de plástico aberta com as doze bolas de golfe de diferentes materiais, cores e valores.

— Vamos separá-las em fileiras, como diz a Bíblia cristã — propôs Gilad.

— Espere — deteve-o Sabira. — Vamos utilizar as caixinhas de plástico da janta de ontem. Precisaremos de quatro, uma para cada fileira.

Resgatamos quatro caixinhas na sacola que utilizávamos como lixo e as colocamos no centro.

— Vejamos, Kaspar... — começou a dizer Farag.

— Chame-o de Romeu — murmurei.

A Rocha deu início ao gesto de se levantar para investir contra mim enquanto Abby, contendo o riso, segurou-o pelo braço para detê-lo e Farag me deu um beliscão na coxa que, apesar do tecido da calça, doeu bastante.

— Ottavia, já chega! — censurou-me Farag. — Deixe Kaspar em paz!

— Tudo bem, não vou dizer mais nada — menti.

— Não preciso que você me defenda de sua mulher! — disparou a Rocha. — Sei me defender sozinho.

Farag riu.

— Isso é o que você pensa! — respondeu, e então, olhando para Abby, suspirou. — Vamos ter muito trabalho para conter esses dois.

— Eu sei — concordou Abby, segurando a risada enquanto seus dedos acariciavam, ao mesmo tempo em que continham, a imensa mão da Rocha. — Mas conseguiremos impedi-los de se matar, não se preocupe.

— Kaspar, por favor — pediu Sabira, tentando acalmar a fera —, você poderia retomar a leitura do texto do Êxodo?

Resfolegando como Sauron, o Senhor do Escuro de Mordor, o ex-Catão pegou a pequena Bíblia e procurou a página que continha o fragmento sobre o peitoral do juízo.

— “E o encherás de pedras de engaste, com quatro ordens de pedras; a ordem de um rubi, de um topázio, e de uma esmeralda; esta será a primeira ordem; e a segunda ordem será de uma malaquita, de uma safira, e de um diamante; e a terceira ordem será de uma opala, de uma ágata, e de uma ametista; e a quarta ordem será de um crisólito, e de um ônix, e de um jaspe; engastadas em ouro serão nos seus engastes”.

— Muito bem — respondeu Sabira, inclinando-se sobre a sacola que continha as gemas. — Aqui está o rubi vermelho — e o deixou cair dentro de umas das caixinhas de plástico

que antes continham os fabulosos hambúrgueres *kosher* —, aqui o topázio amarelo e a esmeralda verde.

— “E a segunda ordem será de uma malaquita, de uma safira, e de um diamante” — repetiu Kaspar.

— Perfeito — assentiu Sabira, pegando outra caixinha. — Colocamos aqui a malaquita verde, a safira azul-escura e este belo diamante.

— “Uma opala, de uma ágata, e de uma ametista”.

Sabira pegou outra caixinha de plástico.

— Aqui colocamos a opala avermelhada, a ágata cor de mostarda e a ametista violeta.

— “E a quarta ordem será de um crisólito, e de um ônix, e de um jaspe” — concluiu Kaspar.

Sabira repetiu a operação e pegou as três pedras restantes ao mesmo tempo.

— O crisólito é o berilo verde-água — explicou Abby, muito atenta à tarefa de Sabira.

— E acrescentamos, para terminar, o ônix preto e o jaspe vermelho.

Farag colocou os quatro recipientes em fila, de cima para baixo, seguindo a ordem ditada por Javé a Moisés no deserto. As lentes de seus óculos, refletindo o brilho das pedras, produziam cintilações coloridas.

— Continuamos não sabendo como associar isso — observou meu marido, apontando para as caixas — com o desenho da roda. Deve haver alguma conexão, algo que ligue cada uma dessas pedras ao buraco correto.

— Talvez isso não tenha importância — conjecturei. — Vamos colocá-las de qualquer jeito e ver o que acontece.

— E por onde começamos? — ironizou Gilad. — Pelos buracos de cima, pelos de baixo, pelos da direita ou pelos da esquerda do retângulo central?

— Ontem à noite você disse uma coisa que chamou a minha atenção — respondi. — Comentou casualmente que as doze pedras do peitoral representavam as doze tribos de Israel.

— Sim, é verdade — assentiu —, mas há um grande debate em torno dessa questão. Se você reparar, no pedaço do *Shemot* que lemos, não é mencionado em nenhum momento qual pedra representa cada tribo. Aliás, se você fizer o favor, Kaspar, de continuar lendo de onde paramos, poderá entender a que me refiro.

Kaspar baixou os olhos de novo em direção às páginas abertas da Bíblia e leu:

— “Estas pedras, pois, eram segundo os nomes dos filhos de Israel, doze segundo os seus nomes; como gravuras de

selo, cada uma com o seu nome, segundo as doze tribos.”

— Exatamente — interrompeu Gilad. — Bem, a questão é que não há nenhum consenso sobre que pedra corresponde a que tribo. Simples assim.

— Essas pedras não têm qualquer inscrição — acrescentou Sabira.

— Por isso — disse um Gilad renovado, enfim mais disposto às relações árabe-israelenses — que não têm nada a ver com as doze tribos de Israel.

— Mas o que custa tentar? — insisti. — Não temos outra opção.

— acredite em mim, Ottavia — replicou o obstinado arqueólogo —, não há possibilidade de descobrirmos a relação. Você não pode imaginar a quantidade de sábios e tratados rabínicos aprofundados que abordaram a questão durante séculos sem chegar a lugar algum.

— Mas, vejamos — teimei como boa Salina —, os filhos de Israel, ou seja, os doze filhos de Jacob que se tornaram os patriarcas das doze tribos de Israel, tiveram que nascer em determinada ordem.

— Sim, mas como eram de mães diferentes — explicou-me ele, munido de paciência —, alguns nasceram quase ao mesmo tempo, outros podiam ser gêmeos, e então temos o

caso de Yosef, José, o penúltimo, cujos irmãos venderam como escravo aos egípcios e que, nas doze tribos, é representado por dois de seus filhos, Efraim e Manassés. E não podemos levar em conta a tribo de Levi, provavelmente o terceiro dos filhos de Jacob, porque esta tribo, dos levitas, não entrou na partilha de terras nem lutou contra outros povos durante os quarenta anos de travessia pelo deserto até a Terra Prometida. Os levitas eram os sacerdotes, que cuidavam do...

Gilad emudeceu de repente, surpreendendo a todos nós.

— Do que os levitas cuidavam, Gilad? — perguntou Sabira, aproveitando a retomada das relações.

— Do Tabernáculo — respondeu no lugar dele Abby, que parecia muito empolgada —, o templo no qual viajava pelo deserto a Arca da Aliança, a Casa de Deus.

— O *Kohen Gadol* — acrescentou meu marido —, o Grande Sacerdote do Tabernáculo que carregava o *Jóshen Mishpat*, o peitoral do juízo, era sempre um levita, um descendente de Levi.

Mas Gilad havia se levantado e caminhava feito um zumbi em direção à roda de pedra. Sem entendermos nada, mas movidos pela curiosidade, todos nós o seguimos e, quando

ficou de frente para o desenho, ele pôs um dedo sobre o retângulo central, o que tinha outro retângulo dentro.

— O *Mishkan* — murmurou. — O Tabernáculo.

— Isso é o Tabernáculo? — perguntei.

Meu marido passou o braço sobre os meus ombros. Na realidade, mais que por amor, para se apoiar em mim.

— O Tabernáculo era um espaço retangular — começou a explicar Abby de repente —, delimitado por grandes e luxuosos cortinados, dentro do qual havia uma tenda coberta com peles exóticas, e, nessa tenda, ficavam tanto o lugar santo, com os objetos sagrados^[1], como, ao fundo, o lugar santíssimo, o *sanctasanctórum*, separado por um véu que o mantinha sempre às escuras porque era a Morada de Deus, de Adonai, onde ficava guardada a Arca da Aliança. Era o *Mishkan*, o Tabernáculo, e este era o seu formato — disse, apontando para os dois retângulos cinzelados na pedra da roda.

— E, portanto — disse Gilad à herdeira, impressionado e satisfeito com os conhecimentos que ela havia demonstrado —, já sabemos o que o entalhe representa e para que servem esses hemisférios ocos, não é, Abby?

Abby, sorrindo para Gilad com satisfação, assentiu.

— Bem — disse Kaspar, um pouco incomodado (ou, talvez, enciumado) —, nós também sabemos para que servem os buracos. É onde devemos inserir as doze pedras preciosas.

— Sim, querido, é verdade — admitiu Abby, aproximando-se dele e pegando sua mão. — Mas há uma peculiaridade a mais: esse desenho representa, na realidade, a ordem de acampamento, avanço e ataque das doze tribos de Israel em torno do Tabernáculo durante os quarenta anos de travessia pelo deserto. Era assim que o povo de Israel viajava rumo à Terra Prometida, a terra de Canaã. Não era um grupo de antigos escravos desorganizados. Era uma nação completa com centenas de milhares de pessoas marchando ordenadamente, sempre nesta formação — e pôs a mão sobre o desenho —, uma formação ditada por Javé.

— E sabemos o lugar que cada tribo ocupava nessa formação — acrescentou Gilad. — Qualquer criança israelense sabe. Estudamos isso no colégio.

— Mas, ainda que saibamos onde se situa cada tribo — rebateu o meu marido —, seguimos sem ter qualquer ideia de qual pedra preciosa as representa. Ou seja, estamos na mesma.

— Não, Farag, na mesma não — disse Abby, muito satisfeita. — Resolvemos a metade do problema. Resta-nos resolver a outra metade, que é esta que você menciona. Mas será muito mais fácil experimentar variações com as pedras sobre um molde conhecido que sobre um molde a respeito do qual não sabemos nada, que era o que Ottavia propunha.

Ah, meu Deus! Eu já tinha ficado como vilã. Sina da minha grande memória e dos meus muitos anos de freira na Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria.

— Você está enganada, Abby — falei rapidamente. — Não era isso que eu propunha. Minha ideia, na realidade, era utilizar o fragmento do Gênesis em que Jacob, antes de morrer, despede-se de seus filhos. Se não estou enganada, ele menciona todos em ordem, começando pelo primogênito.

Farag me beijou no cabelo com entusiasmo.

— Entendem por que não consigo não amá-la? — disse de brincadeira aos outros. — Sempre encontra um jeito de sair por cima e dizer a última palavra.

— As bênçãos de Jacob estão no final do primeiro livro da Torá — comentou Gilad —, no *Bereshit*.

— Significa “No começo” — Farag traduziu para mim.

— É o livro do Gênesis — afirmei —, e também é o primeiro livro de nosso Antigo Testamento. Gênesis é a

palavra grega *γέννησις*, que significa “nascimento”.

— Como o *Bereshit* termina com a morte de Jacob — Gilad não tinha absolutamente nenhum interesse nas modificações cristãs dos nomes de seus livros sagrados —, as bênçãos devem estar perto do fim.

— Vou tirar fotografias do desenho antes de começarmos a colocar as gemas — comentou Sabira, muito profissional. Ela estava lá por um motivo muito concreto e, a não ser que Gilad a fizesse mudar de opinião (coisa bastante improvável), só o que lhe interessava era o trabalho.

Kaspar voltou a pegar a Bíblia e passou um tempo virando as páginas até que, por fim, exclamou:

— Encontrei as tais bênçãos.

— Pode ler para nós? — pediu Abby.

— Não, não, não! Nada disso! — deixou escapar Farag, sobressaltando todos nós. — Precisamos de organização.

— Que tipo de organização? — estranhei, perguntando-me se ele tinha ficado louco.

— Devemos recolher as caixas com as pedras e a Bíblia — explicou — e ir lendo o texto em frente ao desenho, para ver se temos alguma ideia. Melhor irmos até o lado da porta e nos instalarmos lá.

De modo que, tal qual o povo errante fez no deserto (nesse caso, na caverna), recolhemos nosso acampamento e o levamos até em frente à enorme pedra redonda que bloqueava a saída. Dessa vez, em vez de um anel, formamos um semicírculo e, com as coisas já organizadas, todos, exceto Sabira e Farag, sentamos no chão olhando para a roda; Sabira porque queria tirar fotos, e Farag porque desejava pôr as pedras preciosas nos buracos e presidir a bagunça, ou seja, também queria se autoneamar chefe supremo das FEOPR.

— Comece, Kaspar — disse o novo chefe, retirando o belo e suave cabelo desgrenhado do rosto e adotando uma pose de espera bastante atraente.

— Bênçãos de Jacob — começou a ler o chefe anterior. — “Depois chamou Jacob a seus filhos, e disse: Ajuntai-vos, e anunciar-vos-ei o que vos há de acontecer nos dias vindouros; Ajuntai-vos, e ouvi, filhos de Jacob; e ouvi a Israel vosso pai. Rubem, tu és meu primogênito, minha força e o princípio de meu vigor, o mais excelente em alteza e o mais excelente em poder. Impetuoso como a água, não serás o mais excelente, porquanto subiste ao leito de teu pai. Então o contaminaste; subiste à minha cama.”

— Ele dormiu com a mãe? — perguntei, horrorizada, antes de me dar conta de minha estupidez.

— Com uma das concubinas de seu pai — esclareceu-me Gilad. — Eram polígamos e, além disso, tinham concubinas.

— Bem, então, Rubem, o primogênito — declarou meu marido, virando-se para o desenho —, perdeu a primazia por ser idiota e não se conformar com o próprio harém.

— É o que eu ia contar agora mesmo — acrescentou Gilad. — Nessa disposição das doze tribos em torno do Tabernáculo, a fileira principal não era a do acampamento de *Reuben*. Cada uma das quatro fileiras de três tribos formava um acampamento, que tinha o nome do irmão principal. Como a entrada do Tabernáculo estava voltada para o leste, como as sinagogas...

— E como as igrejas cristãs — eu disse.

— ... também o acampamento principal — continuou Gilad, impassível — ficava para o leste, a Oriente, e esse era o de *Judah*, o quarto irmão.

— Então onde estavam as três tribos do acampamento de Rubem? — perguntou Abby.

— Ao sul, que seria esta fileira da direita.

— E que pedra preciosa combinaria com Rubem? — ponderou Sabira. — Pelo que seu pai diz, Rubem era forte e

orgulhoso, e transbordante como as águas. Talvez a safira azul, ou a malaquita verde?

— A esmeralda e o crisólito também são verdes — lembrou Abby.

— Eu disse que não havia solução — resmungou Gilad. — Ninguém sabe. As reconstruções atuais dos peitorais sempre são especulativas e não coincidem umas com as outras.

— Mas os ebionitas sabiam — manifestei-me em voz bem alta, para que todos lembrassem onde estávamos e por quê.

— Vamos recapitular — determinou a Rocha. — Por um lado, temos os doze filhos de Jacob, que deram lugar às doze tribos de Israel. Por outro, temos a distribuição das doze tribos em torno do Tabernáculo durante a travessia pelo deserto. E, por último, as doze pedras preciosas que, supostamente, representam esses doze filhos de Jacob. E o ponto cego é que, embora conheçamos a distribuição das tribos em torno do Tabernáculo, desconhecemos qual pedra preciosa representa cada filho. Mas nossos anfitriões nesta montanha, os ebionitas, bons judeus que também eram bons cristãos, sabiam qual pedra representava cada tribo. Por quê?

A caverna ficou em silêncio. Todos esmiuçávamos as palavras do ex-Catão.

E então eu entendi. De repente, a solução apareceu sozinha em minha mente. A pista eram eles, os ebionitas. Como eu não percebera antes?

— Pelos doze apóstolos, Kaspar — eu disse, respondendo à sua pergunta. — A solução são os doze apóstolos de Jesus.

Capítulo 28

Não tive tempo de explicar minha maravilhosa descoberta porque o telefone celular de Kaspar, o único que estava ligado, emitiu um som agudo e prolongado que nos trouxe de Saturno à Terra em uma fração de segundo, deixando-nos completamente desnorteados.

— Que diabos...? — bradou a Rocha, levando a mão ao bolso de seu casaco corta-vento preto e azul.

Ele pegou o *smartphone* com a tela iluminada e, após verificá-lo, ficou de olhos arregalados.

— Liguem seus celulares! — ordenou a todos. — Rápido!

— Mas, Kaspar, não temos nem sinal... — começou a dizer Abby.

— Devemos ter, porque o celular dele está funcionando — rebateu Farag, acatando a ordem do ex-Catão. — Mas não entendo como é possível.

— Sua sobrinha — grunhiu a Rocha, percorrendo com os olhos todos os nossos telefones, que iam ligando pouco a pouco.

— Minha sobrinha? — falamos, ao mesmo tempo, Farag e eu. Onde aquela menina estava agora e como diabos conseguia se comunicar conosco através das toneladas de pedra do monte Meron?

— A mensagem que recebi é de uma tal de Isabella — explicou Kaspar. — Não é a sua sobrinha?

Eu não estava entendendo nada, mas, é claro, meus conhecimentos tecnológicos eram um pouco deficitários. No entanto, sabia com total certeza que, se não havia nenhum daqueles pequenos tracinhos informando sobre a cobertura, significava que não havia sinal. E não havia. Muito menos internet. Meu celular estava morto para o mundo, não conseguia se comunicar com o exterior de maneira alguma.

“Olá, tia”, apareceu na minha tela de repente, quase me matando de susto.

— É Isabella! — exclamei, aturdida.

— Foi o que eu disse — falou o ex-Catão.

— Como é possível? — perguntava repetidamente o surpreso Gilad.

— Vou perguntar a ela — disse a Rocha. E começou a teclar com seus enormes polegares na pequena telinha. Outro mistério: como conseguia escrever corretamente sem apertar cinco letras de cada vez?

Desbloqueei a tela inicial e entrei na dos ícones. Havia um aviso no WhatsApp. Era a mensagem que eu havia lido na tela bloqueada. Todos os nossos telefones apitaram ao mesmo tempo e todos inclinamos as cabeças sobre nossos celulares. Aquilo era uma loucura. Pelo amor de Deus, não havia cobertura!

A mensagem que recebemos em comum e ao mesmo tempo era a explicação para o mistério. Eu a li, assim como os outros, mas não entendi nada. E não fui a única.

— O que quer dizer “protocolo descentralizado”? — perguntou Sabira.

— E o que significa “rede de nós”? — perguntei.

— E “malha de redes”? — quis saber Gilad.

Kaspar voltou a teclar e, pelo visto, voltou a fazê-lo direito, porque Isabella respondeu para todos imediatamente.

— Vejamos, calma — disse Kaspar, que sempre gostou muito de computadores (além de ser o Catão que havia levado a internet ao Paraíso Terreno). — Isabella e nossos engenheiros estão utilizando um sistema que não precisa de wi-fi nem de cobertura telefônica. Usam os celulares que estão ligados desde... desde lá até aqui para formar uma rede própria de *Bluetooth* com uma potência de mil quilowatts, o

que é uma infinidade. Não pode ser detectada e os nós, ou seja, os celulares através dos quais as mensagens viajam, não avisam seus proprietários. A única coisa necessária para que o sinal alcance o máximo da potência e se movimente depressa é uma porção de celulares ligados.

— Potência suficiente para atravessar a rocha desta montanha? — perguntou o tio da delinquente. Isabella estava roubando cobertura de milhares de pessoas sem que soubessem ou lhe dessem permissão. Eu não me preocupava apenas com a vida sexual de minha sobrinha, mas também com seu futuro. Esperta como era aquela garota, será que não se tornaria a imperatriz do mal e acabaria dominando o mundo como os Simonson?

Kaspar voltou a digitar a pergunta.

E a resposta também chegou a todos: “Sim, conseguem atravessar a rocha, contanto que haja muitos celulares operantes tanto fora da montanha como dentro, e por isso vocês devem manter os seus ligados”.

— Com certeza está utilizando os do Exército israelense — murmurei, tremendo. Afinal de contas, ela era a minha sobrinha e estava cometendo um delito internacional.

— Mas isso não é o pior — sussurrou meu marido com o rosto desconcertado. — Também deve estar usando os

telefones de Spitteler, Rau e sua equipe.

Virgem Maria!

— Mas o *Bluetooth* tem um sinal muito fraco — objetou Gilad — e um alcance máximo como o do controle remoto de uma televisão.

— Você não entendeu a questão da malha de redes de nós e dos mil quilowatts da radiofrequência? — grunhiu o ex-Catão, olhando para ele como se Gilad fosse um bobo incurável. O eminente arqueólogo engoliu saliva e ficou em silêncio. Fizemos o mesmo, por via das dúvidas.

— De qualquer modo — suspirou Farag resignado —, esta conexão com o exterior vem em muito boa hora. Mas, Kaspar, diga a Isabella, por favor, que não podemos manter os celulares ligados porque ficaríamos sem bateria. Iremos ligá-los quando precisarmos de alguma coisa.

Kaspar começou a digitar, mas parou de repente e ergueu a cabeça.

— Ué, diga você! — protestou. — Estamos todos conectados!

Farag sorriu.

— É verdade — respondeu, e mandou a mensagem a Isabella.

Era essa a razão pela qual um sujeito tão desagradável quanto Kaspar Glauser-Röist conseguia ter amigos que o apreciassem e não o mandassem para longe: enquanto eu teria respondido com palavras à altura de sua estupidez, Farag era inteligente demais para não conhecer perfeitamente e compreender a absoluta carência de habilidades sociais do ex-Catão e seu profundo déficit de diplomacia. *Talvez Abby, pensei, seja tão esperta quanto Farag.* O tempo diria.

— Voltemos aos doze apóstolos, por favor — pediu Sabira, sentando-se outra vez.

— Espere! — interrompi. — Quero me despedir de minha sobrinha.

E comecei a escrever: “Como passou por sua cabeça dormir com esse menino cujo nome você sequer me disse, pode ir dando adeus a essa vida. Um beijo”. Sua resposta chegou quase de imediato: “Então posso dormir com outro?”. Teclei rapidamente: “Não, com nenhum!”. E ela: “e com garotas?”. Quase tive um ataque do coração, não sei como fui capaz de acertar as letras: “COM NINGUÉM!”. E desliguei o celular para que ela visse que a conversa estava encerrada.

O celular de Farag trinou como os pássaros.

— Isabella disse que vai procurar alguém que se chame “Ninguém”.

— Diga que... Diga que vou matá-la! E estou falando sério! Sou uma Salina!

— O que houve? — Abby perguntou a Kaspar, sussurrando e me apontando com o queixo.

— Nada — respondeu ele, muito tranquilo. — Isabella sabe como provocar a tia e adora fazer isso. As duas são iguais. Neste momento, deve estar morrendo de tanto rir.

Talvez ela estivesse morrendo de tanto rir, mas eu estava tão furiosa que precisava sair imediatamente daquela caverna, senão ia explodir. Assim, eu me agachei, peguei a sacola de plástico com as doze malditas pedras preciosas das tribos de Israel e me dirigi até o desenho da porta. Iria colocá-las em seus lugares para que aquele estúpido disco de pedra, que tinha até um buraco no centro como antigos discos de vinil, rodasse e nos deixasse sair. Eu estava farta.

— Ottavia, o que está fazendo? — gritou Abby.

— Vou acabar com esse assunto de uma vez por todas para que possamos voltar para casa! — eu disse, vasculhando com a mão o interior da sacola de pedras.

— Espere! — ela insistiu, muito séria. — Você precisa nos explicar antes!

Todos se apinharam ao meu redor com preocupação nos rostos, e meu marido, sem pensar duas vezes, arrancou a sacola de minha mão com um puxão.

— *Basileia* — disse com a voz sossegada —, acalme-se. Posso imaginar sua discussão com Isabella, mas, como não tem nenhum sentido, peço que você deixe os ânimos se acalmarem e relaxe.

— Não tem nenhum sentido? — explodi.

— Quer discutir isso aqui, na frente de todo mundo, para que todos digam o que eu já disse? — ameaçou.

Apaguei o incêndio de imediato e me acalmei.

— Isso, é assim que eu gosto — disse Farag com uma voz de domador de leões entrando na jaula. — Agora, sente-se — disse o domador de leões.

— Já estou sentada — respondi, deixando-me cair de pernas cruzadas sobre a esteira no chão.

Os outros também sentaram, um após o outro, e Farag, antes de fazê-lo, devolveu-me a bolsa com as joias esféricas.

— Tome. Vamos voltar ao momento exato em que tocou o celular de Kaspar.

— Sim, quando você disse — exclamou a Assassina, emocionada — que a solução eram os doze apóstolos de Jesus!

Suspirei fundo.

— Vocês se lembram do mosaico que havia no chão da sinagoga de Susya? — comecei. — E de seus motivos decorativos?

Todos disseram que sim e começaram a mencionar menorás, motivos florais, passarinhos, cervos... Então, Kaspar disse:

— Rodas zodiacais.

— Exato — respondi, dirigindo a ele um olhar inflamado.
— Na sinagoga ebionita de Susya havia diversas rodas zodiacais.

— Estavam muito deterioradas — comentou Abby.

— Fizemos o que podíamos durante a restauração — desculpou-se Gilad.

— A questão era que havia rodas zodiacais — Que chatos! Não me deixavam falar. — Zodíacos com seus doze símbolos. Não me lembro se representavam os meses, as estações ou as constelações. O fato é que havia zodíacos.

— Sim, os *mazzaroth* — assentiu Gilad. — Eram muito comuns na cultura judaica, herdados provavelmente da Assíria e da Babilônia. De fato, são mencionados, inclusive, no livro de Jó^[1]. Não nos surpreendeu em nada encontrá-los

em uma das sinagogas mais antigas do mundo. Era um motivo decorativo muito judaico.

— E muito cristão também, Gilad — respondi. — Na Idade Média, a arte românica e o gótico herdaram essa tradição, e são inúmeros os zodíacos representados em catedrais, igrejas e monastérios. No geral, preferiam-se os motivos relacionados ao trabalho agrícola, mas havia de tudo: mitologia grega e romana, escudos e emblemas, cenas de caça ou de guerra etc. No entanto, em menor medida, houve também uma simbologia zodiacal com as figuras dos doze apóstolos. — Detive-me um instante para recuperar o fôlego. — Ganhei meu primeiro Prêmio Getty de Paleografia graças a manuscritos bizantinos que redescobriram a astrologia zodiacal cristã na antiga Constantinopla, e essa mesma astrologia agora pode nos ajudar a compreender a visão distorcida dos ebionitas, que mesclam em um único todo o judaísmo e o cristianismo.

— Então — disse Kaspar, tentando se situar — os ebionitas utilizavam o zodíaco. Maravilha. E como chegamos até as doze tribos de Israel e as doze pedras preciosas do peitoral dos Sumos Sacerdotes do Tabernáculo?

— Através das equivalências, Kaspar — eu disse; agora que estava tranquila e era capaz de proferir uma dissertação

coerente, não permitiria que a Rocha me distraísse. — Podemos esquecer as Bíblias cristãs e hebraicas, os Gênesis e os Êxodos. Tudo diz respeito a equivalências, que, definitivamente, é do que tratam os zodíacos ou *mazzaroth*.

Sem me levantar, tirei da sacola as doze pedras preciosas esféricas e as distribuí fora de ordem à minha frente.

— Se a memória não falha — disse, sabendo que não falhava nunca —, e tenho uma memória muito boa, os zodíacos, tal e qual os conhecemos, baseiam-se em constelações gregas: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

Eu as conhecia em grego, então precisei traduzi-las enquanto listava.

— Essas constelações gregas que aparecem nos zodíacos às vezes eram substituídas, como eu disse, pelos trabalhos agrícolas, ou pelos deuses mitológicos ou, de vez em quando, pelos apóstolos. Em muitas igrejas constantinopolitanas, hoje convertidas em mesquitas e nas quais, portanto, toda essa iconografia desapareceu, os zodíacos são representados com as figuras dos apóstolos.

— Mas os apóstolos não são os mesmos em todos os evangelhos — comentou a Rocha.

— Sim, mas só mudam os nomes — expliquei, fazendo pouco caso. — A questão é que, se não me lembro mal, como disse, cada apóstolo substituía uma constelação conforme suas relações especiais com elas, fosse porque havia sido martirizado naquelas datas fosse pela semelhança de seus nomes ou por qualquer outro motivo. Dessa maneira, em algum momento, estabeleceu-se que Áries era Simão, o cananeu; Touro era Tadeu; Gêmeos era Mateus, o publicano; Câncer era Felipe; Leão era Jacob ou São Tiago Maior etc. E assim os doze ocupavam cada uma das posições da roda zodiacal. Mas o que lembrei de repente logo antes de recebermos a mensagem de Isabella foi que a cada signo zodiacal também era designada ou atribuída uma pedra preciosa: Áries correspondia ao rubi; Touro ao topázio; Gêmeos à esmeralda; Câncer...

— À malaquita, não é? — pasmou-se Kaspar.

— Isso mesmo — respondi, muito sorridente. — O signo de Câncer, representado pelo apóstolo Felipe, correspondia à malaquita.

— As mesmas pedras que representam as tribos de Israel? — Gilad não acreditava no que estava ouvindo, mas um brilho especial em seus olhos me informou de que nossas mentes haviam se conectado, e o que eu estava

dizendo sobre as representações cristãs dos zodíacos e as pedras preciosas era perfeitamente compatível com algo que ele sabia de seus anos de estudo na escola talmúdica e de seus trabalhos como arqueólogo nos antigos assentamentos judaicos dos primeiros séculos.

— As mesmas pedras e na mesma ordem que as constelações — assenti, passando a ele a palavra.

— Nos *mazzaroth* judaicos — ele começou — as constelações também foram substituídas muitas vezes pelas doze tribos de Israel. É algo bastante comum, inclusive hoje em dia. Se pudermos estabelecer uma conexão entre as constelações como signos zodiacais, as doze tribos de Israel e os doze apóstolos de Yeshu...

— Eu agradeceria muito, Gilad, se você parasse de chamá-lo assim — pedi com educação. — Chame-o de Yeshua ou Jesus, mas, agora que sei que Yeshu é um acrônimo ofensivo, fico um pouco incomodada ao ouvi-lo empregar esse termo.

Gilad sorriu. Quando sorria, seu rosto se transformava e assumia traços infantis, de criança pequena.

— Desculpa — pediu. — Não falarei mais. Mas eu também agradeceria muito a todos se não pronunciassem na minha frente o nome do Criador. No judaísmo, existe uma

proibição estrita de usar o verdadeiro nome de Deus, que é o tetragrama de quatro letras que vocês tão alegremente empregam na decoração de suas igrejas cristãs.

— O nome de Yah...? — comecei a dizer, para confirmar, mas me calei de repente ao ver a expressão de Gilad.

— Exato — assentiu. — Esse é o nome sagrado que não deve ser pronunciado. Quando precisar fazer isso, substitua-o por Adonai. É mais fácil.

— Resumindo — quem resumiria senão Kaspar, o impaciente? — Os ebionitas, seguindo suas duas tradições, judaica e cristã, fundiram as doze tribos de Israel com os doze apóstolos.

— Bem, não foram só eles — objetou Abby. — O próprio Jesus, no evangelho de Mateus...

— Tem certeza de que foi no de Mateus? — brincou Farag. — Não seria em outro?

O rosto de Abby demonstrou, tão rápido quanto um raio e igualmente fugaz, uma expressão de terror. Ou foi só impressão? Devia ser minha imaginação, porque, quando olhei para ela outra vez, estava rindo de boa vontade.

— Pode ter certeza! — disse a Farag. — Meus avós foram conscienciosos em minha preparação para a busca pelos ossuários.

Seus avós, Jake e Becky. Por que Abby não havia perguntado a Isabella se sabia alguma coisa sobre o estado de seus avós? Por que Jake e Becky haviam preparado Abby tão meticulosamente para procurar os ossuários? Sacudi a cabeça para livrá-la de pensamentos estranhos. Estava ficando paranoica. Minha colossal desconfiança me levava, por vezes, a extremos verdadeiramente disparatados.

— O que Jesus disse no evangelho de Mateus? — perguntou Sabira, que, estranhamente, talvez por sua superdiscreta fé ismaelita, não havia participado de nenhuma das conversas sobre questões religiosas que tivemos desde que nos conhecemos em Tel Aviv.

— Jesus disse^[2]— explicou Abby, adotando uma postura ainda mais perfeita e elegante no chão — que os apóstolos se sentariam em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel.

— Vamos esboçar um esquema com tudo isso, Ottavia — pediu Gilad, que não gostara nada da frase de Jesus.

— Boa ideia — admiti. — Assim será mais rápido.

Sobre uma folha de papel que Sabira nos deu após arrancá-la de seu misterioso caderninho de anotações e usando a bela lapiseira dourada que ela usava para tomar notas e fazer seus desenhos, traçamos doze fileiras

horizontais divididas em quatro colunas: a primeira coluna com os nomes dos doze signos zodiacais; a segunda, com os dos doze apóstolos; a terceira, com os das pedras preciosas que correspondiam aos signos zodiacais e coincidiam com as do peitoral do Sumo Sacerdote; e a quarta e última, que só Gilad era capaz de completar, com os nomes dos doze filhos de Jacob na ordem designada pelo signo zodiacal que, segundo os *mazzaroth* judaicos, correspondia a cada um. Gilad havia visto muitos zodíacos em sinagogas e fizera trabalhos durante a carreira em que precisara trabalhar com *mazzaroth*, de modo que, ainda que tenha hesitado e se corrigido algumas vezes, por fim conseguiu completar a lista.

— Muito bem, senhoras e senhores — eu disse, erguendo a folha de papel no ar. — Aqui temos a nossa chave de saída.

— Mas que obsessão em sair! — grunhiu a Rocha. — O que queremos é chegar aos ossuários. Com um pouco de sorte, talvez estejam do outro lado dessa roda de pedra.

— Vamos, *basileia* — incentivou meu marido. — Experimente essa estranha combinação. Vamos ver se Gilad e você são tão loucos quanto os ebionitas.

O musculoso arqueólogo, mais parecendo naquele momento um tímido garotinho em sua festa de *Bar Mitzvah*,

ajudou-me a levantar oferecendo a mão e nós dois, com o papel à frente, aproximamo-nos do desenho e de suas doze cavidades hemisféricas.

— Vamos começar pela fileira de cima, que representa o Oriente — propôs.

— Vá em frente — concordei. — Você me diz a tribo e eu entrego a pedra.

— Tribo de *Judah* — começou.

— O rubi.

Ele o pegou de minha mão e colocou no primeiro buraco superior à esquerda.

— Tribo de *Issachar*.

— Topázio amarelo.

Ele o colocou na sequência, à direita de Judá.

— Tribo de *Zevulun*.

— Zabulão?

— Sim.

— A esmeralda.

E colocou-a à direita de Issacar.

— Já temos o acampamento do Oriente, o de *Judah* — anunciou. — Vamos para o do sul, à direita do Tabernáculo do desenho — ele estava emocionado, radiante, até mesmo feliz. — Tribo de *Reuven*.

— Rubem, a malaquita.

E Gilad encaixou a esfera no buraco superior da coluna da direita.

— Tribo de *Shimon*.

— Simeão, a safira azul.

— Tribo de *Gad*.

— Diamante.

— O acampamento de *Reuven*, ao sul, está completo — disse. — Agora, vamos começar o acampamento do oeste, o da fila inferior deste Tabernáculo.

— Vá em frente — incentivei.

— Tribo de *Ephraim*.

— Opala.

— Tribo de *Menashe*.

— Ágata.

— Tribo de *Benjamin*.

— Ametista.

— Acampamento de *Ephraim* completo. Só resta o último, o acampamento de *Dan*, ao norte do autêntico Tabernáculo e à esquerda deste — disse com certa surpresa na voz, como se não pudesse acreditar no que estávamos fazendo, nem que estávamos terminando.

— Bem, olha só — instei. — E se nos enganamos em alguma coisa?

Os outros quatro permaneciam em um silêncio sobrepujante. Eu, inclusive, havia esquecido que estavam lá, atrás de nós, sentados no chão, observando e escutando.

— Tribo de *Dan* — disse Gilad.

— Berilo, ou crisólito, verde-água.

O arqueólogo o incrustou na cavidade inferior da coluna à esquerda.

— Tribo de *Asher*.

— O ônix.

— E, por fim — suspirou —, tribo de *Naftali*.

Só restava uma pedra na sacola. Gilad se virou para me observar.

— Ottavia?

— Sim?

— Pode me dar a última pedra, por favor?

— Ah, sim, é claro, sem problema! A esfera de jaspe.

Mas, como eu não a entregava, ele pegou a gema com um sorriso e colocou-a no buraco superior da fileira. Pronto. Todas já estavam em seus lugares correspondentes.

De início, nada aconteceu, ou foi o que nos pareceu, mas, na verdade, estava acontecendo, sim, ainda que nós,

absortos, não percebêssemos. Começou como um murmúrio, como um chiado distante.

— A areia! — exclamei, quando finalmente escutei.

Era evidente que os antigos mecanismos daquela montanha deviam funcionar com cargas, polias, correntes, contrapesos e alavancas movidos pelo peso de algo tão abundante e escorregadio quanto a areia, que se deslocava dentro das paredes duplas. Os ebionitas deviam ser uns fanáticos, pois era a única explicação para que tivessem perfurado uma montanha e transportado para dentro dela um pedaço do deserto.

O chiado arenoso se tornou muito mais intenso, e pouco depois escutamos a trepidação metálica de várias correntes passando por polias ou, talvez, desprendendo-se a grande velocidade dos eixos ou vigas para, em seguida, vermos o pesado disco de pedra que interditava a abertura retangular começar a rodar para a direita a duras penas, muito devagar, com o desagradável rangido provocado pela fricção entre as rochas. Nosso Tabernáculo emoldurado de pedras preciosas também foi girando no sentido horário até ficar de cabeça para baixo e, então, continuar subindo lentamente para a esquerda enquanto a roda de pedra de várias toneladas desaparecia, por fim, dentro da parede, deixando descoberta

uma nova escada estreita e íngreme com teto abobadado que descia rumo à escuridão.

— Como é possível — rugiu Romeu — que, estando dentro de uma montanha, não façamos nada senão descer em direção às entranhas da terra?

O coitado, cego de amor, não entendia que pouco importava onde estávamos, porque o plano dos ebionitas, traçado no século XIII, era o equivalente a um atual maquinário de nanotecnologia avançada e, portanto, como já havíamos caído na armadilha, eles nos levariam aonde quisessem e fariam conosco o que lhes desse na telha.

Capítulo 29

A fome nos lembrou de que a hora do almoço passara havia muito tempo. Na realidade, já era quase hora do jantar, e passamos o dia inteiro descendo por aquela maldita escada que não terminava nunca. O fato de descermos de um em um, carregando nossas imensas mochilas e iluminados apenas por duas lanternas, arrancando teias de aranha tão grandes e densas quanto lençóis, transformava em um perigo mortal cada degrau estreito e irregular daquela terrível descida quase vertical, por mais que nos auxiliássemos apoiando as mãos nas paredes de pedra.

No início, como Farag e eu seguíamos à frente, Kaspar nos advertiu para que tomássemos cuidado com o último degrau quando chegássemos ao final, caso se tratasse de outro dispositivo que fizesse a roda de pedra do Tabernáculo girar e nos deixasse trancados outra vez. Após cinco horas de descida, a advertência acabara virando uma besteira, porque pouco importava se fecharia ou não, visto que não valeria a pena retornar à caverna das pedras preciosas depois de termos chegado tão longe. Contudo, não foi difícil adivinhar

que estávamos trancados feito ratos outra vez, porque, quando Farag colocou o pé em um dos últimos degraus, este afundou ligeiramente com um estalido. Claramente, a armadilha não estava sempre no último degrau e, portanto, era algo feito de propósito.

Dessa vez, a escada pela qual havíamos descido uns quinhentos metros aproximadamente, segundo disseram Kaspar e Sabira, não terminava em uma espaçosa caverna cheia de comodidades, mas em um corredor estreito (tão estreito quanto a própria escada, ou mais) coberto por meio metro de água gelada. Dizer que lá fazia frio seria ficar longe da realidade: esvaziamos as mochilas em busca de agasalhos e roupas térmicas e vestimos todas, peça sobre peça. O problema era que molharíamos as botas, as meias e as calças (que só eram impermeáveis nos bolsos, para que coisas como os celulares ou a comida não se molhassem caso estivessem ali), mas deixar os pés e as pernas desprotegidos seria uma loucura, porque aquela água turva devia estar muito próxima do ponto de congelamento, faltando apenas alguns décimos.

Assim, sentados nos últimos degraus secos acima do nível da água e com o aspecto de ursos-polares lerdos e corpulentos, devoramos o jantar (que também era o almoço

do dia), que, maravilha das maravilhas!, era pão de pita com hambúrguer *kosher* acompanhados de pasta de dente com sabor de queijo salgado.

Estava tão frio que nuvens de vapor brotavam de nossas bocas cada vez que falávamos ou respirávamos. Aquilo era o Polo Norte abaixo de uma montanha no escaldante Israel. O que faríamos com a água? Nossos pés congelariam, não havia dúvida. Só tínhamos uma opção, conforme decidimos enquanto terminávamos o jantar: atirarmo-nos dentro do corredor sem pensar duas vezes e percorrê-lo a toda a velocidade, o mais rápido que pudéssemos, porque dormir ali, naquela escada íngreme de pedra, era impossível, a não ser que quiséssemos amanhecer no dia seguinte desconjuntados e mortos por hipotermia. A solução não era simples e não tínhamos muitas alternativas entre as quais escolher: era correr ou morrer. Então, melhor correr, naturalmente, já que isso, ao menos, nos ajudaria a manter o calor.

Fomos loucos ao agir assim, mas naquele momento ainda não tínhamos como saber. De qualquer modo, as consequências de nossa decisão foram as melhores possíveis, é preciso reconhecer. Ou seja, o que fizemos foi o

que, segundo os ebionitas, deveríamos ter feito. O que não era pouca coisa.

Após jantarmos, bem agasalhados e carregando nossas mochilas (agora um pouco menos pesadas), entramos na água um atrás do outro. Dessa vez era Kaspar quem seguia à frente com a primeira lanterna e quem marcou o ritmo da caminhada, que foi muito rápida desde o início, apesar da resistência da água, que logo se embrenhou para dentro de nossas botas, empapou nossas meias e nos causou uma dor imensa nos pés e músculos das panturrilhas. Eu sentia agulhas de gelo na carne e beliscões dentro dos ossos, como se meu tutano estivesse congelando. Meus olhos lacrimejaram sem que eu pudesse evitar, tanto pelo frio quanto pela dor insuportável. Sem dúvida, o pior era a dor, uma dor interna que não deu trégua até que, por causa do próprio frio, perdi antes a sensibilidade dos dedos e, então, dos pés inteiros.

Um passo, outro, outro... Não falávamos, apenas avançávamos sob a luz tênue das duas lanternas de costume. Eu conseguia ver Kaspar, Abby e Farag, que iam à minha frente, secando os olhos com as mãos e as mangas. Seus olhos também lacrimejavam de frio. Ou de dor, como os meus. Após dez quilômetros, nos quais investimos cerca de

três horas, já quase no limite de nossa resistência física, a água começou a mudar. Gradualmente, para a nossa surpresa, foi mudando de cor e temperatura. Andávamos cada vez mais reconfortados, sentindo nos pés um líquido menos frio que, ao início, era de uma cor ocre e, então, um pouco mais tarde, tornou-se de um cobre avermelhado e mais quente, devolvendonos lentamente a sensibilidade nos pés com pontadas agudas provocadas pelo retorno do sangue àquela parte de seu sistema circulatório habitual.

— Por que esta água tem uma cor tão estranha? — escutei Sabira, que seguia atrás de mim, perguntar. Depois de tantas horas de silêncio, sua voz espantou a todos.

— Não é nada — respondeu tranquilamente Gilad, o último da fila, que portava a segunda lanterna. — Essas águas subterrâneas provêm de aquíferos com níveis muito altos de concentração de ferro. Já encontramos água assim em muitas escavações porque, como devem saber, Israel fica bem em cima da falha em que colidem as placas tectônicas Arábica e Africana. O ferro provém de antigas cinzas vulcânicas e se oxida no contato com o oxigênio do ar e com os sais minerais das águas. É um fenômeno totalmente natural.

— Foi isso que aconteceu no Nilo durante a primeira praga bíblica? — ironizei.

— Ninguém sabe ao certo — ele respondeu de forma ambígua.

Eu começava a me sentir um pouco fraca e tonta, mas atribuí isso ao cansaço e não disse nada, de forma que continuamos avançando. No entanto, ainda que a água estivesse cada vez mais quente e tivesse uma cor mais alaranjada, a velocidade de nossos passos caía de maneira alarmante. Caminhávamos feito idosos achacadiços. *Estamos esgotando nossas últimas forças*, pensei. O mais estranho, contudo, ainda estava por chegar, porque, alguns quilômetros adiante, fomos surpreendidos ao ver aquele líquido alaranjado se tornar totalmente vermelho, um vermelho escarlate brilhante que estava muito quente, como se fosse água termal. As fisgadas na sola dos pés eram terríveis. Se não estivesse tão mal, poderia jurar que estávamos transitando por um rio de sangue.

E, após esse emocionante pensamento, meus ouvidos começaram a zumbir com notas agudas e dissonantes, minha visão ficou turva e perdi o equilíbrio. Escutei Sabira gritar e notei que Farag me segurava, porque reconheci seu

cheiro e sua voz, que soou muito distante, embora estivesse gritando em meu ouvido, e, então, perdi os sentidos.

Não sei quanto tempo passou. Não muito, ao que parece. Mas, quando me recuperei e entreabri os olhos, senti que flutuava acima de meu corpo, de tão aturdida. Estava deitada sobre alguma coisa, uma superfície dura e seca, então deduzi aliviada que havíamos saído da água. Não escutava nada. Ninguém estava falando. Onde estava Farag? Meus alarmes dispararam. Virei a cabeça à procura dele e levei o maior susto de minha vida: meu marido e todos os outros estavam caídos e desacordados sobre aquela superfície seca, exatamente como eu, ainda que eu, ao menos, tivesse recobrado os sentidos. Minha adrenalina disparou e, por impulso, eu me levantei... para cair outra vez gritando de dor.

— Meu Deus! — gritei, levando as mãos aos pés. Havia algo de errado com eles, mas eu não enxergava.

Uma das lanternas continuava acesa no chão, entre Kaspar e Abby, como se tivesse escapado das mãos de Kaspar antes que ele desmoronasse. Era uma luz potente, mas as trevas eram ainda mais potentes, de modo que me arrastei como pude, exaurindo as pouquíssimas forças que ainda me restavam, e consegui alcançá-la espichando muito um dos

braços. Então, em um último esforço, me sentei e iluminei Farag com a luz. Estava ao meu lado, virado na outra direção, caído de barriga para baixo, exangue, como se estivesse morto. Não parecia estar respirando. Um nó dolorido começou a fechar ao redor de minha garganta.

— Não — eu disse em voz alta e com decisão. — Agora não.

Arrastei-me até ele e senti seu pulso. Estava vivo. As lágrimas começaram a cair de meus olhos sem que eu pudesse evitar, mas eram lágrimas de alegria, de consolo. Inclinei-me sobre Farag e comecei a beijá-lo na testa, nos olhos, nos lábios e até nas bochechas ásperas. Mas ele não acordou. Foi então que o feixe de luz passou pelos meus pés. Uma exclamação de horror escapou de meu peito.

Do que antes haviam sido robustas botas de montanhismo com pontas reforçadas e solas grossas e resistentes de borracha com salto, restava agora apenas ridículos farrapos de couro presos aos tornozelos pelos cadarços; do que haviam sido meias grossas de algodão com acolchoados de reforço, restavam apenas alguns fios soltos; e do que haviam sido os meus belos pés, pequenos, sem calos e com as unhas perfeitamente recortadas... Bem, agora meus pés eram apenas odres inchados e arroxeados, com as

plantas e os calcanhares cheios de cortes por onde devia ter sangrado abundantemente antes que se formassem aquelas placas pretas e secas. De fato, todo o chão daquela estranha plataforma de pedra áspera sobre a qual nos encontrávamos estava cheio de grandes manchas de sangue seco.

Com a lanterna, procurei e examinei os pés dos demais. Todos estavam na mesma situação que os meus. *Foi a água*, pensei. Mas como? Como uma água gelada e, então, quente poderia ter destroçado as botas e cortado nossa carne até nos fazer sangrar daquela maneira? Eu não conseguia entender, mas pouco importava; eu tinha coisas muito mais urgentes a fazer.

Engatinhei até as mochilas e tirei delas as garrafas de água. O primeiro a padecer os meus tapas inclementes seria o meu marido, que, afinal, era a pessoa mais importante de minha vida. Se acontecesse algo com ele, eu... não queria nem pensar. “Meu Deus, devolva-o, por favor. Não o leve”, supliquei em silêncio. Com a angústia mais desesperada preenchendo meu coração, desferi bofetadas a torto e a direito enquanto chamava por seu nome aos gritos. Não foram golpes muito fortes porque eu não estava exatamente robusta, mas, por fim, ele abriu um pouco os olhos. Dava medo vê-lo tão abatido. Até sua incipiente barba loira

parecia escura, de tão pálido que estava. Seus lábios se flexionaram em um pequeno sorriso.

— *Basileia* — murmurou.

Passei o braço sob sua cabeça e a ergui, ao mesmo tempo em que colocava o cantil em seus lábios.

— Beba, querido, por favor — supliquei, aterrorizada com a possibilidade de que perdesse a consciência outra vez.

— Beba, Farag.

Com dificuldade, em golinhos minúsculos, começou a beber a água que eu oferecia. Parecia adormecido, sem vida.

— Beba, Farag, por favor, por favor. Continue bebendo, meu amor.

Com tanta perda de sangue, ele precisava repor líquido rapidamente ou entraria em choque. Será que Kaspar e Abby haviam incluído bebidas isotônicas nas mochilas, além dos cantis de água? Soltei a cabeça de Farag de novo sobre o chão e, quase perdendo os sentidos outra vez, revirei feito uma louca o conteúdo de minha mochila, que era a mais próxima. Sim, estavam ali, bem no fundo! Um par. Não que eu conhecesse a marca ou fosse capaz de traduzir o nome hebraico, mas viam-se claramente as palavras “*Isotonic drink*” na parte inferior do rótulo. Com as mãos trêmulas e

sem força, tentei abrir a primeira das duas, mas não consegui.

— Beba você — sussurrou Farag, que parecia adivinhar meus problemas com os olhos ainda fechados. — Beba, ou não conseguirá nos ajudar.

Sua voz me deu forças, que também pedi a Deus do fundo do meu coração. Girei a maldita tampa como se estivesse lutando contra a morte e consegui abrir a garrafa. Senti certa culpa quando tomei o primeiro gole, mas Farag tinha razão: se eu não me recuperasse e desmaiasse outra vez, já era. Depois de beber a metade do líquido, comecei a me sentir muito melhor. A tontura desapareceu e meus olhos focalizaram melhor os objetos, então retornei com a bebida isotônica para o lado de Farag. Ergui de novo sua cabeça e, lançando mão de uma paciência infinita, obriguei-o a tomar pequenos goles, tentando fazer com que não se engasgasse. Aquela bebida operava milagres. Em pouco tempo, os belos olhos de meu marido estavam abertos e ele sorria para mim com os lábios um pouco menos brancos que antes.

— Acho que já consigo me levantar — murmurou, fazendo menção de se levantar.

— Nem em sonho — respondi, colocando a mão em seu peito. — Você não tem pés para caminhar.

Ele olhou para mim surpreso.

— Beba um pouco mais — ele disse. — Você ainda não está bem.

— Beba você um pouco mais enquanto explico o que aconteceu conosco.

O aspecto de seus pés era igual ou pior que o dos meus. Curiosamente, foi só quando ele os viu que começou a sentir dor. Até então, nem os sentia. Eu só tinha incômodos leves quando roçava o chão sem querer.

Terminamos a garrafa e ainda bebemos um pouco mais de água de nossos cantis antes de nos separarmos para reanimar os outros. Foi um trabalho duro e desconfortável. Em um dado momento, lembro que tive uma terrível hipoglicemia e precisei parar para comer um pedaço pequeno daquele único e asqueroso cardápio disponível que, naquela ocasião, pareceu-me uma dádiva de Deus. Quem teria esperado isso de uma carne *kosher*?

Por fim, conseguimos reanimar os outros e os obrigamos a beber e comer, porque nenhum queria. Seu próprio mal-estar impedia-os de perceber o quanto era importante para eles se recuperarem da perda de sangue.

Foi Kaspar quem, uma vez tendo voltado a si e passados alguns instantes, anunciou, ainda fraco, que devíamos tratar

de nossas feridas antes que infeccionassem. Para mim elas já pareciam bastante infeccionadas, para ser honesta, mas ele disse que não, não estavam: os cortes mal haviam parado de sangrar e devíamos nos apressar. Como Farag se empenhou em cuidar de mim e Kaspar em cuidar de Abby, Gilad Abravanel não teve outro remédio senão se oferecer como voluntário para cuidar de Sabira, mas esta, com muita dignidade, recusou a ajuda:

— Deixe que eu cuide de você antes — disse, segurando firme o seu pequeno estojo de primeiros socorros. — Seus pés estão com um aspecto muito pior do que os meus.

— Porque são maiores! — objetou ele, tentando se safar.

A voz de Abby, cujo pé Kaspar já havia livrado dos restos de botas e meias com golpes de navalha e agora começava a lavar delicadamente com água limpa e sabão, soou como a voz de uma presidente executiva em uma reunião geral:

— Sabira tem razão, Gilad. Deixe que cuide de você antes.

E assim acabou a discussão.

Farag, após lavar bem as minhas feridas, ergueu meus pés no ar para mostrar aos outros.

— São cortes irregulares — disse, a modo de explicação —, lacerações de diferentes tamanhos e, por sorte, bastante superficiais.

Kaspar, ajoelhado, recompôs-se um pouco para responder, sem tirar os olhos dos pés de Abby.

— Sim. Isso explica por que era tão doloroso caminhar. Mas que tipo de fio despedaçaria as solas de nossas bolas e produziria esses cortes tão estranhos?

— O que está claro — eu disse, apoiando-me com os cotovelos no chão, porque Farag continuava exibindo meus pés nas alturas — é que, ainda que os cortes não sejam profundos, essas águas termais vermelhas nos fizeram perder muitíssimo sangue. Como quando alguém corta as veias em uma banheira de água quente para impedir a coagulação e sangrar mais rápido.

— E a intensa cor vermelha da água — acrescentou Gilad, com uma expressão contorcida de dor — nos impediu de perceber que estávamos sangrando.

— Sentíamos apenas dor — assentiu Abby.

— Sim, mas eu achei — arfei, enfrentando a ardência do antisséptico de clorexidina que Farag estava aplicando em meu pé aos litros com um *spray* — que sentíamos tanta dor porque, depois da água congelada, o sangue estava voltando a circular pelas veias.

Todos disseram que haviam pensado a mesma coisa, e Sabira observou que por isso ninguém havia suspeitado que,

na realidade, já não tínhamos solas nas botas e caminhávamos descalços.

— Não — rebateu Farag, recolhendo com uma gaze os restos de antisséptico que pingavam de meu calcanhar —, foi por causa da água fria. Lembrem-se de que caminhamos muitas horas com os pés dentro de águas congelantes. Cheguei a perder totalmente a sensibilidade. Caminhava mexendo as pernas, mas não sentia os pés, sentia-os totalmente adormecidos pelo frio. Foi então que sofremos os primeiros cortes, os que destroçaram as solas e as meias sem que nos déssemos conta.

— E quando entramos na água vermelha — acrescentou Abby, conferindo o monte de suturas adesivas que Kaspar havia colocado em um dos seus pés — foi que começamos a nos cortar de verdade, mas, como estávamos com os pés insensíveis e a água estava quente, atribuímos as pontadas e dores agudas à mudança de temperatura e à volta do sangue.

— Deviam estar doendo por ambas as razões — acrescentei, assentindo. — E, por sinal, que lugar é este e como chegamos até aqui?

Kaspar soltou o pé de Abby e pegou a lanterna enquanto Farag soltava as minhas pernas suavemente sobre o chão e pegava outra lanterna. Gilad, deitado de barriga para cima,

ligou a sua. Com aqueles três feixes potentes iluminando o ambiente, conseguimos ver claramente onde nos encontrávamos. E a descoberta não foi agradável.

O corredor de sangue estava diante de nossos narizes, não havia terminado, nem perto disso. Os ebionitas, calculando o tempo sabe Deus como, haviam aberto uma espécie de cavidade à esquerda do leito e acima do nível da água para permitir que camicares como nós tivessem um descanso no meio do caminho. Era uma abertura grande, uma espécie de nicho com três metros de altura e uma superfície de mais ou menos trinta metros quadrados, aproximadamente um terço da caverna das pedras preciosas. O suficiente para nós e nossas mochilas.

Mas não era tudo. Na parede ao fundo, no centro e a meia altura, havia sido gravado na rocha um relevo aterrador, muito melhor talhado que a espiral das bem-aventuranças. Representava uma estranha cruz latina formada por ramos de espinhos em vez de tábuas de madeira e, por cima, um grande círculo, ou uma auréola, com uma cruz pátea no meio, em cujas extremidades, ligeiramente inclinadas até quase formar um x, nos espaços laterais, viam-se duas letras hebraicas.

Os três feixes ficaram paralisados sobre o desenho.

— O que isso significa? — perguntou Sabira, desconcertada.

— É uma cruz — respondeu com azedume o ex-Catão, como se alguém tivesse roubado algo de sua exclusiva propriedade.

— Mas uma cruz muito estranha, Kaspar — respondi. — Feita de espinhos pontiagudos. Dá calafrios só de olhar, sobretudo com os pés feridos. E a auréola superior é um anacronismo porque, até o século xv, mais ou menos, as auréolas só eram representadas atrás da cabeça de Jesus nos crucifixos como este e, nos outros casos, atrás da cabeça dos santos.

— As letras hebraicas — comentou Gilad — são alef (א), a primeira do alfabeto hebraico, e tav (ת), a última.

— A fórmula bíblica hebraica alef-tav — esclareceu Farag — é equivalente ao alfa e ômega gregos.

— “Eu sou o Alfa e o Ômega, disse o Senhor”^[1] — recitei de cor, recordando o Apocalipse, mas então senti pontadas agudas na sola dos pés.

— Parem de iluminar essa imagem, por favor. Olhar para ela faz com que minhas feridas doam mais.

Os litros de antisséptico que Farag aplicara em mim já haviam secado bem, mas o meu marido, em vez de voltar a

se preocupar comigo e com meus pés (via-se que já não me amava como antes), ficou olhando fixamente para a pavorosa cruz de espinhos. Achei ter escutado as engrenagens de seu cérebro funcionando a pleno vapor.

— Com os calçados utilizados no século XIII — declarou naquele momento, colocando as mãos na cintura (e continuava de joelhos) —, ninguém teria conseguido chegar vivo até aqui.

Deveríamos ter tirado uma *selfie* naquele momento.

— É verdade — afirmou Gilad —, as solas de couro não teriam resistido aos cortes, e no século XIII ainda não haviam sido inventados os sapatos metálicos, os escarpes das armaduras, portanto os ebionitas teriam morrido muito antes de chegar aqui.

— Custou-nos muito chegar até aqui e, ainda por cima, carregando vocês três e todas as mochilas! — exclamou a Rocha com uma expressão irritada.

— Você também desmaiou, Abby? — surpreendi-me.

A herdeira olhou para mim e assentiu.

— E você também, Sabira?

Sabira também assentiu.

— Quase imediatamente depois de você, Ottavia — disse-me a Assassina.

Ou seja, nós, mulheres, fomos derrotadas em uma competição de sangramento. Devia haver alguma explicação científica. Eu descobriria.

— Carreguei Abby e nossas mochilas — explicou-me a Rocha —, Farag, você e suas mochilas, e Gilad, Sabira e suas mochilas. Mas seu marido também desmaiou enquanto escalávamos meio desfalecidos essa plataforma, de modo que, no final, Gilad e eu erguemos todos vocês antes de perdermos a consciência.

— Foi muito difícil — admitiu o atlético Gilad. — Acho que nunca passei por nada pior em minha vida.

— Mas se não era possível chegar até aqui com um calçado do século XIII — insistiu, insensível, alheio à conversa e ao seu teor, meu arqueólogo favorito —, então deve haver outra maneira de chegar e, portanto, de sair.

O grupo ficou em silêncio. Se aquilo era verdade, significava que existia outro caminho para podermos abandonar aquele corredor mortífero sem corrermos perigo.

Sabira terminou de enfaixar os pés de Gilad em silêncio, após enchê-los de suturas cutâneas, e então ele começou a cuidar dos dela. Abby, já perfeitamente enfaixada, sentou-se no chão, e Kaspar ajudou-a a chegar até uma das paredes para que se apoiasse, colocando a mochila debaixo das

panturrilhas para manter os pés elevados. Então, ficando em perpendicular em relação a ela, entregou-lhe seus gigantescos e destroçados pés. Abby teria um bom tempo de trabalho. Farag prendeu minhas faixas com os ganchos metálicos e me ajudou a me levantar para que eu pudesse cuidar de suas próprias feridas. Dava medo ver os pés dele, quase tanto medo quanto olhar a cruz de espinhos, de tão inchados, arroxeados e repletos de crostas secas de sangue que estavam.

Após um longo período de silêncio, todos estávamos com curativos e sentados com os pés erguidos. Eram duas da manhã e mal aguentávamos ficar acordados, mas achamos que seria melhor comer e beber novamente antes de dormir. Teríamos ao menos dois dias de paciente espera naquele lugar antes de podermos colocar os pés no chão outra vez, então montamos acampamento a partir dessa perspectiva, delimitando quatro espaços: um para Farag e para mim, com nosso saco de dormir, nossas mochilas e nossas roupas, objetos e cobertores; outro à nossa esquerda para Gilad; outro à nossa direita, para Kaspar e Abby; e outro à direita de Kaspar e Abby para Sabira. Dessa forma, Gilad e Sabira estavam separados por nós quatro e cada um tinha uma parede onde se apoiar.

Depois de jantarmos e bebermos com fartura, agradecemos ao ex-Catão e à herdeira por terem preparado tão bem as mochilas. Pareciam ter sido pensadas até o menor detalhe.

— Não fomos nós que preparamos — disse Abby, muito surpresa.

— Ah, não?! — respondeu o meu marido, ainda mais surpreso.

— Não — ela afirmou. — Foram preparadas pelo Exército israelense. A Fundação guardara os números de suas roupas desde Istambul, quando Nuran Arslan pediu para providenciar os capacetes, sapatos e trajes de neoprene que utilizamos nas cisternas. Foi muito útil ter esses dados após o incêndio de sua casa.

— Ah! — agora eu entendia tantos milagres inexplicáveis dos guarda-roupas.

— Perguntamos os tamanhos de Sabira e Gilad no hotel — continuou explicando Abby. — Por isso as mochilas são tão fantásticas, porque são equipamentos militares adaptados para o uso civil. Como Kaspar e eu poderíamos ter organizado tudo isso em menos de duas horas?

E riui com vontade do absurdo da ideia. O fato é que não imaginávamos o quanto aquela risada estava fazendo falta.

Era a primeira que a escutávamos em muitíssimo tempo, em muitíssimas horas, e alegrou nossos corações como uma lareira quente em uma noite fria. Sem que soubéssemos, precisávamos dela tanto quanto comer ou beber. Tanto quanto uma bebida isotônica. De modo que todos começamos a rir como crianças no parque, sentindo uma alegria absurda sem motivo aparente, embora talvez o motivo fosse que nos sentíamos felizes por estarmos vivos e pela esperança, aparentemente fundamentada, de que encontraríamos uma rota de fuga daquele buraco que não exigisse mais perda de sangue.

Capítulo 30

Uma voz indignada e surpresa exclamou a partir de seu desconfortável assento junto à parede:

— Sílex? Lascas de sílex, como na Idade da Pedra?

— Isso mesmo, doutora — respondeu-me a Rocha. — E, além disso, com lâminas extremamente afiadas.

— Em Israel há muitos campos de escavação com grandes quantidades de ferramentas de sílex — comentou Gilad, que estava sentado à minha frente. — Na caverna do rio Habesor, no deserto de Neguev, foi encontrada a maior ferramenta de sílex de todo o Oriente Próximo. Infelizmente, ninguém sabe para que servia.

Sabira, Farag e eu permanecemos o dia inteiro calmamente sentados com os pés para o alto, e Gilad e Abby, que se apoiavam na parede contrária, haviam feito o mesmo. Mas, claro, pedir que Kaspar ficasse quieto era como falar com as paredes, e, como o antigo machucado de sua coxa já não o incomodava, ele não permitiria que as novas feridas no pé o imobilizassem. E o que ele fez? Pois bem, contra a vontade de todos, inclusive de sua Julieta, engatinhou até a

borda da plataforma, soltou metade do corpo sobre a água vermelha e, mergulhando os braços com cuidado, conseguiu arrancar do chão de barro dois dos pedaços de sílex que haviam destroçado as botas e cortado as solas de nossos pés.

— O fundo de todo o leito está repleto dessas coisas — disse ao mostrá-las. — Agora vocês entendem por que nossos pés estão desse jeito.

Aquelas facas de sílex, do tamanho de um cartão de crédito, exibiam um formato mais ou menos arredondado e tinham uma cor marrom-claro, ainda que houvesse tons diferentes na parte que estivera submersa no barro, que era quase sua totalidade, e na que ficara exposta à água, com menos de um centímetro de comprimento, que era de um marrom-escuro. Suas duas faces eram talhadas, e suas arestas tão afiadas que poderiam cortar uma pluma que estivesse caindo pelo ar. Sim, já havíamos entendido por que nossos pés estavam daquele jeito.

— Deve haver milhares dessas coisas embaixo da água — comentou Abby.

— Um trabalho impressionante — admirou-se Sabira.

— Mas não temos nada metálico para proteger nossos pés e sair daqui — lamentou-se Gilad. — Além disso,

também não adiantaria um metal qualquer. Essas coisas acabariam em segundos com a uralita, por exemplo.

Kaspar, ajoelhado porque as mãos estavam ocupadas segurando as lascas, retornou feito um penitente até seu assento ao lado de Abby, acomodou-se, pôs os pés sobre a mochila e suspirou fundo.

— Deve haver outra maneira — grunhiu.

— Talvez a resposta esteja no desenho — insinuou Farag.

— Nessa cruz assustadora? — preocupei-me. Não estava com vontade de examiná-la em busca de alguma pista. Na verdade, estava evitando-a com o olhar desde a noite anterior e, quando fomos dormir, posicionei nosso saco de maneira que a parede ficasse atrás de nossas cabeças, para não vê-la nem por acidente e, muito menos, quando despertasse.

— Deveríamos estudá-la — insistiu o meu marido.

— Por enquanto, os desenhos que encontramos não nos serviram de nada — objetei.

— O único que não nos serviu de nada foi a espiral das bem-aventuranças — resmungou Kaspar. — O do Tabernáculo foi muito útil.

Gilad fez cara de bobo, expressando uma enorme surpresa.

— Caramba, eu estava muito enganado! — comentou.
Olhamos para ele surpresos, sem entender.

— Não, olha só... — começou a dizer, inseguro. — Enfim, é que eu havia associado as duas primeiras bem-aventuranças à caverna das pedras preciosas e a este lugar.

Agora sim ele me confundira de vez. O que diabos estava dizendo? Provavelmente, por ser judeu, havia se atrapalhado com as palavras de Jesus.

— Explique-se — ordenou a Rocha sem pensar duas vezes. Como estavam um ao lado do outro, a voz de Kaspar deve ter soado para Gilad como as trombetas do Juízo Final.

— A primeira bem-aventurança — apressou-se em explicar a vítima — dizia algo sobre os pobres deverem se alegrar, porque deles seria o reino. Na primeira caverna, encontramos doze pedras preciosas de valor incalculável. Se tivéssemos ficado com elas, não resolveríamos o enigma. No entanto, renunciando a elas, ganhamos o reino e saímos de lá.

— Que reino? — disparei. A verdadeira bem-aventurança declarava que o reino dos céus seria dos pobres de espírito.

— O reino de Israel, naturalmente — indicou Gilad.

— Você está completamente equivocado! — adverti.

— Mas, Ottavia — respondeu —, em todos os textos da Bíblia hebraica, quando se fala do reino ou de herdar o reino, sem maiores especificações, fala-se do reino de Israel, e é isso o que dizia a inscrição da espiral.

Sabira pegou sua câmera do chão e, após ligá-la e apertar diversos botões, passou-a para mim. Em uma telinha pequena, via-se perfeitamente o texto curvo das bem-aventuranças da primeira caverna em que estivemos. Ela havia ampliado a imagem para dar bastante destaque ao centro.

— Pode passar a Farag para que ele traduza a primeira bem-aventurança em voz alta? — pediu com educação.

Peguei-a de má vontade e entreguei ao meu marido. As coisas que contradiziam aquilo em que eu havia acreditado cegamente ainda me incomodavam.

— “Bem-aventurados os pobres” — leu Farag — “porque deles será o Reino.”

— Está vendo, Ottavia? — exclamou Gilad. — Os pobres ou os que, como nós, renunciaram às riquezas e se tornaram pobres ganham o reino. E o reino que aparecia no desenho do Tabernáculo era, obviamente, o reino de Israel como um todo, com suas doze tribos. Achei que esse poderia ser o sentido da bem-aventurança e da prova.

— E o sentido desta? — incomodei-me.

— “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” — traduziu Farag de *motu proprio*.

— Se não me lembro mal — continuei, irritada —, nenhum de nós chorou por nossas feridas ou por estar prestes a morrer!

— Pois eu chorei — apressou-se em dizer Abby. — Chorei muitíssimo enquanto caminhávamos pela água gelada, tanto pelo frio quanto pelas dores nos pés.

— Eu também — admitiu Kaspar sem rodeios.

— E eu — confirmou Gilad.

— Sim, eu também — acrescentou Sabira.

— E eu, por sinal — declarou Farag. — E você, *basileia*, chorou feito uma madalena que eu vi. Então todos choramos e, portanto, a segunda bem-aventurança também pode se aplicar a nós. Explique, Gilad.

— Só cheguei até aqui — desculpou-se o musculoso enganador. — O que ainda não sei é como seremos consolados, mas espero que seja com algo muito bom, porque a bem-aventurança afirma claramente que seremos felizes por termos chorado.

— Gosto do ponto de vista desse sujeito! — divertiu-se Kaspar. — Como não incutiram nele desde a infância o que

acreditar em relação a cada bem-aventurança, faz uma análise totalmente racional, histórica e bem contextualizada.

— Não acho que vá me sentir feliz por ter chorado! — rebati.

— Mas o que devemos esperar é consolo — anunciou meu marido, absolutamente maravilhado. — Talvez devêssemos examinar mais a fundo o desenho da parede à luz desta importante descoberta.

— Que descoberta? — perguntei secamente.

— Querida! — surpreendeu-se. — A espiral das bem-aventuranças não era apenas um desenho decorativo! Os ebionitas estavam nos avisando que, para chegar até os ossuários, deveríamos superar os requisitos básicos do programa eleitoral que Jesus apresentou no Sermão da Montanha ou da planície.

Eu teria sido capaz de matá-lo. Ele percebia o que estava dizendo? Blasfêmias à parte, ainda precisávamos “ser consolados” e sair dali. Mas aquilo também significava que, se aquela loucura fosse verdade, ainda teríamos pela frente seis bem-aventuranças, algumas das quais agora me pareciam realmente ameaçadoras, como a quarta, por exemplo: “Bem-aventurados os que têm fome”. E o estado de nossos pés não nos permitia exatamente dar pulos de

alegria, ainda mais se tínhamos um caminho tão longo pela frente e mochilas que ficavam sem alimentos a passos largos.

Mas aquele miserável grupo de imprudentes, em vez de se preocupar com a realidade, só queria analisar e estudar atentamente o relevo da espantosa cruz e resolver depressa o enigma para que o suposto consolo que deveríamos receber chegasse o quanto antes. Como se pudéssemos sair de lá correndo e alegremente consolados.

— Mulher de pouca fé — sussurrou Farag ao ver que eu, ao contrário dos outros, não arrastava o corpo rastejando apressada em direção ao relevo.

— Está enganado — retifiquei penalizada. — Sou uma mulher de muita fé e, por isso, ainda que você não saiba, estou travando uma grande batalha interior.

— Acha mesmo que eu não sei? — inquiriu, dando-me um beijo. — Percebo, minuto a minuto, o que você está vivendo dentro de si desde que começamos esta aventura e, porque a conheço, sei que é uma luta que você deve lutar sozinha. Eu não posso ajudar. Mas, por sua fé e amor nesse Deus em que você acredita, dará o melhor de si mesma e sairá vitoriosa. Você sempre sai, meu amor.

— Obrigada — respondi com um sorriso.

— Não percebe que é teimosa feito uma mula — concluiu, rindo —, e que antes de perder um desafio você preferiria perder um braço, ou os dois?

— Farag! — gritei, dando um tapa em suas costas, que foi a única parte dele que alcancei, porque o grande covarde, morrendo de rir, afastava-se de joelhos a toda a velocidade, impulsionando-se com os braços feito um corredor de marcha atlética.

Não precisei voltar a olhar para o desenho como uma idiota durante horas, porque me lembrava perfeitamente dele com total riqueza de detalhes. Minha memória eidética servia para algo. Por que perder tempo observando-o outra vez? Podia refletir sobre suas imagens enquanto me ocupava conferindo nossas reservas de comida e água e, sobretudo, procurando calçados de reposição naquelas mochilas de Mary Poppins do Exército israelense. Já não tínhamos botas e, mesmo que, passadas pouco mais de vinte e quatro horas, nossos pés estivessem desinchando e as feridas estivessem cicatrizando muito bem (maravilhas da medicina moderna), não adiantaria em nada se precisássemos caminhar descalços.

Uma dúvida rondava minha cabeça enquanto eu realizava essas tarefas; se com calçados dos séculos XIII, XIV e,

inclusive, xv não teria sido possível chegar até aquela plataforma, por que diabos os ebionitas haviam construído e entalhado aquela cruz de espinhos horrorosa e aquela anacrônica auréola crucífera sem a cabeça de Cristo? Se nenhum ser vivo chegaria até ali a não ser eles, que deviam conhecer outro caminho livre de sílex, que sentido tinha aquele desenho? Fomos salvos por nossas botas, mas qualquer intruso desprevenido dos séculos anteriores teria sangrado até a morte ou se afogado muito antes de chegar àquela plataforma artificial.

Por outro lado, pensando bem, aquele lugar estava a uma distância adequada para que quem chegasse andando normalmente da caverna das pedras preciosas pudesse parar e descansar antes de continuar sua viagem. Era como um posto de combustível ou um hotel de beira de estrada. Conclusão: a plataforma era para eles, para os ebionitas que conheciam o caminho seguro. Portanto, devia haver, inevitavelmente, uma porta secreta em algum ponto daquela cavidade. Não podia ser diferente, a não ser que os ebionitas voassem, algo de que eu duvidava muito.

Segundo os meus cálculos após ter verificado tudo, tínhamos água e comida para mais dois dias. A questão dos

calçados era diferente: encontrei-os bem ajeitadinhos em um canto do fundo das mochilas.

— Que diabos é isso? — exclamei, erguendo no ar aquele par de sapatilhas aderentes de cor bege.

Todos os outros, sentados diante do desenho e absortos em profundas elucubrações, ignoraram-me, a não ser Abby, que se virou para mim e sorriu ao ver minha expressão de repulsa.

— São pés de gato — informou, aproximando-se de joelhos. — Chamam-se assim porque são calçados de escalada que permitem prender os pés em superfícies verticais.

— É o único calçado que nos resta — eu disse, entristecida. — Não acho que sirvam para caminhar.

Ela tirou as sapatilhas da minha mão e apontou para as solas.

— Veja — ela disse —, estas solas de borracha macia são tão firmes quanto as solas das botas de montanha que estávamos usando.

— Não parece.

— São feitas de materiais novos criados em laboratório — acrescentou para me convencer. — São pés de gato de muita qualidade, confie em mim. Lembre-se de que são para

uso militar. Provavelmente, não poderíamos comprar calçados melhores em nenhuma loja do mundo. Com eles, caminharemos com tanta segurança e comodidade quanto com as botas. Talvez até mais, porque, além de tudo, são leves.

— Chegaram a alguma conclusão quanto ao desenho? — perguntei enquanto recuperava as patas de felino e as dobrava novamente para guardá-las.

— Estamos discutindo a cruz de espinhos — ela me contou, ajudando-me a guardá-los. — Todos concordamos que representa o caminho que fizemos para chegar até aqui. E, quando você perguntou dos pés de gato, estávamos associando o caminho do Calvário de Jesus às lágrimas que derramamos enquanto sangrávamos, transformando-nos em “aqueles que choram”.

— Sabe o que eu descobri? — falei em voz baixinha. — Que aqui, nesta caverna, deve haver uma porta secreta.

Como vi que ela ficou paralisada, apressei-me em dar todas as explicações necessárias para que entendesse como havia chegado a essa conclusão. Seus olhos azuis se arregalaram muitíssimo e ficaram bem nela, que se tornou muito mais bonita. Na realidade, tinha olhos bonitos. Não como os de Farag, que eram insuperáveis, mas bastante

belos. O que me levava a vê-los tão pequenos e grudados? A vida era uma caixinha de surpresas mentais.

— Precisamos contar aos outros! — murmurou com um sorriso brilhante.

— Não, ainda não — detive-a. — Veja como estão quietos. Até deixaram os pés elevados sobre montes de roupa. Sem falar em Kaspar, sentadinho ali como um bom menino, sem protestar, grunhir ou tentar se atirar na água para pegar facas de sílex!

Abby não conseguiu conter uma gargalhada perfeita, que, embora alegremente barulhenta, não afetou a concentração das crianças reunidas em frente ao relevo.

— Deixe-os ali — pedi. — Já é quase hora do jantar. Então faremos curativos e, depois, dormiremos. Nossos pés estarão muitíssimo melhor amanhã. Quando acordarmos, contaremos tudo a eles durante o café da manhã, e tenho plena certeza de que conseguiremos procurar a porta secreta como humanos bípedes, sem engatinhar nem andar de joelhos.

Os investigadores resistiram a abandonar seus postos de controle até mesmo para jantar e tratar das feridas, mas Abby e eu, transformadas de repente nas autoritárias professoras daqueles alunos desobedientes, os arrancamos

de lá e conseguimos manter uma agradável conversa durante o jantar, totalmente alheia às antipáticas interpretações sobre cruces de espinhos. Então, quando tiramos as bandagens, já quase soltas porque os pés haviam desinchado por completo, constatamos que, sob a grossa camada de curativos adesivos, a cicatrização ia de vento em popa. Dessa vez, decidimos lavar as feridas e suturas com um bom jorro de solução salina e, então, quando secaram, voltamos a aplicar antisséptico e decidimos que já não taparíamos mais nossos pés. Naquela noite, deixaríamos que respirassem porque isso faria bem às lesões.

Após mais um pouco de conversa ao longo da qual, entre outras coisas, falamos sobre a quantidade preocupante de comida e bebida que restava e da necessidade de estabelecer um racionamento severo, decidimos dormir. Eu me aconcheguei no saco de dormir e, pouco depois, Farag já estava roncando no meu ouvido, deitado sobre a metade direita do meu corpo. Embora naquela caverna a temperatura fosse bastante agradável graças ao calor que emanava da água, demorei muito a pegar no sono porque estava suando e o saco de dormir era quente demais, e, quando enfim adormeci, tive um sono desconfortável, e entrei naquele estranho mundo onírico gerado pelos

cochilos. E, claro, comecei a sonhar com a tal cruz de espinhos, o que me deixou ainda mais inquieta e acabou me despertando ligeiramente, embora eu tenha adormecido em seguida, se é que se poderia chamar aquele sono ligeiro e fatigoso de dormir.

Mas o que me lembro melhor daquela noite é que, de repente, achei que estava acordada, embora não estivesse, e nessa fantasia eu saía do saco de dormir, levantava-me sem dificuldades porque não tinha feridas nos pés e, pegando uma lanterna, aproximava-me do desenho na parede. Mas, agora, o desenho era diferente: a única coisa visível era a auréola crucífera (era visível que minha mente, mesmo adormecida, rechaçava a cruz), mas era uma auréola um pouco maior que a real e que estava colocada bem no centro da parede. Além disso, na auréola do meu sonho, a cruz pátea do interior estava bem posicionada, reta, e a cabeça de um Cristo Pantocrator em estilo bizantino, com expressão esquiva e barba farta, cobria-a desde baixo até a interseção dos braços. As letras hebraicas alef e tav (א e ת) haviam desaparecido, e em seu lugar viam-se as gregas alfa e ômega (Α e Ω). Eu iluminava com a lanterna o rosto de Cristo porque queria dizer algo a ele, mas, quanto mais luz colocava, mais a imagem desbotava e mais vontade eu tinha de dizer a ela algo que não lembro o que era, até que, por fim, o rosto do Pantocrator desaparecia por completo e na parede ficava apenas a auréola.

— “Eu sou o Alfa e o Ômega, disse o Senhor” — exclamei em meu sonho, e a auréola cresceu e ficou um pouco maior.

— “Eu sou o Alef e o Tav, disse o Senhor” — exclamei outra vez, e a auréola voltou a aumentar. Compreendi que as duas línguas, o hebraico e o grego, surtiam o mesmo efeito.

Virei-me para contar aos outros o que estava acontecendo, mas na caverna não havia nada nem ninguém. Só estava eu, descalça, com a lanterna na mão. E a auréola.

— Alfa e ômega! — gritei. — Alef e tav!

Cada vez que eu pronunciava o nome dessas letras em grego e hebraico, a auréola crescia, e, se eu as dizia mais depressa, a auréola também crescia mais depressa. No fim, a auréola estava enorme e ocupava quase toda a parede, do chão até o teto da caverna, deixando diante de mim a interseção da cruz pátea, na qual agora eu conseguia ver algo que não conseguia ver antes porque estava encoberto pela representação: um pequeno círculo talhado, um anel que, quando o fitei, deixou-me com total certeza de que estávamos enganados, que os ossuários com os restos de Jesus de Nazaré e de sua família não estavam lá, naquela montanha, que tudo era uma armadilha monstruosa e uma imensa atrocidade contra a fé e contra a Igreja.

E então, justo antes de acordar daquele pesadelo, eu disse à auréola:

— Se você é Alfa e Ômega, o princípio e o fim^[1], por que está em um círculo? Nos círculos não há princípio nem fim. Você não é alfa e ômega porque Deus não tem princípio nem fim e, se você tem essas duas coisas, não é Deus.

Abri os olhos de repente, banhada de suor, e, naturalmente, não vi nada, apenas a mais completa escuridão. Todos estavam dormindo, especialmente Farag, cujos roncos familiares faziam parte de meu ambiente noturno habitual.

Abri o zíper do saco de dormir e, sem destapar o meu marido, saí e fiquei em cima do tecido, permanecendo muito quieta. Pouco a pouco, o calor foi passando e senti os pés descalços mais frescos, e quanto mais o meu corpo esfriava mais sono eu sentia. No fim, consegui dormir naquela noite, ainda que não tenha descansado muito. Mas não esqueci o sonho.

Pela manhã, quando tocou o despertador do relógio de Kaspar, acordamos e acendemos as lanternas e, para nossa satisfação, descobrimos que estávamos com os pés praticamente sarados. Os cicatrizantes e anti-inflamatórios presentes tanto nas suturas adesivas quanto no antisséptico haviam feito o seu trabalho. Com grandes sorrisos e agitação, todos nos levantamos e nos apoiamos

cuidadosamente sobre nossos próprios pés, que resistiram bem ao teste. Ainda assim, nós os lavamos outra vez com uma solução salina e secamos bem com toalhas antes de voltar a borrifar antisséptico. Aquelas feridas, agora úmidas sob as grossas suturas, estariam mais secas que o deserto em menos de uma hora, tempo que utilizamos para nos lavar e tomar o café da manhã.

Felizmente, conseguíamos trocar as roupas de baixo todos os dias, mas, por azar, não as de cima, que já estavam ficando bem sujas e suadas. Fazíamos nossa higiene pessoal com toalhinhas úmidas (ou melhor, lençóis úmidos, porque eram enormes), mas já sentíamos a necessidade de alguns luxos como uma boa ducha e uma muda de roupa limpa. Por sorte, ainda tínhamos muitos pacotinhos de café solúvel e saquinhos de chá, mas a água era o que mais fazia falta.

Abby e eu começamos a relatar aos nossos atentos ouvintes a teoria e os argumentos para a existência de uma porta secreta naquela caverna, e os ouvintes reagiram como se tivéssemos injetado adrenalina em suas veias: perderam completamente a cabeça, inclusive Farag, e até mesmo a prudente Sabira. Todos queriam ser os primeiros a encontrar a porta, já que ninguém impugnou a teoria devido à contundente lógica de nosso raciocínio. Desse modo, o café

da manhã foi rapidíssimo e, mais rápidos que o canto de um galo, já estávamos prontos e preparados para explorar minuciosamente cada centímetro quadrado da cavidade. Mas nessa ocasião fui teimosa em relação à divisão das zonas: fosse como fosse a divisão, a parte com o desenho era minha, sem discussões. Argumentei que eles já o haviam examinado bastante no dia anterior, e eu queria dar uma boa olhada. Protestaram, mas acabaram aceitando. Ao fim e ao cabo, eu havia descoberto a existência da porta secreta.

Assim, transformados novamente em brilhantes monges xintoístas japoneses com as lanternas presas na cabeça pelos cadarços de nossas velhas e destroçadas botas e armados outra vez com rolos de papel higiênico (e isso nós tínhamos bastante), canivetes suíços e garrafas de isotônico cheias de água vermelha do canal, demos início à busca pela porta. Mas para mim, ao menos naquele momento, a porta não interessava nada. O que eu queria mesmo era a auréola.

Embora tivéssemos colocado meias (limpas) e os tais pés de gato, pisávamos com muito cuidado e nos mexíamos devagar. O problema é que eu queria ter a auréola na altura do rosto, e não acima da cabeça, que era onde ficava, então montei uma estrutura com a mochila de Farag e a minha, à qual acrescentei nosso saco de dormir dobrado e várias

camadas de roupa. Com muitíssimo cuidado, porque meus pés ainda estavam cheios de suturas, subi no montinho. Eu precisaria de alguns centímetros a mais, mas aquilo era tudo de que dispunha.

De modo que éramos outra vez a auréola e eu. Depois de passarmos uma noite juntas, havíamos estabelecido uma relação especial e íntima. Claro que aquela auréola não era exatamente como a de meu sonho porque era menor, não tinha letras gregas e a cruz pátea de seu interior estava um pouco retorcida, como um x inclinado. Além disso, na interseção dos travessões, não havia nenhum círculo talhado, nenhum anel, e isso, não sei por quê, me desconcertou, como se eu tivesse acreditado em meu próprio sonho.

Por via das dúvidas, arranquei um pedaço de papel higiênico, embebi-o com um pouco de água vermelha e comecei a limpar a interseção da cruz pátea. Mas não, não havia nada ali. Muito bem, então o anel que vi em meu sonho era fruto da imaginação, sem problemas. E, agora, o que fazer? Pressionava também o lugar onde o círculo deveria estar, ou pronunciava as palavras do Apocalipse como se fossem um conjuro mágico? Não parecia haver razões suficientes para levar a cabo nenhuma dessas duas

besteiras, e, no entanto, pressionei o anel imaginário com bastante força, mas fiz isso por raiva, porque me sentia uma verdadeira idiota por ter acreditado em um sonho. Como era de esperar, nada aconteceu.

No entanto, estando tão perto da parede, achei ter escutado algo atrás dela. De novo, sons de engrenagens, correntes ou o que fosse. Esperei um pouco, mas tudo permanecia em silêncio, exceto pelos ruídos das navalhas e dos meus companheiros ofegantes. E se eu voltasse a apertar para conferir se os sons se repetiam? Fiz isso, claro. De fato, a auréola crucífera não cresceu milagrosamente como em meu sonho, mas o que ocorreu foi que ela deixou de ser um círculo e se tornou um cilindro quando começou a emergir da parede entre rangidos e chiados.

Levei um susto tão grande que, sem me dar conta, instintivamente, saltei do alto de nossas mochilas ao chão para que aquele espesso cilindro de pedra não me acertasse no rosto. Meu Deus, como doeram as solas dos meus pés! Foi uma dor tão espantosa que quase derramei lágrimas. Lembro que caí de costas e levei as mãos aos pés enquanto escutava Farag gritar meu nome:

— Ottavia!

— A parede! — exclamou Gilad.

Meu marido me abraçou, beijou-me e, com a maior delicadeza, abriu o velcro dos meus pés de gato e removeu-os com todo o cuidado. Enquanto os outros contemplavam uma coluna de pedra emergindo horizontalmente da parede, Farag inspecionou as solas de minhas meias em busca de manchas de sangue, caso alguma das feridas tivesse aberto e, então, tirou-as para conferir as cicatrizes e suturas.

— Está tudo bem, querida — informou-me com um grande sorriso de tranquilidade.

Os ruídos haviam cessado e o tubo de pedra havia acabado de sair. A dor nos meus pés ia suavizando, e voltei a calçar as patas de gato. Farag me ajudou a me levantar. Todas as lanternas das cabeças apontavam para o cilindro de pedra, que estava coberto por um sebo seco que, no entanto, séculos antes, devia ter sido uma espécie de gordura lubrificante.

— É mel — disse a Rocha, erguendo um dedo no ar com uma amostra tirada do cilindro.

— Mel? — surpreendeu-se Abby.

— O mel dura milhares de anos — explicou o seu amado —, às vezes em perfeitas condições. Está cristalizado, seco, mas, devido à umidade que há aqui por causa da água quente, ele ainda permite que o tubo de pedra deslize bem.

— Caso contrário, com os séculos — acrescentou Gilad —, provavelmente o cilindro teria ficado grudado na parede com uma argamassa de pó e umidade. E, se tivessem utilizado gordura animal, ela teria estragado e o cilindro teria grudado na parede de qualquer modo. Com mel, o pior que podia acontecer era que secasse um pouco, mas, mesmo assim, como vimos, ele ainda permite que o tubo resvale. Engenhoso.

— E é esse o nosso consolo? — ironizei.

Os outros me olharam de forma estranha.

— Você descobriu a porta secreta e agora debocha? — desconfiou Kaspar.

— Isso não é uma porta — eu disse em tom depreciativo, apontando para o cilindro.

— Ainda não — respondeu, irritado. — Mas será. Ou por acaso um tubo desse saindo da parede não é um fenômeno estranho o suficiente para você?

— Ottavia, o que você disse no outro dia — perguntou-me Gilad — quando vimos o desenho, e eu disse que as letras que se viam na auréola eram o alef e o tav?

— “Eu sou o Alfa e o Ômega, disse o Senhor Deus” — repeti, sem dar crédito ao que eu intuía estar prestes a acontecer.

— Sim, exatamente. Como o Senhor Deus de Sua Bíblia disse que é o Alfa e o Ômega, o da minha disse em várias ocasiões que Ele é o Alef e a Tav. E não chamou a sua atenção o fato de que a cruz da auréola está um pouco girada e se parece muito com a letra alef hebraica?

A letra alef hebraica? Observei o entalhe da auréola e, de fato, a letra א (alef) se assemelhava muito à cruz pátea e, além disso, estava talhada com total clareza. Sim, inclinada, e sim, retorcida sobre o próprio eixo como toda a auréola.

E a equipe inteira das Forças de Exploração de Ortoedros Prismáticos Retangulares (FEOPR, por seu acrônimo) adivinhou a solução ao mesmo tempo.

— Acho que vamos nos lambuzar de mel até os ossos — alertou o meu marido. — Devíamos vestir essas capas leves de plástico que temos nas mochilas.

Vestimos as capas, mas, exceto para proteger a nossa roupa, não serviram de muito. Enquanto todos girávamos o cilindro de pedra para levar a auréola e a letra alef à posição correta, pedaços inteiros do suposto mel antigo e cristalizado grudaram em nossas mãos, rostos, cílios, sobrancelhas e cabelos. Mas foi muito útil para que girássemos aquela coluna de pedra sem muito esforço quase oito séculos após ela ter sido colocada ali. Quando, por fim, o

cilindro chegou à trava que marcava sua posição correta (e a partir de onde não girava mais), escutamos com toda a clareza o início do familiar chiado da areia se deslocando rapidamente nas paredes duplas e no teto. Parecia que gigantescas quantidades de areia se precipitavam por todos os lugares ao nosso redor, deslizando através de canais ocultos ao nosso olhar. E, então, aconteceu.

O chiado da areia se tornou estrondoso, e rapidamente se concentrou sobre nós e, quando eu já me imaginava morta e esmagada sob uma tonelada de deserto, do teto do corredor de água vermelha começaram a descer placas de pedra com cerca de dois metros de longitude que, embora lembrassem as luzes de neon que ficam penduradas sobre mesas de bilhar, eram na realidade as comportas de imensos silos de areia que, uma vez liberada, começou a cair em cascatas monumentais sobre a água quente e vermelha.

De repente, o ar da caverna ficou nublado como em uma tempestade no deserto, e senti os braços de Farag me envolvendo e beijando o capuz da capa pegajosa. Passou-se muito tempo, mas, enfim, tudo parou. O pó do ar foi repousando sobre o solo e, lentamente, pudemos tirar os rostos das capas, lenços e camisetas que nos haviam permitido continuar respirando. A areia havia bebido a água

e preenchido o canal até a altura da caverna, deixando uma trilha de cor avermelhada que se estendia lisa e reta até perder de vista.

E não só era possível transitar sobre essa trilha como, além disso, ela era elástica e esponjosa como a areia úmida de uma praia, perfeita para nossos pés maculados. Senti-me muito bem-aventurada quando recolhemos nossos apetrechos e deixamos a caverna, e caminhar sobre aquela trilha foi, efetivamente, um verdadeiro consolo.

Capítulo 31

Não devíamos ter avançado nem dois quilômetros a passo de tartaruga quando a cor da areia do chão começou a mudar gradualmente, passando de avermelhada a acinzentada para, muito pouco depois, nós nos vemos abruptamente fora do corredor e diante de uma ampla esplanada circular cujas paredes e teto formavam uma cúpula bastante elevada. Ainda era cedo para almoçar e havíamos acabado de deixar para trás a caverna da auréola, mas aquele lugar parecia perfeito para que parássemos por um tempo e descansássemos os pés. Além disso, como se ainda faltasse algo naquele lugar, no extremo oposto, do outro lado da abertura na parede, brotava um pequeno manancial de água limpa que vertia em um recipiente esculpido na mesma rocha.

— Água, menos mal! — exclamou Farag. — Podemos encher novamente os cantis, o que está fazendo falta.

— Esses ebionitas — observou Kaspar, muito satisfeito — não se esqueceram dos detalhes importantes.

— Era um pessoal cuidadoso — admitiu Abby, muito sorridente.

E, com nossos passos precavidos, lentos e cuidados, adentramos a esplanada para chegar até a fonte. O chão também era arenoso, mas, ao contrário daquela do corredor, esta areia estava seca e oferecia uma superfície mais dura para nossos delicados pés. No entanto, antes mesmo de chegar ao centro da esplanada, me lembro de ter notado, ao pisar, uma breve ondulação no terreno, como quando roçamos levemente a água e se formam ondas suaves.

Não estávamos esperando. Baixamos a guarda porque não esperávamos nada tão cedo, pois entre a prova das pedras preciosas e a caverna do nimbo os ebionitas haviam deixado uma boa distância, e não lembramos que naquela montanha nada era por acaso e tudo havia sido rigorosamente calculado para acabar com os ladrões de tumbas ou, o que dava no mesmo, com os caçadores ilegítimos de ossuários como nós.

A fina camada de areia seca e endurecida cedeu sob nosso peso justo quando alcançamos o centro, rompendo-se em lascas como quando uma vasilha se estatela no chão, e, antes que tivéssemos tempo de baixar a cabeça para ver o que

estava acontecendo, nossos pés já haviam ficado presos em um grande lago de areia movediça.

Levamos alguns segundos para reagir. Ficamos tão pasmos, tão surpresos, que nosso instinto de sobrevivência despertou tarde e, quando o fez, estávamos presos até o joelho.

— Areia movediça! — gritou Farag, tentando chegar até mim enquanto Kaspar, que também havia se dado conta, estendia uma mão para puxar Abby. Os três conseguiram afundar seus corpos até as coxas. Aquele lamaçal transformava cada um de nossos movimentos em uma imensa sucção.

— Fiquem quietos, por favor! — gritei. — Farag, não se mexa! Ninguém se mexa. Não se mexam!

— Quietos, todos quietos! — Abby também gritou.

Nós seis nos transformamos em estátuas de cera cujo único indício de vida era a agitação dos olhos, que iam angustiados de uns aos outros. Inclusive os feixes de luz das lanternas ficaram fixos, apontando para um mesmo ponto. A absoluta imobilidade deteve a sucção, ainda que, devagar, muito lentamente, milímetro a milímetro, continuássemos afundando na areia. E, como estávamos bem no centro da esplanada, as paredes ficavam muito longe, a uns dez

metros. Não havia ninguém para nos lançar uma corda ou a extremidade de uma vara e nos puxar, nem nada em que nos agarrar. Sequer podíamos pedir ajuda ou nos ajudarmos entre nós, separados uns dos outros por apenas um metro ou um metro e meio.

— Kaspar, telefone para a sobrinha de Ottavia e Farag — propôs Gilad com os dentes cerrados e quase sem mexer os lábios. — Peça que envie ajuda.

— Se Kaspar procurar o celular — murmurou Sabira —, a areia irá engoli-lo.

— Não tente pegar o celular, Kaspar! — suplicou Abby, angustiada.

— Não farei isso, querida. Fique tranquila — murmurou a Rocha, virando a cabeça muito devagar para observá-la. Estavam a um metro e meio de distância, mas daria no mesmo se estivessem a milhares de quilômetros: não podiam fazer a mínima tentativa de aproximação.

Farag também estava muito perto de mim, à minha esquerda, mas a sobrevivência nos separava como um muro intransponível. Atrás de nós, invisíveis porque não podíamos vê-los, Sabira e Gilad também estavam relativamente próximos um do outro, ainda que logo tenhamos ficado

sabendo que não estavam lado a lado, mas um atrás do outro.

Enquanto a areia movediça nos engolia de forma inexorável, comecei a procurar desesperadamente em meus registros mentais qualquer informação sobre como as pessoas se salvavam de uma morte como aquela. Devia ter lido algo alguma vez, ou visto em algum programa de televisão ou em algum filme. Mas todas as imagens que vinham à minha cabeça eram de alguém atirando uma corda ou um pedaço de pau à vítima e arrastando-a para fora da armadilha mortal.

— Vamos ser racionais — disse de repente o meu marido.
— Usemos a cabeça, que é para isso que serve. Não devemos fazer vista grossa para o pequeno detalhe de que estamos na prova da terceira bem-aventurança.

Meu Deus, ele tinha razão! O medo havia bloqueado nossa capacidade de pensar com lógica.

— Qual era a terceira bem-aventurança segundo São Mateus? — brincou o meu marido, parodiando as leituras da missa católica. Farag, além de ser o homem mais inteligente que eu conhecia, era especialista em disfarçar a fatalidade de qualquer situação com alguma palhaçada.

— “Bem-aventurados os humildes, porque herdarão a terra” — recitei de cor, não era o momento de me fazer de sonsa esquecida —, mas na versão moderna de Mateus, a terceira bem-aventurança fala em “os que sofrem”, não em “os humildes”.

— E qual é a diferença — perguntou-me ironicamente Kaspar — entre “os que choram” da segunda e “os que sofrem” da terceira? As bem-aventuranças antigas de Mateus são mais razoáveis que as atuais.

— Por favor, capitão — protestei —, deixemos essas discussões para os aviões. Estamos afundando em areia movediça!

— Temos que encontrar a relação entre a areia — sussurrou Sabira às minhas costas — e os humildes que herdarão a terra.

— Eu, já deixando claro — resmungou a voz do arqueólogo judeu um pouco mais atrás —, quero herdar a terra, uma terra firme que não me engula.

— Essa foi boa, Gilad! — parabenizou o meu marido. — Concordo com você que o sentido dessa prova é precisamente este: se formos humildes, sairemos da areia movediça e alcançaremos o solo estável, a terra firme.

— Beleza — grunhi —, humilde eu já sou. Por que não estou a salvo ao lado da fonte?

— *Basileia*, por favor, não comece! Busque na humildade um sentido religioso que nos possa ser útil nesta situação.

— Por enquanto — disse Abby — acho que deveríamos tirar lentamente, mas muito, muito lentamente, as mochilas das costas. Elas estão nos afundando.

Era verdade. O peso das mochilas era uma das razões pelas quais eu havia afundado até as coxas enquanto Farag, Kaspar e Abby estavam mergulhados até a cintura. Eu não enxergava os outros dois, mas presumia que estavam mais ou menos como eu, visto que não haviam feito, até onde eu soubesse, nenhum gesto desesperado para se aproximarem um do outro ou vice-versa.

Àquela altura, eu já estava com uma taquicardia que faria meu coração explodir. Minhas mãos suavam e tremiam tanto que, quando mexi a direita para levá-la muito lentamente ao cinturão da mochila, Farag percebeu:

— Relaxe, querida — sussurrou com ternura. — Tente respirar tranquila e profundamente. Vamos sair desta. Sempre saímos, não é?

— Algum dia nossa sorte tinha que terminar, Farag — respondi, angustiada.

— Nós não acreditamos na sorte, lembra? — declarou, muito sereno. — Acreditamos no estudo, no trabalho duro e em nós mesmos. E isso não se esvai como o sabor de um chiclete, nem se perde diante dos problemas. Pelo contrário, quanto maiores são as dificuldades, ainda que caiamos, mais nos levantamos e mais crescemos. Lembre-se das coisas que fizemos em nossas vidas.

— Sei que você está tentando ajudar a todos, Farag — disse Abby com as mãos dentro do barro, tentando soltar o cinto da mochila —, e não só Ottavia. Mas estamos assustados, e o medo é o sentimento mais forte e incontrolável.

— Por isso é preciso ignorá-lo — respondeu ele com firmeza. — Se deixarmos que o medo nos domine, não seremos capazes de fazer nada nem por nós nem pelos outros. O que tiver que ser, será. Mas o que tivermos que fazer para evitá-lo, também faremos, sem deixar que o medo nos paralise.

— Tudo bem, concordo — grunhiu o ex-Catão. — Tudo muito bonito, meu amigo. Mas nós já estamos abrindo os cinturões das mochilas e você ainda não começou. Então, acorde para a vida.

— Se apresse, Farag! — supliquei. Tínhamos que nos livrar daqueles quilos excedentes ou ficaríamos mais enrascados do que já estávamos. Mas as palavras de Farag haviam me tranquilizado bastante. Precisávamos usar o cérebro.

— Não tentem empurrar as mochilas para afastá-las! — recomendou-nos a voz de Gilad. — Simplesmente tirem-nas das costas e deixem que caiam sobre a areia sem se mexerem. Mas antes peguem as lanternas. Só o que falta é ficarmos no escuro. E também deveríamos tirar qualquer outro peso desnecessário, como relógios ou adereços.

Levamos muitíssimo tempo (ou foi o que me pareceu) para nos desvencilhar de tudo, especialmente porque era possível sentir nos pés e nas pernas a sucção que a areia movediça exercia sobre nós quando fazíamos algum movimento leve que excedesse o que a fraca viscosidade daquele barro estava disposta a suportar. E sua sensibilidade era delicadíssima.

Sem o peso das mochilas, realmente conseguimos perceber como a força de sucção realmente diminuía. Havíamos acabado de ganhar tempo e, se não nos mexêssemos, poderíamos aguentar bastante. Estávamos com as lanternas, apagadas ou acesas (só duas, como sempre),

em uma das mãos. Os celulares estavam protegidos nos bolsos impermeáveis e Sabira também guardou no seu um punhado de folhas de papel dobradas que arrancou de sua caderneta antes de se desfazer dela.

— Beleza, vamos pensar — determinou a Rocha quando todos já estávamos livres das mochilas. — Alguém vê algum desenho em algum lugar?

Descartado o chão de areia movediça, em toda a superfície da cúpula de pedra, inclusive em seu zênite, não havia nenhum desenho ou indicação que nos desse uma pista. Talvez aquelas areias não fossem nos engolir. Supus que, permanecendo imóvel, o ar dos pulmões pudesse nos manter boiando e impedir que nos afogássemos. Afinal, aquela lama era formada na maior parte por água. Mas de qualquer forma morreríamos de fome e sede após alguns dias.

— Vamos analisar a situação — voltou a dizer a Rocha. — Os ebionitas deviam dar por certo que, se havíamos chegado até aqui, a esta altura saberíamos que todos os perigos que encontraríamos teriam relação com as bem-aventuranças.

— Ou não — respondeu Gilad.

— Bem, vamos supor que sim! — incomodou-se o ex-Catão. — Vamos supor que sim, e que a prova aqui é

justamente esta: comprovar se entendemos a mensagem, porque, se não compreendemos, não temos com o que nos salvar, mas, se compreendemos, temos a terceira bem-aventurança.

— “Bem-aventurados sejam os humildes, porque herdarão a terra” — repetiu Abby.

— A palavra-chave é humildade — destacou Farag.

— Mas de que serve a humildade para sairmos da areia movediça? — perguntou Sabira com um vestígio de angústia na voz.

— É isso que precisamos descobrir — apontou Abby.

“Deus, escute”, rezei fechando os olhos. “Não sei o Teu nome, também não Te conheço muito, porque eu sempre me dirigia a Jesus. Mas, através de Jesus, Te entreguei muitos anos de vida porque Tu, como o Espírito Santo, sempre estiveste aí como o Deus supremo desse estranho conceito chamado Trindade. Dirijo-me a Ti, Deus, porque precisamos de Tua ajuda. Não pretendo fazer barganhas e prometer a Ti coisas para que nos tires dessa. Talvez saibas que nunca fui partidária desse tipo de trocas comerciais, porque não posso conceber a ideia de que Deus aceite as moedas de dores, esforços, renúncias ou sacrifícios em troca de conceder pedidos razoáveis que qualquer pai ou mãe humanos daria

aos seus filhos por amor. Por isso, não Te ofereço nada, apenas suplico a Tua ajuda. Ajuda-nos, Deus. Eu creio em Ti.”

— Tenho uma ideia! — exclamou Gilad nesse momento. — Acabei de me lembrar de uma coisa que talvez sirva!

Um sorriso de felicidade se desenhou em meus lábios. “Obrigada”, sussurrei.

— Na véspera do *Péssach*, a Páscoa judaica — começou a explicar Gilad —, durante a noite do *Séder*, a ceia pascoal, um dos ritos consiste na leitura dos louvores do *Halel*, os milagres que tiveram lugar durante a saída do Egito. E, dentre outros, durante o que chamamos de *pequeno Halel*, todos os anos lemos o *Mizmor*... o Salmo 113, que diz: “Quem, como o Senhor nosso Deus, que está sentado nas alturas e se humilha para olhar o céu e a terra?”.

Enquanto eu tentava desembaralhar as palavras hebraicas incompreensíveis que Gilad havia dito, aqueles que haviam entendido começaram a discutir a toda a velocidade a relação entre os humildes, a humildade e a humilhação de Deus. Quando, por fim, captei a ideia (não foi tão difícil), me dei conta de que não queria dizer que Deus se humilhara ao olhar para baixo, mas que se humilhava porque se inclinava para baixo para olhar. De fato, o verbo humilhar, além de ter

o sentido de vergastar o orgulho de alguém, também se referia à ação de inclinar ou dobrar uma parte do corpo. Segundo o Salmo 113, ao menos em sua versão judaica, Deus se *inclinava* das alturas para olhar para o céu e a terra.

— Em resumo — declarou oficialmente Kaspar, o impaciente —, temos que ser humildes e nos inclinar para a frente.

— Mas em que isso vai nos ajudar? — perguntou Sabira.
— Eu já estou afundada até a cintura e não consigo me mover nem um milímetro sem afundar mais.

— E exporíamos o peito e o rosto à sucção da areia — expliquei, certa de que morreria da forma mais horrível possível enquanto veria Farag se afogando.

— Você tem razão no que disse, Ottavia — apontou Abby.
— Exporíamos todo o peito e o rosto à sucção da areia, o que também significaria que liberaríamos o peso da parte de nosso corpo que já está afundando e que o distribuiríamos sobre uma superfície maior, o que nos impediria de afundar.

— Física aplicada, Abby? — divertiu-se Farag.

— Eu gostava de física no colégio — disse ela, rindo também.

— Muito bem, então vamos lá — disse Kaspar, inclinando-se para a frente muito devagar e com muitíssima

humildade, como se o fizesse diante de uma cruz ou do próprio Deus e apoiando com cuidado seu enorme torso sobre a lama molenga. Ele, sim, tinha uma enorme superfície para distribuir. Na amplitude de seus braços estendidos ainda restavam torrões soltos de areia seca, nos quais colocou a mão e apoiou a lanterna. Na verdade, a maior parte da camada do antigo solo da esplanada ainda existia ao nosso redor, a uma certa distância, e, à exceção dos pedaços que haviam afundado, os outros flutuavam sobre o lamaçal. A bochecha esquerda foi a última coisa que ele apoiou suavemente sobre a úmida areia movediça. Então, ficou em completo silêncio.

— Vamos, nós também — incentivou-nos Farag, repetindo o gesto humilde ou, o que dava no mesmo, a inclinação em câmera lenta.

Ele não parou de me olhar com um sorriso enquanto eu o imitava e me apoiava lenta e cuidadosamente sobre a superfície de areia.

— Não estamos afundando, viram? — exclamou Abby em sua posição recostada.

— É verdade — admiti, surpresa. — A ideia de distribuir o peso sobre uma superfície maior funciona.

— E não só isso — acrescentou Kaspar, que havia sido o primeiro a se comportar humildemente. — Vejam a cintura das minhas calças. Bem, os que conseguirem. O resto não, é claro.

Abby voltou a rir de uma maneira divinamente refinada.

— Você tirou metade do corpo da areia movediça, Kaspar! — exclamou, entre feliz e pasma, olhando para as calças molhadas e carregadas de vários quilos de barro.

— Saiu sozinho — esclareceu seu Romeu, com a abertura entre os lábios encostada na lama. — Eu estava aqui, imóvel, olhando vocês se humilharem, e, de repente, a sucção diminuiu e percebi que estava com metade do corpo livre.

— Ao reduzir o peso e o movimento, a areia movediça ficou densa outra vez — explicou Abby.

— Acho que deveríamos tentar tirar um pouco das pernas — propôs Gilad.

— Para quê? — perguntei, sentindo o frio úmido do barro na bochecha direita. Aquilo causava um arrepio mortal.

— Eu sei por quê! — adiantou-se Farag, que sempre gostava de acabar com os *grand finales* alheios. — Porque, se conseguirmos tirar as pernas da areia, ficaremos caídos de barriga para baixo sobre ela, oferecendo muito mais superfície de resistência sem provocar sucções, de forma que

poderíamos avançar pouco a pouco até a terra firme boiando e nos impulsionando com as mãos.

— Muito bem — respondi —, então me explique como diabos eu tiro as pernas do barro sem que essa coisa fique líquida e tente me engolir outra vez.

— Não, *basileia*, não as duas pernas. A perna. Por enquanto, só uma perna.

— Acho que o modo mais seguro de fazer isso — comentou Abby — seria ficando um pouco de lado, mas só um pouco e com muita paciência, de modo que tirássemos a perna girando a cintura.

Levamos horas para conseguir fazer isso. Mais que uma prova de humildade, aquilo parecia uma prova de resistência física e mental. Era verdade que estávamos boiando sem afundar e que, muito devagar, ajudando-nos com as mãos ou com os torrões secos que alguns encontramos no caminho, conseguimos recuperar uma perna e, mais tarde (muito mais tarde), a outra, mas era igualmente verdade que estávamos exaustos, que nossos músculos estavam rijos e doloridos e que todos, de uma maneira ou outra, bufavam como velhos motores enguiçados. E o que era ainda pior: continuávamos no mesmo lugar. Só conseguimos tirar o corpo, mas não havíamos nos deslocado nem meio metro em

direção à terra firme. E não conseguiríamos. Não cansados como estávamos. E com tanta fome. Mas nossa comida, com todas as nossas coisas, encontrava-se no fundo daquele poço de areia movediça, dentro daquelas pobres mochilas desaparecidas para sempre. Nós as vimos submergirem pesadamente e, embora ninguém tivesse dito nada, todos sabíamos que nossas possibilidades de sobrevivência foram reduzidas a zero. Se saíssemos da areia, teríamos que abandonar a montanha.

— Deveríamos dormir — propôs Sabira. A arqueóloga Assassina estava se comportando com autêntica valentia em todas as situações difíceis pelas quais havíamos passado e, além disso, sem se queixar nenhuma vez, mas a coitadinha era uma garota de apartamento, uma rata de biblioteca como eu, por mais que fosse arqueóloga (não parecia ter feito muitos trabalhos de campo em escavações como Gilad, que visivelmente passava metade da vida ao ar livre), e, infelizmente, havia perdido aquela beleza exuberante que apresentara nos salões do hotel de Tel Aviv. A cada dia que passávamos dentro daquela montanha, que eu já não sabia quantos eram, tornava-se mais e mais uma juvenzinha que recuava no tempo até chegar à adolescência, quase à puberdade, que era a idade que agora, sem maquiagem, suja

e despenteada, ela aparentava ter. Só faltavam as espinhas. Outras de nós, embora não quiséssemos nem pensar nisso, realizavam o caminho cronológico inverso pelos mesmos motivos.

— Mas e se, ao dormirmos, afundarmos sem perceber? — angustiei-me.

— Não vamos afundar, Ottavia — tranquilizou-me Abby. — Imagine que está sobre um colchão de ar, flutuando sobre o mar. Você afundaria?

— Não é a mesma coisa — protestei. — O que temos abaixo de nós é areia movediça, e qualquer movimento inconsciente durante o sono pode fazer com que ela se liquefaça outra vez e nos engula.

Realmente, o aspecto que devíamos ter para alguém que nos olhasse de cima devia ser patético: seis rãs besuntadas de barro e de barriga para baixo sobre uma superfície úmida de areia instável. Ainda que, olhando bem, também poderia ser considerada uma posição de humildade. Em muitas religiões e culturas antigas e atuais, as pessoas adotavam aquela mesma posição no chão diante da deidade ou do monarca quando pediam piedade ou manifestavam submissão ou humilhação. O que proporcionava a nossa salvação naquele momento era, portanto, mais uma vez um

conceito próximo à humildade. E humildes nos sentíamos, além de assustados.

— Faremos turnos de vigia — decidiu o ex-Catão e ex-capitão da Guarda Suíça do Vaticano. — Três dormirão e os outros três ficarão de vigia. Depois trocamos. Suponho que quatro horas de sono por turno sejam suficientes.

— Você está esquecendo que ainda precisamos sair da areia — lembrou Farag, dando por certo que todos estávamos conscientes do infinito cansaço que sentíamos.

Fizemos o primeiro turno Kaspar, Gilad e eu. Farag estava esgotado, e meus nervos não teriam me permitido dormir, por mais que estivesse cansada. Logo as respirações compassadas (e os suaves e familiares roncos) de nossos companheiros preencheram o silêncio da caverna. De vez em quando, Kaspar nos perguntava em voz baixa se ainda estávamos acordados e, invariavelmente, Gilad e eu respondíamos que sim, continuávamos lá feito rãs evisceradas. Não sei no que Kaspar e Gilad pensavam, mas a minha cabeça estava cheia de ruídos, de imagens de tudo o que acontecera até então, de fragmentos de conversas sobre tribos de Israel, facas de sílex, auréolas, pedras preciosas... E, de repente, tive vontade de saber que horas eram e de ver o sol, e também de tomar um bom café e assistir a um filme

atirada no sofá da minha casa. Não sei por que quis tudo isso. Certamente porque não podia tê-las (e não sabia se voltaria a ter), mas pensar nessas coisas tão insignificantes, às quais não dava nenhuma importância quando podia desfrutar delas, fez com que eu relaxasse. Coisas pequenas, coisas banais, coisas que fazia todos os dias sem me dar conta. Lembrar delas foi o que realmente me tranquilizou. Afrouxei os músculos, soltei a mandíbula e respirei profundamente pensando na cor verde do gramado do jardim de casa e na cor azul do mar em uma praia do Mediterrâneo. Eram essas as coisas importantes de verdade quando eu estava à beira da morte? Pelo visto, sim.

— Precisamos acordá-los — disse Kaspar. — Agora é nossa vez de dormir.

E eu dormi, por incrível que pareça. Dormi leve como uma pluma durante quatro horas naquele abismo de areia movediça. O que minha mente havia feito por mim, sem que eu tivesse consciência, foi me arrancar do pavor da realidade levando-me à segurança da vida cotidiana, na qual eu poderia descansar. E menos mal, pois isso aconteceu e eu descansei, porque tirar o corpo da areia já havia sido um pesadelo, quando começamos o retorno “a nado” em direção à mesma porta pela qual havíamos chegado com a intenção

de sair da montanha, percebemos como a vida podia ser dura: nadar dez metros na areia movediça? Mais fácil correr um quilômetro carregando uma vaca.

Levamos horas, muitas horas para deslizar sobre aquela perigosa superfície com suaves impulsos dos braços. Parecia que não servia de nada, que não nos movíamos, mas horas depois descobríamos que estávamos mais perto do corredor. De tempos em tempos, nossos braços desfaleciam em meio a fisgadas doloridas. Estávamos destruindo nossos músculos (bem, destruídos mesmo estavam apenas os pés, então ainda tínhamos outras partes do corpo para triturar), ainda que as coisas tenham ficado mais fáceis a partir do momento em que alcançamos a camada de areia seca que fingia ser solo firme e, inclusive, havia suportado nosso peso até chegarmos ao centro da esplanada, talvez porque estivéssemos caminhando com passos muito lentos e cuidadosos. Quando alcançamos a areia endurecida, os impulsos, embora ainda precisassem ser suaves para não despertarem o monstro da liquefação instável, tornaram-se mais eficientes e menos dolorosos para nossos tendões e ligamentos. Devíamos romper a camada pouco a pouco e afastar os fragmentos para que não nos impedissem de avançar. Se fosse possível subir nela sem provocar um novo

desastre, teríamos feito isso, mas não queríamos correr riscos desnecessários sabendo que a tentativa seria inútil.

Por fim, quando parecia que já estávamos uma vida inteira boiando naquela massa lamacenta, alcançamos a borda do fosso. Pois era um fosso, um fosso de profundidade desconhecida feito de propósito pelos ebionitas, que haviam misturado areia, sal e argila na proporção exata para fabricar aquela areia movediça aproveitando os aquíferos da montanha, dos quais vinha, sem dúvida, a água da fonte tentadora que nos levou ao desastre.

O primeiro a sair foi Kaspar, que tentou sacudir inutilmente os quilos de barro que tinha na roupa, agitando-se feito um cachorro depois do banho. Parecia o pé-grande dos bosques canadenses. Em seguida saiu Abby, que se recusou a receber ajuda de Kaspar porque disse que os dois estavam com os braços muito cansados e podiam cair outra vez, e, além disso, dado o peso do barro que ela tinha no corpo, não era impossível que o ex-Catão deslocasse um ombro. Então eu saí, mas não tinha forças para me impulsionar, e aceitei humildemente a ajuda de Kaspar e Abby. Kaspar e eu ajudamos Farag em seguida, ainda que, àquela altura, já estivéssemos com as palmas das mãos queimadas pela fricção da areia. Gilad saiu por conta própria,

recusando-se a receber nossa ajuda, e, depois, ele e Farag ajudaram Sabira.

Estávamos fora.

Capítulo 32

— “Bem-aventurados os humildes, porque herdarão a terra” — murmurei com alegria, deixando-me cair sobre o chão da trilha, dentro do corredor.

Várias pernas com algumas toneladas de areia movediça presas ao tecido das calças passaram por cima de mim com cuidado para, como eu, atirarem-se pelo caminho alguns passos adiante. Ninguém disse nada. Todos caímos em um sono profundo e quando, por fim, passadas algumas horas, acordamos novamente, o celular de Kaspar (porque já não tínhamos relógios) informou-nos de que eram seis da manhã de segunda-feira, sete de julho. Havíamos permanecido um dia e meio dentro do fosso de areia movediça. Um dia e meio! O barro, já seco, desprendia-se em grandes pedaços de nossas roupas.

Não tínhamos água para beber nem comida ou cantis para tratarmos nossos pés. Não tínhamos nada, exceto as lanternas e os celulares, de modo que, derrotados, percorremos o caminho de volta até a caverna da auréola para, uma vez lá, tentarmos pedir ajuda através de Isabella.

Retrocedíamos feito almas penadas, cabisbaixos, famintos, doloridos, esgotados e com irritação cada vez maior na pele devido ao atrito com as roupas cheias de areia. No entanto, não tínhamos ideia de que aquilo tudo era uma minúcia insignificante perto do que nos esperava:

— Não acredito! — exclamou Kaspar de repente, furioso.
— Eu não acredito nisso!

Seu tom de voz dinamitou nosso abatimento, colocando-nos outra vez em alerta, mas ele não precisou dizer nada: conseguíamos ver com clareza, embora estivesse quase debaixo de nossos narizes sem que tivéssemos percebido. Gilad teve um acesso de riso nervoso e começou a gargalhar feito um louco enquanto dava alguns passos a mais e apoiava as duas mãos naquela parede rochosa – saída sabe-se lá de onde – que interrompia o caminho, impedindo totalmente a nossa passagem justo onde começava a areia avermelhada. Em algum momento, sem sabermos, havíamos apertado ou pisado em algum dispositivo que fizera subir do chão ao teto aquele imenso bloco de pedra.

Sabira começou a chorar silenciosamente, desabando no chão enquanto Kaspar dava passos furiosos para a direita e a esquerda feito um leão enjaulado e Abby tentava acalmá-lo. Farag e eu nos abraçamos em silêncio sem deixarmos de

escutar as gargalhadas de Gilad, que não parava de rir como se tivesse mesmo perdido a sanidade.

— Você vem comigo? — sussurrou Farag em meu ouvido.

— Aonde? — perguntei, engolindo as lágrimas.

— Ao fosso de areia movediça.

— Você quer que a gente morra junto?

No fim das contas, a ideia não era tão ruim. Naquele momento, sou até romântica e atraente. Mas Farag riu.

— Não, nós não vamos morrer, *basileia*, eu garanto.

— Então por que você quer ir lá?

— Quero conferir uma coisa, e os outros estão esgotados demais para que eu os obrigue a caminhar de novo sem saber se tenho ou não razão.

— Razão quanto ao quê? — perguntei.

— Você vem? — insistiu sem responder, olhando nos meus olhos.

— Claro.

Acendemos uma lanterna e nos afastamos do grupo com passos cansados e lentos (ninguém pareceu se importar com nossa partida), retornando à esplanada da areia. Doía voltar a ver aquele lugar assustador. Dava vontade de sair correndo para o mais longe possível dali.

— Você não quer que a gente entre de novo, não é? — perguntei quando paramos na entrada.

— Não — ele me garantiu, terrivelmente fatigado. — Só quero que você não se mexa daqui e me ilumine.

— O que você vai fazer? — perguntei alarmada.

— Acho que esse fosso — e apontou com a mão — tem uma borda, uma margem junto à parede, algo como a boca de um poço ou a borda de um vaso, e acho que é possível chegar caminhando até aquela fonte ali na frente.

— E por que você acha isso?

Farag sorriu outra vez e, agachando-se dolorosamente, mergulhou uma mão no barro e tocou a borda real do fosso enquanto colocava o dorso da outra mão na esquina em que o corredor começava. Entre as suas mãos, havia uma separação com cerca de trinta centímetros. Como a areia do corredor e a areia seca da esplanada estavam na mesma altura, não era possível perceber que, na realidade, a borda do fosso era uns dois ou três centímetros mais baixa, e a areia movediça transbordava justamente para permitir a formação da camada seca junto às paredes. Ou seja, aparentemente, caminhando com as costas encostadas na pedra, dispúnhamos de um estreito corredor semicircular com mais ou menos trinta centímetros de largura,

ligeiramente inclinado e perigosamente resvaladiço, que poderia nos levar até o outro lado. Que grande sorte estarmos com aqueles calçados chamados de pés de gato, porque escorregar daquela borda significaria voltar a afundar no fosso, e não havia espaço nem ponto de apoio para que os outros pudessem dar uma mão, um pé ou o que fosse a quem tivesse caído. Muito pelo contrário.

— Não quero que você vá sozinho, Farag — eu disse.

— Mas, *basileia*, preciso conferir, tente entender — pediu. — Se eu conseguir, você avisa os outros e vem atrás. Enquanto isso, esperarei por vocês bebendo a água daquela fonte antes de qualquer um.

Terminou a frase aos risos, mas eu enxergava seu rosto abatido à luz da lanterna e sabia que ele ultrapassara o estado de esgotamento, tinha os pés tão fracos quanto os meus e, se resvalasse, morreria na tentativa. Eu não o deixaria sozinho, por mais teimoso e cabeça-dura que fosse.

— Vou explicar o que vamos fazer — alertei-o com muita paciência. — Vamos voltar a nos reunir com os outros e contar da existência dessa passarela até o outro lado. Então, voltaremos todos aqui e faremos a caminhada juntos.

— Mas e se a tal passarela não existir? E se a borda que estou imaginando estiver quebrada ou estragada em algum

ponto e não pudermos continuar?

— Veremos o que decidiremos juntos. Não gosto de heróis vaidosos que se sacrificam pelo grupo. Você sabe o que digo quando alguém faz isso nos filmes: tenta se destacar demonstrando que é mais generoso e abnegado, mas, na realidade, quer ser o centro das atenções e alvo de admiração.

Precisava manipulá-lo do jeito que fosse para que não partisse sozinho naquela perigosa aventura. Eu me recusava a vê-lo morrer. Ele pareceu refletir sobre o que eu havia dito.

— Tudo bem — admitiu, por fim. — Vamos fazer do seu jeito.

— Você sabe que sempre tenho razão — respondi, caminhando de novo até o corredor. — Por que você ainda se dá ao trabalho de me contrariar?

— Porque eu gosto.

Escutei sua risada e me senti feliz.

Quando retornamos, Kaspar havia se acalmado bastante, mas Sabira ainda estava chorando e Gilad parecia desesperado. Apenas Abby, em seu imenso cansaço, parecia inteira.

Contamos a eles o que Farag havia descoberto e um lampejo de esperança brilhou nos quatro pares de olhos que

nos observaram com assombro. A ideia de chegar até a fonte parecia incrivelmente tentadora, porque, quando a sede aperta, o medo e outras besteiras se desvanecem. Mas também era uma esperança, e pela esperança fazemos coisas que podem parecer muito bobas, mas fazemos mesmo assim.

Retornamos à esplanada um pouco mais animados. Suponho que, no fundo, todos temíamos que aquela última oportunidade não desse certo, mas precisávamos tentar. Antes que Farag abrisse caminho pela suposta borda, Kaspar disse:

— Tenha o cuidado de afastar o barro com o pé ao pisar, porque, mesmo que você fique coberto de lodo outra vez, ao menos poderá ver se há uma borda por baixo.

— E, quando chegar à área seca — eu disse —, não crie confiança. Não pise nela achando que está presa à borda. Quebre-a para se assegurar de que não há areia movediça por baixo nem, como disse Kaspar, um buraco onde cair.

Farag assentiu e sorriu. Acho que estava tão cansado que diria sim a qualquer coisa para que o deixássemos começar de uma vez. Caminhou até a esquina do corredor, encostou as costas na parede e começou a afastar para o lado o barro úmido da borda para liberar o chão em que deveria pisar em

seguida. Kaspar, Gilad e eu o iluminávamos para que se sentisse seguro e enxergasse com clareza. Quando estava prestes a chegar à zona seca, onde as paredes e o chão pareciam sólidos e uniformes, também encostei minhas costas na parede da esplanada e segui o caminho percorrido por Farag. Até onde ele estava havia uma borda, então eu só precisava afastar um pouco a areia molhada para não resvalar. Os pés de gato funcionavam às maravilhas e davam muita segurança. Gilad nos seguiu, e então Abby e Sabira. Kaspar foi o último.

As lanternas não nos incomodavam muito porque não podíamos usar as mãos para nos segurar na parede, até que, em um dado momento, Sabira descobriu um pequeno suporte na parede onde apoiávamos nossas costas no qual era possível encaixar as pontas dos dedos. Aquilo também devia ser proposital, não havia dúvidas. Então colocamos as lanternas debaixo das axilas, como os velhos termômetros de mercúrio. Em resumo, para nos segurar, precisávamos ficar com os braços absolutamente grudados no corpo.

Farag, desobedecendo ao meu conselho, não quebrou os tufos de barro no chão de areia seca quando chegou lá. Continuou avançando, segurando a parede com os dedos, e, para sua sorte (e a minha), o chão resistiu. Se, caminhando

devagar e com cuidado, havíamos conseguido chegar até o centro da esplanada, pensei, tentando me acalmar, certamente Farag havia pensado que, como estávamos avançando da mesma maneira, a camada de areia endurecida aguentaria.

E aguentou. Meu marido chegou à fonte de água tão feliz e orgulhoso quanto um estudante que passou no vestibular, mas, em vez de parar para beber, ultrapassou-a e parou na abertura que dava ao novo corredor, idêntica à do lado oposto. Uma vez ali, ficou quieto, estendendo a mão para me informar que esperaria por mim.

Todos chegamos sãos e salvos. Todos bebemos até nos fartarmos, o que nos reanimou muito e, em seguida, de um em um ou de dois em dois (dependendo do grau de intimidade), posicionamo-nos diante da fonte para nos lavar e lavar nossas roupas com aquela água fresca, suave e deliciosa. Tínhamos assaduras e queimaduras por todo o corpo, mas a água acalmou nossa dor, e não nos importamos de voltar a pôr a roupa molhada porque ela estava livre de areia e suor e refrescava nossos machucados. É verdade que não tínhamos sabonete, mas a água, naquele momento, pareceu-nos suficiente. Quando a roupa secasse nos sentiríamos limpos, e isso não tinha preço.

Nossos pés feridos, que ainda tinham as camadas de suturas e que, devido ao formato das sandálias pé de gato, haviam sido salvas da areia movediça, estavam muito bem, curados quase que por completo. As cicatrizes ainda estavam um pouco moles, mas não tínhamos solução salina para secá-las nem podíamos deixá-las respirar porque precisávamos seguir em frente. De qualquer modo, tínhamos plena certeza de que estavam com um bom aspecto e não seriam um problema enquanto não precisássemos saltar ou correr.

Por sorte, a temperatura naquele novo corredor era alta, embora não houvesse nenhum canal de água quente. Certamente, disse Sabira (e Kaspar concordou), devíamos estar na altura do pé da montanha, já que, como havíamos entrado pela tumba de Hilel, que se encontrava a uns seiscentos metros acima do nível do mar e, mais ou menos, na metade do próprio monte Meron, que tinha mil duzentos e oito metros, o mais lógico era pensar que, ainda que estivéssemos cercados por quilômetros de rocha, só tínhamos aqueles mil duzentos e oito metros de montanha sobre nós e, de alguma maneira, o imenso calor que fazia ali dentro, em pleno julho israelense, era absorvido pela terra e levado até onde nos encontrávamos.

Kaspar tentou estabelecer contato com Isabella para informá-la de nossa situação e posição aproximada, mas não conseguiu. O sinal, por mais milhares de quilowatts que tivesse e por mais nós e malhas de redes de nós de que dispusesse, não atravessava a imensa largura do pé da montanha.

De modo que, ao cabo de algumas horas e de vários litros a mais de água – ingeridos e também eliminados –, reidratados, limpos e sentindo-nos descansados, embora famintos, percorremos o caminho oferecido pelo novo corredor. Não era muito longo, no máximo uns dois quilômetros, e, no final, uma abertura diminuta nos obrigou a penetrar em uma passarela sinuosa e estreita, bastante claustrofóbica (algo que eu, particularmente, não achei nada legal) e na qual, encurvados e batendo com os ombros nas paredes e a cabeça no teto, demos algumas voltas muito esquisitas sem sentido aparente que nos fizeram temer o pior: havíamos nos metido em um labirinto e acabaríamos nos perdendo. Comecei a sentir falta de ar e a ficar bastante nervosa, mas, felizmente, não era um labirinto. A minúscula passarela terminou no maior ambiente em que estivemos até então, maior inclusive, em superfície, que a esplanada da areia movediça, e também redondo, mas, em vez de uma

cúpula, ele simplesmente não tinha teto. Era um túnel. Literalmente, um túnel altíssimo no qual, de algum lugar muito distante, entrava luz do exterior. Uma luz escassa, mirrada, mas que, após desligarmos as lanternas e nos acostumarmos, permitia que víssemos uns aos outros bastante bem.

No entanto, a luz não era o detalhe de maior destaque daquele lugar. Na altura do chão, tinha início uma estranha escada talhada nas paredes do túnel vertical, que havia sido cuidadosamente borneado para esse fim. A escada subia até o cume, girando como uma espiral na parede sem que pudéssemos ver onde terminava. O problema era que os degraus eram muito estreitos, com meio metro, se tanto, e não tinha corrimão. Ou seja, se alguém caísse, estava morto.

— Se ainda tivéssemos as mochilas — lamentou-se Kaspar —, poderíamos nos amarrar uns aos outros com as cordas e, se alguém resvalasse, segurariamos seu peso juntos.

— Esqueça as mochilas, Kaspar — advertiu meu marido, dando um tapinha em seu ombro. — Não estamos mais com elas e ponto-final. Ao menos ainda temos as lanternas.

— E aí, vamos começar a subir? — perguntei, dirigindo-me até a escadaria.

— Vai firme — motivou-me Gilad. — É toda sua.

— Deixem que eu vá na frente — pediu Farag, segurando-me pela cintura.

— É assim que eu gosto! — riu Kaspar, que aproveitou para pegar Abby pela mão e começar a subida. — Vocês já foram na frente no fosso de areia. Agora é a nossa vez.

— Judas! — insultei-o, mas não fez diferença.

Farag e eu seguimos os dois, e Sabira e Gilad vieram atrás de nós. Obviamente, era impossível subir de dois em dois, então, muito depressa, a fileira de formigas se expandiu e encompridou.

Passadas três horas, ainda que os degraus fossem cômodos de subir (porque não eram muito altos), eu teria trocado aquela maldita escada pela outra, inclinada e de teto abobadado, pela qual havíamos descido até o corredor de água fria ao sairmos da caverna das pedras preciosas. Subir não era o mesmo que descer, nem de perto, e, além disso, não devíamos esquecer que, desde a nossa descida, estivemos a ponto de sofrer uma hemorragia, passamos quase dois dias lutando na areia movediça e estávamos havia três dias sem comer, desde o café da manhã de sexta-feira na caverna da auréola. E já era por volta do meio-dia de segunda-feira.

Passadas mais três horas, eu já não me aguentava de pé. Os músculos das pernas doíam horrores e eu estava nauseada pelo cansaço e pela fraqueza. Não quis dizer nada para não deixar Farag nem os outros preocupados, embora soubesse que estava sendo irresponsável ao não falar. Nós nos encontrávamos a uma altura impressionante, já não era possível ver o chão, e se eu ficasse mais tonta e perdesse os sentidos cairia e morreria, porque o meio metro de largura daquela escada não permitia desmaios teatrais como nos filmes.

Por sorte, minutos depois, Abby nos perguntou se podíamos parar um pouquinho. Não estava se sentindo bem. Tinha dor de estômago e de cabeça.

— Isso é fome — diagnosticou Farag, e sua voz ricocheteou nas estranhas paredes daquele túnel. — Porque também estou assim.

Tentando não olhar para baixo a fim de evitar a vertigem, virei-me para trás, em direção a Sabira, que estava pálida como um defunto, e sentei-me em um degrau absolutamente convencida de que finalmente havíamos chegado ao lugar onde morreríamos. Fechei os olhos e vi muitos fogos de artifício coloridos disparando em todas as direções. Estava com uma terrível hipoglicemia. A fadiga e a

náusea tomavam conta de meu corpo, mas não havia nada para colocar na boca.

— Acho que, de maneira oficial — anunciou Kaspar com uma voz potente, brincando com o eco do túnel, já estamos na quarta bem-aventurança, a dos famintos. Alguém lembra como ela é exatamente?

— “Bem-aventurados os que têm fome, porque serão saciados” — sussurrei, apoiando a testa nas mãos.

— Não esperemos que sejamos saciados facilmente — lamentou-se o meu marido, sentando-se atrás de mim e colocando as mãos em meus ombros. — Suponho que isto esteja só começando.

— Eu não vou aguentar — disse a voz fraca de Abby.

— Quem tem força suficiente para continuar subindo mais um pouco? — perguntou Kaspar.

— Eu — escutei Gilad dizer.

— Eu também — escutei o meu marido.

— Não, Farag, você não — rejeitou Kaspar. — Fique com elas. Está muito cansado. Eu irei com Gilad.

— Kaspar, não tenho como chegar até você — avisou Gilad.

Formou-se um breve silêncio.

— Nós que vamos ficar — ordenou o meu marido —, vamos nos deitar com muito cuidado de barriga para baixo nas escadas, grudando o máximo que pudermos na parede para abrir caminho para Gilad.

Meu estômago também doía, como se uma garra de tigre o estivesse rasgando de dentro para fora. A ideia de me aprumar, virar para a parede e me deitar ia além das minhas capacidades naquele momento, mas não havia alternativa. Queixas são para os bons momentos. Nos maus, é preciso enfrentar. Tirei a cabeça das mãos e, antes de me virar, olhei para cima, para a parte alta do túnel iluminada por aquela estranha luz de origem incerta. E então vi a abertura, a porta. Estava à minha direita, dois giros em espiral acima de nós.

— Olhem! — eu disse, apontando. — Ali!

Todos ergueram o olhar, procurando.

— Uma porta! — exclamou Kaspar. — Olhe, Abby, uma porta!

— Precisamos chegar até lá — propôs Farag.

— Espere um momento — pediu a Rocha. — Deixem que eu vá primeiro, não sei que coisas...

— Não gosto de heróis! — exclamei, colocando as mãos na barriga. Eu precisava de mais duas para levá-las também

à cabeça, e outras duas para cobrir os olhos. — Vamos todos! Só precisamos de um último esforço. Venha, Sabira, levante-se! Venha, Abby, mostre que você não é uma fracote.

Kaspar continuou a subida conduzindo a pobre Abby pela mão. Farag, por sua vez, grudou-se na parede e me segurou pelos braços.

— Passe na minha frente — ordenou. — Quero ver você subindo.

Eu sentia náuseas e não sabia por quê, pois meu estômago estava vazio. Precisava vomitar a comida que não tinha comido, e a garra de tigre, após ter rasgado o estômago, agora atacava mais para dentro, chegando até as costas. Lembro-me de ficar surpresa ao ver que uma dor de estômago podia se tornar também uma terrível dor nas costas. Eu me sentia pior do que mal. Teria dado qualquer coisa para me atirar no chão e não me mexer mais.

— Vamos, *basileia*, ande! Mais um pequeno esforço, meu amor.

Não sei como realizei aquele passo de dança para ficar à frente de Farag, e talvez melhor não saber, porque devo ter passado o corpo inteiro sobre o abismo, menos os pés, que apoiava no chão, e os braços, que Farag segurava com força.

Aquelas duas últimas voltas na escadaria foram um daqueles momentos da vida que recordamos para sempre. Quando você deveria estar em uma cama de hospital e, em vez disso, tem que subir degraus e mais degraus sem força, com angústia, enjoo e intensas dores musculares, de estômago e nas costas sem saber se esse esforço tem algum sentido, movida apenas pela esperança de poder se deixar cair em algum lugar para perder de bom grado os sentidos sem despencar de uma altura de quase quinhentos metros, você nunca mais esquece, por mais que os anos passem.

Kaspar chegou até a porta com Abby e acendeu a lanterna. Ambos desapareceram ali dentro. Então eu cheguei, seguida por Farag, que também acendeu sua lanterna. Antes de entrarmos pela abertura na rocha, vi que as escadas acabavam ali e não era possível subir mais por aquele túnel, que, embora continuasse para cima, ia se fechando sobre si mesmo em um formato cônico. A luz vinha dali. A parte direita do cone devia coincidir com alguma escarpa da montanha, formando uma espécie de gelosia, de ralo de pedra pelo qual caíam longas raízes e plantas que haviam crescido para baixo, mas deixavam passar resquícios de luz e de ar. Tive imediatamente a certeza de que aquela parte da montanha, no exterior, coincidia com alguma área de mata

impenetrável onde ninguém jamais pisara. Talvez daquele novo lugar pudéssemos contatar Isabella.

Só lembro que Farag e eu entramos atrás de Kaspar e Abby e aquele lugar era outra caverna, tão espaçosa quanto a das pedras preciosas, mas com uma fonte à esquerda, uma fonte idêntica à da areia movediça, e que o teto, o chão e as paredes tinham uma cor acinzentada. Também me chamou a atenção o fato de que não havia saída, não havia outra abertura interditada por uma roda de pedra. Mas então já não me lembro de mais nada. Farag me ajudou a desabar no chão e perdi os sentidos.

Capítulo 33

Se dormir não alimenta, ao menos tira o mal-estar da fome. Naquela noite, de segunda para terça-feira, 8 de julho, dormimos todos quase dez horas de uma tacada só. Acordamos fracos e com sede, mas inteiros. As ânsias de vômito e demais sintomas haviam desaparecido (por ora), e beber água daquela fonte nos reanimou. Mas que ninguém nos pedisse para caminhar muitos quilômetros ou subir uma escada como a do dia anterior, porque não teríamos conseguido. Tínhamos a sensação de diminuição da convalescença, como quando passamos muito tempo de cama doente e começamos a melhorar. Só que nós não melhoraríamos. Aquela fraqueza pioraria com o passar dos dias, porque precisávamos comer e não tínhamos comida.

— Nunca tinha passado fome antes — murmurou Abby, apoiando-se no colo de Kaspar, que se inclinava para protegê-la com seu corpo imenso, como se isso adiantasse alguma coisa.

— Nenhum de nós jamais havia passado fome, Abby — expliquei sem forças para a herdeira.

Uma coisa era passar um dia sem almoçar ou fazer o jejum da Quaresma, mas fome, o que se chama de fome, a fome que víamos nas crianças desnutridas do Terceiro Mundo ou nos camponeses das zonas com grandes secas em países pobres, aquela fome nenhum dos que estavam ali havia conhecido, porque todos vínhamos de países privilegiados e de famílias que puderam nos alimentar.

— Kaspar — murmurou Farag, caído ao meu lado —, tente contatar Isabella.

Kaspar não respondeu, mas ergueu Abby em seus braços com todo o cuidado e soltou-a no chão, com a cabeça apoiada em uma suave elevação do terreno que servia muito bem de travesseiro. Claro que também havia outra que elevava um pouco os pés, deixando-a um pouco retorcida, mas o ex-Catão pareceu não se dar conta desse pequeno detalhe. Depois de soltá-la, levantou-se, espreguiçou-se como se fosse um acordeão e tirou o celular do bolso.

— Vocês todos deveriam ligar seus celulares — disse para nós com a voz extremamente cansada.

Se pedir a ele que contatasse o Paraíso Terreno exigiria um esforço tão grande, duvidei que valesse a pena. Contudo, e em meio a novos enjoos e náuseas que surgiam quando nos mexíamos, começamos a procurar nossos telefones nos

bolsos das calças. Eu não lembrava em qual o havia guardado, mas estava com ele, tinha certeza.

— Gilad — disse Kaspar de repente com um tom de voz mais vivaz —, traga todas as lanternas.

— O que houve? — perguntou o meu marido, que já estava ligando seu celular.

— Tem alguma coisa esquisita no chão — explicou o ex-Catão, pegando Abby outra vez e a erguendo delicadamente. Abby se deixava manipular como uma boneca de pano, sem se queixar, mas também sem prestar muita atenção. Kaspar deixou-a ao lado de Sabira.

— Esquisita? — estranhou Farag, avançando até o ex-Catão. — Tipo um objeto esquisito, ou um bicho esquisito?

— Uma forma esquisita — tentou se explicar a Rocha, afastando-se e se aproximando do lugar onde Abby estivera deitada. — Tragam todas as lanternas, por favor.

Alguns, mas só aqueles que estavam com a barba por fazer há dias, ainda conseguiam se movimentar para levar as seis lanternas até onde estava o ex-Catão.

— O chão — dizia ele —, iluminem o chão. — Estão vendo? Veem essas formas estranhas no terreno?

— São deformidades da rocha, Kaspar — indignou-se Farag, que estava muito cansado. — Estamos dentro de uma

montanha.

— Não, não! — exclamou a voz surpresa de Gilad. — São letras!

Com isso, conseguiu a atenção completa de meu marido, que, arrastando os pés ainda machucados, aproximou-se dele como se fosse atraído por um ímã. Kaspar também se juntou a eles, e juntos os três foram movendo os feixes de luz para que pudessem decifrar as grandes letras que mal eram discerníveis, porque pareciam desgastadas pela passagem do tempo e por um suposto trânsito incessante de pessoas durante séculos, embora fosse tão artificial quanto tudo o que havia naquela montanha.

— Acho que são duas — afirmou Farag. — E são letras hebraicas.

Sabira e eu, sentadas no chão, acompanhávamos seus avanços com interesse, apesar do mal-estar físico. Abby, por sua vez, continuava caída e parecia ter adormecido.

— A primeira é a letra vav — afirmou Gilad.

— Tem certeza? — perguntou Farag franzindo o cenho.

— Total. Veja o formato alongado. É um vav, sem dúvida.

Sabira, apoiando-se no meu ombro, levantou-se e se somou ao grupo para desenhar — em uma das folhas de papel que salvara antes de atirar seu bloquinho na areia

movediça — o traço da letra vav, que eles ressaltavam com as luzes das lanternas. Então, aproximou-se gentilmente de mim e mostrou:

ᶘ

Bem, para ser honesta, não me pareceu grande coisa. Sorri para Sabira como agradecimento pelo cuidado, mas acho que o que ela entendeu foi que devia cair fora e me deixar em paz. Os outros três continuavam absortos na segunda letra.

— A grafia é antiga — dizia Gilad, que havia perdido muito do porte que exibira no hotel de Tel Aviv e estava ficando mirrado —, mas tenho certeza de que se trata da letra mem.

— Sim, concordo — assentiu o meu marido. — É uma mem.

Sabira desenhava sem parar com sua lapiseira dourada e, agora que havia perdido sua câmera fotográfica (embora não o cartão de memória, que havia guardado em um dos bolsos impermeáveis), os desenhos eram seu único meio para documentar as provas.

— Ou seja, um vav e um mem — resumiu Kaspar, como se soubesse o que estava dizendo. Embora talvez soubesse.

Eu já não entendia muitas coisas, ainda menos naqueles momentos.

Quando terminou, Sabira voltou a se aproximar de mim para mostrar seu novo esboço, da letra hebraica mem:



Agradei, mas que diferença fazia para mim? Eu não entendia hebraico nem compreendia por que aquelas duas letras pareciam estar deixando tão nervosos os três barbudos e até mesmo Abby, que, cheia de curiosidade, havia aberto os olhos.

— *Man hu* — disse Farag.

— Não, não, prof. Boswell — explicou Gilad, agora sorridente. — Não se lê *Man hu*. Lê-se *Man hu?*, “O que é isso?”.

— “O que é isso?” — repetiu Kaspar feito um papagaio.
— Eu é que pergunto! Que diabos é isso?

— *Man hu*, Kaspar — esclareceu Farag, achando muita graça. — Maná. O maná com o qual o povo de Israel se alimentou durante os quarenta anos de travessia pelo deserto.

Minha fome foi mais forte que minha indiferença e minha absoluta convicção da inexistência do maná. De repente, interessava-me muitíssimo o que aqueles três

sabichões estavam dizendo. E Sabira também demonstrava um enorme interesse. Até Abby se ergueu sobre um cotovelo e sentou-se com a postura muito reta e os olhos inchados como pratos de comida diante da ideia do maná. Sim, tudo bem, mas agora eu queria ver. Ou iríamos devorar as letras do chão rochoso? Meu estômago doía outra vez. O tigre mostrava as garras e rasgava sem piedade, tentando chegar até as minhas costas. Que não me falassem em maná se não pretendiam me dar uma boa porção.

— Quando os filhos de Israel — murmurou Abby, fazendo com que todos a olhassemos desconcertados com a sua repentina ressurreição — começaram a passar fome no deserto pouco depois de fugirem do Egito, surgiram maldicências contra Moisés por tê-los levado até lá para que morressem. Então, Adonai disse a Moisés para comunicar aos filhos de Israel que havia escutado as murmurações e faria chover pão do céu.

— E disse especificamente pão — observou Gilad —, ou seja, *lejem*. Pão.

— Na manhã seguinte — continuou Kaspar para que Abby não se cansasse, assumindo uma postura de sumo sacerdote ou, bem, de Catão em exercício —, os judeus viram sobre a areia do deserto, ao redor do acampamento,

uma estranha camada de orvalho que, quando evaporou, deixou uma casca fina, escamosa e tênue como a geada. Então se entreolharam confusos e perguntaram uns aos outros: “O que é isso?”. Mas Moisés disse a eles para juntar aquela crosta, porque era o pão que Deus lhes havia prometido.^[1]

— Não é assim que consta no *Shemot* — protestou Gilad, irritado, olhando para Kaspar. — O segundo livro da Torá, o *Shemot*, diz que, quando o orvalho deixou de cair do céu, o deserto ficou coberto por algo redondo e miúdo como a geada. Então, os filhos de Israel disseram uns aos outros: “*Man hu?*”, “O que é isso?”, porque não sabiam o que era. E *Moshéh* lhes disse que era pão, ou *lejem*, que Adonai lhes dava para comer.^[2]

— Mas não chamaram de *lejem* — comentou Farag, sentando-se outra vez no chão e cruzando suas longas pernas como um índio. — Chamaram de *man*.

— Exato — concordou Gilad. — *Man*, não *lejem*, porque era algo redondo e miúdo, não uma crosta fina e escamosa como diz a má tradução da Bíblia cristã. Também não era trigo, ou qualquer outro cereal que conhecessem e com o qual fosse possível assar o *lejem*.

Mas, enquanto Gilad se dedicava a estabelecer as diferenças entre a versão hebraica e a versão cristã do *man*, ou maná, e em demonstrar, pela autoridade conferida pela maior antiguidade e a fidelidade de seu livro sagrado, que o *man* tinha forma de pequenas bolinhas, e não de uma crosta fina, Farag, com as unhas, estava arrancando ao seu redor pequenos pedaços do solo e empilhando-os à sua frente. O arqueólogo judeu emudeceu de repente ao vê-lo, e todos ficamos paralisados.

— Eu temo, Gilad — sorriu o meu marido, erguendo o olhar até ele —, que, neste caso, os ebionitas optaram pela má tradução da Bíblia cristã, porque o que cobre o chão, as paredes, o teto e, provavelmente, a saída dessa caverna, é uma crosta de *man*. Ainda que não das mais finas, devo reconhecer.

Kaspar se aproximou de Farag e sentou-se à frente dele, ambos separados pelos pedaços de, supostamente, rochas cinza-claro (talvez fosse isso a geada) que meu marido havia arrancado sem grandes dificuldades com as unhas e os dedos da mão. O ex-Catão pegou um dos maiores pedaços, do tamanho de sua pequena e extraviada Bíblia de viagem, e examinou-o cuidadosamente à luz da lanterna.

— Precisamos de um canivete! — grunhiu.

— Posso ver, por favor? — pediu Sabira, estendendo a mão na direção de Kaspar.

Ele alcançou o pedaço de chão para ela achando, como todos, que Sabira queria desenhá-lo para guardar um registro da prova, mas, para nossa surpresa, Sabira se agachou até que a luz enfocasse perfeitamente o fragmento, virou-o algumas vezes na mão e, sem mais nem menos, arrancou um pedacinho de um canto e o levou até a boca com toda a tranquilidade, começando a mastigá-lo com cara de quem está provando algo que já sabia de antemão.

— Não coma isso! — exclamou Gilad assustado, agachando-se ao lado dela e tirando o pedaço de chão das mãos dela. — Cuspa o que tem na boca, Sabira! Pode ser venenoso!

Mas Sabira, a Assassina, sem parar de sorrir afetuosamente para ele, continuou mastigando e, então, engoliu o pedacinho de chão de forma ostensiva.

— Eu sei o que é isso — disse com suavidade. — Quando criança, na minha cidade natal, Diyarbakir, na Anatólia, comíamos com frequência. Mas, antes de contar a vocês a estranha história dessa comida, peço que não esperem mais. Comam tranquilamente, não fará mal nenhum. É um líquen muito nutritivo.

— Um líquen? — perguntei com repulsa. Sabia que os líquens eram organismos vivos procedentes da união entre fungos e algas unicelulares, e também sabia que, onde havia líquens, não havia contaminação de fábricas ou do trânsito, nem produtos tóxicos perigosos, porque eram muito sensíveis a tudo o que prejudicava a natureza em geral. Mas, ainda que fossem um indicador do metano ambiental, o semáforo verde da pureza e da higiene, os líquens jamais haviam feito parte da minha dieta, e a ideia de comer um organismo vivo daquele tipo não despertava as minhas paixões.

— Ficaria mais saboroso — comentou Sabira, arrancando outro pedacinho do fragmento que Gilad segurava tremendo — se pudéssemos transformá-lo em farinha e utilizá-lo para cozinhar, mas acho que, dada a nossa situação, seria pedir demais, de modo que teremos que nos conformar com esses pedaços e a água da fonte.

Vê-la comendo me causou tanta inveja e tanta fome que passaram todas as minhas ressalvas. Se aquilo, fosse líquen ou pedra, era comestível, eu comeria. Precisava alimentar o tigre para que me deixasse viver, porque a dor de estômago já estava insuportável e a hipoglicemia me anulava enquanto pessoa.

Farag e Kaspar repartiram os pedaços daquela coisa entre todos nós e eu fechei os olhos antes de levar à boca o pedacinho minúsculo que dividi com a pinça do indicador e do polegar. A textura era dura e encorpada, e parecia se deixar quebrar pela secura mais que por qualquer outro motivo (como a de constituir um ser vivo). Com os olhos fechados, levei à boca o pedacinho e, sentindo a dor no estômago como um incentivo urgente, comecei a mastigá-lo. Lembrava farinha de trigo, exatamente farinha de trigo, com uma pontinha de acidez. Ou seja, não era nenhum manjar, mas daria uma ocupação para os meus sucos gástricos, que me agradeceriam e me deixariam em paz. E isso era tudo o que eu queria.

Eu não sabia como era a fome dos que realmente não tinham nada para comer. Não sabia se era parecida com o que eu estava sentindo, porque a deles vinha de um longo percurso, e no meu caso era a primeira vez e havia durado apenas alguns dias. No entanto, não há sensação mais horrível, dolorosa e incapacitante que a fome. Alguma coisa mudou para sempre dentro de mim depois daquela experiência. Nunca mais vi certas coisas da mesma maneira.

O líquen pedia água para ser mastigado, engolido e digerido. No fim, acabamos todos ao lado da fonte,

segurando nossos pedaços de *man* como se fossem uma iguaria e dando mordidas após beber um gole de água. Comíamos devagar, sem pressa, controlando a fome e a ansiedade para que aquele alimento não descesse mal. Não falávamos. Comíamos e bebíamos devagar, em silêncio, exaustos demais para travar uma conversa agradável à mesa. E quando terminamos, quando já estávamos saciados, voltamos a nos deitar no chão para dormir, um chão que, ainda que para todos os efeitos parecesse de pedra, agora sabíamos estar coberto por uma camada de líquen de dez ou quinze centímetros de espessura, com aparência e consistência de pedra, mas tão vivo quanto nós mesmos. Era um pouco horripilante pensar nisso.

Quando acordei outra vez, horas depois, estava muito melhor. Os sintomas de tontura, enjoo, ânsia de vômito etc. haviam desaparecido. A dor de estômago também. O tigre havia partido sem se despedir, para a minha imensa alegria. Mas senti que precisava de um pouco mais.

Abby e Kaspar estavam ao lado da fonte, com um aspecto melhor e comendo e bebendo uma segunda ração (que era exatamente o que eu faria). Na realidade, devia ser tarde, e aquilo, mais que um café da manhã, era um jantar.

— Como está, doutora? — perguntou-me o ex-Catão, oferecendo-me outro, digamos, sanduíche de líquen.

Peguei o pedaço e mordi, já sabendo o que encontraria naquele estranho alimento.

— Muito melhor — respondi, formando uma concha com a mão direita e enchendo-a de água para beber de um gole só. — Na verdade, muito, muito melhor.

— Sim, nós também — sorriu Abby. — Acho que, finalmente, podemos dar por terminada essa prova e seguir adiante com o resto das bem-aventuranças.

Aquilo me desconcertou.

— Não combinamos que telefonaríamos para Isabella e pediríamos que nos tirassem daqui?

— Isso foi antes de encontrarmos alimentos — resmungou Kaspar, bebendo água na concha de suas mãos.

— Estamos fazendo tudo direito, Ottavia — esclareceu-me Abby. — É duro, eu sei, mas estamos superando todas as bem-aventuranças e conquistando o direito de encontrar os ossuários com os restos de Jesus de Nazaré e sua família. Quando chegarmos ao final, não sentirei que fiz a descoberta arqueológica mais importante da história. Sentirei que me tornei digna de fazer a descoberta arqueológica mais

importante da história. De alguma maneira, essas provas nos preparam para que mereçamos o que queremos achar.

— Entendo perfeitamente, Abby — disse a voz de Farag às minhas costas. Ele também havia acordado e estava se aproximando da fonte para comer um pouco mais.

Se Farag, o ateu, entendia Abby, é porque Abby tinha alguma coisa de ateia, mas havia demonstrado repetidas vezes seu grande conhecimento das Sagradas Escrituras, tanto cristãs como judaicas, e um respeito infinito por qualquer tipo de fé, inclusive a muçulmana, embora nem ela nem seus avós tivessem manifestado em nenhum momento, que eu me lembrasse, que professavam alguma religião. Eram muito amigos do príncipe Karim, o imame dos nizarins, mas também tinham grandes relações com o Vaticano. No entanto, realmente, pareciam tão ateus quanto Farag.

— Olá, querida — disse o meu marido ao se aproximar para me dar um beijo na bochecha. — Dormiu bem? Como está se sentindo?

— MUITÍSSIMO melhor — respondi. — E você também está com um aspecto melhor. Se pudesse fazer a barba, seu rosto até estaria com uma cor boa.

Farag pegou o pedaço de líquen que Kaspar lhe ofereceu, mas, antes de mordê-lo, colocou o rosto debaixo da água da fonte para se molhar e, então, bebeu um gole grande.

— Ainda não consigo sentir uma alegria transbordante — exclamou, passando uma mão seca pelo rosto molhado —, porque estamos em cacos, machucados, e precisaríamos de uma semana na praia para recuperar parte das forças que perdemos. Mas me sinto imensamente orgulhoso pelo que conseguimos até agora. Por isso, compartilho da opinião de Abby.

— Ou seja, você quer seguir em frente — suspirei resignada.

— E você também, *basileia* — disse, passando o braço sobre os meus ombros e puxando-me para junto de si enquanto, com a outra mão, levava à boca um pedaço de líquen que mordiscava. — Você também. Conheço você o suficiente para saber que jamais deixou sem terminar nada do que começou.

De repente, Gilad apareceu à minha direita, com uma cara de sono de dar pena, mas era possível ver outra vez alguns de seus melhores músculos. Kaspar, o padeiro, entregou-lhe um pedaço de *man*, mas o israelense, como todos, preferiu beber antes um bom gole de água. E ainda estava bebendo

quando Sabira apareceu. Ela tinha um sorriso largo e era, de longe, quem apresentava melhor aparência. O padeiro voltou a desempenhar sua função, entregando-lhe um pedaço de líquen, que ela pegou avidamente e começou a mordiscar com prazer, como se fosse uma guloseima.

— Minha mãe e as mulheres de Diyarbakir — explicou depois de engolir o primeiro pedaço — recolhiam os fragmentos desse líquen no campo, produziam farinha e fabricavam um pão que chamávamos de *schirsad*, que é realmente gostoso.^[3]

— Então não cai do céu? — perguntou Gilad, decepcionado.

— Ah, cai, sim! Claro que cai do céu! — exclamou Sabira, contente. Ficamos atônitos. Caía do céu como o maná? Então, como havia chegado àquela caverna dentro de uma montanha?

— Nunca descobri — prosseguiu Sabira — o nome ou a espécie deste líquen, mas sei que é arrastado pelo vento ou cai com a chuva. Assim, forma-se uma camada de pequenas esferas amarelas por fora e brancas por dentro. Era isso que mulheres de Diyarbakir e de muitas outras regiões da Anatólia, do Iraque e da Ásia Central recolhiam antigamente. Se ninguém recolher, eles se acumulam, formando uma

crosta como esta da caverna, de uns dez ou quinze centímetros de espessura, com a qual também é possível fazer farinha e assar pães.

— E como conseguiu chegar aqui dentro e se acumular dessa forma? — quis saber Abby, estranhando.

— Não sei — respondeu Sabira, dando de ombros. — Mas quem fez isso foram os ebionitas, não? Certamente conheciam alguma técnica para cultivar o líquen nos porões frescos e escuros de suas casas em Susya. Como eu disse, é um alimento muito bom.

— E que deveria lembrá-los bastante — acrescentou Gilad — do *man hu* que Adonai deu aos filhos de Israel no deserto.

— Talvez eles achem que na realidade era maná — observei. — O que Sabira está contando é realmente inquietante por causa de sua semelhança com as duas versões bíblicas.

— Acho que precisarei visitar a sua cidade, Sabira — divertiu-se Gilad. — Não será difícil conseguir patrocínio para estudar a possível origem do *man*. É um assunto de grande relevância para o povo de Israel.

— Minha mãe adoraria preparar para você seus melhores refogados de *schirsad*.

— Mas... aceitariam um judeu? — perguntou nervoso.

Farag, Kaspar, Abby e eu comíamos em silêncio, escutando com total atenção a conversa árabe-israelense. Era como voltar a jantar assistindo à televisão.

— Como quase todo mundo em Diyarbakir — explicou Sabira —, minha família é curda. Não somos exatamente turcos, muito menos árabes. E, além disso, também não somos sunitas. Somos xiitas. Mais concretamente, ismaelitas nizarins.

Aí está o cerne da questão!, pensei com a boca cheia de maná. Sabira acabara de reconhecer diante de Gilad que era uma Assassina!

— Ismaelitas, como os seguidores do Aga Khan? — estranhou Gilad, trazendo rapidamente para a memória tudo o que sabia sobre o assunto.

— Exato — sorriu Sabira com doçura. — O Aga Khan é nosso imame.

Gilad esboçou um grande sorriso.

— Então você terá que me contar algumas coisas sobre sua religião — ele disse —, porque não sei nada.

Não tinha nem ideia de que se tratava da seita dos Assassinos! Ainda que, é claro, esse também fosse o caso de muitíssima gente. Sabira também sorriu, assentindo.

Acabara de ser firmado um importante tratado de amizade assassino-israelense.

Bem, certo, ismaelita-israelense. Odeio ter que ser politicamente correta.

— Qual é a bem-aventurança seguinte? — perguntou de repente a Rocha antes de continuar comendo.

— Por que isso lhe interessa tanto? — perguntou Abby-Julieta, apoiando com amor seu queixo perfeito no ombro quadrado do ex-Catão.

— Porque tenho um filho — respondeu suavemente — e quero reavê-lo o quanto antes. Sei que está bem, mas sinto saudades. Se pudermos sair chispando em direção à prova seguinte, sairemos já. No entanto, caso seja tão terrível quanto as anteriores, talvez devamos passar mais um tempo aqui, descansando e comendo.

— Você está dando por encerrada a prova de fome muito cedo — objetou Farag. — Você olhou ao redor? Por acaso vê alguma saída? Porque eu, meu amigo, só vejo uma caverna enorme coberta de modo uniforme por uma camada cinza e grossa de líquen que não me permite identificar onde está a tal saída, se é que está em algum lugar.

— Levaremos muitíssimo tempo para arrancar todo o líquen com as mãos — horrorizou-se Abby. — Será um

trabalho de semanas.

— Você acha que, se a saída fosse para baixo e ficasse no chão, a crosta de líquen aguentaria o nosso peso? — perguntei, com a ideia de eliminar de uma tacada só uma ampla superfície.

— Sim — respondeu Sabira —, aguentaria perfeitamente se a abertura não for muito grande. É possível, inclusive, que tenhamos pisado várias vezes sobre ela sem notarmos nada.

— Bem, estamos feitos! — queixou-se Gilad. — Ao menos temos comida e água para aguentar uma temporada.

— Esse é outro ponto importante — observei. — Seja onde for a saída, temos que levar uma boa reserva de líquens para podermos comer quando partirmos daqui.

— Mas, bem — bradou a Rocha —, alguém poderia me lembrar, por favor, qual é a próxima bem-aventurança mortal que devemos enfrentar?

— “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” — recitei.

Ficamos em silêncio durante alguns segundos.

— Não parece muito perigosa — murmurou, por fim, Sabira.

— Não confie nesses ebionitas! — grunhiu o ex-Catão.

— Kaspar — contrariou-o Farag —, fala de misericórdia, caramba!

— Não vi nem um pedacinho de misericórdia desde que entramos nesta maldita montanha! — exclamou Kaspar com raiva.

Abby colocou uma mão tranquilizadora sobre o ombro dele.

— Se me permitem — começou a dizer Sabira —, acho que deveríamos começar a colher já o líquen que quisermos levar. Podemos utilizar as camisetas dos homens como sacolas.

— Por quê? — perguntou Abby.

— Porque são pedaços grandes de tecido que...

— Não, não! — rechaçou a herdeira, que parecia ter entendido bem essa parte. — Quero dizer, por que devemos começar a colher já o líquen?

— São sete da noite de terça-feira, oito de julho — indicou Kaspar, olhando para o celular. Era suíço de nascimento e tendia a se comportar como um relógio suíço. Inclusive dando o horário feito uma máquina.

— Porque, se colhermos hoje — disse a arqueóloga —, podemos jantar, dormir aqui esta noite e partir amanhã cedo em direção à próxima bem-aventurança.

— E a saída? — lembrou Farag.

— Bem, há uma maneira muito simples de encontrá-la — respondeu ela com um sorriso enigmático.

E era verdade, havia mesmo. Sabira tinha lá seus meios insuspeitos.

Fizemos tudo conforme o previsto. Enchemos de liquens comestíveis as sacolas que fabricamos com as camisetas de Farag, Kaspar e Gilad (que ficavam muito mais atraentes assim, à moda praia, de peito nu), comemos mais liquens e fomos dormir outra vez sem que ninguém tivesse dificuldade para pegar no sono, graças ao nosso enorme cansaço acumulado. Quando acordamos na manhã seguinte, estávamos totalmente recuperados e, após comermos maná de café da manhã, organizamo-nos para partir, e para isso precisamos retornar momentaneamente às escadas do túnel por onde entravam a luz e o ar.

Sabira ainda trazia consigo dois pedacinhos de sílex do corredor das águas vermelhas, que havia guardado pelo mesmo motivo que os desenhos e o cartão de memória de sua câmera. Quando todos já estávamos nos estreitos degraus, vários metros abaixo da entrada da caverna, ela permaneceu ali dentro e, logo depois, veio até nós, seguida por uma pequena coluna de fumaça preta, que subiu pelas

grades do cone do túnel como se este fosse um aspirador. A fumaça negra que saía pela porta foi ficando mais e mais densa, até que deu lugar a chamas de um vermelho intenso que demoraram muito para se extinguir.

Por sorte, nem as labaredas nem as chamas se dirigiram para baixo, na direção de nosso grupo, que contemplava atônito o incêndio provocado por Sabira na caverna do líquen.

— É o que se fazia no campo — justificou-se com simplicidade. — Quando a camada era muito grossa e precisávamos limpar a terra para fazer semeadura, os homens colocavam fogo nos líquens. Foi o que fiz ao provocar faíscas com as duas pedras de sílex.

A caverna ardeu durante mais de três horas.

Capítulo 34

O apito agudo e prolongado do celular de Kaspar soou enquanto esperávamos que, uma vez extinto o incêndio e consumido o líquen, a temperatura dentro da caverna baixasse até o humanamente suportável para que não virássemos carne assada em seu interior.

— Isabella! — exclamei.

De alguma maneira estranha e incompreensível, saber que minha sobrinha estava nos telefonando e estava lá me fazia sentir ondas de amor por ela.

— Farag, é Isabella! — eu disse ao meu marido, que também sorria.

Permanecíamos sentados nas escadas da parte superior do túnel porque, embora já não saísse fumaça da caverna, a rocha devia ter alcançado temperaturas tão elevadas durante o incêndio que ninguém conseguia se aproximar a menos de um metro da porta.

— Não é Isabella — grunhiu Kaspar. — Liguem seus celulares.

— Se não é Isabella, quem está ligando? — perguntei.

Curiosamente, naquele lugar, meu telefone exibia um tracinho de cobertura. Mas se Kaspar estava pedindo que ligássemos nossos celulares, isso significava que a mensagem chegava através da malha de nós estabelecida pelo Paraíso Terreno.

— É Navil, um dos engenheiros — respondeu a Rocha. — Os serviços florestais israelenses detectaram uma coluna de fumaça na face norte do monte Meron, a uns quatrocentos metros do cume, em uma crista estreita e abrupta fechada ao público. Me deu as coordenadas e quer saber se somos nós e se precisamos de ajuda.

— Claro que somos nós — afirmei. — E é claro que queremos que nos resgatem e nos tirem daqui.

— Esse serviço florestal vai mandar bombeiros ou alguma equipe de observação? — preocupou-se Farag. Andávamos um pouco dissonantes naqueles dias quando o assunto era segurança pessoal e qualidade de vida.

Kaspar, que continuava recebendo mensagens e lendo em silêncio, assentiu.

— Já fizeram isso, mas não encontraram chamas. De qualquer modo, Navil me disse que vão continuar patrulhando com helicópteros para garantir que a fumaça não se transforme em um incêndio.

— Bem, então não vão demorar para cair fora — comentou Sabira. — A fumaça já parou de sair.

— É incrível que, do exterior — admirou-se Gilad —, não vejam o gradeado de pedra. Deve estar perfeitamente camufladas pela vegetação ou pelas rochas.

— Pergunte a esse tal Navil como está Isabella — pedi a Kaspar.

— Isabella está bem — resmungou o ex-Catão. — Não vou perguntar nada.

Contive minha ira porque, no fundo, sabia que Isabella estava perfeitamente bem, e tinha outra pergunta muito mais importante para fazer:

— E você, Abby, não quer perguntar de Jake e Becky?

E sim, eu vi, vi outra vez aquela expressão fugaz de temor que desapareceu instantaneamente, dissolvendo-se em um sorriso perfeito e amigável.

— E como vão saber no Paraíso Terreno como os meus avós estão?

— Vou pedir para averiguarem — murmurou Kaspar teclando sem parar e sem esperar que Abby pedisse.

— Não está preocupada? — insisti.

— Estou muito preocupada, Ottavia. — Ela me disse isso com tanta sinceridade no rosto e na voz e tão abismada

diante de minhas perguntas que me senti idiota. *Realmente*, pensei, *Farag tinha razão quando me acusava de ser insuportavelmente desconfiada*. — Penso neles o tempo todo, e só o que desejo é que estejam se recuperando para que eu possa abraçá-los quando sairmos daqui e dar a eles a boa notícia que esperaram por toda a sua vida.

— Vão nos informar assim que descobrirem — anunciou Kaspar, erguendo a cabeça e olhando para Abby.

Abby sorriu tão agradecida que, para não me sentir mais vil e desprezível, afastei qualquer dúvida de minha mente.

— Isabella e Linus estão bem — concluiu o ex-Catão, apagando a tela de seu celular. O contato havia terminado.

Passamos quase o dia inteiro na escada, entediados e em silêncio, esperando que a caverna esfriasse, e, já perto do anoitecer, quando entrava apenas um fiapo de luz pelas grades do cone, Sabira, que havia ficado responsável por controlar a temperatura da caverna por ser quem estava mais perto da porta, avisou que já podíamos entrar.

Acendemos as lanternas e, seguindo-a, atravessamos aquele lugar sinistro que antes estivera completamente recoberto por líquens e agora estava negro como a noite devido à fuligem do incêndio. O buraco de saída ficava do outro lado, logo em frente à entrada. *Se tivéssemos nos dado*

ao trabalho de pensar deforma lógica, talvez não fosse necessário queimar tanta comida, pensei, porque, pela minha educação, destruir comida era tão horrível quanto destruir livros: algo chocante, irresponsável e criminoso.

A nova abertura permitia o acesso a uma escada ascendente que girava com suavidade para a esquerda antes de adentrar outra vez o interior da montanha e nos afastar da ladeira. Como em ocasiões anteriores, tratava-se de uma escada de pedra entre duas paredes sob um feio teto abobadado.

Subimos e giramos por uns dez ou quinze minutos até chegarmos a uma nova caverna, o lugar onde, sem dúvida, teríamos que suar duramente pela misericórdia (se não a misericórdia divina, ao menos a misericórdia ebionita). Era outra caverna redonda, também com o teto em forma de cúpula e uma fontezinha de água fresca do lado esquerdo. Nessa ocasião, no entanto, havia duas diferenças significativas em relação às cavernas anteriores: a primeira era que não havia apenas uma enorme roda de pedra interrompendo a saída que se encontrava à nossa frente como, além disso, também outras quatro rodas menores cheias de símbolos, situadas à esquerda da roda principal e incrustadas em um retângulo talhado na parede que devia

ter uns cinco metros de largura por um de altura. O diâmetro de cada uma dessas quatro rodas de pedra era de mais ou menos meio metro, e sua espessura era igual à profundidade do retângulo, ou seja, uns vinte ou trinta centímetros. Sabia-se lá o que devíamos fazer.

A segunda diferença era que o chão da caverna estava coberto por restos do que pareciam ter sido esbeltas colunas decorativas de estilo egípcio com capitéis campaniformes, colunas que haviam desmoronado em algum momento, deixando pesados fragmentos de madeira, plintos e adornos de pedra por todos os cantos. Certamente, como Israel estava justo em cima da falha onde colidiam as placas tectônicas Arábica e Africana, haviam vindo abaixo durante algum pequeno movimento sísmico ocorrido nos últimos oitocentos anos.

— “Bem-aventurados os misericordiosos, pois alcançarão misericórdia” — lembrou Farag quando nos encontrávamos de pé no centro daquele círculo, olhando para as quatro rodas pequenas.

Como um bando de pássaros que desvia ao mesmo tempo no céu ou um cardume de peixes que muda simultaneamente de rumo na água, nós seis demos o primeiro passo ao mesmo tempo em direção às rodas e continuamos

avançando até estarmos à frente delas. Pareciam estar presas no fundo do retângulo por um eixo central fixo, como se fossem volantes automobilísticos que devessem mexer, atrás da parede, algum tipo de engrenagem.

— Que diabos isso tudo tem a ver com a misericórdia? — bradou Kaspar em um acesso de fúria.

Cada uma das quatro rodas menores tinha oito raios gravados, ou seja, eram como gráficos circulares divididos em oito partes ou porções, e em cada uma dessas porções havia um símbolo que, ao serem observados mais de perto, revelaram não ser símbolos, mas letras, belas letras gravadas delicadamente e que, à primeira vista, pareciam pertencer a muitos alfabetos diferentes. Reconheci letras hebraicas e latinas e, além disso, vi, na primeira das rodinhas, uma bela letra pi maiúscula grega (Π) que acelerou meu coração. Era evidente que também havia letras gregas; o problema era que, precisamente por serem maiúsculas, elas se confundiam com as latinas, porque ambos os alfabetos são bastante parecidos. Se fossem minúsculas, teria sido muito mais fácil diferenciá-las. E havia também outras letras que, para mim, eram apenas traços caóticos, até que Gilad, que sabia aramaico, reconheceu-as:

— São siríacas — afirmou com convicção. — Esta é, sem dúvida, uma waw siríaca.

E apontou, na primeira rodinha, para este símbolo:



Abby deu um passo atrás para olhar em perspectiva (porque todos havíamos nos aproximado da primeira roda para observar a waw siríaca) e nos perguntou com bom humor e de maneira retórica:

— Querem saber no que consiste essa prova?

Voltamos a olhar para ela com expressão de crianças comportadas que obedecem à professora durante uma visita da escola ao museu.

— Em digitar a senha secreta em um caixa automático — disse, com um grande sorriso de orgulho. — Precisamos encontrar os quatro dígitos corretos para que o caixa nos entregue o dinheiro ou, nesse caso, para que o imenso disco que fecha a saída se afaste e nos deixe sair.

— E esses quatro dígitos, ou letras de diferentes alfabetos — acrescentou Farag, pensativo — estão, de algum modo, relacionados à misericórdia.

— Isso vai ser uma loucura — disse Gilad, voltando a examinar as quatro rodinhas de pedra. — Vejo três alfabetos diferentes...

— Quatro — observei, colocando um dedo sobre a letra pi grega. Sabia que ele estava se confundindo com as letras maiúsculas latinas.

— Bom, quatro; pior ainda — lamentou-se.

— Oito letras em quatro rodas — calculou Kaspar. — Isso nos dá trinta e duas letras de quatro alfabetos diferentes. E precisamos encontrar uma única combinação de quatro dígitos para superarmos a bem-aventurança da misericórdia? Acho que vamos ficar muito tempo aqui.

Farag suspirou com paciência e eu li seus pensamentos. Consequências da fusão de dois corpos em um após tantos anos.

— Você está enganado, Kaspar — falei depressa. — Essa vai ser a prova mais fácil. É o nosso território. Línguas clássicas são a nossa especialidade. E essas quatro, o hebraico, o siríaco, o grego e o latim têm em comum a característica de serem, até o dia de hoje, as línguas mais usadas pela cristandade ao longo de dois mil anos. Eu domino o grego...

— Eu também — interrompeu-me o ex-Catão, obrigando-me a morder a língua para não dizer a ele que, comparado comigo, ele sabia tanto de grego quanto eu de informática.

— Eu domino o grego — repeti, pronunciando cuidadosamente cada sílaba para que a ideia ficasse bem clara. — Farag, além de hebraico, também sabe latim e um pouquinho de siríaco. Gilad não só tem o hebraico como língua materna como também domina o aramaico.

— Mas, Ottavia — objetou Gilad —, o aramaico e o siríaco não são exatamente iguais. O siríaco é um dialeto do aramaico, é verdade, e consigo reconhecer as letras e até mesmo ler um pouco. Mas o siríaco não é a minha especialidade.

— Então Farag e você trabalharão juntos com o siríaco — decretei, assumindo com grande prazer o posto de chefe suprema das FEOPR. Nós, mulheres, também tínhamos o direito de nos deleitarmos com o doce sabor do poder e da autoridade suprema. Eu, especificamente, adorava.

— Trabalharei com você no grego, Ottavia — repetiu Kaspar, estragando o momento. Voltei a morder a língua. Era o que ele pensava!

— Então, Sabira e eu não podemos fazer nada — queixou-se Abby, embora eu tenha visto em seu rosto que estava com dificuldade para manter seu segredo por mais tempo.

— Ah, tudo bem! — respondi, muito surpresa. — Eu estava pensando em deixar o hebraico para você! Nos últimos dias, achei que você o dominava bastante bem.

Seus olhos cruzaram com os meus em um olhar de reconhecimento e ela sorriu.

— Achei que você deixaria para Gilad — desculpou-se com esperteza —, por isso não me ofereci.

— Gilad trabalhará com Farag no siríaco — deliberei desde meu trono vitorioso —, mas também pode dar uma mão se você precisar.

— Bom, então eu trabalharei com Abby no hebraico — anunciou com rudeza o volúvel e ciumento ex-Catão. — Também estudei o idioma ao longo dos anos no Paraíso Terreno.

Ufa, menos mal, pensei, aliviada por ter me livrado dele.

— Eu estudei latim durante a faculdade — disse Sabira com certo pesar —, mas a verdade é que já não me lembro de nada. Não voltei a usá-lo desde então.

— Fique tranquila — eu disse. — Eu também me lembro de um pouco e farei o que der, sobretudo porque, por ora, as letras latinas são indistinguíveis das gregas, e é bom eu trabalhar com as duas línguas. Além disso, quando Farag estiver pronto com o siríaco, eu o passarei para o latim.

— Bem, então — respondeu, aliviada — eu me encarrego de desenhar as rodas e as letras. Farei uma cópia para cada um, assim vocês podem trabalhar com maior comodidade.

Achamos a ideia fantástica. Poderíamos nos concentrar melhor se trabalhássemos em croquis dos desenhos do que se ficássemos todos de pé diante deles, querendo girar as rodas em direções diferentes ao mesmo tempo.

— Já está tarde — disse Abby. — Vamos jantar e descansar. Depois disso, trabalharemos com o código até sentirmos sono.

— Passamos o dia inteiro sentados nas escadas do túnel, Abby — reprovou a Rocha. — Não me diga que está cansada.

— Estou sim, Kaspar — respondeu ela, começando a se irritar. *Problemas no paraíso?*, perguntei-me surpresa. — Estou cansada. Hoje faz exatamente uma semana que entramos no monte Meron. Uma semana! Não acho que seja necessário lembrá-lo de tudo o que nos aconteceu durante esta semana.

Kaspar baixou a crista rapidinho. Eu adorava vê-lo tão dócil e submisso. Por sinal, usaria isso contra ele na primeira ocasião que surgisse.

— Tudo bem — admitiu ele. — Se os outros acharem melhor, por mim não tem problema.

— Os outros adoramos a proposta de Abby — declarei, sentando-me com as pernas cruzadas no mesmo lugar onde estava. Para que procurar outro, se não tínhamos nada além de três trouxinhas de comida? Mas o meu marido, que carregava uma dessas trouxinhas, agachou-se um pouco, pegou-me pelo braço e me puxou para cima.

— Vamos para mais perto da fonte — propôs. — Podemos utilizar alguns desses pedaços soltos de colunas quebradas para fabricar assentos.

Assim, no fim das contas, montamos acampamento. Não com o luxo oriental dos primeiros dias no Meron, mas, dentro de nossa miséria, com certa comodidade. Todos juntos, arrastamos ou rodamos pedaços de madeira e os colocamos de pé de maneira que, embora estivéssemos sentados no chão, dispúnhamos de encostos. Os pedaços menores e mais finos dos capitéis campaniformes quebrados serviriam para que apoiássemos a cabeça na hora de dormir. Demos um aspecto acolhedor a todo o espaço ao redor da fonte (embora tenha faltado algumas flores para que realmente parecesse um lar) e, uma vez concluídos os preparativos, em turnos, tiramos os sapatos e lavamos bem os pés que, felizmente, ainda estavam com as suturas cutâneas, debaixo das quais as feridas exibiam um aspecto

excelente. Então apoiamos as pernas sobre fragmentos de coluna para que tanto os pés como as suturas secassem com o ar e pegamos os pedaços de maná para o jantar. Tivemos que voltar a pôr os calçados para chegar até a fonte e beber aquela água tão necessária que nos ajudava a engolir o líquen.

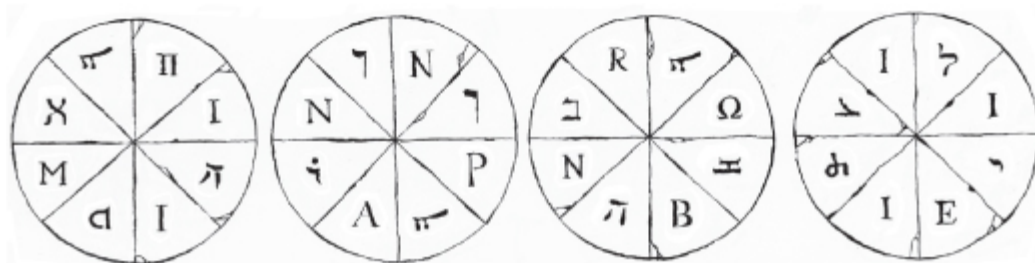
— Misericórdia. Quatro letras — brincou Farag enquanto voltava ao meu lado depois de beber.

— Antes fosse palavra cruzada! — exclamei, engolindo em seco meu próprio pedaço.

Sabira apressou bastante o jantar, de forma que foi a primeira a terminar e, carregando a lanterna e as folhas em branco, encaminhou-se até as quatro rodas de pedra para começar a desenhar. O resto de nós, não sem certa culpa, continuou jantando e brincando, como se aquilo fosse um divertido acampamento de fim de semana em vez do que era na realidade: uma tortura maquiavélica planejada por um grupo de ebionitas fanáticos para proteger dos ladrões de tumba o que tinham de mais sagrado e importante. Mas, pensando bem, que ladrão de tumbas suportaria todos aqueles tormentos para roubar os restos de Jesus de Nazaré e sua família? Sim, bem, como disse Kaspar, qualquer ladrão, e também qualquer um que não fosse ladrão — nós mesmos,

por exemplo, ou seja, acadêmicos, pesquisadores e arqueólogos. De fato, a impressão que tínhamos era de sermos os primeiros (e os únicos em oito séculos) que estavam superando aquelas provas. Ninguém parecia ter passado por ali antes.

Sabira retornou ao grupo com um primeiro croqui das rodas e suas letras, mas se recusou a nos mostrar porque, alegou, tinha papel suficiente e queria fazer uma cópia para cada um. E sim, aos poucos as cópias foram passando de mão em mão sem que ninguém abrisse a boca para comentar nada. No fim, como a pobre Sabira já havia quase memorizado o desenho, executava-o a toda a velocidade. Quando chegou a minha vez, e conste que fui a última, entregou-me a minha folha:



— Reparei — disse ela nesse momento — que, acima da cavidade retangular, na parte de fora e coincidindo com o eixo vertical de cada roda, há quatro pequenas marcas quase imperceptíveis. Acho que sugerem que devemos deixar para

cima a letra correta de cada roda, coincidindo com a marcação, para formar o código.

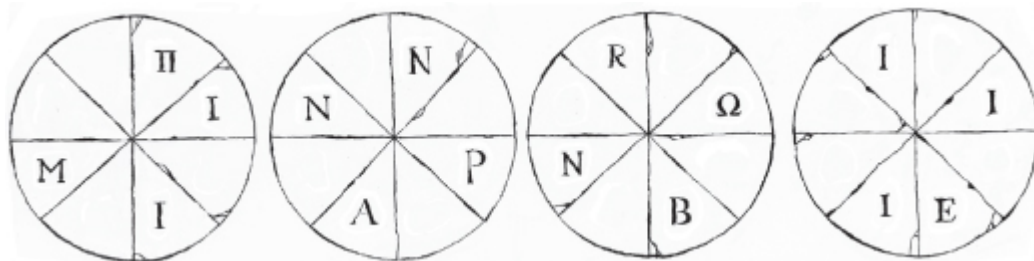
Não tínhamos canetas para fazer anotações ou testar combinações de letras. Só havia a lapiseira de Sabira, a preciosa lapiseira dourada, e embora ela tivesse dito que tinha grafite suficiente e não precisávamos nos preocupar ao gastá-lo, éramos três equipes de trabalho para uma lapiseira só. A solução não parecia simples. No fim, decidimos que a pediríamos conforme nossas necessidades e Sabira a entregaria, controlando o tempo de utilização de cada grupo. Claro que eu estava sozinha no meu grupo e trabalhava com duas línguas, enquanto os outros eram dois por grupo para uma única língua. Achou-se justo que eu tivesse o direito de usar a lapiseira o dobro do tempo que o resto das equipes.

— Tem borracha? — perguntei à arqueóloga Assassina.

— Sim, a lapiseira tem uma acoplada — respondeu ao me entregá-la. — Tire a tampa metálica de cima e encontrará.

Fiz o que ela dizia e encontrei o minúsculo pedacinho de borracha. A toda a velocidade (porque sabia que Sabira havia começado a contar o tempo e era extremamente metódica), apaguei de meus esquemas as letras do alfabeto hebraico e siríaco. Não apenas não me interessavam como também me

distraíam, de modo que minhas rodas ficaram apenas com as letras gregas e latinas:



Havia quatro letras por roda, todas maiúsculas, dezesseis ao todo, das quais apenas duas, a letra Π (pi) da primeira roda e a letra Ω (ômega) da terceira, eram claramente gregas. Também havia uma letra R na terceira roda que era inquestionavelmente latina. As treze restantes poderiam ser tanto gregas como latinas, embora não devemos esquecer que, por definição, duas das quatro letras de cada roda eram gregas e as outras duas latinas.

Parecia um problema complexo, mas eu sabia que era uma questão de probabilidade estatística. Além disso, percebi que tinha outras vantagens nas quais ainda não havia pensado até o momento: na primeira roda havia duas letras iguais, que podiam ser tanto o I latino quanto o I – iota – grego. Na segunda roda acontecia exatamente o mesmo: havia um N latino que poderia ser também um N – ni – grego. E na quarta roda, para coroar a minha grande

sorte, havia três letras I latinas ou iotas que podiam ser utilizadas indistintamente.

Agora a lapiseira se encontrava em poder dos siríacos, e precisei esperar um pouco até que Sabira a tirasse deles e me desse pelo dobro do tempo, então comecei a combinar letras rapidamente na parte vazia da folha de papel.

Eu precisava começar dando por certo que todas as letras (menos o R) eram gregas, já que só assim poderia formar o código (se é que era um código, se é que estava em grego e se é que era relacionado à misericórdia). Dessa maneira, a primeira letra só podia ser alguma das três diferentes na primeira roda: Π (pi), I (iota), ou M (my).

Se começasse pela primeira, a Π (pi), as três letras diferentes da segunda roda formavam ΠN (pi-ni) ou ΠP (pi-rô) ou ΠA (pi-alfa). Muitas palavras gregas começavam com essas três combinações de duas letras, portanto as três continuavam sendo válidas. Continuei pela primeira combinação, ΠN, e acrescentei as três letras da terceira roda: ΠN (pi-ni-ômega), ΠNB (pi-ni-beta) e ΠNN (pi-ni-ni). E acabava aí. Que eu soubesse, nenhuma palavra grega começava com essas três combinações, então retrocedi. Mas era a minha vez de devolver a lapiseira, então tentei continuar sem anotações, fazendo as construções na cabeça.

A primeira letra tinha que ser o Π (pi), mas agora devia acrescentar a letra P (rô) da segunda roda e as três da terceira. Esta era muito fácil, porque as três combinações ΠPB (pi-rô-beta) e ΠPN (pi-rô-ni) não existiam em grego, e só me restava $\Pi P\Omega$ (pi-rô-ômega). Na quarta roda, segundo a premissa de “tudo em grego” a partir da qual eu trabalhava, havia três I (iota) e um E (épsilon), de modo que só tinha duas combinações possíveis: $\Pi P\Omega I$ e $\Pi P\Omega E$, e esta última não significava nada, não existia em grego. A primeira, por sua vez, sim. $\Pi P\Omega I$ significava “cedo” ou “logo”. Não vi nenhuma relação com a misericórdia, mas tomei nota mental de que havia encontrado a primeira palavra grega com sentido.

Só me restava combinar Π (pi) com A (alfa) e, então, seguir o ciclo de associações com as letras da terceira e da quarta rodas. Só uma das seis possibilidades deu resultado: ΠANI (pi-alfa-ni-iota), que significava “pano”. Mas também não vi qualquer relação com a misericórdia. De qualquer forma, voltei a tomar nota mental para relatar isso quando divulgássemos nossas descobertas. Vai saber... Talvez alguém encontrasse algo de misericordioso em “cedo” ou “pano”. Mas, enfim, aquelas eram apenas as combinações da primeira letra da primeira roda. Eu devia continuar com a

próxima e, dado que tinha dois Is (iotas) e um M (mi), optei pelo I (iota), já que as probabilidades eram dobradas.

Tive sorte porque, naquele momento, a lapiseira ficou livre e pedi meu turno de utilização. Assim, com toda a pressa e sem a intenção de encontrar sentido em nenhuma palavra que aparecesse, comecei a desenhar um diagrama escrevendo as letras e desenhando as flechas que saíam de cada uma delas com todas as combinações possíveis. Do primeiro I (iota), saíam três flechas, ao final das quais anotei N (ni), P (rô) e A (alfa). De cada uma delas também saíam outras três flechas (nove combinações ao todo), com a repetição das três letras da terceira roda (Ω – ômega –, B – beta – e N – ni). Acabei fazendo o mesmo com as duas letras possíveis da quarta e última roda, o I (iota) e o E (épsilon). Dezoito possibilidades de quatro letras. E, sem dúvida, alguma delas devia fazer sentido em grego. Mas, naquele instante, Sabira pediu a lapiseira em meio aos protestos e queixas tanto dos siríacos quanto dos hebreus, que reclamavam com maus modos o seu tempo de escrita me acusando de abuso e injustiça.

Entreguei a lapiseira a contragosto e, quando as águas se acalmaram, fiquei sozinha com minha folha e meu diagrama. E, então, eu vi.

Estava lá, tão claro quanto a luz do sol, tão evidente quanto o mar e o céu. A linha de flechas de uma das dezoito possibilidades, mais especificamente a terceira, iluminou-se sozinha diante de meus olhos alucinados como se fosse o filamento de uma velha lâmpada incandescente. Lá estava o código do caixa automático do século XIII, o símbolo do maior ato de amor e misericórdia da história do mundo. Os ebionitas não poderiam ter encontrado, não digo uma palavra (porque não era), mas um acrônimo que representasse melhor para todos os cristãos de qualquer época e lugar a misericórdia divina. E não vi só em grego, que para mim teria sido suficiente, mas também em latim, dando sentido, assim, àquela letra latina, a R, da terceira roda de pedra.

Não falei nada. Um nó apertava a minha garganta enquanto os olhos se enchiam de lágrimas e minha visão se turvava, embora eu continuasse vendo com total clareza a combinação de quatro letras que, em certa ocasião, mudou o mundo para sempre.

O código era, em grego, INBI (*Ἰησοῦς ὁ Ναζωραῖος ὁ Βασιλεὺς τῶν Ἰουδαίων*), mas sua versão mais conhecida no Ocidente era em latim: INRI, *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum*, “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”.

Capítulo 35

— INRI? — gritou Farag a plenos pulmões quando, discretamente, passei minha folha de papel e apontei com o dedo para o conhecido acrônimo que podia ser visto em quase todos os crucifixos do mundo e em quase todas as pinturas ou esculturas que, durante os últimos dois mil anos, haviam representado a Crucificação.

Os outros, sobressaltados, ergueram as cabeças de seus respectivos papéis enquanto o significado do grito de Farag ia se acomodando lentamente em suas mentes.

— INRI? — exclamou Abby, entre surpresa e desconfiada, como se não tivesse terminado de digerir a ideia.

— INRI — repeti, assentindo. — *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum*, “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”. Era o que aparecia no *titulus*, a tabuinha que havia na cruz sobre a cabeça de Jesus. Nessas tábuas escrevia-se o delito do réu e, nesse caso, o delito foi se declarar rei de Israel. Era algo tremendamente ousado na Judeia do século I, ocupada pelo Império Romano, que estava farto das insurreições judias. Só o que faltava era aparecer um rei revoltoso para erguer as

massas em plena Páscoa em Jerusalém, e lembro vocês de que Jesus, assim que chegou à cidade, havia expulsado, com grande escândalo, os mercadores do Templo. Os romanos não precisavam de mais que isso.

— Mas Jesus nunca disse que era rei de Israel nem rei dos judeus — objetou Kaspar. — Quem atribuiu essa reivindicação a Ele foram os sacerdotes do Sinédrio para que os romanos O crucificassem.

— Bem — respondeu Gilad na defensiva —, pelo que entendi, Yeshúa havia admitido que era o Messias de Israel. E, como eu disse, foi só um dos vinte e quatro supostos messias que Roma crucificou durante o século I, porque, se os romanos não queriam um rei dos judeus, também não queriam, pelas mesmas razões que Ottavia mencionou, um Messias de Israel.

Havia apenas cinco ou seis horas que estávamos naquela câmara com as rodas e já havíamos solucionado o enigma. Eu me sentia muito orgulhosa.

— Lembra quando eu disse, Kaspar — perguntei, com uma pontadinha de vaidade —, que essa seria a prova mais fácil porque estava em nossa área de especialidade, as línguas clássicas?

Ele assentiu.

— Mas não podemos resolvê-la agora — disse.

— Por que não? — perguntou Abby, muito surpresa.

— Porque são duas da madrugada, e não vamos partir em direção à próxima bem-aventurança sem termos descansado antes.

Ele tinha razão. Precisávamos dormir. Mas a folha de papel com a solução ardia em minhas mãos. Eu queria testar.

— Proponho — falei — que a gente introduza o código agora para ver se funciona e, então, mesmo que a porta abra, dormiremos aqui esta noite antes de seguirmos.

Houve unanimidade. Não escutei nenhuma voz dissidente, mesmo tendo certeza de que Kaspar se negaria redondamente, segundo seu costume, como bom estragaprazeres que era. Mas, por sorte, sua curiosidade o deixara tão inquieto quanto os outros. Assim, nós nos levantamos e, com algumas lanternas acesas, dirigimo-nos até as quatro rodas de pedra.

— Toda sua, Ottavia — convidou-me o ex-Catão com um de seus sorrisos descafeinados. — Gire as rodas.

Minhas mãos tremiam um pouco devido à emoção. Dirigi-me até a roda da esquerda e, segurando-a com força como se fosse o volante de um carro, girei até deixar para cima, sob aquela pequena marca na pedra fora do retângulo,

a letra I. Então, girei a segunda roda até colocar o N. Depois fiz o mesmo com a terceira e a quarta rodas, até deixar bem visível a senha INRI.

Ficamos em silêncio, esperando escutar, de uma hora para a outra, o sussurro da areia e os movimentos das correntes que moveriam o gigantesco disco de pedra que fechava a porta. Mas não aconteceu nada. Não escutamos nada. Nada ocorreu.

— Será que nos enganamos? — perguntou Sabira, entristecida.

Não, não era possível. As evidências eram muito claras, e eu duvidava muito que os ebionitas tivessem colocado o código em grego, tal e qual aparecia nos crucifixos das igrejas orientais.

— Já sei o que houve! — exclamei, aliviada. — Misturei as letras gregas e latinas. Utilizei-as sem lembrar que, como parecem iguais, estão misturadas. É possível que esse primeiro I maiúsculo seja um iota grego. Vou girar a roda outra vez.

Mas também não aconteceu nada após vários minutos de espera silenciosa.

— Há duas letras I maiúsculas na primeira roda — comentou Farag, aproximando-se de mim —, duas letras N

maiúsculas na segunda, um único R na terceira e, caso não seja o suficiente e você queira um pouco mais, três Is maiúsculos na quarta roda. E todas as letras repetidas são iguais em grego e latim. O truque está bem claro.

— Precisamos voltar a fazer combinações — respondi, zangada. — Deixar um I maiúsculo fixo na primeira roda e testar as substituições em todas as outras, deixando fixa alguma das letras das outras três rodas.

— Há doze combinações possíveis — calculou rapidamente Kaspar. — Eu vou dormir.

— Como é que é? — disparei.

— Eu vou dormir! — respondeu, afastando-se em direção ao miserável acampamento. — Isso não são horas de brincar com as rodas. Amanhã será um novo dia.

— Acho que... — comecei a dizer, mas Farag não me deixou terminar.

— Ottavia, Kaspar tem razão. Amanhã será um novo dia.

Ou seja, o que era doce acabou-se. Eu havia resolvido o mistério, mas os malditos ebionitas acabaram com a minha festa devido à sua estupidez e teimosia. Por que não haviam colocado algum sinal que distinguisse as maiúsculas gregas das latinas? Pelo amor de Deus, que gente imbecil e, além

disso, que péssima ideia! Uma senha dentro da senha, só para incomodar.

Dormir com a cabeça apoiada em um pedaço de capitel campaniforme não é aconselhável sob nenhuma circunstância: eu me virei um trilhão de vezes e acordei Farag umas duas vezes com meus movimentos até que, por fim, decidi que não queria o capitel e preferia mil vezes o chão. Não conseguia compreender as mulheres da antiga China, que dormiam com a cabeça apoiada em um suporte côncavo de pedra ou madeira para não estragarem seus elaboradíssimos penteados. Não me lembro quando dormi, nem como, mas, ao acordar, estava com a cabeça comodamente reclinada sobre o peito de Farag, e me parabenizei muito por isso (e por ser tão esperta mesmo no sono).

Eu sonhara a noite inteira com deliciosos pratos de comida e, em meu sonho, ou estávamos jantando ao redor da mesa dos Simonson em Toronto ou junto à nossa pequena mesa da sala na casa de Istambul. Não me lembrava de ter sonhado nem por um instante com a casa do campus da UofT. Agora, ah, como eram gostosas as comidas: carne, peixe, massa, verduras, doces... Tudo saboroso e deliciosíssimo. O sonho era tão intenso e tão realista que eu

sentia os sabores na boca e me empenhava teimosamente em fazer com que Farag provasse os mesmos pratos que eu, embora ele se recusasse obstinadamente porque dizia que já estava satisfeito e não queria mais.

Assim, quando acordei recostada sobre ele, com o braço esquerdo dobrado sobre sua barriga, estava tão ofendida por suas negativas que não queria vê-lo nem pintado em ouro. Estava realmente irritada. Então ele me deu um beijo suave no cabelo.

— Bom dia, meu amor — sussurrou, sem saber que, naquele momento, eu queria matá-lo e mandá-lo para o inferno. Menos mal que o seu beijo me devolveu à realidade.

— Bom dia, querido — murmurei, erguendo o rosto em sua direção para lhe dar um beijo nos lábios. Eu sentia saudades de nossa intimidade. Saudades de seu corpo. Mas que intimidade poderíamos ter convivendo o dia todo, todos os dias, com quatro pessoas estranhas no interior de uma montanha? Não que fossem estranhas porque não pertenciam à nossa pequena família ou porque não as conhecíamos. É que eram estranhas de fato, esquisitas. Ao menos três delas. O quarto, Gilad, parecia não perceber nada nem suspeitar minimamente das más companhias com quem andava.

— Já estão acordados? — perguntou a voz de Kaspar de muito longe e, sem esperar resposta, ele ligou o celular e a lanterna. — São nove da manhã. Levantem-se.

Como enfrentar a terrível realidade dos líquens após um sonho tão maravilhoso quanto o meu? Naquela manhã, o maná, o maldito maná não descia por minha garganta, por mais litros de água que eu bebesse. Os outros tomavam o café da manhã com muita vontade (ou muita resignação) enquanto o meu estômago pedia comida, mas comida de verdade, como a do meu sonho.

— Abby, caso não consigamos sair daqui... — falei de repente.

A conversa amena do grupo cessou de imediato.

— Isso não vai acontecer, Ottavia — tranquilizou-me ela.

— Tá, tudo bem, mas se não conseguirmos sair daqui...

— Nós vamos sair — disse o otimista do meu marido.

— Foi você quem me garantiu — acusei-o — que tanto o Exército israelense como a Fundação Simonson viriam à nossa procura caso não saíssemos em poucos dias.

— Não duvide disso — assegurou Abby com firmeza. — Talvez não em poucos dias, não foi isso que combinamos, mas...

— Arrá! — exclamei, apontando para ela com o dedo Salina. — Você acaba de admitir que, quando entramos no monte Meron, sabia que isso poderia levar mais de um dia, que era o que nós achávamos, e mais de uma semana, que é o tempo que já estamos aqui dentro sem termos sido resgatados!

— Eu sabia — reconheceu Kaspar. Olhei para ele com tanto desprezo que precisou desviar os olhos. — E Gilad e Sabira também haviam sido advertidos.

— E não disseram nada para nós? — surpreendeu-se Farag.

— Foi por causa de Ottavia — desculpou-se a Rocha. — Não iria querer entrar caso soubesse.

— Claro que não! — proferi indignada.

— Mas não mentimos em nenhum momento — continuou se desculpando o covarde ex-Catão ao meu marido. — Só omitimos. Fui eu que sugeri à Abby que não disséssemos nada. Sabia com certeza que você gostaria de vir, mas não sem ela, e não tínhamos três meses para ficarmos convencendo Ottavia, que, no fim, acabaria vindo de qualquer jeito porque não iria querer perder essa expedição, mas antes, como é de seu feitio, teria nos feito implorar até o infinito.

— Você é um idiota, Kaspar!

Não, não fui eu quem disse, embora fosse o que estava pensando. Foi Farag.

— Você é um grande idiota, Kaspar! — falou pela segunda vez o meu marido. — Ottavia teria vindo. Era só ter explicado a situação, dando-lhe garantias e confiança. Só isso! Mas você preferiu nos enganar.

— Peço desculpas — disse a Rocha com um estranho tom de sinceridade.

— Não aceito suas desculpas! — disse Farag, realmente irritado. — Você agiu como um imbecil, e isso não se conserta pedindo desculpas — concluiu, levantando-se e caminhando até as rodas com sua lanterna.

Eu também me levantei e fui atrás dele com minha folha de papel. Curiosamente, tanto Gilad como Sabira nos seguiram, deixando Kaspar e Abby sozinhos no acampamento da fonte. Mas Abby também não aguentou muito tempo ali. De canto de olho, vi que ela beijou Kaspar nos lábios, ficou de pé e foi direto até mim.

— Desculpe, Ottavia — pediu com humildade. — Sinto muito, de verdade.

— Tá, Abby, mas não é assim que se fazem as coisas — respondi sem olhar para ela.

— Eu sei, por isso estou me desculpando. E também vou pedir desculpas a Farag. Sinto muito mesmo. Não vai mais acontecer.

— É o que acontece quando você anda com más companhias — diferente de Farag, eu cedia quando me pediam desculpas. — Termine com esse idiota e não vai mais acontecer, eu garanto.

Ela sorriu agradecida ao ver que eu estava brincando. Já nos conhecíamos um tanto.

— Bem, não vou terminar com esse idiota — respondeu —, mas vou mantê-lo na linha.

— Vai precisar de muito mais que isso — avisei. — Por sinal, como você sabia que passaríamos tanto tempo aqui dentro?

— Bem, a probabilidade era muito alta — respondeu com remorso. — Se os ebionitas levaram vinte anos para preparar um lugar seguro para os ossuários e, ao longo de milênios, todas as culturas haviam enchido as sepulturas importantes de armadilhas para ladrões de tumbas, era absurdo esperar que encontraríamos os ossuários na tumba de Hilel assim que chegássemos.

— Ottavia! — chamou-me Farag, que estava nas rodas.

Deixei a companhia de Abby e passei entre Sabira e Gilad para me pôr ao lado de meu marido, que estava com um humor do cão.

— Vamos, comece a testar as doze combinações possíveis! — exigiu de mau humor. Não dei importância. Estava chateado com o amigo.

Virando as rodas, introduzi o código INRI doze vezes, esperando que, em alguma delas, as quatro letras fossem latinas e o mecanismo entrasse em funcionamento. Mas, lamentavelmente, isso não aconteceu. Algo estava errado, e eu tinha certeza de que não era o código. Tinha total certeza de que o acrônimo INRI estava correto, porque nenhum outro representava melhor a misericórdia de Jesus para com a humanidade, a entrega de sua própria vida para fazer chegar a nós sua mensagem de amor e compaixão. Mas o maquinário montado pelos ebionitas no século XIII devia estar estragado e não respondia à combinação certa. De qualquer modo, Farag insistiu para que eu repetisse toda a operação com INBI, a versão grega de INRI. Por sorte, na terceira roda só havia um Beta, como só havia um R maiúsculo, de modo que as combinações voltavam a ser as mesmas. Estava quase colocando o primeiro código em grego

quando Gilad me deteve ao colocar a mão sobre meu braço direito.

— Pare, Ottavia — disse-me com a voz tristonha. — O código não está em grego.

— Como você sabe? — perguntou Farag, ainda irritado.

— Porque sou judeu, e falo e escrevo em hebraico todos os dias da minha vida.

— O código é a versão hebraica de INRI? — surpreendi-me.

— Os ebionitas eram judeus, não eram? — respondeu. — E, além disso, judeus que seguiam os ensinamentos da Torá além de seguirem Yeshúa, não é? Caso você não tenha se dado conta, eles misturam com frequência o judaísmo e o cristianismo nas soluções das provas.

— De fato, o texto do *titulus* — comentou Farag, pensativo e um pouco menos irritado — estava escrito em três das línguas dominantes da época: latim pelos romanos; grego, porque era a língua internacional; e hebraico, porque estavam na Judeia. Ao menos foi o que disse um dos evangelistas, não me lembro qual.

— João — afirmei rapidamente. — João foi o único a dizer isso.^[1] Os outros, incluindo Mateus, só mencionam que

o *titulus* anunciava “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”, sem especificar em que língua.

— E o seu João não disse — perguntou Gilad com uma expressão fúnebre — sobre os sacerdotes do Sinédrio ou os judeus cultos que liam o *titulus* se irritarem ao lê-lo?

De que diabos ele estava falando? Judeus irritados por lerem no *titulus* o cargo pelo qual Jesus havia sido condenado a morrer na cruz? A pergunta e aquele rosto amortalhado que ele demonstrava me levaram a crer que Gilad estava muito impactado por algo sério.

— Não me lembro — respondeu Farag.

— Acho que sim — eu disse, forçando a memória. — Acho que aconteceu alguma coisa com os sacerdotes. Acho que pediram a Pilatos, o prefeito romano que condenou Jesus, que alterassem o que o *titulus* dizia. Mas era uma besteira. Queriam que tirassem “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus” e colocassem “Eu sou o rei dos judeus”.

Gilad assentiu repetidas vezes, como se agora tudo fizesse sentido e ele pudesse entender melhor o que havia ocorrido na Crucificação.

— O que foi, Gilad? — perguntou Sabira, tão preocupada quanto nós.

— É que se Pilatos tivesse mudado o texto do *titulus* — respondeu ele com um sorriso triste —, o Sinédrio teria se sentido muito menos ofendido porque, ao traduzir o novo texto para o hebraico, o acrônimo teria sido diferente.

— Juro que não estou entendendo nada do que você está dizendo, Gilad — repreendeu o meu marido, que não estava num bom dia. — Quer nos explicar melhor, por favor?

Kaspar acompanhava toda a conversa à distância, sem se aproximar, mas sem perder nenhuma vírgula. Abby estava ao lado de Farag, a quem havia pedido desculpas em voz baixa em um momento a sós.

Gilad, com passos contidos, dirigiu-se não à primeira roda, não, mas até a quarta, a última, e começou a girá-la como se lutasse firmemente contra si mesmo e contra sua vontade. Lembrei então que, em hebraico, escrevia-se de trás para a frente; por isso ele havia começado pelo que, para nós, era o fim. Uma letra hebraica ficou para cima.

— Yod — disse Farag, nomeando-a.

Gilad deu um passo lateral para a esquerda e começou a mover a terceira roda.

— Hei — indicou Farag quando Gilad parou e se mexeu para ficar de frente para a segunda roda e começar outra vez. Uma terceira letra ficou em sua posição.

— Vav — a voz de meu marido começou a soar insegura e perplexa aos meus ouvidos.

Gilad, por fim, chegou à primeira roda e segurou-a com força com as duas mãos, mas sem movê-la. Uma força invisível o continha.

— Se você não fizer, farei eu — ameaçou o meu marido, que, pelo visto, já sabia qual letra pôr.

O rosto de Abby havia mudado, sua expressão era de estupor, de absoluta incredulidade. Até mesmo Kaspar foi incapaz de ficar à margem e percebi, de repente, que havia se levantado e estava ao meu lado, contemplando, atônito, a cena.

— *Yeshua Hanotzri Vemelej Hayehudim* — murmurou Abby com tanta reverência que parecia estar rezando.

— O que você disse? — perguntei, ao mesmo tempo que Farag, com firmeza e decisão, colocava-se ao lado de Gilad e tirava de suas mãos a primeira roda para girar ele mesmo. Gilad se afastou.

— Falei em hebraico — explicou Abby, sem olhar para mim e sem tirar os olhos das mãos de Farag — “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus”. A mesma coisa que INRI significa em latim.

Farag, resolutivo, girou a primeira roda (a última letra em hebraico) e, quando enfim terminou, disse:

— Hei.

O que todos víamos naquele momento era o acrônimo da frase que Abby havia dito, *Yeshua Hanotzri Vemelej Hayehudim*, caso fosse escrita como se escreve em hebraico:

יהוה

Mas o que eu não conseguia entender era por que aquele acrônimo, o gêmeo hebraico de INRI, afetara tanto Gilad, Farag, Abby e até mesmo Kaspar, cujo rosto, sempre rochoso e imperturbável, expressava agora um sentimento de profunda reverência que eu nunca havia visto nele.

Pela primeira vez, o chiado arenoso e a trepidação metálica das correntes do mecanismo ebionita escondido atrás dos muros me pegaram de surpresa. Não estava esperando. O código hebraico era o correto, o que se evidenciava pelo lento e pesado giro do imenso disco de pedra que obstruía a abertura retangular que permitiria nosso acesso à próxima bemaventurança. O ruído se tornou cada vez mais alto, e também chegou a nós de forma súbita o rangido das rochas se arranhando umas nas outras.

— Alguém quer me dizer, por favor — gritei para que me escutassem por cima do estrondo —, que problema há com

esse acrônimo hebraico?

— Você consegue lê-lo como lê INRI ou INBI? — perguntou Kaspar no meu ouvido com toda a potência de seu vozeirão.

Neguei com a cabeça.

— Esse acrônimo, em hebraico, lê-se JAVÉ.

Virei para encará-lo, muito surpresa. Estava me dizendo que INRI em hebraico lia-se JAVÉ, como o nome que não devia ser pronunciado nem escrito do Deus judeu? Estava mesmo dizendo que o acrônimo hebraico de “Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus” era Javé? Meu Deus!

Capítulo 36

Ainda sob o forte impacto do que acabávamos de descobrir, recolhemos nossos sacos de maná e nossas lanternas e cruzamos em silêncio a abertura em direção à prova seguinte.

Mais uma vez, deparamo-nos com uma escada de pedra, que subia entre duas paredes sob um teto abobadado e se recurvava de forma quase imperceptível para a esquerda. Desta vez também não demoramos muito para subir, apenas dez minutos, embora fosse mais íngreme que as anteriores, e Kaspar calculou, quando chegamos à nova caverna, que devíamos estar uns cinquenta metros acima da caverna do líquen, porque as duas últimas escadarias haviam girado, segundo ele, exatamente trezentos e sessenta graus, devolvendo-nos à mesma direção, ainda que mais para cima e mais perto do cume do monte Meron.

Ali também havia uma fonte de água fresca à esquerda, e o chão também estava coberto por pedaços de pau, plintos e fragmentos de adornos de pedra procedentes de colunas finas no estilo egípcio com capitéis campaniformes que

havam desabado. Mas, nessa ocasião, além disso, misturados aos restos de colunas, havia velhos restos de carroças ou carruagens que pareciam antigos veículos de transporte de mercadorias, a julgar pelo aspecto maciço e pesado de suas rodas, compostas de um único pedaço de madeira grossa, e pelos robustos alambres esparramados pelo chão que deviam ter sustentado as cargas.

— Como diabos essas carroças chegaram até aqui? — bradou a Rocha, que estava com um humor pior que o de Farag (o que não era de se estranhar). Os dois se afugentavam como polos idênticos de dois ímãs. Por sinal, eu não pretendia me meter naquilo, pois sabia que não sairia ilesa.

— Que diferença faz, Kaspar? — respondeu Abby, dirigindo-se até a fonte de água. — Já, já encontraremos alguma utilidade para a hora de dormir ou fazer fogo. Relaxe, vamos.

— Ottavia, por favor — pediu o meu marido —, pode nos lembrar da bem-aventurança que precisaremos enfrentar agora?

— “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” — recitei, também me aproximando da fonte. De longe, como se vindo de outra parte da montanha, chegava

até nós um rumor estranho, uma espécie de rugido abafado ao qual não dei muita importância.

— Limpos de coração... — repetiu Gilad, pensativo, e, dando uma olhada na caverna com indiferença, suspirou. — Não vejo nada aqui com que possamos limpar nossos corações.

— Nem pensem em tocar no meu — adverti, enchendo de água a concha das mãos. — Meu coração está puríssimo, então é melhor não abrirem minha caixa torácica.

— Bem, já é a sexta bem-aventurança — acrescentou Abby, com alegria. — Superamos cinco e, se superarmos essa também, veremos a Deus.

Sabira riu.

— Eu não alimentaria muitas esperanças — comentou, rindo. — Já me conformaria se “ver a Deus” não significar que vamos morrer.

Gilad, Abby e Farag começaram a rir. Eu não achei graça nenhuma. E se significasse exatamente isso?

— Não, o que quer dizer — tentou esclareceu meu marido — é que, se formos pessoas de coração limpo, veremos a Deus.

— Ou seja — afirmei —, se passarmos pela prova, morreremos. É a única maneira de ver a Deus.

— Ou quem sabe teremos a oportunidade de vê-lo — respondeu-me Farag, o ateu, o incrédulo. — Quando morrermos de velhos, oportunidade que talvez não tenhamos agora porque ainda não nos tornamos puros, nem limpos de coração.

— Não vejo nada de perigoso nessa caverna — objetei.

— Não, não parece ter nada de muito importante — concordou comigo Gilad.

— Vocês não repararam que a saída está aberta? — perguntou Sabira.

Como um pelotão militar, viramos todos ao mesmo tempo em direção à abertura no lado oposto àquele por onde havíamos entrado. E era verdade, não havia nenhum disco de pedra impedindo nossa passagem. De fato, à luz das duas lanternas que estavam acesas, viam-se os primeiros degraus de outra escada ascendente. O que estava acontecendo ali?

— Teremos que continuar subindo — disse o meu marido. — Não acho que tenhamos chegado ao lugar definitivo.

Recolhemos outra vez as sacolas de maná, bebemos um pouco mais de água e empreendemos outra vez a jornada escada acima. Aquele trecho era exatamente igual aos anteriores, muito estreito, espremido entre duas paredes

com uma suave curvatura para a esquerda. Estranhamente, quanto mais subíamos, mais aquele rugido abafado que eu pensava ter escutado enquanto bebia água foi ficando mais e mais forte e, acompanhando esse rugido, lufadas de ar quente nos empurravam para trás enquanto uma trêmula e oscilante luz azulada ia inundando o túnel da escadaria.

— Isso é fogo — concluiu Farag, que seguia na frente.

Eu me escondia atrás dele para desviar dos golpes de ar quente.

— Não acho que possamos subir muito mais — declarou Sabira, colocando o braço diante do rosto.

— Eu vou subir — anunciou o ex-Catão que, como um penitente purgando os seus pecados, seguia por último na fila, ignorado por todos, menos Abby. O fato de se oferecer para subir também era uma maneira de expurgar seu erro. Tentava se sacrificar pelo grupo, ser o herói e, assim, ficaríamos, de algum modo, em dívida com ele.

— Você vai se queimar, Kaspar — angustiou-se Abby, segurando-o pelo braço.

— Não — negou ele. — Colocarei a sacola de líquens na frente do meu rosto e chegarei até onde for possível.

Fomos para o lado para deixá-lo passar e, quando ele passou por Farag, os dois se apertaram tanto nas paredes

para não se roçarem que devem ter estampado na pele todas as pontas e nódulos que havia nelas.

De fato, o ex-Catão só precisou subir mais um pequeno trecho para chegar à caverna seguinte. De algum modo, com seu enorme e musculoso corpanzil, ele freava o ar quente que chegava até nós.

— Podem subir! — gritou. — Esta, sim, é a caverna onde devemos nos purificar!

Chegamos rapidamente até onde Kaspar esperava com a sacola de líquen em frente ao rosto e ao peito, e o que vimos nos deixou... eu ia dizer congelados, mas não poderia ser mais diferente disso; o melhor seria dizer cozidos e acalorados.

A abertura, agora, era três vezes maior que a das outras cavernas e, assim, pudemos observar que aquela caverna não era redonda, nem tinha teto em forma de cúpula. Parecia-se muito mais com a câmara quadrada onde estava a verdadeira tumba de Hilel, o Ancião, mas, em vez de ser um cubo perfeito, era um amplo retângulo perfeito com uns quinze metros de largura que poderia ser definido como um corredor da morte: do teto, que não era muito alto, caía uma chuva de fogo que começava alguns passos à nossa frente e terminava diante da abertura seguinte, no outro extremo da

câmara. A chuva de fogo, na realidade, era uma descarga incessante de potentes labaredas que saíam de incontáveis orifícios esculpidos no teto e tinham diferentes cores, variando entre um azul intenso e o azul-claro e entre o laranja e o amarelo. Mas não havia nenhuma fenda por onde pudéssemos passar sem nos queimar. As marcas pretas na pedra do chão deixavam isso bastante claro. Se quiséssemos atravessar a câmara para chegar do outro lado, deveríamos deixar a pele pelo caminho, bem como parte da gordura e da carne do corpo. Não era humanamente possível atravessar aquele inferno urrador e supostamente purificador.

— Vamos voltar — gritou Abby. — Não tem como passar.

Não precisou repetir duas vezes. Como almas carregadas pelo diabo, começamos a correr em direção à caverna anterior descendo os degraus de dois em dois e, inclusive, de três em três, apoiando as mãos nas paredes para não nos matarmos na fuga. Ainda assim, batemos bastante na parede até que, por fim, entramos de novo na caverna cheia de entulhos e pedaços de madeira.

Deixamo-nos cair no chão ao redor da fonte com a respiração arquejante, devido mais ao susto que à corrida desenfreada. Se limpar o coração significava atravessar aquele inferno, eu já queria a minha passagem de saída do

Meron, porque não pretendia entrar naquele corredor nem louca.

— De onde diabos vem o fogo? — bradou a Rocha, enfiando a cabeça debaixo do jorro de água fresca.

— Do mesmo lugar que tudo nessa montanha — disse Gilad. — Das condições sísmicas de Israel. Temos bolsões de gás natural por todo o país, por todo o Oriente Médio.

— Isso é fogo de gás natural? — perguntei, confusa. — O mesmo gás natural que utilizamos em casa para aquecer a água ou cozinhar?

Gilad assentiu, sorridente.

— Exato. Não viu a cor das chamas? O azul é a cor do gás natural e o laranja também, só que, além disso, está misturado com monóxido de carbono. Bem, não sei se é monóxido ou dióxido. Acho que é dióxido — ponderou. — De qualquer modo, são gases venenosos.

Não vou repetir a fileira de palavrões que saíram da boca do ex-Catão enquanto sentíamos que uma bigorna de diversas toneladas desabava sobre o nosso já desgastado estado de ânimo.

— Sejam práticos — disse Farag, em cujo rosto barbudo vislumbrei uma pitada de inspiração súbita. —

Trata-se de uma prova dos ebionitas. Tem que haver um meio de superá-la.

— Ora, vamos, por favor! — gritou o ex-Catão ensandecido. — É impossível! Por acaso não viu o que eu vi? Fizeram o gás natural subir mais de setecentos metros a partir de algum depósito subterrâneo para fabricar um forno crematório que está funcionando há oitocentos anos!

Farag ignorou-o friamente.

— O fogo tem um sentido purificador em quase todas as culturas — continuou meu marido, apoiando um cotovelo no meu joelho. — É lógico que, até certo ponto, a ideia de limpar o coração implique atravessar um fogaréu.

— Como? — Sabira perguntou inquieta, cruzando os braços sobre o peito como um náufrago se abraçaria a uma boia de flutuação. — Como poderíamos atravessar esse fogo? São cerca de quinze metros até a saída. Seríamos carbonizados.

— Deveríamos almoçar — opinou Abby. — É quase meio-dia. Talvez, ao comermos, tenhamos alguma ideia. Concordo com Farag em que há uma solução, porque, se não fosse assim, não seria a prova de uma bem-aventurança. Só precisamos nos acalmar e pensar.

Os pedaços de líquen da sacola de Kaspar estavam quentes. Não haviam queimado por milagre; em vez disso, haviam adquirido um sabor mais doce e agradável e uma textura mais suave. Por incrível que pareça, todos repetimos, mas só da sacola de Kaspar. O líquen seco e frio das outras não nos apetecia nem um pouco.

Após terminarmos de comer, alguns se deitaram no chão, apoiando a cabeça sobre os pedaços de madeira (menos dura que as pedras dos capitéis) enquanto outros nos dedicamos a passear em silêncio pela caverna, examinando com curiosidade e tédio os restos de colunas no estilo egípcio e as estranhas carroças destroçadas. Não sabíamos o que faziam ali e para que os ebionitas as haviam utilizado. Que tipo de carga poderiam ter transportado até o interior do monte Meron? Além disso, outra coisa bastante evidente, a julgar pela largura dos eixos das rodas, era que aqueles carros não passariam pelas escadas que havíamos utilizado. No entanto, por alguma razão, haviam sido abandonados exatamente ali, naquela caverna, como se aquele tivesse sido o final de sua viagem. Por quê? Minha cabeça começou a girar feito um moinho em torno daquelas perguntas absurdas para as quais jamais teria uma resposta.

Sabira sentou no chão e começou a desenhar os restos, absorta em seu próprio mundo e partindo, em espírito, para muito longe de nós. Senti inveja de sua grande habilidade para desenhar. Eu só sabia rabiscar carinhas redondas e sorridentes e, mesmo assim, nunca ficavam boas.

Farag e Gilad se engajaram em um debate sobre a forma de fabricação das carroças. Ambos concordavam que elas apresentavam traços muito simples e pesados, parecidos com as *raeda* romanas de quatro rodas que eram puxadas por bois ou mulas e utilizadas para o comércio entre povoados próximos, porque não aguentavam viagens longas. Aquelas rodas maciças, confeccionadas com uma única peça de madeira cortada no sentido vertical do veio de uma árvore, aguentavam bem os caminhos enlameados ou de terra batida e pavimentos de paralelepípedos como os romanos, mas não resistiam ao campo aberto, com seus buracos e pedras nos terrenos. Além disso, ficavam presas a eixos fixos que giravam com elas e se desgastavam rapidamente, e por isso precisavam ser trocados com frequência.

Eu escutava aquilo tudo enquanto erguia do chão empoeirado uma daquelas rodas tão estranhas, sem aros, com forma de disco, uns oitenta ou noventa centímetros de diâmetro e um buraco no centro para o eixo. Ocorreu-me

que eram muitíssimo parecidas com os grandes discos de pedra que selavam as portas, dos quais já havíamos visto tantos naquela montanha, sempre fechando ou abrindo atrás de nós e à nossa frente para que avançássemos na direção desejada pelos ebionitas ou nos impedindo de retornar à entrada e nos mantendo prisioneiros das provas das bem-aventuranças. Sim, de fato, o conceito era o mesmo que havíamos visto se repetir diversas vezes desde que entramos no monte Meron: círculos, rodas, discos de pedra... Talvez também fossem a porta, pensei de repente, ou quem sabe a chave da porta. Meu coração acelerou. Claro, naturalmente! Caso contrário, por que deixariam aqueles veículos ali? Não eram as carroças, eram as rodas, como sempre.

Levantei-me de um salto.

— Farag! — exclamei, fazendo um gesto com a mão para que se aproximasse de mim. — Gilad, você também!

Os dois abandonaram sua conversa erudita sobre a história dos veículos através dos tempos para irem até onde eu me encontrava agachada com uma parte da roda nas mãos.

— O que vocês veem aqui? — perguntei com um sorriso.

— Uma roda — respondeu o meu marido, confuso. — Uma roda das carroças abandonadas nesta caverna.

— Pois está enganado — eu disse, muito contente, erguendo a roda para que ele pegasse e, assim, eu pudesse me levantar e sacudir o pó das mãos nas calças. — Não é uma roda.

— Ah, não? — estranhou Gilad, que me olhava de forma esquisita. Mas Farag estava sorrindo.

— O que é, *basileia*? — perguntou. Apoiada em sua posição vertical, ela chegava apenas até a cintura de Farag.

— Um guarda-chuva — respondi. — Ou, se preferir, um guarda-fogo.

Levaram apenas alguns instantes para entender a ideia.

— Brilhante! Exclamou Gilad com um sorriso de orelha a orelha.

— Temos que descobrir quantas rodas temos — eu disse — e encontrar madeiras que possam encaixar nos buracos dos eixos para que possamos usá-las como guarda-chuvas.

— Se conseguirmos encaixá-las no teto acima de nós — comentou o meu marido —, impediremos que as labaredas caiam e poderemos avançar.

— E se nós seis fizermos isso ao mesmo tempo — acrescentou Gilad, entusiasmado —, deixaremos um corredor praticamente livre para avançarmos sem nos queimarmos.

— O primeiro e o último deveriam carregar outros guarda-chuvas como esses, um virado para a frente e outro para trás — eu disse —, para se protegerem do intenso ar quente.

Reunimos o grupo para comentar a nossa ideia e Sabira disse que os restos que havia visto eram de três carroças de quatro rodas, das quais apenas três estavam quebradas e nove estavam em perfeitas condições para o que queríamos fazer. Por sorte, quase todas ainda estavam presas de duas em duas em seus eixos e só era preciso cortá-las pela metade para que os guarda-chuvas contra o fogo ficassem prontos. Infelizmente, havia um pequeno problema: não tínhamos ferramentas para cortar os eixos.

— Temos, sim — disse Kaspar, cuja inadequação dentro do grupo aumentava a cada hora que passava. — Temos os dois pedaços de sílex que Sabira guardou e diversos fragmentos de capitéis com bordas afiadas. Podemos fazer cortes profundos no centro dos eixos e, então, acabar de quebrá-los a força.

— Não deveríamos fazer os cortes no centro — acrescentei. — Nem todos nós somos altos. Sabira e eu não alcançaríamos o teto com nossos guarda-chuvas se cortarmos os eixos pela metade, enquanto Farag e Kaspar,

que medem quase dois metros, conseguiriam com folga. O melhor é cortarmos de acordo com a altura de cada um.

Dito e feito. Pusemos mãos à obra e começamos reunindo as nove rodas em bom estado perto da fonte. O primeiro eixo que começamos a serrar foi o que tinha uma roda boa e outra estragada, para nos livrarmos dela. De modo que marcamos o corte com o sílex quase na borda de contato com a roda ruim. Então o ampliamos com um pedaço afiado de capitel que, embora não fosse muito forte (por ser de pedra calcária), cortou bem a madeira velha e seca. Em seguida, como ainda não conseguíamos desferir golpes com nossos pés cheios de suturas, Kaspar subiu sobre o eixo para quebrá-lo com seu peso. E funcionou. O pau de madeira rangeu e quebrou onde havíamos cortado.

Kaspar pegou o eixo do chão e o ergueu sem nenhum esforço.

— Pegue, Ottavia — disse humildemente, aproximando-se e me entregando o guarda-chuva de madeira com cabo alongado. — Com isso você alcançará o teto sem nenhuma dificuldade. E, por favor, desculpe-me por ter lhe enganado para que entrasse no Meron conosco. Farag tinha razão. Eu deveria ter confiado em você.

Fiquei absolutamente paralisada. O rosto de Abby, atrás de Kaspar, lançou-me uma expressão de súplica. Farag, sério, assentiu levemente com a cabeça, motivando-me a aceitar as desculpas. E, além disso, como eu já disse, não sou capaz de recusar desculpas sinceras. O problema era que tinha uma chance de ouro e não podia desperdiçá-la.

— Com uma condição — exige, muito séria. — Você fará tudo o que eu mandar até sairmos daqui. É pegar ou largar.

O rosto marmóreo do ex-Catão ficou tão vermelho quanto o vermelho de um semáforo, e vi como ele controlava a vontade de me matar com o guarda-chuva de madeira que ainda segurava nas mãos. Na verdade, eu não pretendia transformá-lo em meu escravo nem nada do tipo, não era essa a minha intenção, mas, com um sujeito como ele, era sempre bom ter uma carta na manga.

O silêncio na caverna poderia ser cortado com um pedaço de sílex, de tão espesso que se tornara. Abby baixou a cabeça com pesar, Farag ergueu os olhos aos céus com uma expressão desesperada e Sabira e Gilad permaneceram tão imóveis que quase se tornaram invisíveis. O ex-Catão, por sua vez, retorcia-se imperceptivelmente, como alguém que estivesse sendo morto e não quisesse demonstrar dor.

Eu sorri. Com aquilo, já estava mais que satisfeita.

— Vamos, aceite a proposta — motivei-o. — Deveria confiar em mim, como você mesmo disse. Não serei uma tirana muito exigente.

Meu sorriso acalmou todos, e especialmente a Rocha, que percebeu que já estava perdoado. Seu rosto retornou à cor granítica de praxe e ele parou de se retorcer na roda de tortura.

— Combinado — assentiu. — Aceito o acordo.

— Opa, então tudo bem — eu disse, sorrindo. — Dê o meu guarda-chuva.

— Tem certeza de que o perdoou? — Abby não conseguiu evitar a pergunta, cheia de hesitação.

— Mas claro! — afirmei. — E vou dar a minha primeira ordem.

Kaspar recuou um passo.

— Faça as pazes com Farag agora mesmo — ordenei.

Meu marido começou a sacudir a cabeça, dizendo que não, mas não dei importância.

— Acerte as coisas com ele agora mesmo — disse mais uma vez ao ex-Catão. — Já estou farta de tantas besteiras. Vocês já estão crescidinhos, não acha?

— Se todos acharem uma boa ideia — propôs Abby, sempre tão boa diplomata —, vamos continuar trabalhando

com as rodas e os eixos. A ordem de Ottavia será cumprida em seu devido tempo, mas não podemos parar o trabalho agora. Ainda há muito por fazer.

Não foi possível concluir os nove guarda-chuvas naquela tarde, então, quando chegou a hora de jantar, restando apenas dois para terminarmos, não tivemos outro remédio senão deixar os que faltavam para o dia seguinte. Estávamos esgotados, e não era como se pudéssemos recobrar forças com um jantar suculento e um confortável sono reparador. Lembro que, enquanto estava pegando no sono recostada sobre Farag, pensei que, se no dia seguinte conseguíssemos atravessar o corredor de fogo que, em teoria, purificaria o nosso coração, só restariam duas bem-aventuranças para superarmos. Só duas. E essa ideia me reconfortou tanto que dormi com um sorriso nos lábios. Bem, pela ideia e pelo fato de que meu escravo havia cumprido corretamente a ordem que eu dera. Em algum momento da tarde, os dois bobos, o número um e o número dois, reataram sua amizade com um daqueles abraços masculinos com palmadas fortes nas costas, para grande satisfação e alívio de todos.

Na manhã seguinte, após tomarmos o café da manhã composto por água e liquens aquecidos na porta do corredor de fogo por Gilad, que se ofereceu como voluntário,

voltamos a trabalhar nos guarda-chuvas de madeira e, por volta das onze, já estávamos prontos para nos lançarmos de cabeça no forno. O plano consistia em criar uma barreira com as rodas sobre nossas cabeças para que as labaredas não conseguissem descer ou se chocassem contra a madeira e se dispersassem para as laterais, permitindo que avançássemos aqueles quinze metros mortais até o outro lado.

Subimos as escadas com grande dificuldade por causa dos guarda-chuvas, mas, finalmente, chegou o momento de entrarmos em formação. Kaspar, por ser o mais alto e corpulento, iria na frente segurando duas rodas por seus eixos, uma sobre a cabeça e outra voltada para a frente, servindo de aríete para apartar como fosse possível o ar quente. Atrás dele iria Sabira, que, como eu, carregava uma das sacolas de líquens restantes. Atrás de Sabira iria Abby. Depois eu. Atrás de mim, Gilad. E, fechando a fileira, Farag, que também segurava dois guarda-chuvas, um sobre a cabeça e outro para proteger a retaguarda.

Sabira e eu amarramos as sacolas de líquens na cintura da calça para que não tirassem o nosso equilíbrio ao caminhar, permitindo que segurássemos os guarda-chuvas com as duas mãos na altura que convinha, visto que, se conseguíssemos encaixar todos os guarda-chuvas no teto e

avançar sem nos separarmos, tampando a saída das chamas, correríamos menos risco de nos queimarmos.

Notei que as palmas de minhas mãos suavam, e não só pelo calor. Entrar naquele corredor era a coisa mais aterrorizante que havíamos feito desde a areia movediça, e não me agradava nada a perspectiva de cozinhar em minha própria gordura, morrer ou sair de lá cheia de queimaduras. Estava realmente assustada, então comecei a rezar. Busquei consolo e força em Deus, no novo Deus que eu estava conhecendo pouco a pouco e dia após dia, e até pedi ajuda à minha mãe, que, caso estivesse vendo tudo do céu, só agora teria uma ideia aproximada de como era estranha a vida de sua filha Ottavia, aquela que tanto desejara que fosse uma respeitável freira para sempre.

Kaspar deu a ordem para que avançássemos e foi o primeiro a pisar dentro do maldito corredor de fogo. Alguma coisa aconteceu, e naquele momento eu não soube o quê, mas Kaspar, como se tivesse enlouquecido, começou a gritar feito um possesso:

— Corram, corram, corram! Depressa, não parem! Rápido!

Nossa formação em fila e com o aspecto de uma serpente de madeira acelerou o passo, e de repente me vi usando uma

mão para empurrar o guarda-chuva contra o teto da caverna enquanto segurava na outra a sacola de líquens para que não caísse. Mas todos corríamos feito loucos, corríamos como se nossa vida estivesse em jogo, porque, realmente, ela estava em jogo. Soubemos disso assim que pisamos naquele chão de pedra candente que, ao longo do percurso de quinze metros, abrasou e calcinou tanto as solas dos pés de gato como as grossas meias reforçadas. Não tínhamos pensado no calor do chão. Nem havia passado por nossas cabeças que oitocentos anos de labaredas de gás natural haviam transformado aquela pedra na cozinha perfeita para fritar qualquer coisa que se colocasse em cima. E o que estava em cima éramos nós e, mais especificamente, nossos pés machucados.

Quinze metros não é muito, mas, quando você sente o tutano dos ossos de seus pés começando a ferver, eles se transformam em quilômetros. Todos corríamos o máximo que podíamos, mas, embora não quiséssemos, as diferentes partes da serpente de madeira corriam em velocidades distintas, e assim acabamos nos separando. À minha frente, caíram algumas labaredas que atingiram meu rosto como se eu o tivesse mergulhado na lava, despenteando-me e cegando-me temporariamente. Também não sabia como

Farag estava, e isso me angustiava mais. Naqueles curtos quinze metros, em algum ponto próximo do fim, tive a certeza de que não conseguiríamos, de que sem dúvida morreríamos todos, e foi quando Abby, que seguia à minha frente, parou para ajudar Sabira, que havia caído no chão. Na realidade, felizmente, ela não chegou a cair, pois Abby foi rapidíssima e segurou-a a tempo, e apenas a sacola de líquens tocou a pedra candente, salvando Sabira de graves queimaduras, mas aquele instante, aquele meio segundo em que freamos a corrida ensandecida rumo à saída (talvez nem tenhamos chegado a frear, mas foi o que me pareceu), a certeza de que morreríamos se apoderou de mim.

Suponho que, no fim, o poder do medo consiste em sua parcela de antecipação, de antecedência, porque, felizmente, nem todos os medos se tornam realidade. Objetivamente, são poucos os que têm uma base real. Assim, embora eu tivesse a certeza de que iríamos morrer, foi o medo que colocou esse horrível pensamento em minha cabeça. É verdade que a serpente de madeira se dispersou, deixando buracos pelos quais caíam labaredas, mas também é verdade que, se não fosse assim, Abby teria tropeçado com Sabira, eu teria caído sobre as duas e Gilad e Farag, que estavam atrás de mim, teriam parado ou tropeçado. E nada disso

aconteceu. De repente, dei um salto e senti um frio imenso na sola dos pés. Havia saído do corredor.

À minha frente, todos continuavam correndo, então corri sobre a pedra gelada sem soltar o guarda-chuva nem a sacola de liquens porque, simplesmente, não estava pensando, deixava-me levar pela inércia, e porque, além disso, correr sobre aquele chão frio era um imenso alívio, sobretudo porque já não tinha sapatos nem meias. Não queria nem imaginar o quanto as queimaduras doeriam quando parássemos.

Então escutei um ruído estranho, e logo escutei outra vez e, depois, outra. Quando fui capaz de associar o som à realidade, já era tarde: eu mesma havia caído de repente na água escura e gelada de uma cisterna.

Capítulo 37

Caímos uns em cima dos outros e colidimos com as rodas de madeira que haviam nos salvado das chamas. Formamos uma massa disforme de pernas, braços, cabeças, rodas, eixos e sacolas de líquens que demorou um pouco para se desfazer e, mesmo assim, não sem dificuldade.

Precisei soltar o guarda-chuva de madeira para poder emergir e respirar. Por sorte, as luzes das lanternas de Kaspar e Farag serviam como pontos de referência naquela negra escuridão aquática. Que sorte que eram à prova d'água, porque, senão, teriam estragado e ficaríamos sem elas. Mas, para minha infelicidade, o maldito líquen me puxava para o fundo como se eu fosse uma pedra, já que, aparentemente, absorvia muita água. Gritei e afundei, batendo os braços desesperadamente e sacudindo os pés para subir, em vão. Senti mãos em minha cintura que tateavam em busca do nó que prendia a sacola. Quando este foi desfeito, subi rapidamente até a superfície e inalei grandes porções de ar, porque meus pulmões estavam a ponto de arrebentar. As vozes chegavam até mim

emaranhadas umas nas outras devido a um grande ruído de fundo, de modo que eu não entendia nada. Só pensava em respirar e continuar dando braçadas e pernadas. Como aquela água podia estar tão fria? Parecia que acabara de descongelar. Então percebi que de um dos lados daquela câmara chegava o ruído de vários mananciais que caíam do alto. Aquilo me horrorizou: se a cisterna estava sendo preenchida de água gelada, sem dúvida havia também um desaguador no fundo que poderia nos engolir.

E Farag? Eu não enxergava nada. Só discernia os reflexos das lanternas debaixo da água, muito no fundo. Então pensei que Farag estava se afogando. Tomei ar e submergi, mergulhando até a primeira luz, mas uma mão me segurou com força e me puxou para cima. Lutei, é claro, mas Gilad era muito mais forte que eu e acabou me tirando de lá.

— Não, Ottavia! Deixe-os! — ele disse com a cabeça ao lado da minha.

— Mas Farag está lá embaixo! — exclamei, angustiada.

— Estão tirando Kaspar e Sabira! As rodas acertaram suas cabeças e eles perderam os sentidos. Preciso ajudá-los. Fique aqui.

Gilad mergulhou com rapidez e fiquei sozinha naquela cisterna escura, vendo estranhos reflexos de luz vários

metros abaixo de mim e escutando a queda dos jorros de água. E a borda? Devia nadar em alguma direção para encontrar a lateral da cisterna ou ficar quieta? Porque, se ficasse quieta, acabaria congelando. Mas os outros subiram em seguida. Farag e Abby arrastavam juntos Kaspar, que estava inconsciente, enquanto Gilad trazia à tona Sabira, que estava desnorteada, mas consciente, o que a permitira trancar a respiração. Quem realmente precisava de ajuda era Kaspar.

— Ottavia — gritou Farag.

— Aqui! — exclamei, para que soubesse que estava viva e me sentia bem.

— Para lá! — vociferou o meu marido, apontando com a luz para uma abertura do outro lado da cisterna. — Quem puder, nade até lá!

Ajudando Gilad a segurar Sabira, dirigimo-nos, às cegas, até onde Farag havia indicado, afastando-nos o máximo possível dos barulhentos repositores de água, e logo topamos com a borda da cisterna.

— Segure Sabira, por favor — pediu-me Gilad, impulsionando-se com os braços para sair da água. Uma vez lá fora, ficou de pé e estendeu um braço. — Passe-a para mim!

Empurrei-a debaixo dos ombros e a ergui o suficiente para que Gilad pudesse puxá-la e tirá-la da cisterna.

— Espere eu deitá-la — me disse. — Já ajudo você.

Logo estávamos os três sobre a pedra úmida da lateral da cisterna. Gilad e eu tiramos nossas lanternas dos bolsos das calças e as acendemos, mas, enquanto ele se inclinava sobre a arqueóloga Assassina, eu iluminei o extremo oposto da cisterna, procurando Farag, Kaspar e Abby. Meu marido e a herdeira estavam executando uma reanimação cardiopulmonar em Kaspar que, por alguma razão desconhecida, sempre acabava levando a pior em todos os acidentes. Embora eu soubesse bem que Farag conhecia a técnica de reanimação, tive a impressão de que era Abby quem estava conduzindo a manobra e Farag apenas auxiliava. De repente, Kaspar ergueu a cabeça, virou para o lado e vomitou um monte de água que, na realidade, não estava saindo do estômago, mas dos pulmões. Se Kaspar e Sabira haviam sido os primeiros da fila quando atravessamos o corredor de fogo e caímos na água, sem dúvida haviam sido a minha roda e a de Abby que os acertaram.

Sabira, por sorte, não havia engolido água. Quando, mais tranquila com Kaspar, virei-me para os meus companheiros de área, a pobre arqueóloga estava sentada no chão com uma

expressão de dor no rosto e um galo enorme na cabeça, que cobria com a mão. Inclinei-me em sua direção e ergui o seu rosto, segurando-a pelo queixo. Queria ver seus olhos, ver como suas pupilas reagiam à luz da lanterna. Sabia que, se elas não se contraíssem ou apenas uma se contraísse, estava com um problema muito sério. Mas suas pupilas reagiram normalmente, então soltei um suspiro de alívio e deixei-a nas mãos de Gilad para ver o que os outros estavam fazendo.

Farag, Kaspar e Abby nadavam em nossa direção. Kaspar parecia um pouco atordoado e Abby o animava e auxiliava como uma socorrista profissional. Havia algo que aquela perfeita herdeira não sabia fazer bem? Bom, sim, uma coisa: apaixonar-se pelos homens certos (ainda que, devo admitir, na sua última escolha eu havia pegado um pouco pesado).

Gilad e eu não conseguimos dar conta do peso de Kaspar sozinhos, então Farag subiu até a borda para nos ajudar e Abby ficou para empurrar de baixo. No fim, conseguimos tirá-lo da água e o colocamos ao lado de Sabira, que estava se recuperando da pancada.

— Não se preocupem comigo — disse com uma vozinha fraca. — Só estou com uma horrível dor de cabeça. Cuidem de Kaspar.

Mas Kaspar estava bem. Tinha uma cabeça muito mais dura que a de Sabira, e mal se enxergava o pequeno calombo em sua testa, que estava ficando roxo, mas não crescia. Ele logo nos enxotou sem paciência.

— Eu estou bem! — bradou, afastando-nos todos, menos Abby. — Deixem-me respirar!

Éramos um grupo derrotado. Seis pessoas sentadas no chão de pedra frio e úmido, com as roupas molhadas de água gelada, esgotadas e descalças.

— E os seus pés? — perguntou Farag. — Têm queimaduras?

Com as lanternas, examinamos as solas dos pés onde mal tínhamos sensibilidade devido ao frio e, ainda que estivéssemos tremendo e nossos dentes parecessem castanholas, todos soltamos grandes exclamações de surpresa: ninguém havia se queimado, a camada espessa de suturas cirúrgicas, um pouco chamuscada, havia nos protegido até o fim, quando já não tínhamos solas nem meias.

— Incrível! — exclamou Abby, olhando para as suas. — Não poderíamos ter mais sorte!

— As solas dos pés de gato aguentaram bastante — murmurou Kaspar —, e as meias também devem ter surtido

algum efeito antes de se carbonizarem. Suponho que demos apenas um passo ou dois com as suturas. Por isso não nos queimamos. Como fomos idiotas de não pensar no chão! Podíamos ter feito tamancos de madeira ou algo assim!

Como já era tarde demais para isso, não lhe dei importância. Eu só era capaz de me sentir profundamente agradecida às suturas cutâneas. Haviam perdido sua transparência e agora apresentavam um marrom escuro desagradável, mas haviam salvado os nossos pés.

— Deveríamos tirar esses tristes restos de sapatos e meias molhados — propus. — Já não servem para nada.

Todos assentiram e começaram a tirar o que restava dos seus pés de gato.

— E o líquen? — perguntou de repente Sabira, alarmada.

— Perdemos — lamentou-se Farag. — Tive que soltar as bolsas porque estavam afundando vocês como se fossem de chumbo.

— Ou seja — murmurei entre calafrios —, já não temos comida nem sapatos.

— Já não temos nada — grunhiu a Rocha, enxugando as calças com as mãos.

— Talvez estejamos passando pela próxima bem-aventurança — comentou Gilad.

Eu fiz que não com a cabeça.

— Não, e fico triste por isso — eu disse. — A sétima bem-aventurança é a dos pacíficos. “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão filhos de Deus”.

Um silêncio pesado e triste nos aprisionou. Ainda devíamos superar duas bem-aventuranças e, como se fosse pouco, não tínhamos sapatos nem comida, além disso, encontrávamo-nos nos limites de nossas forças. Os ebionitas deviam ficar muito contentes por terem desaparecido séculos antes da face da terra, porque meus instintos assassinos estavam afiados como navalhas. Se me deparasse com o último ebionita vivo, não acho que seria capaz de controlar a veia Salina que me inclinava ao assassinato.

— Melhor irmos andando — balbuciou Kaspar, fazendo esforço para se levantar.

— Não nos resta muito tempo — advertiu Abby, referindo-se, como ficou claro para todos nós, ao fato de que não restava muito tempo para que morrêssemos de frio, fome ou o que fosse.

Nós nos afastamos da cisterna e de seus ruídos, caminhando lentamente por aquele corredor gelado, embora tenhamos começado a sentir quase de imediato que a

temperatura subia. O corredor terminava em outra escada ascendente e, descalços como estávamos, entramos naquele túnel vertical e começamos a subir enquanto percebíamos que o calor aumentava às vezes até que, após cerca de meia hora, não só simplesmente não estava mais frio como, por sorte, também não parecia que estávamos seguindo em direção a outro forno crematório. Nossas roupas secaram, paramos de tremer e os corpos se aclimataram de maneira agradável. O único incômodo eram aquelas escadas (que, como sempre, giravam suavemente para a esquerda) que não terminavam nunca.

Mas terminaram. Por volta das duas da tarde, chegamos a um patamar onde havia uma abertura com uma imensa roda de pedra posicionada para se fechar às nossas costas assim que entrássemos naquela sala quadrada de aparência inofensiva. O instinto nos fez parar, embora soubéssemos que não tínhamos outra opção além de entrar e nos deixarmos trancar.

— Como era mesmo a sétima bem-aventurança, Ottavia?

— perguntou-me Gilad, inseguro.

— “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão filhos de Deus”.

— Se estamos falando de pacifismo — disse Farag, bem-humorado —, não acho que devemos temer nenhuma catástrofe.

Olhei para ele com amor, porque gostava muito dele, de verdade, mas não pude evitar o pensamento de que aquela sua confiança em tudo de melhor e mais positivo que havia no mundo às vezes continha uma perigosa inconsciência. Menos mal que acabara ficando comigo, pensei, a desconfiada por excelência, pois não queria nem pensar o que teria sido dele sem mim.

— Vamos, entremos na jaula — resmungou o ex-Catão, avançando com passos decididos.

No fundo da caverna, perfeitamente cúbica e de superfícies polidas – ainda que sujas do pó de séculos –, outra porta interditada por uma pesada roda de pedra parecia ser a saída caso solucionássemos a bem-aventurança dos pacíficos. Todos seguimos Kaspar como se fôssemos ovelhas a caminho do matadouro. Precisaríamos de muita ajuda de Deus para não morrermos ali dentro. Eu, por via das dúvidas, comecei a rezar.

Assim que entramos, descobrimos que a parede da esquerda, além de ter, como sempre, uma fonte de água fresca, abrigava em seus cantos duas tumbas, duas

sepulturas antigas de aspecto muito diferente. Dirigimo-nos até a primeira delas como se atraídos por um ímã. Era muito parecida com a de Hilel, o Ancião, e algumas letras hebraicas talhadas na parede sinalizavam claramente um enterro judeu.

— Rabino Eliyahu ben Shimeon — leu Gilad em voz alta.

— Eliyahu ben Shimeon! — exclamou Abby, emocionada.

— O rabino de Susya que resgatou os restos de Jesus de Nazaré e sua família para escondê-los aqui, no monte Meron!

— Ou seja — brincou Farag de forma um tanto desrespeitosa —, o organizador dessa gincana que estamos curtindo tanto. Deveríamos agradecer a ele.

Sabira, que estava branca como a neve e com olheiras tão escuras quanto a noite, dirigiu-se com passos lentos até a outra tumba. Sua dor de cabeça devia ser horrível, ainda que não se queixasse.

— Está escrito em farsi — comentou de lá com uma voz quase inaudível e um leve sorriso no rosto. — É a tumba de Farhad Zakkar, líder dos *sufat* na segunda metade do século XIII.

— Caramba! — deixou escapar Kaspar. — Os dois organizadores da gincana!

— Sim, e enterrados aqui juntos — frisou Abby em tom de reprovação para Kaspar —, no monte Meron, na prova dos pacíficos.

— O que serve para demonstrar — comentei — que muçulmanos e judeus nem sempre se deram tão mal quanto agora. Esses dois homens trabalharam juntos por uma causa comum e se respeitavam mutuamente.

Gilad, que não conhecia a história completa dos ossuários e provavelmente não sabia nem quem era os *sufat*, nem por que haviam colaborado com os ebionitas, mordeu os lábios para não dizer nada sobre a minha afirmação sobre as antigas boas relações entre judeus e muçulmanos.

— Essa prova deve ser importante — afirmou Farag, muito mais comedido. — É impressionante que o rabino Eliyahu, líder dos ebionitas de Susya, e Zakkar, líder dos *sufat*, estejam aqui juntos.

Quando Sabira retornou lentamente para o nosso lado, já havíamos descoberto o objeto de nossa prova: a parede oposta àquela onde estavam a fonte e as tumbas não era de pedra polida, como o resto da câmara, mas de alvenaria. Como se a tivessem derrubado a golpes, depois triturado os pedaços e, com eles, erguido uma nova parede. E isso era tudo. Bem, tudo não. Também havia um pequeno dispositivo

no chão no qual Farag pisou despercebidamente e que, tal e qual havíamos suspeitado, fez rodar o disco de pedra da entrada, deixando-nos trancados.

— Talvez só precisemos sentar pacificamente no chão e esperar — comentou Abby com um sorriso.

— Temo que essa parede de alvenaria — brincou Gilad — esteja dizendo o contrário. Nessa caverna cúbica, tudo é perfeitamente liso e polido, exceto as tumbas e essa parede. Eis a sua prova pacifista.

— E o que se supõe que devemos fazer? — perguntou a pobre Sabira, que não poderia estar com um aspecto mais frágil. — Derrubá-la?

— Você deveria sentar — respondeu Abby. — Você precisa descansar, Sabira.

— Na verdade, estou mesmo um pouco tonta — admitiu, deixando-se conduzir por Abby até a fonte para sentar no chão e se recostar na parede. A herdeira molhou as mãos com água e passou-a no rosto de Sabira para reanimá-la um pouco. Eu não entendia muito bem como uma roda de madeira, por mais pesada que fosse, podia tê-la acertado com tanta força dentro da água. Kaspar já estava completamente restabelecido, e havia levado uma pancada

semelhante. Era evidente que cada um reage de maneira distinta frente às mesmas coisas.

Alguns de nós aproveitamos aquele momento para beber e descansar ao redor de Sabira. Não tínhamos comida, então era melhor não pensar nisso. De qualquer modo, pensei ao sentar, os ebionitas deviam saber que, àquela altura, se alguém havia conseguido chegar até lá, estaria tão mal quanto nós, ou até pior, de modo que, se tinham a intenção de matar os ladrões de tumbas, não devia nos restar muito tempo, mas se, na realidade, como bons judeus cristãos, não queriam matar ninguém, talvez tivessem preparado duas provas finais rápidas e fáceis para dar uma mão aos valentes e ousados que, como nós, haviam superado tudo o que viera antes.

Farag e Kaspar, em vez de beber e descansar, ficaram plantados em frente à parede de alvenaria, examinando-a cuidadosamente.

— Não tem nada de especial — escutamos Kaspar dizer.

Meu marido apoiou a mão sobre um dos tijolos, ou melhor, sobre um dos fragmentos de pedra que constituíam a parede, e tateou com cuidado.

— Está solto — comentou.

— Bem, é assim que se fazia alvenaria antigamente — respondeu Kaspar — encaixando à mão pedaços de material e encaixando-os um nos outros sem utilizar nenhum tipo de argamassa para prender um ao outro.

— O que eu quero dizer — acrescentou Farag — é que, se tirássemos alguns fragmentos da parte de baixo, toda a parede desmoronaria.

— Cuidado com o que fazem! — adverti os dois. — Não queremos ter um revés.

Gilad assentiu.

— Não acho que a solução da prova — disse — consista em derrubar uma parede tão cuidadosamente elaborada. Há alguma armadilha aí e aqui há duas tumbas. Vamos pensar um pouco mais antes de tocarmos em qualquer coisa.

Qual era o truque, sempre eficaz, para conseguir que Kaspar fizesse alguma coisa? Pedir que fizesse o contrário.

— Só quero conferir se todos os pedaços estão soltos — resmungou e, antes que alguém pudesse impedi-lo, já havia empurrado para trás um dos fragmentos de pedra da parte superior da parede. O resto da estrutura se manteve intacto.

O fragmento afundou com facilidade, e escutamos o baque que deu no chão do outro lado.

— Kaspar! — censurou Abby.

Kaspar se virou para ela e deu de ombros.

— Não derrubei a parede — desculpou-se —, só queria saber se era possível.

— Agora já sabe! — repreendi. — Você será o responsável pelo que nos acontecer a partir de agora.

Farag e ele sorriram como se tivessem escutado algo engraçado.

— Não tocaremos em mais nada, juro — disse o ex-Catão, virando-se outra vez para a parede de alvenaria.

Abby, Gilad e eu, sentados no chão ao lado de Sabira, que tinha a cabeça apoiada na parede e os olhos fechados, abstivemo-nos de fazer qualquer comentário desagradável e começamos a esmiuçar o propósito daquela estranha construção. O que nos pareceu mais provável antes de começarmos a ficar tontos foi que podia se tratar de uma espécie de quebra-cabeça, mas, a partir daí, já não éramos mais capazes de pensar. Comecei a sentir um suor frio por todo o corpo que coincidiu com o início da tontura, mas tentei não fazer muito alarde de uma simples sensação corporal. O problema é que estava se agravando e, além disso, o enjoo abria caminho para uma estranha dor de cabeça e um ainda mais estranho formigamento nas mãos e nos pés que subia pelos braços e pelas pernas. Quando meu

coração disparou, ficando a mil por hora, precisei admitir que acontecia alguma coisa.

— Eu também estou me sentindo mal, Ottavia — balbuciou Abby com dificuldade, ao mesmo tempo em que continha uma ânsia de vômito e se deixava cair no chão, como se estivesse morta.

— Kaspar! — chamou Gilad ao mesmo tempo que eu chamava o meu marido.

Os dois se viraram e devem ter nos achado muito mal, porque se lançaram em nossa direção com expressões alarmadas.

— O que houve? — perguntou-me Farag, preocupadíssimo, vendo que eu estava caindo no chão como Abby, sem forças.

— Acho que estamos sendo envenenados — sussurrou Gilad, em meio a tonturas e ânsias de vômito.

— Envenenados? — Kaspar, às vezes, parecia abobado.

— Vocês dois estão bem? — perguntou Gilad, fechando os olhos.

Farag e Kaspar disseram que sim.

— Então estamos sendo envenenados com dióxido de carbono — murmurou o arqueólogo judeu, fazendo um enorme esforço. Tapem aquele buraco na parede, o gás deve

estar entrando por lá. É mais pesado que o ar, por isso afetou antes os que estão no chão. Vocês precisam nos levantar e nos manter assim, longe do veneno. Rápido!

Farag me levantou em meio segundo e Kaspar tirou as calças com toda a pressa para tapar com ela o buraco que havia deixado ao empurrar a pedra.

— Apoie-se na fonte, querida! — disse-me Farag. — Preciso erguer os outros.

— As minhas pernas não aguentam, Farag — falei em meio a ânsia de vômito, soltando o peso.

— O gás está no chão, Ottavia! De pé você irá respirar ar limpo e se recuperará.

Não pude me opor porque ele já havia me soltado e estava tentando levantar Gilad com um imenso esforço. Por sorte, Kaspar já havia tapado o buraco da parede e, vestindo apenas umas horríveis cuecas boxer de cor cinza, ajudou Farag a erguer Gilad, Abby e Sabira.

— Não estão vendo? — perguntou Sabira de repente. A pobrezinha estava mesmo muito mal. À dor de cabeça, somava-se agora o envenenamento. — Sério que não estão vendo?

— Não, Sabira, não estamos vendo — disse Farag, molhando seu rosto com água fresca.

— É o gás — tentou nos explicar Gilad, de cujos lábios escorria um fiozinho de saliva. — O gás que mencionei antes. O das labaredas do corredor de fogo.

— Trouxeram-no até aqui em cima? — surpreendeu-se Kaspar segurando Abby, que estava quase inconsciente.

Gilad vomitou a água que havia tomado. Não tinha mais nada no estômago.

— Não estão vendo? — continuava perguntando insistentemente Sabira. Algo terrível estava acontecendo com ela. Seus olhos estavam fechados.

— Sim, trouxeram até aqui — explicou Gilad, que parecia um pouco melhor depois de ter vomitado —, e está acumulado atrás dessa parede de alvenaria. Se tirarmos as pedras, vamos morrer.

Quanto mais ar limpo respirávamos, melhor íamos nos sentindo. Até Abby abriu os olhos e quis mergulhar o rosto na água. Kaspar permitiu e, inclusive, molhou seu cabelo para refrescá-la.

— Não podemos dormir aqui — comentou Gilad, muito mais disposto. — O gás deve ter atingido uma altura superior a um metro. Se nos deitarmos para dormir ou sentarmos, morreremos.

— Vamos morrer de qualquer forma — eu disse —, porque se não podemos comer nem dormir...

— Temos que analisar melhor essa maldita parede! — bradou Kaspar, abraçando forte Abby, que passou os braços ao redor do pescoço dele.

— Vocês não estão vendo? — insistiu a pobre Sabira.

Farag, compassivo, decidiu dar corda.

— Não estamos vendo o quê, Sabira? — perguntou.

— O desenho — respondeu ela, sem abrir os olhos. — Na parede.

— Que desenho na parede? — perguntou Gilad, que já havia recobrado forças suficientes para segurá-la. Só então meu marido soltou Sabira e voltou para o meu lado. Talvez ele não suspeitasse, mas eu havia reparado nesse detalhe.

— A cruz — balbuciou Sabira. — A estrela.

Meu Deus! Mas de que diabos estava falando? Minha preocupação com o seu estado aumentou muito. Ela precisava de assistência médica urgente.

— A cruz e a estrela? — repetiu Gilad, surpreso.

— Sim, olhem. — Com os olhos já abertos, ergueu um braço e, como se tivesse recobrado as forças de repente, apontou decidida para a parede de alvenaria. — A cruz no centro da estrela.

Juro que olhei diversas vezes procurando aquela cruz e aquela estrela, mas não vi nada. Só alvenaria, fragmentos irregulares de pedras encaixados perfeitamente uns nos outros, mas sem nenhuma forma reconhecível.

— Não vejo nada — murmurou Abby que, como eu, estava se esforçando para encontrar o que Sabira mencionava.

Os outros também sacudiram as cabeças de leve. Ninguém via a cruz e a estrela. Havia fragmentos demais (e todos muito irregulares) formando um enorme caos no suposto desenho da parede.

— Beleza, vamos supor que Sabira tem razão — disse o quase nu Kaspar. — Não somos capazes de enxergar, mas ela é uma artista, uma desenhista. Por que não poderia reconhecer formas que nós não discernimos?

— Estão ali — murmurou Sabira. — A cruz e a estrela.

— Vamos admitir que de fato estejam ali — eu disse, olhando para Kaspar. — O que devemos fazer então? Tirar as pedras que formam o desenho e morreremos envenenados pacificamente?

— Talvez seja o risco que devemos correr — observou Farag com preocupação.

— Sabira — disse Abby —, a pedra que Kaspar tirou faz parte do desenho da cruz e da estrela?

A arqueóloga negou suavemente com a cabeça.

— Desculpem-me — murmurou. — O gás venenoso aumentou muito a minha dor de cabeça. Por isso, tenho dificuldade para falar.

— Então você tem certeza de que a pedra que Kaspar tirou não é uma das que formam o desenho? — insisti, ainda procurando desesperadamente a suposta cruz e a suposta estrela na parede. Talvez o gás saísse apenas pelas pedras que não faziam parte do desenho.

— Tenho certeza, Ottavia — sussurrou ela. — Por favor, Gilad, ajude-me a molhar a cabeça com a água da fonte. Assim vou me sentir melhor.

Com muitíssima delicadeza, Gilad ajudou-a a se inclinar pouco a pouco, até que a água caiu sobre o cabelo castanho (e sujo) de Sabira e, suponho que de propósito, posicionou-a de forma que o jorro frio incidisse diretamente sobre o galo que sobressaía entre as mechas molhadas. A arqueóloga Assassina esfregou o rosto diversas vezes com a água e pareceu estar muito melhor quando recolheu o cabelo na nuca com as duas mãos, afastando-o do rosto. Continuava

muito pálida e com grandes olheiras, mas todos vimos um lampejo de vida em seus olhos escuros quando se recompôs.

— Vão até a parede — murmurou. — Eu direi quais pedras tirar. Kaspar e Farag se afastaram de nós e ficaram de frente para a parede. Eles não haviam sofrido os efeitos do veneno e estavam bem. Era curioso ver meu marido de calça e Kaspar de cueca. Farag, mesmo em um momento tão ruim quanto aquele, conseguia me deixar sem fôlego. Kaspar, para o meu gosto, era prismático e ortogonal demais.

— Apontem alguma pedra e eu direi o que devem fazer — disse Sabira quando viu que estavam preparados.

Foi surpreendente. Conforme iam empurrando as pedras a toda a velocidade segundo as indicações de Sabira, comecei a ver a cruz e a estrela. Na realidade, tratava-se de uma estranha combinação de dois importantes símbolos que, ainda que supostamente fossem hostis e inimigos ao ponto de se enfrentarem durante dois mil anos, haviam sido unidos pelos ebionitas em um novo e único símbolo de paz. Daí a bem-aventurança dos pacíficos, os filhos de Deus, os que não lutavam entre si. A estrela era a estrela de seis pontas de David ou, como nos corrigiu Gilad, do escudo de David: dois triângulos equiláteros encaixados um sobre o outro em direções opostas, em cujo eixo estava agora a cruz

de Jesus, mais especificamente sua madeira vertical, que ia de cima a baixo do hexágono central, ocupando o coração da estrela.

Comecei a ver e a entender com total clareza ao mesmo tempo em que comecei a sentir de novo os sintomas do dióxido de carbono. Não quis me angustiar nem angustiar os outros, mas a tontura, a taquicardia, o suor frio, as náuseas, o zumbido nos ouvidos e as ânsias de vômito eram cada vez mais fortes. O gás estava entrando em grandes quantidades na câmara, e enquanto Farag e Kaspar não terminassem de empurrar a última pedra para deixar à vista o símbolo ebionita, o disco de pedra que fechava a saída não rodaria para permitir que escapássemos.

— Kaspar, apresse-se — pediu Abby com voz fraca.

Virei-me para observá-la e, em meio a uma vertigem descomunal, descobri que ela também estava começando a sentir os sintomas do gás e que Gilad, o mais alto, adivinhando o que estava acontecendo, havia erguido Sabira nos braços e a mantinha acima de nossas cabeças para que pudesse continuar apontando as pedras.

Eu não aguentava mais. Vomitei bile e, embora quisesse me lavar na fonte, não consegui. Olhei para o rosto

angustiado de Farag, que também olhava para mim e, completamente envenenada, desabei no chão.

Capítulo 38

Uma brisa fresca fez com que uma mecha do meu cabelo fizesse cosquinhas em minha testa. “Não pode ser uma brisa”, lembro-me de ter pensado, “porque estamos dentro de uma montanha.” Mas a brisa continuava soprando, agitando meu cabelo e fazendo cócegas. Devia ser Farag, soprando meu rosto para me acordar.

— Pare, por favor — pedi.

— *Basileia!* — ele exclamou de algum lugar distante.

Tentei abrir os olhos, mas não consegui. Então me lembrei da estrela de Davi e da cruz unidas em uma única figura e aquela me pareceu uma imagem bela, muito bela. O escudo de David protegendo... Eu gostava da ideia do escudo de David, como Gilad chamava. O escudo de David protegendo a cruz de Jesus de Nazaré. Se Jesus havia mesmo sido apenas um homem, um grande homem, e agora seus restos mortais estavam perto de mim, eu queria me ajoelhar diante deles e venerá-los.

— *Basileia!* — voltou a exclamar Farag um pouco mais perto.

Se ele não estava ao meu lado, onde estava e quem soprava em meu rosto? Eu podia sentir a brisa, embora não conseguisse abrir os olhos. Também não conseguia me mexer. Por que não conseguia me mexer? Por que meu corpo não me obedecia? Comecei a ficar nervosa. Eu me lembrei do gás. Mas devia conseguir falar, porque havia pedido a Farag que parasse.

— Consigo falar — murmurei. Sentia os lábios e a boca inchados e entorpecidos.

— O que você disse? — perguntou alguém muito longe de mim.

— Inalou mais veneno que nós — disse outra voz distante. — Faz sentido que tenha mais dificuldade para se recuperar.

Sim, eu lembrava. Havia respirado gás venenoso proveniente da combustão do gás natural do corredor de fogo. Mas não reconhecia as vozes, não sabia quem estava falando. Só reconhecia a voz de Farag. Naquele momento, meu coração deu um salto, um pulo dentro do peito. *Uma extrassístole*, pensei, assustando-me. As extrassístoles sempre me assustavam. Eu não queria morrer, disso tinha certeza, então era melhor que o meu corpo que não respondia começasse a eliminar de verdade o maldito

veneno. A brisa. A brisa me ajudaria. Eu precisava respirar ar limpo, e o ar da brisa cheirava bem, tinha cheiro de campo, madeira e grama. Respirar ar limpo, era o que eu devia fazer.

— Eu ficarei com você, Farag — disse uma voz gélida com tom marcial. — Os outros, vão dormir. Está tarde. Ottavia ainda vai demorar para se recuperar.

Não, não ia demorar para me recuperar, porque meu cérebro funcionava perfeitamente. Era o corpo que não conseguia pegar no tranco, mas, convenhamos, era só questão de tempo, porque eu já conseguia mover os lábios. Até mesmo as vozes começavam a soar familiares. Estava quase certa de que conhecia o sujeito com voz militar.

— Ottavia, querida, se está me escutando — disse o meu marido —, faça algum sinal.

Abri a boca o máximo que consegui.

— Acho que ela moveu os lábios — disse o militar.

— Sim, eu também vi — concordou Farag. — *Basileia*, escute. Você se intoxicou com dióxido de carbono, mas agora está debaixo de um grande túnel na montanha pelo qual entra ar limpo. Também há uma grade neste túnel que dá para o exterior, por isso há uma corrente de ar. Entendeu o que eu disse?

Voltei a abrir a boca (ou a mover os lábios, conforme eles afirmavam).

— Você vai se recuperar — disse meu marido com segurança. — É só deixar que o ar limpo elimine o gás venenoso de seu corpo. Tente dormir. Está tarde, então não fique nervosa e não se preocupe com nada. Durma e deixe que o ar lhe cure. Combinado? Eu vou ficar aqui do seu lado até que você reponha as forças.

Isso me tranquilizou muito. Se Farag dizia que estaria ao meu lado, era porque não se moveria nenhum milímetro. Fiquei muito orgulhosa de nós, dele e de mim. O que Farag e eu havíamos construído juntos era algo que quase todas as pessoas do mundo passavam a vida buscando: um amor que durava e evoluía, uma relação cúmplice, estável e quente. Deus devia me amar muito para ter me dado um presente tão grande, por mais difícil que fosse todo o resto e por menos que a minha família gostasse de mim. Não quis pensar em minha família e peguei no sono.

Horas depois, acordei lentamente. Abri os olhos. Tudo estava escuro. Mexi os dedos das mãos e dos pés e soube que havia me desintoxicado o suficiente para conseguir mover o corpo.

— Ottavia? — sussurrou a voz de meu marido.

— Estou bem — sussurrei.

— Menos mal! — colocou uma mão em minha bochecha e me beijou nos lábios. — Menos mal!

— Ora, diga “Graças a Deus” uma vez na vida — critiquei.

Ele riu baixinho.

— Durma — pediu-me aos sussurros. — Ainda é meia-noite.

— Ottavia acordou? — perguntou a voz sonolenta de Kaspar.

O militar de antes era ele! Caramba, eu devia estar muito intoxicada para não tê-lo reconhecido. O certo era que, realmente, agora eu me sentia mais lúcida.

— Sim, Kaspar — disse Farag. — Obrigado por ficar aqui. Vá lá com Abby.

— Tudo bem — respondeu, meio dormindo. — Boa noite.

— Onde estamos? — perguntei a Farag.

— Em uma espécie de centro de recuperação para envenenados por dióxido de carbono. Amanhã você vai ver. Agora, volte a dormir.

Não precisou dizer duas vezes. Como meu corpo aparentemente precisava de mais horas de sono reparador

(algo totalmente lógico, dadas as circunstâncias dos últimos nove dias), caí em um sono profundo num instante.

Fui acordada pela luz da manhã, por mais estranho que pareça. Quando abri os olhos, a primeira coisa que chamou a minha atenção foi o fato de que havia luz e, a propósito, ela não vinha das lanternas de LED. Era luz do dia, do Sol. Claro que também não havia motivo para soltarmos foguetes, mas fiquei emocionada porque vinha do exterior, quanto a isso não havia dúvidas, e, além disso, vinha de dois pontos. O primeiro estava exatamente em cima de mim: no teto, a uns três metros de altura, abria-se um buraco perfeitamente redondo que se transformava em um longo túnel vertical cujo final eu não conseguia ver. Por ali chegava o ar e um pouquinho daquela luz escassa e sovina. Vi o segundo ponto de entrada ao virar a cabeça para a direita: na parede, uma grade talhada na pedra, com buracos tão pequenos quanto os da gelosia de uma janela árabe, abria-se para o exterior da montanha, o que sem dúvidas indicava que, do outro lado, havia uma escarpada parede vertical. Por isso eu havia sentido uma brisa no rosto durante toda a noite. Haviam me colocado justo no ponto onde circulava melhor a corrente, entre o ar que entrava pelo túnel e o que entrava pela grade.

Naquele instante, o vozeirão de Kaspar, nosso despertador diário, soou com máxima potência:

— Estão acordados? — perguntou com rudeza. — São nove da manhã. De pé.

Ele já havia se levantado após dar um beijo rápido em Abby e vinha em minha direção como um trem de alta velocidade. E estava de calça! Senti-me extremamente agradecida (e comigo toda a humanidade) por aquele detalhe de bom gosto. Por sorte, tivera tempo de recuperá-la antes de abandonar a caverna da cruz e da estrela, o que não deixava de ser um grande alívio.

— Bom dia, doutora, como está se sentindo?

Ainda estava um pouco atordoada e não me atinei a responder com muita celeridade.

— Farag — disse a Rocha. — Sua mulher não está bem.

Farag deu um salto e sentou no chão olhando fixamente para mim.

— O que houve, querida?

Parecia tão preocupado que reagi de imediato.

— Sinto-me perfeitamente bem — sorri. — Voltei a ser uma pessoa.

— Que susto você me deu, Kaspar! — protestou meu marido.

O ex-Catão deu de ombros e começou a se afastar para voltar ao lado de Abby.

— Tive a impressão de que não estava bem — comentou com indiferença.

— E Sabira? — perguntei, lembrando-me de como a arqueóloga Assassina estava mal na caverna da cruz e da estrela.

— Estou muito melhor, Ottavia, obrigada — respondeu ela de um canto daquele lugar arejado. — Não estou mais com dor de cabeça e, graças a Gilad, liberei-me de um novo envenenamento de gás, como ocorreu com você. Só estou com um galho enorme que dói quando encosto. Mas nada demais.

— Kaspar — eu disse à Rocha —, deveríamos pedir ajuda agora. Com certeza temos cobertura aqui. Poderiam nos tirar com helicópteros se quebrarem a grade da parede.

Todos, inclusive Kaspar, ignoraram-me.

— Ottavia — censurou-me meu marido em voz baixa —, só resta uma bem-aventurança. Só uma. Está entendendo? Não podemos desistir agora. Estamos muito perto de conseguir.

Então me lembrei do que havia pensado, ou sonhado, quando ainda estava sob os efeitos do gás: se agora de fato

os restos de Jesus de Nazaré estavam tão perto de mim, eu queria me ajoelhar diante deles, queria honrá-los, sentir a forte emoção de estar diante do homem que havia mudado o mundo defendendo os pobres, os famintos e os humildes e nos permitira conhecer Deus, ter uma relação pessoal com Deus. Não podia renunciar a isso, mesmo que precisasse atravessar correndo uma jaula de leões famintos. Nunca ninguém havia feito nada tão grande.

— Tem razão — admiti. — A última bem-aventurança. Vale a pena.

— Qual é? — perguntou-me Sabira, que havia escutado.

— “Bem-aventurados os perseguidos, porque deles será o Reino dos Céus” — murmurei.

Os justos perseguidos. Vai saber que espantosos perigos se escondiam por trás destas inocentes e belas palavras. Mas encontrar Jesus, estar diante do próprio Jesus de Nazaré... justificava tudo. Seria, sem dúvida, o momento mais importante de minha vida.

— Beleza, então vamos — ordenou o ex-Catão, dando uma olhada ao redor como se tivéssemos algo para recolher. — Não podemos mais perder tempo.

Grossas argolas de ferro penduradas na parede, que começavam pouco acima do chão na área sob o buraco por

onde entravam o ar e um pouco de luz, eram a única saída aparente daquela câmara. Estavam dispostas de forma a facilitar a subida, de maneira descontínua e intercaladas à direita e à esquerda com uma pequena separação. Quando vi Kaspar se dirigir a elas e me dei conta de que eram o novo tipo de escada que deveríamos enfrentar, meu sangue gelou. O túnel era largo o suficiente para que caíssemos lá em baixo se algum daqueles anéis se soltasse ou errássemos o cálculo na hora de pisar. E o pior era que podíamos arrastar quem estivesse atrás.

— Mãe do céu! — exclamei, vendo Kaspar colocar o pé na primeira argola de ferro.

— Esperem aqui — ordenou Kaspar. — Quando eu chegar lá em cima, avisarei.

Já estava se metendo a herói outra vez.

— Nada disso — respondi. — Não vamos ficar quietos esperando para ver você cair pelo túnel e morrer diante de nossos olhos. Suba primeiro se quiser, mas eu vou atrás.

Escutei um murmúrio de aprovação às minhas costas,

— E eu vou atrás dela — disse Farag, pondo-se ao meu lado.

A Rocha se incomodava sempre que o impedíamos de desempenhar o papel de John Wayne, mas o que mais o

irritava era que nunca conseguia me contrariar porque todos concordavam comigo.

Começamos a subir pelas argolas um atrás do outro ao longo do túnel de pedra. Era como fazer uma escalada vertical, mas segurando-nos em velhas argolas de ferro que eu não apostaria que eram seguras, sobretudo porque algumas delas se mexiam um pouco quando colocávamos as mãos. Nesses casos, um calafrio percorria a minha coluna vertebral. Jamais havia me considerado corajosa, mas quando você está a vinte ou trinta metros do chão, qual o problema de seguir adiante? Não há alternativa. Você apenas para de pensar e repete mecanicamente os movimentos, tentando não se matar na tentativa.

Eu não quis olhar para baixo nenhuma vez para não desmaiar de susto, mas, quando finalmente chegamos lá em cima e colocamos os pés em terra firme, Kaspar disse que havíamos subido uns cinquenta metros.

— Isso significa — comentou Gilad, com expressão de surpresa — que não podemos estar muito longe do cume do monte Meron. Estamos subindo sem parar desde que saímos da caverna da areia movediça.

— Não acredito que os ossuários que estamos procurando — observou Abby — estejam tão próximos da superfície que

uma simples escavação teria nos permitido chegar até eles.

— Era isso que Spitteler e Rau sabiam — comentou Farag, irritando-se momentaneamente. — Por isso vieram ao monte Meron com radares terrestres. Pode ser que já estejam com os ossuários.

Havíamos saído dos túneis justo no centro de outra daquelas cavernas circulares com o teto em forma de cúpula e uma fontezinha de água em um canto. Mas a luz que chegava até a caverna de baixo não vinha dali, mas de uma abertura que estava justo à minha frente e por onde se esgueirava o que, para nós, após tantos dias à luz de lanternas, era uma radiante luminosidade.

Depois de escutar Farag, Abby ficou muito séria.

— Não, isso é impossível — assegurou-nos. — O Shin Bet e a Fundação os têm sob vigilância desde que chegaram a Israel. Se tivessem encontrado os ossuários, teriam sido presos e teríamos sido avisados.

Farag se surpreendeu muito.

— E como teriam nos avisado, Abby? — perguntou.

A herdeira titubeou, mas, por fim, após pôr na balança seja lá o que tinha para pôr, decidiu que era melhor falar. De qualquer forma, o ex-Catão se adiantou:

— Utilizando a rede de nós do Paraíso Terreno — disse Kaspar —, aquela que Isabella inventou com nossos engenheiros. Eu coloquei a rede imediatamente à disposição da Fundação e pedi que trabalhassem juntos. Meu celular ficou sem bateria há alguns dias. Agora, estamos utilizando o de Abby.

— Isabella escreveu? — eu quis saber, incomodada.

— Sabemos tanto quanto vocês, Ottavia — explicou Abby. — Não tivemos mais contato. O que Kaspar fez foi pedir aos staurofílakes que trabalhassem com a Fundação, e eu pedi à Fundação que trabalhasse com os staurofílakes. Não sabemos mais que isso, mas era importante que essa rede também pudesse ser utilizada pela Fundação em caso de necessidade. Por isso eu disse que, se tivessem prendido Hartwig e Spitteler, teríamos ficado sabendo.

Kaspar e Abby sofriam de alguma síndrome conspiratória em comum que os levava a guardar para si coisas que não precisavam omitir. Talvez os dois gostassem de poder e controle ou de se sentir importantes ou responsáveis ou vai saber o quê. O que estava claro era que haviam juntado a fome e a vontade de comer.

— “Bem-aventurados os justos perseguidos, porque deles será o Reino” — lembrou-nos Sabira, apontando para

a abertura pela qual entrava a luz. Foi uma mudança de assunto muito oportuna.

— Sim, melhor enfrentarmos de uma vez a última bem-aventurança — disse Kaspar.

Só naquele momento tive verdadeiramente a consciência de que estávamos enfrentando a última bem-aventurança, e minha adrenalina disparou. Lembro que peguei a mão de Farag e sorri para ele.

— Vamos conseguir, *basileia* — ele me disse, muito orgulhoso.

E, seguindo os outros, entramos naquele último túnel que nos levaria à última prova. A luz se tornava cada vez mais intensa, como se avançássemos rumo ao exterior. Então escutamos Kaspar grunhir:

— Não consigo acreditar! Juro que não consigo acreditar!

Foi um tremendo *déjà vu*. Era a segunda vez que escutava aquelas palavras saindo da boca de Kaspar desde que entramos no monte Meron, e na ocasião anterior haviam sido o prelúdio de uma desgraça. Meu coração acelerou mais e Farag apertou o passo, puxando-me para que eu chegasse o quanto antes ao lugar onde o ex-Catão havia visto algo em que não conseguia acreditar. Conforme nos aproximávamos

da saída do túnel, sentíamos um crescente calor úmido e pegajoso.

Na verdade, eu também não consegui acreditar quando chegamos. Era exatamente como se tivéssemos retornado ao gigantesco túnel de pedra com a escada em espiral onde terminava a prova da fome, só que havíamos saído pelo lugar onde ficava a entrada da caverna do líquen e já nos encontrávamos na parte mais alta, ou seja, no lugar onde o túnel ia se fechando sobre si mesmo e formando um cone. Também ali, na parte direita do cone, havia uma grande grade de pedra de onde caíam plantas e longas raízes que deixavam passar a luz e o mormacento ar do exterior. Só encontrei algumas pequenas diferenças, além da temperatura: da grade desciam correntes em cujas extremidades viam-se potes e vasilhas que pareciam servir para recolher a água da chuva (o que não fazia muito sentido) e, por outro lado, não havia nenhuma escada, nem para cima, nem para baixo. O que havia era uma compridíssima ponte de pedra suspensa sobre o vazio, que ia do ponto onde estávamos até a parede em frente, onde se via outra abertura. Mas o engraçado naquela ponte era que, embora fosse compridíssima, era ridiculamente estreita e, ainda por cima, não tinha balaustrada.

— São mais de cem metros de queda — murmurou Sabira assustada, vislumbrando o precipício.

— Sim — grunhiu Kaspar —, e a maldita passarela, que deve ter uns sessenta metros daqui até lá, não tem nem um metro de largura.

— Nem bordas ou corrimão — acrescentou Abby.

Ficamos em silêncio outra vez, contemplando aquele perigoso caminho de pedra sobre o abismo pelo qual, sem dúvida, devíamos passar. Senti um comichão súbito no braço e comecei a me coçar com força. Um mosquito zumbia por ali e havia me picado. Desgraça atrai desgraça.

— Bem, o que faremos? — perguntou Gilad, olhando para o vazio. No fundo, era possível ver (embora não ouvir) uma espécie de riacho que fluía entre grandes pedras. Não era nada alentador: nada mais fácil do que errar um passo na estreita passarela e acabar esmagado feito purê nas rochas lá embaixo.

— Bem, por sorte — observou o ex-Catão —, nenhum de nós sofre de vertigem.

— Eu, sim — avisei.

— Você não, *basileia* — negou Farag. — Você só é muito covarde, mas não tem vertigem.

— O sofrimento é o mesmo — justifiquei-me.

— Para atravessar essa maldita ponte — continuou dizendo o ex-Catão —, será melhor tomarmos algumas precauções, pois não temos cordas nem material de escalada.

— Podemos nos deitar no chão — veio-me à mente — e avançar de barriga para baixo, nos arrastando com as mãos.

— Demoraríamos horas para atravessar — observou Gilad após um breve silêncio.

— Sim, mas todo o nosso corpo serviria como ponto de apoio — insisti. — Não correríamos o risco de perder o equilíbrio e morrer.

— Você está esquecendo — disse o meu marido — que nem Kaspar, nem Gilad, nem eu temos camisetas, porque as utilizamos para fazer as sacolas de líquen. Esfolaríamos o peito e o abdome ao roçarmos contra a pedra. E isso, posso lhe garantir, doeria bastante.

Os rostos dos três expressaram a dor que sentiam só de pensar.

— Sejam sensatos — exclamou Abby com decisão. — Podemos atravessar essa ponte se formos devagar e tomarmos muito cuidado. Não temos nenhuma pressa. Quanto mais devagar avançarmos, firmando bem os pés, menos perigo correremos.

— E ninguém olhe para baixo — ressaltou Kaspar. — Olhem para a frente. Todos tranquilos, respirando fundo, pisando com firmeza e avançando devagar e sem medo. E nada de segurar o da frente em caso de queda. Se alguém perder o equilíbrio, que não leve outro junto. Combinado?

— E quem for atrás não pode lhe segurar se vir que você vai cair? — perguntei.

— Não! — ribombou a Rocha, olhando de modo ameaçador para que eu me calasse. Nem me alterei. Ele não exercia esse poder sobre mim. Se eu visse quem estivesse à minha frente pisar em falso, independentemente de quem fosse, pretendia segurar com todas as forças. Não permitiria que ninguém morresse se pudesse evitar. E eu avaliaria o perigo que significaria para mim se chegasse o momento.

— Prontos? — perguntou o ex-Catão a todo o grupo. — Então vamos. Eu irei primeiro.

Que ânsia de protagonismo, pelo amor de Deus! Aquele homem era insuportável.

Outro mosquito me picou na perna, através do tecido da calça. Cocei como pude e me posicionei para entrar na ponte. À minha frente iam, nessa ordem, Kaspar, Abby, Sabira e Gilad; atrás, Farag. Eu não gostava de que ele fosse o último,

mas os outros haviam se adiantado e ele se recusava a trocar de lugar comigo.

— Confie em mim, querida — disse, tranquilo. — Não vai acontecer nada comigo.

E, de repente, eu já havia colocado um pé na perigosa passarela e tentava acalmar o ritmo de meu acelerado coração respirando de forma relaxada e olhando para a frente, como Kaspar havia dito. Acho que aquilo que escorria por todo o meu corpo era suor causado pelo medo somado, sem dúvida, à asfixiante umidade daquele lugar. Nossos passos eram lentos, pausados. A distância entre cada um de nós era grande, como se, inconscientemente, evitássemos uns aos outros para não termos que tomar nenhuma terrível decisão se chegasse o momento. Minha respiração acelerava. Eu devia controlá-la e não olhar para baixo. Tranquilidade. Mais um passo. Estávamos indo bem. A fila avançava de pouquinho em pouquinho, sem pressa, mas sem pausa.

E, naquele momento, no silêncio do imenso túnel, escutamos claramente o som de um celular. Todos paramos, espantados. Meu coração estava a galope.

— Não é nada — disse Abby com uma voz tranquila e relaxada. — Chegou uma mensagem de WhatsApp no meu telefone. Estão tentando nos contatar lá de fora.

— Não podiam ter escolhido um momento pior! — queixou-se Farag.

— Não vou responder — disse Abby, falando pausadamente —, e o som não deve deixá-los nervosos. Quando chegarmos do outro lado, veremos a mensagem.

Ainda falta muito para chegarmos ao outro lado, pensei. Kaspar não estava nem na metade da ponte. E tínhamos mais de cem metros de queda livre até o fundo daquele despenhadeiro. Precisávamos nos tranquilizar, porque não iríamos morrer por causa da musiquinha de um celular.

Outra picada de mosquito ardeu em meu tornozelo. Maldição! E eu não podia coçar. Mas por que diabos havia tantos insetos voadores naquele lugar? Por certo, o calor e a umidade ajudavam. Eu precisava bloquear a coceira com minha mente. O que preferia: coçar-me ou viver?

Mas aquilo foi só o início. Pouco depois, uma nuvem de mosquitos começou a zumbir sobre nossas cabeças, e alguns deles se lançaram feito camicazes sobre nós e o nosso sangue.

— Estão me comendo vivo! — exclamou Gilad, alarmado.

— A mim também! — gemeu Sabira.

Através de meus pés descalços, senti os movimentos agitados de meus companheiros na pedra da ponte.

— Todos tranquilos, por favor! — bradou a Rocha do início da fila. — Não fiquem nervosos. Controlem-se. Deixem que piquem e não se movam.

A nuvem de mosquitos decidiu naquele momento que, sim, éramos comestíveis e deixou-se cair na vertical e de maneira fulminante sobre nós. Então entendi a função dos potes e vasilhas pendurados na grade: com a água da chuva que acumulavam, serviam de criadouro para as larvas de mosquito. *Os justos perseguidos*, pensei, ainda que o mais correto fosse dizer fustigados e agoniados, porque não era tanto a ardência das picadas quanto o fato de estarmos rodeados por aquela massa de insetos voadores zumbindo ao nosso redor e nos obrigando a sacudir os braços, colocando assim em risco o nosso precário equilíbrio. Enfiavam-se nos olhos, na boca, nos ouvidos... Picavam através da roupa, nas costas, nas pernas, no couro cabeludo... Era um inferno. Não poderíamos seguir, ou acabaríamos caindo no precipício.

E então escutei Gilad urrar:

— Sabiiira!

Depois um grito longo, agudo, pedindo socorro. O grito de Sabira caindo no vazio e se perdendo na distância. E então, nada.

Capítulo 39

Totalmente horrorizados com o que acabara de acontecer, as sacudidas na ponte cessaram. Os mosquitos continuavam nos atacando furiosamente, mas Sabira havia caído no precipício e isso nos impactara.

— E se ainda estiver viva? — perguntei, desesperada, afastando os insetos de minha boca com as mãos. — Precisamos resgatá-la!

Ouvi um gemido abafado. Era Gilad. Mas também escutei um choro, que era de Abby.

— Precisamos resgatá-la — repeti, transtornada. Não conseguia acreditar que Sabira havia caído no fundo do despenhadeiro e havia... Não, Sabira precisava de nós, tínhamos que ajudá-la.

— Acalme-se, *basileia* — disse o meu marido atrás de mim. — Já não há nada que possamos fazer por ela. Não olhe para baixo, por favor.

Eu não pretendia olhar. Mas não conseguia aceitar que Sabira, a arqueóloga Assassina, a bondosa e valente Sabira, havia morrido. Não, não conseguia. Não aceitava. A bela

mulher com aspecto de garotinha, inteligente, artista, doce, não podia ter morrido. As lágrimas, aquelas que não costumavam brotar em meus olhos, começaram a escorrer por minhas bochechas. Não, Sabira não, por favor, rezei. Os mosquitos continuavam nos picando vorazmente, mas, durante alguns segundos, parei de sentir, e isso deve ter acontecido com todos, porque a passarela de pedra, que havia ficado imobilizada, começou a sacudir de novo quando o prurido das picadas se impôs outra vez em nossos cérebros. Só que agora as sacudidas eram mais fortes, como se todos quiséssemos cair no vazio como Sabira.

— Para o chão! — gritou Farag atrás de mim. — Todos para o chão! Deitem-se e avancem se arrastando, como Ottavia disse antes!

Eu estava morta de medo. Deitei e meus ombros ficaram a uma pequena distância das beiradas. As lágrimas continuavam caindo de meus olhos pela pobre Sabira, mas agora eu só queria sair dali. Sair de uma maldita vez, e sair viva.

Uma vez deitados, a nuvem de mosquitos continuou nos picando, mas agora, ao menos, não nos picavam na parte dianteira do corpo, embora continuassem atacando os olhos, os ouvidos e a boca com grande sanha. Que magnífico

símbolo os ebionitas haviam escolhido para os justos perseguidos, porque, no fim, suas perversas armadilhas contra ladrões haviam conseguido matar uma mulher admirável que tinha uma longa vida pela frente. Eles eram os perseguidores; e Sabira, sua injusta vítima. Senti uma raiva extrema deles, dos *ebyonim*.

Com o coração angustiado e aflito, tentei afastar de minha mente esses negros pensamentos. Os mosquitos voltaram ao centro de minhas atenções. O pior era o nervosismo, a necessidade imperiosa, ordenada pelo cérebro, de sacudir aqueles malditos insetos de nossos corpos e correr para longe das picadas. E também a coceira, a urgência de coçar aqueles comichões infernais que bloqueavam até mesmo o nosso instinto de sobrevivência, como havia acontecido com Sabira. Procurei um lugar profundo em minha mente, um lugar escuro (eu podia me permitir isso, pois estava de olhos fechados), um lugar tranquilo onde pudesse rezar. E comecei a falar com Deus, com aquele Deus que ainda via de forma difusa, com certa pitada de Javé, outra pitada do Pai da Trindade e mais uma pitada de alguém novo que eu ainda precisava conhecer, mas que se parecia muito com a ideia do Jesus-Deus que eu tivera durante toda a minha vida e me era tão próxima. E,

enquanto rezava, enquanto buscava consolo e tranquilidade em Deus, continuava avançando, espichando os braços o máximo que podia, segurando-me nas extremidades da ponte e me arrastando para a frente ao passo que empurrava com os dedos de meus pobres pés, que também estavam sendo massacrados pelos asquerosos insetos voadores.

De vez em quando, balançava o rosto contra o chão (quase limpo após a passagem dos três corpos que seguiam à minha frente) em uma tentativa inútil de afastar os mosquitos dos olhos e da boca. Ao menos eles saíam do nariz, o que já era de se agradecer.

Não sei quanto tempo passamos naquele inferno. Uma eternidade. Em algum momento, escutei a voz de Farag perguntando como eu estava. Enquanto falava comigo, ele cuspiu, afastando os insetos de sua boca. Escutá-lo me tranquilizou. Se estava bem, o resto não importava. Respondi como pude e continuei avançando. Colidi com os pés de Gilad quase no final do trajeto, e isso porque ele era muito mais musculoso e mais forte do que eu. Talvez Kaspar ou Abby tivessem retardado seu avanço. Eu já não sentia coceira. Sentia as picadas, sentia que estava coberta por uma camada de mosquitos da cabeça aos pés, mas já não sentia nada no corpo, como se tivesse adormecido.

Na última vez que estendi os braços e minhas mãos bateram nas paredes de rocha do abismo, senti um desejo louco de ficar de pé e correr, mas fui prudente e esperei até que Gilad saísse da ponte. Então me arrastei até o final, levantei-me e fiquei lá, sozinha, aguentando mais picadas até que Farag estivesse ao meu lado. Só então nós dois saímos correndo em direção à abertura na parede pela qual já haviam desaparecido nossos companheiros. Era a entrada de outro túnel, um túnel estreito e frio que girava e subia sem cessar. Os mosquitos ficaram para trás. Não nos seguiram. Suponho que já haviam comido o suficiente ou não gostassem de frio. Mas precisávamos nos afastar do lugar no qual havíamos perdido Sabira. Por outro lado, o ardor no corpo estava se tornando mais insuportável. O túnel frio continuava subindo, com trechos em rampa e giros bruscos, tão bruscos quanto o seu final em outra caverna escura que as lanternas de Kaspar e Abby iluminavam. Uma enorme cisterna de água interrompia nosso caminho. Quando Farag e eu chegamos, Gilad estava chorando.

Só então me dei conta de que Kaspar, Gilad e Farag tinham os torsos cheios de arranhões e queimaduras por terem se arrastado contra o chão e, ainda por cima, toda a parte superior do corpo, inclusive as costas, cheias de

amplas manchas e pontos vermelhos. Uma das pálpebras de Abby estava espantosamente inchada, tapando o seu olho por completo, e os cinco, porque agora já não tínhamos Sabira, estávamos com os rostos avermelhados e inchados.

Quatro grandes fontes de água saíam das paredes, alimentando a cisterna e resfriando o ar da caverna.

— Acho que a água gelada vai nos fazer bem — murmurou Farag.

— De qualquer modo — comentou Kaspar —, temos que nadar até o outro lado.

— Isso aliviará a coceira e reduzirá as inflamações — afirmou meu marido.

— Você a viu cair, Gilad? — perguntou Abby de repente.

Todos emudecemos. Só escutávamos o som da água caindo.

— Sim, eu a vi cair — assentiu. — Estava se mexendo muito, tentando afastar os mosquitos. Segurei-a pelos braços para que parasse, mas, assim que a soltei, voltou a sacudir os braços e o corpo tentando fugir das picadas e, simplesmente, caiu. Antes que eu me desse conta, já não estava mais à minha frente. Eu não estava enxergando bem, mas a segui com o olhar até que se estatelou numa rocha lá no fundo e escorregou para o leito.

— O riacho a arrastou? — perguntei, acariciando os braços para aliviar a coceira.

— Não, ficou lá — respondeu Gilad, voltando a chorar silenciosamente.

— Deveríamos entrar na água — insistiu o ex-Catão.

— Não ache que nos falta vontade, Kaspar! — censurou Abby, tirando o celular do bolso impermeável da calça. — Por favor, liguem seus celulares.

Obedeci, engolindo as lágrimas. Voltaríamos para buscar Sabira. Não a abandonaríamos ali. Sua família poderia enterrá-la de forma adequada.

— É da Fundação — disse Abby, olhando para a tela com o único olho que estava aberto. — Localizaram o sinal do GPS de meu celular muito próximo à superfície da montanha. Disseram que enviaram uma equipe de resgate porque presumiram que chegamos ao final e já temos o que estávamos procurando. Pediram que deixemos os celulares ligados para maior segurança.

— Terão alguma dificuldade para nos resgatar aqui dentro — afirmei, dando uma olhada na nova caverna escura.

— Insisto que deveríamos entrar na cisterna já! — repetiu Kaspar de mau humor.

Guardamos os celulares ligados nos bolsos das calças e obedecemos. Dessa vez, em vez de cairmos de surpresa, cada um foi entrando no estilo que achou mais adequado, desde o elegante e perfeito salto de Abby até o meu mergulho cauteloso, descendo pouco a pouco sem soltar as mãos da borda, porque não confiava nem um pouco naquela água e no que podia conter.

Mas não havia nada. Era só água gelada e fria, que, como Farag havia dito, aliviou muitíssimo a coceira e melhorou nossas manchas inflamadas, desinchando até a pálpebra de Abby. As marcas vermelhas quase desapareceram e os rostos recuperaram a cor e o aspecto normais. Não que fosse agradável estar ali dentro, mas sentíamos um imenso alívio nas picadas, então aguentamos aquele frio o máximo que pudemos e, aproveitando, limpamos um pouco da muita sujeira que havíamos acumulado no corpo.

Abby foi a primeira a sair da cisterna pelo outro lado e, então, Kaspar saiu e os dois se deixaram cair no chão, um ao lado do outro, para descansar e se aquecer. Farag, que parecia estar acompanhando Gilad, saiu da água com ele, mas, quando eu saí, ele sentou ao meu lado, apoiando as costas na parede. Ninguém disse nada. Às vezes, o silêncio compartilhado é o melhor consolo.

Contudo, eu não devia ter me recuperado por completo das picadas, porque senti uma estranha câimbra na perna. Levei a mão à coxa para massageá-la, surpreendendo-me ao descobrir que o que havia confundido com uma câimbra era uma vibração de meu celular. Olhei para os outros, esperando ouvir o apito de seus telefones, mas todos permaneceram muito quietos e com os olhos fechados.

Tirei o celular com cuidado do bolso da calça e olhei para a tela. “Tia, não diga nada.” Isabella! Minha querida, doce e saudosa Isabella! Minha garota! Por que não podia dizer nada? Bem, na realidade, todos estavam descansando, então me limitei a tirar o som do telefone antes que ele emitisse qualquer aviso sonoro delator. Assim que o fiz, entraram seis mensagens silenciosas de WhatsApp. Abri o aplicativo e vi que Isabella continuava com a mania tão esquisita de escrever mensagens em pequenos fragmentos.

“Antes de tudo, não responde. Estou com Jake e Becky neste momento.”

“Descobri uma coisa estranha sobre eles, como você pediu.”

“A mãe de Jake era italiana e se chamava Gabriella Simonini.”

“Uma de suas bisavós era polonesa e se chamava Janina Simowicz.”

“Becky nasceu na Noruega e seu sobrenome de solteira era Simonsen.”

“Não responde. Beijos.”

Fiquei tão perplexa que li todas as mensagens mais uma vez antes de guardar o telefone. Por que Isabella havia retornado a Toronto se a enviamos com Linus ao Paraíso Terreno para que ficassem a salvo dos capangas de Tournier? Por que estava com Jake e Becky no hospital? Eu não estava estendendo nada. Alguma coisa muito estranha estava acontecendo fora do monte Meron, embora muito mais estranha fosse a questão dos sobrenomes da árvore genealógica dos Simonson. Tudo bem que, estatisticamente falando, a quantidade de Simo-alguma-coisa era pequena e podia ser uma mera coincidência, mas, deixando de lado as estatísticas, aquela coincidência era verdadeiramente espantosa, sem falar que os quatro sobrenomes (Simonson, Simonini, Simowicz e Simonsen) significavam a mesma coisa, “filho de Simão”. Minha cabeça começou a rodar, e não porque eu estivesse tonta.

Simão, Simeão, Shimeon, Shimon... Todos eram variações do mesmo antigo nome hebraico. Por sinal, a verdadeira

origem dos quatro sobrenomes devia ser “ben Shimeon”, como o rabino de Susya, Eliyahu ben Shimeon. Mas, por mais surpreendente que isso tudo pudesse parecer para mim (e parecia muito), o que mais me atormentava era o fato de Isabella estar fora do Paraíso Terreno. Por quê? Que diabos a garota estava fazendo em Toronto sem a nossa permissão? Ao menos, Gottfried e Rau estavam ali, no monte Meron, mas isso não significava que o monsenhor Tournier não tivesse capacidade para levar a cabo qualquer outra barbaridade criminosa em Toronto.

— Acho que devíamos ir andando — escutei Abby dizer.

Abby ben Shimeon, não pude evitar o pensamento. E, de repente, me dei conta de mais uma coisa. Abby era o diminutivo de Abigail. Seu nome autêntico era o nome hebraico Abigail. Abigail ben Shimeon. E Jake era diminutivo de Jacob. Jacob ben Shimeon. E Becky? Becky era Rebeca, Rebeca Simonsen, Rebeca ben Shimeon. Como se chamava o filho mais velho de Jake e Becky, aquele que morrera esquiando na Nova Zelândia? Nat, Nathan Simonson! Natan ben Shimeon. E o pai de Abby, o filho mais novo de Jake e Becky? Dan! Daniel ben Shimeon. Os Simonson eram judeus, totalmente judeus, embora tenham se empenhado muito para escondê-lo. Além disso, conheciam a Bíblia e os

evangelhos a ponto de Jake, na primeira noite que esteve em nossa casa, citar um versículo do evangelho de... Mateus. O evangelho de Mateus, o único que os ebionitas seguiam.

Aqueles pensamentos geravam a louca sensação de que minha cabeça era o badalo de um imenso sino, repicando bem no centro de meu cérebro. Os Simonson eram judeus e descendiam do rabino ebionita Eliyahu ben Shimeon?

— Não querem encontrar os ossuários? — insistiu Abby, com certa alegria na voz. — Chegamos ao fim. Os ossuários nos esperam.

Olhei para ela, mas não a reconheci. Não era a Abby Simonson com quem eu convivia havia quase dois meses. Era Abigail ben Shimeon. Eu deveria ter mostrado a Farag as mensagens de Isabella, mas agora não tínhamos mais tempo nem oportunidade. Todos se levantavam para partir em busca dos ossuários e teriam visto se eu lhe entregasse o celular para que lesse algo.

Acendemos as luzes de nossas lanternas e só então vimos a porta. Uma porta de verdade, não uma abertura talhada na parede. Aliás, para fazer jus, estava mais para arco que para porta, um arco de volta perfeita com jambas e aduelas. Era preciso subir alguns degraus para passar debaixo do arco e ver o que havia do lado de trás, que permanecia na

penumbra. Sobre a pedra angular do arco, o símbolo ebionita da estrela de David com a cruz em seu interior estava talhado feito um escudo ou um símbolo do que representava o lugar onde entraríamos.

Abby foi a primeira a subir os degraus e iluminar o interior. O resto de nós entrou em seguida. Sem dúvida, agora eu compreendia a importância que aquilo tinha para ela e seus avós. Todas as peças se encaixavam em minha cabeça.

De repente, havíamos saído de uma montanha e entrado em uma pequena igreja românica perfeitamente construída, com as paredes cobertas por silhares, o piso com paralelepípedos e três naves abobadadas separadas por colunas de toras lisas e capitéis com motivos geométricos.

— Uma sinagoga! — exclamou Gilad assombrado.

Suponho que ele devia ter seus motivos para dizer isso, porque, para mim, aquilo era uma igreja medieval, mais larga do que comprida, é verdade, pois sua largura era de uns cento e vinte metros, enquanto seu comprimento só devia ter uns sessenta. À nossa frente, sobre uma espécie de altar não muito alto, um único ossuário de pedra calcária de cor clara destacava-se como o item mais importante daquele recinto. Atrás dele, havia um altar maior e, ao fundo, velhas

portas de madeira mantendo fechado um armário. Na nave da direita, um grupo de outros oito ossuários idênticos ao anterior formavam um círculo sobre o chão e, na da esquerda, um ossuário solitário, coberto por um vistoso tecido de veludo verde, enrugado e decorado com letras árabes bordadas em dourado, repousava no chão encostado na parede de entrada. De algum modo, por suas posições, sua quantidade e suas localizações, adivinhei de imediato qual era o ossuário de pedra que estava à minha frente, a menos de trinta metros. Mas não quis acreditar. Não ainda. Não assim.

Avançamos até o pequeno altar com passos lentos e tímidos. Imagino que cada um estava vivendo aquele momento de modo diferente, conforme suas crenças, afinidades ou inimizades. Para mim, era uma sensação tão potente, tão poderosa, que eu não sentia que caminhava, nem que avançava, nem que chegava. Só tinha consciência de que ali, na minha frente, estavam os restos da pessoa mais importante da história do mundo, alguém quem eu havia amado imensamente como se fosse Deus e continuava amando imensamente como ser humano. Tinha um intenso sentimento de amor e familiaridade, como o de quem se aproxima da tumba de um pai ou irmão. Jesus de Nazaré, se

é que estava mesmo ali, se é que era Ele de verdade, representava uma das partes mais importantes da minha vida, aquela que lhe conferia sentido, aquela que explicava tudo.

Gilad se inclinou na direção do ossuário, que víamos a partir de uma de suas amplas laterais com um telhadinho de duas águas, e, sem nenhuma reverência, embora com experiência de arqueólogo, passou suavemente a mão sobre o calcário para retirar o pó e a terra que os séculos haviam acumulado. De imediato, ele trouxe à luz duas inscrições cuidadosamente talhadas, escritas com belos caracteres em hebraico e aramaico. Iluminando com sua lanterna e apontando as letras hebraicas com o dedo, ele começou a ler da direita para a esquerda:

— *Yeshua ha-Mashiah ben Yehosef.*

— “Jesus, o Messias, filho de José” — traduziu Farag, com voz de surpresa, como se até aquele momento não tivesse acreditado de verdade que havíamos encontrado os autênticos restos de Jesus de Nazaré.

— Diz a mesma coisa em aramaico — acrescentou Gilad com um murmúrio.

Um soluço subiu por minha garganta e eu caí de joelhos diante do ossuário, inclinando a cabeça. “Jesus, Jesus,

Jesus...”, comecei a repetir dentro de mim como uma salmodia interminável, como uma oração composta por uma única palavra. Desde o início eu sentira medo de que o meu mundo desmoronasse se aquele momento viesse, mas ele não desmoronou. Foi como romper a casca e nascer para uma vida nova, mais livre, mais plena, mais lógica.

Eu não havia notado que Kaspar também caíra de joelhos ao meu lado e que todo o seu corpo agora se inclinava em direção ao piso em um extraordinário ato de humildade e devoção. Percebi porque se encostou em mim e, ao virar a cabeça, vi que ele também, quase deitado no chão, movia os lábios silenciosamente como se estivesse rezando.

Eu não conseguia acreditar que estava mesmo vivendo aquele momento. Tudo acontecia como em um sonho, como se fosse uma festa e eu estivesse recebendo o melhor presente que alguém jamais poderia receber em sua vida. E, então, comecei a rezar. Comecei rezando para Deus, o único Deus, e, sem me dar conta, inseri em meu diálogo Jesus, agradei por tê-Lo encontrado, por ter a oportunidade de viver aquele momento lindo que também mudaria a minha vida para sempre. Foi diante do ossuário de Jesus que, por fim, conheci o meu Deus, o que me acompanharia durante o resto de minha vida, e foi Jesus quem o deu para mim, como

fez em vida com toda a humanidade, ainda que, claro, pessoas como Paulo de Tarso, o pseudoapóstolo, tivessem mudado tudo para criar uma nova religião feita à sua imagem e semelhança, em vez da de Deus e de Jesus.

Uma mão pousou docemente em meu ombro para chamar a minha atenção e, ao me virar, vi Farag fazendo sinal para que olhasse para a nave da direita. Fiquei petrificada quando, seguindo sua indicação, vi Abby Simonson ajoelhada como Kaspar e eu diante de outro dos arquetos de pedra calcária. Farag se inclinou até o meu ouvido:

— Ela pediu a Gilad que procurasse o ossuário de Simão, filho de José e irmão de Jesus, o Messias.

Um lampejo luminoso e elétrico atravessou meu cérebro, deixando-me sem ar. Abigail ben Shimeon havia procurado, em primeiro lugar, os restos de *Shimeon ben Yehosef akhuy d'Yeshua ha-Mashiahh*. Não podia ser por acaso. Não era por acaso.

Enquanto Kaspar continuava rezando diante de Jesus, Abby permanecia ajoelhada em frente aos restos de *Shimeon*, o irmão de Jesus, e Gilad abria com infinito cuidado as portas de madeira antiga do armário da parede ao fundo, levantei-me e tirei meu celular do bolso. Abri o WhatsApp e passei para Farag as mensagens de Isabella sem dizer nada.

Ele leu, olhou para mim transtornado, leu outra vez, olhou para Abby e me devolveu o telefone. Sua cabeça soltava fumaça, como a minha.

— Não pode ser — ele me disse, mexendo os lábios sem emitir nenhum som.

— Pensei que descendiam do rabino Eliyahu ben Shimeon — sussurrei em seu ouvido com uma voz quase inaudível —, mas acho que descendem de *Shimeon akhuy d'Yeshua*, Farag. São descendentes de Jesus!

— Indiretamente — sussurrou. Seu rosto barbudo era a imagem viva da confusão.

— Tão indiretamente quanto você quiser, mas descendem de José e Maria, os pais de Jesus de Nazaré! — sibilei, transbordando inquietação. Ou aquilo era uma irreverência descomunal, uma blasfêmia e uma abominação, ou, do novo ponto de vista concedido pela realidade ao nosso redor, estávamos descobrindo segredos históricos religiosos de proporções inestimáveis.

— Lembre-se de que Eusébio de Cesareia — disse-me Farag — afirma que Judas, *Yehuda*, o irmão de Jesus, teve dois netos.^[1] E é evidente que, se Jesus teve irmãos e irmãs e muitos primos, a maioria deve ter tido filhos e netos. De

fato, há indícios históricos de que existiram descendentes da família de Jesus de Nazaré até meados do século III.

— Os Simonson! — afirmei de forma enfática (ainda que aos sussurros).

— Possivelmente — admitiu meu marido, direcionando o olhar para Abby, que agora se ajoelhava, unia as palmas da mão e inclinava a cabeça diante de cada um dos outros sete ossuários. Quando terminou, ficou de pé e se dirigiu até o ossuário de Jesus de Nazaré, mas, então, percebeu que a observávamos. Parou, olhou para nós, sorriu com afeto e seguiu lentamente o seu caminho até chegar ao lado de Kaspar, ao lado de quem se ajoelhou de novo, embora, desta vez, tenha se inclinando até tocar o chão com a testa.

— O que Gilad está fazendo? — perguntou de repente o meu marido.

Busquei o arqueólogo judeu com o olhar e encontrei-o tirando sacos enormes do interior do armário. Farag e eu, contornando o altar de Jesus e outro altar maior que havia atrás dele, apressamo-nos para ajudá-lo.

— Me deixe dar uma mão — disse Farag.

Mas Gilad recusou.

— São antigos rolos da Torá — disse, depositando-os sobre o altar grande que devia ser o *bimah*, a plataforma de

leitura. — Este armário é a Arca, o *Aron Kodesh*, onde são guardados os rolos em todas as sinagogas do mundo.

— Então este lugar é mesmo uma sinagoga? — perguntei.

Para mim, ainda que fosse uma sinagoga, também era uma igreja. A presença dos restos de Jesus de Nazaré, de Maria, sua mãe, e do resto de sua família transformava aquele lugar no que eu entendia por uma igreja cristã. Ainda que, é claro, como em tudo o que os ebionitas faziam, a mescla entre judaísmo e cristianismo fosse absoluta. Isso já era indicado pela cruz e pela estrela sobre o arco da entrada.

— Uma sinagoga do século XIII, Ottavia — afirmou. — Uma descoberta impressionante.

— Você tem consciência, Gilad, de que ali estão os restos de Jesus de Nazaré? — eu não pretendia incomodá-lo, só me surpreendia porque ele estava mais impressionado com a sinagoga que com os ossuários. Ele parou de repente.

— Eu deveria ter demonstrado mais respeito? — preocupou-se. Para ele, Jesus não significava nada, e seu medo era ter se comportado de forma inapropriada sem haver se dado conta.

— Não, não — tranquilizou-o Farag. — Não é necessário.

Gilad assentiu com a cabeça e foi buscar o quinto e último rolo da Torá. Havia quatro rolos sobre o *bimah*, enfronhados em sacos de veludo negro e lindamente bordados em prateado com letras hebraicas e representações das tábuas de Moisés, as que continham os Dez Mandamentos. Escapavam dos sacos as extremidades de cilindros de prata enegrecida, em torno dos quais deviam estar enrolados os pergaminhos com os textos dos cinco livros da Torá, aqueles que nós chamamos de Pentateuco (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio).

E, então, escutei o já clássico som daqueles dispositivos nos quais pisamos por toda a montanha durante onze dias e me virei rapidamente para o seu ponto de origem: o *Aron Kodesh*, a Arca Santa, de onde Gilad acabara de tirar o último rolo da Torá. Ele também ficara petrificado, transformado em uma estátua com o enorme rolo nos braços.

— Oh, oh! — deixou escapar Farag, esperando, assim como Gilad e eu, que alguma catástrofe ocorresse naquele mesmo momento.

Naquele instante, comecei a escutar o chiado da areia se movendo por trás de todas as paredes daquela sinagoga cristã. Enormes quantidades de areia se deslocavam a toda a velocidade, dando lugar em seguida à já conhecida

trepidação metálica de inúmeras correntes se enrolando ou desenrolando. Kaspar se levantou de um salto e, junto com Abby, aproximou-se de nós.

— O que houve? — perguntou com seu vozeirão grave. Estava com os olhos úmidos.

Farag e eu apontamos acusadoramente para Gilad, que continuava sem se mexer enquanto segurava nos braços o monumental rolo da Torá. Devia ser muito forte para aguentar por tanto tempo o peso daquele fardo.

Naquele momento, o mais espantoso de todos os ruídos, aquele da fricção entre duas pedras, deixou-me de cabelo em pé porque, além disso, veio acompanhado por um terremoto no teto e um ruído de correntes se soltando de supetão. Mas a parte do teto que se desencaixou com um grande estrépito, entre chiados, rangidos e estalidos, ficava no centro da nave esquerda, onde, grudado à parede da porta, continuava o ossuário de Hassan i-Sabbah, o fundador da seita dos Assassinos (ou dos ismaelitas nizarins), a quem não havíamos dado a menor atenção. Se Sabira ainda estivesse conosco, certamente teria sido o momento mais importante de sua vida, mas só havíamos reparado agora em sua presença, limitando-nos a adivinhar de longe a quem pertenciam aqueles restos.

A ampla passarela de pedra que caiu do teto feito um tobogã, presa a duas correntes na extremidade, que tocou o chão a uns cinco metros do ossuário de Hassan i-Sabbah, abria-se para o exterior, deixando entrar raios de luz e ar da montanha (além de uma quantidade enorme de terra, folhas, raízes, plantas e, provavelmente, também uma grande quantidade de insetos, que sujaram o pavimento da sinagoga).

Ainda não havíamos nos recuperado do susto quando um esquadrão paramilitar com roupas camufladas e munidos de toda sorte de armamentos começou a descer pela passarela apontando os fuzis para nós.

Capítulo 40

Abby deu um passo à frente.

— Sou Abby Simonson — disse com a voz de presidente do Simonson Finance Group.

Um dos paramilitares falou no microfone que tinha preso ao ombro. Os outros baixaram as armas. O que estava à frente e havia pisado no chão pavimentado caminhou até ela.

— Capitão Roy Madden, esquadrão de segurança da Fundação Simonson.

Uma figura alta e magra como um palito, que exibia uma linda cabeleira solta de cor castanho-claro, desceu correndo pela passarela.

— Tia Ottavia! — gritou feito uma louca. — Tio Farag!

Os paramilitares tiveram que se afastar para dar passagem àquela doida que, com um salto acrobático, havia se lançado em meu pescoço e me abraçava como quando era pequena. Isabella, que não se destacava exatamente por ser carinhosa, abraçava-me e beijava-me como se tivesse perdido a cabeça e, antes que eu pudesse reagir, já havia me

soltado e abraçava e beijava o tio Farag, que naquele momento parecia o homem mais feliz do mundo.

— Isabella! — balbuciei, incrédula. O que estava fazendo lá, como havia chegado, o que significava aquilo?

Mas Isabella já havia soltado seu tio e estava cumprimentando Kaspar e Abby.

— Como estão? — perguntou aos quatro.

— Abby! — exclamou nesse momento uma voz no alto da passarela.

Uma estupenda e milagrosamente recuperada Becky Simonson, vestida com uma elegante e estilosa roupa de montanhismo que caía nela como uma luva, desceu muito mais rápido do que uma mulher com sua avançada idade podia se permitir para chegar até a sua neta, e as duas mergulharam em um abraço tão longo que Jake, também fantasiado de alpinista e mais lento em seus passos, apesar de seu aspecto magnífico, teve tempo para chegar até elas, e os três ficaram assim, unidos por um tempo que me pareceu eterno, embora Isabella estivesse pendurada em meu pescoço outra vez e grudada em mim feito chiclete.

— Que diabos...? — comecei a perguntar.

— Calma, tia. Tudo tem explicação. Agora, devemos sair daqui o quanto antes. Esses mercenários precisam percorrer

o monte Meron para encontrar o grupo de Spitteler e Rau, que estão aqui em algum lugar. Parece que estavam atrás de vocês.

— O quê! — exclamei horrorizada.

— Em Tel Aviv nós contaremos tudo — cortou minha sobrinha, apertando-me ainda mais em seus longos braços. Estava tão carinhosa que eu nem a reconhecia. Ao menos, pensei aliviada, não tinha resolvido se tornar staurofílax e ficar no Paraíso Terreno com aquele rapaz de quem gostava. Assim que eu tivesse oportunidade, faria uma inspeção de corpo inteiro para ver se não estava escondendo de nós nenhuma escarificação.

Gilad havia se aproximado de nós três enquanto Kaspar, o maior Judas da história da humanidade depois do próprio Judas, continuava ao lado de Abby e cumprimentava, enfim, Jake e Becky como se não estivesse nem um pouco surpreso de vê-los ali, inteiros e em perfeito estado.

O capitão Roy Madden se aproximou de Jake.

— Senhor — ele disse —, vocês devem partir o quanto antes.

— E a equipe de arqueólogos?

O soldado com o microfone no ombro voltou a falar com alguém do lado de fora.

— Já vão descer — anunciou.

— Os helicópteros para o transporte estão prontos — explicou o capitão. — Meus homens e eu vamos entrar na montanha. Saiam e retornem a Tel Aviv. Manteremos os senhores informados.

Mais paramilitares da Fundação haviam descido por aquela passarela equipados com todo tipo de materiais, tanto bélicos como de alpinismo. Deviam ser uns vinte e, atrás deles, outras dez pessoas vestidas com aventais brancos e carregando dez caixas de metal desceram até a sinagoga para se encarregar dos ossuários.

— Posso ficar? — perguntou Gilad a Jake Simonson. — Há muitas coisas aqui para serem resgatadas e estudadas.

— Tudo o que está aqui, senhor Abravanel — respondeu Jake com educação — será transferido para um lugar seguro, onde garanto que será meticulosamente estudado com tempo, meios e tranquilidade. Mas, agora, devemos partir.

— Não, Jake — eu me opus. — Não vou sair daqui sem o corpo de Sabira Tamir.

Jake e Becky olharam para os dois lados à procura da arqueóloga Assassina.

— O que aconteceu? — perguntou Becky, alarmada.

Contamos do acidente e dissemos onde estavam seus restos e a dificuldade que seria recuperá-los.

— Capitão Madden! — chamou Jake. — Tenho outra missão para o senhor.

O paramilitar da Fundação assentiu sem mover um músculo do rosto. Lembrou-me Kaspar, embora Madden fosse muito mais atraente que o ex-Catão.

— Não tem problema — indicou-nos Jake com tristeza. — Resgatarão o corpo de Sabira Tamir assim que terminarem com o grupo de Hartwig e Spitteler. Vou conversar com o príncipe Karim e explicar o ocorrido.

— Vamos embora já — urgiu Becky, que, para quem havia sido atropelada por um gigantesco caminhão madeireiro e esmagada por troncos descomunais, estava com um aspecto esplendoroso e vigor e saúde surpreendentes.

Enquanto subíamos pela rampa para sair do monte Meron, dei uma última olhada no ossuário de Jesus de Nazaré. Duas pessoas, um homem e uma mulher com aventais brancos, estavam içando-o cuidadosamente de seu pequeno altar para introduzi-lo em uma daquelas caixas metálicas. Eu queria guardar aquela imagem como a

lembrança mais valiosa de minha vida, porque tinha certeza de que nunca mais voltaria a vê-lo.

Quando saímos para o exterior, a luz do meio-dia me cegou, e nem vou comentar o caso de Farag, que colocou o braço sobre os olhos, incapaz de suportar tanta claridade. Mas os Simonson, os ben Shimeon, para ser mais específica, jamais faziam as coisas pela metade. Outra equipe que parecia ser de primeiros socorros nos ofereceu óculos de sol completamente escuros, daqueles que cobrem até as laterais do rosto, e garrafinhas de água, que esvaziamos com deleite. Aos três homens, ofereceram também camisetas limpas, do tamanho certo, e tiraram ali mesmo pressão, temperatura e amostras de sangue e saliva de cada um de nós. Isabella saltitava ao redor de seu tio e de mim como fazia aos onze ou doze anos de idade. Parecia nervosa como um passarinho, pois era jovem demais para as incríveis experiências que estava vivendo. Antes de sairmos da sinagoga, havia largado do meu pescoço e se aproximado timidamente do ossuário de Jesus, ficando ali parada e em silêncio até que Becky pediu que fôssemos embora. Eu não sabia o que havia passado por sua cabeça, mas, levando em conta a péssima influência que era o seu tio e o abandono de sua família em Palermo, eu teria que me esforçar muito para explicar a ela

tudo aquilo para que compreendesse bem e não lhe causasse uma crise de fé irreparável.

No exterior fazia muitíssimo calor e, ainda assim, a equipe da Fundação nos cobriu com tecidos muito finos de cor azul-celeste que, para a minha surpresa, estavam agradavelmente frescos. Senti um alívio imediato. Jake e Becky, com a ajuda de dois socorristas, iniciaram a curta subida até a parte de cima, a apenas dez metros de onde havíamos saído. Abby e Kaspar foram atrás com seus óculos e lençóis azuis, acompanhados por outros dois socorristas. Isabella foi atrás deles dando saltos pelo monte, e Gilad, Farag e eu fomos os últimos, também acompanhados por um simpático profissional que nos ajudou a chegar até lá em cima, onde cinco enormes helicópteros ativaram as hélices assim que nos viram chegar. Subimos, os oito, em um daqueles monstros voadores, que comportavam não apenas todos nós, como também a equipe que acompanhava os Simonson, e, em poucos minutos, decolamos e começamos a viagem de retorno a Tel Aviv. Presumi que o restante dos helicópteros recolheria os paramilitares e seus prisioneiros, bem como a equipe de arqueólogos e sua importantíssima carga.

Estávamos fora. Eu não conseguia acreditar, mas estávamos fora. Havíamos saído e encontrado os ossuários. Um sorriso de felicidade começou a se desenhar em meu rosto e, de repente, eu não precisava mais dos óculos escuros e do lençol fresco. Queria ver o mundo pela janelinha do helicóptero. Queria ver o céu, as nuvens, a terra, o verde das montanhas, as manchas das cidades, as linhas das estradas. Queria voltar ao século XXI, pelo amor de Deus, pois já estava farta do século XIII! Sentia-me exultante, feliz. Furiosamente feliz. Havíamos conseguido! Éramos os melhores!

Farag olhou para mim e sorriu, adivinhando meus pensamentos. Ele também tirou os óculos escuros e o lençol. Dentro daquele aparato voador havia ar-condicionado, e a luz externa nos chegava muito filtrada pelos vidros escurecidos. Nós dois nos olhamos e começamos a rir. Era um riso frouxo, desses que não conseguimos interromper mesmo se quisermos, embora ninguém nos escutasse devido ao barulho das hélices. Eu estava explodindo de tanta felicidade. Isabella, sentada ao lado de Farag, também começou a rir, primeiro por contágio ao ver seus tios rindo, e então, suponho, pelas mesmas razões que nós: por termos conseguido fazer tudo, por ver nós dois sãos e salvos fora do monte Meron e longe das armadilhas das bem-

aventuranças, dos ebionitas... No fim, as catorze ou quinze pessoas que estavam na grande cabine (contando a equipe de socorristas) acabaram às gargalhadas.

Mas espera um pouco!, pensei, olhando para Jake, Becky e Abby. Não, nada disso, não havíamos nos salvado dos ebionitas. De modo algum. Eles estavam bem ali, nos assentos à nossa frente. Mais que isso, éramos seus prisioneiros. Meu olhar ficou turvo. Éramos prisioneiros dos ebionitas do século XXI! Além disso, percebi imediatamente que não estávamos voando sozinhos: outros sete ou oito helicópteros militares, camuflados como os que haviam nos acompanhado na viagem até Susya, voavam ao redor do nosso. Deviam ter ficado à espera no ar até nossa decolagem. Estávamos presos e não sabíamos ao certo para onde nos dirigíamos. E se quisessem tanto guardar seu segredo que precisassem nos silenciar... para sempre? Fingindo cansaço, voltei a colocar os óculos escuros para que não percebessem em mim o instinto assassino da fera encurralada.

Menos de uma hora depois, nosso helicóptero aterrissou em um dos luxuosos jardins do Hilton Tel Aviv enquanto a bateria de helicópteros de escolta se perdia em meio às nuvens e desaparecia. Ninguém nos perguntou nada. Tudo o que devia ser feito parecia ter sido organizado de antemão.

Fomos levados discretamente até os nossos quartos, aqueles que deixamos doze dias antes (para mim, pareciam ser doze meses ou, até mesmo, doze anos), e lá estava nossa bagagem com todas as nossas coisas. Em um cantinho do refeitório da suíte, a mesa transbordava de comida. Era quase hora do jantar. Mas, antes disso, devíamos tomar uma ducha e remover as grossas camadas de sujeira que tínhamos grudadas no corpo. Deixei Farag com Isabella e tomei banho primeiro. Foi um prazer sair limpa e colocar uma roupa confortável. Farag aproveitou sua vez no banheiro para fazer a barba de duas semanas. Enquanto ele tomava banho, tentei arrancar informações da garota, mas só o que consegui foi acabar contando a ela, por alto, tudo o que havia acontecido dentro do monte Meron. Farag apareceu de repente, tão limpo e belo que só me contive por causa da presença de Isabella. E, por que negar, também pelo cansaço.

Às seis e meia nós nos sentamos para jantar. Lembro-me do horário porque a menina falou quando começava a devorar aquela comida abundante e succulenta, que não podia ser *kosher* de jeito nenhum, eu tinha certeza. Então Farag e eu tentamos juntos fazer com que Isabella nos explicasse, de alguma forma, por que estava lá, e não no Paraíso Terreno,

para onde a enviamos. Mas ela, teimosa como uma boa Salina, não disse um ai. Negou-se redondamente a dizer meia palavra que fosse, defendendo-se com o argumento de que saberíamos de tudo em seu devido momento porque, agora, não entenderíamos nada. Só aceitou nos contar como havia descoberto a questão dos sobrenomes.

— De início, não encontrei nada de anormal — explicou, pegando com o garfo um monte de salada —, mas, como em Stauros eu tinha muito tempo livre, fui seguindo pistas aqui e ali. Me surpreendi um pouco quando descobri o sobrenome de solteira de Becky, porque era muito parecido com o de Jake. Quando descobri que, em norueguês, a terminação *ssen* significava “filho de”, como *son* em inglês ou *ini* em italiano, a coisa começou a ficar interessante. Procurei os antepassados conhecidos de Jake e vocês já sabem o que descobri. Não me pareceu que fosse por acaso.

— Quando li suas mensagens de WhatsApp — comentou Farag, cortando seu *entrecôte* —, lembrei-me do costume das casas reais de casarem sempre entre si. O problema é que, pelo fator consanguíneo, acabavam todos deformados ou com doenças raras. Agora se casam com plebeus e já não têm esse problema.

— Sim — disse Isabella —, mas os Simonson têm muitos ramos diferentes e nem sempre casam entre si. Nenhum dos netos e bisnetos de Jake e Becky que eu conheci, incluindo Abby, parece ter qualquer coisa de estranho. Acho que fazem isso de propósito, de forma meticulosamente calculada.

Terminado o jantar, escutamos batidinhas na porta e Isabella foi abrir. Era um dos médicos e um dos enfermeiros que haviam nos acompanhado desde o Meron até Tel Aviv no helicóptero. O médico nos trazia comprimidos para dormir. Isabella insistiu que os tomássemos enquanto o enfermeiro cuidava das queimaduras no torso de Farag e o médico tirava dos meus pés os restos chamuscados das suturas cutâneas, que continuavam grudadas como se já fizessem parte de meu corpo. Eu, é claro, recusei-me a tomar o comprimido. Não havia nenhum rótulo que identificasse a marca ou a composição do medicamento, que havia sido enviado por ebionitas. Não dava para confiar. Mas, quando me virei para Farag com o intuito de adverti-lo para que não tomasse aquela pílula desconhecida, o tolo do meu marido já tinha feito isso e havia esvaziado o copo de água incriminador que ainda segurava na mão.

Isabella, como se fosse uma adulta cuidando de duas crianças, deu um beijo em cada um (isso passaria, eu tinha

certeza; assim que retornássemos à normalidade, pararia de dar beijos a torto e a direito), desejou-nos bons sonhos e saiu com o médico e o enfermeiro.

— Ela está esquisita, não é? — perguntou Farag quando ela fechou a porta.

— Em que sentido? — respondi. — Por estar tão carinhosa ou porque foi para o lado dos ebionitas?

Farag riu.

— Você não estava com medo de que ela se tornasse staurofílax?

— E você acha que ela vai escapar de uma inspeção completa? — repliquei.

— Então, staurofílax e ebionita.

— Enquanto eu não conseguir falar tranquilamente com ela — respondi —, não saberei o que pensar. Não é normal tantos beijos e abraços. Devem ter feito alguma lavagem cerebral no Paraíso Terreno, ou foram os próprios ben Shimeon.

— Eu gosto que ela dê beijos e abraços — admitiu Farag, indo para o dormitório. — O comprimido que eu tomei deve ser muito forte. Estou pegando no sono.

— Já está com sono? — perguntei surpresa, ao mesmo tempo que dissimulava um bocejo. Não há nada pior que um

estômago cheio para cair duro na cama, mas temi que ele não acordasse nunca mais daquele sono químico. Se isso acontecesse, eu mataria os Simonson.

— Espero conseguir vestir o pijama — ele me respondeu, gaguejando como se estivesse bêbado.

Ele conseguiu vesti-lo. Quem não conseguiu fui eu que, sem comprimido nem nada, acordei de madrugada tombada no sofá e fui direto para a cama, deixando o corpo cair feito um peso morto.

Dormimos treze horas, até as nove em ponto, quando o telefone do quarto tocou e, naturalmente, era o maldito ex-Catão.

— Kaspar está perguntando se já estamos acordados — repetiu Farag, achando muita graça ao relembrar os despertares dentro da montanha.

— Diga que não e mande-o para o Meron ver se estou lá — resmunguei com a boca torta na ponta de meu travesseiro.

— Fomos convidados para tomar o café da manhã na suíte dos Simonson, no último andar.

— Podem mandar todos ao Meron — insisti.

— Disse que Gilad vai para Jerusalém e gostaria de se despedir de nós.

Abri os olhos de repente.

— Gilad vai embora? — perguntei, totalmente desperta.

— Foi o que disse — respondeu meu marido, desligando o telefone. — E para nos apressarmos.

— Para variar! — eu disse, saltando da cama vestida com as mesmas roupas que havia colocado na noite anterior. Ainda sentia dores e pontadas em diversas e distintas partes do corpo, mas me sentia descansada e forte.

— *Basileia*, no fim você tomou o comprimido! — riu o meu marido ainda deitado na cama ao me ver vestida.

— Não tomei nada — resmunguei, correndo para o banheiro. — Entrei em coma sozinha.

Meia hora depois, de banho tomado e arrumados como pessoas normais, e não como expedicionários, caminheiros, exploradores ou alpinistas (Farag estava com uma camisa branca de colarinho chinês, com calças e sapatos marrons, e eu com um vestido de estampas florais vermelhas), tocamos a campainha da suíte presidencial no décimo sétimo andar. Um sujeito troncado como Kaspar e com um fone na orelha abriu a porta e nos convidou a entrar. Na sala, que tinha uma vista impressionante do Mediterrâneo e do porto de Jaffa, já estavam reunidos Isabella, Jake, Becky, Abby, Kaspar e Gilad.

Kaspar e Gilad, sem barba, pareceram-me um pouco estranhos.

O arqueólogo israelense, vestindo elegantes calças pretas e uma bela camisa azul, aproximou-se de nós, sorridente.

— Dra. Salina — disse, inclinando-se diante de mim. — Prof. Boswell — e lhe estendeu a mão.

— Subdiretor Abravanel — respondeu meu marido, continuando com a piada e apertando a mão estendida.

— Foi uma honra trabalhar com os senhores — murmurou Gilad, emocionado. Sua pele branca ficou corada com um vermelho leve, parecido com o de seu cabelo.

— Então — respondi, nervosa —, é verdade que você vai partir?

— Terminei o trabalho para o qual fui contratado — explicou-me com certo tom de melancolia. — Foi a experiência mais importante de minha vida.

— A qual jamais poderá comentar com ninguém — observou discretamente Jake Simonson às suas costas.

Gilad se virou para ele.

— De fato — afirmou. — É o que estipula o contrato, e vou cumpri-lo. Além disso, os senhores foram muito generosos, extraordinariamente generosos em tudo. Por favor, contem comigo para o que precisarem.

— Mas você vai trabalhar para a Fundação Simonson, Gilad! — divertiu-se Abby, que vestia uma bela calça bege e uma blusa branca, sem mangas e de cintura fina, com uma sanefa de pedrinhas brilhantes ao redor da gola redonda.

Agora, a pele do arqueólogo judeu se tingiu de um vermelho intenso.

— Eu me referia a... — começou a dizer, abarcando com os braços Kaspar, a própria Abby, Farag e eu.

— Nós entendemos — assentiu Kaspar, aproximando-se dele e dando um de seus abraços de urso. Quando Kaspar o soltou, foi Abby quem lhe deu um abraço, e depois Farag. Ou seja, eu também teria que abraçá-lo para não passar por chata. Tentei fazê-lo da forma mais espontânea e natural possível, e acho que consegui.

Becky, que estava com um vestido de verão de cor carmim e um colar combinando, ofereceu sua mão de pele transparente – agora sabíamos que era de origem norueguesa –, e Gilad a pegou e se inclinou diante dela. Depois, apertou a mão estendida de Jake.

— Obrigado, rapaz — disse Jake como despedida. Aquela gratidão era sincera e muito grande, e percebia-se tanto em sua voz como em sua expressão.

A nova Isabella, que dava beijos em qualquer um que aparecesse pela frente, estendeu para ele timidamente a mão, e Gilad a apertou com um sorriso de simpatia. Então, dirigiu-se até a porta.

— Me deem um toque se passarem por Israel — sussurrou antes de sair da suíte. O sujeito com um fone na orelha saiu atrás dele, fechando a porta. Senti um vazio muito grande dentro de mim. Quem teria dito que nos conhecíamos não havia nem quinze dias? Passamos por tanta coisa juntos! Enfrentamos juntos tantos perigos!

— Ei, acordem! — divertiu-se Becky.

Isabella, Jake e Becky já estavam sentados nos sofás e poltronas. Só Kaspar, Abby, Farag e eu continuávamos de pé, olhando silenciosos para a porta por onde Gilad havia saído.

Movimentamo-nos como marionetes, aturdidos. Enquanto nos sentávamos, um silencioso e discreto exército de camareiros apareceu trazendo da cozinha da suíte carrinhos cheios de pratos e jarras para o café da manhã. Como eram muitos, serviram-nos em um piscar de olhos e, em seguida, desapareceram pela mesma porta por onde Gilad havia saído.

— Bem, enfim sós! — brincou Jake. — Agora poderemos falar tranquilamente de tudo o que aconteceu e vamos lhes

contar muitas coisas que ainda não sabem.

Senti a ira subir por minha garganta.

— Você se refere, Jake, ao fato de que vocês três — e apontei para eles com o dedo Salina — são ebionitas, e que por suas veias corre o sangue de Jesus de Nazaré?

Jacob, Rebeca e Abigail ficaram petrificados.

Capítulo 41

— E, além disso — prossegui, cada vez mais irritada —, por que tiraram Isabella do Paraíso Terreno sem a nossa permissão?

— Sou maior de idade! — protestou a garota.

— Fique calada! — ordenei com uma expressão no rosto que não admitia discussão.

— Vejamos, Ottavia... — começou a dizer o ex-Catão, como se fosse o mediador acordado por ambas as partes.

— Você também, calado! Ou quem diabos você acha que é? — provoquei agressivamente. — Estamos falando de nossa sobrinha.

— Tudo bem — admitiu, recostando-se no sofá.

— De nossa sobrinha — repeti, inflamada — e, por sinal, da razão de vocês terem mentido e nos enganado de forma vil desde o início para que nos enfiássemos naquela maldita montanha, onde quase perdemos nossas vidas diversas vezes.

— *Basileia*, por favor — rogou meu marido em tom conciliador. — Deixe que se expliquem e, depois, pode se

irritar.

— Já estou irritada!

— Por isso estou dizendo — insistiu ele. — Mude a ordem dos fatores, vamos.

Tentei me acalmar, mas estava tão alterada que poderia ter feito o imenso edifício do hotel ruir só com a metade de minha cólera. Devia estar com a pressão nas nuvens. Respirei fundo várias vezes e lancei olhares acusadores para os velhos Simonson.

— Deem-me uma boa explicação — exigi com rispidez.

Para mim, pouco importava que fossem familiares distantes de Jesus de Nazaré. Não pretendia me ajoelhar diante deles por isso. Eu também descendia de uma família com a qual não tinha nada a ver, embora compartilhássemos o mesmo sangue.

O pesado silêncio durou muito tempo. E, como sempre, foi Becky quem, no fim, teve a coragem necessária para enfrentar a situação.

— Nós não tiramos Isabella do Paraíso Terreno — disse com voz firme. — Isabella se ofereceu para ajudar os especialistas em informática da Fundação a criar uma malha de redes perto do Meron muito mais potente que a anterior. Precisávamos conseguir segui-los sem perder o seu sinal. O

Catão Glauser-Röist havia dado ordens aos engenheiros do Paraíso para que trabalhassem em conjunto com os da Fundação. Sua sobrinha Isabella veio com outros dois staurofílakes para criar a nova malha.

— Nós não a tiramos de lá — insistiu Jake, caso não tivesse ficado bem claro para mim que havia sido a própria Isabella quem, agindo de *motu proprio*, abandonou o lugar onde seu tio e eu acreditávamos que estaria a salvo de monsenhor Tournier e seus assassinos. Devia estar muito impressionado com minha atitude, porque, apesar da enorme quantidade de doces e coisas gostosas que tinha à sua frente para o café da manhã, não havia pegado nenhum.

— E que história foi aquela do caminhão madeireiro e o acidente que quase acabou com suas vidas? — perguntou Farag, dando por encerrado o assunto de Isabella.

Jake e Becky baixaram o olhar para o chão com muita tristeza. Não pareciam capazes de falar.

— Os fatos daquele vinte e sete de junho — começou a explicar Abby — não ocorreram bem como nós lhe contamos.

— Não me diga! — indignei-me.

Abby me ignorou.

— Ficamos sabendo da morte de meu tio Nat na Nova Zelândia algumas horas antes do que foi informado. A diferença de fuso jogou a nosso favor. Meus avós estavam desolados, como podem imaginar, e os gabinetes de crise previram um ataque de grande escala por parte dos homens de Tournier. Se haviam assassinado meu tio Nat, era muito provável que sua morte fosse apenas o início. Em seguida, iriam atrás dos negócios familiares, de meus avós ou de qualquer Simonson. Tudo era possível. A Fundação colocou em andamento uma grande operação de segurança, que mostrou ser um acerto quando o carro onde meus avós em teoria deviam estar viajando foi atacado por um caminhão madeireiro. Mas os meus avós estavam em uma espécie de *bunker*, um quarto de pânico presente em todas as nossas casas, completamente seguros. O motorista se salvou por milagre. Ele, sim, foi hospitalizado. Menos mal que estava dirigindo um de nossos carros blindados.

— Possivelmente — comentou Jake, triste e sério —, Tournier ainda ache que estamos mortos, como nosso filho Nat. Vai se surpreender muito quando descobrir que não é o caso. E pagará muito caro pela vida de Nat.

— Então vieram os incêndios em nossos poços petrolíferos — continuou Abby, quase tão irritada e

encolerizada quanto eu, ainda que por motivos distintos. — Conseguimos manter a informação e o valor das ações sob controle por puro milagre. Aquele dia foi um pesadelo exaustivo. E o toque final, como vocês bem devem lembrar, foi o incêndio em sua casa à noite. Tournier, Spitteler e Hartwig, meu ex-marido, estavam decididos a matar todos vocês: Kaspar, o pequeno Linus, Isabella e vocês dois.

— Se os políticos perdem suas ideologias quando chegam ao poder — comentou Becky, secando uma lágrima com os dedos —, ocorre algo semelhante com a hierarquia eclesiástica do mais alto escalão no que diz respeito à fé e às crenças evangélicas. Nunca se deve generalizar, é verdade, mas costuma acontecer com frequência.

— Qualquer tipo de poder corrompe — murmurou Kaspar, adaptando a famosa frase do historiador britânico John Acton. — E qualquer tipo de poder absoluto corrompe absolutamente. Isso é algo que jamais devemos esquecer.

— Por isso ficamos escondidos até agora — concordou Jake, cruzando os dedos retorcidos sobre o abdome magro. — Deixamos que Ben, nosso segundo filho...

— Benjamin ben Shimeon, suponho — falei, cheia de maldade.

— Sim, de fato — sorriu Jake. — Benjamin Simonson. Agora, Ben dirige todos os negócios. Dessa maneira, deixamos que Tournier achasse que acabou conosco e, por outro lado, aproveitei para me aposentar, pois já era tempo.

— Muito bem, o mais urgente já foi esclarecido — aceitei, cruzando as pernas com uma expressão tranquila para que vissem que eu havia me acalmado. — Agora, se não se importam (e se se importam, para mim tanto faz), expliquem por que ocultaram o fato de que eram ebionitas e descendentes de Jesus de Nazaré.

— Não somos descendentes de Jesus de Nazaré — indignou-se Becky. — Yeshúa não teve filhos. Descendemos de seu irmão, Shimeon. O segundo irmão, Jacob (ou São Tiago, como é agora conhecido), morreu no ano 62 e foi nosso antepassado Shimeon, o quarto irmão, que o sucedeu à frente da hoje chamada Igreja de Jerusalém. Foi Shimeon quem tirou a comunidade judaico-cristã, ou ebionita, de Jerusalém quando os romanos destruíram o templo no ano 70. Mas, àquela época, Paulo já havia assumido o controle da nova religião que se difundia pelo império. De repente, nós, os descendentes de Shimeon, assim como o resto da ampla família de Jesus e os muitos seguidores de seus verdadeiros ensinamentos, havíamos nos tornado hereges e começamos

a ser desprezados e perseguidos pela Igreja de Paulo. Mas sobrevivemos e, por isso, nós, os descendentes de Shimeon, conservamos o sobrenome através das gerações. Por respeito e orgulho.

— E vocês três são ebionitas — acrescentei.

— Somos judeus — respondeu Jake, atrevendo-se a pegar um pequeno croissant de um dos pratos —, judeus da casa de David. Cumprimos os mandamentos judaicos e adoramos a Deus. Circuncisamos nossos filhos, respeitamos o sabá e seguimos as regras alimentares *kosher*. Lemos e estudamos a Torá.

A comida que consumimos em sua casa durante semanas, enquanto estudávamos Marco Polo, era *kosher*? Impossível.

— E somos cristãos — acrescentou Becky. — Acreditamos que Jesus de Nazaré foi o Messias do povo de Israel e fomos batizados na água em nome de Yeshúa. Acreditamos que ele morreu por nós para fazer com que sua mensagem de verdade, de amor e paz, chegasse a nós, ensinando-nos a amar todos por igual e nos aproximando de um Deus que também nos ama.

— Em resumo — observou Farag —, são ebionitas.

Houve um instante de silêncio.

— Sim — disse Abby, por fim. — Somos ebionitas.

— E por isso — perguntei — queriam encontrar os ossuários de Jesus e de sua família? Porque são seus antepassados?

Jake fez que não com a cabeça.

— Não, não por serem nossos antepassados — declarou, engolindo rapidamente o doce que tinha na boca —, mas porque nós, ben Shimeon, fomos os guardiões e protetores dos ossuários até julho de 1187, quando, como bem sabemos, um dos emires de Saladino, Muzafar al-Din Kukburi, saqueou Nazaré e levou-os consigo.

— Mas a existência dos ossuários — objetei — era conhecida desde o início daquele ano. A carta de Dositheos, patriarca de Jerusalém, dizia que em 6 de janeiro havia sido descoberto em uma caverna um antigo sepulcro judeu com vinte e quatro ossuários, cada um com diversos corpos...

— Todos eles — interrompeu-me Becky — descendentes de *Yehosef ben Yaakov*, José filho de Jacob, e de sua mulher, *Miryam bat Yehoyakim*, Maria filha de Joaquim, nossos antepassados e pais de Yeshúa, de Shimeon etc. Não estavam todos lá, é claro, só os que ficaram em Nazaré depois do século I, que, basicamente, eram os ben Shimeon.

— Bem — prossegui —, mas, quando foi encontrada a caverna onde também estavam os nove ossuários da família

original em uma cavidade à parte, Letardo, o arcebispo latino de Nazaré, mandou selar o sepulcro para que as pessoas não fossem lá rezar para o corpo de Jesus. Imagino que, a partir daquele momento, vocês perderam o controle sobre os ossuários.

— Não, aquilo não foi um grande problema — corrigiu-me Jake ao mesmo tempo em que pegava um biscoito; para ele, pouco importava que os outros não tivessem começado a tomar o café da manhã. Não era capaz de controlar sua gulodice. — Os ossuários continuavam em seu lugar, e o sepulcro era de nossa propriedade.

— A casa original da família em Nazaré — explicou Becky — ficava justo embaixo do lugar ocupado hoje pelo convento das Damas de Nazaré. A casa, como todas da região naquela época, era uma caverna natural ampliada para a construção de quartos, com uma ou duas paredes construídas na fachada para fechá-la, que também constituíam um cômodo. Com o tempo, como as famílias que descendiam de José e Maria eram de agricultores sem muito dinheiro, decidiu-se transformar aquela caverna em sepulcro, porque todos já tinham suas próprias casas. Assim, legalmente, a propriedade era nossa, embora Letardo estivesse empenhado em interditá-la ao culto dos fiéis de Yeshúa.

— Nossos antepassados jamais suspeitaram — apontou Jake com indignação — que a Igreja latina, a católica, tramava sua destruição. Se soubessem, teriam se mudado, mas nada levantava a suspeita de que algo assim pudesse ocorrer.

— O que ocorreu — acrescentou Becky — foi que o emir de Saladino levou os ossuários.

— Foi então que os perdemos — disse Jake. — Shimeon, o irmão de Jesus, havia encarregado seus descendentes de protegerem os ossuários por medo dos romanos. Então, os séculos passaram, mas os ben Shimeon continuaram cumprindo com o seu compromisso. Até aquele terrível julho de 1187. Claro que seguimos a sua pista. Jamais os abandonamos. Sempre estivemos na cola deles.

— Por isso sabíamos, mais ou menos — divertiu-se Becky — onde e o que devíamos procurar. Porque conhecíamos a história que havia chegado até nós através de nossas famílias. Com o tempo, os ben Shimeon se dividiram e, ainda que alguns ramos tenham se perdido, restaram no fim quatro famílias principais.

— Os Simonson — disse Farag —, os Simonini, os Simowicz e os Simonsen.

— Como sabem disso? — estranhou Abby.

— Está na internet — admitiu Isabella.

Abby olhou para ela, perplexa.

— É a era da informação livre, vô e vô — riu por fim a herdeira, olhando para Isabella com ternura. Então, inclinou-se sobre a mesa e começou a servir chá e café para todos.

Naquele momento, percebi que Kaspar não fizera perguntas. Já sabia tudo aquilo de que estávamos falando? Se era o caso (e parecia lógico que fosse, tendo em vista sua relação com Abby), o sujeito soubera ficar de boca fechada até mesmo diante de nós, seus amigos.

— Todos os membros dos quatro ramos da família — perguntou Farag — conhecem a história?

— Não — contradisse Jake —, só os patriarcas...

— Ou as matriarcas — emendou Becky.

—...e seus cônjuges, é claro, e o filho ou neto...

— Ou filha ou neta — voltou a intervir Becky.

—...escolhido para continuar a tradição e o antigo compromisso.

— Que, no caso dos Simonson — acrescentou Abby, sorridente, segurando a mão de Kaspar —, sou eu.

O ex-Catão arregalou um pouco os olhos e arqueou as sobrancelhas levemente, mas não moveu um músculo sequer

de seu corpo prismático ortogonal. Estava surpreso? Eu mal acreditava. Fingia. Com certeza.

— Becky se empenhou em não escolher um sucessor durante muitíssimos anos — comentou Jake, resignado. — Já tínhamos três filhos e seis netos varões quando nasceu a primeira garota da família. E, de repente, Becky tinha absoluta certeza de que a sucessora deveria ser a pequena Abby. E vocês não podem imaginar como Becky é quando quer alguma coisa!

— Tudo bem, acho ótimo que tenham escolhido Abby — assenti. — Mas, voltando ao nosso assunto, contem por que precisamos realizar aquela longa pesquisa sobre mongóis, Assassinos, Maria Paleologina e Marco Polo se vocês já sabiam que os ossuários estavam no monte Meron.

— Porque não sabíamos — respondeu Jake. — Era essa a informação que havíamos perdido.

— Das quatro famílias ben Shimeon — explicou-nos Abby, a sucessora —, todas, sem dúvida, descendentes do rabino Eliyahu ben Shimeon, o guardião que recuperou os ossuários e escondeu-os no monte Meron com a ajuda dos *sufat* ismaelitas, só duas conheciam o lugar secreto onde nosso antepassado Eliyahu os escondera. Este era o acordo, e assim foi durante muitos séculos. Para que vocês entendam,

e utilizando os sobrenomes posteriores para facilitar as coisas, às vezes eram os Simonini que detinham essa informação e, às vezes, os Simowicz. Às vezes, os Simonsen e, às vezes, os Simonson, que moraram na Inglaterra antes de irem para o Canadá alguns séculos atrás. De vez em quando, o patriarca de cada família, embora nomeasse o próprio sucessor, podia considerar mais adequado o sucessor de alguma das outras três famílias para informar onde estavam os ossuários. Vocês sabem que os filhos nem sempre saem como queremos ou gostaríamos. Mas sempre devia haver dois patriarcas em posse do que agora sabemos: a informação sobre o monte Meron. Pode ser que até conhecessem uma forma de escapar das armadilhas para ladrões de tumba e chegar diretamente aos ossuários. Não saberemos nunca.

— E não saberemos — continuou seu avô — porque os dois patriarcas que tinham a informação em 1628, Abraham Simonini e Naftali Simowicz, estavam reunidos por motivos de negócios em Bréscia, na Lombardia oriental, quando teve início a terrível praga de peste bubônica conhecida como grande praga de Milão. Ambos morreram quase ao mesmo tempo, trancados em Bréscia pela quarentena, e o segredo morreu com eles. Por isso, durante os trezentos e oitenta e

seis anos seguintes, os quatro ramos dos ben Shimeon tentaram resolver o mistério para recuperar os ossuários.

— Jake e eu sabíamos que, com vocês, conseguiríamos — comentou Becky, emocionada. — Passamos a vida inteira reunindo documentos, objetos e lendas e pesquisando Igrejas e distintas religiões, inclusive sociedades ou irmandades como a de Kaspar, para ver se tinham algum dado que pudesse ser útil. E, quando vocês apareceram, conseguindo o que não pudemos conseguir com todos os nossos meios, soubemos que eram as pessoas de quem precisávamos.

— Só tenho uma última coisa para acrescentar — disse Abby, acariciando a grande mão do dócil ex-Catão. — Ainda que seja difícil para vocês acreditar, não contei nada disso a Kaspar.

— É verdade — comentei zangada. — É difícil de acreditar.

Abby riu com vontade.

— Sabia que você não confiaria em mim, Ottavia — declarou.

Eu não dava crédito para o que estava ouvindo. Sério que aquela herdeira e sucessora ebionita esperava inocentemente que eu pudesse acreditar em alguma coisa do que havia nos

dito até então? História dos ossuários à parte, é claro, e só porque os seus avós haviam contado. Ela estivera conosco o tempo todo e havia nos enganado de maneira consciente.

— Eu não sabia de nada — afirmou a Rocha com cara de poucos amigos. — Só o que Abby me disse quando... quando...

— Só o que eu disse a Kaspar — disse ela, emendando — quando começamos a sair foi que havia um grande segredo em minha família do qual eu não podia lhe contar nada, e pedi a ele que, se queria mesmo que continuássemos juntos, se preparasse para aceitar qualquer história cabeluda que pudesse escutar. Ele me prometeu — e olhou em seus olhos com tanta adoração que precisei me conter para não bufar — que não me deixaria mesmo que fosse a família do Anticristo.

— Kaspar! — exclamei horrorizada. Como ele podia ser tão idiota e dizer essas barbaridades por um impulso romântico besta?

— *Basileia...* — repreendeu-me Farag, pegando minha mão e apertando-a para que eu me calasse.

Isabella caiu na risada. Jake e Becky também.

— O que é tão engraçado? — questionei os três, resistindo firmemente ao enérgico apertão de mão que levei

de Farag.

— A história do Anticristo, tia — respondeu Isabella sem parar de rir.

— É que, no fim das contas, Abby é da família de Cristo — explicou o meu marido, que sempre disse que era preciso me contar as piadas com um manual de instrução. — Não sacou? Ele disse que não a deixaria nem se ela fosse da família do Anticristo, e no fim ela é da família de Cristo.

Eu não via graça nenhuma, mas os outros acharam engraçadíssimo. Já comentei que não entendo a humanidade e jamais entenderei? Pois é.

— Só falta combinar o pagamento por seus serviços — concluiu Becky quando o seu ataque de riso passou.

— Quero as cartas de Marco Polo — afirmei, decidida.

Jake e Becky se entreolharam preocupados.

— Isso é impossível, Ottavia — disse-me Becky. — Falam dos ossuários, e nada relacionado a eles pode sair de nossa família. Peça-nos qualquer coisa, o que for, mas não as cartas.

Ponderei se devia me levantar, atirar pelos ares a mesa com todo o café da manhã e acabar incendiando o hotel, ou aceitar que Becky tinha razão e me resignar. Adeus ao meu terceiro Prêmio Getty. Isso é que seria difícil de assimilar.

— Gostaríamos de retomar a nossa vida — disse Farag, servindo-se uma cumbuca pequena de cereais. — Nesse momento, não temos nada, a não ser nossos trabalhos e um pouco de dinheiro no banco, e gostaríamos de ter uma casa para onde voltar, um lar onde possamos recomeçar.

Os velhos Simonson começaram a rir.

— Isso já está resolvido — anunciou Becky, transbordando felicidade. — Compramos para vocês uma casa perto do campus da UofT que já está em seu nome. Tomei a liberdade de decorá-la conforme o meu gosto, Ottavia, mas vocês podem mudar tudo sem problemas.

Uma casa?

— E também depositamos algum dinheiro em sua conta bancária — acrescentou Jake, tomando um gole de chá. — Para que não tenham problemas quando retornarem a Toronto.

— Estou um pouco preocupado — comentou Farag, nervoso — que vocês já tenham feito demais com a casa e o dinheiro. Não precisamos de muito para viver. Gostamos de nossos trabalhos.

— Para que perder tempo com explicações? — sorriu Becky. — Quando voltarmos, vocês verão tudo.

— Sim — acrescentou Jake satisfeito —, mas que fique claro que essas duas coisas não são o pagamento por terem cumprido a missão da qual lhes encarregamos. Vocês ainda não nos disseram o que desejam. A casa e o dinheiro são apenas indenizações, ou compensações, pelos danos sofridos. Falta o que vocês querem de verdade.

Farag e eu nos entreolhamos. O que mais poderíamos querer? Gostávamos de nossa vida como ela era. Além disso, se não iam me dar as cartas de Marco Polo, não havia nada mais que eu quisesse, muito menos ele. De repente, tive uma ideia.

— Bem — balbuciei, insegura —, talvez vocês pudessem destinar alguns de seus muitos milhões a uma obra de caridade em nosso nome.

— Quer se encarregar pessoalmente disso, Ottavia? — perguntou-me Abby. — Temos muitas organizações trabalhando em programas de desenvolvimento no Terceiro Mundo. Fomentamos especialmente a escolarização e a saúde.

Veja só esses ebionitas, os pobres de Jerusalém!

— Eu gostaria que vocês entregassem uma quantia grande de dinheiro, mas grande mesmo — respondi muito séria — aos franciscanos do convento de Santo Antônio de

Pádua, em Palermo. Meu irmão Pieran-tonio, que foi custódio da Terra Santa há alguns anos, é o encarregado pelo refeitório de caridade que inauguraram para os pobres gerados pela crise econômica, mas precisam de muito mais. Também acolhem pessoas que perderam suas casas, então, com o dinheiro de sua ajuda, abrirão albergues e ajudarão muitas pessoas que estão passando por um mau momento.

— Feito! — concordou Jake com outro croissant na mão, já a caminho da boca. — Imagino que você achará adequada uma cifra de nove dígitos. Em euros, é claro.

— Acho que você está metendo o nariz onde não deve — murmurou por baixo o sempre simpático ex-Catão.

— Isso não é problema seu — repliquei.

— E agora, Kaspar — começou a dizer Jake com uma voz tão misteriosa que fez com que todos olhássemos para ele surpresos —, temos um último assunto a tratar com você.

Ah, meu Deus! Não iam começar a falar de pedidos de mão e festas de noivado, não é? Ai!

Epílogo

Já se passou mais de um ano desde aquele calorento treze de julho em Tel Aviv. Agora estamos no outono de 2015 e faz um frio terrível no Canadá, embora já estejamos nos acostumando ao clima. Nossa casa é linda, e estou escrevendo em meu refúgio preferido, meu lugar no mundo: a biblioteca. Tenho uma biblioteca idêntica, mesmo em seus menores detalhes, à biblioteca pequena da mansão Simonson! Nunca serei capaz de agradecer Becky o suficiente, embora não disponha, no momento, de tantos códices e volumes quanto eles. Também não tenho aquelas belas janelas elevadas, pela simples razão de que a minha biblioteca não fica em um sótão, mas tenho poltronas forradas de veludo preto em frente às janelas normais. Tenho, inclusive, os globos terrestres sobre peanhas elevadas.

Aqui sou feliz e me sinto em paz. Escuto os passos e as vozes de Farag e Isabella pela casa. Estão preparando as malas porque vamos viajar, e Farag me expulsou do quarto para que eu não o incomode bagunçando as coisas.

Nossa nova casa em Toronto é uma verdadeira preciosidade. Fica muito perto da universidade e, sem ser enorme, é grande e iluminada e tem um belo jardim ao redor. Isabella, Farag e eu nos instalamos aqui sob protestos da minha jovem sobrinha (que não gostou de seu quarto no exato instante em que o viu e começou a tirar uma coisa após a outra até transformá-lo em um desastre) e minhas exclamações de admiração. Não mudei nada da decoração de Becky, que adorei.

No que diz respeito à Isabella, perdemos absolutamente o controle, ainda que Farag não seja da mesma opinião. Com vinte anos, faz o que bem entende, entra e sai da casa quando bem entende e montou uma espécie de nave alienígena em seu quarto, onde já não cabe nenhum computador ou *gadget* informático a mais. Sabemos (por algumas coisas que deixa escapar de vez em quando) que continua em contato de alguma maneira com o jovem staurofílax do Paraíso Terreno de quem gosta, mas ela não abre o jogo, por mais armadilhas que eu monte e por mais interrogatórios aos quais a submeto. Mas não tenho forças suficientes para pressioná-la, pois vai muito bem com os estudos (já vai acabar o curso neste semestre, porque adiantou matérias no ano passado) e seu tio a protege de

mim como um leão selvagem. Sem exageros. Diz que já é grande o suficiente para fazer sua própria vida embora eu ache que ainda tem cinco anos, o que não é verdade, porque, se achasse isso, não me preocuparia tanto.

Aliás, minha irmã Águeda me telefonou durante o Natal passado. Não queria falar comigo, apenas me proibir, literalmente, de continuar com sua filha em minha casa. Eu disse que ela não podia me proibir de nada, que devia falar com sua filha, que se acertassem entre elas e me deixasse em paz. Antes de desligar o telefone ela gritou, como se fosse uma terrível ameaça, que estávamos rompendo relações para sempre. Não sei se chegou a me escutar dizendo “obrigada!”. Acho que sim, porque falei duas vezes. Também não sei se chegou a conversar com a filha. Isabella não nos disse nada e não quisemos perguntar. O que sabemos ao certo é que não viajou a Palermo no Natal. Nem depois disso.

Em meados de agosto do ano passado, fomos ao enterro de Sabira em Diyarbakir, na Anatólia turca. Lá, para nossa grande alegria, vimos Gilad outra vez, e ficamos muito surpresos por ele ter superado seus preconceitos religiosos e comparecido a um enterro ismaelita em um país muçulmano. Também esteve presente o príncipe Karim Aga

Khan e outros nomes importantes da moderna seita dos Assassinos. Os Simonson haviam entregado, semanas antes, o ossuário de Hassan i-Sabbah ao príncipe Karim, mas, como os ismaelitas são tão reservados quanto os ben Shimeon, até o dia de hoje nada foi dito nos meios de comunicação a respeito da descoberta desses restos mortais. Suponho que devam ter construído um belo mausoléu em algum lugar perdido do mundo, e talvez tenham colocado uma pequena placa com o nome de Sabira Tamir, a arqueóloga que os encontrou.

O que saiu nos meios de comunicação durante um grande escândalo foi a questão do monsenhor Tournier. Acho que foi em fevereiro ou março deste ano que, certa noite, Farag, Isabella e eu ficamos congelados diante da televisão ao vermos no telejornal a incrível notícia sobre Tournier.

— Nunca enfrente um Simonson — foi a conclusão de Farag.

Um jornalista italiano que investigava as finanças da Santa Sé após a intervenção da União Europeia exigindo transparência nas contas do Banco Vaticano – o IOR (Instituto para Obras de Religião) – descobriu centenas de milhões de euros escondidos em contas no nome de falsos departamentos do Vaticano, e todas essas contas falsas

levavam diretamente ao monsenhor François Tournier. O jornalista se recusou a explicar como havia obtido os documentos acusatórios, mas em Toronto nós sabíamos bem. As imagens da televisão mostravam um monsenhor Tournier muito mais velho do que eu lembrava entrando algemado em um carro dos *carabinieri*, aos quais o Vaticano do papa Francisco o haviam entregado sem pensar duas vezes, para que fosse um exemplo de transparência e de como as coisas estavam mudando. O seu passaporte vaticano e a sua alta hierarquia eclesiástica não serviram de nada.

Seu capanga Gottfried Spitteler havia desaparecido muito tempo antes junto com o famoso arqueólogo Hartwig Rau e a equipe de dez homens que os acompanhava ao entrar no monte Meron. Aparentemente, quando queimamos a caverna do líquen e provocamos aquela coluna de fumaça que alertou os serviços florestais israelenses, também alertamos a equipe de Spitteler, que adivinhou imediatamente, após escutar as transmissões de rádio dos helicópteros de vigilância, que aquilo era coisa nossa e que estávamos lá. Pelo visto, descobriram a grande de pedra, quebraram-na e se dependuraram até a entrada da caverna. Foram seguindo nossos passos até a caverna da prova da misericórdia, aquela com quatro rodas pequenas nas quais era preciso pôr uma

senha: INRI em hebraico, que era o nome de Javé. Já havíamos aberto todas as portas, então continuaram avançando até a caverna dos limpos de coração, o corredor de fogo. E, como estavam perfeitamente equipados e tinham todos os recursos de que necessitavam, conseguiram atravessar o maldito corredor sem se queimar. Com toda a dificuldade que nós tivemos!

Precisaram arrancar com explosivos a roda de pedra que enclausurava a entrada da prova dos pacíficos, porque não conseguiram movê-la. E foi aí que, por fim, a sorte lhes deu as costas. A equipe de mercenários paramilitares da Fundação Simonson que entrou no Meron na direção contrária (e também precisou explodir algumas coisas) encontrou-os mortos ali, ao pé da cruz e da estrela, entre as tumbas de Eliyahu ben Shimeon e Farhad Zakkar, envenenados pelo incolor e inodoro dióxido de carbono, no qual não repararam até que fosse tarde demais. Nenhum dos homens da equipe de Spitteler e Rau era israelense, e eles não tinham ideia da geodinâmica da região e de seus perigos. Os doze capangas de Tournier morreram envenenados pelo gás na prova dos pacíficos. Pareceu-me uma metáfora muito adequada para um bando de criminosos.

Os paramilitares da Fundação nos contaram que, além dos celulares normais, encontraram entre os pertences dos mortos telefones codificados. Isso explicava por que não havia sido possível detectar nenhuma conversa suspeita entre eles. Sabiam que estavam sendo vigiados desde que chegaram a Israel e haviam se protegido.

Com Gottfried Spitteler morto e Tournier na cadeia, minha vida voltou a ser maravilhosamente aprazível. Minha ansiedade diminuiu e deixei de ver perigos a cada esquina e de martirizar Farag e Isabella clamando por segurança. De qualquer maneira, não é como se eles me dessem atenção, mas eu ficava tranquila repetindo diversas vezes que deviam tomar cuidado. Após a detenção de Tournier, nunca mais lhes disse nada e consegui dormir todas as noites sem levantar ou ter pesadelos, o que já era uma vitória.

Nosso avião sai em três horas e Isabella, naturalmente, não vem conosco. Ela partirá hoje à noite e se deslocará até o Paraíso Terreno acompanhada por Diane, a mulher staurofílax que fingiu ser sua mãe na viagem anterior. As duas se transformarão outra vez em Gudrun e Hanni Hoch, de Liechtenstein. Mas nos garantiram que chegaremos juntos.

Não é uma viagem curta nem confortável, mas faz muitos anos que Farag e eu não visitamos o Paraíso e gostamos muito da ideia de voltar lá. Além disso, queremos ver novamente o pequeno Linus. E, é claro, não poderíamos perder de modo algum a cerimônia que acontecerá lá depois de amanhã: os ossuários com os restos de Jesus de Nazaré, seus pais e irmãos serão entregues à irmandade para que fiquem a salvo no Paraíso Terreno de agora em diante. Os velhos Simonson, que também irão até Stauros ao mesmo tempo e da mesma maneira que Isabella (ou seja, profundamente adormecidos e passando de mão em mão feito bagagens, de aviões para barcos, de barcos para caminhões, de caminhões para carros, de carros para faluas etc.), serão os encarregados pela entrega. Jake estava tão emocionado na semana passada, quando ficou sabendo disso, que sua pressão subiu perigosamente e precisaram baixá-la com comprimidos. A ideia de visitar o Paraíso Terreno incendiava o turbojato que tinha no lugar do coração.

Naquela distante manhã no hotel de Tel Aviv, no dia após termos saído do Meron, Jake pediu a Kaspar que a irmandade tomasse conta dos ossuários.

— Vocês têm o lugar mais seguro do mundo — ele disse.
— Nem mesmo nós conseguimos encontrá-lo após tantos anos. Becky e eu já estamos velhos, e Abby é a nossa sucessora. Logo será a responsável pelos ossuários, e temo que vá passar boa parte de sua vida protegendo-os das facções mais fanáticas e radicais das Igrejas cristãs. Que lugar seria melhor para os restos de Yeshúa de Nazaré que o único esconderijo jamais descoberto por ninguém? Já falamos com as outras três famílias ben Shimeon e todos estão de pleno acordo.

Mas a coisa não era tão simples quanto Jake achava. Antes, teria que explicar à irmandade, por exemplo, que Jesus não havia ressuscitado dos mortos, entre outros pequenos detalhes de semelhante magnitude. Os staurofílakes podiam ser extraordinários em muitos sentidos, mas não deixavam de ser uma seita cristã que venerava cegamente a Cruz, a relíquia na qual acreditavam que o seu Deus havia morrido.

— Bem, Jesus morreu mesmo na Cruz — observou Becky com firmeza. — Mas Deus não pode morrer. A ideia de um Deus que morre é um conceito cristão errôneo e sem sentido que acabou sendo aceito como normal na base da repetição.

A Cruz pode continuar tendo o mesmo valor para os staurofílakes se aceitarem a realidade dos ossuários.

Assim, Kaspar partiu levando consigo todas as provas e documentos fornecidos pelos Simonson e retornou ao Paraíso Terreno com uma complicada missão e uma vontade louca de ver Linus novamente. Foi recebido de forma alegre e calorosa, mas, inevitavelmente, chegou o momento de enfrentar o conselho de sábios e contar a eles tudo o que havíamos feito e descoberto. Falou a eles sobre Maria Paleologina, Marco Polo, a seita dos Assassinos, os *sufat*, os ebionitas e os ben Shimeon, descendentes da família de Jesus. Contou tudo sem omitir uma vírgula, e, para a sua surpresa, em vez de se escandalizarem e se recusarem redondamente a sequer levar em consideração o que ele lhes havia contado, o conselho decidiu declarar um período de estudo para todos os staurofílakes (exceto aqueles no exterior) para que pudessem analisar, por meio dos textos sagrados da Bíblia e dos documentos fornecidos por Kaspar, a hipotética veracidade da história.

O período de estudo se estendeu durante um ano inteiro, até o verão passado, e, durante esse período, um pouco antes do Natal, o conselho e muitos staurofílakes pediram a presença de algum ben Shimeon com quem pudessem

conversar. Não sabemos muito bem como a coisa andou, só fomos informados por meio de Jake e Becky que Abby, que não se despediu de nós, não apenas assumiu a responsabilidade de viajar ao Paraíso Terreno para se submeter às perguntas da irmandade como, além disso, também se ofereceu voluntariamente para passar pelas novas provas de admissão que a tornariam merecedora das escarificações ritualísticas. Farag e eu ficamos petrificados com a notícia, mas depois pensamos que, se ela havia feito aquilo, certamente devia ter falado com Kaspar, e digamos que este, pensando no pior, talvez tenha passado a ela as matérias que cairiam na prova. Ou talvez não. Abby era muito esperta e estava muito bem preparada.

Enfim: Abby chegou ao Paraíso Terreno já com a própria carteirinha de staurofílax e, ainda por cima, supostamente levando o sangue de Jesus de Nazaré em suas veias, e isso, para a irmandade, não era pouca coisa.

Finalmente, em agosto passado, apenas três meses atrás, o conselho de sábios definiu que a veracidade da história dos ben Shimeon e a legitimidade dos ossuários seriam aceitas. Desde que retornou ao Paraíso Terreno, Kaspar, pouco a pouco, voltara a assumir seu papel de Catão, em parte pela grande influência que exercia, mas também porque nem se

deu conta. Ele é assim. Retomou suas funções gradualmente, com calma e serenidade, e, quando Abby chegou lá em janeiro convertida em staurofílax e disposta a ficar por uma boa temporada, Kaspar já havia descoberto por si mesmo que aquele era o seu lugar e que ser o Catão dos staurofílakes era sua responsabilidade. De modo que os três, Kaspar, Abby e Linus, ficaram ali, à espera de que o período de estudo terminasse e fosse anunciado o veredicto final.

Depois de amanhã estaremos no Paraíso Terreno, assistiremos à cerimônia de entrega dos ossuários, que viajarão com Isabella, Jake e Becky e, além de abraçarmos Linus (que, de acordo com o pai, lembra-se muito de nós e sente saudades), conheceremos a pequena Miryam Glauser-Röist, nascida há apenas duas semanas. Seus bisavós também estão loucos para vê-la e, aparentemente, na irmandade há uma espécie de alegria especial pelo nascimento da garota, porque ela é filha de seu Catão e descendente da família de Jesus. Espero que Linus não fique com ciúmes e se dê bem com a irmã, que parece destinada a ser uma estrela no firmamento das seitas religiosas esquisitas. Conversarei com ele sobre isso assim que nos encontrarmos. Eu o levarei para dar um passeio pelo rio.

Só tenho um último e imperioso desejo, pelo qual pretendo rezar até o dia de minha morte: por favor, Deus, por favor, agora que Kaspar Glauser-Röist retornou ao Paraíso Terreno, não deixe que saia nunca mais de lá, porque cada vez que faz isso coisas horríveis acontecem, e quero viver uma vida tranquila com Farag.

1 “Imperatriz” ou “princesa” na antiga Bizâncio.

- 1 Povo indígena da Amazônia peruana e equatoriana, que tinha por hábito reduzir a cabeça dos inimigos mortos em combates. (N.E.)

- 1 Cizre, Turquia, 1160 – Mosul, Iraque, 1233. Historiador, cronista e biógrafo árabe. Escreveu obras importantes e influentes, dentre as quais se destaca *al-Kamilfi al-Tarikh*, “A história completa”.

- 1 TOMBERG, C. J. (Org.). *Kitabal-Kamilfial-Tarikh*. Leiden: s/n, 1951-1976. p. 51. v. 12. (citado por Barlett, W. C. *Los Asesinos*. Barcelona: Crítica, 2006).

- 1 Yuwayni, Alâ-Malik. *The History of the World Conqueror*. p. 723-724 (citado por Bartlett, W. C. *Los Asesinos*. Barcelona: Editorial Crítica, 2006).
- 2 Ruysbroeck (Flandres, 1220-1293/95). Escreveu a crônica *Itinerarium fratris Willielmi de Rubruquis de ordine fratrum Minorum, Galli, Anno gratia 1253 ad partes Orientales*. Publicada em espanhol em: Gil, Juan. *En demanda del Gran Kan. Viajes a Mongolia en el siglo XIII*. Madri: Alianza Universidad, 1993.
- 3 Gil, Juan. *En demanda del Gran Kan. Viajes a Mongolia en el siglo XIII*.

- 1 O sobrenome Polo deriva do latim *Paulus* na língua vernácula veneziana. Bergreen, Laurence. *Marco Polo. De Venecia a Xanadú*. Barcelona: Ariel, 2009.

- 1 Mateus 10, 23; Mateus 23, 36; Marcos 13, 30; Lucas 11, 30-31; Mateus 24, 34.
- 2 Pagels, Elaine. *Más allá de la fe*. Barcelona: Crítica, 2004.

- 1 Heers, Jacques. *Marco Polo*. Biblioteca ABC, col. Protagonistas de la Historia. Barcelona: Folio, 2004.
- 2 Díaz, Manuel Carrera (Org.). “Yangzhou, no Grande Canal, província de Jiangsu”, *Libro de las maravillas del mundo*. col. Letras Universales. Madri: Ediciones Cátedra, 2010. nota 606.
- 3 Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), poeta inglês fundador do movimento romântico na Inglaterra. Escreveu um famoso poema chamado “Kubla Khan”.
- 4 Marco Polo. *Viajes. Libro de las cosas maravillosas del Oriente*. Trad. para o espanhol de Juan Borja de Quiroga. Madri: Ediciones Akal, 1983. Nota 139.

- 1 Gelb, Michael J. *Pensar como Leonardo da Vinci*. Barcelona: Ed. Planeta, 1999.

- 1 Mencionado em Lémonon, Jean-Pierre. *Los judeocristianos: testigos olvidados*. Cuadernos bíblicos 135. Navarra: Verbo Divino, 2007. p. 18.
- 2 Irineu, AH, 1, 26, 1. Mencionado em *Los judeocristianos: testigos olvidados*.

- 1 Saban, Mario Javier. *El judaísmo de Jesús*. Buenos Aires: Saban, 2008. Várias conferências do dr. Saban, advogado e doutor em Filosofia e Antropologia, podem ser encontradas no YouTube.
- 2 Marcos 7, 1-23.
- 3 Filipenses 2, 7-8.
- 4 Papias de Hierápolis (70 d.C.-150 d.C.): “Mateus compôs seu discurso em hebraico e cada um foi traduzindo como pôde”. Citado por Eusébio de Cesareia (263 d.C.-339 d.C.) em sua *Historia Eclesiástica* III, 39, 16. Ver também HE III, 24, 6.
- 5 Isaías 7, 14.
- 6 Piñero, Antonio. *Los cristianismos derrotados*. Madri: EDAF, 2007. É imprescindível consultar o blog do prof. Piñero, um dos maiores especialistas no Novo Testamento a nível internacional, para se aprofundar no assunto: <<http://blogs.periodistadigital.com/antoniopinero.php>>.
- 7 Gálatas 2, 10; Romanos 15, 25-27.
- 8 História Eclesiástica (HE), 3, 11.

- 1 Autores de *La Biblia desenterrada: una nueva visión arqueológica del antiguo Israel y de los orígenes de sus textos sagrados*, Siglo XXI Editores, 2005 (versão espanhola).
- 2 Gênesis 23.

1 Talmude, Shabbat 31a.

- 1 O Sermão da Montanha, Mateus 5-7.
- 2 Mateus 5.
- 3 Lucas 6, 20-26.

1 Êxodo 25-26.

- 1 Jó 38, 31-33.
- 2 Mateus 19, 28.

1 Apocalipse 1, 8.

1 Apocalipse 21, 6.

- 1 Êxodo 16, 13-15.
- 2 *Shemot* 16,13-15.
- 3 Illana-Esteban, Carlos. Líquenes comestibles. *Boletín Sociedad Micológica de Madrid* 33, Madri, p. 273-282, 2009. Trata-se do líquen *Aspicilia jussufii*.

1 João 19, 19-22.

1 Eusébio de Cesareia, *Historia Eclesiástica* III, 11, 19-20.